VALTER PEREIRA ROMANO

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DE LONDRINA:

UM ESTUDO EM TEMPO REAL E TEMPO APARENTE

Volume 1

Londrina
2012

VALTER PEREIRA ROMANO

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DE LONDRINA:

UM ESTUDO EM TEMPO REAL E TEMPO APARENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito para obtenção de título de Mestre.

Orientador: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2012

Catalogação na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R759a Romano, Valter Pereira.
Atlas geossociolinguístico de Londrina : um estudo em tempo real e tempo aparente / Valter Pereira Romano. – Londrina, 2012. 366f.

Orientador (a): Profª. Drª. Vanderci de Andrade Aguilera.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.
Inclui bibliografia.
Conteúdo: v. 1. Aspectos geográficos e históricos de Londrina, Fundamentos teóricos, Descrição e análise dos dados. – v.2. Cartas introdutórias e Cartas lingüísticas.

1. Língua portuguesa – Dialetologia – Teses. 2. Geografia linguística – Londrina (PR) – Teses. 3. Linguística – Londrina (PR) – Atlas – Teses. 4. Sociolinguística – Teses. 5. Geolinguística – Teses. 6. Atlas lingüístico de pequeno domínio – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Gradução em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(816.22)-087.9

VALTER PEREIRA ROMANO

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DE LONDRINA:
UM ESTUDO EM TEMPO REAL E TEMPO APARENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina
(orientadora)

_____
Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso
Universidade Federal da Bahia

_____
Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Londrina, 14 de fevereiro de 2012.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas oportunidades e por todas as pessoas que Ele coloca em meu caminho, para me ensinar e para fazer de mim um ser humano melhor.

Aos meus queridos pais, dona Joaquina e seu Adenir, pela educação que me deram, e pelo incentivo que me dão em tudo o que faço.

Agradeço aos pilares de minha formação acadêmica, os exemplos que sempre seguirei: a professora Vanderci Aguilera e a professora Aparecida Negri.

À professora Cida, sou grato pelas suas sábias mãos que me guiaram rumo à vida científica, despertando em mim a curiosidade e a paixão pelos estudos linguísticos. Agradeço pela criteriosa leitura do relatório de qualificação e as inúmeras contribuições.

À professora Vanderci, agradeço, sobremaneira, por nutrir a semente plantada e pela sua perseverança em formar um pesquisador ao longo desses anos e por todas as orientações a mim dadas no decorrer da minha vida acadêmica.

Agradeço à professora Suzana Cardoso por ter despendido seu tempo para ler meu trabalho, pela honra de tê-la em minha banca e pelas inúmeras contribuições no exame de qualificação.

Agradeço a todos os amigos que participaram direta ou indiretamente das diversas etapas do projeto, seja ouvindo as ideias, seja colocando “mãos na massa” para me ajudar a concretizar esta dissertação.

À Greize Silva-Porelli e à Juliana Franco com quem pude dividir as experiências do trabalho de campo.

A toda equipe de transcritores do projeto ALiB-PR: Ana Paula Yairo, Dayse Lourenço, Gabriela Biolada, Lidiane Martins, Jonas Passos, Márcia Dei Tós, Rafael Rodrigues, que tiveram importância primordial na constituição do *corpus.*

À Hélen Silva e à Regiane Coelho, companheiras da pós-graduação, com quem dividi as ideias e muito contribuíram com suas sugestões.

Agradeço a todos os informantes e a todas as pessoas que intermediaram o contato com eles.

À CAPES pelo incentivo financeiro.

Para ser grande, sê inteiro...
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és no mínimo que fazes.

(Fernando Pessoa)

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. 2012. 366 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo principal descrever alguns aspectos fonéticos e lexicais do português brasileiro, observados na fala de usuários naturais do município de Londrina, Paraná. Para tanto, partimos da obra pioneira da geolinguística paranaense *Aspectos linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina - EALLO* (AGUILERA, 1987) cuja tarefa principal foi registrar aspectos fonéticos e lexicais deste município coletados no biênio de 1985 e 1986. Com o propósito de elaborar um Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO), com base nas cartas do EALLO e nos novos dados coletados, buscamos neste trabalho contemplar tanto a perspectiva pluridimensional da variação linguística (THUN, 2005) como as mudanças em tempo real (real time) e tempo aparente (apparent time) (LABOV, 1996). Para a consecução dos objetivos, adotamos os procedimentos metodológicos do ALiB quanto ao perfil dos informantes, aos modelos de transcrição e à revisão dos dados coletados. As entrevistas foram realizadas *in loco* junto a 44 londrinenses, estratificados segundo as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade, em 10 pontos linguísticos selecionados conforme a divisão político-administrativa e a origem da maioria de seus povoadores. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário do Atlas linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), adaptado para coletar as variantes fonéticas mais salientes na fala da região e as lexicais que pudessem permitir o traçado de isoléxicas. O estudo em tempo real e tempo aparente, no que se refere ao nível lexical, apontou que as áreas de isoléxicas não mais se definem como na década de 80, ou seja, a região sul já não se diferencia tão significativamente da região norte, conforme detectou Aguilera (1987). Os dados apontam também que a fala londrinense se encontra em um processo de mudança linguística em progresso, evidenciada, sobretudo, por variantes diageracionais haja vista a nova configuração da comunidade estudada, hoje ainda mais urbana que na década de 80. Acreditamos que o caráter rural do instrumento de coleta de dados influiu, significativamente, na diminuição do polimorfismo lexical, assim como a crescente urbanização que contribui para o desconhecimento do informante acerca de referentes tipicamente rurais. Assim, os dados desta pesquisa são tratados sob uma perspectiva quantitativa, por meio de gráficos e cartas linguísticas, e qualitativa, buscando compará-los com cartas do EALLO (1987), levando em consideração os pressupostos de Labov (1996).

Palavras-chave: Londrina. AGeLO. EALLO. Geolinguística.

ROMANO, Valter Pereira. **Geo-sociolinguistic Atlas of Londrina:** a study in real time and apparent time. 2012. 366 f. Dissertation (Master's Degree in Language of Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

This research aims to describe some phonetic and lexical aspects of brazilian portuguese, observed in the speech of users from Londrina city,of Paraná state. To perform such research, we start from the pioneering work of geolinguistic of Linguistic aspects of londrinense speech : outline of a linguistic atlas of Londrina – EALLO (AGUILERA, 1987) whose main task was to record phonetic and lexical aspects of this city collected in the biennium 1985 and 1986. In order to develop a Geo-Sociolinguistic Atlas of Londrina (AGEL), based on the letters EALLO and new data collected, this work seeks to cover both the pluridimentional perspective of linguistic variation (THUN, 2005) and changes in real time and apparent time (LABOV, 1996). To achieve the goals we adopted the methodological procedures of ALiB as to the profile of the informants, models of transcription and review the collected data. The interviews were conducted in loco at 44 citizens of Londrina, stratified by gender, age and education, in 10 linguistic points selected as the political-administrative division and the origin of most of its settlers. As an instrument of data collection was used the questionnaire of Paraná linguistic Atlas (AGUILERA, 1994), adapted to collect the most salient phonetic variants in the speech of the region and the lexicals that could allow tracing isolexicals. The study in real time and apparent time, in relation to the lexical level, found that the isolexical areas no longer define themselves as in the 80's, ie, the south region is no longer differs so significantly of the northern region, as detected Aguilera (1987). The data also indicate that Londrina speech is in a process of linguistic change in progress, evidenced mainly by diageracional variations given the new configuration of the present community, now more urban than in the 80's. It is believed that the rural character of the instrument of data collection influenced significantly decreased in the lexical polymorphism, as well as increasing urbanization contributes to the lack of knowledge regarding the informant about of referents typically rural. Thus, the data of this research are treated in a quantitative perspective, through graphs and linguistic charts, and qualitative, seeking to compare them with the letters EALLO (1987), taking into account the assumptions of Labov (1996).

Key-Words: Londrina. AGeLO. EALLO. Geolingustic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Evolução da população residente no município de Londrina – 1940-2010 20
Figura 2 – Patrimônio Três Bocas - 1929 25
Figura 3 – Primeira estação ferroviária de Londrina – 1935 26
Figura 4 – Pátio da estação ferroviária – 1939 26
Figura 5 – Avenida Paraná em 1940 27
Figura 6 – Avenida São Paulo em 1940 27
Figura 7 – Vista aérea da região central em 1954 28
Figura 8 – Vista aérea da região central de Londrina no final da década de 1950 29
Figura 9 – Vista aérea da região central em 1969 30
Figura 10 – Vista aérea da região central na década de 1980 31
Figura 11 – Vista aérea da região central no início da década de 1990 31
Figura 12 – População (%) segundo a zona de residência no município de Londrina (1940-2010) 32
Figura 13 – Ensino Superior e de Pós-Graduação no município de Londrina em 2010 33
Figura 14 – Diagrama representativo da língua, dialeto, falar e idioleto 57
Figura 15 – Diagrama representativo da cartografia linguística 57
Figura 16 – Exemplo de mapa fonético pontual analítico 58
Figura 17 – Exemplo de mapa fonético pontual misto 59
Figura 18 – Exemplo de mapa lexical pontual misto 59
Figura 19 – Exemplo de mapa sintético de isoglossa 60
Figura 20 – Mapa apresentado por Aguilera 85
Figura 21 – Situação dos atlas estaduais brasileiros (dezembro/2011) 86
Figura 22 – Distribuição da população de Londrina por distrito administrativo – 2010 110
Figura-23 – Modelo das planilhas de levantamento de dados lexicais 117
Figura 24 – Modelo das planilhas de levantamento de dados fonéticos 118
Figura 25 – Representação cartográfica dos informantes segundo as variáveis gênero e faixa etária 119
Figura 26 – Forma gráfica de representação dos dados fonéticos nas cartas linguísticas 120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atlas linguísticos de pequeno domínio desenvolvidos no Brasil (1987 a 2010 88
Quadro 2 – Distibuição da rede de pontos 103
Quadro 3 – Distribuição comparativa da rede de pontos do AGeLO e EALLO 104
Quadro 4 – Dados histórico-geográficos da rede de pontos do AGeLO 111
Quadro 5 – Cartas coincidentes entre o AGeLO e o EALLO 122

SUMÁRIO
(Volume 1)

1 INTRODUÇÃO 18
1.1 HIPÓTESES E OBJETIVOS 19
1.2 JUSTIFICATIVA 20
1.3 A ESCOLHA DO TEMA 22
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO 23

2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DE LONDRINA 24

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 35
3.1 DIALETO, FALAR E IDIOLETO: CONCEITOS 40
3.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS 44
3.3 O ESPAÇO DA HETEROGENEIDADE NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM: UMA BREVE VISÃO HISTÓRICA 46
3.4 UM NOVO MODO DE ESTUDAR A LÍNGUA: O MÉTODO DA GEOGRAFIA LINGUÍSTICA 50
3.4.1 Os primeiros atlas linguísticos 51
3.4.2 Classificação dos atlas linguísticos 55
3.4.3 A visão pluridimensional dos dialetos 60
3.4.4 Breves comentários da Geolinguística na América Latina 63
3.5 ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL 65
3.6 PARA UMA DIVISÃO DOS ESTUDOS GEOLINGUÍSTICOS NO BRASIL: OS DOIS MOMENTOS 68
3.7 MOMENTO I: OS PRIMEIROS ATLAS LINGUÍSTICOS (1963-1996) 69
3.7.1 O Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (1963) 69
3.7.2 Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977) 70
3.7.3 Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984) 70
3.7.4 Atlas Linguístico do Sergipe - ALS (1987) 71
3.7.5 Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (1994) 72
3.7.6 O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS (2002/2011) 73
3.7.7 Atlas Linguístico do Ceará (2010) 74
3.7.8 Atlas Linguístico de Sergipe II (2005) 74

3.7.9 Atlas Linguístico do Paraná II (2007) 75
3.7.10 Atlas Regionais Iniciados, mas não Concluídos 75
3.7.10.1 Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP) 75
3.7.10.2 Atlas Linguístico do Acre (ALAC) 76
3.8 NOVOS RUMOS DA GEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA: O PROJETO ALIB 77
3.9 MOMENTO II: NO CAMINHO DA PLURIDIMENSIONALIDADE (A PARTIR DE 1996) 78
3.9.1 Atlas estaduais publicados 79
3.9.1.1 Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004) 79
3.9.1.2 Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007) 79
3.9.2 Atlas estaduais concluídos, mas não publicados 80
3.9.2.1 Atlas Linguístico do Amazonas (2004) 80
3.9.3 Atlas Regionais em Andamento 80
3.9.3 1 O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA) 81
3.9.3.2 Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO) 81
3.9.3.3 Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) 81
3.9.3.4 Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN) 82
3.9.3.5 Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT) 82
3.9.3.6 Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES) 83
3.9.4 Atlas estaduais projetados 83
3.9.5 Atlas de pequeno domínio 87
3.10 A DIALETOLOGIA NO ESTADO DO PARANÁ 91
3.10.1 O Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina 100

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 103
4.1 A REDE DE PONTOS 103
4.2 OS INFORMANTES 111
4.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 112
4.4 AS ENTREVISTAS 114
4.5 O TRATAMENTO DOS DADOS 117

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 121
5.1 ASPECTOS LEXICAIS1.2 Terra 121
5.1.2 Terra 123
5.1.2.1 Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo etc 123

5.1.2.2 Flora: árvores, frutos etc. 129
5.1.2.3 Fauna: aves, pássaros e animais 133
5.1.3 Homem 135
5.1.3.1 Partes do corpo, funções, doenças etc. 135
5.1.3.2 Vestuário e calçados 138
5.1.3.3 Agricultura e instrumentos agrícolas 145
5.1.3.4 Brincadeiras e brinquedos infantis 149
5.1.4 Síntese dos Aspectos Lexicais 155
5.2 ASPECTOS FONÉTICOS 155
5.2.1 Róticos 156
5.2.2 Rotacismo 157
5.2.3 Palatalização 159
5.2.4 Síntese dos Aspectos Fonéticos 161

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 163

REFERÊNCIAS 165

APÊNDICES 178
APÊNDICE A – Rede de pontos do AGeLO 179
APÊNDICE B – Perfil dos informantes 180

ANEXOS 182
ANEXO A – Localização geográfica de Londrina na mesorregião Norte Central do Paraná 183
ANEXO B – Municípios limítrofes a Londrina 184
ANEXO C – Localização dos Distritos 185
ANEXO D – Decreto 30.643 de 20 de março de 1952 186
ANEXO E – Ficha do informante 187
ANEXO F – Questionários 189

SÚMERIO
(Volume 2)

APRESENTAÇÃO 211

1 CARTAS INTRODUTÓRIAS 212

2 CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS 213
2.1 FRENTE 213
2.2 VERSO 213

3 REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA 215

4 NOTAÇÃO FONÉTICA 217

Mapa I – Localização do município de Londrina
Mapa II – Divisão Político-administrativa de Londrina
Mapa III – Rede de pontos linguísticos

N.º da carta	**TÍTULO**	**Natureza da carta**
1	Chuva de granizo	lexical
2	Chuva passageira	lexical
3	Arco-íris	lexical
4	Via Láctea	lexical
5	Estrela cadente	lexical
6	Estrela d' alva	lexical
7	Lugar onde o rio nasce	lexical
8	Tronco/pedaço de pau que serve de passagem por cima de um rio	lexical
9	Cogumelo	lexical
10	Bananas que nascem grudadas	lexical
11	Faixa de terreno que se limpa para evitar propagação de incêndios	lexical

12	Caldo de cana	lexical
13	Rabo da cobra cascavel	lexical
14	Bicho da goiaba	lexical
15	Galinha que nasce sem rabo	lexical
16	Galinha choca/emperreada	lexical
17	Mancha germinativa do ovo	lexical
18	Urubu	lexical
19	Cachorro de rabo cortado	lexical
20	Papagaio (ave)	lexical
21	Beija-flor	lexical
22	Louva-a-deus	lexical
23	Bichinho preto, com muitas perninhas, parecido com minhoca	lexical
24	Pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou sela para ficar macio	lexical
25	Armação de madeira que se coloca no pescoço dos animais para não atravessarem a cerca	lexical
26	Sujeira que se forma na parede ou no teto, acima do fogão de lenha	lexical
27	Osso redondo do joelho	lexical
28	Parte que cobre o olho	lexical
29	Sobrancelhas	lexical
30	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes	lexical
31	Dente de siso	lexical
32	Dentes molares	lexical
33	Dentes pontudos	lexical
34	Parte alta do pescoço do homem	lexical
35	Punho/pulso	lexical
36	Secreção que escorre do nariz	lexical
37	Amígdalas	lexical
38	Bolinha que nasce na pálpebra	lexical
39	Manchas brancas que surgem em alguma parte do corpo	lexical

40 A	Cueca	lexical
40 B	Cueca (outras designações)	lexical
41	Alpargata	lexical
42	Sarilho de poço	lexical
43	Sujeira que sai do feijão depois de batido	lexical
44	Toco que sobra do pé de arroz ou do fumo depois de cortado	lexical
45	Espiga de milho com poucos grãos	lexical
46	Brinquedo feito de papel e varetas que se solta ao vento	lexical
47	Bolinhas de vidro que servem para brincar	lexical
48	Pequena cova que se abre na terra para jogar com bolinha de vidro	lexical
49	Brincadeira de correr e pegar	lexical
50	Brincadeira em que um grupo de crianças tenta acertar outro com uma bola	lexical

CARTAS FONÉTICAS

51	Róticos em início de sílaba e vocábulo	fonética
52	Róticos em coda silábica	fonética
53	Rotacismo em coda silábica /l/ > /r/	fonética
54	Rotacismo em encontro consonantal /l/ > /r/	fonética
55	Monotongação ([aj] > [a]) em posição tônica	fonética
56	Monotongação ([ej] > [e]) em posição tônica	fonética
57	Monotongação ([ow] > [o]) em posição tônica	fonética
58	Realização do fonema /t/ seguido de /i/	fonética
59	Realização do fonema /d/ seguido de /i/	fonética
60	Palatalização da fricativa alveolar [s] em coda silábica	fonética
61	Lateral palatal []	fonética
62	Realização do ditongo nasal final	fonética
63	Realização das proparoxítonas	fonética
64	Hipértese do /r/	fonética
65	Fricativa lábio-dental sonora ([v] > [b])	fonética
66	Remela	fonética

67	Umbigo	fonética
68	Urtiga	fonética
67	Umbigo	fonética
68	Urtiga	fonética
69	Pernilongo	fonética
70	Calcanhar	fonética
71	Balanço	fonética

1 INTRODUÇÃO

Ode a Londrina

“Homens Pioneiros
chegaram de longe
cheios de Fé.
Na Terra vermelha,
no seio da mata,
na cova profunda
plantaram café.

Vanguardeiros.
Braços possantes
ergueram a cidade
Na Terra distante
(...)
.
O chamado da terra.
O apelo da gleba.
O homem presente.
Londrina nasceu.
Baliza altaneira.
Porta-bandeira
levando um brasão.
Caminha adiante,
plantando cidades,
nas terras vermelhas do Paraná.”

Cora Coralina
In: Poemas dos becos de Goiás e estórias mais (p.199-202).

O descontentamento com aquilo que é adverso e desfavorável a sua vontade faz o ser humano modificar a realidade em que se encontra, transformando-a conforme as suas necessidades e os seus anseios. A esta capacidade transformadora deve-se o processo de colonização do estado do Paraná, em especial do norte paranaense, quando, no final da década 20, paulistas, mineiros, nordestinos e imigrantes viram, nessa região do Brasil, a oportunidade de adquirir terras e de construir uma vida próspera.

Naquela época, o norte paranaense era uma imensa mata, um sertão bruto que estava começando a ser desbravado por um grande empreendimento imobiliário. Nas palavras de Lonask e Ivano (2003, p. 39):

> Antes e depois do rio [Tibagi] tudo era uma grande mata, muito verde que cobria o céu. Densa folhagem, árvores de alto porte, imensas, tomadas de trepadeiras, pios e sussurros. Não havia plantações, pastos, casas, nada. Tudo estava por ser feito.

Muito foi feito, em um breve período de tempo. Em uma terra onde praticamente não havia civilização, salvo os pequenos locais sem expressividade econômica e pouca organização administrativa e social - Cambará, Jacarezinho, Jataizinho e Sertanópolis (BONI, 2004) - ergueu-se uma grande cidade com aparência de capital, mas com 'ar' de cidade de interior. Assim, a região que era praticamente uma grande floresta passou a ser uma das regiões mais prósperas do estado do Paraná, tendo como núcleo o município de Londrina, *a baliza altaneira, a porta bandeira* que *caminha adiante levando* o brasão do desenvolvimento.

O homem conseguiu transformar esta região hostil e inóspita devido a sua capacidade de modificar a realidade em prol dos seus objetivos, não somente pela força física em que *braços possantes ergueram a cidade*, mas, sobretudo, pela força intelectual e pela capacidade de comunicar e interagir com o meio físico-social. Nesse contexto, a linguagem desempenhou um papel essencial no progresso de Londrina, pois acordos de venda e compra, seja de terras ou de café, foram firmados, oportunizando uma vida melhor para os *homens pioneiros que chegaram de longe cheios de Fé.*

1.1 HIPÓTESES E OBJETIVOS

O espírito empreendedor dos pioneiros que aqui se firmaram conferiu a Londrina um desenvolvimento sem precedentes na história do estado do Paraná. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1996) revelam que a população, em 1940, era de aproximadamente 30.278 habitantes, desse total, 63,09% representavam os da zona rural. Na década de 60, o número de moradores na zona urbana ultrapassou o número dos que residiam na zona rural. Em 2000, Londrina contava com 447.065 habitantes, dos quais 433.369, ou seja, 96,96% concentravam-se na zona urbana.

Atualmente, dos 506. 701 habitantes de Londrina, segundo o Censo do IBGE 2010, a grande maioria, 493.520 habitantes, está radicada na zona urbana (97,40%) e apenas 2,60% da população reside na rural (13.181 habitantes)[1]:

Figura 1 – Evolução da população residente no município de Londrina – 1940-2010

Ano	População Residente						Taxa de Crescimento Geométrico (1)
	Urbana		Rural		Total		
	Número	%	Número	%	Número	%	
1940	1 175	36,90	19 103	63,09	30 278	100,00	-
1950	34 230	47,93	37 182	52,07	71 412	100,00	-
1960	77 382	57,40	57 439	42,60	134 821	100,00	6,60
1970	163 528	71,69	64 573	28,31	228 101	100,00	5,40
1980	266 940	88,48	34 771	11,52	301 711	100,00	2,84
1991	366 676	94,00	23 424	6,00	390 100	100,00	2,36
1996	(2) 396 121	96,19	(2) 15 679	3,81	(2) 411 800	100,00	-
2000	433 369	96,94	13 696	3,06	447 065	100,00	1,78
2010	493 520	97,40	13 181	2,60	506 701	100,00	1,26

FONTE: IBGE - Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000, 2010; Contagem da População 1996 e Ipardes
(1) Taxa média geométrica de incremento anual da população.
(2) Já subtraída a população de Tamarana, que era distrito do Município de Londrina e foi desmembrado deste, através da Lei Estadual nº 11.224, de 13/12/1995.
Organização dos dados: PML/SEPLAN/Gerência de Pesquisas e Informações

Esse rápido progresso urbano de Londrina, sem dúvida, acarretou mudanças, não somente de ordem política e econômica, mas, sobretudo, socioculturais e linguísticas. No que tange às alterações linguísticas, nos propomos: Descrever, por meio do método geolinguístico, considerando, sobretudo, os pressupostos da Dialetologia pluridimensional (THUN, 1998), alguns aspectos fonéticos e lexicais, observados na fala de usuários naturais de Londrina, e, mais especificamente, pretendemos: i) fazer um estudo comparativo de dois recortes sincrônicos distintos, evidenciando a variação e as mudanças linguísticas em tempo real e tempo aparente, com base em Labov (1996), ii) verificar a possibilidade de traçar isoglossas (isoléxicas e isófonas) entre os pontos linguísticos definidos, iii) revelar as influências do meio urbano sobre o rural.

1.2 JUSTIFICATIVA

A língua oral, instrumento de comunicação e de interação entre os seres humanos, está em constante variação e mudança, em face do contexto social,

[1] Estes dados constam do documento oficial da Prefeitura Municipal : Perfil de Londrina 2011 (p.16). Disponível em: http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_planejamento/perfil/perfil_municipio_2011.pdf .Acesso: 16/12/11.

das características individuais dos usuários, da situação comunicativa e da época em que está inserida. Assim, esse processo de variação e de mudança ocorre, também, em determinado recorte sincrônico, tornando-se uma tarefa imprescindível o seu registro, a fim de não se perderem 'falares' de outras épocas.

Para tanto, os atlas linguísticos são importantes ferramentas nessa tarefa, pois, como documentos históricos, trazem informações não somente linguísticas, mas, sobretudo, socioculturais. Por meio deles, é possível realizar estudos diacrônicos e fazer estudos comparativos de regiões diferentes, evidenciando a variação linguística nas dimensões diatópica, diagenérica, diageracional, diastrática e diafásica, dependendo da metodologia empregada pelo atlas.

No Brasil, a elaboração de atlas linguísticos tem alcançado inúmeros avanços desde 1963, ano em que Nelson Rossi, grande expoente da Dialetologia brasileira, publicou o primeiro atlas linguístico regional, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (*APFB*)*. Passados catorze anos da publicação do APFB, outro atlas linguístico foi publicado, o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas* (RIBEIRO et al., 1977), seguindo-se o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO e BEZERRA DE MENESES, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994).

Os estudos dialetológicos brasileiros, em especial os da área da Geolinguística, tomaram novo fôlego com o lançamento, em 1996, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)[2], à medida que propôs uma sólida metodologia, no que tange à definição de rede de pontos, ao perfil dos informantes, ao modelo de transcrições e de instrumentos de coleta de dados. Nos últimos anos, a metodologia do Projeto ALiB tem servido de parâmetro para muitos pesquisadores que se interessam em elaborar atlas municipais, regionais e estaduais no Brasil.

Quando se fala na elaboração de atlas linguístico regional, no que se refere ao cenário paranaense, temos a obra pioneira de Aguilera (1987): *Aspectos linguísticos da fala londrinense: Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina -*

[2] O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, é um projeto de pesquisa nacional e interinstitucional, com sede na Universidade Federal da Bahia, sob a presidência da Drª. Suzana Alice Marcelino Cardoso e dirigido por um Comitê Nacional formado por pesquisadores de universidades de oito estados. O Projeto ALiB visa a descrever a variante brasileira da língua portuguesa nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, por meio da aplicação de questionários a informantes de todo território nacional, para, assim, formar um banco de dados que posteriormente será utilizado para a elaboração de um Atlas Linguístico de âmbito nacional.

EALLO, que teve como tarefa principal registrar, entre os anos de 1985 e 1986, a língua falada de uma região de recente colonização e urbanização, o município de Londrina, localizado no norte do Estado do Paraná.

Dessa forma, passados aproximadamente vinte e cinco anos da publicação do EALLO, voltamos a essa mesma cidade paranaense e realizamos uma nova pesquisa com a finalidade de verificar em que proporção houve variação ou mudanças linguísticas nessas sincronias (1985/86 – 2010/11).

1.3 A ESCOLHA DO TEMA

Desde o primeiro ano de graduação em Letras, pela Universidade Estadual de Londrina, interessou-nos o estudo da variação linguística devido à influência direta da participação, como aluno de iniciação científica, no projeto Atlas Linguístico do Brasil - regional Paraná. Durante esta formação inicial, elaboramos alguns trabalhos monográficos[3], primeiramente, sob orientação da Drª. Aparecida Negri Isquerdo e, em seguida, orientado pela Drª. Vanderci de Andrade Aguilera.

Nesses trabalhos, investigamos o campo semântico das atividades agropastoris em vinte e cinco capitais brasileiras selecionadas pelo ALiB. Apresentamos os resultados em eventos científicos sob a forma de comunicação individual, artigos e/ou relatórios de bolsas concedidas pela Fundação Araucária.

Os resultados obtidos foram interessantes à medida que nos mostrou a influência da urbanização e as marcas de ruralidade na fala de brasileiros do século XXI, despertando-nos, consequentemente, para o interesse em investigar essas marcas no âmbito regional, ou seja, no território de Londrina. Dessa forma, pensamos: 'por que não tratar das influências dessa urbanização no falar londrinense sob a perspectiva da Dialetologia?'

Partindo desta indagação, fizemos uma pesquisa preliminar sobre os trabalhos dialetológicos realizados na região norte-paranaense, em especial na região de Londrina. Dentre esses trabalhos identificados, encontra-se a dissertação de mestrado de Aguilera (1987) *Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina*, ponto de partida desta pesquisa.

---

[3] Projetos de iniciação científica intitulados: i) *Marcas de ruralidade na fala do brasileiro urbano: um estudo com base nas contribuições do projeto ALiB*, no período de jul. de 2006 a ago. de 2007. ii) *A interferência do rural sobre a fala urbana: um estudo léxico-semântico,* no período de out. 2007 a set. de 2008, e iii) *Um estudo léxico-semântico em dados geolinguísticos: a relação rural x urbano,* no período de out. 2008 a set. 2009, desenvolvidos com bolsa da Fundação Araucária/Inclusão Social.

‘Mas por que elaborar um Atlas Linguístico de Londrina se já temos um atlas que retrata o falar londrinense?’, esta foi a segunda indagação que nos fizemos. Como o próprio título nos remete, o EALLO foi o esboço de um atlas, um trabalho piloto para a elaboração do Atlas Linguístico do Paraná, tese de doutoramento de Aguilera (1990). Considerando a nova configuração da sociedade, hoje ainda mais urbana que na época do EALLO, conforme observamos na Figura 1 (p. 14), a elaboração de um atlas, sob a perspectiva da pluridimensionalidade, permite verificar o estado atual do falar londrinense, tendo em vista os avanços dos estudos dialetológicos nos últimos anos.

1.4 Organização do Trabalho

Este trabalho está organizado em dois volumes: o primeiro, de caráter introdutório e o segundo destinado a apresentar as cartas linguísticas. Na próxima seção - Capítulo 2 - apresentamos breves considerações sobre os aspectos geográficos e históricos de Londrina. No Capítulo 3, os fundamentos teóricos que nortearam a pesquisa e a apresentação dos principais atlas linguísticos divulgados de grande, médio e pequeno porte, a que tivemos acesso. O Capítulo 4 contém as informações metodológicas que orientaram o trabalho, tais como a descrição da rede de pontos, o perfil dos informantes, o trabalho de campo e o tratamento dos dados. No último capítulo – Capítulo 5 - trazemos a descrição e a análise de alguns fenômenos linguísticos observados que evidenciam ou não a variação e a mudança linguística em tempo real e em tempo aparente. Por fim, apresentamos as considerações finais, seguida das referências, dos apêndices e dos anexos.

Do segundo volume, constam, além da apresentação do atlas, três cartas introdutórias, 50 cartas mistas de caráter lexical, sete cartas mistas de caráter fonéticos e 15 cartas mistas fonéticas quantitativas.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DE LONDRINA[4]

Londrina é considerada uma das principais cidades do interior paranaense, devido ao seu desenvolvimento econômico/industrial recente e promissor. Com apenas 77 anos de existência, é considerada a segunda mais populosa cidade do Paraná com 506.701 habitantes[5] atrás apenas da capital, Curitiba, e a quarta mais populosa da região Sul do Brasil, constituindo-se um centro regional de referência por comportar serviços, comércio, agroindústrias e importantes universidades.

O município está localizado na mesorregião norte central do Paraná (anexo A), em uma posição geoeconômica estratégica, tanto do ponto de vista demográfico, fisiográfico, quanto da rede de circulação pelas vias regionais, estaduais ou interestaduais.

Londrina faz fronteira política com 11 cidades paranaenses (anexo B) e, segundo o IBGE, seu território possui 1.651km², aproximadamente 1% da área total do Estado e o perímetro urbano atual (2011), da sede municipal, atinge cerca de 164 km², onde reside a maioria da população, ou seja, 489.545 habitantes.

Atualmente, compõe-se de uma sede municipal e oito distritos: Espírito Santo, Guaravera, Irerê, Lerroville, Maravilha, Paiquerê, São Luiz e Warta que apresentam peculiaridades e atrações turísticas devido aos recursos naturais e às etnias que lhes deram origem (anexo C). Dentro do seu território encontra-se a reserva indígena Apucaraninha com uma população de 1.200 índios Kaingang, autóctones da região, onde vivem em uma área de 5.574 hectares sob a proteção da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

O progresso urbano e industrial da cidade deve-se, sobretudo, ao modo de colonização empreendido, principalmente após a intervenção da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), subsidiária de origem inglesa, que impulsionou o processo de colonização do conhecido Norte Novo do Paraná em 1929, facilitando o acesso aos migrantes paulistas, mineiros e nordestinos, além de imigrantes japoneses, alemães, poloneses e ingleses.

---

[4] As informações constantes deste capítulo foram obtidas por meio de consulta ao documento oficial da Prefeitura Municipal: Perfil 2011. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_planejamento/perfil/perfil_municipio_2011.pdf >. Acesso: 06/05/11.

[5] Informação obtida por consulta ao site: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?r=2&codmun=411370 Acesso em: 07/05/2011.

A primeira expedição da CTNP (21/08/1929) fixou marco no local denominado Patrimônio Três Bocas. Cinco anos mais tarde, em 10 de dezembro de 1934, pelo Decreto Estadual n.º 2.519, o Dr. João Domingues Sampaio, um dos primeiros diretores da CTNP, em homenagem prestada à Londres, instituiu que o então Patrimônio Três Bocas passasse a se chamar Londrina, aquela que é “procedente de Londres”. Estava, pois, criada oficialmente a cidade de Londrina.

Figura 2 – Patrimônio Três Bocas - 1929

(acervo do Museu Histórico de Londrina)

A área urbana de Londrina foi planejada pelos ingleses para abrigar 20.000 habitantes. A primeira década após a fundação marcou-se pelo desenvolvimento comercial, e, em 1935, foi construída a primeira estação ferroviária de Londrina: era o progresso chegando à região, marcando o início dos anos de profícuo desenvolvimento.

Figura 3 – Primeira estação ferroviária de Londrina, em 1935

(foto de Francisco Pereira Lopes - acervo Museu Histórico de Londrina)

Figura 4 – Pátio da estação ferroviária em 1939

(foto de Carlos Stenders - acervo do Museu Histórico de Londrina)

Até 1940, a população do município concentrava-se na zona rural e, no final daquele decênio, ocorreram obras de implantação de galerias pluviais, construção de escolas e elaboração de plano urbanístico.

Figura 5 – Avenida Paraná em 1940

(Acervo Museu Histórico de Londrina)

Figura 6 – Avenida São Paulo em 1940

(Acervo Museu Histórico de Londrina)

Na década de 1950, a população rural e urbana passou a ser equivalente, chegando ao total de 75.000 habitantes. A partir dessa década, iniciou-se um processo de considerada expansão urbana em razão da produção cafeeira no norte do Paraná, o que levou à intensificação do setor primário de toda região, com crescimento superior ao restante do Estado, ou seja, enquanto o índice do Estado era de 25%, Londrina já atingia crescimento de 48%, passando a ser uma das cidades interioranas mais importantes do Brasil. Neste contexto, o complexo da sede urbana consistia em: faculdades, colégios, postos de saúde, hospitais, rádios e locais destinados ao lazer.

Figura 7 – Vista aérea da região central em 1954

(Acervo Museu Histórico de Londrina)

Figura 8 – Vista aérea de Londrina no final da década de 1950

(Acervo Museu Histórico de Londrina)

Nos anos 60, surgiram os primeiros conjuntos habitacionais em Londrina. A implantação de áreas residenciais dava-se praticamente em todo o território, destacando-se a região central em razão do desenvolvimento da construção civil, refletida no aparecimento de inúmeros edifícios de padrão médio e alto. A região Norte do município, que nas décadas anteriores se enquadrava como região rural, revelou-se como a maior área residencial da cidade, apresentando uma concentração de conjuntos habitacionais financiados pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Outro fato importante desse período foi a criação do Serviço de Comunicação Telefônica de Londrina (SERCOMTEL).

Na década de 1970, Londrina já contava com aproximadamente 230.000 habitantes e apresentava produção agrícola voltada para o mercado externo. Os primeiros centros industriais foram implantados nesse período. Na mesma época, ampliou-se o setor de serviços como educação, sistema de abastecimento de água, coleta de esgoto, pavimentação, energia elétrica, comunicação, assim como a criação do Parque Arthur Thomas, a construção da

nova Catedral e do Ginásio de Esportes Professor Darci Cortez (Moringão), entre outras obras.

Figura 9 – Vista aérea da região central em 1969

A década de 1980 foi marcada por ações que incentivaram o planejamento urbano para o setor de comércio, tais como a retirada da ferrovia do centro da cidade, a criação das vias Expressas Norte-Sul e da Avenida Leste-Oeste, bem como a instalação do Terminal Urbano de Transporte Coletivo.

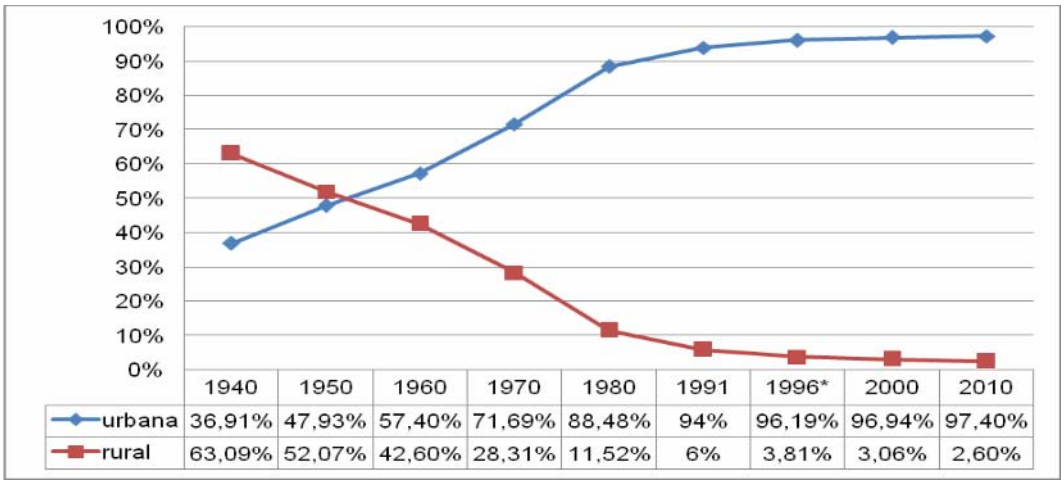
Figura 10 – Vista aérea da região central na década de 1980

Durante essa década, o centro do município verticalizou-se ainda mais com construção de inúmeros edifícios de pequeno e grande porte, aproximando-se à paisagem urbana que encontramos hoje em Londrina. A partir de 1980, o município se consolidou como Polo Regional de bens e serviços.

Figura 11 – Vista aérea da região central no início da década de 1990

Segundo o Anuário Estatístico do Paraná (1985), a população londrinense, em 1983, era de 354. 867 habitantes, dos quais 321.864 residiam na zona urbana (90,70%) e 33.003 na rural (9,30%). Atualmente o percentual de londrinenses residentes na zona rural é ainda menor, apenas 2,60% do total de 506.701 habitantes.

Figura 12 – População (%) segundo a zona de residência no município de Londrina (1940-2010)



	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996*	2000	2010
urbana	36,91%	47,93%	57,40%	71,69%	88,48%	94%	96,19%	96,94%	97,40%
rural	63,09%	52,07%	42,60%	28,31%	11,52%	6%	3,81%	3,06%	2,60%

* já subtraida a população de Tamarana – antigo distrito emancipado em 1996.
Fonte: IBGE – Perfil de Londrina – 2011

Quanto ao ensino, o mesmo documento da Secretaria de Estado de Planejamento registra 56.383 matrículas no Ensino Fundamental, em 1984[6]. No Ensino Superior, em 1982, o município contava com apenas quatro instituições: o Centro de Estudos Superiores de Londrina, com 1.162 alunos matriculados, a Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná, com 378 alunos, a Faculdade de Música Mãe de Deus com apenas 10 alunos e a Universidade Estadual de Londrina, com 9.554 matrículas, ou seja, 11.104 alunos, na época, estavam matriculados no ensino superior.

Em 2010, Londrina conta com 388 escolas de nível Fundamental e Médio, com um total de aproximadamente 89.515 alunos matriculados. Já no nível superior são, atualmente, 17 as instituições de ensino instaladas no município, das quais 15 são particulares, uma federal (UTFPR) e uma estadual (UEL)[7]. Na Figura 13 na Figura 11, apresentamos a tabela com a quantidade de matrículas, que

[6] Não tivemos acesso ao número de matrículas do Ensino Médio.
[7] Não tivemos acesso ao número real de matriculas no Ensino Superior.

mesmo incompleta, demonstra um avanço quanto ao número de matrículas na graduação. Ou seja, de 11.104 alunos matriculados na década de 80 para 24.600 matrículas, em 2010.

Figura 13 – Ensino Superior e de Pós-Graduação no Município de Londrina – 2010

ENTIDADE	GRADUAÇÃO			PÓS-GRADUAÇÃO		
	Número de Matrículas	Número de Concluintes	Número de Professores	Número de Matrículas	Número de Concluintes	Número de Professores
Faculdade Arthur Thomas	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
Centro de Extensão Universitária Keynes	Não ofertado	Não ofertado	Não ofertado	0(1)	0(1)	20
Centro de Educação Profissional de Londrina – SENAI	Não ofertado	Não ofertado	Não ofertado	90	29	25
Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
Faculdade Pitágoras – Campus Metropolitana	2 420	315	127	198	25	16
Faculdade União Norte Paranaense de Ensino – UNINORTE	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
ISBL – Centro Educacional Evangélico	16	5	12	Não ofertado	Não ofertado	Não ofertado
Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA	150	37	12	68	13	37
IAPEC	36	21	13	Não informado	Não informado	Não informado
INBRAPE	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
Inst. de Ensino Superior de Londrina – INESUL	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
ISAE/FGV	Não ofertado	Não ofertado	Não ofertado	455	Nenhum, os cursos estão em andamento	140
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Campus Londrina – PUC/PR	1 775	243	89	246	175	94
Seminário Teológico Revª Antonio de Godoy Sobrinho	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
Universidade Estadual de Londrina – UEL	15 363	2 118	1 586	2 956	2 550	1 356
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR	211	26	62	90	31	20
Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR	4 629	1 355	604	903	370	113
Total	**24 600**	**4 120**	**2 505**	**5 006**	**3 193**	**1 821**

FONTES: Instituições de Ensino acima relacionadas e Ministério da Educação/INEP
(1) Segundo o Centro de Extensão Universitária Keynes, não houve abertura de novas turmas de pós-graduação no ano de 2010; portanto, não houve acréscimo de professores e não houve concluintes, pois os cursos têm duração de 18 meses.
Organização dos dados: PML/SEPLAN/DP/Gerência de Pesquisas e Informações

Na época em que o EALLO foi realizado, Londrina já era uma cidade tipicamente urbana, com porte de cidade grande e, conforme os dados apontam, a população londrinense já tinha acesso à escola, tanto de ensino básico quanto de ensino superior. Atualmente é notável o avanço do ensino que se expandiu e continua se expandindo, atraindo alunos de diversas partes do país, sobretudo, por causa da Universidade Estadual de Londrina, nacionalmente reconhecida pelo seu padrão de qualidade.

Todo esse progresso urbano de Londrina trouxe inúmeros benefícios, fazendo um pequeno vilarejo se transformar em uma das cidades interioranas mais importantes do Brasil. Contudo, Londrina sofreu impactos ambientais decorrentes da velocidade do processo de urbanização, aliado ao crescimento das aglomerações urbanas, intenso desmatamento, ausência de planejamento do crescimento urbano, tornando cada vez mais complexa a resolução dos problemas que, ainda hoje, afligem a cidade.

Dentre estes impactos que o progresso urbano de Londrina ocasionou, interessam-nos particularmente as influências desta urbanização no nível linguístico, já que “o crescimento vertiginoso de certas cidades tem provocado uma

alteração profunda no tabuleiro linguístico regional, rapidamente nivelado pela influência avassaladora que delas emana” (CUNHA, 1981, p.20). Dessa forma, com essa pesquisa poderemos verificar por meio do método geolinguístico, quais as interferências do meio urbano na linguagem rural bem como as marcas de ruralidade presentes na fala de londrinenses urbanos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem, capacidade comunicativa que têm os seres humanos de usar qualquer sistema de sinais significativos, expressando seus pensamentos, sentimentos e experiências, é uma das faculdades mais antigas da espécie humana e deve ter precedido os elementos mais rudimentares da cultura material. É por meio dela que o ser humano adquire o conhecimento e o utiliza para dominar o mundo e os outros seres. Desse modo, desenhos, gestos, sons, cores, cheiros, palavras etc. são formas de linguagem. Segundo Petter (2006, p.11), a linguagem é a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social, ou seja, sem a linguagem não haveria comunicação, requisito essencial para a vivência em sociedade. Linguagem e sociedade, portanto, relacionam-se de forma indissolúvel: uma não existe sem a outra.

Enquanto a linguagem, considerada como um todo, é um conjunto multiforme e heteróclito; a língua, por sua vez, deve ser entendida como uma parte essencial do todo (linguagem), uma totalidade uniforme que, para Saussure (1916, p. 21), é um objeto passível de classificação, considerada como

> [...] um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

A língua, assim entendida, é um sistema de signos distintivos, exterior ao indivíduo, “que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la” (SAUSSURE, 1999, p.22). Um sistema abstrato que adquire natureza material e concreta por meio da fala que, por sua vez, é a realização individual da língua, de natureza psicofísica, momentânea e heteróclita. Segundo Saussure (1999), a fala nada mais é do que: i) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal e; ii) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 1999, p.22). Língua e fala, portanto, estão extremamente relacionadas. Nas palavras do mestre genebrino, “existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta” (SAUSSURE, 1999, p.27).

Segundo Borba (2008, p. 47), “a relação entre ambas se percebe por ser a língua indispensável para que a fala produza seus efeitos, e a fala é necessária para que a língua se estabeleça”. Assim, não devemos entendê-las como duas coisas diferentes, mas dois aspectos diferentes da mesma coisa.

Essa famosa dicotomia saussuriana *(langue e parole)* estabeleceu o objeto de estudo da Linguística, a língua *(langue)*, devido a seu caráter social e homogêneo; ao passo que o estudo da fala *(parole)* ficou relegado a segundo plano, face ao seu caráter multifacetado.

Uma das primeiras tentativas de discussão sobre essa famosa dicotomia de Saussure foi do dinamarquês Louis Hjelmslev (1971)[8] que a reformulou, inserindo um terceiro elemento, a *norma*. Para Hjelmslev (1991, p.84 [1971]), a língua pode ser concebida a partir de três perspectivas:

i) como uma forma pura - definida independentemente de sua realização social e de sua manifestação material, denominada por ele como *esquema*;
ii) como uma forma material - definida por determinada realização social, mas independente do detalhe da manifestação, a *norma*;
iii) e como um conjunto de hábitos adotados em dada sociedade e definidos pelas manifestações observadas, o *uso*.

Para esclarecermos melhor esse ponto de vista, observemos um exemplo:

i) no português, os fonemas /r/ e /l/ pertencem ao *esquema* da língua, podendo ocorrer em vários contextos fonológicos: em coda silábica, em final de vocábulo, em início de sílaba ou vocábulo, em encontro consonantal, precedido por vogal ou não. Ex.: *co**r**da, sa**l**to, sa**l**, **r**odo, **l**odo, c**r**ina, bisic**l**eta* etc., ou seja, pertence ao esquema (sistema) da língua portuguesa independentemente de sua realização.

[8] Título original da obra: HJELMSLEV, Louis. *Essais Linguistiques.* Paris: Minuit, 1971. Trata-se de um livro no qual foram reunidos diversos artigos publicados em 1957. Nesta dissertação, usamos a versão traduzida por Antônio de Pádua Danési e publicada pela editora Perspectiva, São Paulo, 1991.

ii) do ponto de vista da *norma*, estes fonemas deixam-se marcar pelo traço lateralidade e vibração como traços distintivos entre si e entre os demais fonemas da língua, por exemplo nos vocábulos *lodo/rodo*; *lata/mata*, portanto, possuem um **caráter funcional**, ou seja, a alternância dos fonemas acarretam mudança não só do significante (imagem acústica), mas também de significado (o conceito de rodo é diferente do conceito de lodo), a funcionalidade da norma, sob a perspectiva de Hjelmslev deve-se ao caráter distintivo dos fonemas.

iii) quanto ao uso, podem ser realizados por meio de diversos alofones como o /l/ pós-vocálico, /l/ lateral ou apical, o /l/ velarizado, ou como um /r/ vibrante múltiplo, tepe, retroflexo, velar, glotal, entre outros. Ex.: " ""etc.

Hjelmslev (1971), como observamos, guiou-se por critérios demasiadamente linguísticos para a definição do conceito de *norma*, porém contribuiu para que outros estudiosos desenvolvessem melhor este conceito.

O linguista romeno Eugênio Coseriu (2004 [1980])[9] foi quem trouxe de maneira clara e objetiva uma contribuição importante para a definição de norma linguística, ao considerar a língua sob a perspectiva da sua funcionalidade, portanto, próximo do conceito de norma de Hjelmslev, colocando-a em uma posição intermediária entre o sistema *(esquema)* e a fala *(o uso)*. Para Coseriu, a norma linguística é o conjunto de realizações repetidas e constantes determinadas pelo contexto sócio-cultural, ou seja, são realizações linguísticas que pelo uso se tornaram 'normais' para determinada comunidade linguística, isto é, "todo fato que diz e se entende" (COSERIU, 2004, p.122).

Em outras palavras, enquanto a língua é o conjunto de possibilidades; a norma é determinado número de realizações da língua em dado momento e lugar.

Por exemplo, no português do Brasil, é comum, principalmente entre as pessoas de baixa escolaridade, empregar o pronome de terceira pessoa *ele (a)*

[9] Não tivemos acesso à versão original da obra de Coseriu: *Lezione di linguistica generale (1980).* Nesta dissertação, usamos a versão traduzida por Evanildo Bechara, publicada pela Editora Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 2004.

como objeto direto: “conheci ele na escola” / “encontrei ela na loja”. É normal também para grande parte da população usar a preposição ‘em’ com verbos que indicam movimento: “vou no mercado”, “O presidente acabou de chegar em Londrina”, principalmente em situações informais, mas também em muitas formais. Caracteriza também a norma brasileira, em grande parte do território nacional, o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ em final de vocábulo: leit [e] > leit [I]; menin [o] > menin [ ] Em situações informais, também é comum entre pessoas pouco escolarizadas, e até mesmo entre as mais instruídas em situações coloquiais, a apócope do fonema /r/ em final de formas infinitivas como em: [fa’la], [vẽ'de], [divi’di] etc., ou seja, esta peculiaridade faz parte da norma brasileira, portanto, é uma realização normal para a maioria dos falantes brasileiros.

Neste trabalho, adotamos o conceito de *norma* na perspectiva de Coseriu (2004)[10], ou seja, norma é aquilo que se diz e não o que se deve dizer. A norma é aquela que seguimos por fazer parte de um grupo. Em suma, norma é “tudo o que, no falar correspondente a uma língua funcional, é fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional: todo fato que diz e se entende dessa maneira e não de outro modo.” (COSERIU, 2004, p.122).

Para melhor ilustrar esta perspectiva coseriana, tomemos outro exemplo do português do Brasil, porém agora, no nível lexical.

Considerando a língua, como um conjunto de possibilidades e a norma como a força regulamentadora e impositiva que limita o uso da língua, os dados experimentais do Projeto ALiB demonstram que existem, no mínimo, quatro variantes diferentes para nomear *a fruta parecida com a laranja que se descasca com a mão*[11] (COMITÊ NACIONAL, 2001), a saber: *tangerina, mexerica, mimosa, vergamota, entre outras*[12]*.*

Para denominar este tipo de fruta, o usuário da língua pode escolher a variante com que melhor se identifica. Essa escolha, no entanto, não é aleatória, mas condicionada pelo contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, ou seja, é a norma do grupo a que pertence que o fará escolher determinada variante

---

[10] Vale notar que o conceito de norma é muito discutido entre os linguistas. Nos limites deste texto, não nos aprofundamos nesta discussão. Confira Faraco (2002); Castilho (2002); Luchesi (2002) que discutem conceitos de norma culta, norma padrão, norma objetiva e norma subjetiva.

[11] Questionário Semântico-Lexical do ALiB – questão 039 - ...*as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?*

[12] Referimo-nos, aqui, ao nosso trabalho de iniciação científica desenvolvido sob orientação da professora Vanderci de A. Aguilera. O artigo completo foi publicado no Cd: *Projeto Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores,* 2009.

em detrimento de outra. Um amazonense, por exemplo, provavelmente, preferiria usar a variante *tangerina*, enquanto um catarinense escolheria, no conjunto de possibilidades do sistema, a variante *vergamota/bergamota*, o paulista, *mexerica*, o curitibano, *mimosa*, uma vez que a norma varia segundo a comunidade. Tratam-se, portanto, de várias normas tendo em vista vários grupos, ou seja, as normas parciais.

Biderman (2001), com base em Coseriu (1962), salienta que é necessário fazer uma primeira distinção a respeito do conceito de norma, pois existe i) uma norma geral – a da sociedade global ou nação; ii) e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade. Ou seja, haverá tantas normas quantas forem necessárias dentro de um grupo, portanto, até mesmo dentro de uma norma regional poderá haver normas sociais.

Mais uma vez, os dados do Projeto ALiB nos auxiliam na compreensão desse conceito. Por exemplo, a questão 49 do Questionário Semântico-Lexical: *onde ficam os grãos de feijão antes de serem colhidos?* (COMITÊ NACIONAL, 2001), no estado do Paraná, apresenta duas variantes significativas: *vagem* e *bainha*[13], presentes em duas regiões distintas: *vagem* como variante única no norte e noroeste do Estado, e, em concorrência com a variante *bainha*, na região central e leste.

Entre os informantes pertencentes à segunda faixa etária (50 a 65 anos), a variante *vagem* foi registrada com a consoante inicial oclusiva bilabial sonora /b/ em vez da fricativa lábio-dental sonora /v/, num processo de oclusivização: agem > agem. Nas regiões central e leste, segundo o estudo: “a variante *bainha* ocorre em 26% das respostas dos informantes e se apresenta como uma variante diageracional presente na fala de 13 idosos e em apenas cinco jovens, apontando para uma forma mais conservadora ou arcaica de nomeação do referente” (ROMANO; AGUILERA, 2009), ou seja, até mesmo dentro de normas regionais, encontramos as normas parciais e sociais, normas diferentes conforme a faixa etária.

Outra assertiva de Biderman (2001) é sobre a norma como um elemento de coerção social. Enquanto o sistema é um conjunto de possibilidades e

[13] Referimo-nos aqui ao nosso trabalho de iniciação científica apresentado no XVIII Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC): *Um estudo comparativo em corpora distintos: a vagem do feijão em atlas urbano e rural*. Disponível em: http://www.eaic.uel.br/artigos/CD/3305.pdf Acesso: 18/04/11.

liberdades, “a norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais” (BIDERMAN, 2001, p.20), ou seja, ela é determinada e ditada pelo contexto de inserção do indivíduo, variando conforme a necessidade. Se o usuário da língua estiver em uma situação mais formal, a norma a ser usada será também aquela exigida pelo grupo e pelo contexto, mas, em uma situação mais informal, lançará mão de uma norma mais despojada e, assim, sucessivamente.

A norma de uma comunidade não é passível de alterações sem que haja concordância de grande parte dos integrantes do grupo. Entretanto, os indivíduos podem alterar a fala, consequentemente, variando a norma, mas isso não significa, necessariamente, que haverá a compreensão do que está sendo falado por todos os integrantes do grupo a que pertencem.

3.1 Dialeto, Falar e Idioleto: Conceitos

Assim como o conceito de norma, o de dialeto pode ser concebido de diferentes formas, não sendo, pois, unânime a sua definição entre os estudiosos. Há os que consideram dialeto como uma forma diferente de usar uma língua em determinado espaço geográfico e há estudiosos que não consideram apenas o fator geográfico, mas também os sociais, o que dá origem a dialetos sociais. Leite de Vasconcelos (1970), por exemplo, com a finalidade de sistematizar o estudo da língua portuguesa, divide-a em dialetos, reconhecendo que estes podem se subdividir em subdialetos e variedades. O dialetólogo português guiou-se pelo critério geográfico para a sua classificação dos dialetos em: continentais, insulares e ultramar.

O dialeto continental é o resultado da evolução do latim vulgar para o português, ou seja, é a língua portuguesa falada em Portugal, enquanto os insulares e os de ultramar representam o comportamento do português europeu transplantado para outro território. Para esse estudioso, a língua portuguesa do Brasil encontra-se entre os dialetos de ultramar, sobre a qual faz as seguintes considerações:

> La langue nationale du Brésil est le portugais, qui, tansporté dans um milieu si différent de celui de son origine, y a éprouvé beaucoup de modifications [...] Si j’appele *dialecte*, par exemple, le portugais de Trás-os-Montes, à plus forte raison je dois donner ce nom au

> portugais du Brésil, ou *brésilien*...(LEITE DE VASCONCELOS, 1970, p.132) [14]

Leite de Vasconcelos considera, pois, o português do Brasil um dialeto do português europeu que, em solo americano, adquiriu uma nova configuração, mesmo reconhecendo que tal posicionamento fere os 'melindres nacionais', conforme já afirmara Nascentes (1953).

Já Ferreira e Cardoso (1994), para definir o termo dialeto incluem o conceito de isoglossa[15], pois, para as pesquisadoras, o dialeto define-se como um feixe de isoglossas, ou seja, "um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras" (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 16). Assim, entendendo que existem isoglossas diatópicas, diastráticas e diafásicas, as autoras concluem que a denominação dialeto não é só pertinente às variações diatópicas, logo também há dialetos sociais e, por analogia, dialetos estilísticos.

Segundo Câmara Jr. (2004, p. 95), dialeto, do ponto de vista puramente linguístico, são os falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais, ou seja, o dialeto para este linguista está relacionado à distribuição da língua no espaço geográfico, portanto, próximo ao conceito de Leite de Vasconcelos (1970).

Amadeu Amaral (1920), em *O Dialeto Caipira,* já fazia uma ressalva acerca da importância de estudos específicos para verificação da existência de um 'dialeto brasileiro', expressão já consagrada até por autores notáveis de além–mar. Segundo Amaral: "Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um" (AMARAL, 1920, p. 44). Reconhece, dessa forma, a variedade do português falado no Brasil.

Outro estudioso brasileiro que discutiu a questão do dialeto foi Antenor Nascentes (1953) na sua obra *O linguajar Carioca,* reconhecendo a polêmica entre portugueses e brasileiros sobre a noção do termo dialeto, salientando

---

[14] "A língua nacional do Brasil é o português, que transportado em um meio tão diferente do de sua origem, trouxe muitas modificações [...] Se chamo dialeto, por exemplo, o português Trás-os-Montes, pela mesma razão devo dar esse nome ao português do Brasil ou brasileiro." (TN = tradução nossa)

[15] "uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e consequentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças linguísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas)." (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.13).

que ela ocorre muito mais por questões políticas do que propriamente linguísticas. Assim, optou por adotar um termo *falar* ao se referir ao português brasileiro, assim como o fez insigne estudioso português Manuel de Paiva Boléo *(Estudos dos dialetos e falares portugueses).*

Embora seja difícil estabelecer distinções entre *falar* e *dialeto*, é menos inconveniente, para Nascentes, utilizar o termo *falar* ao se referir ao português do Brasil. Assim, para esse estudioso, dentro do Brasil existem dois grandes falares, o do norte e o do sul, e estes se subdividem em subfalares. O falar do norte contendo o subfalar amazônico e o subfalar nordestino; e o falar do sul abrangendo os falares baiano, o sulista, o fluminense e o mineiro. Com base em Marouzeau (1943), defende Nascentes que o falar é "um conjunto de meios de expressão empregados por um grupo no interior de um domínio linguístico" (MAROUZEAU, 1943 apud NASCENTES, 1953, p.17).

Brandão (1991), no seu livro *Geografia Linguística no Brasil,* discute brevemente os conceitos de língua, dialeto e falar, tendo por base as definições de Manuel Alvar[16]. Entretanto, a autora não chega a uma nítida distinção entre os termos

> Embora Alvar tenha procurado definir, com rigor, tais variantes diatópicas, na prática se torna difícil estabelecer uma precisa diferença entre dialeto e falar [...] Nota-se, no entanto, forte tendência a empregar-se o termo "dialeto" em sentido mais amplo, ou seja, o de considerar-se dialeto como sendo qualquer variedade linguística – quer de natureza geográfica, quer de cunho social – que constitua um subsistema singular, unitário (BRANDÃO, 1991, p. 13)[17]

Já, para Câmara Jr. (2004, p.115), o termo *falar* refere-se a "línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúnem todas numa língua comum". Já "os dialetos são a rigor conjuntos de falares que concordam entre si por certos traços essenciais." (CÂMARA Jr. , 2004, p. 115)

---

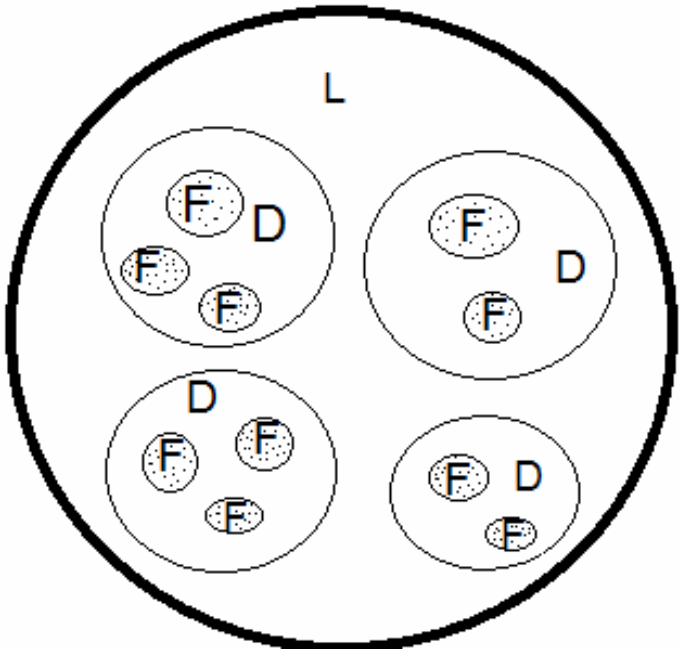
[16] ALVAR, Manuel. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filologia Hispánica*. Mexico, D. F. & Austin, Texas, 15, jan./jun. 1961.

[17] Em nota, Brandão (1991) completa que para as variações de cunho social também é corrente a designação "socioleto", conceito este que não nos aprofundamos, nesta oportunidade.

Conforme depreendemos da leitura de Câmara Jr. (2004), há uma hierarquia entre língua, dialeto e falar, que pode ser entendida como um sistema de conjuntos, onde um conjunto contém e é contido por outro.

Acrescente-se ainda a esse conjunto o conceito de idioleto, “conjunto de usos de uma língua própria de um indivíduo, num momento determinado” (DUBOIS et al, 1991, p. 329). Assim, na figura 14, representamos esquematicamente nossa interpretação sobre os conceitos discutidos. Por exemplo, o conjunto maior língua [L] contém conjuntos menores, os dialetos [D] e os falares [F]; o conjunto dialeto [D], por sua vez, contém conjuntos ainda menores dentro de si, os falares [F], já os conjuntos dos falares [F] contém as realizações individuais da língua, os idioletos, representados por pontos.

Figura 14 – Diagrama representativo língua, dialetos, falares e idioletos



Enquanto para Nascentes (1953) e Brandão (1991), dialeto e falar são termos de difícil definição, para Câmara Jr. (2004), a distinção é perceptível se considerarmos o dialeto como o conjunto de falares.

Neste trabalho, adotamos o posicionamento de Câmara Jr. (2004), pois consideramos que o falar londrinense, no conjunto dos falares paranaenses (do sul, do oeste, do litoral etc.) enquadra-se dentro do dialeto paranaense que, por sua vez, possui características peculiares se comparado aos de outras regiões brasileiras, e integra-se à língua portuguesa falada no Brasil.

3.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS

A variação e a mudança linguística são características inerentes a todas as línguas, ou seja, as línguas variam e, consequentemente, com passar do tempo, mudam. A língua que se fala hoje não é inteiramente igual à que se falava há 25, 50 ou 100 anos atrás. Segundo Coseriu (1987a, p. 76)

> as palavras mudam continuamente; não só do ponto de vista fônico, mas também do ponto de vista semântico, uma palavra nunca é exatamente a mesma; diríamos melhor que uma palavra, considerada em dois momentos sucessivos de sua continuidade de emprego numa comunidade, não é *ni tout à fait une autre, ni tout à fait la même* [nem totalmente uma outra, nem totalmente a mesma] [...] em nenhum momento se pode fixar um *sistema estático concreto,* porque em cada momento o sistema se quebra para constituir-se e romper-se novamente – essa mudança contínua é, precisamente, o que chamamos a realidade da linguagem.

A variação linguística acontece por influências sócio-comunicativas ou até mesmo por fatores linguísticos. Labov (1996) teve a preocupação de investigar as mudanças que as línguas sofrem com o passar de sua história. Segundo ele, é necessário partir do presente para o passado a fim de verificar o papel de fatores históricos e sociais que influem nesse processo. Para tanto, criou uma metodologia que possibilita verificar essa variação e mudança em tempo aparente e em tempo real (LABOV, 1996).

O estudo em tempo aparente é um método mais imediato para verificar a mudança linguística. Constitui-se, basicamente, em comparar a fala de pessoas mais idosas com a de pessoas mais jovens, e a diferença entre elas poderá revelar casos de mudanças, ou seja, se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos, tudo indica que se trata de uma situação de mudança em progresso. Nesse sentido, a fala de um indivíduo com 75 anos, no ano 2000, por exemplo, representaria um estado de língua de sessenta anos atrás, ou seja, 1940 (PAIVA; DUARTE, 2003).

Labov (1996), entretanto, ressalta que o estudo em tempo aparente merece ser examinado com muito critério, pois as diferenças reveladas entre os grupos etários podem indicar a influência de outros fatores, como escolaridade,

classe social, profissão, entre outros. Este método é muito útil quando não se dispõe de dados em tempo real.

> Parece que las inferencias que se sacan sobre el cambio en curso a partir del tiempo aparente no son insignificantes, y que este tipo de análisis puede llevarse a cabo con provecho cuando no se dispone de datos en tiempo real" (LABOV, 1996, p. 137-138)[18]

O ideal para verificar as mudanças linguísticas é conjugar os resultados do tempo aparente aos obtidos em tempo real. O estudo em tempo real consiste na comparação de dois *corpora* coletados em recortes sincrônicos distintos. Assim, o pesquisador pode recorrer a diversos documentos históricos que retratem a língua falada no passado, segundo Tarallo (1999, p. 71):

> O atlas linguístico de uma comunidade pode, por exemplo, fornecer dados valiosíssimos para o estudo da variação fonológica, ou mesmo lexical. Além do atlas, textos escritos em prosa que potencialmente reflitam o vernáculo de um certo período de tempo poderão ser utilizados. Ressaltem-se aqui cartas de cunho pessoal, diários e textos teatrais que tenham visado, em seu momento de criação, a um retrato da fala de diferentes camadas da comunidade.

Tendo por base esses documentos, o pesquisador, decorridos vinte anos ou mais, volta à mesma comunidade e coleta novos dados. Este tipo de investigação pode ser feito de duas formas: i) o denominado estudo de tipo painel quando se buscam necessariamente os mesmos informantes da primeira coleta, tarefa essa nem sempre possível devido a fatores diversos como falecimento, mudança e doença do informante além de dificuldades circunstanciais e ii) o estudo de tendência, quando se coleta uma nova amostra, guiando-se mais ou menos pelos mesmos procedimentos metodológicos da primeira pesquisa (não necessariamente os mesmos informantes) revelando, assim, as 'tendências' atuais da língua. Acerca dos dois tipos de estudo em tempo real, Paiva e Duarte (2003, p. 17) fazem as seguintes considerações:

> Uma limitação inerente ao estudo do tipo painel é que os resultados não são conclusivos no que diz respeito aos mesmos fenômenos na comunidade de fala. Ao regravar sujeitos que já foram entrevistados

[18] Parece que as inferências que se extraem da mudança linguística a partir do tempo aparente não são insignificantes, e que este tipo de análise pode ser feito com vantagem quando não se dispõe de dados em tempo real (TN).

> em um momento anterior, o estudo de painel perde a aleatoriedade, não representando a comunidade de fala como um todo. O estudo tipo tendência, por sua vez, compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala [...] os falantes gravados podem ser considerados representativos da comunidade no momento da gravação [...] Essa técnica nada diz sobre o comportamento linguístico do indivíduo, permite depreender a direcionalidade do sistema na comunidade linguística e verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, na estabilização ou no recuo de processos de mudança.

Dessa forma, os resultados obtidos em tempo real e tempo aparente possibilitarão dizer com propriedade se determinada variante linguística apresenta uma variação estável (concorrência de duas formas variantes) ou se trata de uma mudança em progresso (surgimento e predomínio de uma nova variante).

O AGeLO engloba essas duas perspectivas de Labov (1996). É um estudo em tempo aparente à medida que consideramos a faixa etária como uma importante variável extralinguística e, trata-se de um estudo em tempo real *(estudo tendência)*, por voltarmos à mesma comunidade e coletarmos novos dados, que foram comparados aos resultados obtidos pelo EALLO (1985/86).

3.3 O Espaço da Heterogeneidade nos Estudos da Linguagem: uma Breve Visão Histórica[19]

Notadamente, sabemos que os estudos linguísticos adquiriram caráter científico a partir da cisão que Saussure estabeleceu entre a língua e a fala, em seu Curso de Linguística Geral (1916), assumindo, como objeto de estudo da Linguística, a língua. Concebeu-se, assim, um estudo científico da linguagem que teria como tarefa principal estudar, sob um olhar imanente, este sistema de signos distintivos, passível de ser analisado devido ao seu caráter homogêneo.

O aspecto social da linguagem, individual e por isso heterogêneo e exterior ao sistema ficou, de certo modo, relegado a segundo plano por Saussure e outros linguistas, entre eles o formalista Leonard Bloomfield (1933), o funcionalista Roman Jakobson (1963), o gerativista Noam Chomsky (1965), entre outros.

---

[19] As informações históricas deste capítulo foram embasadas fundamentalmente na obra de Iogu Iordan: *Introdução à Linguística Românica*. Tradução Julia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962. Por vezes, recorremos ao texto de MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. *Introdução à Linguística Românica: histórico e métodos*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1972. E a CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

Os manuais de introdução à Linguística[20] apontam que a heterogeneidade da linguagem somente veio a ser estudada, de forma sistemática, no campo da Linguística, a partir dos anos de 1960, com os trabalhos de William Bright (1966), J. A. Fishman (1972) e, sobretudo, com o linguista americano William Labov (1966).

No entanto, vale lembrar que esta heterogeneidade da linguagem e a consciência da variação linguística foram reconhecidas muito tempo antes de Saussure, pois, segundo Brandão (1991, p.7), os gregos já distinguiam quatro variantes regionais de sua língua – o eólico, o jônico, o dórico e o ático. Também entre os romanos encontram-se menções da variabilidade de natureza social, conforme testemunham alguns escritos latinos que apresentam a linguagem corrente em subclassificações, como *sermo urbanus, sermo plebeius, sermo rusticus*.

Vale notar também que os clássicos (gregos e romanos) se preocupavam com a 'deterioração' do idioma que apresentava diferenças, conforme o nível social dos indivíduos, criando, desta forma, gramáticas a fim de preservar as formas eruditas, consideradas ideais para a comunicação. Esta noção da gramática que prima pelos princípios de uma língua 'correta', portanto, incorruptível, perpassou toda a Idade Média e adentrou a Idade Moderna e a Contemporânea, e sua presença no meio social sempre agiu como um guia de regras do 'bem falar' e 'bem escrever'.

Simultaneamente aos estudos de cunho gramatical das línguas, desenvolveram-se também os estudos filológicos de textos antigos. Já, nos tempos modernos, os países começaram a se interessar pela sua própria língua, criando mesmo instrumentos de gramatização[21] dos vernáculos. Como exemplo, temos a primeira gramática da língua espanhola: *Arte de Lengua Castellana,* de autoria de Elio Antonio de Nebrija, datada do ano de 1492. Assim, estava incutida na mentalidade dos estudiosos da época a noção de variabilidade e a mutabilidade linguísticas e a necessidade de padronização de uma forma ideal de prestígio.

---

[20] Consultados: BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos linguísticos.* 16. Ed. Campinhas: Pontes, 2008. FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística I* – objetos teóricos*.* 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006. MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística:* domínios e fronteiras. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística:* o tratamento da variação.São Paulo: Contexto, 2003.

[21] "Processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário" (AUROUX, 1992, p. 65)

No final do século XVI e início do XVII, começaram a aparecer trabalhos que denotaram, de forma mais contundente, certa consciência da familiaridade entre as línguas. Segundo Miazzi (1972, p.21), Celso Cittadini, na sua obra *Trattato della vera origine e del processo a nome della nostra língua* (1601)*,* declara a existência do latim culto e do latim vulgar e deste último teria derivado o italiano. No século XVII, seguindo esta mesma vertente histórica da língua, encontramos a obra de Bernardo Aldrete: *Del origen, y principio de la lengua castellana o romance que oi se usa em España* (1606), na qual o autor trata do processo de romanização da Península Ibérica, ressaltando o parentesco do espanhol com o português, italiano, francês etc. Seguindo esta mesma perspectiva, no que se refere ao português, temos a *Origem da língua portuguesa,* de Duarte Nunes de Leão, publicada também em 1606. Mas, segundo Câmara Jr. (1975, p.41), somente nos fins do século XVIII verifica-se o esforço em comparar e classificar as línguas de acordo com sua origem hipotética o que viria, no século XIX, a se tornar um método de estudar a língua: o método histórico-comparativo.

Dentre os linguistas pioneiros que trabalharam sob a perspectiva histórico-comparativa, encontra-se o dinamarquês Ramus Rask (1811) com seu trabalho *Investigação sobre a Origem do Antigo Nórdico ou Islandês*. Mais tarde, com a descoberta do sânscrito, o estudo histórico-comparativo veio a se firmar nos estudos linguísticos, sobretudo, com os trabalhos de Franz Bopp (1816) e Friedrich von Schlegel (1808), entre outros.

Simultaneamente aos estudos comparativos do século XIX, estavam em alta as teorias darwinianas evolucionistas, o que influenciou alguns linguistas que transferiram para a língua uma visão ‘biologizante’, considerando-a como um organismo natural e, consequentemente, enquadrando a Linguística dentro das ciências naturais. Estes estudiosos davam especial atenção à fonética, restringindo o estudo de toda a língua ao estudo dos sons. O indo-germanista August Schleicher (1821-1868) foi um dos representantes desse grupo.

Em contraponto a esta visão natural dos fatos linguísticos, encontram-se estudiosos como Friedrich Diez (1794-1876) e outros que afirmavam que a fala humana é, sobretudo, um produto meramente mental, embora seja material nos sons. Do conflito dessas duas vertentes, a natural e a psíquica, surgiu um grupo de linguistas denominados *neogramáticos.*

Os neogramáticos foram reacionários aos estudos comparatistas que buscavam a língua primitiva indo-europeia. Para eles, era necessário estudar as línguas vivas atuais e os dialetos, o que propiciaria observar com facilidade o elemento psíquico da língua, pois são falados em nosso tempo.

Esse grupo de linguistas, relacionados à Universidade de Leipzig (Alemanha), enfatizava a importância da fonética para o estudo histórico da linguagem. Afirmavam que todas as mudanças fonéticas são explicadas por leis que não permitem exceção, leis estas regulares que atingem todas as palavras da língua. Para os neogramáticos, o que não podia ser explicado pelas leis explicava-se por analogia, ou seja, é uma concepção mecânica e ao mesmo tempo psíquica da língua. Em outras palavras, na linguagem humana atuam duas forças: uma psíquica (analogia) e outra de natureza física ou mecânica (as leis fonéticas). Entre os principais representantes da escola neogramática encontram-se Herman Paul (1846-1921) e Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936).

Devido ao radicalismo dos neogramáticos, alguns linguistas reagiram a essas ideias, como o linguista italiano Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907) e o alemão Hugo Schuchardt (1842-1927).

Ascoli foi contra os neogramáticos por darem demasiado valor à analogia, ao passo que muitas mudanças fonéticas poderiam ser descritas pensando-se nas próprias condições em que cada palavra se encontra, ou seja, um mesmo som ou grupo de sons pode evoluir diferentemente conforme a palavra e o contexto em que está inserido. Para Ascoli, as causas das variações de uma palavra para outra e de um dialeto para outro são de inúmeras espécies: acento, o contexto anterior e/ou posterior, a ligação sintática, a influência de dialetos vizinhos, entre outras. Segundo o linguista italiano, a analogia que os neogramáticos usavam para justificar as mudanças fonéticas que não se enquadravam nas leis, era, no fundo, também uma transformação fonética. Assim, considerou os neogramáticos repetidores dos conceitos de linguistas antigos, embora com uma nova nomenclatura. Hugo Schuchardt também concordou com o pensamento de Ascoli contra o radicalismo dos neogramáticos, combatendo, principalmente, o conceito de leis cegas em Linguística, pois, para ele não podem ser empregadas no mesmo sentido em que são usadas nas ciências naturais.

Entretanto, observa-se que as teorias neogramáticas significaram um progresso real em relação ao estado anterior dos estudos linguísticos, sobretudo

por reconhecerem a necessidade de estudar as línguas e os dialetos vivos, de considerar o elemento psicológico na origem das transformações linguísticas e da existência da língua nos e pelos homens que as falam.

Assim, o combate dos adversários aos neogramáticos só foi possível devido às investigações dialetais realizadas *in loco* que forneceram abundante material para análises e discussões. Diante desta realidade, os próprios neogramáticos precisaram se retratar quanto à tamanha importância dada às leis fonéticas e admitir que em todas as línguas encontramos palavras arcaicas que foram preservadas com o tempo (IORDAN, 1962, p.45).

3.4 Um Novo Modo de Estudar a Língua: o Método da Geografia Linguística

É inegável a grande contribuição dos neogramáticos para os estudos da linguagem. Mas, foi a oposição a esta corrente historicista que permitiu o desenvolvimento dos estudos linguísticos sob outras perspectivas. Inicialmente, temos que reconhecer que os estudos dialetais estavam inseridos no método diacrônico, por exemplo, antes mesmo de surgirem os neogramáticos, Ascoli já havia estudado os dialetos italianos.

Segundo Iordan (1962, p.33), foi Ascoli quem “criou a Dialetologia italiana, dando-lhe foros de verdadeira ciência, devendo, por conseguinte, ser considerado o fundador da dialectologia românica em geral”. Ascoli acreditava que a observação dos fenômenos linguísticos em uma língua viva fornece dados seguros pelos quais se pode chegar a estados anteriores à sua transformação, enquanto o inverso não é possível. Porém, foi na França e na Suíça que a investigação dialetal teve a sua revolução, onde, já desde o início do século XIX, surgiram alguns trabalhos esporádicos dos dialetos populares. Uma importante obra deste período foi a do Abade P. J. Rousselot, *Modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d’une famille Cellefrouin* (1891), na qual afirma que a fala humana não é uniforme dentro de um pequeno grupo – dentro de uma família – ainda mais se considerarmos um grupo maior, uma aldeia ou uma cidade. Outro trabalho análogo - *L’unité phonétique dans le patois d’une commune* foi publicado em 1805 pelo estudioso suíço Louis Gauchat (1866-1942).

Nos primeiros trabalhos dialetais, os estudiosos selecionavam determinada localidade e colhiam dados dos falantes locais, priorizando os sons, a

gramática e em menor escala a sintaxe, não dando muita atenção para o vocabulário. O material recolhido era comparado com os de outros dialetos por meio da consulta a glossários e era explicado com o auxílio das tradicionais gramáticas.

Tornava-se necessário um método mais prático e rápido para fazer este estudo comparativo. Foi então que surgiu, quase que espontaneamente, um novo método de estudo, o método da geografia linguística, que consiste em representar “em mapas especiais um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território” (COSERIU, 1987a, p.79). O conjunto destes mapas linguísticos vai constituir o que comumente chamamos de atlas linguístico.

3.4.1 Os primeiros Atlas Linguísticos

A primeira tentativa de elaboração de um atlas linguístico foi a do alemão Georg Wenker (1852-1911) que, influenciado pelos pressupostos dos neogramáticos, ocupou-se da fonética para verificar fronteiras dialetais da Alemanha Setentrional e Central. Tendo por base os dados recolhidos por meio de um questionário de 40 frases curtas, enviado para professores e pessoas cultas das regiões rurais selecionadas, Wenker publicou, em 1881, um único volume do Atlas Linguístico da Alemanha *(Sprachatlas von Nord – und Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch Mit hülfe der Volksschullehrer gesammelten)*. Vale notar que esta tentativa foi mal sucedida, e foi criticada pelo método de correspondência empregado na coleta de dados, o que torna o trabalho duvidoso, sobretudo para verificar aspectos fonéticos da língua. Além do mais, Wenker chegou a resultados contrários a que esperava, não comprovando as suas hipóteses no traçado das isófonas para a delimitação de áreas dialetais do território alemão.

Outra tentativa de elaboração de atlas foi a de Gustav Weigand (1860-1930) que, em 1909, publicou o Atlas Linguístico Daco-romeno *(Linguísticscher Atlas des dacorumänischen Sprachegebiets)*. Este atlas representou um progresso em relação ao de Wenker porque o método de inquirição foi direto, tendo sido, também, muito criticado, porque quando o atlas de Weigand estava pronto, a obra de Gilliéron - o *Atlas linguistique de la France* - já estava quase totalmente publicada. A comparação foi inevitável, pois o trabalho de Weingand ficou

em desvantagem, sobretudo pelo volume de cartas, apenas 67 mapas, considerado pouco para um atlas desta envergadura e porque os vocábulos coletados não abrangeram todos os fenômenos fonéticos e posições fonológicas possíveis na língua.

Embora não tenham surgido na França os primeiros atlas linguísticos, o berço da Geografia Linguística é reivindicado por este país devido ao bem sucedido *Atlas linguistique de la France* (1909) – ALF - de autoria de Jules Gilliéron (1854-1926).

Antes da publicação do ALF, Gilliéron já havia feito duas pesquisas *in loco* para a elaboração trabalhos dialetais, o *Patois de la commune de Vionnaz (Bas-Valais)* e o *Petit Atlas phonétique du Valais Roman (sud du Rhône)* publicados em 1880-1881, o que revelou certa experiência deste pesquisador com este tipo de trabalho.

Quando foi nomeado professor de Dialetologia francesa da *École Pratique des Hautes Études,* Gilliéron assumiu para si o compromisso de fazer a investigação linguística dos dialetos franceses, seguindo os conselhos de Gaston Paris (1888), atentando para o fato de que a língua comum estava influenciando a língua dos camponeses, devido à centralização da França e à crescente expansão cultural que influenciava as classes populares. Assim, antes que desaparecessem as formas populares, era necessário recolher o material linguístico a fim de conservá-lo em um atlas.

Gilliéron elaborou um questionário com 1900 questões que, diferentemente, dos trabalhos anteriores não privilegiava somente aspectos fonéticos, mas também morfológicos, sintáticos e lexicais. Selecionou 639 localidades em que se falavam dialetos franceses, provençais e franco-provençais, incluindo-se algumas aldeias da Bélgica e da Suíça, onde se falavam dialetos galo-românicos. Excluíram-se da pesquisa os territórios da França de língua não românica: a Bretanha, cuja língua é o bretão; áreas de fala flamenga, no nordeste e a região basca no sul. Também se excluíram quase todas as grandes cidades. Por outro lado, incluiu-se a metade sul da Bélgica e a chamada Suíça românica, onde se falavam dialetos provençais e franco-provençais.

Seu colaborador, Edmond Edmont, não linguista, mas com ótima percepção auditiva e treinado em transcrição fonética, percorreu por quatro anos e meio as localidades selecionadas a fim de coletar dados linguísticos dos dialetos

franceses. Edmont, chegando a cada localidade, escolhia as pessoas mais antigas considerando-as como as mais conhecedoras do dialeto local, e aplicava o formulário fazendo a transcrição fonética simultânea à ‘conversa’.

Ao término de cada caderno de anotação, Edmont o enviava a Gilliéron que dava tratamento aos dados coletados elaborando os mapas. Para cada conceito, foi elaborado um mapa, portanto, este atlas contém 1920 mapas linguísticos, além de uma brochura explicativa e um índice alfabético.

O ALF deixou claro que não há áreas dialetais precisas, conforme já havia detectado Wenker, e demonstrou que muitas palavras migram e algumas são alteradas ou substituídas por outras com valor semântico equivalente, irradiadas de um centro tão importante como Paris.

Como obra continuadora do ALF, Gilliéron e Edmont elaboraram o *Atlas linguistique de la Corse,* entre 1914-1915. Este atlas pode ser considerado muito mais rico devido à pequena extensão territorial e à experiência adquirida no trabalho anterior com o ALF. Assim, Edmont precisou aprender italiano pelo fato de a maioria da população da Córsega ser de italianos e não de franceses. Dos dez volumes programados, foram publicados quatro deles, somando no total 799 cartas.

O *Atlas linguístic de Catalunya* (1923), de autoria de Antoni Griera, também pode ser considerado um trabalho continuador do ALF pelo fato de a área linguística catalã ser um prolongamento geográfico do Galo-românico, abrangendo parte da França, ultrapassando a fronteira política entre França e Espanha, contemplando grande superfície da Península Ibérica e ao longo do Mediterrâneo. Diferentemente dos outros atlas, Griera trabalhou sozinho na coleta de dados e na elaboração dos mapas, seguindo o modelo de questionário de Edmont. O questionário do Atlas linguístico da Catalunha contém 2886 questões e foi aplicado em 101 localidades, privilegiando a parte oriental da Catalunha. Karl Jaberg (1924), fazendo algumas críticas a este atlas, afirma que deveria ter sido feito o contrário, ter dado privilégio à parte ocidental que apresenta maior diversidade de dialetos estranhos (espanhóis), ao passo que a parte oriental apresenta uma unidade linguística maior.

O Atlas linguístico etnográfico da Itália e da Suíça meridional foi realizado pelos linguistas Karl Jaberg (1877-1958) e Jakob Jud (1882-1952) que publicaram o primeiro volume em 1928 e o último em 1940. Diferentemente de Gilliéron, os autores escolheram três linguistas para realizar a coleta de dados nas

regiões pesquisadas. Um para o centro-norte da Itália e o sul da Suíça, outro para a Itália meridional e a Sicília e um terceiro para a Sardenha. Utilizaram três questionários, um com 800 questões, outro com 2000 e um último com 4000 perguntas. Este atlas não se limitou à investigação linguística; incluiu também a etnográfica e estudou as palavras relacionadas com as coisas, resultando um total de 1705 mapas, além de 1900 desenhos e 4000 fotografias.

O Atlas Linguístico Romeno foi dirigido por Sextil Puscariu (1877-1948) e realizado por Sever Pop e Emil Petrovic que percorreram todo o território linguístico romeno entre os anos de 1930 a 1937 aplicando questionários distintos em duas redes de pontos linguísticos. O material recolhido foi reunido em dois atlas: o *Atlasul linguistic Român Partea I* e o *Atlassul linguistic Român Partea II* (ALR I e ALR II). Desses dois atlas foram elaborados dois micro atlas, o *Micul Atlas linguistic Român, Pareta I* e *Micul Atlas linguistic Român , Partea II* (ALRM I e ALRM II).

O *Atlante linguístico italiano* (ALI), projeto elaborado antes de 1914 por Mateo Bartoli (1873-1946), abrange uma rede de pontos de 1000 localidades onde foi aplicado um questionário de 3630 perguntas. De início pretendia-se manter o critério de investigador único, mas Ugo Pellis, o inquiridor, faleceu antes de terminar a pesquisa. Além do material linguístico, faz parte do acervo coletado uma grande quantidade de material folclórico e mais de 7000 fotografias. Em 1947, foi constituída uma nova comissão integrada por Giuseppe Vidossi (1878-1969) e B. Terracini (1886-1968), ambos da universidade de Turim, onde funciona, desde a época de Bartoli, o *Instituto dell'Atlante linguístico italiano.* Os primeiros sete volumes deste atlas somente vieram a ser publicados entre os anos de 1995 a 2008. No *website*[22] do atlas, encontramos informações sobre o andamento dos trabalhos do *ALI*.

Não nos deteremos em fazer uma apresentação detalhada de todos os atlas linguísticos desenvolvidos na Europa. Recuperamos estes primeiros com a finalidade de mostrar o berço dos estudos geolinguísticos e algumas diferenças metodológicas dos trabalhos, pois este novo método de abordar os fenômenos linguísticos, o geolinguístico, aos poucos foi conquistando novos adeptos, novos territórios e novas dimensões, culminando numa série de trabalhos de pequeno, médio e de grande porte. Vale ressaltar, por exemplo, o grandioso *Atlas Linguarum*

[22] Disponível em: http://www.atlantelinguistico.it/home.html

Europae (Atlas das Línguas da Europa- ALE) que abrange todo um continente e o Atlas Linguístico Românico *(Atlas Linguistique Roman – ALiR)*, que persegue o caminho das línguas românicas na Europa, verificando sua distribuição no espaço geográfico.

3.4.2 Classificação dos Atlas Linguísticos

Considerando o espaço geográfico de abrangência dos atlas, Cardoso (2010, p.67), com base em Alinei (1994), classifica-os basicamente em quatro tipos: i) atlas regionais; ii) atlas nacionais; iii) atlas de famílias linguísticas e iv) atlas continentais.

Os atlas regionais (i) são aqueles que permitem um melhor detalhamento da realidade linguística de uma região, chegando às estruturas linguísticas mais escondidas que os atlas nacionais não conseguem revelar. A título de exemplo temos o Novo Atlas Linguístico da França por Regiões (*Nouvel Atlas Linguistique de la France par Régions – NALF).* Os atlas nacionais (ii), por sua vez, têm por finalidade buscar a realidade linguística de um país, ainda que os limites linguísticos não coincidam com os limites políticos. Um exemplo de atlas nacional é o Atlas linguístico da França. O atlas de grupos linguísticos (iii), por exemplo, o *Atlas Linguistique Roman – ALiR,* vem complementar obras de maior fôlego como O atlas continental (iv) – o único até agora concretizado é o *Atlas Linguarum Europae (ALE),* iniciado em 1970. Segundo Cardoso (2010), este atlas permite a intercomparação entre as línguas e a redefinição de políticas de abordagem de línguas.

Para Cardoso (2010, p. 76-77), os quatro tipos de atlas se complementam entre si e não se excluem mutuamente. Entretanto, os dois últimos tipos (iii) e (iv) possuem duas particularidades, são plurilíngues e pluriculturais.

Quanto à natureza dos dados, Cardoso (2010, p. 78) afirma que temos basicamente três gerações de atlas linguísticos: i) atlas de primeira geração que apresentam cartograficamente os resultados acrescentando, ou não, notas ou ilustrações; ii) atlas de segunda geração que fornecem os dados distribuídos espacialmente e detêm-se na análise dos fenômenos observados; e iii) os atlas de terceira geração que, com o auxilio da informática, são ‘atlas parlants’, pelos quais é possível ouvir a fala dos informantes.

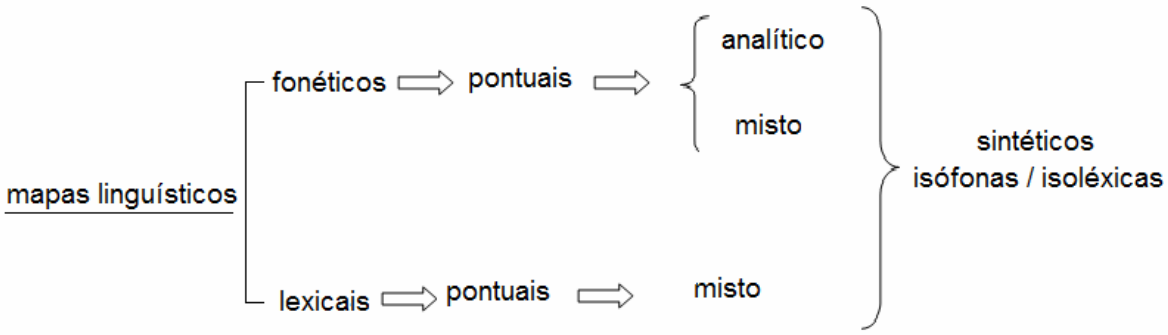
Segundo Coseriu (1987a, p. 83-84), a cartografia dos dados de um atlas pode ser classificada em quatro categorias: i) *mapas fonéticos*: quando se registram as variantes de um fonema, os alofones ou até mesmo uma série de fonemas comprovados nos pontos investigados; ii) *mapas lexicais* quando se registram as palavras empregadas para expressar o mesmo conceito (por exemplo, ‘menino’, ‘piá’, ‘garoto’, ‘guri’) independentemente das variações fônicas; iii) *mapas propriamente linguísticos* nos quais se registram a integridade fônica e mórfica do material coletado na rede de pontos, e se distinguem em mapas sintéticos e mapas pontuais. Os mapas sintéticos requerem uma elaboração, pois estabelecem os limites das áreas correspondentes às formas típicas comprovadas (mapas de isoglossas) e os mapas pontuais, os quais não estabelecem tais limites registrando fielmente as formas comprovadas em todos e em cada um dos pontos investigados (mapas analíticos). Os mapas fonéticos (i) e lexicais (ii) podem ser dos dois tipos e podem ser feitos com base nos mapas propriamente linguísticos. É possível também que os mapas fonéticos e lexicais sejam ao mesmo tempo sintéticos e pontuais, por exemplo, empregando símbolos especiais, ou melhor, cores diferentes para cada forma típica. O último tipo de mapa, segundo Coseriu, são os *mapas similares*, esquemas que reproduzem apenas os paralelos e os meridianos do território investigado e registram em coluna, em cada trapézio esférico, as formas comprovadas nos pontos correspondentes ao próprio trapézio. Estes últimos mapas constituem uma inovação do *ALI.*

Montes Giraldo (1987, p. 106), por sua vez, classifica os mapas linguísticos, em três categorias básicas:

> i) *mapas analíticos*: quando em cada ponto se transcrevem as respostas tal qual como foram coletadas, incluindo-se algumas notas necessárias para melhor compreensão dos fenômenos observados ou a correspondência do conceito em outros idiomas.
>
> ii) *mapas sintéticos*: quando se realiza uma análise prévia da cartografia e se resumem os fenômenos que se dão de modo igual ou similar em certas regiões, formando zonas que distinguem por meio de áreas hachuras.
>
> iii) *mapas mistos*, mapa intermediário entre o analítico e o sintético, empregando símbolos ou cores próprios para cada variante, pelas quais podemos ver a resposta em cada localidade, porém não a sua forma fonética detalhada.

A classificação de Montes Giraldo (1987), como podemos observar, se detém apenas à categoria dos *mapas propriamente linguísticos* de Coseriu (1987a). Em nossa opinião, a classificação de Coseriu ao separar *mapas fonéticos* e *lexicais* dos *propriamente linguísticos* é desnecessária, haja vista que os mapas fonéticos e lexicais nada mais são do que mapas elaborados a partir de material linguístico recolhido diretamente por meio de trabalho de campo. Os mapas pontuais para Coseriu são os denominados mapas analíticos de Montes Giraldo, nos quais consta a transcrição fonética dos vocábulos tal qual como foram pronunciados pelos informantes. Em nossa opinião, atribuímos outro sentido para os mapas pontuais, visto que, tanto o fonético quanto o lexical representam o fenômeno linguístico ocorrido no ponto de inquérito, ambos são pontuais. A definição de mapas sintéticos são coincidentes para ambos. Montes Giraldo, considera, ainda, como mapas intermediários, que contém informações pontuais ao mesmo tempo que sintetiza os dados na legenda. Com base nestes dois autores, elaboramos um diagrama (Figura 15), segundo a nossa interpretação, não considerando mapas similares nem mapas que apresentam o nível morfossintático da língua:

Figura 15 – Diagrama representativo da cartografia linguística



Segundo o diagrama que elaboramos, os mapas fonéticos e lexicais são mapas linguísticos e ambos são pontuais à medida que representam o fenômeno linguístico registrado no ponto de inquérito, seja com o detalhamento fonético ou não.

Os mapas fonéticos, além se serem pontuais, podem também ser analíticos, quando apresentam a transcrição fonética. Podem ser também mapas pontuais mistos quando não se representa a transcrição, mas sim se convencionam as variantes fonéticas por meio de símbolos ou cores explicados na legenda.

Os mapas lexicais são pontuais porque apresentam a distribuição das variantes lexicais por ponto linguístico, entretanto, não são pontuais analíticos, pois não se tem a variante tal qual como foi registrada. O interessante neste tipo de mapa é a variação lexical, não a do som. Portanto, os mapas lexicais são pontuais mistos à medida que as variantes lexicais distribuídas entre os pontos linguísticos podem ser representadas por cores ou símbolos com detalhamento na legenda.

Por fim, os mapas fonéticos e lexicais podem ser representados por meio de um mapa sintético geral que representa as diferentes zonas de ocorrências de um fenômeno linguístico (fonético ou lexical), as denominadas zonas de isoglóssicas. Apresentamos, a seguir (figuras 16, 17, 18 e 19), cada um desses mapas, conforme a nossa interpretação sobre a cartografia dos dados geolinguísticos:

Figura 16 – Exemplo de mapa fonético pontual analítico – ALPR (AGUILERA, 1994)

Figura 17 – Exemplo de mapa fonético pontual misto – ALPR (AGUILERA, 1994)

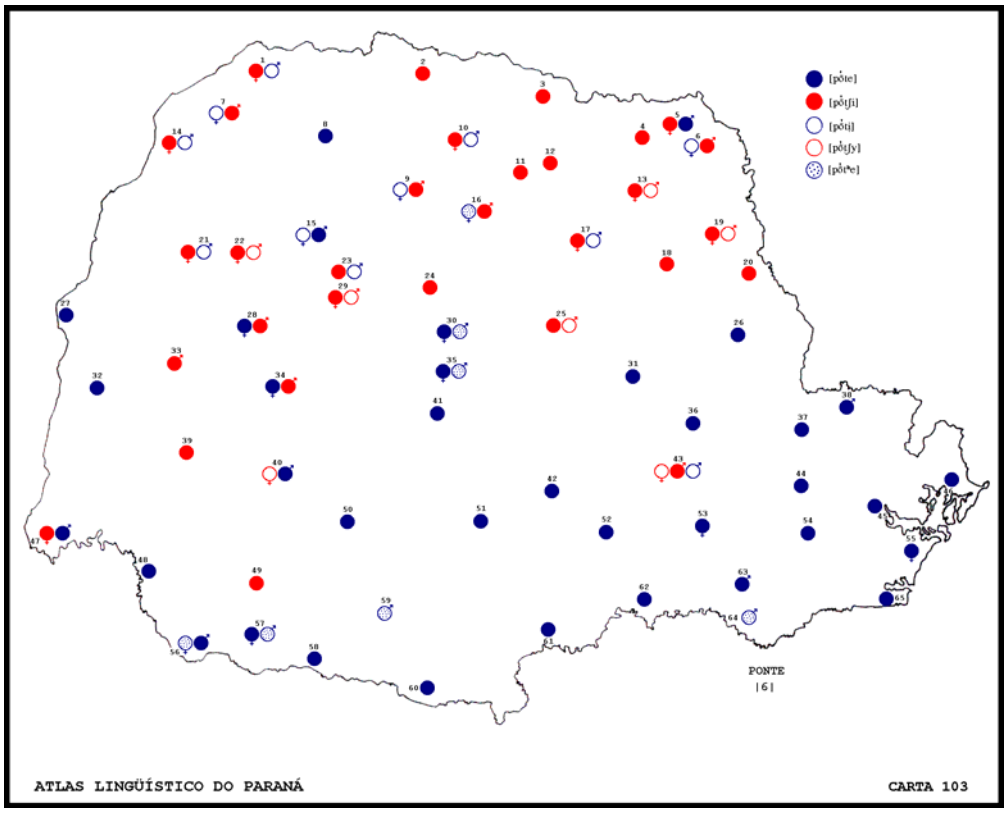


Figura 18 – Exemplo de mapa lexical pontual misto – ALPR (AGUILERA, 1994)

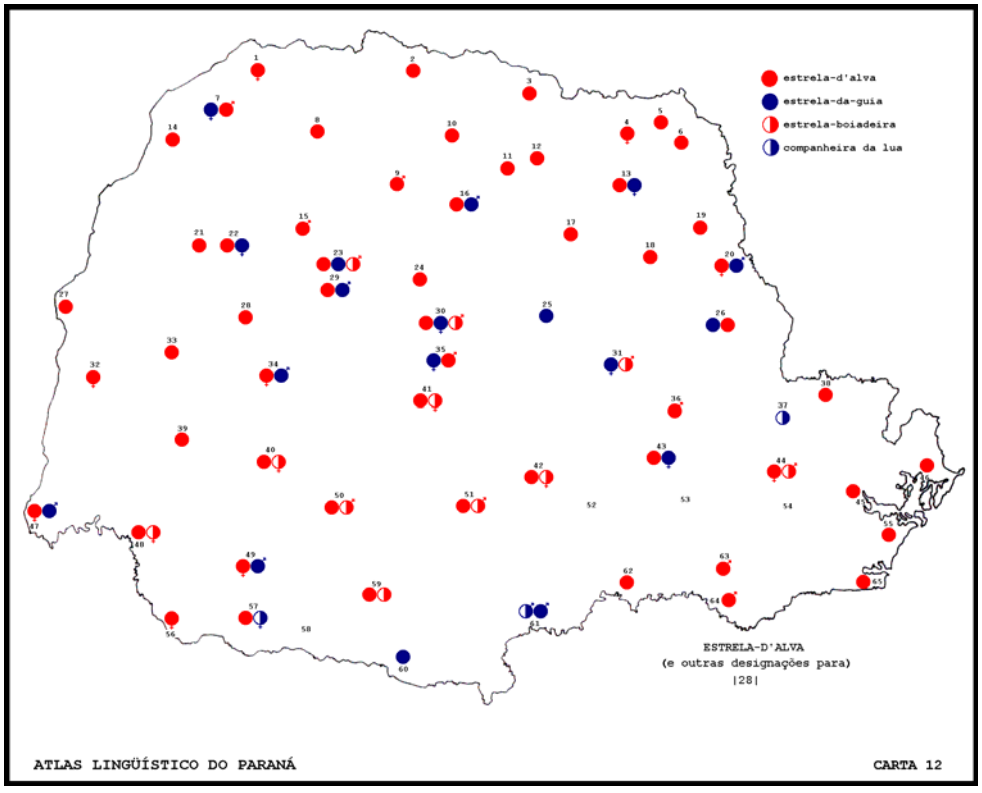
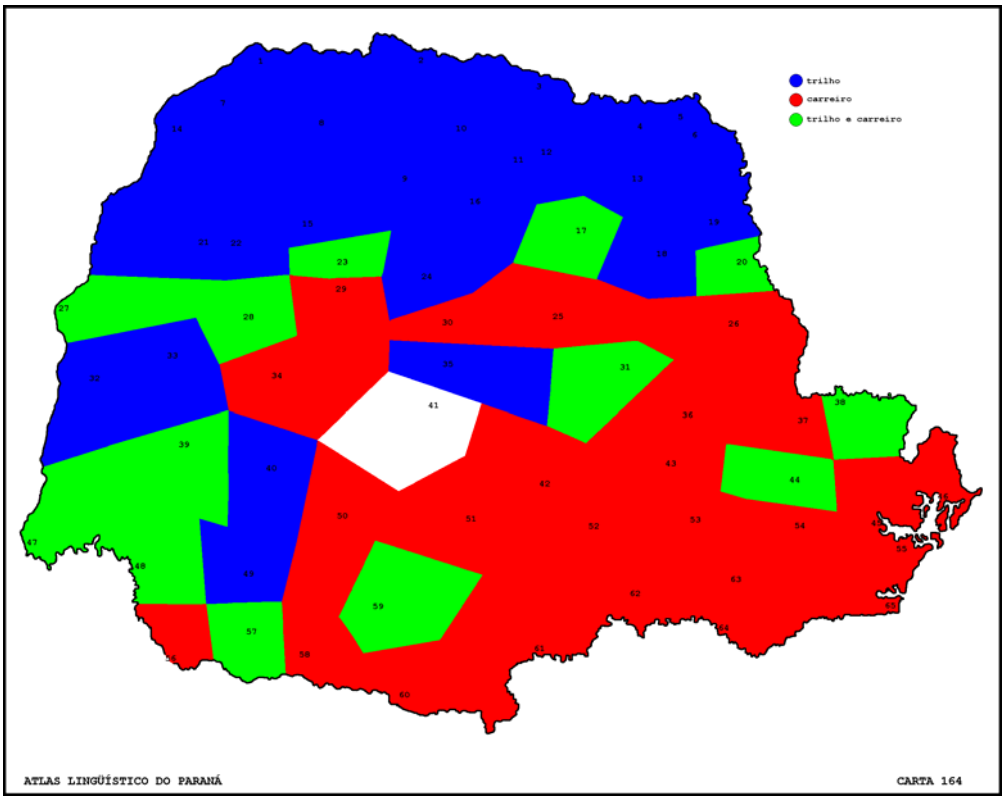


Figura 19 – Exemplo de mapa sintético de isoglossa – ALPR (AGUILERA, 1994)



3.4.3 A Visão Pluridimensional dos Dialetos

À medida que os estudos de Geografia Linguística começaram a se desenvolver, a metodologia da pesquisa se aprimorava, diferenciando-se conforme a época, os objetivos do trabalho e a região pesquisada. Assim, os estudos geolinguísticos saíram do domínio exclusivamente europeu, influenciando também outros continentes.

Segundo Almeida (2008, p.41), na América, por exemplo, Hans Kurath (1939) com seus colaboradores elaboram o *Linguístic Atlas New of England* (LANE), principal resultado do Atlas Linguístico dos Estados Unidos da América e Canadá, inovando quanto ao critério de escolha dos informantes, somando ao aspecto geográfico, o social, o que evidencia relações entre os dados linguísticos e os dados de cunho sociocultural. Assim, os informantes foram selecionados considerando o estrato social (escolaridade) e a faixa etária (jovens, meia idade e idosos). Sobre o LANE, Cardoso (2001) faz os seguintes comentários:

> Se com Wenker e no atlas da Alemanha se consagra a relevância da intercomparabilidade de dados e com o atlas de Gilliéron se assenta a importância da inquirição *in loco,* ao passo etnolingüístico dado por Jud e Jaberg no atlas ítalo-suíço se pode acrescentar outro avanço significativo trazido por Hans Kurath: a escolha de informantes que não apenas representassem os pontos constituintes da rede de localidades definida por região a partir de uma única faixa etária ou de um estrato social também único, mas que trouxessem também um aporte sociocultural e etário (CARDOSO, 2001).

Dessa forma, a partir dos anos 60, os estudos geolinguísticos tomaram uma nova orientação, pois passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, agregando à variável diatópica, variáveis sociais. Sobre este assunto, Brandão (1991, p. 26) faz as seguintes considerações:

> Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Além das variáveis sociais, fez-se necessário incluir diferentes níveis de interlocução, como discursos livres com temas para que os informantes os desenvolvessem e textos de leitura, buscando, dessa forma, a variação diafásica.

Essa nova tendência de verificar o fenômeno da variação linguística veio constituir a Dialetologia pluridimensional, conceito desenvolvido por pesquisadores alemães como Edgar Radtke e Harald Thun, da Universidade de Kiel.

Thun (2005) classifica os atlas linguísticos segundo a quantidade de dimensões da variação contempladas por ele. Por exemplo, o atlas linguístico de Wenker e o atlas de Gilliéron têm como característica marcante a arealização dos dados linguísticos, ou seja, contemplam exclusivamente a variação linguística no espaço geográfico, a variação diatópica, portanto, esses dois atlas são monodimensionais.

Já o Atlas Ítalo-Suíço (AIS) contempla a variação diastrática por meio da arealidade ao incluir informantes de duas classes sociais distintas, podendo, pois, ser classificado como atlas bidimensional, por selecionar duas variáveis ou dimensões: a diatópica e a diastrática.

Os atlas linguísticos que contemplam mais de duas variáveis, segundo Thun (2005, p.71), são os denominados atlas pluridimensionais, a nova tendência dos estudos dialetais. Os atlas pluridimensionais podem contemplar até oito dimensões da variação linguística, a seguir apresentadas:

i. A dimensão dialingual - quando o atlas envolve duas línguas diferentes.
ii. A dimensão diatópica - relacionada à topoestaticidade dos informantes, ou seja, informantes naturais da região pesquisada.
iii. A dimensão diatópico-cinética – que inclui, além de informantes de caráter topoestático, informantes topodinâmicos, ou seja, informantes que migraram de outras regiões para a pesquisada ou que cotidianamente fazem o trânsito entre duas regiões linguísticas.
iv. A dimensão diastrática – que considera informantes de classes sociais diferentes (classe alta x classe baixa).
v. A dimensão diageracional – relacionada a duas ou mais faixas etárias (jovens, idade adulta, idosos).
vi. A dimensão diassexual – informantes dos dois gêneros (homem x mulher)
vii. A dimensão diafásica – graus de interlocução diferentes (discurso controlado, discurso livre, texto de leitura, entre outros)
viii. A dimensão diarreferencial – relacionada a questões objetivas e/ou metalinguísticas da língua.

A maioria dos atlas linguísticos europeus são considerados essencialmente monodimensionais, pois não possuem controle sistemático das variáveis sociais, dando privilégio para a dimensão diatópica com base em dados obtidos junto a informantes do tipo *HARAS,* sigla usada pelo professor Mário R. Zágari para se referir ao informante homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário (ZAGARI, 2005, p. 52).

Os estudos geolinguísticos que vêm se desenvolvendo fora da Europa, principalmente, na América do Sul, agregam à Dialetologia conhecimentos advindos da Sociolinguística. Esses novos trabalhos passam a controlar

sistematicamente, na coleta de dados, as variáveis sociais, tais como sexo, faixa etária, escolaridade. Consideram também na dimensão diatópica, além do informante topoestático, já abordado de maneira tradicional (informantes fixos à localidade), o informante topodinâmico (pessoas oriundas de outras regiões). A dimensão diafásica, como se nota, é incluída no instrumento de coleta por meio de diferentes níveis de interlocução e passa-se a fazer uma Dialetologia urbana, considerando cidades de pequeno e de grande porte. Outra tendência também dos estudos pluridimensionais é incluir áreas de investigação onde há o contato de línguas a fim de “documentar não somente a coexistência de língua e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras” (RADTKE; THUN, 1991, p.41)

Para Cardoso (2010, p. 64), a Dialetologia pluridimensional encontra o desafio de fazer uma “organização inteligente e racional do grande rol de dados coletados”. O Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay - ADDU (THUN; ELIZAICÍN, 2000) é um exemplo de atlas que elaborou uma cartografia pluridimensional, permitindo o cruzamento das variáveis (diatópica, diageracional, diagenérica, diastrática e diafásica) e exibindo os resultados que mostram o comportamento de cada uma delas.

3.4.4 Breves Comentários da Geolinguística na América Latina

Os linguistas que se interessaram pela elaboração de atlas linguísticos no continente americano, como era de se esperar, buscaram inspiração nos trabalhos europeus. Assim, deslocavam-se até a Europa para aprender o novo método de trabalho ou, até mesmo, recebiam em seus países de origem os pesquisadores para que lhes ministrassem o aporte teórico-metodológico da pesquisa geolinguística. Porém, em solo americano, frente à nova realidade, este método de trabalho tomou uma nova orientação, a pluridimensional, havendo, pois, uma adequação quanto aos instrumentos de coleta de dados, ao perfil dos informantes e à escolha das localidades. Segundo Almeida (2008, p.40), esta preocupação em adequar a metodologia europeia à realidade americana é manifestada, por exemplo, por Tomás Navarro, em 1948, ano da primeira edição da monografia *El español em Puerto Rico. Contribuicions a la geografia linguística hispanoamericana*, espécie de um pequeno atlas, composto por 75 cartas.

A seguir apresentamos uma visão geral de alguns atlas desenvolvidos na América Latina, sem a preocupação de uma descrição mais detalhada nem análise crítica.

No Chile, por exemplo, Gastón Carrillo Herrera, em 1968, lançou o projeto do *Atlas Etnográfico do Chile*, porém não foi concluído devido ao seu falecimento. Cláudio Wagner, anos mais tarde, assumiu a tarefa de coordenar os trabalhos do Atlas do Chile por regiões. No entanto, o único resultado que temos até hoje é o primeiro Tomo do *Atlas linguístico-etnográfico del Sur de Chile* (ALESUCH), dirigido por Guillermo Araya (1973). Houve a tentativa também da elaboração do Atlas linguístico-etnográfico del Norte de Chile (ALENOCH), porém, em 1980, este atlas foi interrompido.

O primeiro atlas nacional latino-americano que teve êxito foi o de Luiz Florez, o *Atlas linguístico-etnográfico da Colômbia* (ALEC), publicado entre os anos de 1981-1983. Este atlas teve sua coleta de dados iniciada em 1958 e é composto por seis volumes, totalizando 1500 cartas linguísticas.

O *Atlas Linguístico do México* (ALM), de Juan Lope Blanch, teve seu inicio em 1970 e o primeiro volume veio a público somente em 1990. Este volume contempla itens fonéticos e é composto por 44 cartas sintéticas e 71 cartas analíticas. Das 1000 perguntas que fazem parte dos questionários prevê-se a elaboração de 958 cartas.

O *Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), de Harald Thun e Adolfo Elizaicín, teve dois volumes publicados em 2000 referentes à fonética e à morfossintaxe. Este atlas faz parte de um projeto maior que visa descrever sob a perspectiva geolinguística a região do Rio da Prata.

O *Atlas Linguístico Guarani-românico* (ALGR), de Wolf Dietrich, Amídio Aquino e Harald Thun, também faz parte deste projeto maior do Rio da Prata e abrange três países, Brasil (21 pontos), Argentina (35) e Paraguai (49). Dois tomos deste atlas foram publicados em 2002. O ALGR é pioneiro, na área da Geolinguística, no que se refere à descrição de línguas indígenas.

O *Atlas Linguístico da Hispanoamerica* foi projetado por Manuel Alvar em 1980 e teve como objetivo retratar o comportamento do espanhol em território americano. O principal resultado desse atlas é o que se refere ao espanhol do Sul dos EUA na área fronteiriça com o México *(El español en sur del Estados Unidos)* publicado em 2000. Faz parte também desse grande trabalho o *El español*

en la República Dominicana e *El español en Venezuela.* Estão previstas, ainda, publicações com as análises de Alvar sobre o México, Argentina, Uruguai , Paraguai e Chile. Estes trabalhos de Alvar têm como característica principal a fidelidade à metodologia da geolinguística tradicional.

Nos próximos tópicos, tratamos de forma detalhada dos estudos dialetais e geolinguísticos desenvolvidos no Brasil, em seguida, descrevemos os estudos desenvolvidos no estado do Paraná, para assim chegarmos ao objeto de estudo desta dissertação, o Atlas Geossociolinguístico de Londrina.

3.5 Os Estudos Dialetais no Brasil

Segundo Mota; Cardoso (2006, p. 17), a primeira manifestação que se pode caracterizar, numa visão ampla, de natureza dialetal sobre o português do Brasil, ocorre no ano de 1826, e deve-se a Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, que, a serviço de Adrien Balbi, anotou algumas peculiaridades do português brasileiro para se integrar ao *Atlas Ethnographique du Globe* (1924-1925). A partir desta data, podemos considerar o início da história dos estudos dialetais no Brasil.

Antenor Nascentes (1953) divide os estudos dialetais em dois momentos. O primeiro data de 1826 – ano no qual Borges de Barros publica no livro de Adrien Balbi e se estende até 1920 – data de publicação do *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. O segundo momento vai de 1920 até os nossos dias.

Ferreira; Cardoso (1994) ampliam a periodicidade do eminente linguísta e acrescentam uma terceira fase que se iniciou em 1952 com a publicação do decreto nº. 30.643, de 20 de março de 1952 (anexo D). Para as autoras, a primeira fase coincide com a periodicidade estabelecida por Nascentes, ou seja, recobre aproximadamente um século, estendendo-se de 1826-1920, período caracterizado por estudos acerca do léxico, com ênfase basicamente na elaboração de glossários e dicionários. A título de exemplo temos o *Dicionário da língua brasileira* (1832), de Luís Maria Silva Pinto; o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), de Brás da Costa Rubim; o *Glossário paraense* (1905), de Vicente Chermont de Miranda; o *Dicionário de brasileirismos* (1912), de Rodolfo Garcia, entre outros. Neste período, surge também

uma importante obra de cunho gramatical *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil* (1879) de José Jorge Paranhos da Silva.

A segunda fase vai de 1920 – ano de publicação de *O Dialeto Caipira* – a 1952. Caracteriza-se, basicamente, como os primeiros passos da Dialetologia brasileira, por meio de trabalhos monográficos. Surge, nesta época, três importantes nomes como o de Amadeu Amaral *(O Dialeto Caipira - 1920)*, Antenor Nascentes *(O Linguajar Carioca – 1922/53)*, Mário Marroquim *(A língua do nordeste – 1934)*. Ainda nessa fase, segundo Ferreira; Cardoso (1994, p. 43), desenvolveram-se trabalhos que podem ser classificados em quatros grupos diferenciados conforme o enfoque:

i) glossários regionais como o *Vocabulário gaúcho* de Roque Callage (1926); o *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul: linguagem dos praieiros,* de Dante de Laytano (1933); o *Vocabulário Pernambucano,* de Pereira da Costa (1937).

ii) obras de caráter geral que tratam de questões mais abrangentes da língua portuguesa no Brasil como: *O português do Brasil,* de Renato Mendonça (1937), *O problema da língua brasileira,* de Sílvio Elia (1940), *A língua do Brasil,* de Gladstone Chaves de Melo (1946).

iii) estudos monográficos de caráter regional que abordam, particularmente, fenômenos específicos de dada região como: *O falar mineiro* (1938) e *Estudos de Dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás* (1944), de José Aparecido Teixeira e *A linguagem popular da Bahia* (1951), de Edson Carneiro;

iv) estudos acerca da contribuição do elemento africano à língua portuguesa das quais citamos: *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), de Jacques Raimundo e *A influência africana no português do Brasil* (1933), de Renato Mendonça.

A terceira fase tem seu início em 20 de março de 1952, data em que o governo brasileiro publicou o Decreto 30.643 (anexo D) que definia as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, dentre as quais, a primordial era a elaboração de Atlas linguístico do Brasil. Logicamente que, dentre as muitas dificuldades de colocar em prática tal desiderato, encontra-se a falta da mentalidade dialetológica entre os linguistas da época, preconizada por Silva Neto (1957).

Reconhecida também a dimensão continental do nosso país e os recursos rodoviários da época, em 1957, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, defenderam a necessidade de elaboração de atlas regionais como forma de elaborar o almejado atlas nacional.

Soma-se a esses dois linguistas, o professor Antenor Nascentes, que em 1958/61, publica as *Bases para Elaboração do Atlas linguístico do Brasil*, obra de dois volumes, na qual o autor define diretrizes gerais que orientarão o Atlas linguístico do Brasil, tais como o perfil dos informantes, escolha das localidades, estrutura dos instrumentos de coleta de dados e propõe, claramente, a importância da elaboração de atlas regionais.

Esses estudiosos passam a dar uma nova visão para o tratamento dos fenômenos da variação no Brasil, implantando um novo momento para a Dialetologia brasileira: o início da Geolinguística. Surge, dessa forma, em 1963, o primeiro atlas linguístico de um Estado brasileiro, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), de Nelson Rossi e suas colaboradoras. Segundo Cardoso (2010), essa terceira fase da história dos estudos dialetais tem como marca identificadora o começo dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Linguística, embora não fiquem ausentes desse período a produção de léxicos regionais e glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas.

Mota e Cardoso (2006), durante o IV Congresso Internacional da ABRALIN, realizado em fevereiro de 2005 em Brasília, apresentam a sistematização de uma nova divisão para os estudos dialetais brasileiros, acrescentando uma quarta fase que começou no ano de 1996, ano em que o Projeto ALiB se efetivou e passou a ter andamento com o esforço de dialetólogos de todo o País.

3.6 PARA UMA DIVISÃO DOS ESTUDOS GEOLINGUÍSTICO NO BRASIL: OS DOIS MOMENTOS

Conforme expusemos até aqui, os estudos dialetais no Brasil são sistematizados em fases, segundo Nascentes (1953), Ferreira; Cardoso (1994) e Mota; Cardoso (2006), cada uma com suas características. Quanto aos estudos geolinguísticos no Brasil, na bibliografia a que tivemos acesso, não encontramos tal sistematização. Dessa forma, apresentamos nesta dissertação a proposta de dividir a Geolinguística brasileira em dois momentos[23].

O primeiro momento tem como marco inicial a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o APFB, em 1963 e se estende até 1996 - ano em que o projeto ALiB deu início às suas atividades com o esforço de dialetólogos de todo o país. Os atlas linguísticos desenvolvidos ou projetados neste período de 33 anos seguem pressupostos metodológicos anteriores aos do ALiB, portanto divergem quanto à metodologia, ora priorizando a diatopia (EALMG, APFB, ALERS), ora incluindo outras dimensões da variação, como a diagenérica (ALPR, ALS). São trabalhos pioneiros no campo da Geolinguística brasileira que revelam o amadurecimento de uma mentalidade dialetológica já preconizada em 1957 por Silva Neto. Alguns desses atlas foram divulgados e publicados após 1996, porém pertencem ao primeiro momento devido às suas particularidades metodológicas.

O segundo momento da Geolinguística brasileira vai de 1996 até os dias atuais. Os trabalhos deste período já apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB, caminhando para uma visão pluridimensional da variação. Nas próximas seções, apresentamos as principais características dos atlas linguísticos que integram o primeiro momento. Fazemos, em seguida, a apresentação do Projeto ALiB, considerado o marco divisório em nossa proposta e, por fim, passamos à descrição dos atlas que integram o segundo momento da Geolinguística brasileira.

---

[23] Nesta dissertação, não nos detivemos na discussão sobre a Geolinguística vista apenas como método da Dialetologia ou como um ramo dos estudos dialetais, portanto, como uma disciplina. O método geolinguístico tem se desenvolvido de tal forma que, na bibliografia atual, existe toda uma metodologia já sedimentada para a elaboração de atlas linguísticos. Entendemos, desta forma, a Geolinguística com *status* de disciplina, portanto, a mencionamos com a inicial maiúscula.

3.7 MOMENTO I: OS PRIMEIROS ATLAS LINGUÍSTICOS (1963-1996)

3.7.1 O Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (1963)

O primeiro atlas linguístico brasileiro é de autoria do professor Nelson Rossi, Dinah Maria Esensée e Carlota Ferreira, foi desenvolvido entre os anos de 1960-62 com financiamento integral da Universidade Federal da Bahia e com a colaboração, Barletta, J., Freitas, J., Leite, C., Nunes, E., e Pedrosa, T. Este atlas mapeia o falar baiano da década de 1960 contemplando 16 zonas fisiográficas da Bahia numa rede de 50 pontos linguísticos. O Extrato Questionário do APFB[24] constou de 182 questões de caráter semântico-lexical que resultaram 154 cartas linguísticas com transcrição fonética, outras poucas com sinais convencionais e mais 44 cartas-resumo, além de 11 cartas introdutórias. Vale notar também que as cartas linguísticas vêm com informações etnográficas (figuras), ora com notas do discurso dos autores ora com o discurso dos informantes. Os dados das cartas referem-se à fala de 100 informantes analfabetos ou semi-analfabetos de ambos os sexos. Foram entrevistados 57 mulheres e 44 homens. A maioria dos informantes tinha entre 39-69 anos, quatro informantes de 25 anos e uma de 84 anos. Em duas localidades foram entrevistados três indivíduos, identificados como A, B, C, em um ponto linguístico (nº5 – Abrantes) foram inquiridos seis informantes e, nos pontos mais afastados, apenas um indivíduo (6 pontos). A transcrição dos dados foi realizada *in loco* devido à carência de recursos de gravação da época. Também como procedimento metodológico foi utilizado o teste de identificação quando necessário. Quanto aos resultados, as cartas lexicais que formam isoléxicas, quando confrontadas, apontam 5 subáreas dos falares da Bahia: i) zona de Barreiras, Baixo Médio São Francisco e Sertão de São Francisco; ii) Zona do Nordeste, atingindo até o sul, com certa penetração para o centro; iii) Zona do Nordeste, Litoral Norte e Recôncavo; iv) Região Sul; v) Zona Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina.

[24] Quanto ao Questionário do APFB, Ferreira (1998) assim se expressa: “Sem modelo precedente no Brasil para espelhar-se, adaptando-o à realidade baiana, o questionário usado para o APFB foi elaborado a partir de experiências dialetais anteriores [...] nos anos de 1958 e 1959 aplicaram-se questionários de mais de 3.000 perguntas divididos em quatro grandes áreas semânticas: Terra, Vegetais, Homem e Animais a informantes rurais de quatro localidades do interior do Estado: Bom Despacho (1958), São José das Itapororocas, Tanquinho e São Vicente (1959). A partir da análise das respostas fornecidas pelos informantes nestas quatro localidades, o que proporcionou um estudo detalhado de várias lexias, elaborou-se o propriamente denominado Extrato de Questionário (EQ)” (FERREIRA, 1998, p. 17).

3.7.2 Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977)

Passados catorze anos da publicação do APFB, outros atlas linguísticos foram desenvolvidos. O segundo deles foi o Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais, de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Gaio. Esse atlas foi projetado para ser publicado em quatro volumes. O volume I foi publicado em 1977 e os outros estariam em fase de elaboração[25]. Esse atlas teve um questionário próprio com 415 questões aplicado por meio da pesquisa *in loco* em 116 pontos linguísticos. Com finalidade complementar os dados constatados pelos inquéritos diretos, em 302 localidades os inquéritos foram feitos por correspondência. Este primeiro e único volume do EALMG traz os resultados da pesquisa realizada diretamente e contém 73 cartas linguísticas das quais 45 são onomasiológicas de caráter lexical e léxico-fonético e 28 cartas são de isófonas e de isoléxicas.

Nesse atlas, não houve o controle sistemático das variáveis sociais, pois os informantes poderiam ser homens ou mulheres com a idade entre 30 e 50 anos, preferencialmente analfabetos ou com o máximo de escolaridade até quarta série do primeiro grau (hoje quinto ano do Ensino Fundamental). Entretanto, conforme se percebe na apresentação do atlas, quase todos os informantes são homens, num ou noutro ponto foi entrevistada uma informante do sexo feminino, mantendo-se, pois, os critérios da Dialetologia tradicional ou monodimensional. Apesar de o perfil do informante, na prática, seguir o critério tradicional, vale notar que o EALMG atingiu grandes, médias e pequenas cidades, além dos lugares mais afastados do sertão mineiro. Os dados do EALMG revelam a existência de três falares no território mineiro: i) o falar paulista do Sul e Triângulo Mineiro; ii) o falar baiano do Norte e iii) o falar mineiro que compreende a região formada pelas Zonas Metalúrgica, da Mata e das Vertentes.

3.7.3 Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984)

O terceiro atlas linguístico regional publicado, de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza de Bezerra de Menezes, e parte de um projeto maior “Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano”, foi planejado

[25] Com o falecimento de Zágari, em 2010, é bem provável que devido possivei dificuldades da equipe, o EALMG não tenha os demais volumes publicados.

para ser divulgado em três volumes, dos quais somente os dois primeiros encontram-se publicados. As pesquisadoras entrevistaram de 3 a 10 informantes em 25 localidades selecionadas para a pesquisa. Foram entrevistados homens e mulheres que se enquadravam na faixa de 30 a 75 anos, naturais da região e com pouca instrução escolar. Esses informantes responderam a dois questionários, um geral com 289 questões e um específico com 588. A inovação desse atlas é quanto ao método de coleta, pois a pesquisa foi realizada *in loco* e gravadas com o auxílio de gravadores portáteis. O primeiro volume é composto de 149 cartas (lexicais e fonéticas) e o segundo apresenta a análise de fenômenos fonéticos e morfossintáticos, além de um glossário. Segundo Aragão (2005, 76), o terceiro volume está com o material coletado aguardando condições de elaboração. Sobre a riqueza do material documentado, Aragão (2005, p. 82) faz as seguintes considerações: “O material colhido para a elaboração do Atlas Linguístico da Paraíba, por sua riqueza em quantidade a qualidade, permite análises diversas, do nível fonético-fonológico ao semântico; do léxico ao morfo-sintático”.

3.7.4 Atlas Linguístico do Sergipe - ALS (1987)

Trata-se de uma continuação do APFB devido ao fato de o estado do Sergipe, segundo Nascentes, estar dentro do falar baiano, tanto que os 15 pontos investigados começam no número 51, dando continuidade à numeração do atlas de Rossi que vai de 1 a 50. Esse atlas também foi realizado por um grupo de pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia: Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rolembeg orientadas pelo professor Nelson Rossi. Apesar de, em 1973, o atlas já estar pronto para publicação, devido à falta de auxílio financeiro, veio a se tornar público somente em 1987. O ALS apresenta alguns avanços metodológicos em relação ao APFB, no que se refere ao questionário que foi expandido para 700 questões, o uso de gravadores na coleta de dados e o controle sistemático da variável gênero. Em cada uma das localidades foram entrevistados um homem e uma mulher de 35 a 52 anos, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade. Segundo Thun (2000) esse atlas enquadra-se entre os primeiros considerados como pluridimensional:

> "Les premiers représentants d'um atlas linquistique systématiquement pluridimensionnel sont l'*Atlas Linguístico de Sergipe*, Bahia, 1987, de Carlota da Silveira Ferreira *et alii*, le microatlas aranéen contenu dans la monographie de Otto Winkelmann (1989) e l'Atlas Linguístico do Paraná (ALP), Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera [...]."[26] (THUN, 2000, p. 375)

A cartografação do ALS seguiu aos itens coincidentes com o APFB, ficando, pois, um volume grande de informação a que, mais tarde, Cardoso (2002) daria um tratamento, publicando o segundo volume, o ALS II, do qual trataremos mais adiante.

3.7.5 Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (1994)

Como resultado de sua tese de doutoramento em Letras pela UNESP (Assis, 1990), Vanderci de Andrade Aguilera publica, em 1994, o Atlas Linguístico do Paraná, apresentado-o em dois volumes. O volume 1 traz informações metodológicas tais como a descrição das localidades, apresentação das cartas e um glossário das formas cartografadas. No segundo volume, está um conjunto de 92 cartas lexicais, 70 cartas fonéticas e 29 cartas que oferecem o traçado de isoglossas. A professora Vanderci Aguilera e suas colaboradoras percorreram 65 municípios paranaenses aplicando um questionário de 325 questões a dois informantes em cada localidade, um homem e uma mulher, de 30 a 60 anos, naturais da região linguística, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade. A pesquisa também foi realizada com o auxílio de gravadores de áudio possibilitando a transcrição *a posteriori*. Outro aspecto metodológico positivo do ALPR é a preocupação em incluir no instrumento de coleta de dados questões coincidentes com os atlas linguísticos até então publicados, o que permite um estudo comparativo. Assim como o ALS, um grande número de questões não foram cartografadas, ficando, pois, a cargo de Altino (2007) dar um tratamento aos dados ainda inéditos do ALPR.

---

[26] Os primeiros representantes de um atlas linguístico sistematicamente pluridimensional são o *Atlas Linguístico de Sergipe,* Bahia, 1987, de Carlota da Silveira Ferreira et al, o microatlas do Val d"Aran contido na monografia de Otto Winkelmann (1989) e o *Atlas Linguístico do Paraná (ALP)*, Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera [...]. (TN)

3.7.6 O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS (2002/2011)

Apesar de publicado em 2002 e 2011, o ALERS surgiu na década de 1980 e foi desenvolvido pelo professor Walter Koch com a colaboração de Mário Klassmann (UFRGS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), José Luiz da Veiga Mercer (UFPR), Oswaldo Furlan (UFSC), Hilda Gomes Vieira (UFSC) e Felício Wessling Margotti (UFSC). O ALERS é o único atlas brasileiro que recobre toda uma região administrativa do Brasil, três estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). O questionário do ALERS é composto por 700 questões que desdobradas chegam a 1000 itens, contemplando os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. A rede de pontos linguísticos compreende a zona rural (Paraná com 100 pontos; Santa Catarina, 80; Rio Grande do Sul, 95) e a zona urbana (6 pontos no Paraná, 7 em Santa Catarina e 6 no Rio Grande do Sul) totalizando 294 pontos de inquérito. Em cada localidade foi entrevistado um informante principal do sexo masculino acompanhado por uma informante auxiliar do sexo feminino, geralmente esposa ou mãe, analfabetos ou com máximo de escolaridade até a 4ª série do primário (hoje 5º do Ensino Fundamental). Em 2002, foram publicados os primeiros volumes. No volume 1, encontram-se além da introdução, informações metodológicas do trabalho, tais como rede de pontos, perfil dos informantes, a leitura das cartas linguísticas etc.; e o volume 2 apresenta os primeiros resultados fonéticos e morfossintáticos por meio de 174 cartas linguísticas das quais 70 são cartas fonéticas e 104 morfossintáticas[27]. O terceiro volume do ALERS, recentemente publicado pelas editoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta os dados lexicais. No total, são apresentadas 374 cartas semântico-lexicais contemplando todas as áreas semânticas do questionário. Constam ainda deste volume a introdução, os mapas auxiliares, anexos e um índice remissivo. O ALERS trouxe uma inovação aos estudos geolinguísticos quanto ao método cartográfico totalmente informatizado. Assim, para cartografar foi utilizado um programa computacional que permite visualizar na legenda gráficos e traçados de isoglossas. Entretanto, vale notar que este atlas é considerado monodimensional por não trazer na sua cartografia informações dos dois gêneros, privilegiando, dessa forma, somente a diatopia.

[27] Os dois primeiros volumes reeditados e reunidos em uma única edição em 2011. A segunda edição apresenta 53 cartas fonéticas e 94 cartas morfossintáticas.

3.7.7 Atlas Linguístico do Ceará (2010)

O Atlas Linguístico do Ceará – ALCE – foi publicado recentemente em 2010, porém, projeto que vem sendo desenvolvido desde 1978 por pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, coordenado por José Rogério Fontenele Bessa. Esta obra é composta por dois volumes: o primeiro contendo uma introdução, antecedentes históricos e as orientações teóricas e metodológicas seguidas. O segundo volume consta de 256 cartas lexicais e fonéticas que mapeiam o resultado da pesquisa junto a 70 localidades cearenses. O questionário do atlas consta de 306 questões de caráter semântico-lexical aplicado a quatro informantes em cada localidade. Levou-se em consideração a variável faixa etária, entrevistando informantes de 30 a 60 anos, de ambos os sexos, analfabetos e com o ensino fundamental completo. Dessa forma, com a publicação do ALCE, podemos concordar com Brandão (1991), ao afirmar que este atlas é “um instrumento capaz de fornecer dados para a reformulação do ensino de língua portuguesa” (BRANDÃO, 1991, p.64), além de revelar as características do falar cearense.

3.7.8 Atlas Linguístico de Sergipe II (2005)

Como resultado de sua tese de doutoramento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Suzana Alice Marcelino Cardoso, em 2005, publicou o ALS II. A autora deu um tratamento geolinguístico aos dados coletados na década de 1960 que não foram aproveitados para a elaboração do ALS (FERREIRA, et al., 1987), mais especificamente a área semântica do Homem que compreende das questões 144 a 381. Esta obra é composta de dois volumes, o primeiro contendo uma introdução, os aspectos metodológicos e comentários às cartas linguísticas e o segundo volume constando de três cartas introdutórias e 105 cartas semântico-lexicais. Este atlas, conforme Cardoso (2005), é um ‘atlas de segunda geração’, pois avança para a interpretação de alguns fenômenos registrados. Apresenta gráficos de frequência, notas e comentários dos informantes, quando necessário, e figuras dos referentes perguntados em algumas cartas, além das transcrições fonéticas no verso de cada carta.

3.7.9 Atlas Linguístico do Paraná II (2007)

Fabiane Cristina Altino defendeu sua tese de doutoramento em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2007, apresentando o Atlas Linguístico do Paraná II. Na sua tese, a autora cartografou os dados coletados ainda inéditos do ALPR (1994), de Vanderci de Andrade Aguilera. Como a maioria dos trabalhos desta natureza, Altino apresenta a tese em dois volumes, o primeiro contendo a introdução e aspectos teórico-metodológicos da pesquisa e o segundo com 125 cartas lexicais, 50 cartas fonéticas e duas cartas dialectométricas. A numeração das cartas segue a ordem do ALPR, continuando do número 192 a 368, portanto, este atlas contém 177 cartas. O método dialectométrico empregado foi o aspecto inovador e pioneiro desse atlas o que gerou as cartas 367 e 368, indicando respectivamente, os valores do Índice Relativo de Distância (IRD) e do Índice Relativo de Identidade (IRI) entre os falares paranaenses no que se refere ao léxico. Segundo a autora (2009, p. 59): “A tarefa de seleção dos conteúdos e a adequação textual pertinentes à editoração estão se iniciando e, em breve o Paraná, assim como Sergipe, terá dois atlas linguísticos publicados.”

3.7.10 Atlas Regionais Iniciados, mas não Concluídos

O Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP) e o Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC) são dois projetos de atlas linguísticos que existiam antes mesmo do início das atividades do Projeto ALiB, em 1996, porém por motivos diversos não foram concluídos. A seugir descrevemos sucintamente esses dois projetos:

3.7.10.1 Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP)

O ALESP é um projeto de atlas que se encontra suspenso, “por questões diversas, relacionadas, sobretudo, a vicissitudes ligadas à equipe” (ISQUERDO, 2006, p. 82-83). É um projeto idealizado pelo professor Pedro Caruso, grande incentivador das pesquisas geolinguísticas no Brasil. Desde 1988, os dados estão coletados esperando tratamento. Foram inquiridas 100 localidades do estado junto a dois informantes (homem e mulher) em cada ponto linguístico da rede. O questionário do ALESP foi publicado em 1982 e compõe-se de 317 questões

divididas em duas áreas semânticas (Homem com 149 e Terra com 161). Somam-se ao final do questionário seis questões sobre lendas e superstições e uma de relato pessoal. Vale notar que o Atlas Linguístico do Estado de São Paulo influenciou a elaboração de outros atlas como o Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (AGUILERA, 1987), o Atlas linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) e o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007). Entre os dialetólogos brasileiros, ressente-se a não conclusão deste atlas que, segundo Isquerdo (2006, p. 83):

> representa uma lacuna nos estudos dialetológicos brasileiros, em virtude da importância do estado de São Paulo na história social da colonização e do povoamento de diferentes estados da Federação, entre outros, o Paraná, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. O cruzamento dos dados do ALESP com os documentados nesses Estados poderia contribuir para a definição de isoglossas a respeito de traços fonéticos ou lexicais que, por sua vez, poderia refletir diferentes momentos da história do Brasil que marcaram o sistema de povoamento desses Estados, como o movimento de entradas e bandeiras (séc. XVI e XVII), o ciclo do tropeirismo que se inicia no século XVII, dentre outros."

3.7.10.2 Atlas Linguístico do Acre (ALAC)

Não são muitas as informações que temos sobre este projeto de atlas até hoje não concluído. Este projeto de atlas tinha como coordenadora Luíza Galvão Lessa da Universidade Federal do Acre. A ideia do projeto do ALAC surgiu em 1988 sob a orientação do então professor de Dialetologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Celso Cunha. Daquela data até 1998 o projeto contava com 176 horas de gravações do Questionário Geral referentes a três localidades: Vale do Acre, do Vale do Juruá e do Vale do Purus e 324 horas de gravações com o Questionário Específico. De acordo com Lessa (1998, p.138), este projeto faz parte de um projeto maior, o CEDAC (Centro de Estudos Dialetológicos do Acre) que abriga, além do ALAC, mais três projetos: *o Norma Urbana Culta de Rio Branco – NUC* (1990), o *Estudo Etnolinguístico do povo Arara – ARARA* (1992) e o projeto *O homem e o meio ambiente acreano: a linguagem como expressão de cultura - HOMO* (1996). Os resultados das pesquisas foram disponibilizados para os pesquisadores pela publicação de *Cadernos* específicos para cada área.

Temos informações de que a professora Maria do Socorro Aragão da Universidade Federal Paraíba, por ocasião da 59ª Reunião do SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), realizada em Belém em julho de 2007, apresentou uma nova proposta para a concretização do Atlas Linguístico do Acre (ALiAC), formando uma nova equipe que elaborará uma nova coleta de dados por regiões, sob metodologia única aos moldes do projeto ALiB[28].

3.8 Novos Rumos da Geolinguística Brasileira: O Projeto ALiB - (1996)

Concretizada a mentalidade dialetológica entre os estudiosos, como se observa, os cinco primeiros atlas linguísticos estaduais diferem quanto à metodologia adotada. Por exemplo, o APFB, o EALMG e o ALPB podem ser considerados como atlas monodimensionais, pois não apresentam na cartografia variáveis sociais, privilegiando a dimensão diatópica. Já, com o ALS e o ALPR, a variável gênero recebeu uma atenção especial, não somente na coleta de dados, como também na cartografia, sendo possível, dessa forma, identificar as respostas dos homens e das mulheres em suas cartas, trata-se, pois de atlas bidimensionais.

A falta de uniformidade metodológica desses atlas não permite, em alguns casos, estudos comparativos e contrastivos que revelem uma visão geral da língua falada no Brasil. Dessa forma, em novembro de 1996, na ocasião do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* ocorrido em Salvador/BA, dialetólogos de todo o país, assessorados pelo pesquisador francês Prof. Michel Contini, da Universidade de Grenoble, reuniram-se e decidiram assumir o grande desafio de elaborar um atlas nacional, retomando a ideia dos eminentes linguistas brasileiros do início da segunda metade do século XX. Este atlas, assim, possuiria uma metodologia única e revelaria a realidade linguística brasileira. Estava implementado, pois, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Este projeto interinstitucional, sediado na Universidade Federal da Bahia, sob a presidência da Drª. Suzana Alice Marcelino Cardoso, e coordenado por um Comitê Nacional, envolve quinze instituições universitárias brasileiras. Tem como objetivo principal descrever a variante brasileira da língua portuguesa nos níveis

[28] Informações constantes do texto publicado nos Anais do 59ª Reunião do SBPC, disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/59ra/pdf/AragaoAtlas.pdf Acesso: 13/04/11.

fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e pragmático-discursivo sob a perspectiva da Dialetologia pluridimensional.

Para tanto, tem aplicado questionários a informantes de duas faixas etárias (18-30 e 50-65 anos), de ambos os sexos, em todo o território nacional (interior e capital). Em cada localidade do interior entrevistam-se quatro informantes de nível fundamental e nas capitais somam-se a estes quatro informantes de nível superior.

No total, o *corpus* do projeto constará de um volume de gravações que revelarão características da língua falada no século XXI por 1100 brasileiros. Atualmente, 229 dos 250 pontos linguísticos selecionados pelo projeto, estão com dados coletados e em fase de transcrição e revisão. Quinze localidades não estão iniciadas e seis localidades estão parcialmente com dados coletados. Vale notar que o volume I do atlas, que se refere aos dados das capitais, está em fase de elaboração[29].

A partir da implementação do Projeto ALiB em 1996, os estudos geolinguísticos no Brasil tomaram novo fôlego. Atualmente, ao quadro dos atlas linguísticos estaduais publicados, os já citados APFB (1963), EALMG (1977), ALPB (1984), ALS (1987), o ALPR (1994), ALS II (2007), ALCE (2010) somam-se quatro atlas estaduais (ALPR II, ALiSPA,. ALMS, ALAM) e um regional (ALERS). O ALPR II e ALERS já foram apresentados por empregarem uma metodologia anterior ao ALiB, pertencendo ao primeiro momento da Geolinguística brasileira.

3.9 Momento II: no Caminho da Pluridimensionalidade (a Partir de 1996)

Apresentamos, nas próximas seções, os atlas que dão início a um segundo momento dos estudos geolinguísticos no Brasil, ou seja, aqueles que têm influência da metodologia do ALiB, seja na definição da rede de pontos, perfil dos informantes ou no instrumento de coleta de dados. São atlas de diversas regiões brasileiras, portanto, diferem quanto a alguns aspectos metodológicos, entretanto caminham rumo à descrição pluridimensional da variação linguística.

[29] Para mais informações do Projeto ALiB, acesse: http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome Dados consultados em 19-12-11.

3.9.1 Atlas Estaduais Publicados

3.9.1.1 Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004)

Se com o ALERS (2002) os estudos geolinguísticos deram um passo à frente no que se refere à cartografia informatizada, com o ALiSPA, de autoria de Abdelhak Razky, é possível ouvir a fala dos informantes.

Esse atlas inaugura a terceira geração de atlas linguísticos, segundo Cardoso (2010), a geração dos 'atlas falantes'. O ALiSPA faz parte de um projeto maior: o Projeto Atlas Geo-sociolinguístico do Pará, em andamento. Com base nos dados coletados por meio da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB, composto de 157 questões, Razky organizou um CD-ROM com o qual é possível cruzar informações gerando 600 cartas informatizadas nas quais visualizam-se as transcrições fonéticas e também é possível ouvir da fala dos informantes, além de propiciar o cruzamento de informações das variáveis obtendo gráficos de frequência.

A rede de pontos linguísticos do ALiSPA é composta por 10 cidades que representam seis mesorregiões do Pará: 1. Santarém (Mesorregião do Baixo Amazonas), 2. Breves (Mesorregião Marajó), 3. Belém (Mesorregião Metropolitana de Belém), 4. Bragança, Cametá e Abaetetuba (Mesorregião Nordeste Paraense), 5. Itaituba e Altamira (Mesorregião Sudoeste Paraense), 6. Marabá e Conceição do Araguaia (Mesorregião Sudeste Paraense). Em cada ponto linguístico foram entrevistados quatro informantes com a escolaridade máxima até o quinto ano do Ensino Fundamental e distribuídos equitativamente segundo a variável sexo.

3.9.1.2 Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007)

Organizado por Dercir de Gomes de Oliveira e elaborado por Albana Xavier Nogueira, Aparecida Negri Isquerdo e Maria José Gomes, o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul constitui o primeiro atlas linguístico da região Centro-Oeste publicado. O ALMS conta com uma rede de 32 pontos linguísticos e com os dados referentes à fala de 128 informantes analfabetos e/ou até o quinto ano do ensino fundamental de ambos os sexos. O questionário usado consta de 557 questões de caráter semântico-lexical e fonético. Este atlas é composto por 207 cartas linguísticas, das quais 47 são fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.

Consta também a introdução, orientações metodológicas para a leitura das cartas, e no final da obra algumas considerações sobre o léxico e fotos do trabalho de campo. As cartas linguísticas foram geradas de modo informatizado por meio da utilização do programa computacional SPDGL (Sistema de Processamento de Dados Geolinguísticos)

3.9.2 Atlas Regionais Concluídos, mas não Publicados

Ao quadro dos dez atlas estaduais brasileiros publicados, somam-se mais dois ainda inéditos, Atlas Linguístico do Amazonas e o já citado Atlas Linguístico do Paraná II, ambos defendidos como tese de doutoramento.

3.9.2.1 Atlas Linguístico do Amazonas (2004)

Maria Luíza de Carvalho Cruz defendeu em 2004 sua tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre o Atlas Linguístico do Amazonas, apresentando-o em dois volumes. O primeiro volume traz a parte introdutória e teórico-metodológica da pesquisa e no segundo volume a autora apresenta 257 cartas linguísticas, das quais 107 cartas são fonéticas e 150 semântico-lexicais. A autora do atlas percorreu nove pontos linguísticos do Amazonas entrevistando seis informantes, em cada ponto, de ambos os sexos pertencentes a três faixas etárias distintas: 18 a 35; 36 a 55 e 56 a 75 anos, todos de no máximo ensino fundamental de instrução (5º ano) aos quais foi aplicado um questionário fonético-fonológico com 162 questões e um semântico-lexical com 329, além da gravação de elocuções livres que subsidiarão posteriores pesquisas na área da morfossintaxe e da prosódia.

3.9.3 Atlas Regionais em Andamento

Outros projetos surgiram inspirados no ALiB por trazer uma sólida metodologia para as pesquisas geolinguísticas desenvolvidas no País. Como exemplos, temos o Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA), o Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO), o Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT), o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN),e o Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES). Segundo Isquerdo (2006, p.79): “Esses

projetos, em sua grande maioria, pautam-se nos princípios emanados da Dialectologia contemporânea, que se preocupa com o estudo da variação espacial aliada à variação social". A seguir apresentamos algumas características gerais desses projetos de atlas, a que tivemos acesso.

3.9.3 1 O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA)

Coordenado pelo já citado professor Abdelhak Razky, o ALiPA é um atlas linguístico que tem, marcadamente, um viés sociolinguístico, pois consideram-se informantes de três classes sociais (baixa, média e alta) e de três faixas etárias (15-25, 16-49 e mais de 50 anos), de escolaridade nula, de ensino fundamental e ensino médio e ambos os sexos, na zona urbana. São realizadas também entrevistas na zona rural com informantes pertencentes a duas faixas etárias (18-30 e de 40 a 70 anos), com escolaridade até o máximo 5º ano do ensino fundamental, também com homens e mulheres. A rede de pontos é constituída, dessa forma, por 57 localidades disseminadas em 16 mesorregiões do estado do Pará.

3.9.3.2 Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)

Uma equipe de cinco pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia, coordenados pela Drª. Iara Maria Teles, estão elaborando o Atlas Linguístico de Rondônia, guiados pelos pressupostos metodológicos do ALiB, o que possibilitará posteriormente estudos comparativos. A rede de pontos compreende 15 localidades (12 municípios e 3 distritos) abrangendo três regiões do estado. Em 2009, a coleta de dados estava praticamente concluída e, atualmente, os dados estão sendo transcritos e revisados. Segundo Teles (2009), pretende-se publicar o ALiRO em formato digital sob a supervisão de dois importantes dialetólogos brasileiros: Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina e Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará.

3.9.3.3 Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

O Projeto do ALiMA, aprovado em 2002, está sendo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão, sob a liderança da

professora Conceição de Maria de Araújo Ramos. Segue os pressupostos metodológicos do ALiB, sendo, porém, ampliado o instrumento de coleta com um questionário específico para registrar as características marcadamente regionais, além da inclusão de nove localidades às já selecionadas pelo ALiB. Os dados foram coletados e encontra-se em fase de transcrição e revisão.

3.9.3.4 Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN)

Projeto em fase de implementação, coordenado pela professora Maria das Neves Pereira, da Universidade de Potiguar (UnP), conta com uma rede de pontos composta de 11 localidades. Segundo Pereira (2007, p. 27), o projeto conta com 80% dos inquéritos experimentais aplicados. Os inquéritos definitivos do litoral já foram concluídos, constituindo o objeto da tese de doutoramento da autora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – O Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar. Foi adotada a metodologia do ALiB com algumas adaptações quanto à faixa etária dos informantes e os instrumentos de coleta de dados.

3.9.3.5 Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT)

O projeto do Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso – ALiMAT é coordenado pelo professor José Leonildo Lima. Além do professor, participam do projeto as professoras Cássia Regina Tomanin e Valéria Faria Cardoso. Este atlas seguirá a metodologia do ALiB, no que se refere ao perfil dos informantes e instrumentos de coleta de dados (com adaptações). Inicialmente haviam selecionado 22 pontos, depois de uma revisão criteriosa, alguns pontos foram excluídos por não contemplarem a metodologia adotada. Assim, o projeto ficou circunscrito a 16 localidades, a saber: Alto Garças, Aripuanã, Barra do Bugres, Barra do Garças, Cáceres, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Diamantino, Itiquira, Paranatinga, Poconé, Rondonópolis, Rosário Oeste, São Félix do Araguaia, Tesouro, Vila Bela da Santíssima Trindade, alguns coincidentes com o ALiB, o que possibilitará estudos comparativos de várias naturezas. O projeto teve uma parte financiada pela Universidade do Estado de Mato Grosso e outra está sendo custeada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT. O projeto

está em andamento. Foram coletados dados em 10 pontos e a equipe pretende terminar a coleta dos outros seis pontos até julho do corrente ano[30].

3.9.3.6 Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES)

Este atlas é coordenado por Catarina Vaz Rodrigues da Universidade Federal do Espírito Santo, e assessorado pela Drª. Vanderci de Andrade Aguilera da UEL. O ALES encontra-se em fase de coleta e de transcrição dos dados. Foram inquiridos homens e mulheres de 30 a 55 anos de escolaridade máxima até o 5º ano do Ensino Fundamental distribuídos por 30 localidades do Estado. Foram adotados os questionários do ALiB com as necessárias alterações, além de um questionário de aspectos específicos do estado do Espírito Santo.

3.9.4 Atlas Estaduais Projetados

Há notícias de quatro projetos de atlas estaduais em diferentes estágios de andamento, a seguir apresentados e brevemente descritos:

i) O Atlas Linguístico-sonoro do Estado do Rio de Janeiro, idealizado por Cláudia Cunha, pesquisadora do projeto ALiB e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está em fase de implementação. Este atlas adotará o QFF do ALIB, aplicado a uma rede de pontos composta por 24 localidades, contemplando 8 microrregiões do Estado do Rio. Em cada localidade serão inquiridos 4 informantes de nível fundamental (máximo 5º ano), de ambos os sexos, pertencentes a duas faixas etárias: 18-50 anos e de 50 anos em diante. Este projeto visa à publicação em CD-ROM, por meio do qual será possível ouvir a fala dos informantes, integrando imagem, texto e som, constituindo-se, pois, um atlas de terceira geração.

ii) Temos notícias do projeto do Atlas Linguístico do Estado do Piauí apresentado pela professora Maria do Socorro Silva de

[30] Informações obtidas via correio eletrônico com o coordenador do projeto em 18/04/11.

Aragão e coordenado pelo professor Luiz Egito de Souza. O projeto está em fase inicial de elaboração e seguirá a mesma metodologia do Atlas Linguístico do Brasil com as adaptações necessárias, além de questionários específicos que contemplem as principais manifestações artístico-culturais e os produtos agrícolas do Estado do Piauí[31].

iii) O Atlas Linguístico do Pernambuco (ALiPE): do arrecife dos navios à califórnia sertaneja é um projeto de doutoramento apresentado por Edmilson José de Sá ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Drª. Maria do Socorro Silva de Aragão. A proposta prevê 22 pontos de inquéritos, dos quais 10 já foram realizados de acordo com a metodologia do ALiB. Além dos questionários do ALiB, consta um questionário com 41questões específicas do estado sobre folguedos e danças (frevo e maracatu) e artesanato (renascença e barro)[32].

iv) O Atlas Linguístico do Acre (ALiAC) é um projeto coordenado pelas professoras Lindinalva Messias do N. Chaves, da Universidade Federal do Acre e Maria do Socorro Silva de Aragão, da Universidade Federal da Paraíba. A proposta é coletar dados em 22 localidades, junto 92 informantes naturais da região linguística, de ambos os sexos, alfabetizados até no máximo o quinto ano do Ensino Fundamental. Os informantes devem enquadrar-se em duas faixas etárias: faixa I: de 18 a 30 e faixa II: 45 a 60 anos. A pesquisa utilizará os questionários elaborados pela equipe do Projeto ALiB. Serão elaborados e aplicados, também, questionários sobre as principais manifestações culturais e os principais produtos agrícolas do Estado. Ainda não foi realizado nenhum inquérito e até o

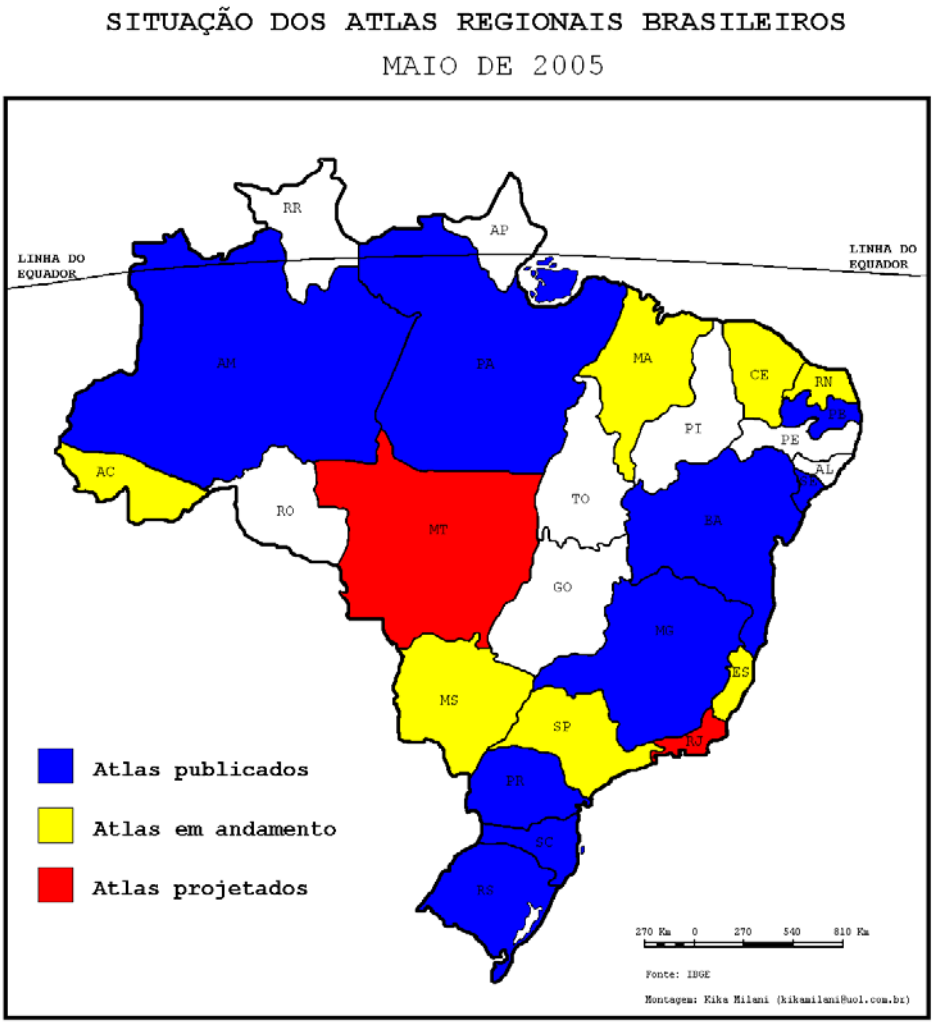
[31] Disponível em: http://www.lingv.ro/resources/scm_images/RRL-12-2008-Socorro-Aragao.pdf Acesso em: 12/04/11.

[32] Informações obtidas via correio eletrônico fornecidas pelo pesquisador em 13/04/11. O autor criou um blog onde posta informações sobre as fases do projeto em andamento, bem como fotos do trabalho de campo e textos sobre o falar pernambucano: http://alipeedmilsonjsa.blogspot.com/

momento foi apenas feito um treinamento com o os alunos que serão auxiliares na pesquisa.[33]

Como se percebe, atualmente, é grande o avanço dos estudos geolinguísticos em todo o Brasil. Aguilera (2006) faz um balanço desses estudos apresentando um mapa que revela a situação dos atlas regionais, em maio 2005, reproduzido na Figura 20.

Figura 20 – Mapa apresentado por Aguilera

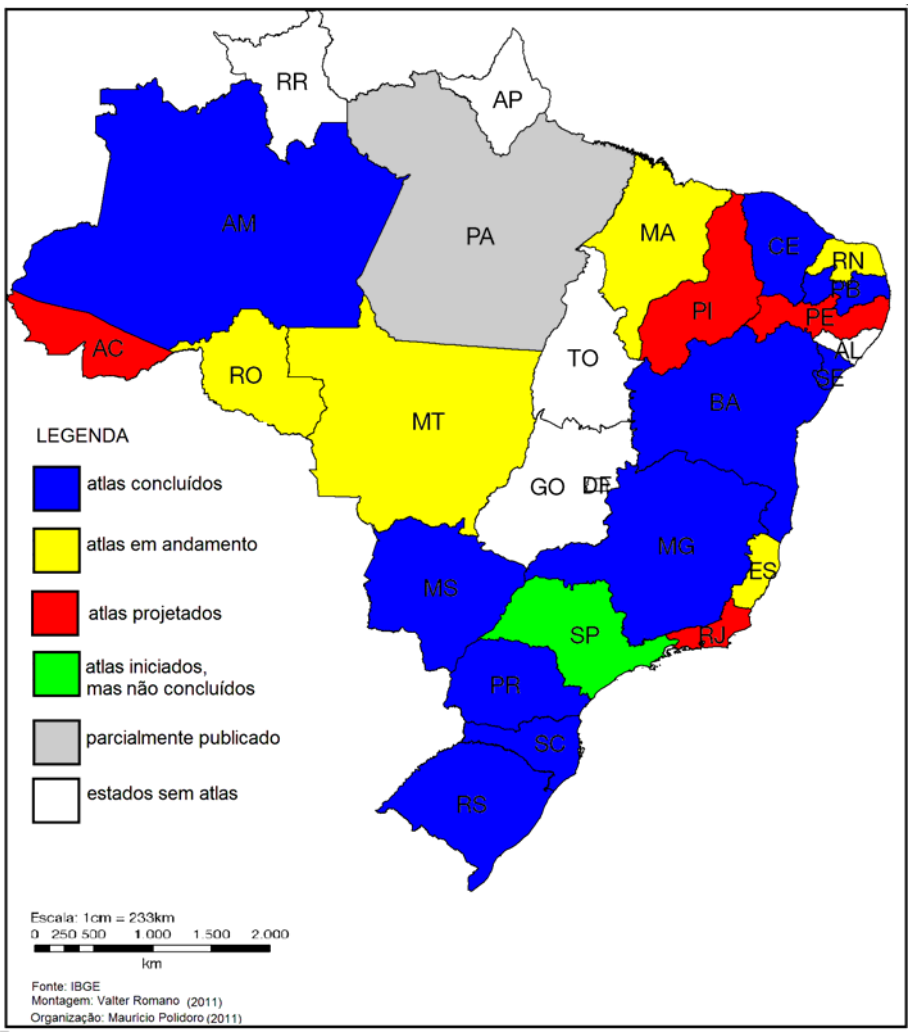


Na época, havia oito estados contavam com atlas linguísticos, sete estavam com atlas em andamento e dois com atlas projetados. Com base no que foi descrito sobre os estudos geolinguísticos brasileiros até o momento, elaboramos um

[33] Informações obtidas via correio eletrônico fornecidas pela coordenadora do projeto Maria do Socorro Silva de Aragão em 20/12/11.

mapa semelhante ao de Aguilera (2006), porém atualizado com informações recentes. Consideramos, neste mapa, apenas o ALESP como atlas interrompidos, ou seja, iniciados, mas não concluídos, conforme se observa na Figura21, visto que para o estado do Acre, atualmente, existe um novo projeto de atlas linguístico.

Figura 21 – Situação dos atlas estaduais brasileiros (dezembro/2011)



Em 2011, o número de Estados que não possuem atlas diminuiu para cinco. O Atlas Linguístico do Mato Grosso, que até 2005 era um projeto, começou a ser desenvolvido. Atlas, antes em andamento, como, por exemplo, o ALMS e o ALCE, em 2011, já se encontram publicados. E estados do Piauí e Pernambuco onde não havia projeto de atlas, em 2005, passaram à categoria de atlas projetados. Soma-se a estes, o Estado do Acre com uma nova proposta feita pela profª. Maria do Socorro Silva Aragão. Temos ainda o Pará que se encontra parcialmente publicado, pois o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA) foi

publicado em 2002 e o Atlas Geo-sociolinguístico do Pará está em andamento. Assim, além dos 10 estados representados pela cor azul, somam-se mais dois atlas estaduais: ALS II e o ALPR II.

Portanto, a Geolinguística brasileira conta, hoje, com 11 atlas estaduais concluídos (APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, ALiSPA, ALS II, ALAM, ALMS, ALPRII, ALCE) dois destes, até o presente momento, não publicados, o ALAM e o ALPR II. Temos um atlas regional concluído, o ALERS, e seis atlas estaduais em andamento (ALES, ALiMAT, ALiRO, ALiPA, ALiMA, ALiRN), somam-se ao panorama da Geolinguística brasileira quatro atlas estaduais projetados (ALiSon-Rio, ALiPE, ALiPI e ALiAC) além dois atlas interrompidos (ALESP e ALAC[34]).

Além desses atlas linguísticos que abrangem os estados ou uma região da Federação, existem os atlas de pequeno domínio, que contemplam determinada região dentro do estado ou um município, os quais apresentamos nas próximas páginas.

3.9.5 Atlas de Pequeno Domínio[35]

A efetivação do projeto ALiB, sem dúvida, tem influenciado o desenvolvimento da mentalidade dialetológica que vem se instaurando nas universidades brasileiras (UFBA, UFPA, UEL, UFRJ, USP, UFMS), sobretudo, devido ao incentivo de pesquisadores da área à elaboração de atlas de pequeno domínio, seja como monografias de especialização, dissertações de mestrado ou teses de doutorado[36].

Esses trabalhos vêm complementar as pesquisas de maior envergadura, revelando aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos de maneira mais pormenorizada da língua falada em determinada região. Atualmente contamos com 21 atlas de pequeno domínio que contemplam diversas regiões brasileiras os quais apresentamos no quadro Quadro 1, identificando o título do trabalho, o ano de

---

[34] O ALAC não foi representado no mapa devido à escassez de informações sobre o projeto inicial da profª. Luíza Galvão Lessa.

[35] Dentre os atlas de pequeno domínio, o EALLO é o único que empregou metodologia anterior ao ALiB, pois foi elaborado em 1985/86. portanto, pertence ao primeiro momento da Geolinguística brasileira, com foco na dimensão diatópica, ou seja, trata-se de um atlas monodimensional.

[36] Temos notícia de um projeto de iniciação científica, orientado pelo prof. Abdelhak Razky da UFPA, de autoria de Arlon Francisco Carvalho Martins que realizou o estudo: *Variação lexical fonética na ilha de Marajó* apresentando os resultados em 106 cartas linguísticas. O texto do autor está disponível no seguinte endereço: http://www2.ufpa.br/rcientifica/ed_anteriores/pdf/ed_04_afcm.pdf

elaboração, o autor, a instituição em que desenvolveu, a natureza do trabalho (dissertação, monografia, tese).

Quadro 1 – Atlas linguísticos de pequeno domínio desenvolvidos no Brasil (1987 - 2010)

TÍTULO	**ANO**	**AUTOR**	**INSTITUIÇÃO**	**NATUREZA**
Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina – EALLO	(1987)	Vanderci de A. Aguilera	UNESP/ASSIS	Dissertação
Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana/PR	(1997)	Rosana Simone Fabris	UEL	Monografia
Esboço de um atlas linguístico de Centenário do Sul	(1997)	Tânia Mara de Podestá Pizolato	UEL	Monografia
Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos lexicais.	(1999)	Lígia Maria Campos Imaguire	USP	Dissertação
Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico	(2000)	Fádua Maria Moisés Lino	UEL	Dissertação
Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis	(2001)	Fabiane Cristina Altino	UEL	Dissertação
Estudo geolinguístico	(2002)	Sonia Sueli	USP	Dissertação

de aspectos semântico-lexicais no campo semântico “alimentação e cozinha” no município de Sorocaba.		Berti Santos		
Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da mesorregião do Marajó/Pará.	(2002)	Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva	USP	Dissertação
Variação lexical fonética na ilha de Marajó	(2004)	Arlon Francisco Carvalho Martins	UFPA	Iniciação Científica
Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais	(2004)	Lígia Maria Campos Imaguire	USP	Tese
Abordagem semântico-lexical no falar sorocabano, com base no questionário do ALiB	(2005)	Sonia Sueli Berti Santos	USP	Tese
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela	(2005)	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	USP	Dissertação
Atlas Linguístico do	(2006)	Regiane	UFMS	Dissertação

município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai		Coelho Pereira Reis		
Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFeBG.	(2006)	Luciana Gomes de Lima	UFRJ	Dissertação
Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC	(2007)	Adriana Cristina Cristianini	USP	Tese
Atlas Linguístico do Litoral Potiguar	(2007)	Maria das Neves Pereira	UFRJ	Tese
Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ).	(2008)	Fabiana da Silva Campos Almeida	UFRJ	Tese
Atlas Linguístico de São Francisco do Sul	(2008)	Tânia Braga Guimarães	UEL	Tese
Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso	(2009)	Marigilda Antônio Cuba	UFMS	Dissertação
Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo	(2010)	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	USP	Tese
Um estudo geossociolinguístico do Oeste do Paraná	(2010)	Sanimar Busse	UEL	Tese

No total, 10 atlas são resultados de dissertações de mestrado; oito de teses de doutorado; dois, de monografias de especialização, além de um atlas como projeto de iniciação científica. Vale notar que esses atlas enumerados seguiram metodologias diferenciadas, conforme o objetivo de cada pesquisa, bem como o seu grau de apronfudamento. Porém, a grande maioria (os elaborados a partir de 2000) guiou-se pelos pressupostos metodológicos do ALiB, o que confirma mais uma vez a importância desse projeto nacional e a sua influência nos estudos geolinguísticos brasileiros, constituindo-se mesmo um 'divisor de águas' na Dialetologia do Brasil. A seguir, apreentamos os estudos dialetais desenvolvidos no Estado do Paraná, para assim, chegarmos ao Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO).

3.10 A DIALETOLOGIA NO ESTADO DO PARANÁ[37]

Assim como no Brasil, o estudo de natureza dialetológica no Paraná é recente, sobretudo, porque este Estado teve sua emancipação política há pouco mais de cento e cinquenta anos, e também, pelo fato de grande parte do território paranaense ter sido colonizado somente no século XX. Dessa forma, segundo Aguilera (2000, p. 99), os estudos dialetológicos no Paraná podem ser divididos em quatro fases, abaixo detalhadas:

A primeira fase tem seu início com as anotações de viagens do pesquisador francês Auguste de Saint-Hilaire (1816-22) e se estende até o final do século XIX, com o início de trabalhos sistemáticos em torno da linguagem. Essa fase caracteriza-se, principalmente, por obras que não tinham como preocupação central os falares paranaenses, mas objetivos outros como a descrição da geografia e cultura locais. Faz parte deste período também o livro de José Correia Coelho (1844), onde se encontram, segundo o autor, no que tange à língua, pelo menos duas peculiaridades do falar paranaense: i) um falar pontuado por interjeições e ii) repleto de usos de hipérboles.

---

[37] Os trabalhos de cunho dialetológico e geolinguístico desenvolvidos no Paraná integram o Projeto do *Tesouro do léxico patrimonial galego e português* cujo objetivo é reunir, em um único banco de dados informático, materiais lexicográficos com referenciação geográfica procedentes de distintas fontes: *corpora* obtidos em trabalhos de campo, materiais dispersos em obras dialetais, vocabulários de falares, etc.. O comitê brasileiro é coordenado por Silvia F. Brandão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e por Vanderci Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina, contando com subcomitês distribuídos pelas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, de que participam pesquisadores das principais instituições de ensino superior do país. (Para maiores detalhes, v. o Diretório dos Grupos de pesquisa do Brasil, no site: http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/)

Para Aguilera (2000, p. 100), o material coletado e comentado por esses observadores do século XIX (Saint-Hilaire e Coelho) mostra-se bastante exíguo e superficial. Essa pesquisadora afirma que o primeiro registro do léxico paranaense deve-se, de fato, ao General José Cândido da Silva Muricy, paranaense que, em 1863-64, empreendeu uma 'viagem para o país dos jesuítas', livro homônimo publicado em 1975. No final do século XIX, esse general "se aventurou em sucessivas excursões para o sertão bruto do Paraná" (MURICY, 1938, p. 576), coletando o "vivo manancial do linguajar local, sem nenhum eruditismo intencional, através de anedotas, de cenas de narrativas, de solilóquios de toda natureza em que só o que é autêntico aparece, na sua pureza intacta" (MURICY, 1938, p.576).

Andrade de Muricy (1938), no I Congresso da Língua Nacional Cantada ocorrido no Rio de Janeiro, apresentou o trabalho intitulado *Algumas Vozes Regionais do Paraná*, no qual reuniu num pequeno glossário de 237 vocábulos recolhidos pelo General Muricy (seu pai) durante os dois anos de sua carreira militar em que adentrou o território paranaense.

A segunda fase dos estudos dialetológicos paranaenses, segundo Aguilera (2000), compreende o início do século XX e se estende até a década de 60 e constitui-se o despertar para os estudos dialetológicos sistematizados, dentre os quais, destacam-se o trabalho de Amaral (1956) *Contribuição para um inquérito linguístico no litoral do Paraná*; de Wouk (1965) com a obra *Estudo etnográfico-linguístico da comunidade ucraína de Dorizon* (1981)*;* o artigo de Toniolo (1967), *Linguagem da depressão gaúcha e campos gerais* e o trabalho de Andretta (1969), *Algumas particularidades linguísticas de Laranjeiras do Sul-PR*. Para Aguilera, "os estudos dessa fase constituem-se, com exceção do de Wouk, em breves registros dialetológicos. Todos, porém, centram o objeto de estudo nas comunidades sul paranaenses" (AGUILERA, 2000, p.103).

A terceira fase compreende de 1970 ao início de 1980, década muito profícua para os estudos dialetais, na qual se registram pelo menos quatro importantes trabalhos: *O Glossário do Rio Iguaçu,* de Francisco Filipak e Nélson Sicuro (1976), a tese de doutorado *Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil),* de José Luiz da Veiga Mercer (1979), a obra *Guaraqueçaba: mar e mato* de Julio Alvar e Janine Alvar (1979) e o *Vocabulário de Tibagi,* de Ênio José Toniolo (1981).

A quarta fase começa na década de 1980 e tem como característica principal a introdução do método geolinguístico nos trabalhos dialetais sem, contudo, deixar de lado os glossários. Nesta fase, segundo Aguilera (2000), muda-se o foco de irradiação dos estudos dialetológicos, transferindo-se da Universidade Federal do Paraná para a Universidade Estadual Paulista – UNESP – campus de Assis/SP, sob a influência do eminente dialetólogo paulista, o professor Pedro Caruso e do foneticista Rafael Eugênio Hoyos Andrade que "incentivavam pesquisas dialetais voltadas para a variação lexical das profissões, para pequenas extensões territoriais e finalmente para o Estado todo" (AGUILERA, 2000, p.105).

A sguir, enumeramos os trabalhos que fizeram parte desta quarta fase e, em seguida, sugerimos uma quinta fase que se iniciou após a publicação do ALPR (1994) e se estende até os dias atuais.

i) A primeira manifestação da Geolinguística paranaense foi a dissertação de mestrado de Aguilera (1987): *Aspectos linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina (EALLO)* – projeto piloto que contribuiu para a constituição do Atlas Linguístico do Paraná.
ii) Leão (1988), em sua dissertação de mestrado defendida na UNESP de Assis, em trabalho de cunho dialetológico, tratou de questões referentes à linguagem específica de determinado grupo profissional, descrevendo, nos níveis fonético e léxico-semântico, a linguagem utilizada pelos trapicheiros (profissionais que carregava e descarregava caminhões e vagões) na cidade de Jacarezinho/PR. Como resultado de seu trabalho, elaborou um glossário de termos a fim de registrar as palavras ou expressões deste grupo profissional, pois as atividades que há vinte anos eram realizadas exclusivamente por eles (os trapicheiros), hoje são completamente mecanizadas. (LEÃO, 1988)
iii) Aguilera, em 1990, defendeu a sua tese de doutoramento, o já citado e descrito Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, publicado em 1994, constituindo-se o quinto atlas estadual do Brasil.

iv) Em sua tese, *Áreas Fonéticas do Paraná*[38]*,* Mercer (1992), com base nos dados coletados para integrar o ALERS, delimitou as áreas fonéticas do Paraná e as explicou à luz da história da ocupação do estado. O autor apresentou também um conjunto de 48 cartas fonéticas, ratificando as conclusões de Aguilera (1990) no que se refere à divisão linguística Norte-Sul desta unidade federativa.

v) Pertence também à década de 90 o trabalho *O léxico do apicultor de Ponta Grossa,* de autoria de Sozim (1990) e a sua tese de doutorado *A linguagem do oleiro: uma abordagem lexical e fonética nas regiões de Piraí do Sul, Castro, Ponta Grossa, Imbituva e Prudentópolis,* defendida na UNESP de Assis, em 1995.

vi) Em 1996, Fonseca defendeu, também na UNESP de Assis, a dissertação de mestrado intitulada *A linguagem dos oleiros nas olarias rudimentares da microrregião de Campo Mourão – PR*, na qual investigou a linguagem tradicional deste grupo profissional transmitida de geração a geração. Como justificativa do trabalho, a autora reconheceu a necessidade de registrar os aspectos linguísticos deste grupo antes que se perdessem, face às modernas técnicas de olaria que vêm substituindo as técnicas tradicionais. Fizeram parte da sua pesquisa 7 dos 24 municípios que compunham a COMCAM (Comunidades dos municípios da Região de Campo Mourão). Como resultado a autora apresentou um glossário da área.

Por esse painel, percebe-se a grande a influência da UNESP de Assis nos estudos dialetológicos, principalmente nos do norte do Paraná. Porém, a partir da publicação do ALPR (1994) e da implantação do projeto ALiB, em 1996, o foco dos estudos dialetais no Paraná passou para a Universidade Estadual de Londrina (UEL) sob a figura da diretora científica do projeto ALiB a Drª. Vanderci de

[38] Tese de admissão para docente titular da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Andrade Aguilera, o que, em nossa opinião, vem a constituir uma quinta fase dos estudos dialetais paranaenses, pois, segundo Altino (2009, p. 42):

> A publicação do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR abriu caminhos para novos trabalhos no campo da Dialetologia despertando, em particular nos alunos da pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, o desejo de dar continuidade à pesquisa do léxico paranaense.

Em ordem cronológica de elaboração, enumeramos na sequência os trabalhos natureza dialetológica e sociolinguística desenvolvidos na Universidade Estadual de Londrina que fazem parte desta quinta fase.

i) Fabris (1997), em sua monografia de especialização na UEL, buscou verificar variedades fonéticas e lexicais junto a informantes rurais e urbanos do município de Tamarana, antigo distrito de Londrina, discutindo os dados a partir da variável diassexual, na elaboração de um *Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana.*

ii) Também, como resultado de monografia de especialização, Pizolato (1997) elaborou o *Esboço de um atlas linguístico de Centenário do Sul,* cidade localizada do norte do Paraná, buscando em 7 pontos linguísticos daquele município a variação fonética e lexical para itens do questionário do ALPR. Como resultado apresentou um conjunto de 71 cartas linguísticas, além de fazer um estudo etimológico dos itens registrados nas cartas.

iii) Em 1997, temos trabalhos sob outras perspectivas, porém, não menos importantes. Souza (1997), por exemplo, estudou a linguagem dos bancários na vizinha cidade de Ibiporã/PR. Preocupou-se, principalmente, em verificar a terminologia utilizada por esse grupo profissional no processo de interação com pessoas comuns, clientes e usuários dos serviços prestados pelos bancos que, muitas vezes, não compreendem os termos técnicos da área, culminando no insucesso comunicativo.

iv) Vale ressaltar também os trabalhos que descreveram as influências estrangeiras na fala de habitantes da vizinha cidade de Cambé, como a dissertação de Fregonezi (1997): *Aspectos Linguísticos de Três gerações: um estudo diageracional e diassexual* que investigou aspectos linguísticos na fala de descendentes de italianos já aculturados em Cambé/PR, levando em consideração as variáveis diageracional e diassexual.

v) Dutra (2000), também sobre a língua falada em Cambé, investigou o comportamento linguístico da fala de descendentes eslovacos da colônia Bratislava. A autora buscou descrever e analisar variantes lexicais e fonéticas, levando em consideração a variável diageracional, a fim de verificar se os integrantes daquele grupo ainda guardavam resquícios de influência estrangeira na língua falada.

vi) Como resultado de sua dissertação de mestrado, Rodrigues (2000) elaborou um *Glossário da Fala Rural Paranaense* com base na reunião de obras sobre o léxico deste estado. Faz parte também do *corpus* as informações contidas no ALPR.

vii) De volta aos estudos geolinguísticos, Lino (2000), defendeu sua dissertação de mestrado na UEL, intitulada: *Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico*. Neste trabalho, a autora descreveu a língua falada em 9 pontos linguísticos da cidade de Cândido de Abreu, localizada no centro do Estado. No total foram realizados 36 inquéritos com informantes selecionados considerando as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade. Como resultado, a autora apresentou 30 cartas lexicais e sete cartas de isoléxicas, discutindo, sobretudo, a variação diassexual e as influências dos diferentes grupos étnicos responsáveis pela formação daquela região.

viii) Altino (2001), em *Pelos caminhos da Geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis,* investigou a língua falada no município de Adrianópolis, localizado no nordeste do

Estado, apresentando os resultados da sua dissertação em 109 cartas linguísticas. A autora selecionou 105 questões dentre as 202 que propõe o QSL do ALiB e aplicou a 24 informantes estratificados segundo faixa etária, sexo e escolaridade, distribuídos em 6 pontos linguísticos daquele município. À medida do possível, foi feito um estudo comparativo em tempo real com os dados do ALPR, que, "embora num espaço cronológico relativamente pequeno, ofereceu pistas de como se processam as mudanças e/ou permanência da língua falada numa comunidade com aquele perfil." (ALTINO, 2009, p.47).

ix) O trabalho de Toniolo (2002) acerca da pesquisa no município de Tibagi, região dos Campos Gerais, demonstrou nitidamente a influência do meio urbano na fala de habitantes da zona rural, também sob a perspectiva do tempo real *(real time)* e tempo aparente *(apparent time*). Assim, o autor utilizou dois *corpora* coletados em dois momentos diferentes, 1975 e 2001, nas mesmas localidades, os bairros rurais Barreiro e Guartelá. Como conclusões, o autor ratifica a arcaização de alguns itens lexicais e vocábulos em vias de extinção como *jojoca* (soluço) e *urupê* (cogumelo).

x) Remenche (2003), em sua dissertação de mestrado – *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná* - elaborou um glossário sobre as gírias do sistema penitenciário do Paraná, com base em dados coletados diretamente com internos e funcionários de duas instituições: a Prisão provisória de Curitiba e a Penitenciária Estadual de Londrina.

xi) Amâncio (2004), em sua monografia de especialização, foi a pioneira em estudar na UEL as atitudes linguísticas dos paranaenses. Defendeu o trabalho intitulado *Um estudo sobre atitudes linguísticas na fronteira Brasil-Argentina*, investigando a linguagem falada nas cidades trigêmeas: Barracão (PR), Dionísio Cerqueira (SC) e Bernardo de Irogoyen (Argentina).

xii) Souza (2005), na sua dissertação defendida na UEL, cartografou as variantes para 7 questões coletadas pelo ALPR referentes do

subcampo semântico plantas medicinais, elaborando o estudo: *Medicina caseira paranaense: um estudo geolinguístico.*

xiii) Em 2007, Rodrigues elaborou a sua tese de doutoramento, realizando o estudo *Em busca de uma história para o léxico rural paranaense*. Com base nos dados do ALPR, a autora fez uma pesquisa da história social do Estado e em trabalhos na área do léxico paranaense, científicos ou não. Após análise lexicológica e geolinguística das cartas do ALPR, observou que o Paraná possui três grandes áreas de vocabulário que interagem e são mediadas por áreas de transição.

xiv) Também, em 2007, Atino defendeu sua tese de doutoramento, o já citado e comentado ALPR II que, até o presente momento, está em fase de seleção e adequação do texto para a publicação.

xv) Em 2008, Garcia defendeu seu dissertação de mestrado intitulada: *Estudo linguístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos*, na qual buscou fazer, com base no trabalho de Wouk (1965), um estudo em tempo real e tempo aparente no distrito de Dorizon pertencente ao município de Mallet, no sul do estado do Paraná.

xvi) Corrêa (2008) buscou investigar a linguagem das gírias de adolescentes infratores em três cidades paranaenses: Foz do Iguaçu, Curitiba e Londrina, considerando a questão das atitudes linguísticas e dos tabus frente a determinados referentes. Apresentou assim sua dissertação de mestrado intitulada *Gíria: o universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná.*

xvii) Pastorelli (2009), em sua monografia, analisou a fala de dois grupos de londrinenses: (i) nascidos no município e (ii) procedentes de outros estados, buscando verificar as crenças e atitudes linguísticas dos informantes quanto à fala local, considerando as variáveis: sexo, faixa etária e origem do informante a fim de verificar se estas atitudes são positivas (prestígio linguístico) ou negativas (desprestígio linguístico).

xviii) Também em sua monografia de especialização, Silva (2010) apresenta um estudo descritivo sobre as crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, em duas cidades do Paraná: Londrina, pertencente à região norte, e Pitanga, localizada no centro do estado, também a fim de verificar a existência ou não de preconceito linguístico entre falantes das duas localidades, tanto em relação a seu próprio subdialeto quanto ao do outro.

xix) Como resultado de sua tese de doutorado na UEL, Busse (2010) defendeu o trabalho intitulado *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO* no qual verificou a influência linguística de migrantes e imigrantes naquela região do estado.

xx) Pastorelli (2011) defendeu a dissertação de mestrado intitulada: *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*, município paranaense que faz divisa política com o Paraguai e a Argentina.

xxi) Sob esta mesma perspectiva, Silva-Poreli (2011) investigou a língua falada no município de Pranchita, cidade paranaense que também faz fronteira política com o Paraguai e Argentina defendendo a sua dissertação: *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita: um estudo das relações do português com línguas em contato*.

Somam-se a esses trabalhos desenvolvidos, na UEL, a tese de Almeida (2004), defendida na Universidade Estadual Paulista – Araraquara/SP, na qual a autora identificou a influência do meio urbano na fala de habitantes de características rurais em Paiquerê, distrito de Londrina, e a tendência de urbanização do falar rural. Partindo de dados do ALPR para a identificação de expressões estranhas à fala rural, a pesquisadora saiu a campo para coletar dados, resultando em um *corpus* de 12 entrevistas de informantes analfabetos ou com o mínimo de escolaridade, pertencentes a duas faixas etárias (18 a 45 e 46 a 70 anos) e de ambos os sexos. Com o *corpus* coletado, Almeida fez a análise dos fenômenos

fonéticos, morfológicos, lexicais e sintáticos observados na fala destes informantes rurais, segundo os teóricos que tratam os assuntos.

3.10.1 O Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina

Conforme já apontamos, a obra pioneira da geolinguística paranaense foi a dissertação de mestrado de Aguilera (1987): *Aspectos linguísticos da fala londrinense: Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO*. O EALLO teve como tarefa principal registrar o falar rural de uma região de recente urbanização e industrialização, antes que os agentes niveladores da linguagem tornassem a tarefa impraticável, face à nova realidade em que se encontram os centros urbanos de médio porte no Brasil.

Durante os anos de 1985 e 1986, Aguilera buscou na fala de londrinenses rurais de 30 a 60 anos naturais da região linguística, com escolaridade mínima e de ambos os sexos, a variação fonética e lexical de 27 informantes, sendo dezesseis mulheres e onze homens, contemplando, na coleta de dados, a variação linguística nas dimensões diatópica (espacial) e diagenérica (sexual), quando possível.

A pesquisadora selecionou 12 pontos linguísticos dentro do município, considerando a divisão político-administrativa e a origem da maioria de seus colonizadores. Os pontos linguísticos foram numerados em ordem crescente no sentido norte-sul e leste-oeste assim distribuídos: (1) distrito da Warta, fundada por poloneses e com uma população predominante de descendentes de italianos; (2) Londrina - zona urbana; (3) bairros rurais Três Bocas e Limoeiro de colonização baiana e nordestina; (4) bairro Água do Lontra de colonização paulista e descendentes de italianos; (5) distrito de Maravilha colonizado, sobretudo, por paulistas; (5) Distrito de Irerê povoado em sua maioria por mineiros; (7) distrito de São Luiz com uma população composta por paranaenses, paulistas e mineiros;(8) distrito de Paiquerê também povoada por mineiros, paulistas e paranaenses; (9) distrito de Guaravera habitado, sobretudo, por paranaenses e mineiros; (10) distrito de Lerroville, colonizado por paranaenses do sul, em sua maioria; e (12) o bairro Igrejinha do Rio Preto pertencente ao distrito de Tamarana, colonizado por paranaenses procedentes de Tibagi. (AGUILERA, 1987, p.16-17).

Em cada localidade, quando possível, foram entrevistados dois informantes (um de cada sexo). Entretanto, nos pontos 7, 9 e 11, foram entrevistados três informantes identificados como *a, b* e *c*. Nos pontos 2 e 3 foram entrevistadas somente mulheres. Dessa forma, como a variável sexo não recebeu um controle sistemático e não foi representada na cartografia, o EALLO pode ser considerado como um atlas monodimensional, ou seja, essencialmente diatópico. Esta disparidade entre os informantes femininos e os masculinos deve-se principalmente à:

> dificuldade de encontrar o informante masculino em casa, devido ao trabalho na lavoura, durante a semana, e ao lazer (futebol, visita, encontro no bar com os amigos), aos domingos. A maioria das mulheres se ocupa dos afazeres domésticos, horta e criação de pequenos animais, o que facilitou o desenvolvimento do trabalho e motivou o número mais elevado de entrevistas femininas (16) em relação às masculinas (11) (AGUILERA, 1987, p.18).

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o questionário do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (CARUSO, 1983) com algumas adaptações. O questionário abrange duas grandes áreas semânticas: Terra e Homem, com trezentas e dez perguntas indiretas, mais sete temas para discurso distenso.

A área semântica Terra compreende quatro áreas menores: i) Natureza: fenômenos atmosféricos, astros, tempos (57 questões); ii) flora: árvores, frutos (27 questões); (iii) plantas medicinais (15 questões) e iv) Fauna: aves, pássaros, animais (50 questões). A área semântica Homem envolve: i) Partes do corpo, funções, doenças (105 questões); ii) vestuário, calçados (14 questões), iii) agricultura, instrumentos agrícolas (29 questões) e iv) brinquedos e jogos infantis (13 questões). As questões de 311 a 316 buscaram registrar crendices e lendas e a última questão solicitava um relato de experiência pessoal do informante.

Aguilera apresentou sua dissertação em dois volumes. O primeiro contendo a parte introdutória, teórico-metodológica e análise dos fenômenos fonéticos e lexicais observados; e o segundo volume constando de oitenta cartas linguísticas, quarenta e cinco delas lexicais e trinta e cinco fonéticas. Dentre as conclusões, vale notar a diferença linguística detectada pela autora entre a região

sul do município (colonização antiga) e a região norte (colonização recente), caracterizada por traços fonéticos e, sobretudo, lexicais.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo destina-se a apresentar os procedimentos metodológicos que orientaram esta pesquisa, tais como a rede de pontos, o perfil dos informantes, o instrumento de coleta de dados, o trabalho de campo e o tratamento dos dados.

4.1 A REDE DE PONTOS

Consideramos para a rede de pontos linguísticos, os oito distritos que compõem o município, além de dois pontos de inquérito na sede municipal (bairro Heimtal e a sede administrativa). A rede de pontos do Atlas Geossociolinguístico de Londrina, portanto, compreende dez localidades, numeradas em ordem crescente no sentido norte-sul do município (Apêndice A):

Quadro 2 – Distibuição da rede de pontos do AGeLO

Número do ponto	**Nome da localidade**
1	Distrito de Warta
2	Bairro Heimtal
3	Sede municipal (região urbana)
4	Distrito do Espírito Santo
5	Distrito de Maravilha
6	Distrito de Irerê
7	Distrito de São Luiz
8	Distrito de Paiquerê
9	Distrito de Guaravera
10	Distrito de Lerrovile

A escolha dessas localidades deve-se à divisão político-administrativa atual e ao lugar de origem da maioria de seus colonizadores e habitantes. Quase todos os pontos estabelecidos estão presentes no EALLO (1987), o que possibilita a realização de um dos objetivos desta pesquisa que é comparar os novos dados coletados com os documentados por Aguilera, em 1987. Entretanto,

algumas alterações foram feitas, ora retirando alguns pontos, ora acrescentando outros, haja vista a nova realidade sócio-política do município[39].

Quadro 3 – Distribuição comparativa da rede de pontos do AGeLO e EALLO

Número do Ponto	**Nome da localidade no AGeLO**	**Nome da localidade no EALLO**
1	Distrito de Warta	Distrito de Warta
2	Bairro Heimtal	Sede municipal (região urbana)
3	Sede municipal (região urbana)	Três Boca/Limoeiro
4	Distrito do Espírito Santo	Água do Lontra
5	Distrito de Maravilha	Distrito de Maravilha
6	Distrito de Irerê	Distrito de Irerê
7	Distrito de São Luiz	Distrito de São Luiz
8	Distrito de Paiquerê	Distrito de Paiquerê
9	Distrito de Guaravera	Distrito de Guaravera
10	Distrito de Lerrovile	Distrito de Lerrovile
11	-	Distrito de Tamarana*
12	-	Igrejinha do Rio Preto

*Na época não era emancipado

A seguir, apresentamos uma breve caracterização das localidades que compõem a rede de pontos:

[39] Retiramos os pontos número 3 (Três Bocas/Limoeiro) e 4 (Água do Lontra) presentes no EALLO, devido à ausência de informantes da primeira faixa etária nestas localidades (chácaras). Não constam também da rede do AGeLO os pontos 11 (Tamarana) e 12 (Igrejinha do Rio Preto), pois o antigo distrito de Tamarana foi emancipado em 1995. Em contrapartida, acrescentamos o bairro Heimtal, ponto número 2, seguindo a orientação de Aguilera (p.193), pois, “trabalhos posteriores deverão envolver outrras comunidades representativas, tais como Heimtal, ao norte, colonizada por alemães”. Acrescentamos também o distrito de Espírito Santo, criado em 1994. Na sede administrativa do município, contemplamos bairros da periferia e centro.

Ponto 1 – distrito de Warta

Localizado ao norte de Londrina, a 23 Km da sede municipal, este distrito foi oficialmente criado em 14 de dezembro em 1953 por meio do Decreto Estadual nº. 1542. Colonizado, em sua maioria, por imigrantes poloneses vindos do Estado de Santa Catarina. A escolha do nome da nova comunidade foi feita em uma reunião com todos os moradores do local. Por sugestão de João Lamgowski foi adotado o nome de Warta, por ser o nome de rio na Polônia, que, em polonês, significa “algo que tem valor”.

Igreja católica do distrito de Warta

Ponto 2 – bairro Heimtal

Localizado também ao norte, a 8 Km da sede do município, o bairro de Heimtal foi o primeiro núcleo rural formado em Londrina, onde se instalaram os primeiros sitiantes que adquiriram os lotes de terra da CTNP. O antigo patrimônio Heimtal, cujo nome significa na língua alemã “vale do meu lar” ou “vale da vida”, foi colonizado, em sua maioria, por imigrantes alemães e italianos. Neste local foi construída a primeira escola, a primeira igreja luterana, o primeiro campo de futebol e se organizou a primeira banda de música de Londrina. Este antigo patrimônio, antes afastado do perímetro urbano, já está incorporado à sede municipal, devido ao crescimento da região norte de Londrina, principalmente devido à formação dos conjuntos habitacionais.

Igreja católica do bairro Heimtal

Ponto 3 – sede municipal (Londrina)

A sede municipal de Londrina, segundo o Censo do IBGE 2010, possui uma população 506. 701 habitantes. Atinge uma área de 338,268 Km² e constitui-se em centro de referência para todo o município e cidades vizinhas por comportar importantes universidades além de indústrias e uma ampla rede comercial.

Catedral metropolitana de Londrina

Ponto 4 – distrito de Espírito Santo

O distrito do Espírito Santo, que compreende também o patrimônio Regina, possui uma área de 184,924 Km². Este distrito, oficialmente criado em 20 de junho de 1994 pela lei municipal 5.842, foi colonizado principalmente por paulistas e mineiros. A região onde se localiza o distrito sediou o primeiro aeroporto de Londrina e está localizado a aproximadamente 15 Km da sede.

Igreja católica do distrito de Espírito Santo

Ponto 5 – distrito de Maravilha

Localizado a 26 Km da sede municipal, o distrito de Maravilha foi criado oficialmente em 2 de setembro de 1977 pelo decreto nº. 6914. Colonizado em sua maioria por paulistas durante o auge do café na região de Londrina, este distrito possui uma população de 986 habitates, segundo o Censo 2010, dos quais 485 habitantes concentram-se na zona urbana e 501 na zona rural.

Igreja católica do distrito de Maravilha

Ponto 6 – distrito de Irerê

O distrito, localizado a 25 Km da sede e interligado a Londrina pela PR – 445, possui uma área de 135,955 Km² e uma população de 2317 habitantes, da qual apenas 896 residem na zona rural. Foi fundado nos anos de 1932/33 por paulistas e passou à categoria de distrito em 10 de outubro de 1947 por meio do Decreto-lei nº.2 da Comarca de Londrina. A área urbana do distrito é margeada pelo córrego Marrecas e seu território ainda compreende o Patrimônio Taquaruna.

Igreja católica do distrito de Irerê

Ponto 7 – distrito de São Luiz

Este distrito está localizado a 32 Km da sede e abrange uma área de 153,361 Km². Colonizado por paranaenses, mineiros e paulistas, foi criado oficialmente em 11 de junho de 1951 por meio do Decreto-lei n.º 656. A população de 1593 habitantes distribui-se na área rural (831 habitantes) e na urbana (762)

Igreja católica do distrito de São Luiz

Ponto 8 – distrito de Paiquerê

O distrito de Paiquerê localiza-se a 35 Km da sede municipal, com uma área de 211,958 Km² e foi elevado à categoria de distrito em 21 de dezembro de 1964. Sua população de 2995 habitantes distribui-se pela zona urbana (1319) e zona rural (1676). Fazem parte ainda do distrito os patrimônios de Guairacá e Bairro dos Nogueiras.

Igreja católica do distrito de Paiquerê

Ponto 9 – distrito de Guaravera

O distrito de Guaravera, com uma área de 177,305 Km², foi colonizado por paranaenses e mineiros. Integra o patrimônio “Barro Preto”, e se encontra a 40 Km ao sul da sede municipal. Sua população de 3935 distribui-se na zona urbana (2299) e na zona rural (1636). Passou à categoria de distrito em 11 de junho de 1951, juntamente com a localidade de São Luiz, por intermédio do Decreto-lei nº. 666.

Igreja católica do distrito de Guaravera

Ponto 10 – distrito de Lerrovile

O distrito de Lerrovile originou-se da estrada que ligava o então distrito de Tamarana, hoje município, ao distrito de Paiquerê. A ocupação iniciou-se no ponto mais alto do espigão por onde passa a estrada e constituía-se, no início, local de comércio para os agricultores circunvizinhos. Criado em 29 de novembro de 1963, pela lei municipal nº. 4783, é o distrito mais distante da sede, aproximadamente 50 Km. Possui uma população de 3775 habitantes com 1674 concentrados na zona urbana e a sua maioria residente na zona rural (2102).

Igreja católica do distrito de Lerrovile

Apesar de todos os distritos possuírem uma sede distrital urbana, caracterizam-se basicamente como rurais. Os inquéritos linguísticos do AGeLO, com exceção do distrito de São Luiz, foram todos realizados nas sedes dos distritos, ora nas escolas ora nas residências dos informantes.

Na Figura 22, apresentamos a distribuição a da população de cada distrito administrativo considerando a população rural e urbana e o gênero (homem/mulher) e, no quadro 4, sintetizamos alguns dados histórico-geográficos da rede de pontos, segundo os resultados do Censo 2010.

Figura 22 – Distribuição da população de Londrina por distrito administrativo – 2010

Município de Londrina	População								
Distritos Administrativos	Urbana			Rural			Total		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Espírito Santo (1)			(2) ...			(2) ...			(2) ...
Guaravera	1 152	1 147	2 299	880	756	1 636	2 032	1 903	3 935
Irerê	725	696	1 421	481	415	896	1 206	1 111	2 317
Lerroville	825	848	1 673	1 145	957	2 102	1 970	1 805	3 775
Maravilha	250	235	485	250	251	501	500	486	986
Paiquerê	658	661	1 319	898	778	1 676	1 556	1 439	2 995
São Luiz	388	374	762	425	406	831	813	780	1 593
Warta	555	550	1 105	235	215	450	790	765	1 555
Total	4 553	4 511	9 064	4 314	3 778	8 092	8 867	8 289	17 156
Sede	231 085	253 371	484 456	3 107	1 982	5 089	234 192	255 353	489 545
Total Geral	**235 638**	**257 882**	**493 520**	**7 421**	**5 760**	**13 181**	**243 059**	**263 642**	**506 701**

FONTE: IBGE – Censo Demográfico 2010 (Resultados Preliminares do Universo)
(1) O Distrito do Espírito Santo foi criado pela Lei Municipal n.º 5.842, de 20/07/94. (2) O IBGE não considerou a delimitação do Distrito do Espírito Santo, prevista na Lei 5.842/94, em virtude da existência de conflitos (sobreposição de áreas) entre esta Lei e a legislação que dispõe sobre a área urbana municipal. Assim, a população do Distrito do Espírito Santo está computada no Distrito Sede. Organização dos dados: PML/SEPLAN/Gerência de Pesquisas e Informações

Quadro 4 – Dados histórico-geográficos da rede de pontos do AGeLO

Ponto	**Ano de criação**	**Origem dos fundadores/ ascêndência dos habitantes**	**Área (Km²)**	**Distância da sede (Km)**
Warta	1953	poloneses/italianos	27,730	23
Heimtal[1]	1931	alemães/italianos	-	8
sede	1934	paulistas/ mineiros	338,268	-
Espírito Santo[2]	1994	paulistas/ mineiros	184,924	15
Maravilha	1977	paulistas	124,806	26
Irerê	1947	mineiros	135,955	25
São Luiz	1951	paranaenses/ paulistas/ mineiros	153,361	32
Paiquerê	1964	paranaenses/ paulistas/ mineiros	211,958	35
Guaravera	1951	paranaenses/mineiros	177,305	40
Lerrovile	1963	paranaenses	298,590	49

(1) Heimtal não é considerado um distrito de Londrina. O território integra ao da Sede Municipal. (2) O Distrito do Espírito Santo foi criado pela Lei Municipal n.º 5.842, de 20/07/94. O IBGE não considerou a delimitação do Distrito do Espírito Santo, prevista na Lei 5.842/94, em virtude da existência de conflitos (sobreposição de áreas) entre esta Lei e a legislação que dispõe sobre a área urbana municipal. Assim, a população do Distrito do Espírito Santo está computada no Distrito Sede.

4.2 OS INFORMANTES

Na seleção dos informantes, adotamos o critério do ALiB, ou seja, consideramos duas faixas etárias (faixa I: 18-30 e faixa II 50-65 anos), de ambos os sexos, naturais de Londrina e com pais preferencialmente pertencentes à região linguística selecionada.

Em cada localidade, entrevistamos, quatro informantes de nível fundamental (completo ou incompleto), distribuidos equitativamente segundo a variável sexo e faixa etária. No ponto 3, somam-se a estes informantes, quatro com ensino superior completo. A escolha por incluir dois níveis de escolaridade no ponto 3, sede urbana, justifica-se pelo fato de constar dos nossos objetivos a verificação da influência de fatores sociais no processo de variação e mudança linguística. Tendo em vista que Londrina até a década de 50 era um município voltado

praticamente para a agricultura e, com o êxodo rural dos últimos 40 anos, tenha ocorrido uma explosão demográfica, as mudanças socioeconômicas podem ser um fator favorável rumo à aquisição de novos traços fonéticos, lexicais e morfossintáticos pelo contato com a nova realidade.

Quanto à identificação dos informantes, seguimos o modelo do ALiB, ou seja, atribuímos os números 1, 2, 3 e 4 para os de nível fundamental e 5,6, 7 e 8 para os de nível superior. Os ímpares representam os homens e os pares, as mulheres; os números 1, 2, 5 e 6 são atribuídos aos informantes da primeira faixa etária e 3, 4, 7 e 8, aos da segunda. No total foram 44 informantes, dos quais 40 são de nível fundamental, e apenas 4 de nível superior (ponto 3).

Para coletar os informações pessoais e os hábitos e costumes dos informantes, adotamos também a ficha dos informantes do ALiB, preenchida antes e após a cada entrevista (anexo E). Dessas fichas preenchidas, extraimos os dados mais relevantes apresentando-os numa tabela com a relação de todos os informantes e as principais informações (Apêndice B).

4.3 O Instrumento de Coleta de Dados

O propósito de fazer um estudo comparativo com o EALLO levou-nos a buscar o questionário utilizado naquele atlas, que é o de Caruso (1983) com poucas alterações. Esse mesmo questionário foi utilizado na coleta de dados do ALPR, com pequenas modificações quanto ao número e formulação das questões. Assim, o questionário do ALPR compreende 318 questões diretas abrangendo duas grandes áreas semânticas: Terra e Homem e sete questões sobre crendices e lendas, totalizando 325 perguntas.

Para o AGeLO, fizemos uma redução quanto ao número de questões, retirando as que não representariam produtividade devido ao seu caráter demasiadamente rural,acrecentamos outras presentes no questionário do ALiB e incluímos quatro questões fonéticas inéditas: questões *12 (touro), 13 (couro), 81 (festinha), 82 (destino)* . Assim, o questionário do AGeLO (Anexo F) ficou dividido em três partes:

- Questionário Fonético-Fonológico composto de 114 questões para a coleta dos fenômenos fonéticos relevantes para os

objetivos da pesquisa: nasais *(vag**em**, nuv**em** etc)*, ditongos *(c**ou**ro. Ac**ei**ro, b**ai**xa etc)*, lateral em coda silábica *(c**al**ça, s**ol**, a**l**çapão etc)* e encontro consonantal *(bici**cl**eta, **fl**or, **bl**usa etc)*, os róticos *(ve**rr**uga, **r**aiz, laga**r**to, á**r**vore etc)*, oclusivas surda *(ves**t**ido, intes**t**ino etc)* e sonoras *(tempesta**d**e, lên**d**ea etc)* seguida da vogal alta anterior e da vogal média-anterior com alçamento > , as proparoxítonas *(círculo, óculos, vômito etc)*, o comportamento da lábio-dental sonora *(**v**agem, **v**erruga, so**v**aco, perce**v**ejo etc)*, casos de ensurdecimento/sonorização *(sabu**g**o, **c**o**g**umelo etc)*, abaixamento e alçamento em sílaba inicial *(pern**e**longo, **e**spinho etc)*, casos de assimilação/dissimilação (**um**b**i**go, c**i**catr**i**z, soluço etc) e casos de aférese/prótese *(**a**manhã, pá, **i**cterícia etc).*

- O Questionário Semântico-Lexical com 103 questões para coletar a variação lexical, em alguns casos, também fonética, dentre sete campos semânticos: *acidentes geográficos, astros/tempo, fauna, atividades agropastoris, corpo humano, vestuário, e jogos/diversões infantis;*

- E sete temas para Discursos Semidirigidos: *um de relato pessoal, um de relato não pessoal e quatro de lendas e superstições (Boitatá/baitatá; caipora/capora; lobisomem e saci)*.

Nesta pequisa, estamos nos atendo aos dados coletados pelas questões do QFF e do QSL, e a alguns comentários fornecidos pelos informantes acerca dessas questões. Entretanto, coletamos os dados dos discursos semidirigidos para posteriores estudos sobre as variações morfossintáticas, variações diafásicas e aspectos folclóricos da fala londrinense[40].

[40] O instrumento de coleta de dados do AGeLO, no decorrer da pesquisa de campo, evidenciou algumas falhas, pois, optamos por separar o questionário do ALPR (organizado por campo semântico) em dois questionários para o AGeLO (o QFF e o QSL), o que, a princípio, pareceu-nos uma boa alternativa como forma de organizar as entrevistas e agilizar o posterior processo de levantamento de dados. Assim, a partir da quarta entrevista do AGeLO fizemos as adequações necessárias no momento do inquérito, não alterando a ordem das questões no questionário. Dessa forma, agrupamos as questões que apresentaram problemas seguindo o método da área semântica. Por exemplo, nas questões dos ditongos, antes de fazermos a pergunta 27, *como se chama aquele ovo que deixa no ninho para a galinha botar outra vez?* [indez], realizamos as quesões 27, 28, 29 e 30 do QSL, todas referentes ao tema: ninho, galinha, ovo etc. Outro exemplo, antes da

4.4 AS ENTREVISTAS

A pesquisa foi realizada *in loco* com a utilização de equipamentos digitais de gravação para registro dos dados coletados. No momento do inquérito foram utilizados também materiais de apoio como um álbum de figuras e a *reália* para que não houvesse dúvida, por parte do informante, ao responder.

A coleta de dados foi realizada no período de dois meses (de março a maio de 2010) e, a fim de manter a homogeneidade do *corpus* coletado, os dados foram recolhidos por apenas três inquiridores: o autor desta dissertação e mais duas colegas de projeto: Greize Alves da Silva-Poreli e Juliana Franco Alves, estas últimas, alunas da pós-graduação da UEL e experientes com o trabalho de campo no Projeto ALiB (UFBA/UEL) e no Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (UEL/UNIOESTE)[41].

Em alguns pontos linguísticos, tivemos o auxílio de pessoas que facilitaram o contato inicial com os informantes, os chamados facilitadores. Assim, antes de irmos até a localidade, era estabelecido um primeiro contato via telefone com a escola da região afim de explicar o motivo de nossa ida até o distrito e também pedir auxílio, se possível, na seleção dos informantes. Entretanto, nesse contato inicial não era revelado o real motivo da pesquisa para que não houvesse monitoramento/preocupação com a fala durante o inquérito. Geralmente, o pessoal da escola nos indicava os possíveis informantes, ideais ao perfil estabelecido. Assim, os facilitadores foram fundamentais para adquirirmos a ‘confiança’ dos informantes, papel este desempenhado por amigos, colegas ou até mesmo pessoas desconhecidas dispostas a nos ajudar. Entretanto, não foram poucos os casos em que tivemos que sair de porta em porta selecionando as pessoas e marcando o melhor horário para que nos atendessem, sem nenhuma recomendação prévia.

Em alguns pontos, voltamos uma, duas, três ou até quatro vezes para concluir a coleta na localidade, devido à falta de pessoas que entendessem a importância do estudo e intermediassem o nosso contato com o pessoal da comunidade. Foi assim, de porta em porta, de vizinho em vizinho que conseguimos a maioria dos informantes que integram esta pesquisa (80%).

---

questão 32 do QFF *galho* (palatais) reálizamos a questão 92 do QFF - árvore e em seguida todas as outras relacionadas à árvore, *folhas, fruto, raízes, tronco* etc.

[41] Vale notar que 85% das entrevistas foram realizadas pelo autor deste trabalho que também esteve em 100% dos pontos investigados.

Os londrinenses, assim como constatou Aguilera, são receptivos, compreensivos e hospitaleiros. Entusiasmavam-se em responder coisas de antigamente, rememoravam a vida de outrora, no sítio, a vida simples de gente humilde. Havia também aqueles que se deliciavam em contar histórias sobre o Lobisomem e sobre o Saci, lendas que ainda sobrevivem na imaginação de alguns[42].

Com o decorrer do trabalho de campo, percebemos que a busca do informante ideal nem sempre é fácil. Às vezes a pessoa se enquadrava em todos os critérios do AGeLO, mas não tinha o interesse em participar da pesquisa devido à morosidade das entrevistas, pois advertíamos o informante antes de começar cada inquérito que a nossa 'conversa' duraria em média uma hora e meia, afim de não perdermos 'tempo' com pessoas que começavam a entrevista e no meio resolviam interromper. Diante desta ressalva, encontrar informantes ficou ainda mais difícil.

No meio das questões diretas do QFF e do QSL, era comum o inquiridor estimular o informante a fazer comentários sobre as perguntas, e isto tornou os inquéritos mais longos. Esse material recolhido da fala menos monitorada, juntamente com os dados dos discursos semidirigidos, sem dúvida, serão de grande valia para estudos posteriores de aspectos morfossintáticos da fala londrinense. Além do mais, durante esses discursos espontâneos resgatavam-se, em alguns casos, variantes fonéticas e até mesmo lexicais que não haviam sido registradas no Questionário.

No ponto 5 (Maravilha) e no ponto 1 (Warta), precisamos fazer adequações à metodologia quanto à faixa etária estabelecida, pois, apesar de termos encontrado os informantes adequados, nenhum deles se dispôs a participar do trabalho. Frente à dificuldade de encontrar outro informante que preenchesse todos os requisitos e, principalmente, disposto a colaborar, consideramos os dados de dois informantes cuja idade não se encaixava à estabelecida. Assim, a informante 4 de Maravilha ultrapassava dois anos da idade máxima (65 anos), ou seja, na época tinha 67 anos. No distrito de Warta, ocorreu fato parecido, porém com o

[42] Durante o trabalho de campo, encontramos poucas pessoas que respondiam às questões com descaso. Em algumas entrevistas, começamos o inquérito com o informante ideal, passados 30 minutos, percebemos o desinteresse dele em fornecer as respostas. Assim, disfarçadamente, finalizávamos o inquérito e dispensávamos o informante dizendo que a sua contribuição havia sido de grande valia para o nosso trabalho. Logicamente, tempo perdido, e aqueles 25 ou 30 minutos eram arquivados e não poderiam ser usados. Lá íamos novamente buscar outra pessoa que estivesse disposta a conversar por uma ou duas horas sem pensar no tempo e sem receber nenhum retorno financeiro por isso.

informante 1, que na época da coleta tinha um ano a menos da idade mínima permitida, ou seja, em 2010, tinha 17 anos.

Dessa forma, mais valeu entrevistar um informante com boa vontade e espírito colaborativo que não se enquadrava na idade estabelecida por um ou dois anos, do que um informante da faixa etária adequada, mas tímido, que respondesse pela metade, ou com má vontade ou com tom de deboche.

Outra adequação foi quanto ao local de origem dos pais do informante, pois, ao longo dos inquéritos, foi difícil encontrar informantes cujos pais fossem da mesma região linguística de Londrina, até mesmo pelo fato de ser uma cidade nova. Assim, em muitos casos, os pais procedem do Estado de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e em alguns casos Santa Catarina, Bahia e Pernambuco. (Apêndice B).

Aos poucos, nos conscientizamos de que a metodologia dialetológica, não pode ser algo rígido, pronto e acabado, é algo que se constrói no campo, adequando-se à realidade da pesquisa. A metodologia passa a ser um fio condutor do trabalho que admite, sem dúvida, reavaliação constante frente às mudanças socioeconômicas do meio.

O trabalho de campo propiciou-nos um grande aprendizado, sobretudo, porque nos ensinou a olhar para o informante não apenas segundo os nossos interesses, que é o de extrair deles dados linguísticos. Foi necessário vê-los, antes de tudo, como seres humanos, que trazem consigo conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida. Essas pessoas deixavam seus afazeres e atendiam-nos com educação e respeito, primeiramente com uma aparente desconfiança, que aos poucos a cada pergunta era desfeita, construindo ao longo da entrevista uma relação amistosa entre informante e inquiridor. Não foram poucas as vezes que o circunstante (mãe, pai, filho, esposa etc.) queria entrar na ‘conversa’ e ‘soprar’ as respostas. Quando isso acontecia foi necessário saber desfazer o desembaraço com bom-humor e de forma educada para não ofender o dono da casa. Assim, são muitas as histórias a serem rememoradas, pois, em cada inquérito, uma história, uma experiência, um aprendizado de quem quer se fazer dialetólogo.

4.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados coletados foram digitalizados em formato mp3 pelo software de áudio *Adobe Audition 1.5*, a fim de facilitar o trabalho de transcrição grafemática e fonética e formar um banco de dados sonoro, gravado em CDs, disponível na sala 169 do IRCH da UEL – sede do ALiB – Regional Paraná. As entrevistas resultaram em 3155 minutos de gravação, aproximadamente 53 horas.

As transcrições grafemática e fonética do AGeLO seguiram as normas do Projeto AliB e foram realizadas no período de março a junho de 2010 por graduandos em Letras que atuam como estagiários no Projeto ALiB – regional Paraná. À medida que o trabalho de transcrição avançava, começamos a fazer as revisões, todas realizadas pelo autor desta dissertação. Em agosto de 2010, já estávamos com todo o corpus do AGELO transcrito e revisado, e procedemos à elaboração do banco de dados no programa *Excel.* Levantamos todas as variantes lexicais e fonéticas recolhidas pelo QFF e QSL, preenchendo planilhas nas quais constam o número do ponto, o número informante e as respostas de cada um (primeira, segunda, terceira ou quarta). Quando necessário, acrescentamos comentários dos informantes nas planilhas, afim de dar uma visão mais detalhada das variantes, evidenciando variações de cunho diatópico, diastrático, diageracional entre outras. Na sequência, apresentamos um exemplo das planilhas elaboradas.

Figura 23 – Modelo das planilhas de levantamento de dados lexicais.

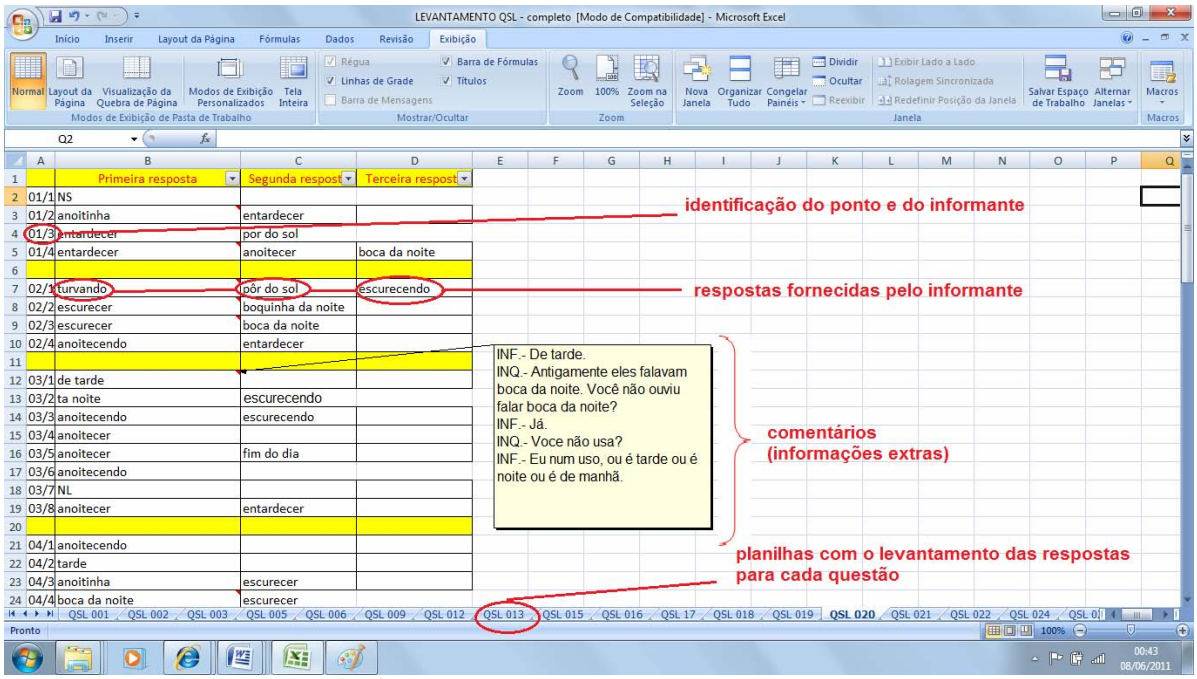
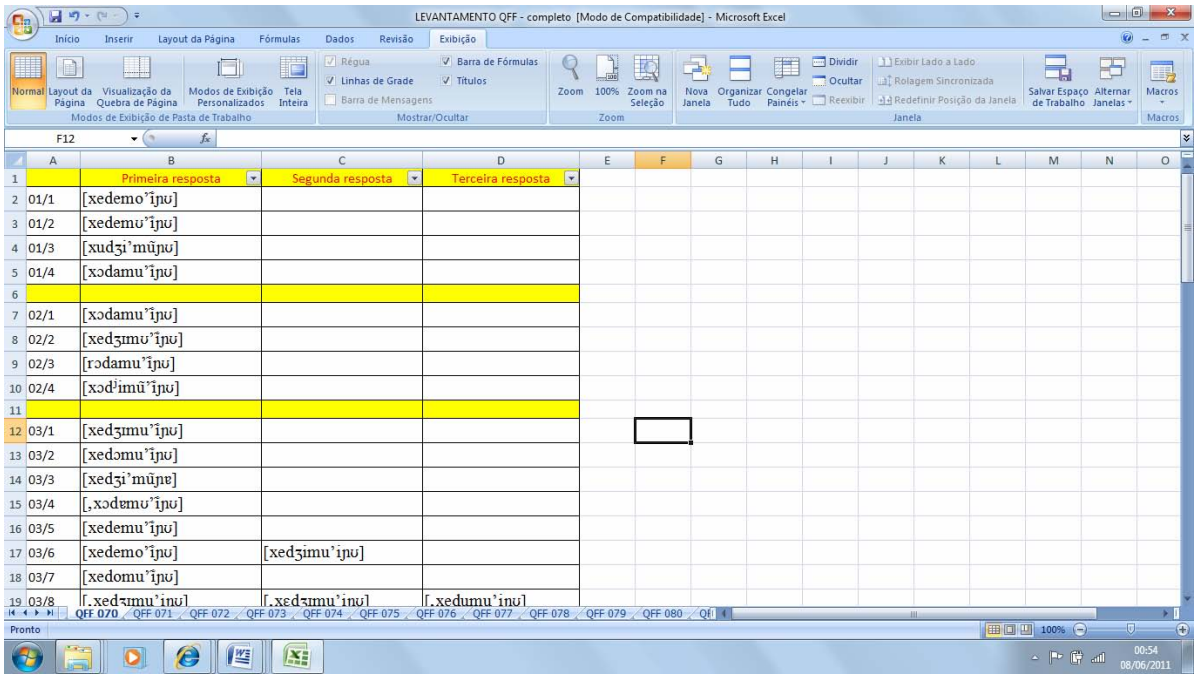


Figura 24 – Modelo das planilhas de levantamento de dados fonéticos



	A	B	C	D
1		Primeira resposta	Segunda resposta	Terceira resposta
2	01/1	[xedemoˈĩɲʊ]		
3	01/2	[xedemʊˈĩɲʊ]		
4	01/3	[xudʒiˈmũɲʊ]		
5	01/4	[xɔdamuˈĩɲʊ]		
6				
7	02/1	[xɔdamuˈĩɲʊ]		
8	02/2	[xedʒɪmʊˈĩɲʊ]		
9	02/3	[rɔdamuˈĩɲʊ]		
10	02/4	[xɔdʲimũˈĩɲʊ]		
11				
12	03/1	[xedʒɪmuˈĩɲʊ]		
13	03/2	[xedɔmuˈĩɲʊ]		
14	03/3	[xedʒiˈmũɲɐ]		
15	03/4	[ˌxɔdɐmʊˈĩɲʊ]		
16	03/5	[xedemuˈĩɲʊ]		
17	03/6	[xedemoˈĩɲʊ]	[xedʒimuˈiɲʊ]	
18	03/7	[xedomuˈĩɲʊ]		
19	03/8	[ˌxedɪmuˈiɲʊ]	[ˌxedʒɪmuˈiɲʊ]	[ˌxedumuˈiɲʊ]

Assim, este exaustivo trabalho de levantamento de dados prolongou-se até novembro de 2010 e resultou em dois arquivos: um contendo 103 planilhas (números de questões do QSL) e outro com 114 (número de questões do QFF).

Com os dados coletados, transcritos, revisados e tabulados, começamos a etapa seguinte do trabalho: a cartografação. Antes mesmo, porém, de termos todos os dados levantados, elaboramos cartas experimentais que foram apresentada em eventos científicos, como o VIII Encontro de Letras, Linguagem e Ensino (ELLE) realizado na Universidade do Norte do Paraná (Unopar), em Londrina, no mês junho/2010; o IX Seminário de Dissertações e Teses em Andamento (SEDATA) na Universidade Estadual de Londrina, ocorrido no mês de agosto/2010, e o IX Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul) realizado no campus da UNISUL, em Palhoça - SC, no mês de outrubro/2010.

As contribuições de cada evento, com as sugestões e críticas recebidas, possibilitaram reavaliar e escolher o melhor modo de representação dos dados. A participação no IX SEDATA e os comentários da debatedora Drª. Jacyra Andrade Mota da UFBA foram de grande valia para definirmos a cartografição, no que se refere às informações presentes em cada mapa, a forma de representar as abstenções de respostas e as variantes documentadas.

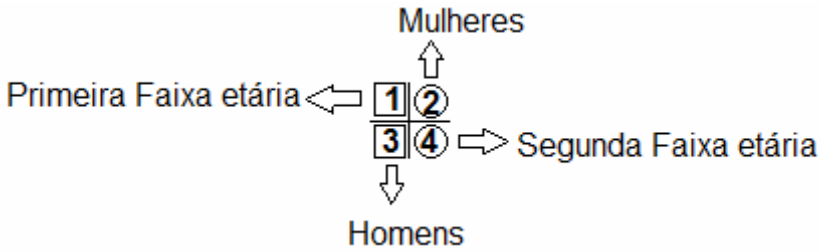
Assim, adotamos como mapa base, o mapa oficial do município que se encontra publicado no site da Prefeitura Municipal de Londrina, no documento

Perfil 2010. Esse mapa foi elaborado pela Secretaria do Planejamento em 1999, com uma escala gráfica de 1:4000.00.

Fizemos alterações na imagem para obter somente as informações que nos interessam: delimitação do território londrinense, divisão político-administrativa, escala gráfica, e o principal rio que margeia o município, o rio Tibagi. Definido o mapa base, passamos à representação dos dados linguísticos sob a forma cartográfica, iniciando pelos lexicais.

O processo de cartografia foi realizado pelo autor desta dissertação desde janeiro de 2011. Adotamos a cruz que representa os 4 informantes de nível fundamental em cada ponto linguístico. Do lado esquerdo da cruz encontram-se os dados referentes aos homens e do lado direito, os das mulheres. Entretanto, para chamar a atenção do leitor para a variável gênero, consideramos também símbolos geométricos, o quadrado para os homens e o círculo para as mulheres. O uso dessas formas deve-se à estética visual, visto que os lados esquerdo e direito da cruz já definem a variável sexo. Na parte superior da cruz, encontram-se os informantes da primeira faixa etária (18-30 anos) e na parte inferior, os informantes da segunda faixa etária (50-65 anos), conforme observamos na figura 11. No ponto 3, acrecentou-se outra cruz, ao lado direito, representando o informantes de nível superior completo.

Figura 25 – Representação cartográfica dos informantes segundo as variáveis gênero e faixa etária



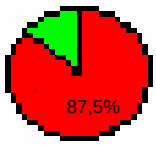
Abaixo do mapa, incluímos um gráfico com percentual de ocorrência das variantes e das abstenções de resposta. Nas cartas lexicais, no verso da carta que antecede, encontra-se a transcrição fonética, além de observações e notas explicativas dos informantes sobre a questão formulada.

Quanto à representação dos dados nas cartas fonéticas, optamos por representá-los sob forma de pequenos gráficos de pizza, priorizando, na forma

cartográfica, apenas a distribuição diatópica. Informações diagenéricas ou diageracionais encontram-se no verso da carta antecedente.

Assim, após levantamento e codificação dos dados fonéticos, submetemo-los ao tratamento estatístico do programa *Goldvarb 2001* (programa computacional que faz cálculos estatísticos de uma regra variável). O programa fez o cruzamento de variáveis linguísticas e extras linguísticas, apresentando os resultados pertinentes em peso relativo e em percentual. Nas cartas, consideramos apenas a porcentagem e aproximamos os resultados a números significativos a fim de representação. Os dados percentuais encontram-se em cima de cada pequeno gráfico, como no exemplo na figura 26:

Figura 26 – Forma gráfica de representação dos dados fonéticos nas cartas linguísticas



Optamos pelo uso da cor vermelha para a variante mais produtiva e verde para o menos produtiva. Em casos de variáveis enárias (mais de duas variantes), optamos pelo vermelho, verde e azul. Mais detalhes sobre a cartografia dos dados encontram-se na apresentação do segundo volume desta dissertação (volume de cartas).

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos fenômenos lexicais e fonéticos registrados nas cartas linguísticas do AGeLO. Primeiramente, tratamos dos dados lexicais fazendo também uma descrição comparativa com as cartas coincidentes do EALLO e, em seguida, tratamos dos dados fonéticos. São pontos de discussão: o polimorfismo lexical, as marcas diatópicas e a variação diageracional. No caso das cartas fonéticas, discutimos também a variação diagenérica e a influência de variáveis linguísticas na realização ou não dos fenômenos.

5.1 ASPECTOS LEXICAIS

Foram elaboradas, para esta dissertação, 50 cartas lexicais, das quais 28 coincidem com o EALLO. No Quadro 5, apresentamos uma síntese das cartas coincidentes entre o AGeLO e o EALLO.

Quadro 5 – Cartas lexicais coincidentes entre o AGeLO e o EALLO

Título	Nº. da carta no AGeLO	Nº. da carta no EALLO
Chuva de granizo	1	7
Arco-íris	3	6
Via láctea	4	5
Estrela cadente	5	4
Estrela d' alva	6	3
Cogumelo	9	10
Bananas que nascem grudadas	10	11
Caldo de cana	12	56
Mancha germinativa no ovo	17	13
Cachorro de rabo cortado	19	14
Beija-flor	21	12
Louva deus	22	17
Bichinho preto, com muitas perninhas, que parece uma minhoca	23	18
Pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou sela para ficar macio	24	16
Osso redondo do joelho	27	30
Parte que cobre o olho	28	24
Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes	30	27
Dente do siso	31	20
Dentes molares	32	19
Saliência do pescoço do homem	34	23
Amígdalas	37	22
Bolinha que nasce na pálpebra	38	25
Cueca	40 A; 40 B	37
Alpargatas	41	38
Sarilho	42	41
Sujeira que sai do feijão depois de batido	43	40
Espiga de milho com poucos grãos	45	39
Brinquedo feito de papel e varetas que se solta ao vento	416	43

As cartas lexicais estão agrupadas em duas grandes áreas semânticas, Terra e Homem, conforme o questionário do ALPR. Vinte e seis cartas referem-se à área semântica da Terra, por sua vez, subdividida em três subáreas: i) natureza (oito cartas); ii) flora (quatro cartas) e iii) fauna (14 cartas). As cartas correspondentes à área semântica do Homem (24 cartas) distribuem-se em quatro subcampos semânticos: i) corpo humano (13 cartas); vestuário e calçados (duas cartas); agricultura e instrumentos agrícolas (quatro cartas) e brincadeiras e brinquedos infantis (cinco cartas). Procedemos à descrição e à análise dos dados considerando as subáreas semânticas.

5.1.2 Terra

5.1.2.1 Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo etc.

Fazem parte dessa subárea as cartas de número 1 a 8, respectivamente: *Chuva de granizo; Chuva passageira; Arco-íris*[43]*; Via Láctea; Estrela cadente; Estrela d'alva; Lugar onde o rio nasce; Troco/pedaço de pau para passar por cima de um rio*. Para a descrição e a análise, escolhemos as cartas 1 e 5, abaixo especificadas:

Carta 1 – *Chuva de granizo*

A carta lexical nº. 1 - *Chuva de granizo* - referente à questão 14 do QSL, apresentou, como primeira resposta, duas variantes significativas: *chuva de granizo* (30 ocorrências)[44] e *chuva de pedra* (13). Essas variantes estão distribuídas homogeneamente em todo o território de Londrina, não evidenciando diferenças diatópicas.

---

[43] Apesar de a questão 11 do QSL – *Como se chamam aquelas listas coloridas que surgem no céu depois que chove e sai sol?* não documentar variantes lexicais, optamos por cartografá-la devido ao fato de no EALLO esta questão ter gerado, inclusive, áreas de isoléxicas - *Carta 1 Isoléxica* de *Arco-da-velha/ do velho* (AGUILERA,1986, p. 200). O mesmo se dá com a carta 21 do AGeLO – *Passarinho pequenino com o bico comprido que chupa o néctar da flores - Carta 2 Isoléxica de Cuitelo* (AGUILERA, 1987, p. 201). Conforme verificamos no AGeLO, estas áreas estão ausentes e as variantes *arco-da-velha* e *cuitelo*, não fazendo parte do vocabulário ativo dos londrinenses, são consideradas formas diageracionais e diatópicas. (ver comentário dos informantes – carta 3 e carta 21 do Volume II do AGeLO).

[44] Na cartografação, consideramos as formas *granito* (sete ocorrências)*, granilha e granina* (ocorrências únicas) como variantes morfofonêmicas da variante *granizo,* dado que os sufixos *-ilha*, *-ina* e *–ito* são formas alternantes para indicar o grau diminutivo. Carreter (2008, p. 281), acerca das variantes morfofonêmicas, afirma que "los fonólogos han propuesto este término para designar 'a idea compleja de todos los miembros (dos o más) de uma alternância. Así, en la alternância que se produce en las formas alemanas *geben-gab-gib,* las vocales *e, a, i* (llamadas *alternantes*) constituem um morfonema."

Quanto às diferenças linguísticas entre as faixas etárias, as formas morfofonêmicas da variante *granizo (granina, granilha e granito)* podem ser consideradas como variantes diageracionais. As variantes *granina e granilha* ocorreram exclusivamente entre dois informantes da segunda faixa etária, ao passo que *granito* predominou na fala dos informantes da primeira faixa, pois, das sete ocorrências, como primeira resposta, apenas uma foi registrada por um informante da faixa etária II.

Dos 44 londrinenses que fizeram parte da pesquisa, 30 deles forneceram uma segunda ou terceira resposta, quando indagados sobre o seu conhecimento de outras formas para denominar o referente. Assim, registramos, além das já cartografadas como primeira resposta *(chuva de pedra, chuva de granizo)*, duas outras variantes lexicais *(chuva de gelo e chuva de flor)*.

A variante *chuva de gelo* obteve três ocorrências, todas na fala de informantes da faixa I e *chuva de flor* apresentou-se com quatro ocorrências, das quais três foram obtidas junto a informantes da segunda faixa.

Na carta n.º 7 do EALLO, documentam-se nove variantes lexicais, das quais as mais produtivas foram: *chuva de pedra*, *granizo*, *granito e chuva de flor.* Com menor índice de ocorrência, estão registradas em pontos específicos as formas eufêmicas: *gelo, chuva de milho*, *chuva de sal*, *florzinha* e *neve*.

Quanto à distribuição diatópica dessas variantes na década de 80, podemos fazer as seguintes considerações:

i) *chuva de pedra* encontrava-se distribuída por todo o território de Londrina;
ii) a variante *granizo* predominava nos pontos linguísticos da região norte do município;
iii) *chuva de flor* ocorria exclusivamente em três pontos linguísticos localizados ao sul (pontos 9, 10 e 12);
iv) *granito* estava presente em quatro pontos linguísticos, dos quais três localizados ao norte (pontos 2, 4 e 5) e um ao sul do município (ponto 9).

Verificamos, dessa forma, a preferência por variantes distintas conforme a região do município (norte e sul). *Granizo e granito,* predominantemente,

ocorriam no norte de Londrina, ao passo que *chuva de flor*, apresentava-se exclusivamente no sul, o que ratifica uma das conclusões de Aguilera (1987) sobre as diferenças linguísticas, na década de 80, entre a região norte e a sul de Londrina. Segundo a autora:

> A região norte, compreendida pelos pontos 1 a 5, é de colonização mais recente, executada pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, e desbravada por estrangeiros, mineiros, paulistas e nordestinos, apresenta uma fala mais próxima da norma, devido também, à proximidade da sede urbana.[...]. A região sul, pontos de 6 a 12, de colonização mais antiga, por paranaenses do sul e do norte velho, e por mineiros e paulistas, apresenta uma fala mais conservadora ao nível do léxico e da fonética (AGUILERA, 1987, p. 198)

Ou seja, as variantes inovadoras (*granizo* e *granito*) predominavam na região de colonização mais recente, o norte, ao passo que a variante mais conservadora, *chuva de flor,* ocorria exclusivamente na região de colonização mais antiga, revelando o conservadorismo linguístico daquela região.

Comparando os dados atuais com os registrados no EALLO, observamos que houve uma troca quanto à variante mais produtiva. Na década de 80, do total de 30 ocorrências, predominava em Londrina a *chuva de pedra* (13 ocorrências) equivalente a 43% das respostas, seguida de *granizo* com 12 ocorrências (40%), *chuva de flor* com três ocorrências (11%), *chuva de gelo* e *neve* como ocorrências únicas, representando 3% de produtividade cada uma.

Atualmente, *chuva de granizo*, com suas variantes morfofonêmicas, é a mais produtiva com 72% dos registros, seguida de *chuva de pedra* com 28%. Segundo os relatos dos informantes, podemos considerar *chuva de granizo* como uma forma inovadora que se usa atualmente em contraponto à *chuva de pedra* que se comporta, para alguns, como uma variante diacrônica, conforme os relatos abaixo transcritos:

> *INF. – Granizo* [grẽ'nizu], *né. A gente fala chuva de pedra* [ˌʃuvedʒi'pedɾe], *mai hoje é granizo, hoje deu uma chuva de granizo forte, né, antigamente falava tá choveno pedra, tá choveno chuva de pedra.*
> *INQ.- E hoje o senhor usa mais qual?*
> *INF.- É, hoje é mais granizo, né. Antigamente 'cê (= você) tava no sítio dava aquele chuvão, que caia pedra, falava tá chuveno pedra.*
> *INQ.- Não tinha nenhum problema falar que tá chovendo pedra?*

INF.- Não, não. [01/3]

INF. – Chuva de pedra [ˌʃuvɐdʒɪˈpɛdrɐ], *né, de granizo* [grɐ̃ˈnizu] *eis (= eles) falava, mais nóis falava de pedra memo.*
INQ.- Mas a senhora usa qual?
INF.- Chuva de pedra.
INQ.- E não tem nenhum problema falar que choveu pedra?
INF.- Não. (risos)
INQ.- Antigamente não tinha nenhum?
INF.- É falava chuva de pedra, né, às veiz fazia um barulhão, né, que já via de longe, né. [01/4]

Chuva de flor, que no EALLO foi documentada como primeira resposta, embora com baixa produtividade, no AGELO, ocorreu apenas como segunda, a partir de informações diageracionais. Esta variante foi documentada nos pontos 4, 7 e 10, ou seja, em um ponto linguístico localizado ao norte (ponto 4 – distrito de Espírito Santo), um na região central (ponto 7 – distrito de São Luiz) e um na região sul (ponto 10 – distrito de Lerroville). Entretanto, esta variante já não faz parte do vocabulário ativo dos londrinenses. Segundo os relatos dos informantes, observamos que o uso de *chuva de flor* deve-se ao seu caráter eufêmico, conforme registramos no discurso de alguns entrevistados, como, por exemplo, no relato da informante 4 do ponto 4 (distrito do Espírito Santo), e do informante 3 do ponto 10 (distrito de Lerroville), transcritos *ipsis litteris*, logo abaixo:

INF.- Granizo [grɐ̃ˈnizu].
INQ.- Tem outro nome?
INF.- Pedra, mas eu não falo pedra não.
INQ.- Por quê?
INF.- Tem gente que fala pedra, minha mãe não deixava nóis falá pedra, porque pedra é pedra. E aquele lá é uma coisa que vem lá do céu, que tá caindo que Deus tá mandando. Então não pode falá pedra. Diz que se falasse pedra chovia mais ainda. (risos). Coisa de gente antigo, né.
INQ.- A gente tinha que falar o quê?
INF.- Flores. É granizo, mas a minha mãe não deixava nóis falá pedra não, nós nem falava granizo, era pra falar "tá... tá choveno flor", pra não vim forte.
INQ.-Tinha que falar desse jeito?
INF.-Tinha que falá tá chovendo flor (...) [04/4]

INF.- Granizo [grɐ̃ˈnizu]. *Antigamente falava chuva de pedra* [ˌʃuvɐdʒɪˈpɛdrɐ]. *Turma tinha medo de falá chuva de pedra. Turma falava quando vinha "ah, mai tá dano uma chuva de fror* [ˌʃuvɐdʒɪˈfroɾ]".

> *INQ.- Medo do quê?*
> *INF.- Medo, medo de chuva. Porque tem gente que tem muito medo, né, medo de chuva.*
> *INQ.- Se desse chuva de pedra, então...*
> *INF.- Os pai já falava assim: "ah, não, num pode falá assim fio, tem que falá chuva de flor porque senão num pára a chuva". Otus (= outros) jogava uma penera po (= para o) terrero pa (= para) dizê que parava a chuva.*
> *INQ.- Verdade? Se começasse a chover fora assim...*
> *INF.- É, e falava que tinha que falar chuva de fror. E tem gente que até hoje ainda joga penera, ainda, heim!*
> *INQ.- O senhor não joga não?*
> *INF.- Eu já joguei. (risos)*
> *INQ.- Mas hoje em dia não?*
> *INF.- Hoje não (risos) não, quando começava aquela chuva de pedra jogava a penera, diz que era uma simpatia pra pará de chovê pedra.*
> *INQ.- Mas agora o senhor fala que é?*
> *INF.- Hoje eu falo que é chuva de pedra, granizo, chuva de granizo tamém.*
> *INQ.- Mas o senhor usa mais qual?*
> *INF.- Eu falo chuva de pedra. [10/3]*

Conforme verificamos, essa questão não evidenciou as diferenças linguísticas entre norte e sul do município, o que demonstra uma distribuição diatópica uniforme das variantes lexicais. Assim, o estudo em tempo real comprovou a mudança linguística em progresso, pois na década de 80, as variantes *chuva de pedra* e *chuva de granizo* coocorriam com percentual próximo, 43% e 40%, respectivamente. No início da segunda década do século XXI, observamos que a variante *granizo*, termo próprio da meteorologia, juntamente com suas variantes morfofonêmicas *(granina, granilha e granito)*, passou a ser predominante em todo o território, aumentando o percentual de ocorrência para 72%, ao passo que a variante *chuva de pedra* diminuiu para 28%. Observamos também a diminuição do polimorfismo lexical, sobretudo, das variantes eufêmicas documentadas no EALLO: *gelo, chuva de milho*, *chuva de sal*, *florzinha* e *neve*, revelando a realidade linguística do usuário, face ao novo contexto em que se encontra. O informante, hoje ainda mais urbano, não encontra motivo para o uso dessas variantes eufêmicas, pois a *chuva de pedra* não apresenta tantas ameaças para ele, já que não tem mais a preocupação com os danos que este tipo de chuva pode causar, por exemplo, à lavoura. O estudo em tempo aparente evidenciou a variação entre as faixas etárias por meio de variantes diageracionais como as morfofonêmicas de *granizo*, e a variante *chuva de flor*.

Carta 5 – Estrela cadente

A questão 008 do QSL – *Como se chama aquela estrela que corre no céu e parece que cai?* – originou a carta número 5 do AGeLO – *Estrela cadentre*. Esta pergunta apresentou como resposta três variantes lexicais: *estrela cadente* (25 ocorrências), *estrela guia* (5) e *mãe de ouro* (2), num total de 32 registros.

A variante *estrela cadente* obteve 57% de produtividade e esteve presente em todos os pontos investigados, predominando entre os informantes da primeira faixa etária (18 ocorrências). Em segundo lugar, registramos a abstenção de resposta em 27% do *corpus* - 12 informantes - dos quais 10 na faixa etária II.

A variante *estrela guia* representou 11% das respostas, ocorrendo, exclusivamente, entre os informantes da segunda faixa etária, nos pontos 4, 7, 8 e 9, delimitando, de certa forma, uma zona de isoléxica na região oeste e sudoeste do município, ao mesmo tempo caracterizando-se como uma variante diageracional. Por fim, outra variante que também evidencia a diferença linguística entre as faixas etárias é a *mãe de ouro* que obteve 5% de produtividade registrada somente na fala de dois informantes da segunda faixa.

A carta nº. 4 do EALLO apresenta 13 variantes: *mãe de ouro* e *estrela cadente*, ambas com três ocorrências; *estrela de rabo*, *cometa* e *estrela guia*, com duas ocorrências cada uma e ocorrências únicas de expressões como: *corre a estrela*, *estrela de cauda*, *estrela que cai no mar*, *estrela que corre*, *estrela que deixa mentiroso*, *estrela que muda*, *rabo de galo*, além de 5 abstenções sobre as quais Aguilera (1987, p. 126) faz as seguintes considerações:

> O número de abstenções (5) é significativo, levando-nos a pensar na possibilidade de um tabu linguístico, já constatado por Zágari durante os inquéritos para o Atlas Linguístico de Minas Gerais. Nessa oportunidade, Zágari documentou a preocupação do informante em não dar a resposta a esta questão ao afirmar que quem diz que viu tal estrela é mentiroso. Em nossa pesquisa, obtivemos de vários informantes a confirmação dessa crendice popular.

No AGeLO, não se registrou tal crendice popular, no entanto, podemos inferir que este tabu linguístico constatado por Zágari (1977) e por Aguilera (1987) justifica a abstenção de resposta, principalmente entre os informantes da segunda faixa etária, visto que, de modo geral, são mais conservadores quanto à linguagem.

Assim, o estudo em tempo real permitiu verificar uma mudança linguística em progresso quanto à diminuição do polimorfismo lexical. Comparando os dois *corpora,* verificamos que a variante padrão *estrela cadente* encontra-se mais difundida entre os informantes do AGeLO (57% das ocorrências), ao passo que no EALLO esta variante obteve baixa produtividade, três ocorrências apenas. Podemos dizer que das13 variantes do EALLO, apenas duas ainda se mantêm no vocabulário ativo do londrinense do século XXI *(estrela guia e mãe de ouro)*, embora com baixa produtividade, ocorrendo apenas na fala de informantes da segunda faixa etária, constituindo, pois como variantes diageracionais, conforme apontou o estudo em tempo aparente. Quanto às expressões *corre a estrela*, *estela de cauda*, *estrela que cai no mar*, *estrela que corre*, *estrela que deixa mentiroso*, *estrela que muda*, *rabo de galo* podemos afirmar que se trata de variantes em desuso, constituindo-se mesmo uma mudança linguística concluída, pois não foram mais documentadas entre os informantes do AGeLO.

Sobre a subárea Natureza, podemos afirmar que o estudo em tempo real e tempo aparente tem revelado que em Londrina se encontra um processo de mudança linguística em progresso. As marcas diatópicas já não confirmam as conclusões de Aguilera (1987) sobre as diferenças linguísticas entre o norte e o sul do município, dada a influência da sede urbana nos distritos mais afastados, centro de convergência da maioria da população, principalmente jovem, por comportar comércio, indústrias e universidades. Embora tenhamos analisado apenas duas cartas (chuva de pedra e estrela cadente), podemos dizer que esta subárea semântica já não apresenta tantas variantes lexicais como na década de 80.

5.1.2.2 Flora: árvores, frutos etc.

Destacamos, para análise, duas cartas referentes a esta subárea semântica: a carta 9 - *Cogumelo* - e a carta 10 - *Bananas que nascem grudadas*.

Carta 9 – Cogumelo

A carta n º. 9 apresenta, basicamente, quatro variantes lexicais: *cogumelo* (36 ocorrências), *guarda-chuvinha de sapo* (04 ocorrências), e ocorrências únicas de *casinha de sapo* e *orelha de pau*, num total de 42 registros.

A variante *cogumelo* representou 74% das respostas e não evidenciou diferenças diatópicas, diagenéricas ou diageracionais, pois distribui-se pelos 10 pontos na fala de informantes masculinos e femininos e das duas faixas etárias, sendo hegemônica entre os informantes da faixa etária I. A segunda variante mais produtiva, *guarda-chuvinha de sapo* (8%), pode ser considerada como diageracional, pois ocorreu exclusivamente na fala dos informantes da segunda faixa etária. Com apenas uma ocorrência entre informantes também da faixa etária II, encontram-se *casinha de sapo* e *orelha de pau*.

Na carta lexical nº.10 do EALLO, Aguilera (1987, p. 133) observa que a questão do *cogumelo* foi a que apresentou o maior número de variantes lexicais e que as criações, de base analógica, se fizeram, sobretudo, a partir dos lexemas *orelha/chapéu/sombrinha ou guarda-chuva*, além de criações de etimologia obscura. Assim, arrolamos as 22 variantes documentadas na década de 80: *cogumelo* (sete ocorrências), *orelha de pau* (seis ocorrências), *guarda-chuvinha* (quatro ocorrências), *orelha-de-negro* (três ocorrências), *orelha-de-padre* (três ocorrências), *guarda-chuva de pau podre* (duas ocorrências), *orelha-de-onça* (duas ocorrências) e variantes de ocorrência única como: *boba*, *bolor*, *boné-de-saci*, *chapéu-de-couro*, *chapéu-de-padre*, *chapéu de pau*, *chapeuzinho*, *cocô-do-diabo*, *colher de pau*, *fungo*, *guarda-chuva do saci*, *livi*, *maria mole*, *sombrinha de saci* e *urupê*.

Comparando os dados da década de 80 com os de 2010, verificamos que o polimorfismo lexical diminuiu significativamente dando espaço para a variante padrão *cogumelo* que predomina em todo o território. A variante *orelha de pau*, a segunda mais produtiva do EALLO, ainda sobrevive na fala de apenas um informante do AGeLO, com tendência, pois, ao desaparecimento. Vale notar que a variante *guarda-chuvinha*, terceira mais produtiva do EALLO, nos dados do AGeLO, veio acompanhada do designativo *-de sapo*. O mesmo aconteceu com a variante *casinha*, não documentada pelo EALLO. Por fim, uma característica que não documentamos no AGeLO foi a associação disfórica do referente a algo negativo, como por exemplo, ao diabo ou ao personagem folclórico saci, tal qual ocorre nos dados do EALLO.

Carta 10 – Bananas que nascem grudadas

A questão 050 do QSL – *nome que se dá àquelas bananas que nascem grudadas* – apresentou como respostas 49 registros distribuídos entre três variantes lexicais, a saber: *filipe* (27 ocorrências) representando 53% das respostas, *gêmeas* (20 ocorrências), com 39% de produtividade e *bananas grudadas* (duas ocorrências) ou 4% do total, além de dois informantes que não souberam responder.

As variantes lexicais não representaram marcas diatópicas, mas evidenciaram principalmente a variação entre as faixas etárias, visto que a variante *filipe* predominou nas respostas dos informantes da segunda faixa (18 ocorrências), ao passo que *gêmeas* obteve maior produtividade entre os informantes da primeira faixa etária (12), constituindo-se ambas como variantes diageracionais. A variante *filipe* caracteriza-se como dialetal, já observada no ALPR, carta 46 do referido atlas, predominante na região norte do estado do Paraná.

Essas informações diageracionais são ratificadas com os discursos dos informantes, como o ilustrado abaixo:

> *INF.- Banana gemia* [baˌnẽnvˈʒẽmjv], *filipe* [fiˈlipɪ].
> *INQ.- Você utiliza mais?*
> *INF.- Filipe?*
> *INQ.- É.*
> *INF.- Ah, só as pessoas mais velhas. Minha empregada usa por exemplo.*
> *INQ.- E você utiliza mais?*
> *INF.- Banana gêmea* [baˌnẽnvˈʒẽmjv]. *Só (risos). [03/6]*

Segundo o relato do informante 3 do ponto 9, existe diferença entre as variantes *gêmeas* e *filipe*:

> *INF.- Banana gêmea* [baˌnẽnvʒẽˈmjv].
> *INQ.- Não tem mais nenhum outro nome?*
> *INF.- Não.*
> *INQ.- O café também, tem café também que nasce junto...*
> *INF.- O café fala filipi, né.*
> *INQ.- Banana não pode ser?*
> *INF.- Não, banana é gemia, banana gemi... Agora o café fala filipi, é dois grudado um no outro.*
> *INQ.- Ah, então filipe é só para o café?*
> *INF.- É. [09/3]*

A forma genérica *bananas grudadas* ocorreu exclusivamente entre os informantes mais jovens, juntamente com a abstenção de resposta, ratificando ainda mais as diferenças linguísticas entre as duas faixas etárias. Cabe ressaltar que a própria formulação da questão apresenta a variante *fruto/banana grudado (a),* o que pode ter influenciado os informantes a registrarem esta variante, considerada genérica.

A carta 11 do EALLO registra três variantes linguísticas para os frutos grudados (café ou banana): *filipe* (22 registros), a variante mais produtiva, e, em menor produtividade, *gêmea* (seis registros) e *incõi* (dois registros). A variante mais produtiva distribuía-se em todos os pontos linguísticos não evidenciando, assim, diferenças diatópicas, mas representando um traço do dialeto norte-paranaense. A variante *gêmea* ocorre exclusivamente nos pontos 5, 6, 7, 8, 9 e 10, constituindo-se, de certa forma, uma zona de isoléxica. A variante *incõi* foi documentada, com baixa produtividade, nos pontos 8 e 9.

Comparando os dados do EALLO com os do AGeLO, verificamos que houve a diminuição do polimorfismo lexical e constatamos que a variante inovadora *gêmeas* vem ganhando espaço no vocabulário dos londrinenses ao passo que a variante *incõi* apresentada no EALLO com baixa produtividade, já não se encontra mais na fala dos londrinenses do século XXI, que começam a omitir a resposta ou a registrar a forma genérica *banana grudada*, principalmente entre os informantes da primeira faixa etária.

Mais uma vez o estudo em tempo real e tempo aparente comprovou a existência de uma mudança linguística em progresso, sobretudo, pela significativa diminuição do polimorfismo lexical e pelas diferenças linguísticas entre as faixas etárias. A variante considerada padrão, *cogumelo,* passou a ser a mais representativa nos dados de 2010, não evidenciando diferenças diatópicas, diassexuais e diageracionais. As demais variantes *guarda-chuvinha de sapo, casinha de sapo e orelha de pau* apresentaram-se com baixa produtividade entre os informantes da segunda faixa etária, dando indícios de uma mudança linguística, que dentro de algum tempo, pode ou não estar concluída. Já quanto à carta 10 – *bananas grudadas* – verificamos que os dados do AGeLO ainda ratificam a presença de um traço do dialeto norte-paranaense com a predominância da variante *filipe* em todo o território de Londrina, já constatada no EALLO, porém, com a concorrência da variante *gêmeas* e da forma genérica *bananas grudadas*. Dessa forma, podemos

afirmar que o estudo em tempo aparente comprovou que *filipe* e *gêmeas* são duas variantes diageracionais, dado que a aquela, mais arcaica, predomina entre os informantes da faixa etária II e esta, a forma inovadora – *gêmeas* – tem maior índice de produtividade entre os informantes da primeira faixa etária, apontando para uma mudança linguística em progresso.

5.1.2.3 Fauna: aves, pássaros e animais

As cartas linguísticas de número 11 a 26 referem-se à subárea semântica da fauna, das quais sete cartas são coincidentes com o EALLO: carta 12 *(Caldo de cana),* carta 17 *(Mancha germinativa no ovo)*, carta 19 *(Cachorro de rabo cortado)*, carta 21 *(beija-flor),* carta 22 *(Louva-deus)*, carta 23 *(Bichinho preto, com muitas perninhas, que parece uma minhoca)* e carta *24 (Pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou sela para ficar macio)*. Selecionamos para descrição e análise as cartas 17 e 24.

Carta 17 – Mancha germinativa no ovo

A questão 028 do QSL – *Como se chama aquela pintinha que aparece na gema do ovo que sem ela o ovo não presta para chocar?* – originou a carta 17 – gala – na qual registramos um alto índice de abstenção de resposta (62%), principalmente entre os informantes da primeira faixa etária. Foram documentadas 15 ocorrências de variantes lexicais: *olho do pintinho* (seis ocorrências), *gala* (três ocorrências), *ovo galado* (três ocorrências) e *ovo choco* (três ocorrências).

Foi comum, entre os que souberam responder, associar a forma dessa mancha ao olho do pintinho que poderá sair desse ovo, assim, a variante *olho do pintinho*, com suas variantes fonéticas, obteve 14% de produtividade, exclusivamente entre os informantes da segunda faixa etária. A variante *gala*, “mancha germinativa no ovo” (FERREIRA, 2004), ocorreu em 8% das respostas, juntamente com *ovo galado* (8%) e *ovo choco* (8%).

Aguilera (1987, p.136) registrou oito variantes para o referente (carta 13) das quais as mais produtivas foram: *gala* (10 ocorrências), seguida de *olho do*

pintinho (oito ocorrências), *pintinho do ovo* (duas ocorrências) e ocorrências únicas das variantes: *sangue*, *galado*, *galação*, *galo*, *olho da gema* e *pintinho*.

Novamente, o polimorfismo lexical documentado pelos dados da década de 80 diminuiu significativamente em relação aos de 2010, aumentando a abstenção de resposta, sobretudo, pelo fato de o referente em pauta ser tipicamente rural e a cultura de criar aves e pequenos animais domésticos nos extensos quintais das residências ter se extinguido ou diminuído drasticamente, até mesmo na periferia de Londrina. Essas mudanças culturais acompanharam as mudanças sócio-econômicas como o aumento da população em apartamentos e casas populares destituídas de espaços próprios para criação de animais.

Podemos destacar dois pontos principais nesta carta: i) a ausência de resposta documentada principalmente entre os informantes da primeira faixa etária, o que revela o caráter urbano do londrinense do século XXI; e ii) a predominância das variantes lexicais registradas entre os informantes da segunda faixa etária, demonstrando, que embora com baixa produtividade, os londrinenses de mais idade conhecem um designativo para o referente em pauta. Dessa forma, o estudo em tempo real e tempo aparente revelou mais uma vez uma mudança linguística em progresso, ocasionada sobretudo pelas mudanças sócio-culturais.

Carta 24 – Pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou sela para ficar macio

A carta nº. 24 – *pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou sela para ficar macio* – referente à questão 036 do QSL apresentou duas variantes significativas: *pelego* (67%) e *coxinilho* (4%), além de variantes de caráter genérico que tiveram ocorrência única como: *pano*, *assento* e *tapete*. A variante mais produtiva distribui-se por todos os pontos linguísticos e predomina na fala dos informantes da segunda faixa etária (18 ocorrências). As duas ocorrências de *coxinilho* foram obtidas dos informantes desta mesma faixa. Em contrapartida, as formas genéricas foram registradas junto a informantes da faixa etária I, nos quais a abstenção foi significativa.

A carta 16 do EALLO, além das variantes *pelego* (24 ocorrências) e *coxinilho* (quatro ocorrências), traz um registro de *mancheiro. Pelego* distribui-se por todos os pontos linguísticos, *coxinilho* foi documentada nos pontos 3, 4, 7 e 11 e

mancheiro ocorreu somente no ponto 11 do referido atlas. Dessa forma, mais uma vez ratificamos que as diferenças linguísticas entre o AGeLO e o EALLO são mais de caráter diageracional do que diatópico. Essas diferenças diageracionais estão sendo documentadas pelo estudo em tempo aparente revelando que as variantes lexicais predominam entre os informantes da segunda faixa etária, ao passo que os informantes pertencentes à faixa etária I registram com mais frequência a abstenção de resposta, sobretudo pelo desconhecimento do referente tipicamente rural.

No que se refere ao campo semântico Terra, os dados do AGeLO revelam que o polimorfismo lexical tem diminuído significativamente devido à falta de convivência dos informantes com os referentes tipicamente rurais, por exemplo, o pelego e o ovo galado. Pode-se atribuir esta mesma causa ao aumento da abstenção de resposta e o uso de variantes de caráter genérico, principalmente entre os informantes da primeira faixa etária. A maioria das variantes documentadas no AGeLO que se encontram registradas no EALLO foram obtidas junto a informantes da faixa etária II. Assim, até o presente momento, o estudo em tempo real e tempo aparente tem comprovado uma mudança linguística em progresso em Londrina.

5.1.3 Homem

5.1.3.1 Partes do corpo, funções, doenças etc.

Fazem parte dessa subárea semântica 13 cartas, as de nº. 27 a 39, das quais oito são coincidentes com o EALLO, a saber: *Osso redondo do joelho* (carta 27), *Parte que cobre o olho* (28), *Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes* (30), *Dene do siso* (31), *Dentes molares* (32), Saliência do pescoço do homem (34), *Amígdalas* (37) e *Bolinha que nasce na pálpebra* (38). Escolhemos para descrição e análise as cartas 27 e 30.

Carta 27 – Osso redondo do joelho

A questão 084 do QSL – *como se chama o osso redondo que fica em cima do joelho* – apresentou 34 registros com significativo polimorfismo de 12 variantes lexicais, das quais quatro foram as mais produtivas: *pataca* (22%), *rótula* (14%), *patela/patola* (10%) e *joelho* (10%). Além dessas variantes, foram registradas

ocorrências únicas como: *tramelinha*, *sapatinha do joelho*, *batata do joelho*, *bola do joelho*, *cabeça do joelho*, *bolachinha*, *buco* e *caroço*, reunidas no item *outras* (11%).

Das 10 ocorrências de *pataca*, nove foram registradas entre os informantes da segunda faixa etária, podendo ser considerada, assim, como uma variante diageracional. A forma dicionarizada, *rótula*, obteve sete ocorrências, predominando na fala dos informantes da primeira faixa (quatro ocorrências) e na fala de três, dos quatro informantes de nível superior, indicando tratar-se de uma variante diastrática e diageracional. *Patela* e *patola*[45] obtiveram cinco ocorrências, sendo quatro delas entre os informantes da primeira faixa etária, caracterizando-se também como variantes diageracionais. A variante de sentido amplo, *joelho,* com cinco registros, está na fala dos informantes de ambas as faixas etárias. As formas únicas ocorreram, principalmente, entre os informantes da faixa II.

Aguilera (1987, p. 151) afirma que *pataca* é a designação regional para *rótula* entre os londrinenses da década de 80, pois foi registrada em maior número dos informantes do EALLO (17), seguida de ocorrências mínimas de *batata*, *travela*, *menisco*, *patinha*[46], além de sete informantes que desconhecem o nome específico.

É interessante notar que, nessa carta, o polimorfismo lexical aumentou se comparado ao EALLO. Algumas formas não foram documentadas no atlas de Aguilera: *tramelinha*, *sapatinha do joelho*, *bola do joelho*, *cabeça do joelho*, *bolachinha*, *buco* e *caroço*, e principalmente, a forma considerada padrão, *rótula*. O AGeLO também registra o aumento da abstenção de resposta, principalmente entre os informantes da primeira faixa etária, diminuindo, consequentemente, a ocorrência de *pataca* que, por sua vez, predomina na fala dos informantes pertencentes à faixa etária II. Assim, documentamos uma mudança linguística em progresso, pois a variante mais conservadora, *pataca,* vem dando espaço à ausência de resposta e à variante padrão *rótula*, principalmente entre os informantes da faixa etária I.

Carta 30 – Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes

A carta nº. 30 *Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes* – apresentou cinco variantes lexicais: *vesgo*, com 24 ocorrências (37%),

[45] Ferreira (2004) remete no verbete ‘patela’ à rótula, tratando-se, pois, de uma forma dicionarizada.
[46] Confronte-se com o nome científico deste osso: patela

zarolho – 22 ocorrências (35%), *caolho* – 10 ocorrências (15%), em menor índice de ocorrências: as variantes *olho torto* com 8% de produtividade (4 ocorrências) e a forma considerada padrão – *estrábico* - com apenas 5% (3 ocorrências).

Essa carta não revelou diferenças diageracionais entre as duas variantes mais produtivas, pois, tanto *vesgo* quanto *zarolho* figuraram equitativamente entre as duas faixas etárias. Em contrapartida, *caolho* predominou na fala dos informantes da segunda faixa etária (9 ocorrências), constituindo-se, dessa forma, como uma variante diageracional, juntamente com *olho torto* que ocorreu exclusivamente entre esses informantes. Já a forma padrão *estrábico* obteve ocorrência exclusiva entre informantes de nível superior. Quanto à dimensão diatópica, não verificamos diferenças visto que as variantes lexicais estão distribuídas por todo o território.

O EALLO documentou na carta de nº. 27 quatro variantes para denominar o indivíduo que tem o olho virado para direções diferentes: *vesgo* (18 ocorrências), *caolho* (sete ocorrências), *zarolho* (quatro ocorrências), e ocorrência única de *viroto*, distribuídas por todo o território do município.

Comparando os dois *corpora*, podemos fazer alguns apontamentos reveladores:

i) *vesgo* ainda predomina em Londrina, porém em concorrência com *zarolho* que vem ganhando espaço no vocabulário dos londrinenses;
ii) *caolho,* nos dados do AGeLO, tem se comportado como uma variante diageracional, pois predominou na fala dos informantes da faixa etária II, ou seja, nove dos 10 registros; juntamente com variante *olho torto* que ocorreu exclusivamente entre os informantes da segunda faixa etária;
iii) *viroto,* registrada com baixa produtividade no EALLO, já não se encontra mais no vocabulário ativo dos londrinenses, tratando-se, pois, de uma variante em desuso, dando indícios de uma mudança linguística concluída, conforme nos aponta o estudo em tempo real.
iv) e *estrábico,* termo próprio da medicina para denominar o indivíduo que apresenta esta anomalia, foi documentada apenas entre os

informantes de nível superior do AGeLO, constituindo uma variante diastrática, característica esta confirmada pelo discurso da informante 8 do ponto 3:

> *NF.- Vesgo* ['vezgu], *ou estrábico* [es'trabiku]. *(risos)*
> *INQ.- Mais algum? (...) Qual que é mais comum você usar?*
> *INF.- É vesgu mesmo né, antigamente se falava vesgo, agora, hoje em dia, a pessoa letrada vai falá istrábico. [03/8]*

O estudo em tempo aparente e tempo real subsidiou a nossa análise para a verificação da mudança linguística em Londrina, evidenciou variantes diageracionais *(caolho e olho torto)* e documentou a variante *estrábico* entre os informantes de mais escolaridade.

5.1.3.2 Vestuário e calçados

Destacamos para análise três cartas referentes a essa subárea semântica: carta 40 A e B *(Cueca)* e a carta 41 *(Alpargatas)*.

Carta 40 A e B – Cueca

A questão 092 do QSL – *peça que os homens usam por baixo das calças* – apresentou duas variantes como primeira resposta: *cueca* (66%) e *zorba* (34%), ambas registradas na maioria dos pontos linguísticos, com exceção do ponto 2, onde predominou a variante *cueca*. Como segunda resposta, registramos cinco variantes, além das já cartografadas como primeira *(cueca/zorba)*: *ceroula* (15 ocorrências), *calção* (sete ocorrências), *samba-canção* (seis ocorrências), *sunga* (quatro ocorrências) e ocorrência única de *shorts*.

Duas características interessantes podem ser apontadas nessa carta, considerando a primeira resposta dos informantes:

i) a variante mais produtiva – *cueca* - predominou na fala dos informantes da faixa I, pois, das 29 ocorrências, apenas 10 foram documentadas na fala dos informantes da segunda faixa etária;
ii) a variante *zorba*, por sua vez, predominou nas respostas dos informantes da faixa etária II, pois, das 15 ocorrências como primeira

resposta, 12 foram registradas junto a estes informantes, constituindo-se, de certa forma, como uma variante diageracional.

Conforme os relatos dos informantes, podemos afirmar que as duas faixas etárias têm preferência por variantes distintas para denominar o referente. Os informantes da primeira faixa etária optam pela variante *cueca,* forma considerada por eles como atual, ao passo que *zorba* constitui-se uma variante mais antiga, pois:

INF.- Cueca [kuˈɛkɐ].
INQ.- Tem outro nome para cueca?
INF.- Zorba [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- Você usa falar mais qual?
INF.- Cueca.
INQ.- Quem fala zorba?
INF.- Os mais véio (= velho) fala esses trem aí. [03/1]

INF.- Cueca [kuˈɛkɐ].
INQ.- Tem outro nome para cueca?
INF.- Zorba [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- Você usa mais qual?
INF.- Cueca.
INQ.- E quem fala zorba?
INF.- Ah! O povo antigo. [05/1]

Os informantes da faixa etária II preferem a variante *zorba*, considerando *cueca* como uma variante diacrônica, ou seja, usada antigamente:

INF.- Mais zorba, né, agora é. Antigamente era cueca [ˈkwɛkɐ], *mais hoje é zorba. [08/3]*

INF.- Zorba [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- E tem outro nome que antigamente usava?
INF.- Ah, tem cueca [kuˈɛkɐ], *tem carção* [kaɾˈsɐ̃w̃], *né.*
INQ.- Hoje em dia usa mais qual?
INF.- A zorba, né.
INQ.- O senhor quando tem que falar, fala que é...
INF.- Zorba. [09/3]

O EALLO, na carta 37, documentou cinco variantes para esta peça do vestuário masculino: *cueca* (19 ocorrências), *zorba* (18 ocorrências), *calção* (seis ocorrências), *ceroula* (seis ocorrências) e ocorrência única de *short*. No EALLO,

estas variantes também se encontram distribuídas esparsamente por quase todos os pontos linguísticos, não evidenciando diferenças diatópicas. Aguilera (1987, p. 155), em nota de rodapé, faz a seguinte consideração sobre a variante *zorba*:

> Interessante é a grande preferência pela forma metonímica zorba que vem substituindo cuecas. Esta peça já é considerada anacrônica e, portanto, o vocábulo caminha para o arcaísmo linguístico. Muitos informantes se referem à peça do vestuário e ao nome: "antigamente a gente chamava cueca.

Os dados do AGeLO revelam que os informantes da segunda faixa etária, na sua maioria, ainda mantêm o traço linguístico da década de 80, considerando a variante *cueca* como uma forma diacrônica. Entretanto, os informantes da faixa I comprovam o contrário do que supunha Aguilera (1987, p. 155). Atualmente, os informantes jovens identificam a *zorba* como uma forma que era usada antigamente, portanto, uma variante diageracional, ao passo que *cueca*, para este grupo e para a maioria dos informantes do AGeLO, é a forma atual para denominar o referente.

Quanto às outras designações[47], foram documentados 33 registros, distribuídos em cinco variantes: *ceroula* (15 ocorrências), *calção* (sete ocorrências), *samba-canção* (seis ocorrências), *sunga* (quatro ocorrências) e *shorts* (ocorrência única). Verificamos que essas outras designações predominam entre os informantes do sexo masculino (22 registros), preferencialmente entre os da segunda faixa etária.

As variantes *ceroula, calção* e *samba-canção* geralmente são mencionadas como variantes diacrônicas, ou seja, peça que se usava antigamente. Alguns informantes, principalmente os homens da faixa II, forneceram detalhes de como era esta peça do vestuário masculino:

INF.- Zorba [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- E antigamente?
INF.- Calção [kawˈsɐ̃w̃].
INQ.- Mais algum outro nome?
INF.- Cueca [kuˈɛkɐ].
INQ.- E o senhor usa mais qual hoje?
INF.- Zorba.

[47] Ver carta 40 B.

INQ.- Cueca era antigamente também?
INF.- É antigamente, chamava até de cirola [siˈrolv], *né, meu pai memo usava aquela cirola de amarra embaxo na perna aqui assim marrava. (risos)*
INQ.- Antigamente então era cirola, calção, cueca. E hoje é zorba?
INF.- Hoje é zorba, né. Hoje é zorba, hoje é sunga [ˈsũgv] *então tem vários nome. [01/3]*

INF.- É cueca [kuˈɛkv], *cirola* [siˈrolv], *samba canção* [ˌsẽbvkẽˈsẽw̃]. *(risos)*
INQ.- Hoje em dia usa qual, mais?
INF.- Hoje usa cueca, né que eis fala, né que, o...
INQ.- Então cirola e samba canção era mais...
INF.- Era coisa mais antigo, né, cirola é aquela maior que fazia tipo duma, forma duma calça, e...
INQ.- (inint.)
INF.- Não ela ia até bem embaxo assim e branca ainda, né, que... Antigamente os idosos, não os mais o menos da idade assim, gente vinte e cinco ano, trinta ano, usava e... Cirola é cirolão, né, que hoje é tipo do bermuda, do bermudão, né, que isso aqui é mais da, da, da, da aberta, né.
INQ.- Mais aberta antigamente era fechada.
INF.- E antigamente era bem justinha, falava que nem purga num subia.[02/3]

INF.- É a zorba [ˈzɔɾbv], *né.*
INQ.- Tem outro nome?
INF.- Bom os primeiro antigo que veio, usava coisa era... cilora [siˈlorv] *que eis falava.*
INQ.- E hoje em dia é?
INF.- Hoje, agora hoje todo mundo usa zorba, né. Hoje se falá isso aí, tem muito jovem hoje que não sabe o que é isso aí.
AUX.- É a mesma?
INQ.- Era diferente?
INF.- Era deferente, mesma coisa dum... meu pai memo usava aquilo lá, era mema coisa dum, era cumprido assim, quase mesma coisa dum short.
INQ.- Ia até aqui em baixo ou não?
INF.- Não, vinha até aqui em cima na perna assim, agora aquela que vinha até aqui em baixo a turma falava... Cueca samba canção [kuˈɛkv,sẽbvˈkẽsẽw̃]. *(risos) [03/3]*

Quanto à variante *sunga,* os informantes esclarecem que, para eles, não se trata de uma peça usada somente para banho (praia ou piscina), mas sim por baixo, portanto, pode ser considerada como variante lexical para *cueca/zorba*:

INF.- Cueca [kuˈɛkɐ].
INQ.- Tem mais algum que usava antigamente?
INF.- Carção [kaɾˈsɐ̃w̃], *sunga* [ˈsũgɐ].
INQ.- Sunga não é de nadar?
INF.- Acho que não.

Por fim, compreendemos que a variante *short,* pode ser considerada não como uma variante lexical, mas como uma forma genérica usada por este informante, sobretudo, por ser uma peça curta do vestuário, possível de ser usada por baixo das calças.

O estudo em tempo real e tempo aparente demonstrou, portanto, diferenças entre os dois *corpora* e entre as faixas etárias, comprovando, mais uma vez, a mudança linguística em progresso. Os dados atuais, portanto, apontam que a variante *cueca* não caminha para o arcaísmo, conforme previa Aguilera (1987, p. 155), mas sim, vem ganhando espaço no vocabulário dos londrinenses do século XXI, principalmente entre os da faixa etária I, ficando a variante *zorba* como uma marca diageracional, predominantemente entre os informantes da faixa etária II.

Carta 41 – Alpargatas

A questão 050 do QSL documentou 48 registros distribuídos em 13 variantes para o *calçado de pano e sola de corda que se usava antigamente*, das quais as mais produtivas foram: *alpargatas* (24 ocorrências), *sapatilha* (12 ocorrências) e *sandália* (três ocorrências). Além dessas variantes, foram registradas ocorrências únicas de *sapato*, *sapato comum*, *sapatão*, *moleca*, *seca poça*, *espalha bosta*, *melissa*, *come quieto* e *pé-de-cachorro* e três informantes (6%) declararam não conhecer esse tipo de calçado. *Alpargata* (49%) e suas variantes fonéticas podem ser consideradas uma forma lexical de caráter diageracional, pois obteve 23 registros entre os informantes da segunda faixa etária e apenas uma ocorrência na fala da informante 6 do ponto 3 (informante do sexo feminino da faixa etária I de nível superior). Em contrapartida, *sapatilha* (24%) foi registrada exclusivamente entre os informantes da primeira faixa, juntamente com *sandália* (6%), constituindo-se também uma variante diageracional. Já, as variantes de ocorrência única, ou *hápax legomenon*, podem ser agrupadas em duas categorias:

i) formas genéricas *(sapato, sapato comum, sapatão, moleca e melissa)* registradas entre os informantes da faixa I;

ii) variantes usadas antigamente *(seca poça, espalha bosta e pé-de-cachorro)* documentadas entre os informantes da faixa II, o que evidencia ainda mais as diferenças linguísticas entre as duas faixas etárias.

O fato de o referente não mais ser usado nos dias de hoje justifica o uso das variantes como *sapatilha*, *sandália*, *moleca*, *melissa, sapato* etc, pois, no Brasil, a partir do segundo quartel do século XX (1950), a produção das alpargatas caiu significativamente.

Segundo Aguilera (1998, p. 8-9),

> com o advento do plástico, da borracha e dos materiais sintéticos, criaram-se novos modelos populares, mais resistentes como: as sandálias 'de dedo' havaianas, feitas de borracha; as sandálias, as botas e galochas de plástico resistente; até as botinas rangedeira, de couro, símbolo de *status* social, usadas pelo Jeca Tatu, personagem do escritor Monteiro Lobato, caricatura do caipira brasileiro que se livra da verminose e se torna próspero fazendeiro. Chegando ao mercado o *kichute*, a *conga* e o *tênis*, importados dos Estados Unidos, começam a 'matar' aquele calçado de lona e, ao se tornarem mais acessíveis às camadas de baixa renda, eliminam totalmente as *alpargatas*, cuja produção no Brasil, após mais de 50 anos de intensa atividade, cessa por volta dos anos de 1969/70. Como calçado popular, sobretudo rural, sai do campo e sobrevive, na década de 60, entre os jovens, de estilo *hippie*, muitas vezes bordadas artesanalmente com fios coloridos e outros enfeites. A adoção desse calçado por um grupo minoritário meio marginal na sociedade marca seu protesto, assumindo os valores sociais descartados pelo cidadão das classes mais favorecidas.

Atualmente, conforme apontam os dados do AGeLO, as *alpargatas* sobrevivem apenas na memória dos londrinenses mais antigos que tiveram contato com o referente quando jovens. Os informantes da faixa etária I, por sua vez, o reconhecem somente quando é mostrada a fotografia no momento do inquérito e enquadram as *alpargatas* dentro do universo de denominações de seu domínio, ou seja, trata-se de um calçado que pode ser considerado, sobretudo, como uma *sapatilha*, devido ao seu formato, diferentemente de um tênis ou chinelos.

A questão 269 do questionário linguístico do EALLO também apresentou significativo polimorfismo (12 variantes). Foram documentados 52 registros válidos dos quais 25 são de *alpargatas* e suas variantes fônicas *(paragata, aupargata, pargata, oupargata, apargata etc.)*. A segunda variante lexical mais produtiva foi *come quieto* (13 ocorrências). Em menor produtividade foram documentadas as formas *pé-de-cachorro* (quatro ocorrências), *sete vidas* (três ocorrências), *enxuga poça* (duas ocorrências), *pé-de-gato* (duas ocorrências) além de ocorrências únicas de *roda pé, esparrama merda*, *pé-de-cadela* e '*roba moça'*.

Comparando os dados do EALLO com o AGeLO, verificamos que variantes como *sete-vidas, pé-de-cadela, 'roba moça' e roda pé*, embora com baixa produtividade, foram registradas pelo EALLO (1987). No AGeLO (2010), estas formas não foram documentadas, o que dá indícios de uma mudança em progresso praticamente concluída em Londrina, pois estas variantes entraram em desuso entre os informantes entrevistados. Em contrapartida, formas inovadoras tiveram destaque no AGeLO: *sapatilha* (24%), *sandália* (6%) e *outras* formas genéricas (15%), variantes estas não registradas no EALLO.

Quanto à distribuição diatópica não é possível delimitar uma linha de isoléxica, pois as variantes encontram-se distribuídas esparsamente por toda a rede de pontos. Entretanto, vale notar que a ausência de resposta (não soube) se concentrou na região de colonização mais recente, a região norte (pontos 2, 3, 4 e 5); ao passo que os informantes da região sul de Londrina (colonização mais antiga), compreendida pelos pontos 6 a 10, não apresentaram tal abstenção. Nesta região encontramos variantes mais arcaicas (registradas no EALLO). No ponto 6 (distrito de Irerê), como segunda e terceira respostas, obtivemos as variantes *seca-poça e espalha bosta*, apresentadas pelo informante 3 desta localidade. No ponto 8 (distrito da Paiquerê), a variante *come quieto* apresentou-se como uma *hápax legomenon*, ou seja, uma única ocorrência em todo o *corpus*, presente apenas na fala da informante 4 deste ponto linguístico. É importante lembrar que esta variante no *corpus* do EALLO foi a segunda mais produtiva (25%), apontando para o possível desaparecimento deste item lexical no vocabulário ativo dos londrinenses.

Desta carta, consta também o registro da segunda resposta dos informantes 4 do ponto 4 (distrito de Espírito Santo) e 4 do ponto 8 (distrito de Paiquerê) com a variante *pé-de-cachorro*, apontando para uma informação diageracional, ou seja, utilizada por outras gerações (pais e avós):

> *INF.- Meu pai falava pé-de-cachorro.*
> *INQ.- Por quê?*
> *INF.- Por causa que tinha esses fio em baxo (risos). "Pega meu pé-de-cachorro lá fia". (risos) [04/4]*
>
> *INF.- Nói chamava um nome estranho, viu? Um chamava come quieto* [ˌkomɪkiˈɛtʊ], *oto chamava pé de cachorro* [ˌpɛdʒɪkaˈʃoxʊ], *era esse nome nói chamava. Eu sei qual que é, nóis usamo muito isso daí.*
> *INQ.- A senhora chamava de comi quieto?*
> *INF.- É comi quieto, pé de... pé de cachorro.*
> *INQ.- É isso daqui ó?*
> *INF.- É ixii nós usô tanto isso aqui, meu pai compra assim, comprava vermeio pra mim, azul pra minha irmã, marrom pro meu irmão, ixii nóis usô muito isso aí ó.*
> *INQ.- E a senhora não conhece nenhum outro nome?*
> *INF.- Não. Só como que é mesmo, pé de cachorro que nóis falava. Mas tem oto nome, né. [08/4]*

Dessa forma, o estudo em tempo real e tempo aparente permitiu verificar que algumas das variantes lexicais registradas pelo EALLO *(sete-vidas, pé-de-cadela, 'roba moça' e roda pé)* vêm sendo substituídas por formas genéricas *(sapato, sapato comum, sapatão, moleca e melissa),* principalmente entre os informantes da primeira faixa etária, o que evidencia a mudança linguística em progresso, ao mesmo tempo que as variantes *seca poça, espalha bosta e pé-de-cachorro, alpargatas, sandália e sapatilha* dão marcas da variação diageracional. Quanto à diferença entre norte-sul de Londrina, até o presente momento da pesquisa, os dados desta carta confirmam o que já fora constatado por Aguilera (1987), ou seja, o conservadorismo linguístico da região sul, pois foi a região que apresentou maior número de variantes coincidentes com o EALLO.

5.1.3.3 Agricultura e instrumentos agrícolas

Referem-se a esta subárea semântica as cartas: carta 42 *(sarilho de poço)*, 43 *(Sujeira que sai do feijão depois de batido)*, 44 *(Toco que sobra do pé de arroz ou do fumo depois que é cortado)* e 45 *(Espiga de milho com poucos grãos)*. Selecionamos as cartas 42 e 45 para a descrição e análise.

Carta 42 – sarilho de poço

Quatro são as variantes lexicais que tiveram produtividade significativa no universo dos 33 registros válidos para a questão 046 do QSL. As variantes lexicais estão distribuídas esparsamente por todo o território do município, não evidenciando diferenças marcadamente diatópicas. Assim a variante mais produtiva foi *sarilho*, que obteve 18 ocorrências (38%), seguida de *cambito*, com cinco ocorrências (10%), *manivela* (6%) e *cilindro* (6%), com três ocorrências cada uma. Foram documentadas também duas variantes únicas: *mandril* e *esmerilho* na fala do informante 1, do ponto 2, e na resposta do informante 3, do ponto 3, respectivamente.

Uma característica interessante que esta carta apresenta é o alto índice de abstenção, ou seja, 18 dos 44 informantes da pesquisa não souberam um nome para designar o que estava sendo perguntado (36%). Tal abstenção predominou entre os informantes da faixa etária I, revelando uma característica desta faixa etária, o desconhecimento de referentes tipicamente da zona rural.

Este referente, tipicamente rural, nos dias de hoje, praticamente desapareceu, pois no campo já há energia elétrica e água encanada que é bombeada da fonte, lagoa, represa ou poço para as casas, portanto, já não se usa mais tirar água de poço com balde e corda. Assim, as variantes lexicais concentraram-se, na sua maioria, entre os informantes da faixa II, perfil de informantes que possivelmnte já tiveram contato com o referente no passado, indicando uma mudança linguística em progresso, marcando, de certa forma, as diferenças linguísticas entre as faixas etárias comprovadas pelo estudo em tempo aparente.

A variante *sarilho*, e suas variantes fonéticas, podem ser consideradas variantes diageracionais, por predominarem na fala dos informantes da segunda faixa etária (16 das 18 ocorrências). *Cambito* também pode ser considerada como tal, pois as cinco ocorrências foram exclusivas entre os informantes da faixa etária II. Em contrapartida, *manivela* manteve-se exclusiva na fala dos informantes da faixa I e a variante *cilindro* obteve três ocorrências, duas delas registradas junto a informantes da segunda faixa.

A carta de nº. 41 do EALLO documenta cinco variantes lexicais para o referente em pauta, distribuídas esparsamente por todo o território: *sarilho* (20 ocorrências), *cambito* (cinco ocorrências), *manivela* (duas ocorrências) e ocorrências únicas de *cilindro* e *varal* documentadas no ponto de 1 (distrito de Warta). Ou seja,

verificamos, pela carta, que esta questão, na década de 80, também não evidenciou diferenças marcadamente diatópicas entre os pontos linguísticos investigados.

Comparando os dados do AGELO com o EALLO, verificamos que grande parte das formas lexicais documentadas na década de 80 ainda está presente no vocabulário ativo dos londrinenses do século XXI, conforme verificamos pelo estudo em tempo real. As variantes lexicais, na sua maioria, concentram-se na fala dos informantes pertencentes à segunda faixa etária, que ainda conservam traços rurais na sua fala, evidenciando as diferenças linguísticas entre as faixas etárias, comprovadas pelo estudo em tempo aparente. A mudança da população do campo para a cidade, portanto, tem acarretado mudanças também linguísticas, sobretudo, no que se refere ao léxico. Assim, os informantes urbanos, não tendo contato com o referente, desconhecem uma forma para poder designá-lo. Observamos também que somente a variante *varal* não se encontra mais no vocabulário do londrinense atual como uma variante lexical para o referente em pauta. Em contrapartida, o AGeLO registrou duas variantes não documentadas na década de 80, *mandril, "*ponta ou haste que se insere em instrumento cujo motor a faz girar" (HOUAISS, 2001) e *esmerilho*, não dicionarizada na acepção do informante no dicionários de Ferreira (2004) e Houaiss (2001).

Carta 45 – Espiga de milho com poucos grãos

A questão 036 do QFF documentou 31 registros para *a espiga de milho que quase não tem grãos.* Assim, a carta de nº. 45 apresenta as variantes lexicais mais produtivas: *restolho*, com 12 ocorrências (24%), seguida de *ingrim*, com sete ocorrências (14%) e *falhada*, com seis (12%). Além dessas variantes foram documentadas ocorrências únicas como: *cabeça de macaco, milho fraco, boneca, chocho, refugo, ralo e 'mingô',* representadas, na legenda, pelo item *outras.*

A grande parte dos registros foi documentada entre os informantes pertencentes à segunda faixa etária (26 dos 31 registros), ao passo que a abstenção de resposta predominou entre os informantes da faixa I, pois dos 22 informantes com este perfil, 17 não souberam responder à questão(38%). Ou seja, nesta carta, a abstenção de resposta é mais produtiva do que o percentual das variantes lexicais. Podemos dizer que tal abstenção deve-se ao fato de o referente ser tipicamente do meio rural e por isso um pé de milho ou uma espiga mal formada não mais fazem

parte do cotidiano do informante urbano, sobretudo, entre os mais jovens que, na sua maioria, exercem suas atividades profissionais na cidade, não mais no campo.

Restolho, com suas variantes fonéticas, esteve presente em nove dos 10 pontos linguísticos (exceção do ponto 6), exclusivamente entre os informantes da segunda faixa etária, tratando-se, pois, de uma variante diageracional. A variante *ingrim* foi documentada nos pontos 2, 3, 5, 6, 9 e 10, predominantemente entre os informantes da faixa II, pois, das sete ocorrências, três foram entre os informantes da faixa I. Quanto a *ingrim*, não podemos afirmar que se trata de uma variante diageracional, mas apresenta-se com uma variante que ainda pertence ao vocabulário ativo dos londrinenses, inclusive entre os jovens residentes nos pontos 5, 9 e 10. Já a variante *falhada* (adjetivo dado à espiga) esteve presente em cinco pontos linguísticos, predominando também entre os informantes da faixa II, cinco das seis ocorrências.

As variantes únicas foram documentadas na fala de seis informantes, dos quais apenas um pertence à faixa etária I, o informante 1 do ponto 6, que forneceu as variantes *cabeça de macaco, refugo* e *milho fraco*. Os demais informantes que registraram variantes únicas pertencem à faixa II. A informante 4 do ponto 1 apresentou a variante *chocha*; a informante 8 do ponto 3 registrou *boneca*; já a informante 4 do ponto 4 forneceu *ralo* (adjetivo dado ao milho); a informante 4 do ponto 6 registrou *'mingô'* (do verbo minguar) "não existir ou existir em pequena quantidade; faltar, escassear, rarear" (HOUAISS, 2001) e por fim, o informante 3 do ponto 10 registrou *minguerinha*. Portanto, verificamos que as variantes de ocorrência única predominaram na fala das mulheres da faixa dois, ou seja, em quatro das seis ocorrências.

O EALLO, por sua vez, na carta 39, registrou o polimorfismo lexical de 17 variantes com diferentes índices de ocorrência. Assim, a variante mais produtiva foi *milho ralo* (cinco ocorrências), seguida de *restolho/rastolho* (quatro ocorrências). Com três ocorrências foram documentadas as variantes *ingrim, milho chocho*, *milho falhado*, além da expressão *não granou*. As variantes *boneca* e *dente-de-velho* obtiveram duas ocorrências cada. Além dessas, foram documentadas também ocorrências únicas das variantes *carvão*, *desgranado*, *espiga falhada*, *falho*, *macheado*, *meia grana*, *sabugo*, *salteado, tigüera* e a expressão *sem milho*. Estas formas lexicais foram documentadas esparsamente por todos os pontos linguísticos, não evidenciando, dessa forma, marcas diatópicas.

Comparando os dois *corpora,* verificamos a maioria das variantes lexicais documentadas pelo EALLO não mais se encontra no vocabulário ativo dos londrinenses do século XXI, como, por exemplo, *dente-de-velho, carvão*, *desgranado*, *macheado*, *meia grana*, *salteado, tigüera,* além de expressões de caráter genérico como *não granou, sem milho e falho,* conforme pudemos verificar pelo estudo em tempo real*.* Outro ponto interessante é que o EALLO não documentou a ausência de resposta, dado o caráter rural dos informantes na década de 80 já que o referente tipicamente do meio rural fazia parte do cotidiano dos informantes, tanto na alimentação humana (pratos doces e salgados) quanto na alimentação dos animais de criação (galinhas, porcos) e do gado bovino, sob a forma de ração.

Quanto ao estudo em tempo aparente, comprovamos as diferenças linguísticas de ambas as faixas etárias, dando indícios de uma mudança linguística em progresso, sobretudo pela ocorrência de variantes lexicais predominantes entre os informantes da faixa II, ao passo que a abstenção torna-se uma característica dos informantes da faixa I.

Quanto à diatopia, ambos os atlas não documentam diferenças significativas, pois as variantes encontram-se distribuídas sem uma concentração regional significativa.

5.1.3.4 Brincadeiras e brinquedos infantis

Cinco cartas fazem parte dessa subárea semântica: carta 46 *(Brinquedo feito de papel e varetas que se solta ao vento)*, 47 *(Bolinhas de vidro que servem para brincar)*, 48 *(Pequena cova que se abre na terra para jogar com bolinha de vidro)*, 49 *(Brincadeira de correr e pegar)* e 50 *(Brincadeira em que um grupo de crianças tenta acertar outro com uma bola)*. Para descrição e análise escolhemos a carta 46.

Carta 46 – *Brinquedo feito de papel e varetas que se solta ao vento*

A questão 096 do QSL – *brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças soltam nos céus* – apresentou duas variantes lexicais: *pipa* e *papagaio,* presentes ou na primeira ou na segunda resposta da

maioria dos informantes. Dos 44 londrinenses que participaram do AGeLO, 32 deles revelaram conhecer essas duas variantes, identificando-as como nomes distintos para se referir ao mesmo objeto. Para a elaboração da carta linguística, optamos por representar apenas a variante que o informante utiliza para designar o referente, conforme o discurso obtido durante a entrevista, como por exemplo:

> *INF.- Pipa* ['pipe].
> *INQ.- Tem mais algum nome para...*
> *INF.- Sortá papagaio* [papa'gaju]. *Não sei porque não tem nada a vê, né. Sortá papagaio.*
> *INQ.- Mas a senhora usava mais qual?*
> *INF.- Sortá papagaio.[01/4]*

> *INF.- Pipa* ['pipe].
> *INQ.- Tem mais algum outro nome?*
> *INF.- Papagaio* [papa'gaju].
> *INQ.- Mais algum? Só pipa e papagaio?*
> *INF.- É. Você usa mais qual?*
> *INQ.- Pipa. [03/5]*

> *INF.- Pipa* ['pipe].
> *INQ.- Tem outro nome?*
> *INF.- Papagaio* [papa'gaju].
> *INQ.- Qual é mais comum?*
> *INF.- Ah.. os dois, mas eu falo mais pipa, né, porque eu escuto mais, né, tem uma época que aquilo lá, né, explode sabe. [08/2]*

> *INF.- Pipa* ['pipe]? *Papagaio* [papa'gaju]?
> *INQ.- Qual você usa mais?*
> *INF.- Pipa. [09/2]*

Dessa forma, *pipa* obteve 31 ocorrências cartografadas, ou seja, representou 80% dos registros válidos, enquanto a variante *papagaio* apresentou nove ocorrências, ou seja, 20% de produtividade.

Pipa predominou em todos os pontos linguísticos, ao passo que a variante *papagaio* foi registrada nos pontos 1, 2, 3, 6, 7 e 9 exclusivamente, entre os informantes da segunda faixa etária. Três informantes identificaram *papagaio* como uma variante diacrônica, ou seja, usada antigamente para designar tal brinquedo infantil.

INF.- Papagai [papa'gaj]..., pipa ['pipɐ]. Papagaio [papa'gajʊ].
INQ.- Tanto faz?
INF.- Papagaio é mais antigo, a pipa é mai nova.
INQ.- Hoje em dia eles falam mais pipa?
INF.- Pipa. [02/4]

INF.- Papagai [papa'gaj]? Agora é pipa ['pipɐ], né, mas antigamente era papagai.[07/4]

INF.- A papagai [papa'gaj], né, pipa ['pipɐ], né.
INQ.- É a mesma coisa?
INF.- É mema coisa.
INQ.- Mas usa mais qual?
INF.- Agora é pipa de primeiro era papagai, né.[09/3]

Dessa forma, podemos considerar *papagaio* como uma variante diageracional, com registros exclusivamente entre os informantes da faixa II, ao mesmo tempo que três informantes ratificaram que *pipa* vem substituindo a forma mais antiga para designar o referente, *papagaio*. Não podemos afirmar, entretanto, que se trata de uma variante em desuso, pois registramos que os informantes da faixa I também conhecem a variante *papagaio*, embora não a usem, indicando uma mudança linguística em progresso.

Nos discursos dos informantes, encontramos outras variantes, porém não sinônimas para *pipa/papagaio*, pois, segundo as explicações dos informantes tem a mesma finalidade do referente em pauta, porém apresentam estruturas diferentes. Dessa forma, foram documentadas cinco ocorrências da variante *maranhão*, além de ocorrências únicas de *ratinho, capuxeta e arara*.

Abaixo, apresentamos as explicações de dois informantes sobre o *maranhão*:

INF.- É o... Uns fala papagaio [papa'gajʊ], otos fala... falavam... Como que é? Falavam diversos tipo, né, vamo sortá uma pipa ['pipɐ].
INQ.- É a mesma?
INF.- Pipa, papagaio, uns já fala maranhão quando é grande.
INQ.- Ah, é? Como que é?
INF.- Enorme... fala maranhão [marɐ̃ 'pɐ̃w̃].
INQ.- Quando é grandão assim?
INF.- Grandão, é.
INQ.- É de vareta também?

INF.- De vareta tamém, grande e pesado, eu fiz na época do sítio eu fiz quando tinha muito vento, mês de outubro ventava muito eu fiz, junto com meu filho adotivo, mas eu banquei o molecão, soltava aquele bicho mais de um metro de..., fazia ele grandão assim e ponhava aquela baita rabiola no bicho, e eu ia lá no mei (= meio) do pasto e segura ele e dava uma corridinha, o oto puxava, não era um, era um cordão, mei grande, num era um coisinha fino.
INQ.- Era uma cordona então.
INF.- Já era um cordona grande, que ela ficava até mei torta assim, aí subia com o vento ia longe, ia longe fazia com quinhentos metro lá pra cima.
INQ.- Verdade!?
INF.- Ia longe, lá pa...
INQ.- Era barbante então, não era linha?
INF.- Era barbante, barbante ou senão linha de pescá zero oitenta, zero cem, que o vento era forte.
INQ.- Eu escutei desse maranhão, nunca tinha ouvido, escutei lá no..., semana passada que eu fui conversar com uma moça lá do Jamile Dequech, ela falou que conhecia o maranhão, nunca tinha ouvido.
INF.- É, uns fala pipa, otos fala papagaio, oto fala maranhão, tem otos mai nome assim. [02/3]

INF.- Pipa.
INQ.- Tem mais algum nome?
INF.- Papagaio [papa'gaju].
INQ.- Mais?
INF.- Tem o que tinha nome de maranhão [marɛ̃ 'ɲɛ̃w̃].
INQ.- Como é o maranhão?
INF.- O maranhão é só a cabeça. O papagaio é só a cabeçona dele, esse é o maranhão, grandão.
INQ.- E ele levanta até criança pequena.
INF.- Eu memo brincava que tinha dia que tinha que ponhá linha de pescá porque senão num 'guentava. Aquilo era o maior gosto da gente, ficá segurano ali e ele quase arrastano a gente, eu mesmo fazia, hoje tem comprado, né.
INQ.- E subia sem o rabo?
INF.- Subia sem o rabo.
INQ.- E não ficava rodando assim?
INF.- Não, esse era o maranhão, depois tinha a pipa, a pipa é do rabão comprido e o papagaio o rabo é mais piqueno, tudo eu já fiz. [10/3]

Dessa forma, verificamos que *maranhão* refere-se a um brinquedo semelhante à *pipa* ou *papagaio*, mas não é o mesmo referente, portanto, não pode ser considerada como uma variante lexical válida para a questão 096 do QSL. Sobre as variantes *capuxeta e ratinho*, documentamos os seguintes relatos:

INF.- A pipa [ˈpipɐ].
INQ.- Tem outro nome para pipa?
INF.- Que eu conheço tamém não. Sempre conheci por pipa.
INQ.- Quando a criança coloca aquele...
INF.- Um ratinho [xaˈtʃiɲʊ].
INQ.- Ratinho também?
INF.- É ratinho, porque geralmente as criança pititiquita (= pequenina) você faz uma de folha de papel, fala um ratinho, né.
INQ.- Ah, sem vareta?
INF.- É sem vareta.
INQ.- Se for com vareta é a pipa ou...
INF.- É a pipa, a pipa... Só conheço por pipa.[01/2]

INF.- A pipa [ˈpipɐ].
INQ.- Tem mais outro nome?
INF.- Capuxeta [kapuˈʃetɐ].
INQ.- Esse aí tem vareta também?
INF.- Não.
INQ.- É diferente então?
INF.- Tem maranhão [marɐ̃ ˈɲɐ̃w̃], *maranhão tem.*
INQ.- Você conhece então a pipa...
INF.- A pipa e o maranhão.
INQ.- Capuxeta.
INF.- Capuxeta, mas é sem...[03/2]

Ratinho e *capuxeta* são, pois, variantes lexicais do mesmo brinquedo, entretanto não podem ser consideradas como variantes para o referente do QSL 096, pois tanto o *ratinho* quanto a *capuxeta* não possuem varetas, já a *pipa/papagaio* as têm. Quanto à variante *arara* verificamos que o informante, de certa forma, confundiu com o *maranhão*, conforme constatamos no discurso abaixo:

INQ.- Tem um também que a gente usa para, usa não que a gente brinca de... Para empinar assim...
INF.- Pipa [ˈpipɐ].
INQ.- Tem mais algum outro nome para ele?
INF.- Papagai [papaˈgaj].
INQ.- Mais algum?
INF.- Arara [aˈrarɐ].
INQ.- Mesma coisa?
INF.- Mesma coisa.
INQ.- Qual é a diferença da...
INF.- Ah, a pipa é piquininha, arara que for é... maranhão [marɐ̃ ˈɲɐ̃w̃], *né, maranhão.*
INQ.- Como que é o maranhão?

> *INF.- Maranhão é aquele grande, se fô (= for) criança pequena levanta do chão, cinco seis cordinha, se fô uma criança peque... de quatro, cinco ano levanta do chão, não tem peso, né.*
> *INQ.- É com barbante que solta?*
> *INF.- É barbante, tem um que é cabo de aço, cabinho de aço pequeno, fininho castor, que nem de pescá.*
> *INQ.- E a pipa é pequenininha?*
> *INF.- Uma linha só pequeninha. Eu nunca gostei disso não, pra mim era brincadera de tonto.*
> *INQ.- (inint.) Papagaio?*
> *INF.- É mesma coisa.*
> *INQ.- Qual você usa mais?*
> *INF.- Nunca usei, não gosto disso ai, nunca gostei.*
> *INQ.- Para falar assim... O moleque está soltando o quê?*
> *INF.- A pipa, né.*
> *INQ.- E arara é mesma coisa também?*
> *INF.- Mema coisa. [02/1]*

O EALLO também não registrou polimorfismo lexical para tal brinquedo, pois a carta 43 documenta apenas três variantes: *papagaio*, a variante mais produtiva com 24 ocorrências, seguida de *pipa*, com 12 registros e a variante *papavento, com uma ocorrência.* A variante *papagaio* esteve presente em todos os pontos linguísticos do EALLO, ao passo que *pipa* foi documentada nos pontos 1, 3, 5, 6, 7, 11 e 12, enquanto *papavento* ocorreu apenas no ponto 8. Dessa forma, os dados do EALLO não registraram uma zona de isoléxica, embora a variante *pipa* se concentrasse, em sua maioria, na região central do município.

O estudo em tempo real comprovou mais uma vez a mudança linguística em progresso, pois a variante, antes em segundo lugar *(pipa)*, nos dados do AGeLO, encontra-se na liderança. *Papagaio*, por sua vez, vem dando espaço para a variante *pipa*, conforme documentamos nos discursos de alguns informantes. Dessa forma, o estudo em tempo aparente comprovou a diferença linguística entre as faixas etárias, pois *pipa*, a forma inovadora, encontra-se predominantemente entre os informantes da faixa I, enquanto a variante diageracional *papagaio*, ocorre predominantemente entre os informantes da segunda faixa etária, visto que nenhum informante da faixa I declarou usar a variante *papagaio* como uma forma lexical para designar o referente em pauta.

5.1.4 Síntese dos Aspectos Lexicais

As cartas lexicais analisadas apontam para uma mudança linguística em progresso. O estudo em tempo real e tempo aparente, no que se refere ao nível lexical, constatou que as áreas de isoléxicas não mais se definem como na década de 80, ou seja, a região sul já não se diferencia tão significativamente da região norte, conforme detectou Aguilera (1987), pois a variação e a mudança linguística em Londrina são de caráter diastrático ou diageracional, isto é, dizem respeito mais ao nível de escolaridade ou à faixa etária dos informantes e se referem menos ao aspecto diatópico, ou seja, à distribuição das variantes pelos pontos linguísticos estabelecidos. Para esta análise, discutimos apenas as diferenças entre as faixas etárias e, quando necessário, entre os níveis de escolaridade. Detectamos assim, variantes diageracionais, sobretudo devido à nova configuração da sociedade londrinense, hoje ainda mais urbana que na década de 80, o que influi, significativamente, na diminuição do polimorfismo lexical dado o caráter rural do instrumento de coleta de dados.

5.2 ASPECTOS FONÉTICOS

Para esta dissertação, elaboramos 21 cartas fonéticas das quais, 15 são de caráter quantitativo que foram geradas a partir dos dados percentuais fornecidos pelo programa GoldVarb 2001. Estas carta versam sobre 10 fenômenos documentados pelo AGeLO: *variação dos róticos, rotacismo, monotongação, comportamento da africada surda/sonora, palatalização, iotização, redução do ditongo final, realização das proparoxítonas, hipértese* e o *comportamento da fricativa lábio-dental sonora*. As cartas de número 66 a 71 são cartas fonéticas mistas e tratam do comportamento fonético de alguns vocábulos como: *r**e**mela, **u**mbigo, **u**rtiga, perni**l**ongo, ca**l**canha**r*** e *balan**ç**o.*

Nesta oportunidade, analisamos somente as cartas quantitativas com a finalidade de descrever o estágio atual em que se encontra a variação fonética de alguns fenômenos em Londrina, para tanto selecionamos cinco cartas linguísticas, a saber: carta 51 (*róticos em início de sílaba/vocábulo)*, carta 52 *(róticos em coda silábica)*, carta 53 *(rotacismo em coda),* carta 54 *(rotacismo em encontro consonantal)* e carta 60 (*Palatalização da fricativa alveolar [s] em coda silábica)*.

Como não elaboramos cartas fonéticas analíticas, não nos foi possível fazer um estudo comparativo com o EALLO.

5.2.1 - Róticos

A carta 51 refere-se ao comportamento dos *róticos*[48] em início de sílaba ou vocábulo, apresentando duas variantes significativas: a *fricativa velar* e a *vibrante simples (tepe)*. Para esta carta, foram selecionados 11 vocábulos referentes às questões do QFF e QSL, dentre as quais oito *(carrapato, verruga, raiz, relâmpago, arruda, raio, ranho e gangorra)* apresentaram uma pequena variação entre a *fricativa velar* (98%) e a *vibrante simples* (2%), que, por sua vez, na fala de informantes da segunda faixa etária nos pontos 2, 3 e 5. No ponto 2, o *tepe* representou 12,5% das ocorrências e, nos pontos 3 e 5, obteve 3% de produtividade. Nos demais pontos, o uso da *fricativa velar*, neste contexto fonológico, foi categórico, ou seja, não houve variação.

A carta 52 - rótico em coda silábica – ou seja, em final de sílaba, registra que a variante predominante em todo o território de Londrina é a *retroflexa* (98%), havendo uma pequena variação com a vibrante múltipla nos pontos 3, 5 e 8 (2%). Dentre os 17 vocábulos selecionados, sete deles apresentaram variação (*orvalho, borboleta, hortelã, aborto, barba, surdo, círculo*), na fala do informante masculino da faixa I (1%) e na fala da informante do sexo feminino da faixa II (2%).

Assim, podemos afirmar que a *vibrante (simples ou múltipla)* em início de sílaba e de vocábulo é uma variante fonética em desuso, podendo o fenômeno caracterizar uma mudança linguística quase concluída por ser registrado com pouca produtividade e exclusivamente entre informantes da segunda faixa etária. Quanto ao *rótico em coda*, podemos considerar que a variável faixa etária não apresentou diferenças significativas entre informantes da faixa I e II. Cartas pontuais analíticas dos vocábulos que apresentaram a variação do rótico nestes contextos fonológicos nos permitiriram documentar com exatidão qual variante *(simples ou múltipla)* foi registrada pelos londrinenses, além de possibilitar um estudo comparativo mais específico com as cartas coincidentes ao EALLO.

---

[48] Róticos são os diversos alofones do fonema /r/: vibrante múltipla ; tepe ; fricativa velar surda ; fricativa velar sonora ; fricativa glotal surda ; fricativa glotal sonora ; retroflexa .

5.2.2 - Rotacismo

O rotacismo é um fenômeno fonético que consiste na troca da consoante lateral /l/ pela vibrante /r/, conforme afirma Cox (2001, p.83). Segundo Silva Neto (1956), este fenômeno é bastante antigo na história da língua, remontando ao latim, pois, no *Appendix Probi*[49]*,* já se pode observar algo como *Flagellum non Fragellum,* do qual Silva Neto (1956) faz as seguintes anotações:

> Temos aqui mais um exemplo de dissimilação: l~l = r~l. O mesmo se deu nestes vocábulos: milimellu > mariméllo (antes do XI séc.) > marmelo; ululare > arulare > urlare (cp. fr. hurler e it. urlare) > urrar; ; calamellu > caramelo; mala folia > maravalha... (SILVA NETO, 1956, p. 115)

Sobre a dissimilação, o próprio autor esclarece: “a diferenciação de sons idênticos ou semelhantes, a qual pode mesmo chegar à eliminação de um deles” (SILVA NETO, 1956, p.85).

Coutinho (1976), tratando sobre consonantismo no latim, nota que os grupos consonantais iniciais próprios *-cl,- fl,- pl* , *-bl, - gl* modificam-se para *-cr, -fr, -pr, -br, -gr* conforme os exemplos: “clavo > cravo; flaccu> fraco; plaga > praia; blandu >brandu; glute >grute” (COUTINHO, 1976, p. 119-120). Outros estudiosos como Melo (1917), Amaral (1920); Marroquim (1934), Teixeira (1938), Nascentes (1953), Silva Neto (1956/1988) constataram a presença do rotacismo em diversas regiões brasileiras, pois, segundo Câmara Jr. (1982), no português, as laterais e vibrantes anteriores figuram como um segundo elemento de um grupo consonântico o que cria contrastes, como entre - *bloco: broco* (1ª pes. ind. pres. do verbo *brocar*), *atlas: atras* (fem. pl. de atro), *clave: crave* (subj. de clavar), *fluir,* (correr): *fruir* (gozar) ressaltando que “há nos dialetos sociais populares o *rotacismo* do /l/, que o muda em /r/” (CÂMARA Jr., 1982, p.51).

As cartas 53 e 54 do AGeLO tratam desse fenômeno fonético em contexto de *coda silábica* e de *encontro consonantal*, respectivamente.

Para a carta 53, foram selecionados 12 vocábulos do QFF, dos quais, oito apresentaram a variação da *lateral* para a *vibrante (alfaiate, calças, alpargata, pulso, calcanhar, pulga, anzol, almoço)*, em nove dos 10 pontos

[49] É um texto do século IV d.C. de autoria desconhecida no qual se compilam os erros mais frequentes na fala latina da época, opondo-os às formas corretas do latim clássico.

linguísticos, (exceção do ponto 2, onde o uso da lateral foi categórico). As localidades que apresentaram maior índice de *rotacismo* neste contexto foram os pontos 5, 6 e 9, com 12,5% de produtividade cada um. Nos pontos 3, 4 e 8 estão documentadas em 6% de casos de *rotacismo*, e por fim, em menor índice, encontram-se os pontos 1, 7 e 10, com 3% de representatividade do fenômeno.

Quanto ao perfil dos informantes que apresentaram o *rotacismo* em sua fala, verificamos que, em sua maioria, são informantes do sexo masculino, predominantemente os da segunda faixa etária (10%) e, em menor produtividade, entre informantes da primeira (6%). As mulheres apresentaram apenas 6% de produtividade do fenômeno.

Quanto aos itens lexicais, *calcanhar* foi a variante com maior número de troca do /l/ pelo /r/ (40%), ao passo que nos vocábulos *sol, girassol, caldo e pálpebra* não foi registrada a alternância dos fonemas.

A carta 54 – *Rotacismo em encontro consonantal* – registrou grande produtividade quanto à troca da *lateral* pela *vibrante* em todos os pontos linguísticos. No ponto 6, registramos o maior índice do *rotacismo* com 75% de produtividade e, no ponto 2, o maior índice de produtividade da *lateral* (87,5%). Os cinco vocábulos selecionados *(flor, blusa, eclipse, clara, bicicleta)* apresentaram a alternância em diferentes índices de produtividade, sendo o vocábulo *bicicleta* o que apresentou maior alternância do /l > /r/ (48%), seguido de *blusa* (40%), *clara* (36%), *flor* (35%) e *eclipse* (20%). Quanto às variáveis sociais, verificamos que a vibrante predomina principalmente entre os informantes do sexo masculino (55%) ao passo que o *rotacismo* ocorreu em 25% das respostas das informantes do sexo feminino. Por fim, em 55% dos informantes da segunda faixa etária, o fenômeno é recorrente e em 75% dos informantes da primeira faixa predomina o uso da *lateral*.

Dessa forma, podemos inferir que o fenômeno fonético em pauta não revela diferenças diatópicas em Londrina, mas é um exemplo da variação linguística entre as faixas etárias, comprovada pelo estudo em tempo aparente. Assim, a *vibrante*, no caso do rotacismo, é uma marca diageracional, predominante na segunda faixa etária, ao mesmo tempo de caráter diassexual, pois preferencialmente pertence aos homens. Ou seja, os informantes mais jovens preferem a variante considerada de prestigio, principalmente as informantes do sexo feminino, revelando maior observância à norma linguística, conforme já constataram

em outros trabalhos acerca de diferentes níveis do português do Brasil como os de Mollica; Paiva e Pinto (1989), Sherre (1996), PAIVA (2003).

5.2.3 Palatalização

Segundo Mota (2006), as realizações em coda silábica das alveolares [s] e [z] ou palatais [ʃ] e [ʒ] podem distinguir áreas dialetais brasileiras, já preconizadas por Nascentes (1953). Assim, dependendo da realização da variante fonética, identificam-se algumas áreas: "como a carioca, pela predominância das variantes palatais, como a mineira pela presença de alveolares, e outras pela variação entre alveolares e palatais, condicionada por fatores internos ou externos" (Mota, 2006, p. 335).

Nascentes (1953), Marroquim (1934) e Teyssier (1994), entre outros já anotaram esta peculiaridade do comportamento da fricativa [s] a se tornar chiante [ʃ] dependendo da região do Brasil. Outros estudiosos de diversas regiões brasileiras se dedicaram ao estudo deste fenômeno fonético em diferentes *corpora* como Mota e Rolemberg (1994), Callou e Moraes (1996), Brescancini (1996; 2002), Silva (1996),Hora (1999), Brandão (2008), Rodrigues (2001), entre outros. Atualmente, os estudos de Jesus e Mota (2009), com base nos dados do ALiB, vêm contribuindo para descrição da palatalização das fricativas [s] e [z] nas capitais brasileiras.

Quanto ao estado do Paraná, verificamos que a palatalização das fricativas não ocorre nas cartas fonéticas do ALPR[50], ou seja, o falar paranaense tem como traço dialetal o uso da fricativa nas cartas apresentadas pelo referido atlas. Entretanto, partindo de uma das conclusões de Hora (1999, p.36) de que o contexto linguístico fortemente atua sobre a aplicação da regra da palatalização, buscamos, nos dados do AGELO, documentar a palatalização da fricativa surda em um contexto fonológico propício ao fenômeno, ou seja, quando a fricativa antecede uma africada surda [s] seguida de vogal anterior alta, como em *vestido*, *festinha*, *destino*, entre outras.

---

[50] Cartas 34 (arco-íris), 113 (indez), 224 (estômago).

Assim, a carta 60 – palatalização da fricativa alveolar surda em coda, na sequência africada surda + vogal i – apresentou duas variantes: a *fricativa alveolar surda* [s] e a *fricativa alveopalatal surda* [ʃ] com produtividades praticamente equivalentes no *corpus*, 51% e 49%, respectivamente. Em todos os pontos linguísticos foi registrada a palatalização da fricativa com pelo menos 37,5% de produtividade em cada ponto. O ponto 8 foi o que apresentou o maior índice de palatalização (62,5%), os pontos 2, 9 e 10 foram os que apresentaram menor índice do fenômeno fonético (37,5%) e, nos demais, a *fricativa alveolar surda* e a *fricativa alveopalatal surda* concorreram em 50% das respostas.

Para essa carta, foram selecionados 5 vocábulos do QFF *(vestido, festinha, destino, intestino, estilingue)* que obtiveram diferentes índices de palatalização. A *fricativa alveopalatal* predominou nos vocábulos *vestido* (87%) e *estilingue* (62%), e a *fricativa alveolar*, por sua vez, predominou em *intestino* (82%), *destino* (64%) e *festinha* (58%).

Quanto ao contexto posterior, podemos afirmar que grande parte dos informantes registrou o uso da africada [tʃ] na sílaba posterior à fricativa nos vocábulos selecionados, o que propiciou a palatalização da fricativa surda [s] por um processo de acomodação fonológica[51]. Quanto ao contexto antecedente, verificamos que os vocábulos com a vogal alta anterior [i] propiciam o fenômeno da palatalização em 75% dos casos, e os vocábulos com vogal média alta anterior[52] [e] ou a média baixa anterior [ɛ] desfavorecem à palatalização, ocorrendo, geralmente, como fricativa alveolar, 86% e 58%, respectivamente.

Quanto às variáveis extralinguísticas, em dados percentuais, os resultados foram equivalentes, não revelando grandes diferenças entre as faixas etárias e o sexo dos informantes. Predominou a fricativa entre os homens (54%) e entre os informantes da faixa estaria II (54%). Em contrapartida, a alveopalatal predominou entre as mulheres (51%) e entre os informantes da faixa I (52%).

Dessa forma, verificamos que, para a aplicação da regra da palatalização, as variáveis linguísticas são mais importantes e as diferenças entre as

---

[51] Sobre o comportamento da africada surda, ver carta 58.

[52] A não ser nos casos em que ocorre o alçamento de [e] > [ɪ].

faixas etárias e o sexo dos informantes são mínimas, quando se refere à palatalização em Londrina.

5.2.4 Síntese dos Aspectos Fonéticos

Sobre os três fenômenos fonéticos descritos neste último capítulo (róticos, rotacismo e palatalização), podemos fazer as seguintes considerações gerais:

i) Em Londrina, quanto ao rótico em início de sílaba/vocábulo, os dados apontam para a predominância da fricativa velar surda. Em *coda* silábica, a variante predominante, em todos os pontos, é a retroflexa. Documentamos, com baixa produtividade, nos dois contextos fonológicos, a *vibrante múltipla* e o *tepe*, principalmente entre os informantes da faixa etária II, constituindo-se, de certa forma, como variantes diageracionais.

ii) O rotacismo em Londrina é mais frequente em contexto de encontro consonantal do que em *coda*. Este fenômeno, visto pelos informantes como forma desprestigiada, tem mais produtividade entre os informantes do sexo masculino, da segunda faixa etária, revelando, de certa forma, a observância à norma linguística por parte das informantes do sexo feminino, que, por sua vez, preferem a lateral alveolar.

iii) Por fim, a palatalização do /s/ antecedendo /ti/, ao contrário do rotacismo, não apresentou influências de variáveis extralinguísticas tais como: sexo, faixa etária e escolaridade. Como se sabe, a fala paranaense, em particular a londrinense, não tem como característica palatalizar o /s/ em coda silábica. Nos casos analisados, porém, foi relevante o contexto fonológico em que se encontra a sequência /sti/, que pode se realizar como [] ou como []. Neste último caso, em

> um processo de acomodação fonológica, ocorre a palatalização, principalmente se o contexto antecedente à fricativa alveolar surda for uma vogal alta anterior vi[]du, di[]nu.

Assim, a elaboração futura de mais cartas linguísticas de caráter analítico propiciará uma análise mais acurada do comportamento destes e de outros fenômenos fonéticos observados na fala londrinense, além de possibilitar um estudo comparativo com os dados constantes do EALLO.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, constatamos que a variação linguística em Londrina encontra-se principalmente no eixo vertical, pois as variantes lexicais e fonéticas não necessariamente predominaram de forma homogênea em determinada região do município, não sendo possível, dessa forma, traçar linhas de isoglossas coincidentes entre as variantes registradas.

Quanto ao léxico, documentamos que a variável faixa etária foi extremamente importante, evidenciando a variação diageracional, principalmente entre os informantes da segunda faixa etária que apresentaram maior número de variantes, devido ao maior domínio do questionário e conhecimento do mundo rural. Comparando-se o polimorfismo lexical presente no EALLO, observamos que, na maioria dos casos, a produção de parassinônimos está sendo substituída, progressivamente, pela abstenção de resposta, principalmente entre informantes da primeira faixa etária. Quando as cartas lexicais do AGeLO registram tal polimorfismo, isto se deve ao uso de variantes genéricas por parte dos informantes da faixa I, até mesmo pelo desconhecimento do referente, dado o caráter rural do instrumento de coleta de dados e às mudanças na cultura e na sociedade londrinense.

No que se refere aos aspectos fonéticos, podemos considerar a influência da variável sexo e da faixa etária na realização das variantes, havendo uma observância maior à norma linguística entre as mulheres e entre os informantes da primeira faixa etária. A influência da variável escolaridade mostrou-se presente entre os informantes do ponto 3, único em que foi incluída esta variável, dando-nos indícios da variação diastrática. Dessa forma, a futura elaboração de cartas analíticas torna-se imprescindível para uma descrição mais acurada dos fenômenos fonéticos observados, bem como para a realização da análise comparativa com o EALLO.

Assim, neste trabalho, seguimos o conselho de Labov (1996) partindo do presente para o passado a fim de verificar o papel de fatores históricos, sociais e linguísticos que influem no processo de variação e mudança linguística. Voltamos a Londrina e encontramos uma nova realidade na qual a língua é parte e produto das alterações sociais e históricas. Apesar do *corpus* não ter sido explorado em totalidade, o recorte que fizemos apontou alguns caminhos pelos quais o falar londrinense está trilhando. Dessa forma, trabalhos posteriores que deem um

tratamento cartográfico ao material ainda inédito, torna-se imperativo para se ter uma visão ainda mais ampla da linguagem rural na Londrina do século XXI. Trabalhos que contemplem outros níveis da língua, bem como outras perspectivas também poderão ser realizados a partir dos dados coletados, sobretudo, com os relatos espontâneos, que não só subsidiarão análises da variação sintática, mas também pesquisas acerca da cultura rural e do folclore, que apesar da crescente urbanização, ainda sobrevive na memória dos londrinenses.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Aspectos Linguísticos da fala londrinense:** Esboço de um atlas linguístico de Londrina. Londrina. 1987. 313 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis.v.2.

_____. **Atlas Linguístico do Paraná**. 1990. 426 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis. v.2.

_____. **Atlas Linguístico do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

_____ Variantes lexicais populares: distribuição diatópica e processo de criação sígnica. **Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes***,* Bruxelles, 23-29 juillet 1998, publ. par Annick Englebert Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 7-13*.*

_____ Estudos dialetológicos no Paraná: caminhos e perspectivas. In.: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A (Ed.). **Estudos de geolingüística do português americano.** Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 95-119.

_____. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer (Org.). Londrina: EDUEL, 2005.

ALMEIDA, Joyce Elaine de. **A influência da urbanização na fala de informantes rurais***.* 2004. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

ALMEIDA. Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ):** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*.* 2008. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 v.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil** – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Pelos caminhos da Geolinguística paranaense:** um estudo do léxico popular de Adrianópolis. 2001. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2 v.

_____ **Atlas Linguístico do Paraná II.** 2007. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2 v.

_____ **Estudos Dialetológicos no Paraná:** convite a uma passeio pela história. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina. v.12, n.1, p.33-64, jul. 2009.

ALVAR, Manuel. **Atlas lingüístico de hispanoamérica**. Cuestionário. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1984. p. IX-XXVIII.

_____ **Atlas Lingüístico y Etnográfico de Cantabria (ALECant)**. Madrid: Arco/Libros, 1995. S.L. v.2.

_____ **El español en el sur de Estados Unidos***.* Estudios, encuestas, textos*.* Espanha: La Goleta Ediciones, 2000.

_____ **El español en la República Dominicana. Estudios, encuestas, textos. Espanha:** La Goleta Ediciones, 2000.

_____ **El español en Venezuela. Estudios, mapas, textos***.* 3 v.a: La Goleta Ediciones, 2001.

AMANCIO, Rosana Gemima. **Um estudo sobre atitudes linguísticas na fronteira Brasil-Argentina.** 2004.90 p. Monografia (Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário.** 4.ed.São Paulo: HUCITEC; INL, 1982.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas Linguístico da Paraíba. In.: AGUILERA, V. de A. (org.) **A geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas caminhos a percorrer, Londrina: EDUEL, 2005. p.75-100.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleuza. **Atlas Linguístico da Paraíba.** Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

ARAYA, Guillermo et al. **Atlas Lingüístico-Etnográfico del Sur de Chile***.* Valdivia: Instituto de Filología de la Universidade Austral de Chile; Editorial Andrés Bello, 1973. v.1.

AROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização***.* Tradução de Eni Puccinelli. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador*).* **Atlas Linguístico do Ceará**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **Teoria linguística:** leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLANCH, Juan Lope (dir*.).* **Atlas lingüítico de México**. México: El Colegio de Mexico, 1990.

BLOOMFIELD, L. **Langage.** New York: Holt, 1933.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas:** a história de Londrina em textos e imagens. Londrina: Ed. do autor, 2004.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos***.* 16. Ed. Campinhas: Pontes, 2008.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia lingüística do Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

_____ Aspectos sociolingüísticos de um dialeto rural. In: HORA, D. da (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil.** João Pessoa: Idéia, 1997, p. 61-69.

_____ **Estudo variacionista sobre a palatalização do /s/ em coda silábica**. In.: Anais do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Porto Alegre, 2008, p. 1- 8.

BRASIL. Decreto-lei nº. 30. 643 de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Rio de Janeiro. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção1, p. 4665, 22 de mar. 1952. Disponível em: < http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 04 jul. 2011.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis:** uma abordagem não-linear. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____ **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade:** uma regra variável. 2002. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BRIGTH, W. (org.) Sociolinguistics. In.: **Proceding of the ucla sociolinguistics conference**, 1964. 3.ed. Maunton, The Hague, 1966.

BUSSE, Sanimar. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.** 2010. Tese do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CALLOU, Dinah.; MORAES, João Antônio de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino (Org.). **Diversidade e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996, p.133-147.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____ **Dicionário de linguística e gramática:** referente à língua portuguesa. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. In: **Revista Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada.** v.17. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci_arttext > Acesso em: 05 abr. 2011.

_____ **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionário de términos filológicos**. Madrid: Gredos, 2008.

CARUSO, Pedro. **Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo**. Questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

CARVALHO, Dolores G.; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica:** para 2ºgrau e vestibulares. 14. Ed. São Paulo, Ática, 1994.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In.: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma.** São Paulo: Loyola, 2002, p. 27-36.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax.** Cambridge, Mass: MIT Press, 1965.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil:** questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.

CORALINA, Cora: **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 18.ed. São Paulo: Global, 1993, p. 199-202.

CORRÊA, Júlio César Portela. **Gíria:** o universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná. 2008. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

COSERIU, E. **Teoria general del leguaje y linguística general.** Madrid: Gredos, 1962.

_____ **Lições de linguística geral.** Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: ao Livro Técnico, 2004 [1980].

_____ **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987a.

_____ **Teoria da linguagem e linguística geral**. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987b.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1976.

COX, Maria Inês Pagliarini. Crique aqui: um signo mestiço. In.: **Revista Signum:** Estudos da linguagem, Londrina, n. 4, 2001, p.81-94.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-lexical da região do Grande ABC. 2007.** Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso**. 2009. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas., 2009.

CUNHA, Celso**. Língua, Nação, Alienação.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, Coleção Logos, 1981.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Linguística.** Tradução de Frederico Pessoa Barros; Gesuína Domenica Ferretti; John Robert Schimtz; Leonor Sciliar Cabral; Maria Elizabeth Leuba Salum. São Paulo: Cultrix, 1991.

DUTRA, Alessandra. **Duas gerações da Colônia:** um estudo linguístico*.* 2000. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidade tradicionais do município de Ilhabela.** 2005. Dissertação. (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba** – municípios do litoral norte de São Paulo. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FABRIS, Rosana Simone. **Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana***.* 1997. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira. Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Lingüística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua Portuguesa**, 3.ed., Versão eletrônica 5.0, 2004.

FERREIRA, C. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In.: AGUILERA, V. **Geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998, p. 15-29.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A Dialetologia no Brasil***.* São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas linguístico de Sergipe***.* Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística /** - objetos teóricos*.* 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FISHMAN, J. A. A Sociologia da linguagem*.* In.: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística.** Rio de Janeiro, Eldorado, 1974 (título original, 1972), p. 25-40.

FLORÉZ, Luis. **Atlas lingüístico-etnográfico de Colômbia.** Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1983. v.6.

FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. **Sociolinguística***.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FREGONEZI, José Antonio. **Aspectos Linguísticos de três gerações:** um estudo diageracional e diassexual. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico** - IX Recenseamento Geral do Brasil – 1980. v.1. Tomo 1. n.19. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Sinopse_Preliminar_PR.pdf. Acesso: 21 dez. 2011.

GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Estudo linguístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrante ucranianos: do passado ao presente***.* 2008*.* Dissertação (Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GOMES, Christina Abreu; SOUZA, Cláudia Nívea Roncarati de. Variáveis fonológicas. In.: MOLLICA, M. C., BRAGA, M.L. (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação***.* São Paulo: Contexto, 2003, p.73-80.

GUIMARÃES, Tânia Braga. **Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS):** há nesta ilha um falar específico? 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

HJELMSLEV, Louis. **Essais Linguistiques***.* Paris: Minuit, 1971.

HJELMSLEV, Louis. **Ensaios Linguísticos**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HORA, Dermeval da. **Palatalização das oclusivas dentais:** variação e representação não linear. Tese de Doutorado, PUC-RS, 1990.

HORA, Dermeval da. Processo da palatalização das fricativas na Língua Portuguesa. In.: **Revista do GELNE**. n.2, 1999.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mário. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Versão 1.0, 2001.

IMAGUIRE, L. Ma C. **Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem de aspectos semânticos lexicais.** 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

IMAGUIRE, Lígia Maria Campos. **Estudo geolinguísticos do litoral sul paulista:** abordagem de aspectos semântico-lexicais. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à Linguística Românica.** Tradução Julia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In.: MOTA, J. A,; CARDOSO, S. A. M (Orgs.) **Documentos 2***:* Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALTINO, Fabiane Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil:** descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. Londrina: UEL, 2009. CD-ROM

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale.** Paris: Minuit, 1963.

JESUS, Cláudia Santos de.; MOTA, Jacyra Andrade. A variação fonética no português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /s/ em coda silábica, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). In.: ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. de A. (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil:** descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. Londrina: UEL, 2009. CD-ROM

KOCH, W.;A LTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil** – ALERS: cartas semântico-lexicais. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

KURATH, Hans. et al. **The Linguistic Atlas of New England.** Providence: Brow University Press, 1939.

LABOV, William. **Th Social Stratification of English in New York City.** Washington, D. C.: Center for Applied Lingustics, 1966.

_____ **Principios del cambio lingüístico***.* Fatores internos. Tradução de Pedro Martín Butragueño (versión espanhola). Madrid: Gredos, 1996.

LEÃO, Rejane Maria Szkudlarek. **A linguagem do trapicheiros.** 1988. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

LEITE DE VASCONCELOS, José. **Esquisse d'une dialectologie portugaise***.* Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

LESSA, Luísa Galvão.. Os estudos dialetais no estado do Acre. In.: AGUILERA, V. de A. **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas.** Londrina: EDUEL, 1998. p.137-141.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG.** 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LINO, Fádua Maria Moisés. **Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu:** um estudo geossociolinguístico, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

LONASK, Marcos.; IVANO, Rogério. **Lavrador de imagens:** uma biografia de Haruo Ohara. Londrina: S.H. Ohara, 2003.

LONDRINA, Prefeitura do município de. Secretaria de Planejamento. Centro de Pesquisas e Informações. **Perfil de Londrina 2010***.* Londrina, 2010. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_planejamento/perfil/perfil2010_anobase2009.pdf>. Acesso em: 06 maio 2011.

LOPE BLANCH, Juan M. et al. **Atlas Lingüístico de México**. México (D.F.) : Colégio de México/Universidad Autónoma de México; Fondo de Cultura Económica, 1990-1992. tomo 1: Fonética; v. 1 (1990), v. 2 (1992).

LUCCHESI. Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). **Lingüística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**. 3.ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTIN, G. B.; JUNIOR, L. C. ; BASTOS, Y. G. L. **Aspectos demográficos do processo de envelhecimento populacional em cidade do sul do Brasil.** Disponível em:<http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742005000300003&lng=pt> Acesso em: 21 dez. 2011.

MARTINS, Arlon Francisco Carvalho*.* Variação lexical e fonética na ilha de Marajó. **Revista Científica***.* UFPA, vol.4, 2004. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/rcientifica/ed_anteriores/pdf/ed_04_afcm.pdf>

MELO, Gladstone Chaves. de. **A língua do Brasil***.* 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. **Introdução à Linguística Românica:** histórico e métodos. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1972.

MOLLICA, M. C, de M; PAIVA, M. da C. de; PINTO, I. I. Relação entre [l[> [r] e [r]> [0] em grupos consonantais em português. In.: **Relatório final do Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Linguístico***.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação.São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição de. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em Português. In: **Boletim da Associação Brasileira de Linguística,** n.11, 1991.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectología general e hispanoamericana:** orientación Teórica, metodológica y bibliográfica. 2.ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas Dialetais Brasileiras. In.: Cardoso, S. A. M.; Mota, J. A.; Mattos e Silva, R. V. (orgs.) **Quinhentos anos de história da Linguística do Brasil. Salvador:** Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p.319-357.

_____; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a Dialetologia no Brasil. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

_____; ROLLEMBERG, Vera. Constritivas implosivas na norma culta brasileira: alveolares ou palatais? **Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxia Románicas**. Universidade de Santiago de Compostela, 1989, p. 671-679.

MURICY, Andrade de. Algumas vozes regionais do Paraná. In.: Congresso de Língua Nacional Cantada.1., 1938, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2.ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

_____, Antenor. **Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil***.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Dercir Gomes de (Org.) ALMS – **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. (Org). **Introdução à Sociolingüística variacionista.** Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro**:** UFRJ, 1994, p. 69-73.

_____ A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M.L. (Orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação***.* São Paulo: Contexto, 2003, p.32-42.

_____; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: mudança linguística em curso. In.: PAIVA, M. da C. de.; DUARTE, M. E. L.(Orgs***.)*** **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 13-29.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Atitude Linguística de Falantes da Cidade de Londrina - PR:** positiva ou negativa? 2009. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Linguístico do Litoral Potiguar.** 2007. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: Fiorin, J. L. (Org.) **Introdução à linguística I:** Objetos teóricos*.* 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZOLATO, Tania Mara de Podestá. **Esboço de uma atlas linguístico de Centenário do Sul.** 1997. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik*:*** akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie. Tradução de Minka B. Pickbrenner e Rita Doleres Worf. (Heilderberg/Mainz, 21-24-10-199, p.1-24). Kiel: Westensee-Verl., 1996, p. 31-51.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do Estado do Pará** (ALiSPA 1.1). Belém: s/ed. 2004 (Programa em CD-ROM).

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS:** um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. 2006. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

REMENCHE, Maria de Lurdes Rossi. **As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná***.* 2003. 109 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina

RIBEIRO, José. *et al*. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Para um glossário da fala popular rural paranaense.** 2000. 180p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____ **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense.** 2007. 378 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RODRIGUES, S. H. A. **O – S pós-vocálico na fala da Região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro.** 2001. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROMANO, Valter Pereira. ISQUERDO, Aparecida Negri. Marcas de ruralidade na fala do brasileiro urbano: um estudo com base nas contribuições do Projeto ALiB.. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16., 2007, Maringá. **Anais...**Maringá: 2007.

_____; AGUILERA, Vanderci. de Andrade. A interferência do rural sobre a fala urbana: um estudo léxico-semântico. In: **III Encontro de bolsistas do programa de apoio a ações afirmativas para inclusão social** *e* **II Encontro de bolsistas do programa de iniciação científica júnior** - 2008*,* Londrina, 2008.

_____; ISQUERDO, Aparecida Negri. Um estudo rural vs urbano: perspectiva geolinguística. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS, 5., 2007, Rolândia. **Anais...** Rolândia: Mídia Eletrônica – FACCAR, 2007. p. 01-10. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2007_g/index.html> Acesso em: 05 abr. 2011.

_____; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo comparativo em *corpora* distintos: a *vagem do feijão* em atlas urbano e rural. In.: EAIC – EAIC, 18., 2011, Londrina. **Anais...** Londrina:EAIC, 2011. Disponível em: <http://www.eaic.uel.br/artigos/CD/3305.pdf>.Acesso em: 18 abr. 2011.

ROSSI, Nelson et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos***.* Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, Sônia Sueli Berti. **Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB***.* 2005. Tese (Doutorado em Linguística)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, Sônia Sueli Berti. **Estudo Geolinguístico de aspectos semântico-lexicais do campo semântico 'alimentação e cozinha' (questionário do ALiB) no município de Sorocaba***.* 2002. Disseração (Mestraado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In.: OLIVEIRA E SILVA, G. M; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 239-264.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO. **Anuário Estatístico do Paraná –** *1983.* Departamento Estadual de Estatística: Curitiba, 1984.

_____. **Anuário Estatístico do Paraná** – 1984. Departamento Estadual de Estatística: Curitiba, 1985.

SILVA, Maria. do.Socorro Perpétuo.Cardoso da Silva. **Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da mesorregião do Marajó/Pará***.* São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do Latim Vulgar:** o Appendix Probi*.* 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos.** 2.ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

_____ **História da Língua Portuguesa***.* 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVA, R. S. da. **Estudo do /S/ posvocálico na região de Corumbá-MS.** 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Universidade Estadual de São Paulo, Assis.

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e fonologia do Português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita:** um estudo das relações do português com línguas em contato. 2010.114p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SOUZA, Neusa Maria Oliveira de. **A Linguagem do bancário: Alguns problemas de uso na interpretação do cidadão comum.** 1997. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SOUZA, Solange Staciaki de. **Medicina caseira paranaense:** um estudo geolinguístico. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 6.ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1999.

TEIXEIRA, José Aparecido. **O falar mineiro**. Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Cultura, 1938.

TELES, Iara Maria. Falares e aspectos culturais de Rondônia: a importância de estudos sociolingüísticos, fonéticos e dialetológicos. In: **Revista Signum:** Estudos da Linguagem. v.12, n.2, Londrina, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4201/4610. Acesso: 13 abr. 2011.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** Trad. Celso Cunha. 6ª. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

THUN, Harald (Dir.). **Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte).** Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.1.: Lateral palatal (/λ/, <ll> y Fricativa Mediopalatal (/j/, <y>): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y cheísmo en el español uruguayo). Kiel : Westensee-Verl., 2000. 166 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 10.)

_____(Dir.). **Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte)***.* Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. I.A. 1/1: Laterales y palatales (A. 1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [i]); A.1/2. Yeísmo y λeísmo). Kiel, Westensee-Verel., 2000. 30 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 12.)

_____ A Dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul.** Porto Alegre: UFGRS, 2005.

_____ La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: RAENDONCK, D. V. et all. (Orgs) . CONGÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE E PHIOLOLOGIE ROMENES, 22., 1998, Bruxelles. **Anais...** Bruxelles : 1998. p. 367-409.

_____; AQUINO, Almidio; DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. **Atlas lingüístico Guaraní-Románico. Tomo I:** *Léxico del cuerpo humano.* Kiel : Westensee, 2009. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 11)

_____; BOGADO, Mario et al. **Atlas lingüístico Guaraní-Románico:** cuestionario Guaraní-Castelhano. 3. ed. melh. Kiel : Westensee, 1997.

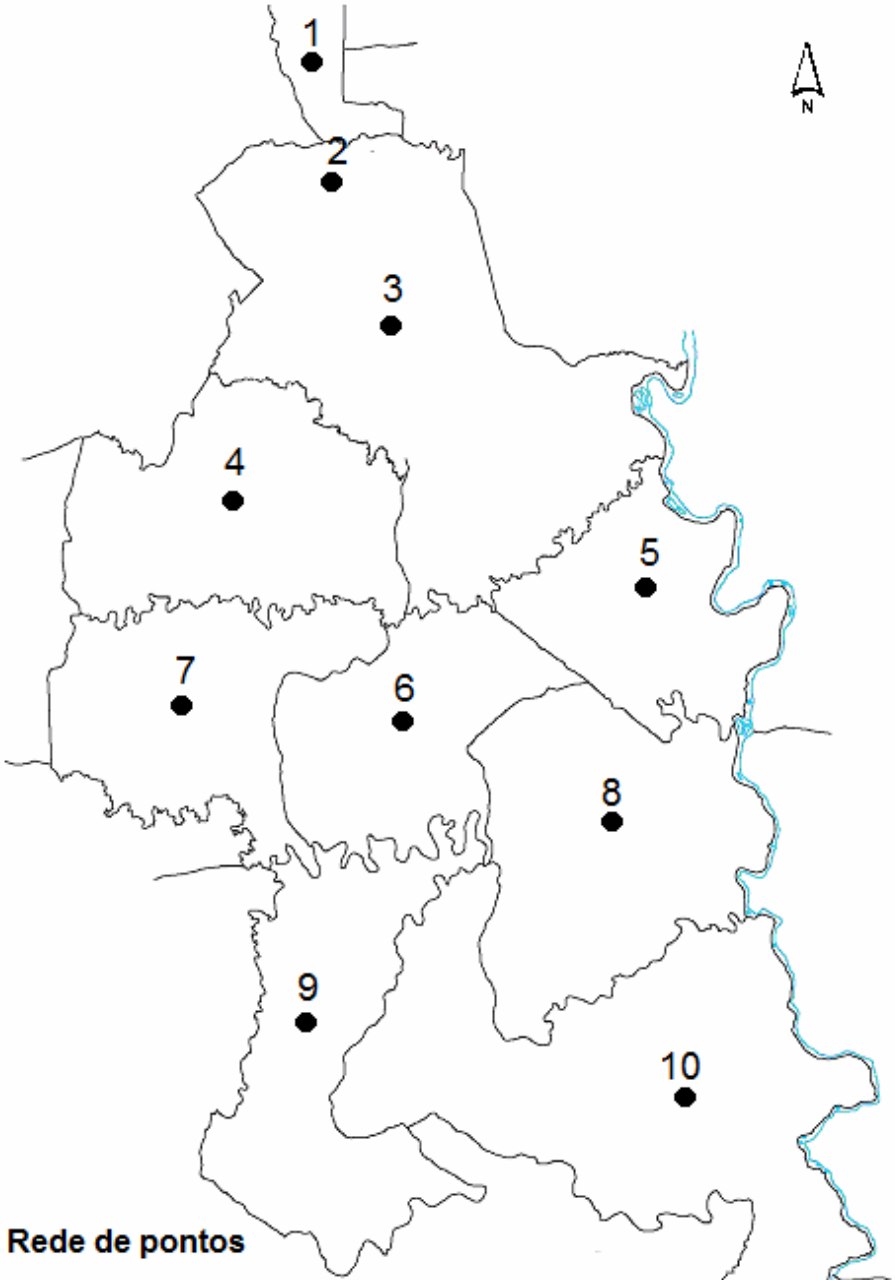
_____; JACQUET, María da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; Machuca, MARTÍN RAMÍREZ; Peemöller, Johanne. **Atlas lingüístico Guaraní-Románico:** Sociología. Comentários*.* Kiel: Westensee-Verl., 2002. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 2)

_____; JACQUET, María da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; MACHUCA, Martín Ramírez; PEEMÖLLER, Johanne. **Atlas linguístico Guaraní-Románico:** Sociología. Mapas. Kiel : Westensee-Verl., 2002. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 2)

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In.: AGUILERA, V. de A. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005, p.45-72.

APÊNDICES

APÊNDICE A – (Rede de Pontos do AGeLO)



Rede de pontos

1 - distrito de Warta
2 - bairro Heimtal
3 - Londrina (sede)
4 - distrito do Espírito Santo
5 - distrito de Maravilha
6 - distrito de Irerê
7 - distrito de São Luiz
8 - distrito de Paiquerê
9 - distrito de Guaravera
10 - distrito de Lerrovile

5 0 5 10 Km

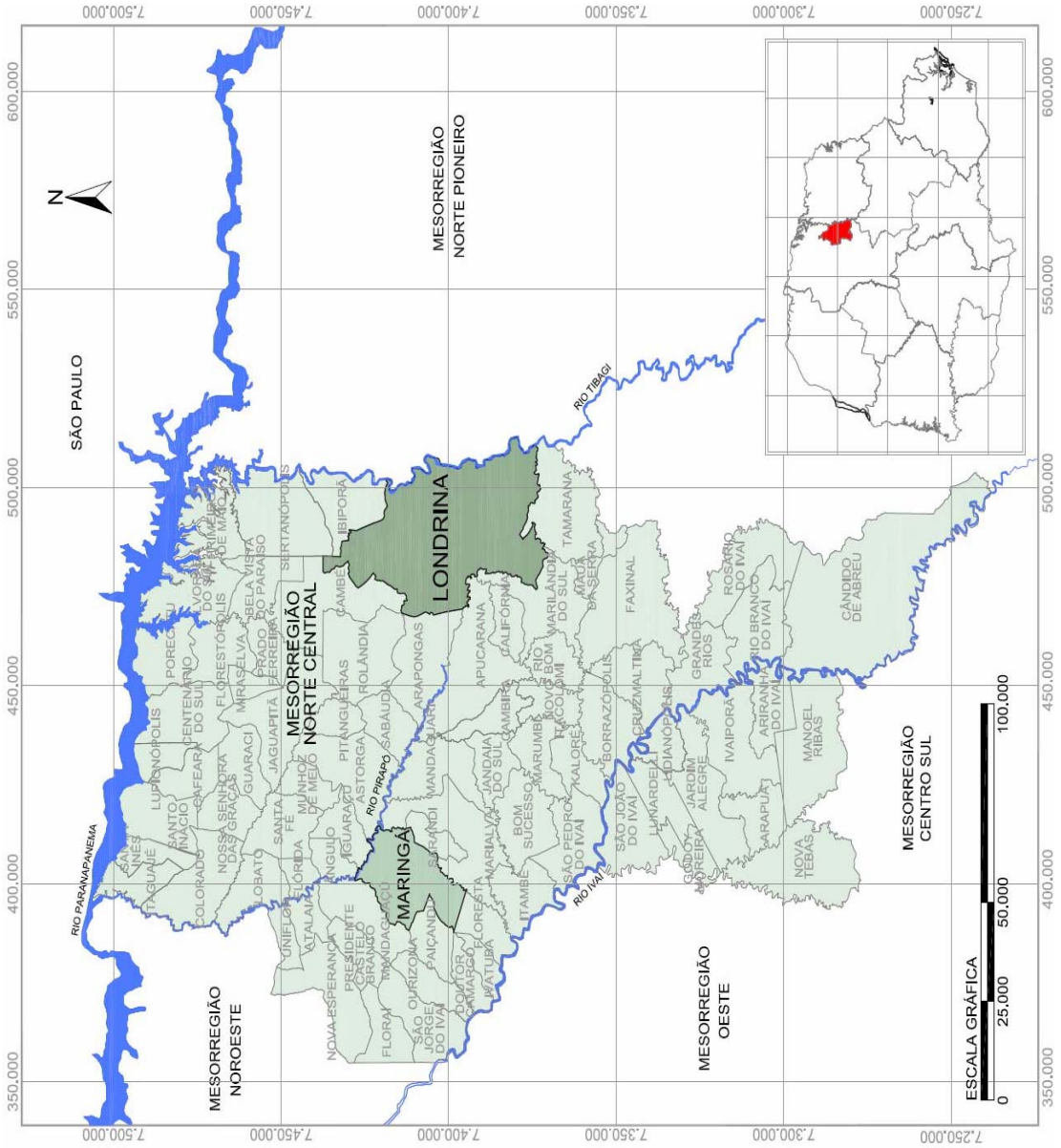
APÊNDICE B – (perfil dos informantes)

Ponto/ informante	NOME	SEXO	ESCOLARIDADE	IDADE	ESTADO CIVIL	LOCAL DE NASCIMENTO	TEMPO RESIDENTE NO LOCAL	NATURALIDADE DOS PAIS
01/1	R.A.E	M	F.C	17	S	Rolândia (PR)	17	Garanhuns (Pe) / Arapongas (PR)
01/2	R.S.I	F	F.I	30	O	Uraí (PR)	17	Uraí (PR)
01/3	B.G.I	M	F.I	57	C	Londrina (PR)	32	Minas Gerais (int.) / Pajaú (MG)
01/4	O.I.B.P	F	F.I	62	O	Londrina (PR)	62	Cerqueira Cesar (SP) / Ibirarema (SP)
02/1	R.D.A	M	F.C	20	S	Londrina (PR)	20	Londrina (PR)
02/2	E.A.P	F	F.C	20	S	Londrina (PR)	20	Bahia pai/ (não conheceu a mãe)
02/3	C.V.S	M	F.I	64	C	Londrina (PR)	64	Romênia / Joinvile (SC)
02/4	I.C.S.C	F	F.I	56	C	Londrina (PR)	56	Monte Sião (MG) / Pouso Alegre (MG)
03/1	A.C	M	F.C	26	S	Londrina (PR)	25	Londrina (PR)
03/2	J.A.C	F	F.C	27	O	Londrina (PR)	27	Londrina (PR)
03/3	M.R	M	F.I	56	C	Apucarana (PR)	24	SP (int.) / Sapucaí (MG)
03/4	I.Z	F	F.I	63	O	Londrina (PR)	63	Portugal / SP
03/5	F.L.H.G	M	S.C	28	C	Londrina (PR)	28	Catanduva (SP) / Niterói (RJ)
03/6	I.N.B	F	S.C	29	C	Londrina (PR)	29	Bandeirantes (PR)/ Chavantes (SP)
03/7	J.A.B	M	S.C	65	C	Batista Botelho (SP)	40	Batista Botelho (SP)
03/8	N.F.B	F	S.C	64	O	Pongaí (SP)	50	São Paulo
04/1	C.W.P.M	M	F.I	18	S	Londrina (PR)	18	São Paulo / Londrina (PR)
04/2	A.C.D	F	F.I	21	C	Londrina (PR)	21	Minas Gerais / São Gonçalo do Sapucaí (MG)
04/3	J.J.L	M	F.I	52	C	Cambé (PR)	23	Paraguaçu Paulista (MG)
04/4	F.S.M	F	F.I	56	C	Presidente Venceslau (SP)	32	Agudos (SP) / Anadias (AL)
05/1	G.P.S	M	F.C	18	S	Londrina (PR)	18	Montes Claros (MG)
05/2	R.F.S.R	F	F.C	19	O	Alta Floresta (MT)	19	Paraná
05/3	O.B.A	M	F.I	57	C	Londrina (PR)	57	São Paulo
05/4	I.B.S	F	F.I	67	C	Muruci (AL)	67	Sergipe / Alagoas

06/1	E.L.R	M	F.I	25	S	Londrina (PR)	25	Governador Valadares (MG) / Paraná
06/2	E.P.M	F	F.I	23	S	Londrina (PR)	23	Londrina
06/3	E.F	M	F.I	62	C	Londrina (PR)	62	Mendes (MG)
06/4	D.R.C	F	F.I	50	C	Sertanópolis (PR)	44	Sertanópolis (PR)
07/1	R.A.P	M	F.I	21	S	Londrina (PR)	21	Londrina (PR)
07/2	G.A.	F	F.I	27	C	Londrina (PR)	26	Minas Gerais (MG) / Londrina (PR)
07/3	J.A.B	M	F.I	50	C	Assaí (PR)	33	Minas Gerais (MG) /
07/4	M.H.B	F	F.I	54	S	Santa Mariana (PR)	33	Varginha (MG) / Marília (SP)
08/1	D.D.O	M	F.I	19	S	Londrina (PR)	19	Londrina (PR) / Tamarana (PR)
08/2	J.A.S.C	F	F.I	22	O	Londrina (PR)	22	Londrina (PR) / Tamarana (PR)
08/3	N.L.B	M	F.I	56	C	Londrina (PR)	20	Itajobi (SP) / Bocaina (SP)
08/4	A.P.D	F	F.I	59	O	Londrina (PR)	59	Juazeiro (BA)
09/1	R.T.S	M	FI	25	C	Londrina (PR)	18	Minas Gerais / São Paulo
09/2	R.M.S.R	F	F.I	25	C	Londrina (PR)	25	Londrina (PR)
09/3	A.S.C	M	F.I	60	C	Paiva (MG)	46	Minas Gerais
09/4	N.B.B	F	Analfabeta	63	C	Ibiporã (PR)	55	São Paulo / Minas Gerais
10/1	J.A.J	M	FI	28	C	Londrina (PR)	28	Bahia / Minas Gerais
10/2	J.F.B	F	F.I	26	S	Ibiporã (PR)	19	(interior do PR)
10/3	J.E.C	M	F.I	57	C	Maringá (PR)	46	Jaú (SP) / Minas Gerais
10/4	R.H.G	F	F.I	51	C	Cornélio Procópio (PR)	36	São Paulo / Minas Gerais

ANEXOS

ANEXO A – (Localização geográfica de Londrina na mesorregião Norte Central do Paraná)

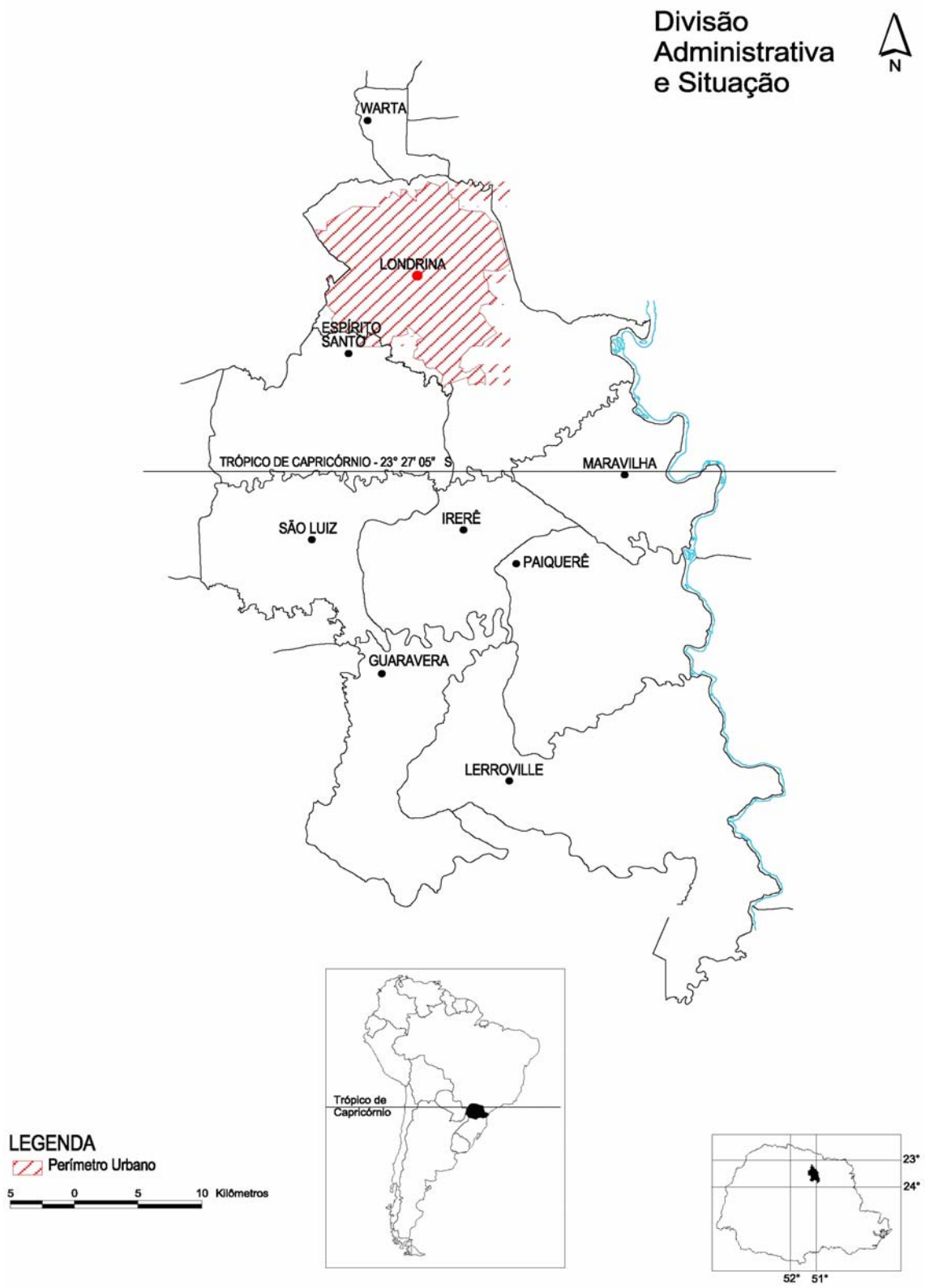


Fonte: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES. www1.londrina.pr.gov.br/dados/.../insercao_londrina_contexto_reg.pdf

ANEXO B – (Municípios limítrofes a Londrina)

Fonte: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES. www1.londrina.pr.gov.br/dados/.../insercao_londrina_contexto_reg.pdf

ANEXO C – (Localização dos distritos)



Fonte: Secretaria do Planejamento – PML - *Perfil do Município de Londrina 2010 (Ano Base 2009)*. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_planejamento/perfil/perfil2010_anobase2009.pdf>

ANEXO D – Decreto nº 30.643, de 20 de Março de 1952

Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento.
O PRESIDENTE DE REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I , da Constituição,
DECRETA.

Art. 1º Fica instituído , na Casa de Rui Barbosa, o Centro de Pesquisar da Casa de Rui Barbosa.

Art. 2º O Centro ora instituído realizara seus estudos e trabalhos no domínio do direito e da filosofia, e terá por campo de pesquisar a biblioteca e os arquivos da aludida Casa de Rui Barbosa e novas aquisições necessárias ao desenvolvimento dos seus trabalho.

Art. 3º O Centro em referencia compreenderá, inicialmente, duas Secções: a de Direito e a de Filologia, dirigidas cada qual por uma Comissão de especialistas convidados pelo Ministro da Educação e Saúde, mediante parecer do Diretor da Casa de Rui Barbosa.

§1º Cada Comissão de que trata este artigo estabelecerá anualmente, um plano de trabalho em cuja elaboração poderão colaborar os professôres universitários do Brasil, providos em cátedras de direito e de filologia ou em cadeiras afins.

§2º A Comissão de Direito planejará publicações de bibliografia jurídica, de jurisprudência e de história do direito, organizando catálogos de publicações jurídicas, legislativas parlamentares e jurisprudência do Brasil ; boletins de bibliografia brasileira e estrangeira, estudos sistemáticos de bibliografia e hemerografia de jurisprudência federal e das unidades da Federação.

§3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisar em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas léxicas, etimológicas, métricas, onomatologicas, dialetológicas bibliograficas, históricas literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do "Atlas Lingüistico do Brasil".

Art. 4º O Centro de Pesquisar da Casa de Rui Barbosa promoverá a publicação de seus trabalhos em arquivos e boletins periódicos, visando especialmente aos resultados das pesquisas que terão caráter estritamente objetivo.

Art. 5º Além da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa e das aquisições imprescindíveis para atualiza-la, o Centro em causa disporá de instalações apropriadas, cujo projeto será oportunamente apresentado.

Art. 6º O Ministério da Educação e Saúde contratara os técnicos em bibliografia, arqueologia e revisão necessários aos trabalhos em cursos.

Art. 7º Os casos omissos neste Decreto serão resolvidos por meio de instruções do Ministro da Educação e Saúde.

Art. 8º Êste Decreto entrara em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, em 20 de março de 1952, 131º da Independência e 64º da Republica.

GETÚLIO VARGAS
E. Simões Filho
Publicação:

- Diário Oficial da União - Seção 1 - 22/03/1952 , Página 4665 (Publicação Original)
- Coleção de Leis do Brasil - 1952 , Página 170 Vol. 2 (Publicação Original)

Disponível em: http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html Acesso em: 04 julho 2011.

ANEXO E – (ficha do informante)

Novo Atlas Linguístico de Londrina
Ficha do Informante
No. do ponto: **No. informante:**

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:
2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:
4. SEXO: A. M B. F
5. IDADE:
6. ENDEREÇO:
7. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro
8. NATURALIDADE:
9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:
11. ESCOLARIDADE:
12. OUTROS CURSOS:
A. especialização B. profissionalizante C. outros
13. NATURALIDADE:
A. da mãe:
B. do pai:
C. do cônjuge:
14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?
A. sim B. não
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?
NATURALIDADE: A. da mãe adotiva:
B. do pai adotivo:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:
18. PROFISSÃO:
A. do pai:
B. da mãe:
C. do cônjuge:

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV?
A. todos os dias
B. às vezes
C. nunca
21. PROGRAMAS PREFERIDOS:
A. novelas D. noticiários G. outro
B. esportes E. pr. religioso
C. pr. auditório F. filmes
22. TIPO DE TRANSMISSÃO:
A. rede gratuita
B. parabólica
C. tv por assinatura
23. OUVE RÁDIO?
A. todos os dias D. parte do dia G. enquanto trabalha
B. às vezes E. o dia inteiro
C. nunca F. enquanto viaja
24. PROGRAMAS PREFERIDOS:
A. noticiário geral D. noticiário policial G. outro
B. esportes E. música
C. pr. religioso F. pr. c/ participação do ouvinte
25. LÊ JORNAL?
A. todos os dias D. semanalmente
B. às vezes E. raramente
C. nunca

26. NOME DO JORNAL: A. local B. estadual C. nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. editorial D. pr. cultural G. classificados B. esportes E. política H. outra C. variedades F. página policial
28. LÊ REVISTA? A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. raramente E. nunca	
29. NOME/TIPO DE REVISTA:	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A.	B.	C.	D.
31. TEATRO	A.	B.	C.	D.
32. SHOWS	A.	B.	C.	D.
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A.	B.	C.	D.
34. FUTEBOL	A.	B.	C.	D.
35. OUTROS ESPORTES	A.	B.	C.	D.
36. OUTROS	A.	B.	C.	D.
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. total B. grande C. média D. fraca
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. sim B. não
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:
46. OBSERVAÇÕES:

47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	49. DATA DA ENTREVISTA: 50. DURAÇÃO:

ANEXO F – (Questionários)

APRESENTAÇÃO

Este instrumento de coleta de dados é uma adaptação do Questionário do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994). Subdivide-se em três partes – Questionário Fonético-Fonológico, composto de 114 questões que visam coletar os fenômenos fonéticos relevantes para os objetivos desta pesquisa; Questionário Semântico-Lexical, com 103 questões, que busca coletar a variação lexical, em alguns casos, também fonética, dentre sete campos semânticos: acidentes geográficos, astros/tempo, fauna, atividades agropastoris, corpo humano, vestuário, e jogos/diversões infantis; e por fim, sete Temas para Discursos Semidirigidos: um de relato pessoal, um de relato não pessoal e quatro de lendas e superstições.

Algumas questões foram adotadas dos Questionários do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) do qual também foram adotadas a ficha da localidade e a do informante. Vale ressaltar que 4 questões do Questionário Fonético-Fonológico são inéditas, a saber: questões 12 (touro), 13 (couro), 81 (festinha), 82 (destino) e por fim, é importante lembrar que o número entre parênteses na frente das questões corresponde à pergunta do questionário do ALPR e/ou do ALiB.

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

NASAIS

1. NUVEM (22)

Como se chamam aquelas manchas escuras que aparecem no céu quando vai chover?

2. VAGEM (ALiB – QSL 049/ ALPR 294)

Onde que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos?

3. ONTEM (ALiB – QSL 036/ ALPR52)

hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

4. ANTEONTEM (53)

E mais um dia pra trás? (Tem o hoje, tem o ontem e antes...?)

5. TRÁS-ANTEONTEM (54)

E mais um dia pra trás ainda? (Tem o hoje, tem o ontem, tem o antes de ontem e mais um dia pra trás?)

6. ALECRIM (100)

Como se chama aquela planta que tem folhas iguais às de um pinheirinho? É uma planta muito cheirosa e que serve pra fazer chá pra quem sofre do coração? (reália)

7. IMPINGEM (262)

Como se chamam aquelas manchas meio brancas que surgem em alguma parte do corpo da gente? Elas não doem e saram quando a gente passa tinta de escrever em cima delas.

8. MUTUCA / BUTUCA (141)

Como se chama aquele mosquitão que chupa o sangue dos animais?

DITONGOS

9. LUA (24)

O que é que clareia a terra durante a noite?

10. CAMBAU (296)

Como se chama aquele instrumento de bater feijão, feito com dois paus amarrados com uma tira de couro? (figura)

11. ACEIRO (64)

Quando a gente quer fazer a queimada de um mato, a gente tem que limpar em volta dele. Como se chama essa parte limpa?

12. PICADA / CARREIRO (63)

Como se chama um caminho feito a machado no meio do mato?

13. MOINHA (295)

Como se chama aquela sujeira que só sai do feijão, depois de batido, quando se abana?

14. TOURO

O nome daquele animal parecido com o boi que serve para enxertar a vaca? (figura)

15. COURO

Como se chama aquela pele do touro? Por exemplo, quando se mata o touro, além da carne, aproveita-se também a pele para fazer bolsas, sapatos etc.

16. BAIXEIRO (127)

O que é que a gente coloca em cima do arreio ou da sela e que serve pra ficar mais macio quando a gente senta? (figura)

17. CAIXA (ALiB QFF 05)

Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

18. LOUVA-A-DEUS (142)

Como se chama aquele inseto de perninhas compridas e que parece estar agradecendo a Deus? (figura)

19. BESOURO (136)

Como se chama aquele bichinho preto, de casca dura, que fica voando perto da luz? (figura)

20. CRUZEIRO DO SUL (31)

Como se chama aquelas estrelas que formam uma cruz?

21. AREIA (13)

Como se chama aquela terra, meio branca e fina, que se usa para construir casas?

22. PARTEIRA (228)

Como se chama a mulher que ajuda, na hora do parto, a outra mulher que vai ganhar criança?

23. BAIXA (ALiB QFF 135)

Qual é o contrário de alta?

24. QUEIXO (183)

Como se chama esta parte? (Apontar)

25. MOLEIRA (159)

Como se chama aquela parte mole que as criancinhas têm aqui? Apontar)

26. GÊMEOS (222)

Às vezes, a mulher dá a luz a duas crianças de uma só vez. Como se chamam estas crianças?

27. INDEZ (119)

Como se chama aquele ovo se que deixa no ninho pra galinha botar outra vez?

28. FRUTA (71)

Na árvore, depois que dá a flor vem o quê?

29. GOIABA (86)

Como se chama aquela fruta, que dá branca ou vermelha, e quase sempre tem bicho dentro? A gente come com casca e tudo, faz doce. (figura)

30. TEIA DE ARANHA (146)

Como se chama a rede que a aranha faz?

PALATAIS

31. FOLHA (72)

Algumas árvores, na época do frio, ficam peladas e o chão fica cheio daquilo que cai delas. O que é isso que cai?

32. GALHO (67)

Como se chamam aquelas partes que saem do tronco das árvores?

33. ALHO (96)

Como se chama aquele tempero que tem a forma de uma cabeça, cheia de dentes, e com um cheiro muito forte?

34. MILHO (281)

De que é feito o fubá?

35. PALHA (286)

O que é que cobre a espiga de milho? Muitos usam pra fazer cigarro.

36. RESTOLHO (283)

Como se chama aquela espiga de milho que quase não tem grãos?

37. ORVALHO (47)

De manhã cedo, como se chamam aquelas gotinhas d'água que ficam nas folhas?

38. ILHA (14)

Como se chama aquele lugar no meio do rio que as pessoas vão para pescar? [... aquela porção de terra que é cercada por água de todos os lados?] (figura)

39. ORELHA (200)

Como se chama isto? (Apontar)

40. JOELHO (241)

Como se chama esta parte? (Apontar)

41. OLHO / OLHOS (184)

Como se chama isto? (Apontar) E os dois?

42. BOLHA D'ÁGUA (250)

Se a gente compra um sapato muito apertado, ele machuca o pé da gente e forma um negócio cheio d'água. Como se chama isso?

43. PIOLHO (137)

Como se chama aquele bichinho que às vezes aparece na cabeça da gente e que dá muita coceira? A gente mata com as unhas.

LATERAL EM CODA E EM ENCONTRO CONSONANTAL

44. SOL (23)

O que é que clareia a terra durante o dia?

45. FLOR (70)

Na árvore, depois que dá o botão vem o quê? (figura)

46. GIRASSOL (75)

Como se chama aquela flor que parece uma roda, que nem uma cabeça, e que acompanha o movimento do sol?

47. ALFAIATE (272)

Como se chama aquele homem que faz calças, paletó, etc. para os homens?

48. CALÇAS (264)

Como se chama esta peça que os homens ou as mulheres usam?

49. BLUSA (268)

Como se chama essa peça que as mulheres usam assim? (Mostrar). [Quando está frio, a gente costuma sair de casa e levar uma...?]

50. ALPARGATA (276)

Como se chama aquele calçado de pano e sola de corda que a gente usava antigamente? Conhece por outro nome? (figura)

51. PULSO (235)

Como se chama esta parte? (Apontar) [quando uma pessoa desmaia, a gente costuma verificar se pessoa ainda tem....?]

52. CALCANHAR (244)

Como se chama esta parte? (Apontar)

53. PULGA (140)

Como se chama aquele outro bichinho que chupa o sangue da gente e que a gente mata com as unhas? (figura)

54. ECLIPSE (do sol, da lua) (33)

De dia, quando a terra fica escura, dizem que é porque a lua tapou o sol. Isso acontece muito pouco. Como se chama isso?

55. CLARA (115)

Como se chama aquela parte branca que fica dentro do ovo?

56. GARAPA / CALDO DE CANA (84)

Como se chama aquela água doce e gostosa que sai da cana quando a gente mói?

57. BICICLETA (ALiB – QFF 071)

... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

58. ALÇAPÃO (108)

Como se chama aquela armadilha pra pegar passarinho, que as crianças deixam dependuradas nas gaiolas? (figura)

59. ANZOL (152)

Como se chama aquele ganchinho que é amarrado na ponta da linha e que fisga o peixe? (figura)

60. ALMOÇO (ALiB – QFF 19)

uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

61. CÉREBRO (157)

O que é que a gente tem aqui dentro da cabeça? (Apontar)

RÓTICOS

/R/ forte intervocálico ou inicial

62. ARREIO (124)

Como se chama aquela armação que a gente coloca em cima do animal e que serve pra gente montar? Tem outro nome? (figura)

63. CERRAÇÃO (48)

Muitas vezes, de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa se uma espécie de fumaça que cobre quase tudo. Como se chama isso?

64. ENXURRADA (46)

Depois da chuva, como se chama aquela água que fica correndo?

65. CARRAPATO (134)

Como se chama aquele bichinho, cheio de perninhas, que gruda na gente ou nos animais e que chupa sangue? (figura)

66. CÓRREGO (3)

Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

67. VERRUGA (258)

Como se chamam aqueles carocinhos que muitas vezes saem no corpo da gente? (figura)

68. REMELA (190)

Como se chama aquela sujeirinha amarela que fica no canto dos olhos?

69. RAIZ (65)

Tem a árvore. Como se chama aquela parte que fica dentro da terra? (figura)

70. REDEMOINHO (41)

Como se chama aquele vento em espiral que levanta sujeira no chão?

/R/ CODA SILÁBICA

71. LAGARTO (128)

Como se chama aquele bicho, parece um jacaré, mas é bem menor, e que gosta de beber ovo? (figura)

72. LAGARTIXA (129)

Como se chama aquele bichinho, parece um lagartinho, que anda pelas paredes, pelo teto e que come bichinhos?

73. BORBOLETA (144)

Como se chama aquele inseto de asinhas coloridas, muito bonito, que fica voando de flor em flor? (figura)

74. HORTELÃ (92)

Como se chama aquela planta que a gente usa para fazer chá quando a criança está assustada? (reália)

75. ABORTO (229)

Se a mulher perde a criança antes do tempo, a gente diz que ela sofreu o quê?

76. BARBA (178)

Como se chamam aqueles pêlos que os homens têm no rosto? (Apontar)

77. SARDA (259)

Muitas pessoas têm o rosto cheio de pintinhas escuras. Como se chamam essas pintinhas?

78. SURDO (202)

Como se chama a pessoa que não escuta direito?

OCLUSIVA ALVEOLAR SURDA OU SONORA + VOGAL ALTA ANTERIOR

79. PONTE (6)

Como se chama aquela construção, feita de madeira ou cimento armado, que a gente usa para atravessar um rio de um lado para outro? (figura)

80. URTIGA (62)

Como se chama aquele mato que se a gente toca nele dá uma coceira muito grande? (figura)

81. SEMENTE (73)

Quando a gente chupa uma laranja, por exemplo, o que é que a gente joga fora? (Como se chama aquelas bolinhas que tem dentro da fruta?)

82. SUTIÃ (219)

Como se chama a peça que a mulher usa para segurar os seios?

83. VESTIDO (269)

Como se chama essa peça que as mulheres usam e que vai daqui até aqui? (Mostrar) (figura)

84. FESTINHA

Normalmente quando a criança faz um ano o quê os pais costumam fazer para comemorar? Mas se não for uma festa grande, a gente chama de...? A gente diz: bolo, bolinho, festa...

85. DESTINO

Geralmente as ciganas dizem que leem a mão e falam o que vai acontecer com você. Ou seja, elas prevêem o seu...? [... as pessoas costumam dizer que cada um tem o seu...?]

86. INTESTINO (226)

Se uma pessoa leva uma facada na barriga, a faca fura a barriga e o que mais?

87. LÊNDEA (138)

E o ovinho branco desse bichinho, como se chama?

88. BÉTI (318)

Este jogo é assim: 4 crianças, duas delas seguram um pedaço de pau e batem numa bolinha de borracha que as outras duas usam para derrubar as casinhas. Quando acertam elas correm para fazerem pontos. Como se chama esse jogo?

89 ESTILINGUE (306)

As crianças usam uma arma pra matar passarinho, que é feita com uma forquilha, duas talas de borracha compridas e um pedacinho de couro. Como se chama essa arma?

PROPAROXÍTONAS

90. RELÂMPAGO (43)

Quando vai chover, como se chamam aqueles clarões que dão no céu?

91. CÍRCULOS DA LUA (26)

Como se chama aquela roda que fica em volta da lua?

92. ÁRVORE (ALiB QSL 039/ ALPR59)

O que é que dá sombra nas ruas, no campo / pra o gado nos pastos? Como se chama aquilo que a gente tem que derrubar para tirar uma tora, por exemplo? (figura)

93. EUCALIPTO (61)

Como se chama aquela árvore bem alta, sem galhos, e que tem uma folha cheirosa, boa pra fazer chá pra gripe? (figura)

94. ÓCULOS (193)

Se a pessoa não enxerga bem, ela tem que usar o quê?

95. VÔMITO (211)

Quando a pessoa se sente mal e põe pra fora aquilo que comeu, depois alguém vai ter que limpar o quê?

96. PÁLPEBRAS (185)

Como se chama isto? (Apontar)

97. AMÍGDALAS (177)

Como se chama aquelas bolinhas que a gente tem lá no fundo da garganta?

98. ESTÔMAGO (224)

Aqui fica a barriga e aqui um pouco mais em cima fica o quê?

99. ÚTERO (227)

Como se chama o lugar, dentro da barriga da mulher, onde a criança fica antes de nascer?

100. CÓCEGAS (253)

Muitas vezes a gente fica todo arrepiado se alguém passa alguma coisa no nosso pé ou embaixo do braço. Como se chama isso?

LÁBIO DENTAL SONORA (V)

101. PERCEVEJO (139)

Como se chama aquele bichinho, bem pequenininho, parece uma baratinha, que chupa o sangue da gente e que fica escondido nos buraquinhos da cama ou no colchão. (figura)

102. SOVACO (232)

Como se chama esta parte debaixo do braço?

103. GENGIVA (174)

Como se chama esta parte onde os dentes estão plantados? (Apontar)

104. VAGA-LUME (135)

Como se chama aquele bichinho que voa de noite e que acende e apaga uma luzinha?

ENSURDECIMENTO/SONORIZAÇÃO

105. SABUGO (284)

Depois que se debulha o milho, o que é que resta da espiga?

106. COGUMELO (76)

Como se chama aqueles guarda-chuvinhas que se formam no pau podre? (figura)

ABAIXAMENTO E ALÇAMENTO EM SÍLABA INICIAL

107. PERNILONGO (143)

Como se chama aquele inseto de perninhas compridas e que canta no ouvido da gente à noite?

108. ESPINHO (68)

Se a gente vai apanhar uma rosa, por exemplo, a gente tem que tomar muito cuidado, porque senão a gente espeta o dedo em que?

ASSIMILAÇÃO/ DISSIMILAÇÃO

109. UMBIGO (220)

Qual o nome daquele buraquinho que a gente tem no meio da barriga?

110. CICATRIZ (254)

Por exemplo, uma pessoa corta a mão com a faca. A mão sara, mas ainda depois de muito tempo, anos muitas vezes, fica naquele lugar o quê?

111. SOLUÇO (198)

Quase sempre, a criança, depois que chora, fica fazendo um barulho assim... Como se chama isso?

AFÉRESE / PRÓTESE

112. AMANHÃ (55)

Como se chama o dia depois de hoje?

113. ICTERÍCIA (230)

Como se chama aquela doença que deixa as pessoas amarelas e que quase só sara com benzimento?

114. PÁ (302)

Se a pessoa quer encher um carrinho de mão de terra, por exemplo, ela tem de usar qual instrumento pra jogar a terra em cima do carrinho? (figura)

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. PINGUELA (7)

Como se chama aquele pau que se joga por cima de um rio pequeno pra passar para o outro lado?

2. NASCENTE DE RIO (8)

Como se chama o lugar onde o rio nasce?

3. BARRA DE RIO / FOZ (9)

Como se chama o lugar em que o rio termina?

4. ONDA DE RIO (15)

Como se chama aqueles montinhos d’água que se formam no rio quando venta?

5. MARGEM DE ESTRADA / BARRANCO (19)

Como se chamam aqueles lados altos que ficam do lado de uma estrada?

6. CAMINHO DO GADO NO PASTO (20)

Como se chama aquele lugar onde os animais sempre passam e que fica até afundado no meio do pasto?

ASTROS E TEMPO

7. ESTRELA D'ALVA (28)

Como se chama aquela estrela grande que a gente vê até o clarear o dia?

8. ESTRELA CADENTE (29)

Como se chama aquela estrela que corre no céu e que parece que cai?

9. TRÊS-MARIAS (constelação) (30)

Como se chamam aquelas três estrelas que sempre aparecem juntinhas?

10. VIA LÁCTEA (32)

Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?

11. ARCO-ÍRIS (34)

Depois da chuva, como se chama aquele negócio colorido que se forma no céu?

12. CHUVA MIÚDA E DEMORADA (35)

Como se chama aquela chuvinha miúda e demorada?

13. CHUVA PASSAGEIRA (36)

Como se chama aquela chuva que dá e logo passa?

14. CHUVA DE PEDRA (37)

Quando chove e caem pedrinhas de gelo, como se chama essa chuva?

15. TEMPESTADE (42)

Como se chama aquela chuva bem forte, com vento e que pode até derrubar casas?

16. TROVÃO (38)

Antes ou durante a chuva, como se chama aquele barulhão que faz no céu? Bruuummm, depois de algum tempo outra vez?

17. RAIO (44)

Quando chove ou quando está querendo chover, como se chamam aqueles riscos de fogo que correm no céu e que podem até matar as pessoas? Conhece algum outro nome pra isso?

18. VENTO MUITO FORTE / VENTANIA (40)

Como se chama aquele vento bem forte?

19. GEADA (49)

Quando faz muito frio, como se chama aquele negócio que queima a plantação, de café, por exemplo?

20. BOCA DA NOITE (57)

Como se chama quando está começando a escurecer? As primeiras horas da noite?

FAUNA

21. URUBU (104)

Como se chama aquela ave preta, que parece uma galinha, que come carniça? Conhece por outro nome?

22. GAVIÃO (espécies) (105)

Como se chama aquele passarinho que come pintinhos?

23. BEIJA-FLOR (107)

Como se chama aquele passarinho pequenininho, que tem um bico bem comprido e que pode até ficar parado no ar?

24. ARAPUCA (109)

As crianças, para caçar passarinhos, fazem uma armadilha de pauzinhos, um em cima do outro trançados, formando quase uma casinha. Como se chama essa armadilha?

25. GAIOLA (110)

Como se chama aquela armação feita de pauzinhos ou de arame, onde a gente prende os passarinhos?

26. PAPAGAIO (111)

Como se chama aquele passarinho de penas coloridas, que remeda as pessoas, fala nome feio, dá o pé, etc.? Tem outro nomes?

27. GALINHA CHOCA / EMPERRADA (113)

Como de chama a galinha que depois de botar por algum tempo, passa a ficar deitada dia e noite e só levanta pra comer?

28. GALA (117)

Como se chama aquela pintinha que aparece na gema do ovo e que sem ela o ovo não presta para chocar?

29. NINHO (118)

Como se chama o lugar onde a galinha bota ou fica chocando?

30. GALINHA SEM RABO (120)

Como se chama a galinha que nasce sem rabo?

31. ANIMAL DE RABO CORTADO (121)

Como se chama o animal que não tem rabo?

32. ANIMAL SEM CHIFRES (122)

Como se chama o animal que não tem chifres?

33. RABO DE CASCAVEL (133)

Como se chama aquele rabinho que a cascavel tem?

34. PIOLHO DE COBRA (148)

Como se chama aquele bichinho preto, cheio de perninhas, que parece uma minhoca?

ATIVIDADES AGROPASTORIS

35. TRIÂNGULO QUE SE COLOCA NO PESCOÇO DO ANIMAL (123)

Como se chama aquele triângulo que se coloca no pescoço do animal pra que ele não pule a cerca?

36. PELEGO (126)

O que é que a gente coloca em cima do arreio ou da sela e que serve pra ficar macio quando a gente senta? É uma pele de carneiro. (figura)

37. SOCA DE ARROZ (278)

Depois que se corta o pé de arroz, ainda fica uma pequena parte enterrada. Como se chama essa parte que fica na terra?

38. INSTRUMENTO PARA CORTAR ARROZ (280)

Como se chama aquele instrumento que se usava ou ainda se usa pra cortar arroz?

39. PÓ DE CAFÉ USADO (290)

Depois que se fez o café, como se chama aquele pó que já foi usado?

40. PICUMÃ (147)

Muitas vezes, no telhado da cozinha aparecem umas teias de aranha que ficam grossas e pretas. Como se chama isso?

41. MACHADO (297)

Como se chama aquele instrumento usado pra picar ou rachar lenha?

42. ENXADA (instrumento para carpir) (298)

Qual o nome daquele instrumento que se usa pra capinar o mato na roça?

43. ENXADÃO (instrumento para fazer buraco) (299)

Como se chama aquele instrumento que se usa pra fazer buraco? Parece uma enxada, mas é mais estreito e mais alto.

44. ARADO (300)

Como se chama aquele instrumento que era usado para arar a terra e que era puxado por animais?

45. CAVADEIRA – variedades (301)

Como se chama aquele instrumento que serve pra fazer buracos bem fundos? Quais os tipos que tem?

46. CAMBITO / MANIVELA / SARILHO (304)

Para tirar água do poço, a gente usa um balde amarrado numa corda que é enrolada em um pau. Como se chama esse pau?

47. RAIZ MESTRA / PIÃO (66)

Como se chama aquela raiz que fica dentro da terra?

48. PENCA DE BANANA (79)

Um cacho de bananas pode ter 4, 5 ou mais o quê?

49. FLOR / INFLORESCÊNCIA DA BANANA (80)

Como se chama aquela ponta roxa que tem no cacho de bananas?

50. BANANA DUPLA (81)

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?

51. BAGAÇO (85)

Depois que a gente mói a cana o que sobra dela?

52. DOENÇAS DA GOIABA (87) troquei pelo ALiB QSL 086

Quais são as doenças que dão na goiaba?

53. ERVA-CIDREIRA (89)

Como se chama aquela planta que se usa pra fazer chá e que tem folhas ásperas iguais às folhas de sapé?

54. CAMOMILA (91)

Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, que serve pra fazer chá pra dor de barriga do neném?

55. ARRUDA (98)

Como se chama aquela planta cheirosa que se usa pra espantar mau olhado?

6. GUINÉ (102)

Como se chama aquela planta que é bom a gente ter em casa pra dar sorte?

CORPO HUMANO

57. NUCA (158)

Como se chama essa parte aqui? (Apontar)

58. CARECA (161)

Como se chama a pessoa que não tem cabelos?

59. FONTES (163)

Como se chamam estas partes?

60. DENTE CANINO (169)

Como se chama esses dentes aqui? (Apontar)

61. DENTES MOLARES (170)

Como se chamam este dentes que estão depois dos caninos? (Apontar)

62. DENTE DO SISO (171)

Como se chama o dente que nasce por último, quando a gente já está bem grandão?

63. PESSOA SEM DENTE (172)

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

64. DENTE ESTRAGADO (173)

Como se chama o dente que está estragado, que tem buraco?

5. ÚVULA (176)

Como se chama aquele rabinho que a gente tem lá no fundo da boca?

CAVANHAQUE (180)

Como se chamam aqueles pêlos que muitos homens deixam crescer assim no queixo?

67. COSTELETA (181)

Como se chamam aqueles cabelos que os homens deixam crescer assim? (Apontar)

68. POMO-DE-ADÃO (182)

Como se chama esse caroço que os homens têm assim? (Apontar)

69. PESTANA / CÍLIOS (186)

Como se chamam estes pelinhos? (Apontar)

70. SOBRANCELHAS (189)

Como se chama essa parte aqui? (Apontar)

71. TERÇOL (191)

Algumas vezes aparece uma bolinha vermelha nas pálpebras e que dói muito. Como se chama isso?

72. MÍOPE (192)

Como se chama a pessoa que só enxerga de perto?

73. VESGO (194)

Como se chama a pessoa que tem o olho torto, virado?

74. CEGO DE UM OLHO (195)

Como se chama a pessoa que só enxerga de um olho, porque não tem o outro?

75. RANHO (196)

Como se chama aquele negócio que escorre do nariz quando a gente está gripado, constipado?

76. CEROTO (197)

Como se chama aquela sujeirinha dura que está dentro do nariz e que muitas pessoas tiram com as unhas?

77. FANHOSO (199)

Como se chama a pessoa que fala pelo nariz?

78. NARINAS (204)

Como se chamam estes buraquinhos? (Apontar)

79. SEIO (218)

Onde o nenê mama, logo depois que nasce?

80. AZIA (225)

Quando a gente come a passa a sentir um ardume assim (GESTO), a gente diz que está com o quê? (figura)

81. MAU CHEIRO DO CORPO (233)

Qual o nome que se dá para o mau cheiro do corpo?

82. CANHOTO (238)

A pessoa que só sabe usar a mão esquerda é o quê?

83. MANETA (240)

Como se chama a pessoa que só tem uma mão?

84. RÓTULA (242)

Como se chama esse osso redondo que fica em cima do joelho? (Apontar)

85. COXO (245)

Como se chama uma pessoa que tem uma perna mais curta que a outra?

86. PERNETA (246)

Como se chama uma pessoa que só tem uma perna?

87. PESSOA QUE TEM AS PERNAS ARQUEADAS (247)

Como se chama a pessoa que tem as pernas tortas para fora? (Desenhar)

88. MOÇA DE PERNAS FINAS (248)

Que nome se dá a moça que tem pernas finas e compridas?

89. FURÚNCULO (255)

Por exemplo, surge assim no braço um pontinho amarelado e vermelho em volta. Depois de alguns dias aquilo aumenta e dói muito. Tem que apertar para tirar aquilo que tem dentro. Como se chama isso?

90. GRIPE (206)

Quando a gente espirra muito, tem dor de cabeça, o nariz escorre, é quase certo que a gente está com o quê?

91. NÁUSEA (210)

Quando a mulher está grávida, ela muitas vezes não pode sentir o cheiro de algumas coisas e fica sentido o quê?

VESTUÁRIO

92. CUECA (265)

Como se chama a peça que os homens usam por baixo das calças?

93. BOTA (274)

Como se chama esse calçado que as pessoas usam e que tem o cano alto, vem até aqui mais ou menos? (Mostrar) (figura)

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

94. BOLINHA DE VIDRO (307)

Como se chamam aquelas bolinhas de vidro que as pessoas usam para brincar?

95. BIROCA / BÚRICO (308)

Como se chama aquele buraquinho que as crianças fazem no chão pra jogar bolinha de vidro?

96. PAPAGAIO (309)

Como se chama aquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando tem vento, soltam nos céus e ficam segurando?

97. VIRAR CAMBOTA (310)

Como se chama aquela brincadeira que a crianças fazem, virando assim de cabeça pra baixo?

98. COBRA-CEGA (311)

Como se chama aquela brincadeira que as crianças fazem, quando elas tapam os olhos com um lenço ou um pano e ficam procurando as outras crianças.

99. PIQUE / ESCONDE-ESCONDE (312)

Como se chama aquela brincadeira que as crianças correm para que uma delas não as pegue. Se a criança for pega, ela é que passa a correr atrás das outras?

100. AMARELINHA (313)

Como se chama aquela brincadeira que as crianças fazem, riscando uns quadradinhos no chão e pulando, vão chutando uma pedrinha?

101. QUEIMADA (314)

Como se chama aquela brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e a outra turma do outro e com uma bola tentam acertar os outros?

102. BALANÇO (315)

Como se chama aquele brinquedo que as crianças fazem amarrando uma corda numa árvore e, sentadas embaixo, fazem assim? (GESTO)

103. GANGORRA (316)

Como se chama aquele brinquedo que as crianças fazem, colocando uma tábua em cima de alguma coisa e, cada criança fica numa ponta, ficam levantando e baixando?

TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

RELATOS

1. RELATO PESSOAL (TDS – ALiB 001)

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...)

2. RELATO NÃO PESSOAL (TDS – ALiB 004)

Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.)

LENDAS E SUPERSTIÇÕES

3. BOITATÁ / BAITATÁ (319)

O senhor conhece alguma história sobre boitatá?

4. CAIPORA / CAPORA (320)

O senhor conhece alguma história sobre caipora?

5. LOBISOMEM (321)

O senhor conhece alguma história sobre lobisomem?

6. SACI (322)

O senhor conhece alguma história sobre saci?

AUTORIZAÇÃO DE USO DOS DADOS PARA O TRABALHO

AGRADECIMENTOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

VALTER PEREIRA ROMANO

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DE LONDRINA:

UM ESTUDO EM TEMPO REAL E TEMPO APARENTE

Volume 2
(Cartas Introdutórias e Linguísticas)

Londrina
2012

“...o Atlas é fruto da capacidade de iniciativa; da crença no ambiente; da humildade no trabalho; da coragem da batalha contra um meio... do desprendimento perante as incomodidades que se arrastam; do sacrifício de todas as horas de ócio e de todas as possibilidades de cultura noutras direções...”

Agostinho da Silva
(In.: prefácio original do APFB, 1962)

APRESENTAÇÃO

Apresentamos, neste volume, o conjunto de cartas linguísticas que constituem o Atlas Geossociolinguístico de Londrina. Compõe-se de três cartas introdutórias, 50 cartas pontuais mistas de caráter lexical, 22 cartas pontuais mistas fonéticas, das quais as 15 primeiras são quantitativas e as sete últimas são de vocábulos específicos.

1 CARTAS INTRODUTÓRIAS

mapa I – Localização do município de Londrina
mapa II – Divisão político-administrativa de Londrina
mapa III – Rede de pontos linguísticos

2 CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

As cartas apresentam informações na frente e no verso de cada folha, assim distribuídas:

2.1 FRENTE

- ✓ Título do Atlas: na parte superior à esquerda;
- ✓ Natureza da carta: lexical ou fonética, seguida pela numeração;
- ✓ Mapa oficial do município: abaixo do título sem a divisão político-administrativa, juntamente com a escala gráfica.
- ✓ Título da carta: localizado na parte superior direita. Para o título das cartas lexicais, adotamos dois critérios: (i) a denominação geral para o referente, isto é, o nome comum do português brasileiro registrado na maioria das regiões; (ii) a definição do dicionário. As cartas fonéticas quantitativas têm como título o fenômeno em pauta, seguido do elenco das palavras e nº da questão que lhe deram origem, com destaque em negrito para o contexto fônico. As cartas fonéticas têm como título o próprio vocábulo, com destaque em negrito para o contexto fônico observado.
- ✓ Legenda: contendo os itens (lexicais ou fonéticos) representados por cores conforme a frequência: vermelho para a variante mais produtiva, e progressivamente, verde, azul, preto, amarelo para as outras frequências. Os itens que tiveram ocorrência única, na maioria das cartas, foram representados, nas cartas lexicais, pela cor cinza. A abstenção de resposta não foi representada por cores, deixamos os espaços em branco.
- ✓ Gráfico geral de produtividade: localizado na parte inferior, abaixo do mapa, contendo dados percentuais de ocorrência. No gráfico, optamos por apresentar o percentual de abstenção de resposta (*não soube*).

2.2 VERSO

Seguimos o modelo do ALPR que usa o verso da carta anterior para representar informações da carta subsequente. Dessa forma, no verso da carta 1, encontram-se os dados da carta 2, e assim progressivamente.

Na parte superior esquerda, localiza-se a identificação dos dados da carta. Logo abaixo, reproduzimos a pergunta do questionário que deu origem à carta e a numeração das cartas coincidentes com o EALLO, ALPR e ALPR II.

Indicamos nos quadros a transcrição fonética das variantes de cada informante.

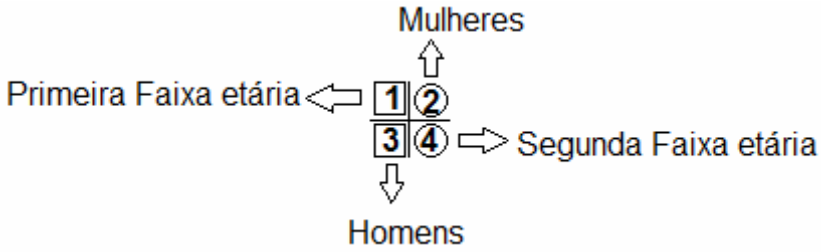
Para melhor compreensão, a grande maioria das cartas lexicais apresenta observações. Constam, também do verso, os comentários dos informantes. Quando a resposta foi obtida pelo teste de identificação ou pela influência de circunstantes, transcrevemos todo o contexto da pergunta. No caso das cartas fonéticas mistas quantitativas, apresentamos gráficos de frequência considerando a variável sexo, faixa etária e item lexical, conforme apontaram os resultados obtidos pelo programa *Goldvarb 2001*. As cartas fonéticas mistas não têm informações no verso.

3 REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

As cartas lexicais apresentam a distribuição diatópica e diastrática das variantes. Assim, adotamos como critério, o diagrama de cruz que representa os quatro informantes de nível fundamental em cada ponto linguístico.

Do lado esquerdo da cruz, encontram-se os dados referentes aos homens, representados por quadrados e, do lado direito, os dados referentes às mulheres, representadas por círculos. Na parte superior da cruz, localizam-se os informantes da primeira faixa etária (18-30 anos) e na parte inferior, os informantes da segunda faixa (50-65 anos).

Figura 1 – Representação dos informantes segundo as variáveis gênero e faixa etária.



No ponto 3, acrescentamos outra cruz, ao lado direito, representando o informantes de nível superior completo.

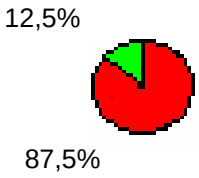
No caso de segundas ou terceiras respostas, optamos por representar do lado de fora da cruz, ou seja, lê-se a ordem das variantes de dentro para fora conforme a ocorrência.

Quanto aos dados nas cartas fonéticas, optamos por representá-los sob a forma de pequenos gráficos de pizza, priorizando, na forma cartográfica, apenas a distribuição diatópica. Informações diagenéricas ou diageracionais, conforme já anotado anteriormente, encontram-se no verso da carta antecedente.

Assim, após levantamento e codificação dos dados fonéticos, submetemo-los ao tratamento estatístico do programa *Goldvarb 2001* (programa computacional que faz cálculos estatísticos de uma regra variável). O programa fez o cruzamento de variáveis linguísticas e extras linguísticas, apresentando os resultados pertinentes em peso relativo e em percentual. Nas cartas, consideramos apenas a porcentagem e aproximamos os resultados a números significativos a fim

de representação. Os dados percentuais encontram-se em cima de cada pequeno gráfico, como no exemplo abaixo:

Figura 2 – Forma de representação dos dados fonéticos nas cartas istas quantitativas



Optamos pelo uso da cor vermelha para a variante mais produtiva e verde para a menos produtiva. Em casos de variáveis enárias (mais de duas variantes), escolhemos a cor vermelha, verde e azul.

4 NOTAÇÃO FONÉTICA

Adotamos, basicamente, o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), abaixo descrito:

Vogais:

[a] – central baixa

[ɐ] – central média-baixa átona

[e] – anterior média-alta

[ɛ] – anterior média-baixa

[i] – anterior alta

[ɪ] – anterior alta átona final

[o] – posterior média-alta

[ɔ] – posterior média-baixa

[u] – posterior alta

[ʊ] – posterior alta átona final

Semivogais:

[j] – palatal sonora

[w] – velar sonora

Consoantes:

[p] - oclusiva bilabial surda

[b]- oclusiva bilabial sonora

[t]- oclusiva alveolar surda

[d] - oclusiva alveolar sonora

[tʲ]- palatalização da oclusiva alveolar surda

[dʲ]- palatalização da oclusiva alveolar sonora

[k] - oclusiva velar surda

[g] - oclusiva velar sonora

[tʃ] - africada alveopalatal surda

[dʒ] - africada alveopalatal sonora

[f] - fricativa labiodental surda

[v] - fricativa labiodental sonora

[s] - fricativa alveolar surda

[z] - fricativa alveolar sonora

[ʃ] - fricativa alveopalatal surda

[ʒ] - fricativa alveopalatal sonora

[x] - fricativa velar surda

[m] - nasal bilabial sonora

[n] - nasal alveolar sonora

[ɲ] - nasal palatal sonora

[ɾ] - tepe alveolar sonoro

[r] - vibrante alveolar sonora

[ɽ] - retroflexa alveolar sonora

[l] - lateral alveolar sonora

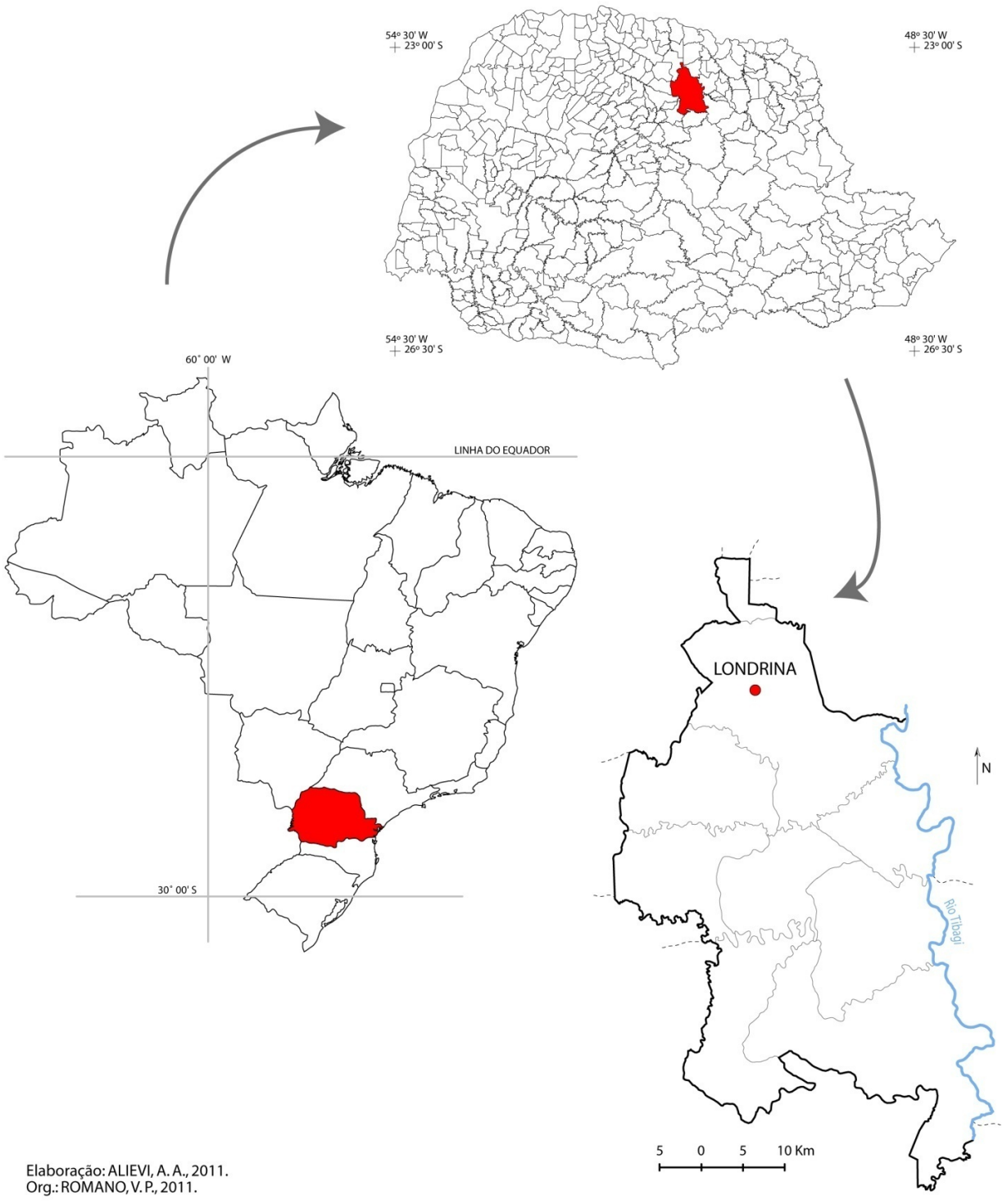
[ʎ] - lateral palatal sonora

Sinais diacríticos:

' - tonicidade

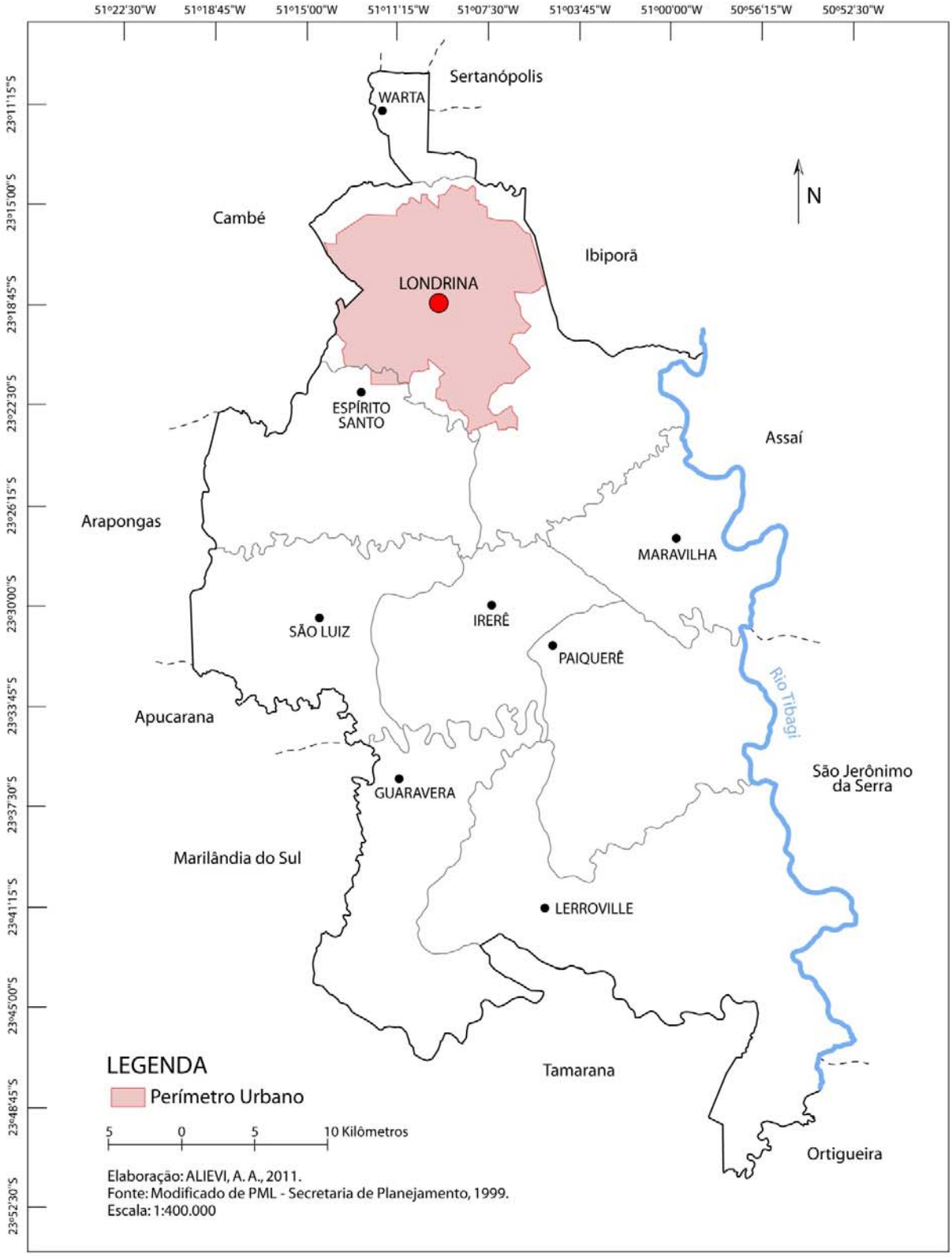
~ - nasalidade

MAPA I - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LONDRINA (PR)

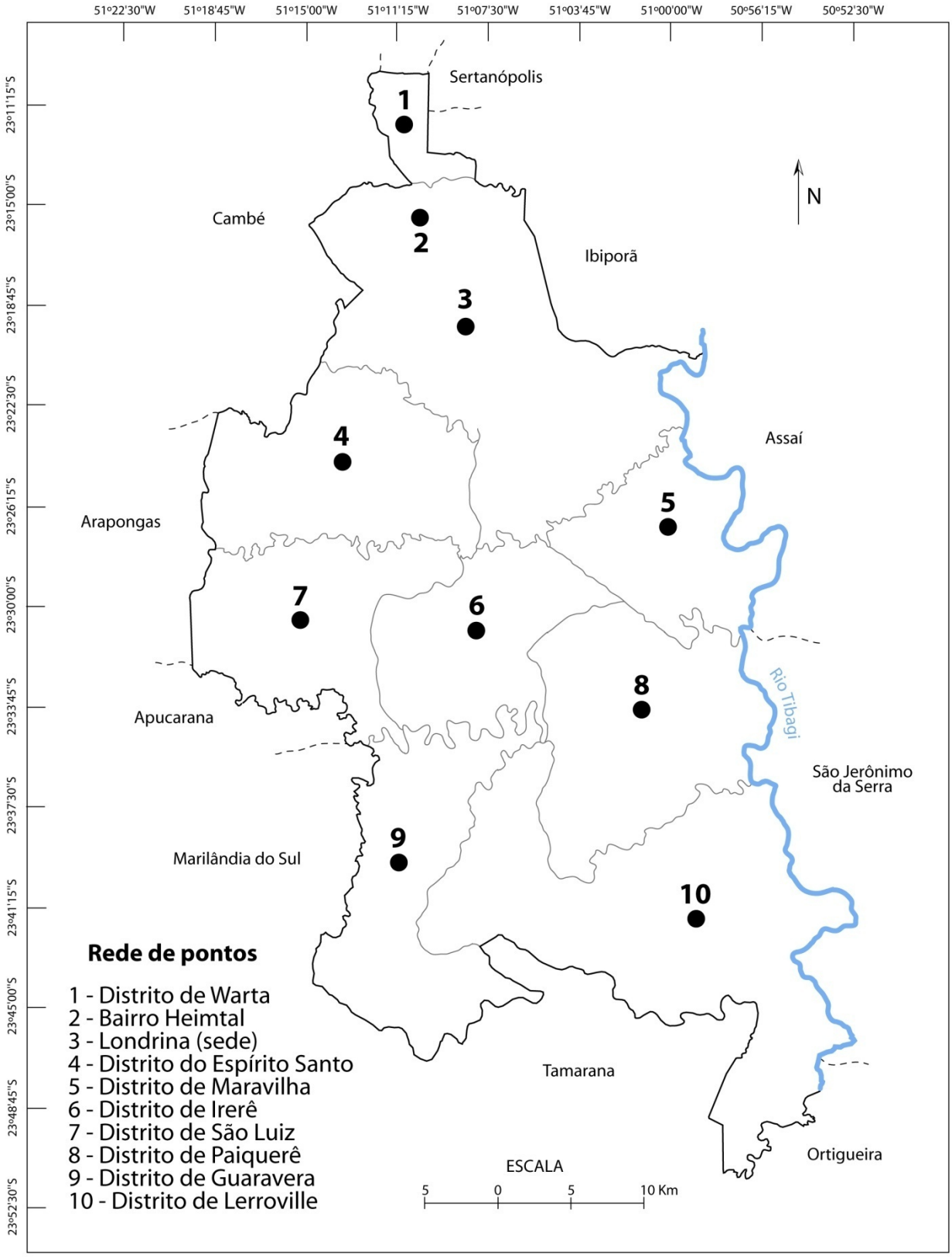


Elaboração: ALIEVI, A. A., 2011.
Org.: ROMANO, V. P., 2011.

MAPA II- DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DE LONDRINA (PR)



MAPA III - REDE DE PONTOS LINGUÍSTICOS - LONDRINA (PR)



CARTAS LEXICAIS

Carta Lexical 01
Pergunta do questionário linguístico: QSL 014 – Quando chove e caem pedrinhas de gelo, como se chama essa chuva?
Cartas coincidentes: EALLO 7; ALPR: 24.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnĩzu]	[grẽˈnizu]	[grẽˈnizu]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]
2	[graˈnizu]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪgraˈnĩzu]	[grẽˈnizu]
3	[grẽˈnitu]	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnitu]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvɐˈdʒɪˈpɛdrɛ]
4	[grẽˈnizu]	[grẽˈnitu]	[graˈniʎu]	[grẽˈnizu]
5	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnizu]	[grẽˈnizu]	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnizu]	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnizmu]
6	[grẽˈnitu]	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnizu]	[grẽˈnĩnɛ]	[ˌʃuvedʒɪgrẽˈnitu]
7	[grẽˈnizu]	não formulada	[ˌʃuvedʒɪgraˈnizu]	[grẽnizu]
8	[grẽˈnitu]	[grẽˈnizu]	[ˌʃuvadɪgrɛˈnizu]	[grẽˈnizmu]
9	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]
10	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[grẽˈnizu]	[grẽˈnizu]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
3	[grẽˈnizu]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]	[ˌʃuvedʒɪˈpɛdrɛ]

Obs.:(i) Para a cartografação, consideramos as formas *granito, granina* e *granilha* como variantes morfofonêmicas da variante mais produtiva, *granizo.* (ii) Optamos por representar apenas a primeira resposta. Entretanto, obtivemos como segunda e terceira respostas as seguintes variantes: *chuva de pedra* (15 ocorrências), *chuva de granizo* (10 ocorrências), *chuva de flor* (4 ocorrências), *chuva de gelo* (3 ocorrências) e *granito* (1 ocorrência).

Notas:

01/3
INF. – *Granizo* , né. A gente fala *chuva de pedra*, mai hoje é granizo, hoje deu uma chuva de granizo forte, né, antigamente falava tá choveno pedra, tá choveno *chuva de pedra* .
INQ.- E hoje o senhor usa mais qual?
INF.- É, hoje é mais granizo, né. Antigamente 'cê (= você) tava no sítio dava aquele chuvão, que caía pedra, falava tá chuveno pedra.
INQ.- Não tinha nenhum problema falar que tá chovendo pedra?
INF.- Não, não.

03/5
INF.- *Granizo* .
INQ.- Tem mais algum nome?
INF.- Não. Só não pode falá que é de granito, né.
INQ.- Porque o pessoal fala? Quem você escuta falar que é...
INF.- Às vezes a gente escuta.
INQ.- Mas você usa granizo.
INF.- Sim.

04/4
INF.- *Granizo* .
INQ.- Tem outro nome para ele?
INF.- Pedra, mas eu não falo pedra não.
INQ.- Por quê?
INF.- Tem gente que fala pedra, minha mãe não deixava nóis falá pedra, porque pedra é pedra. E aquele lá é uma coisa que vem lá do céu, que tá caindo que Deus tá mandando. Então não pode falá pedra. Diz que se falasse pedra chovia mais ainda. (risos). Coisa de gente antigo, né.
INQ.- A gente tinha que falar o quê?
INF.- *Flores* '. É granizo, mas a minha mãe não deixava nóis falá pedra não, nós nem falava granizo, era pra falar tá: "Tá choveno flor", pra não vim forte.
INQ.-Tinha que falar desse jeito?
INF.-Tinha que falá tá chovendo *flor* '.
Agora quando tinha um tempo de chuva bem escuro, que vem... que vem... que vem escuro, mas escuro mesmo, né. Daí tem gente que fala, ai gente, não gosto nem de oví (=ouvir) isso: "Nossa, como que tá preto" , ai não pode falar preto, "ai que tempo lindo, meu Deus, que Deus abençoe que vem bão, que limpa", não falá tá preto. Otu (= outro) dia a menina falou isso e eu falei: "Pelo amor de Deus, fala que tempo azul, lindo, fala assim, não fala preto."

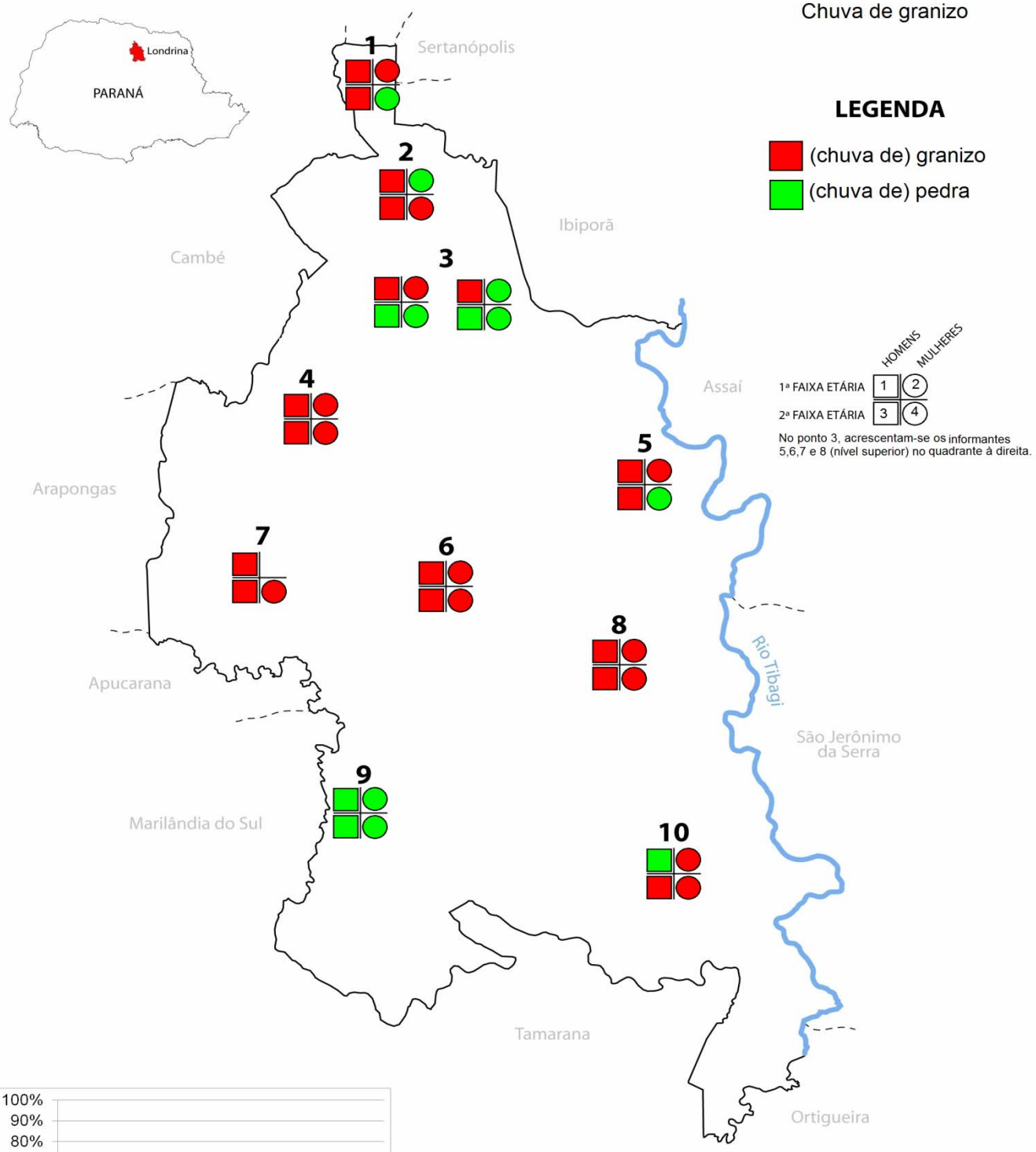
06/1
INF. – *Chuva brava* , né, nói fala aqui.
INQ.- É mais cai as pedrinhas de gelo, está chovendo...?
INF.- Choveno eh....xô (= deixa eu) lembrá, to meio dormino ainda...ai caramba, esqueci!
INQ.- Não, tudo bem depois...
INF.- Eu sei, eu sei, mai esqueci.
INQ.- Tem gente que não pode falar ela?
INF.- Uns fala que é *fror* , ta choveno fror, 'tendeu (= entendeu)? Os mai véio fala.
INQ.- Por que será?
INF.- Pá num chovê, pa num chovê bastante...
INQ.- Então está chovendo...chuva de ...?
INF.- Grani...é... granito .

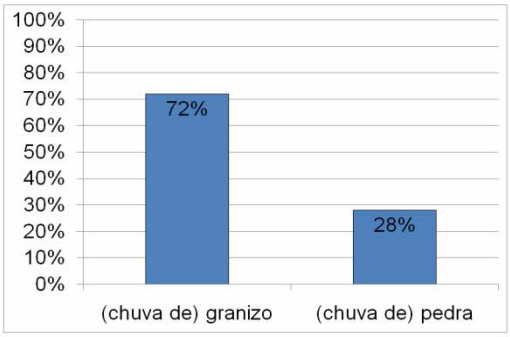
07/4
INF.- Di primero, os antigo falava *fror* , né.
INQ.- Hum.
INF.- Agora eles fala *granizo* , né.
INQ.- E por que falava flor antigamente, você sabe?
INF.- Ah, acho que é pra num traí (=atrair), assim, mais forte.
INQ.- Sua mãe falava?
INF.- É, eis (= eles) falava.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 01

Chuva de granizo





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 02

Pergunta do questionário linguístico: QSL 013 – Como se chama aquela chuva que dá e passa logo?
Cartas coincidentes: ALPR: 21, 22 e 23.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪˈmẽgɐ]
2	[pẽˌkadɐdʒɪˈʃuvɐ]	[ˌpɛˈdagwɐ]	[pasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]
3	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪveˈɾẽw̃]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]
4	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[pasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[pẽˌkadɐdʒɪˈʃuvɐ]
5	[pẽˈkadɐ]	[tɔˈɾɔ]	[pẽˈkadɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪveˈɾẽw̃]
6	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]
7	[ˌʃuvɐdʒɪˈmẽgɐ]	[pasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐˈxapidɐ]
8	[pasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐˈgɾɔsɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪˈmẽgɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪˈmẽgɐ]
9	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪveˈɾẽw̃]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]
10	[pasɐˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪveˈɾẽw̃]	[ˌʃuvɐpasaˈʒerɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪveˈɾẽw̃]

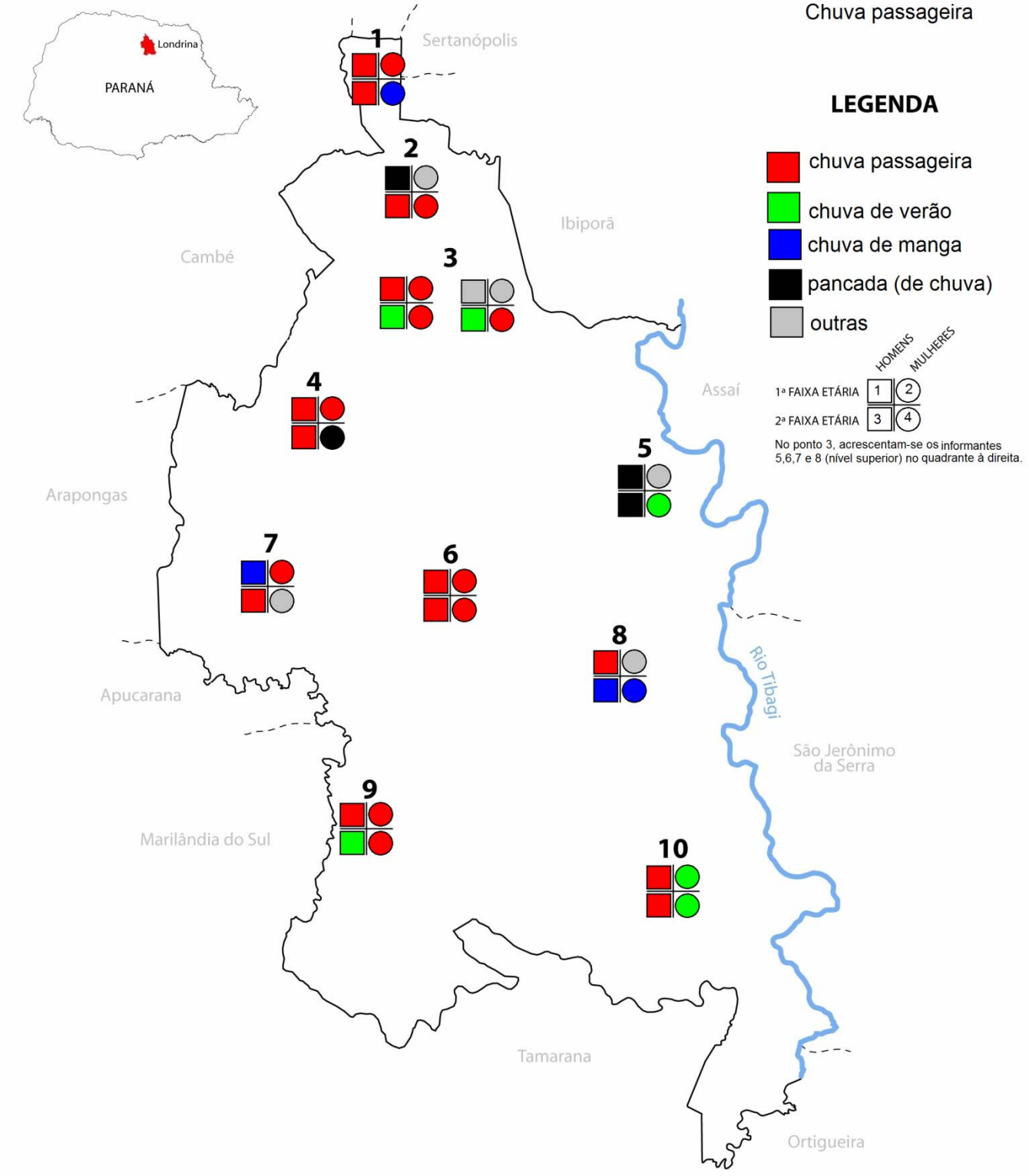
Nível Superior

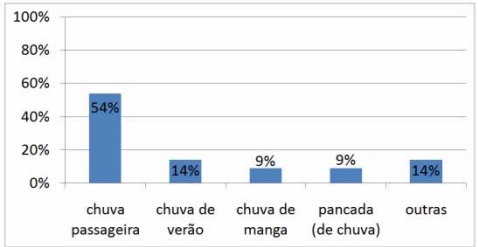
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
3	[toˈɾɔ]	[ˌpɛˈdagwɐ]	[ˌʃuvɐdʒɪveˈɾẽw̃]	[ˌʃuvɐpasaˈʒejɾɐ]

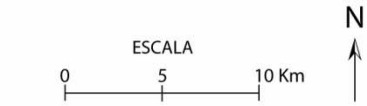
_____

Obs.: Optamos por representar apenas a primeira resposta dos informantes. Entretanto, obtivemos como segunda respostas as seguintes variantes: *chuva passageira* (5 ocorrências); *chuva de verão* (5 ocorrências); *chuva de manga* (2 ocorrências); *pancada de chuva* (2 ocorrências); *pancada d'água, chuva rápida, chuva contínua;* e *pé d'água* (ocorrência única). O item *outras* representa as variantes: *toró* (2 ocorrências); *pé d'água* (2 ocorrências);*chuva rápida e chuva grossa* (ocorrência única).

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 02







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 03:

Pergunta do questionário linguístico: QSL 034 – Depois da chuva, como se chama aquele negócio colorido que se forma no céu?
Cartas coincidentes: EALLO 6; ALPR: 18.

Transcrição Fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˈaɽkʊˌiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]
2	[ˌaɽkoˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkoˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]
3	[ˌarˈkwiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[aɽˈkwiɾis]	[ˌarkʊˈiɾis]
4	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈɾiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]
5	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]
6	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]
7	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌawkʊˈiɾis]
8	[ˌaɽkʊˈwiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]
9	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌarkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˈawkʊˌiɾis]
10	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌawkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
3	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[aɽˈkwiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]	[ˌaɽkʊˈiɾis]

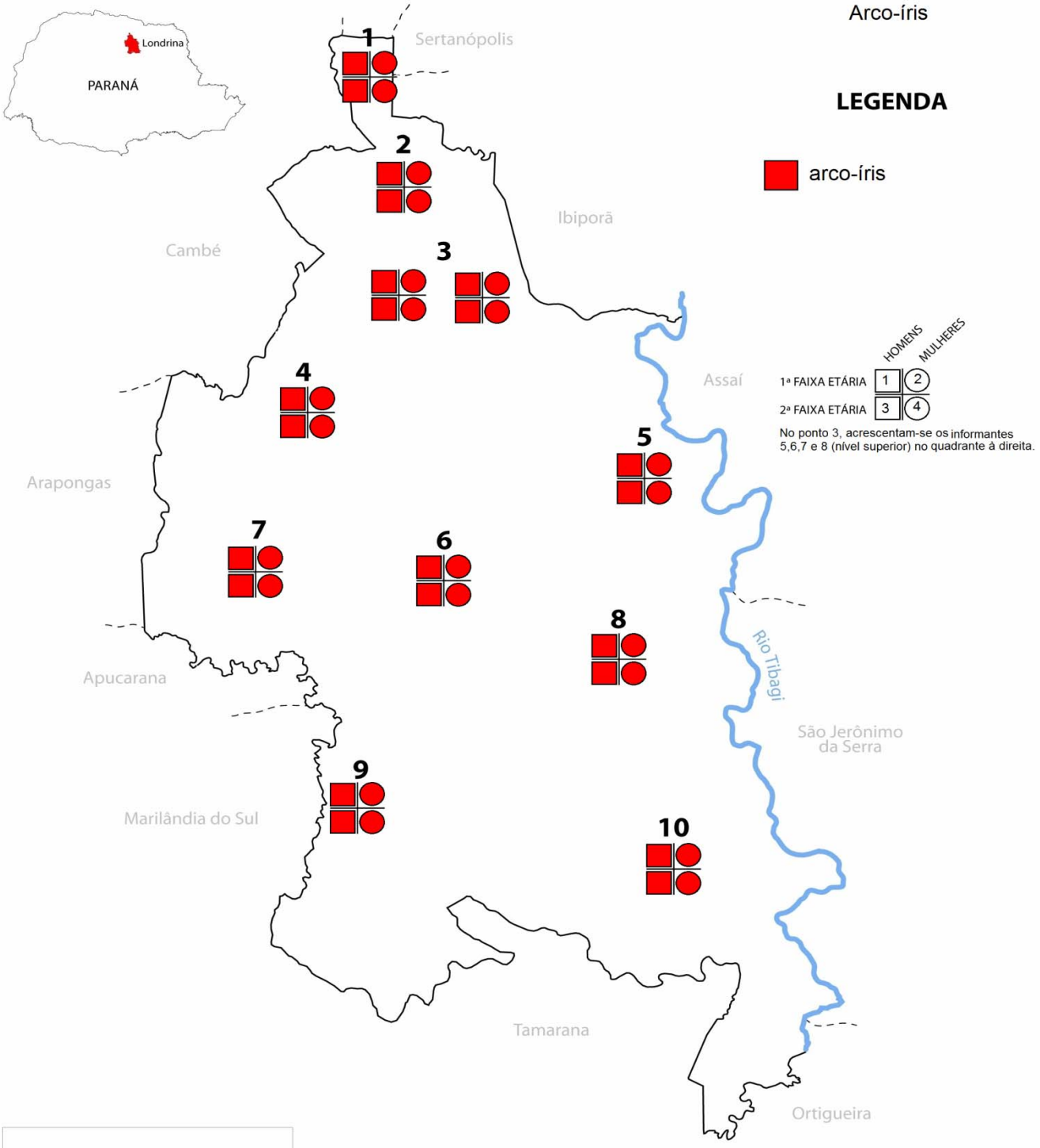
_____
Notas:

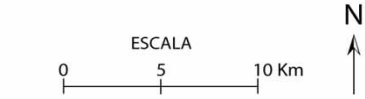
(04/3)
INF.- *Arco-ríris* [ˌaɽkʊˈɾiɾis].
INQ.- Tem outro nome pra ele?
INF.- Quando nói era muleque chamava *arco da véia* [ˌaɽkʊdaˈvɛjɐ], né.
INQ.- Ah, é?
INQ.- E hoje em dia não usa mais?
INF.- Ai até os pais da gente falava se “oceis passa debaixo lá quem é home vai virar muié” nói ficava com medo, rapai.

(09/3)
INF.- Eh... *arco-íris* [ˌaɽkʊˈiɾis].
INQ.- Tem algum outro nome que você tenha ouvido antigamente?
INF.- *Arco da velha* [ˌarkʊdaˈvɛʎɐ].
INQ.- Quem que falava?
INF.- Meus avóis.
INQ.- Você não fala mais?
INF.- Não, eu falei um bom tempo, depois que eu parei, via lá “ah, mãe... o arco da velha”.
INQ.- Por que você parou?
INF.- Porque eu subi que tinha outros nome. Daí agora eu chamo arco-íris.
INQ.- Você acha mais bonito?
INF.- Arco-íris, mai bonito, arco da velha! (risos)
INQ.- Por que será que chama arco-da-velha?
INF.- Num sei.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 03





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 04:

Pergunta do questionário linguístico: QSL 010: Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?
Cartas coincidentes: EALLO 5; ALPR: 16.

Transcrição Fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	não soube	não soube
2	não soube	não soube	[kõstelaˈsɛ̃w̃]	[kruˌzerudu'suw]
3	não soube	[koˈmetɐs]	não soube	não soube
4	não soube	não soube	não soube	não formulada
5	não soube	[kõstelaˈsɛ̃w̃]	não soube	não soube
6	[kõstelaˈsɛ̃w̃]	[istreˈladu]	não soube	não soube
7	não soube	não soube	[kaˌxerudu'suw]	[kaˌmĩɲudʒɪsɛ̃tʃiˈagu]
8	- não soube	não soube	não soube	não soube
9	não formulada	não soube	[kaˌmĩɲudʒɪsɛ̃w̃tʃiˈagu]	[kaˌxerudʒɪsɛ̃w̃tʃiˈagu] [kaˌmĩdʒɪsɛ̃w̃tʃiˈagu]
10	[kõstelaˈsɛ̃w̃]	não soube	[kaˌmĩɲudʒɪsɛ̃tʃiˈagu]	[kõˈʒũtu]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
3	[kõstelaˈsɛ̃w̃]	[ˌvieˈlakitʃje]	não soube	não soube

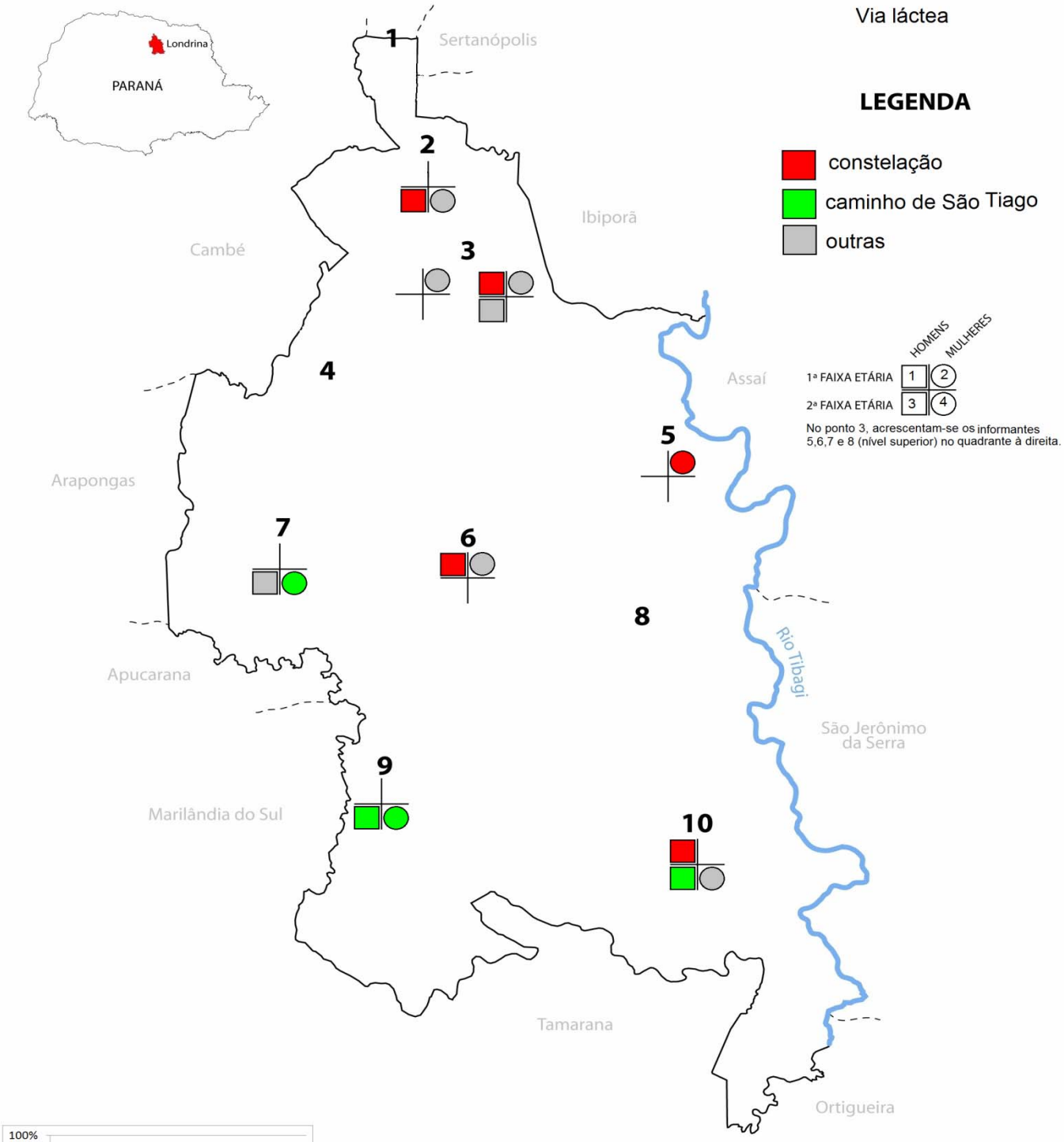
Obs.: Nos pontos 1, 4 e 8, todos os informantes não souberam responder à questão. O item *outras* representa as variantes de ocorrência única: *via láctea, cometa, cruzeiro do sul, carreiro do sul, carreiro de São Tiago, São Jorge, estrelado, conjunto.*

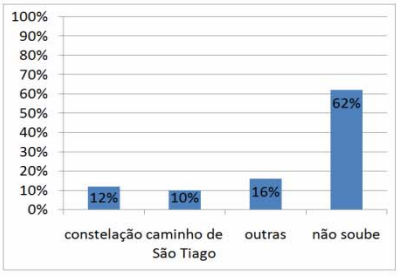
Notas:

09/4
(teste de identificação)
INQ.- Carrero de São Tiago a senhora não escutou falar ainda?
INF.- Já.
INQ.- A senhora escuta essa palavra?
INF.- Di primero usava, né, bastante, hoje em dia, a gente não liga mais não, essas coisa hoje em dia a gente quase não fica quai (= quase) no terrero, camin di São Tiago, é.
INQ.- Era?
INF.- Han han.
INQ.- A senhora falava?
INF.- Hum hum.
INQ.- É que dipois que existiu televisão 'cabô, (=acabou), né, ninguém fica quai (= quase) no terrero, a gente... iscureceu ta den'de (= dentro de) casa. (risos)

10/3
INF.- Santiago.
INQ- Como que fala?
INF- Caminho de Santiago.
INQ.- Quem falava essa palavra?
INF.- Os antigo que falava.
INQ.- E o senhor não usa mais?
INF.- Não. Vez em quando eu brinco com as criança, eu falo: "ah, aquele lá di primero falava o *Caminho de Santiago*. Quando tá bem estrelado, memo, cê vê que as estrela faz um caminho, assim, só de estrela.
INQ.- E hoje em dia não usa mais?
INF.- Não.
INQ.- Porque será que chama Caminho de Santiago?
INF.- Eu acho que é história bíbica (= bíblica), né.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 04





ESCALA
0 5 10 Km
N

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 05

Pergunta do questionário linguístico: QSL 008 – Como se chama aquela estrela que corre no céu e que parece que cai?
Cartas coincidentes: EALLO 4; ALPR: 13.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	não soube	[ˌmɐ̃jdʒɪˈorʊ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]
2	[kaˈdẽjtʃɪ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	não soube	[kaˈdẽjtʃɪ]
3	[kaˈdẽtʃɪ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[ˌmɐ̃jdʒɪˈorʊ]	não soube
4	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[ˌɪstrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	não soube	[isˌtrelɐdɐˈgiɐ]
5	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	não soube	não soube
6	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	não soube	não soube
7	[isˌtrelɐkaˈdẽtʃɪ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[isˌtrelɐˈgiɐ]	[isˌtrelɐˈgiɐ]
8	[kaˈdẽjtʃɪ]	não soube	[isˌtrelɐˈgiɐ]	não soube
9	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[kaˈdẽjtʃɪ]	[isˌtrelɐˈgiɐ]	não soube
10	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	[isˌtrelɐkaˈdẽjtʃɪ]	não soube	[isˌtrelɐkaˈdẽtʲɪ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
3	[isˌtrelɐkaˈdẽtʃɪ]	[isˌtrelakɐˈdẽjtʃɪ]	[kaˈdẽjtʃɪ]	[kaˈdẽjtʃɪ]

_____

Notas:

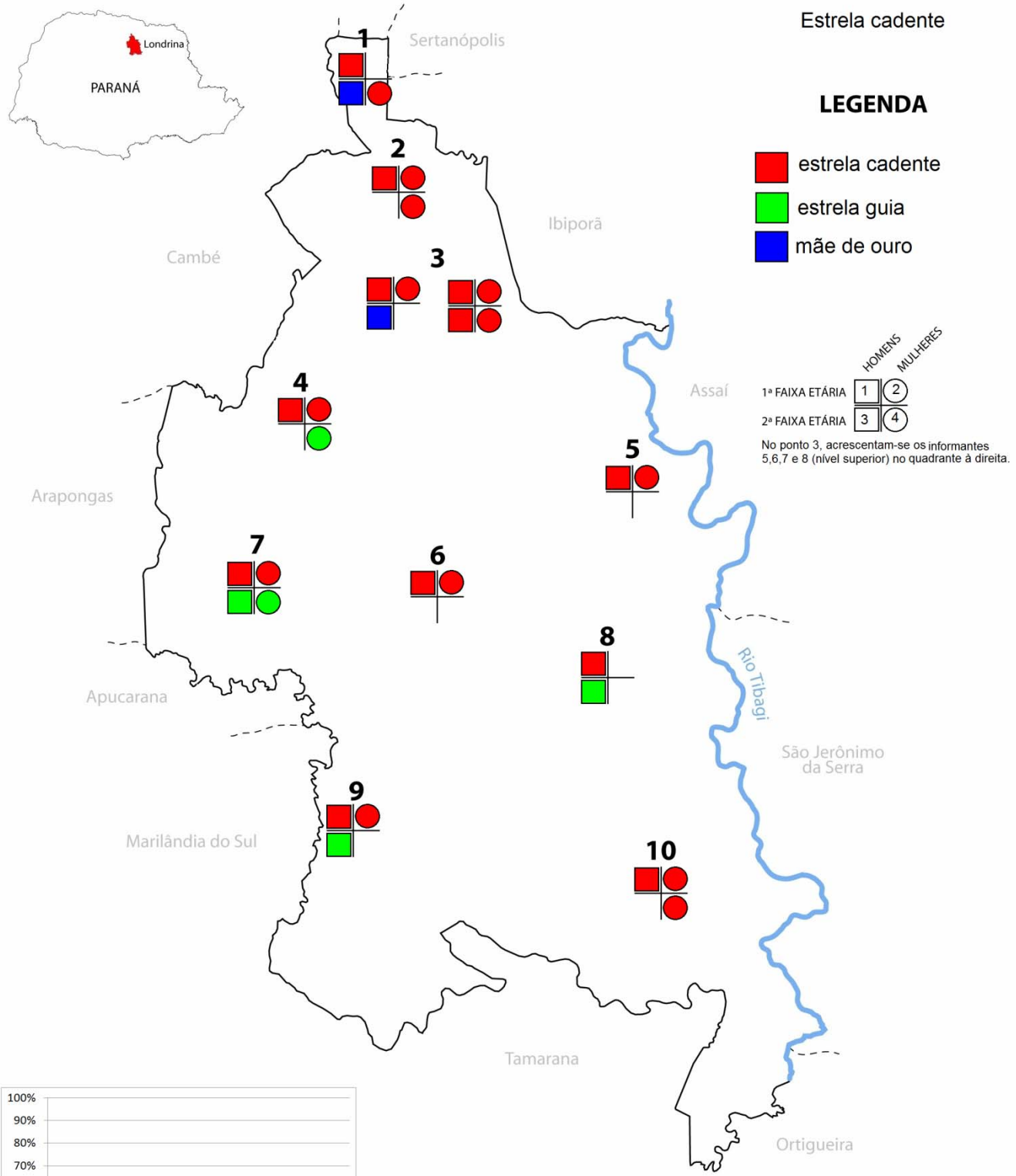
01/3
INF.- Aquela uma lá que fala lá, não é... Ai fugiu o nome outra veiz... O caramba, *mãe de oro* que fala.
INQ.- Ah, que corre?
INF.- Que corre.
INQ.- Verdade que chama disso? O senhor chama disso?
INF.- Eu chamava de *mãe de oro* , mãe de oro passa assim e cai, né, aí se faiz pidido. Ota, ota, ota (=outra) lenda, né.

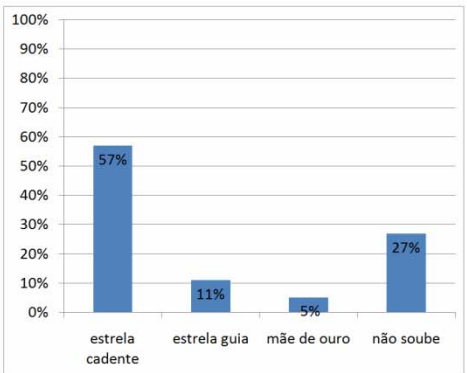
03/3
INF. – Ah, aquele lá tem muitos que, que... tipos dumas istrela que corria assim, que tinha muito no sítio lá era... Que eles falava era... Corria muito istrela no mato assim, eles falava *mãe de oro* (=ouro) aquele lá, né.
INQ.- Ah, mãe de ouro?
INF.- É, segundo... lugá que tinha muita pedra, muita coisa, sítio tinha muita pedra, lá no sitio tinha muito isso aí.
INQ.- Daí a estrela passava e falava: “Ah, é uma...”
INF.- É, agora da estrela, aí não sei como é que fica lá, já vi aqui tamém, né, ela tá assim ela muda po oto lado, sai aquela tipo dum... Dum risco assim, sai mesma coisa que aquelas tocha de fogo, só aquele lá não sei expricá.
INQ.- Mas no sítio chamava de outro?
INF.- Agora no sítio dum morro po oto assim que era pedra, ela saía dum lado e ficava aquela tocha de fogo que se caía lá do oto lado, só que caía longe não caía perto, caía distância de um quilômetro, dois quilômetro assim, do sítio, duma cabicera do sítio pa oto assim.
INQ.- Daí falava que era mãe de ouro?
INF.- Daí nói (= nós) tratava que era *mãe de oro*

09/3
((teste de identificação))
INF.- *Estrela guia* , não, não é não, né.
INQ.- Pode falar que é uma estrela?
INF.- Ah o nome dela não me lembro agora não.
INQ.- Estrela cadente o senhor não sabe?
INF.- Não.
INQ.- Esse nome o senhor não conhece?
INF.-Não.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 05





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 06

Pergunta do questionário linguístico: QSL 007 – Como se chama aquela estrela grande que se vê no céu até o clarear do dia?
Cartas coincidentes: EALLO 3; ALPR: 12.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[isˌtrelɐˈdawvɐ]
2	[kẽdeˈsẽtʃɪ] [ˈdawvɐ]	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[isˌtrelɐˈdawvɐ]
3	não soube	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[ˌistrelɐˈdawvɐ]
4	não soube	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[isˌtrelɐduoriˈẽj̃tʃɪ] [isˌtrelɐluˈzew] [isˌtrelɐdoˈɛʃtʃɪ]
5	não soube	não soube	[ˈdawvɐ]	[isˌtrelɐˈdawvɐ]
6	não soube	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[isˌtrelɐˈdawvɐ]
7	não soube	não soube	[isˌtrelɐdɐmẽˈɲẽ]	[isˌtrelapoˈẽj̃tʃɪ]
8	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[isˌtrelɐdɐˈgiɐ]
9	não soube	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[ˈdawvi] [ˈdavɪ]
10	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	[ˈdawvɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	[isˌtrelɐˈdawvɐ]	não soube	[ˈdawvɐ]

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *cadente; estrela do oriente; estrela luzeu; estrela do oeste;estrela da manhã;estrela poente; estrela da guia.*

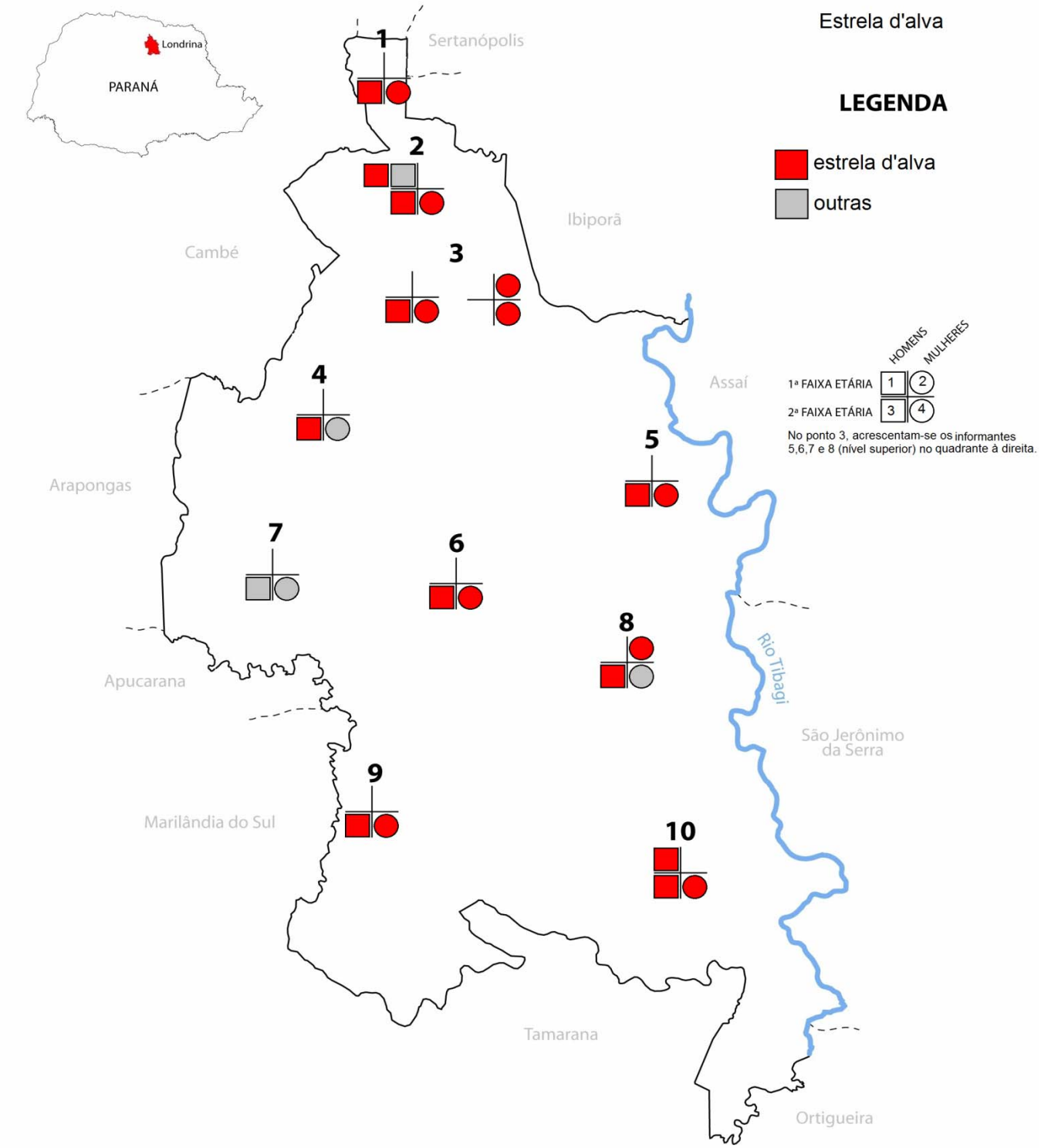
Notas:

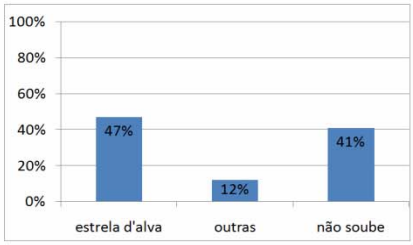
04/4
INQ.- Tem uma, de manhã cedo, que é a última a desaparecer, você olha, está dia e ela está lá ainda.
INF.- É a *estrela luzeu* [ισ⌒τΡελ□λυ◡ζεω], *estrela luzeu* ou *lizeu* [λι◡ζεω]. Não sei. *Estrela do oeste* [isˌtrelɐdoˈɛʃtʃɪ].
INQ.- Pode ser, pode ser. Qual você usa mais?
INF.- *Estrela do oeste*. Bem grandona.
INQ.- Está dia já, todas foram embora só ela ficou lá.
INF.- Eu falo, esses dois nomes eu falo. *Estrela lizeu* [isˌtrelɐliˈzew].
INQ.- Estrela lizeu...
INF.- E *estrela do oeste*.

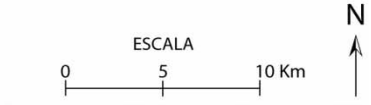
10/1
((teste de identificação))
INQ.- *Estrela d'alva* você não...
INF.- *Estrela d'alva* [isˌtrelɐˈdawvɐ]? Num sei se é, aquela istrela que (...) é eu ia falá *istrela d'alva* [isˌtrelɐˈdawvɐ] mais eu num... tinha certeza. (...)

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 06







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 07

Pergunta do questionário linguístico: QSL 002 – Como se chama o lugar onde o rio nasce?
Carta coincidente: ALPR: 5.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[naˈsĕtʃɪ]	[ˈminɐ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]
2	[ˈminɐ]	não soube	[naˈsĕtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]
3	não soube	não soube	[naˈsĕtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʲɪ]
4	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[ˈminɐ] [naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]
5	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsĕtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	não soube
6	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	não soube	[naˈsɐ̃jtʃɪ] [ˈminɐ]	não soube
7	[nasɐ̃jtʃɪ]	[naˈsĕjtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]
8	[ˈminɐ]	[naˈsĕtʃɪ]	[naˈsĕtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]
9	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[ˈminɐ]	[ˈfõtʃɪ]
10	[ˈminɐ] [naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʲɪ]

Nível Superior

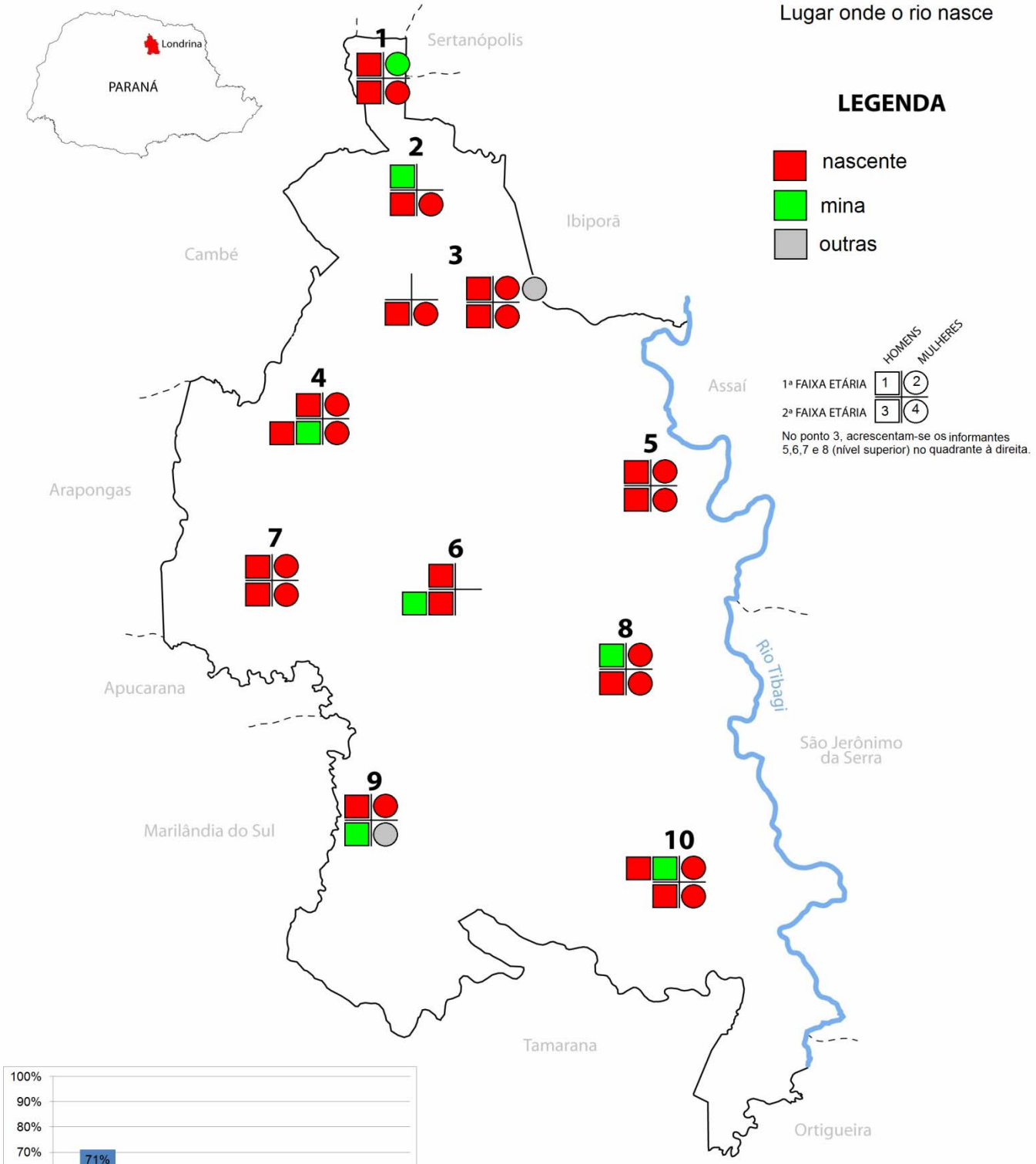
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[naˈsɐ̃jtʃɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ] [ˈbikɐ]	[naˈsĕtʲɪ]	[naˈsɐ̃jtʃɪ]

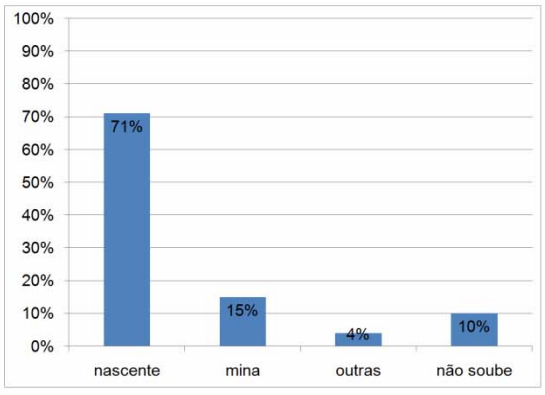
Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *fonte; bica.*

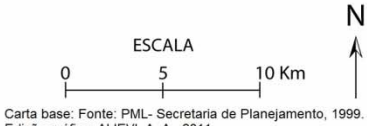
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 07

Lugar onde o rio nasce







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 08

Pergunta do questionário linguístico: QSL 001 – Como se chama aquele pau que se joga por cima de um rio pequena para passar de um lado para outro?
Carta coincidente: ALPR: 3.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[na'sẽtʃɪ]	['minɐ]	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]
2	['minɐ]	não soube	[na'sẽtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]
3	não soube	não soube	[na'sẽtʃɪ]	[na'sẽjtʲɪ]
4	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	['minɐ] [na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]
5	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	não soube
6	[na'sẽjtʃɪ]	não soube	[na'sẽjtʃɪ] ['minɐ]	não soube
7	[nasẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]
8	['minɐ]	[na'sẽtʃɪ]	[na'sẽtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]
9	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	['minɐ]	['fõtʃɪ]
10	['minɐ] [na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʃɪ]	[na'sẽjtʲɪ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[pĩ'gɛlɐ]	[pĩ'gɛlɐ]

Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *passagem; tronco.*

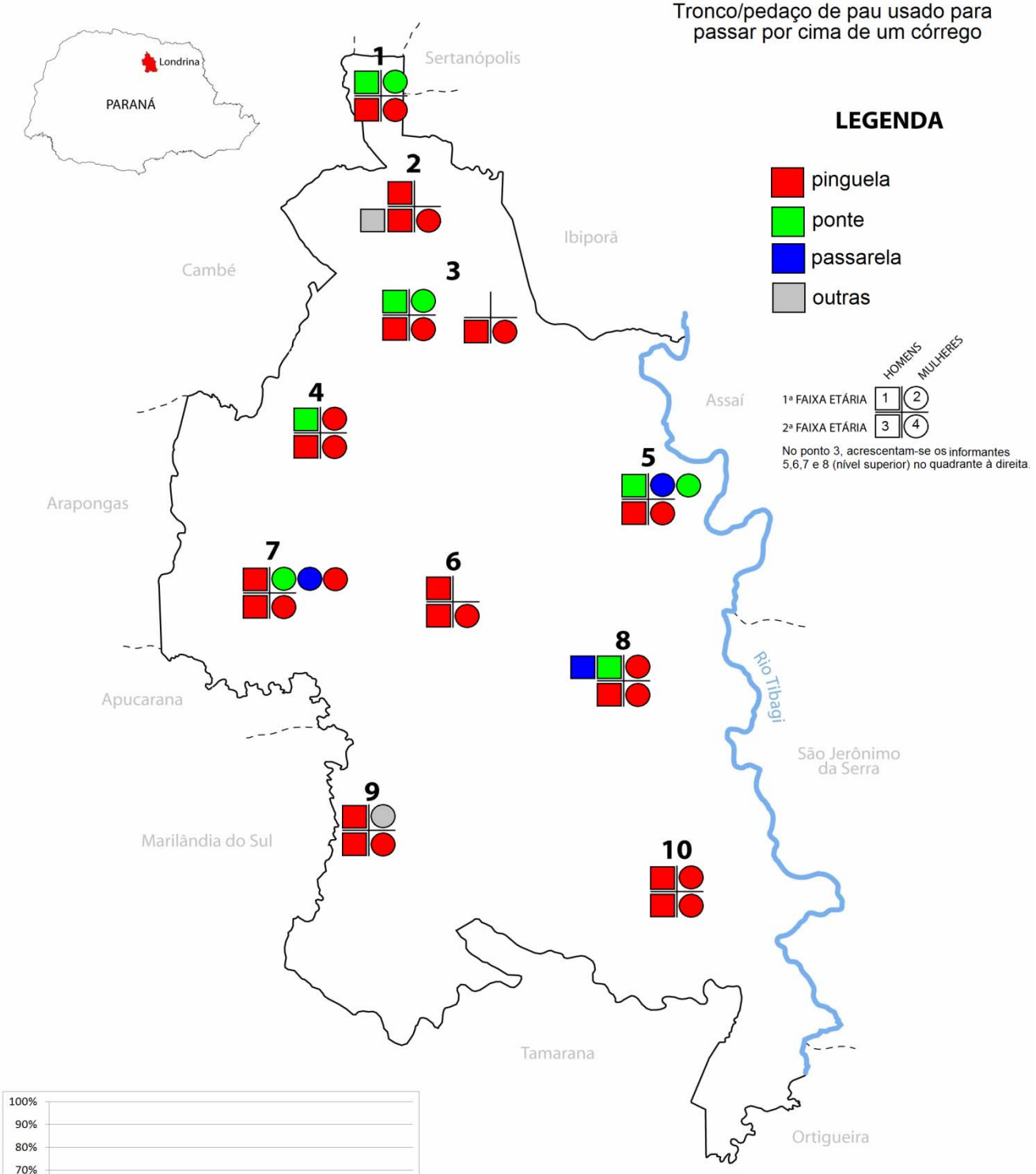
Notas:

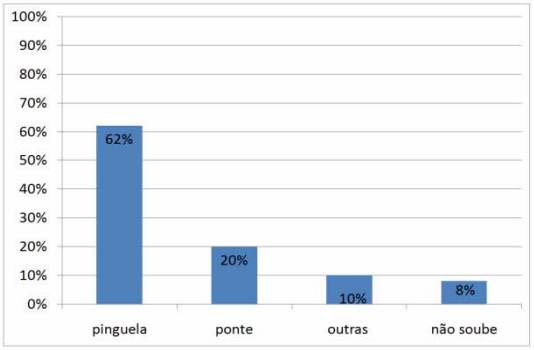
04/3
INF.- A *ponte* *['põtʃɪ]?* É *pinguela* *[pĩ'gɛlɐ].*
INQ.- É diferente ponte e pinguela?
INF.- Ah, é diferente.
INQ.- Como que é essa?
INF.- Pinguela.
INQ.- A outra?
INF.- A outra é *ponte*...
INQ.- É uma construção?
INF.- É uma *ponte* é bem feitinha né?

_____

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 08

Tronco/pedaço de pau usado para passar por cima de um córrego





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 09

Pergunta do questionário linguístico: QFF 106 – Como se chamam aqueles ‘guarda-chuvinhas’ que se formam no pau podre?
Cartas coincidentes: EALLO 10; ALPR 38.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[goˈgumɛlʊ]	[ˌgwaɾdɐʃuˈviɲɐ] [kogʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ]
2	[kogʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ] [kogʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]
3	[gogʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ]	[kaˌzĩɲɐdʒɪˈsapʊ] [gwaɾdɐʃuˌviɲɐdɪˈsapʊ]
4	não soube	[kogʊˈmɛlʊ]	[ˌgwaɾdɐʃuˈviɲɐ] [kokʊˈmɛlʊ]	não soube
5	não soube	[kogʊˈmɛlʊ]		[kokʊˈmɛlʊ]
6	[kogʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]	não soube
7	[kogʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]	[gogʊˈmɛlʊ]	não soube
8	[gogʊˈmɛlʊ]	[gogʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]	[gogʊˈmɛlʊ] [kogʊˈmɛlʊ]
9	[kogʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ] [oˌɾejɐdʲɪˈpaw] [ˌgwaɾdɐʃuˈvĩɲɐ]	[koˈkomɛlʊ]
10	[kogʊˈmɛlʊ]	[kokʊˈmɛlʊ]	[gogʊˈmɛlʊ]	gogʊˈmɛlʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[kogʊˈmɛlʊ]	[kogʊˈmɛlʊ]	não soube	[kogʊˈmɛlʊ]

_____
Notas:

09/3

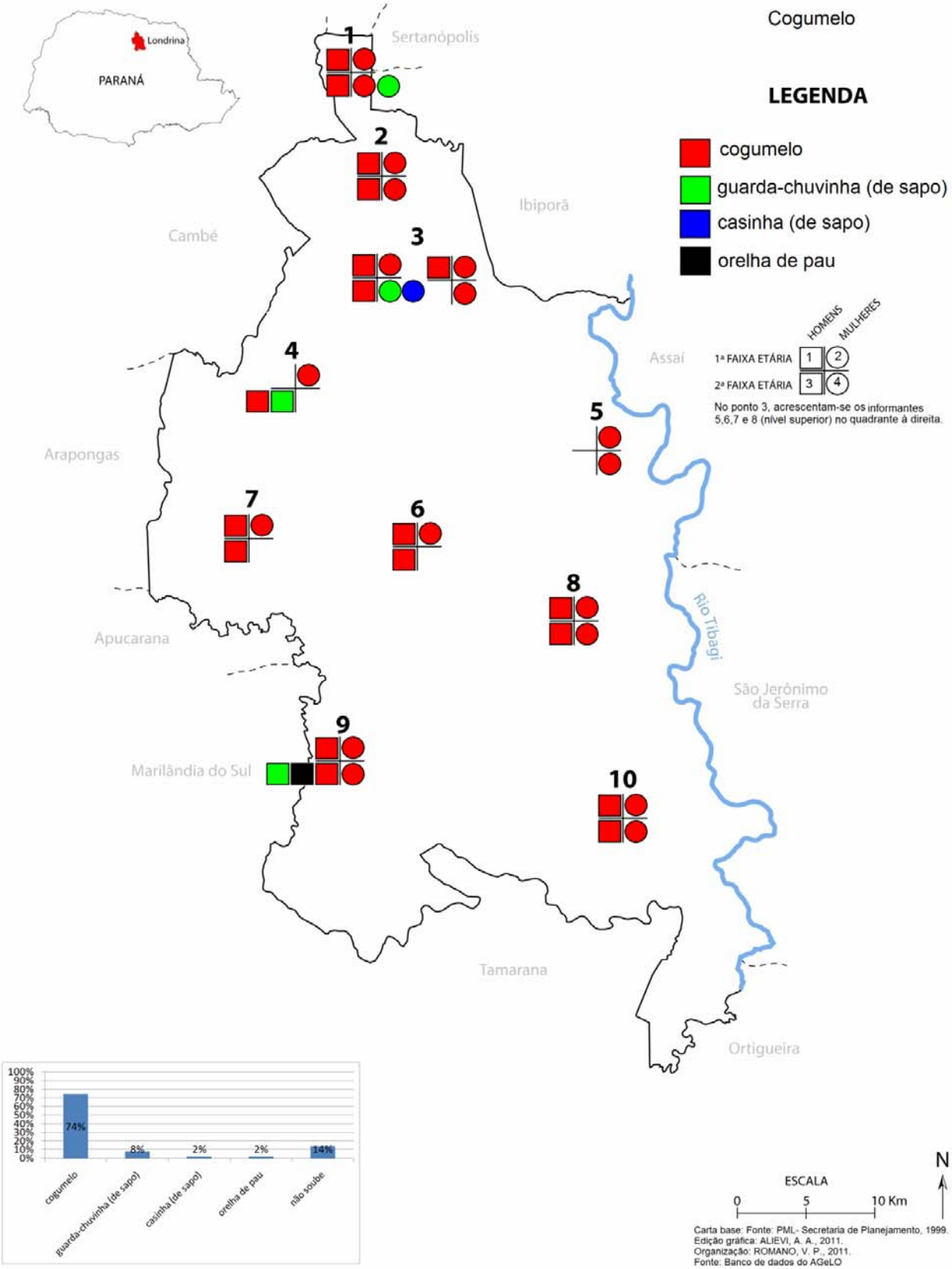
INF.- *Cocumelo* [kokʊˈmɛlʊ], né.
INQ.- Como que é?

INF.- Cocumelo, né, mas é outro nome que eis (= eles) fala, eles fala *oreia de pau* [oˌɾejɐdʲɪˈpaw], né.
INQ.- Ah tem oreia de pau, mas é o mesmo?

INF.- É o mesmo, tem um *guarda-chuvinha* [ˌgwaɾdɐʃuˈvĩɲɐ], né, não oreia de pau ele dá no pau, agora guarda-chuvinha ele dá no chão, né, tipo cocumelo, né.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 09



Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 10

Pergunta do questionário linguístico: QSL 050 – Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?
Cartas coincidentes: EALLO 11; ALPR 46.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[fi'lipɪ]	[baˌnẽnɐ'ʒẽmjɐs] [baˌnẽnɐfe'lipɪ]	[fi'lipɪ] [fe'lipɪ]
2	[fe'lipɪ]	['ʒemjɐs]	[fi'lipɪ]	[fe'lipɪ]
3	['ʒemjɐs]	[ʒe'mjɐs]	[fi'lipɪ]	[fi'lipɪ]
4	[baˌnẽnɐ'ʒẽmjɐs]	[ʒẽ'mjɐs]	[fe'lipɪ] ['ʒẽmɪw]	[fi'lipɪ]
5	['ʒemjɐs]	[baˌnẽnɐgɾu'dadɐ]	['ʒẽmjɐ]	['ʒemiw]
6	['ʒemjɐs] [fe'lipɪ]	['ʒemjɐs]	[fi'lipɪ]	['ʒemjɐs]
7	['ʒẽmjɐs]	[fi'lipɪ]	[fi'lipɪ]	[fi'lipɪ] ['ʒẽmiws]
8	['ʒẽmjɐs] [baˌnẽnagɾu'dadɐ]	não soube	[fi'lipɪ]	[fe'lipɪ]
9	[fi'lipɪ]	[fi'lipɪ]	[baˌnẽnɐʒẽ'mjɐ]	[fi'lipɪ] [fe'lipɪ] ['gemjɐs]
10	[fe'lipɪ]	[baˌnẽnɐ'ʒemjɐs] [baˌnẽnɐ'ʒemjɐs]	[fi'lipɪ]	[fi'lipɪ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	[baˌnẽnɐ'ʒẽmjɐ] [fi'lipɪ]	[fi'lipɪ]	[fe'lipɪ]

_____

Notas:

01/2
((teste de identificação))
INQ.- Pode falar que é banana gêmea?
INF.- Não.
INQ.- Não. Pode falar que é banana filipe?
INF.- Isso memo, chama *filipe* [fi'lipɪ].

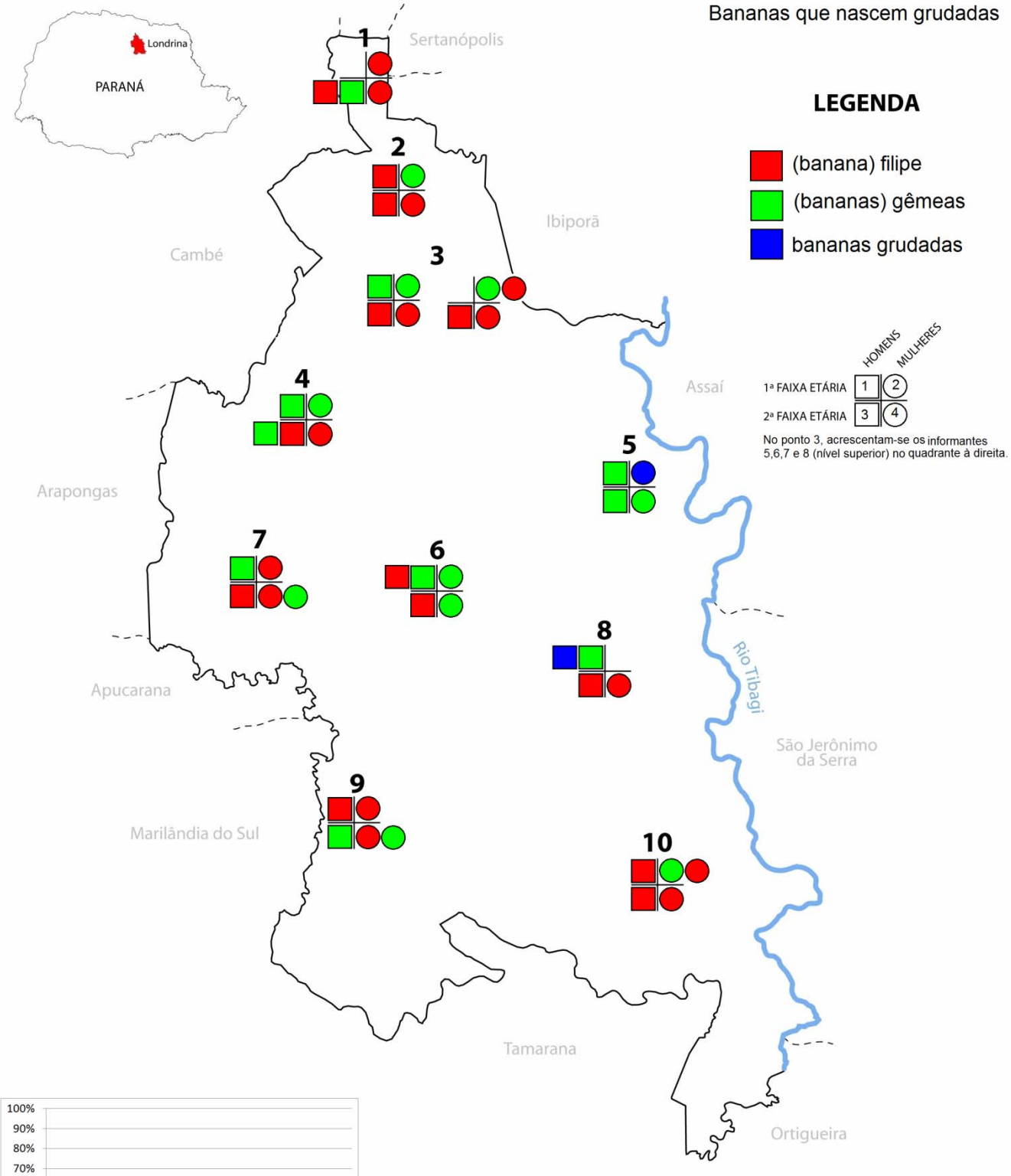
03/6
INF.- *Banana gemia* [baˌnẽnɐ'ʒẽmjɐ], *filipe* [fi'lipɪ].
INQ.- Você usa mais?
INF.- *Filipe*?
INQ.- É.
INF.- Ah, só as pessoas mais velhas. Minha empregada usa por exemplo.
INQ.- E você utiliza mais?
INF.- *Banana gêmia* [baˌnẽnɐ'ʒẽmjɐ]. Só (risos).

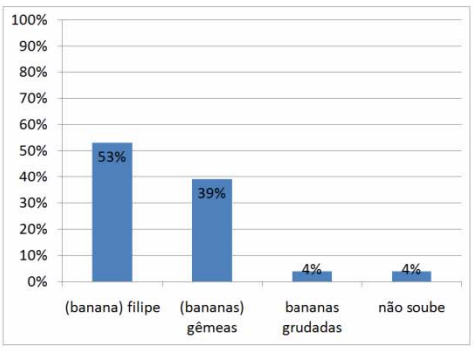
09/3
INF.- *Banana gêmea* [baˌnẽnɐʒẽ'mjɐ].
INQ.- Não tem mais nenhum outro nome?
INF.- Não.
INQ.- O café também, tem café também que nasce junto...
INF.- O café fala filipi, né.
INQ.- Banana não pode ser?
INF.- Não, banana é gemia, banana gemi... Agora o café fala filipi, é dois grudado um no outro.
INQ.- Ah, então filipe é só para o café?
INF.- É.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 10

Bananas que nascem grudadas





ESCALA
0 5 10 Km

N

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 11

Pergunta do questionário linguístico: QFF 11 – Quando se quer fazer uma queimada de um mato, a gente tem que limpar em volta dele. Como se chama essa parte limpa?
Carta coincidente: ALPR II 210

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]
2	[aˈseɾu]	não soube	não soube	não soube
3	não soube	não soube	[seɾɐˈmẽtu]	não soube
4	não soube	não soube	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]
5	não soube	não soube	[aˈseɾu]	não soube
6	[ˈseɾɐ]	não soube	[ˈseɾu] [aˈseɾu] [aseˈɾa]	[aˈsejɾu]
7	[aˈseɾu]	não soube	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]
8	não soube	não soube	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]
9	[aˈseɾu]	não soube	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]
10	[aˈseɾu]	[paˈʎadɐ]	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[aˈseɾu]	[aˈseɾu]

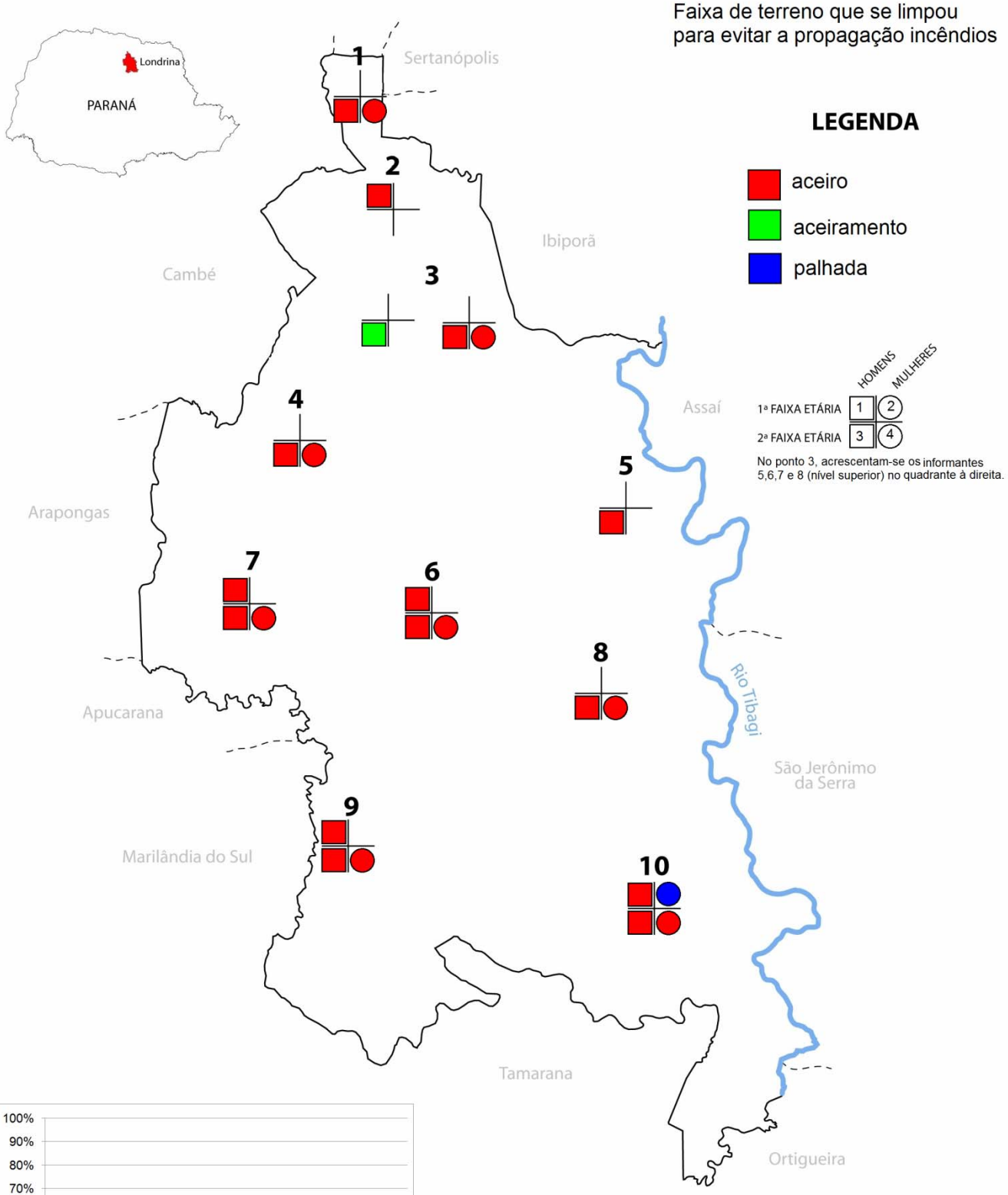
_____
Notas:

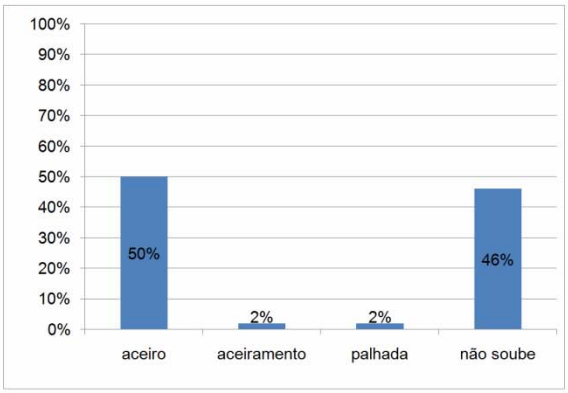
09/4
((teste de identificação)
INQ.- Quando a gente limpa o mato em volta para...
INF.- Ai, não veio na minha cabeça ainda, esqueci. Eu sei o que é, mai num...
INQ.- Aquela lá a senhora conhece o tal do aceiro?
INF.- *Acero* [aˈseɾu].
INQ.- Como que é o nome?
INF.- *Acero* [aˈseɾu].
INQ.- A senhora conhece?
INF.- Hanhan.
INQ.- A senhora conhece essa palavra?
INF.- Hahan.
INQ.- A senhora usava?
INF.- Pa (= para) queimada, né?
INQ.- É.
INF.- É acero [ˈaseɾu]. . Agora que eu lembrei. (risos)

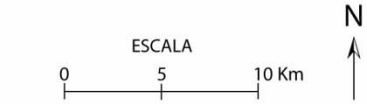
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 11

Faixa de terreno que se limpou para evitar a propagação incêndios







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 12

Pergunta do questionário linguístico: QFF 056 Como se chama aquela água doce e gostosa que sai da cana-de-açúcar quando a gente mói?
Cartas coincidentes: EALLO 56; ALPR 93.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ga'rapɐ]	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]
2	[gwa'rapɐ] [ˌkawdʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[ga'rapɐ]
3	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[ga'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ]	[ga'rapɐ]
4	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ]	[gwa'rapɐ]	[gwa'rapɐ]
5	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[ga'rapɐ]	[ga'rapɐ]	[ga'rapɐ]
6	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ]	[ga'rapɐ]	['kawdʊ]
7	[ga'rapɐ]	[ga'rapɐ]	[gwa'rapɐ]	[gwa'rapɐ]
8	[gwa'rapɐ]	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ]	[gwa'rapɐ]
9	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ] [gwa'rapɐ]	[ga'rapɐ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ]
10	não formulada	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ] [gwa'rapɐ] [me'ladʊ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]	[gwa'rapɐ] [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ga'rapɐ]	[ga'rapɐ]	[ga'rapɐ]	[ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ] [ga'rapɐ]

_____

Notas:

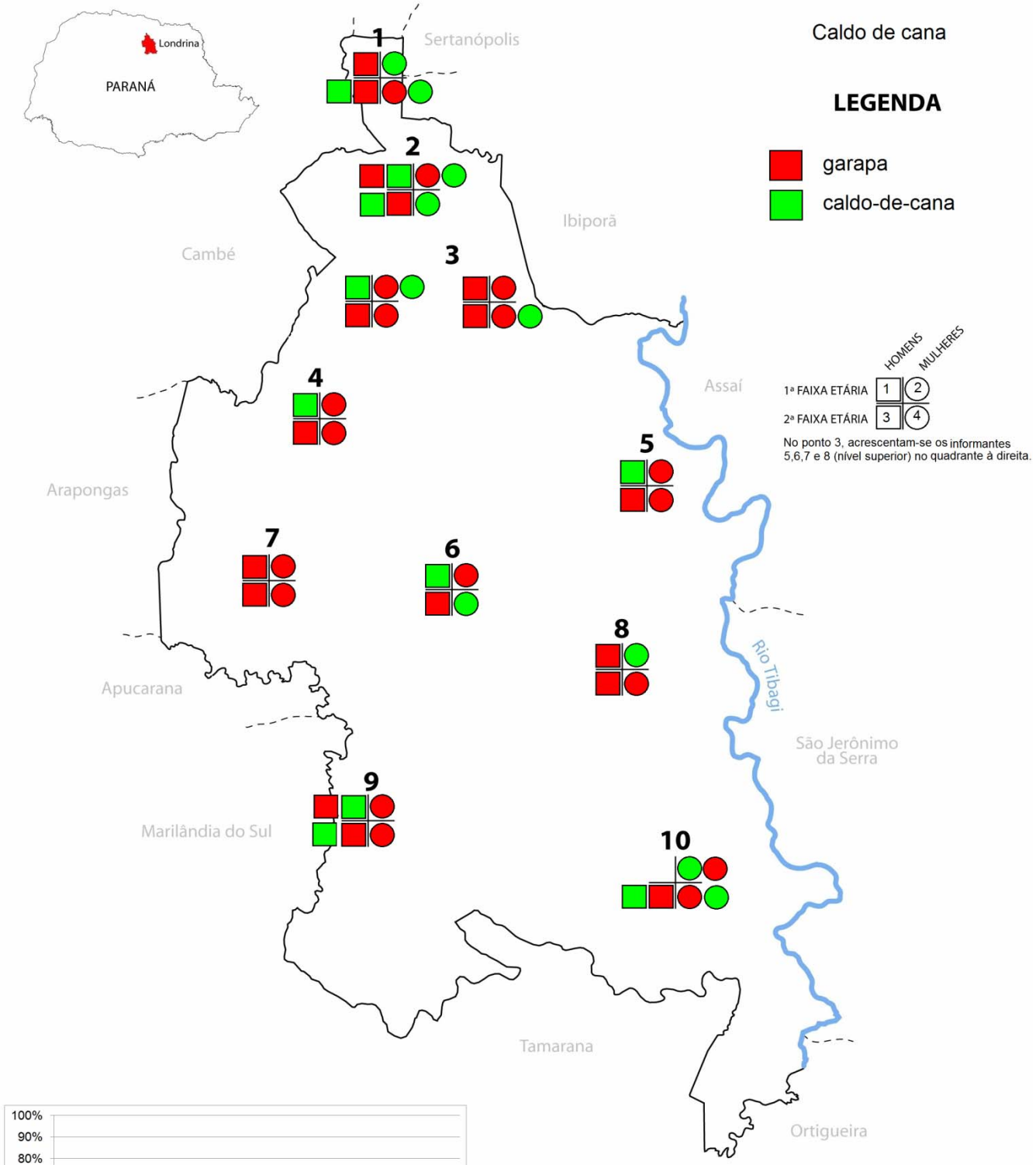
01/3

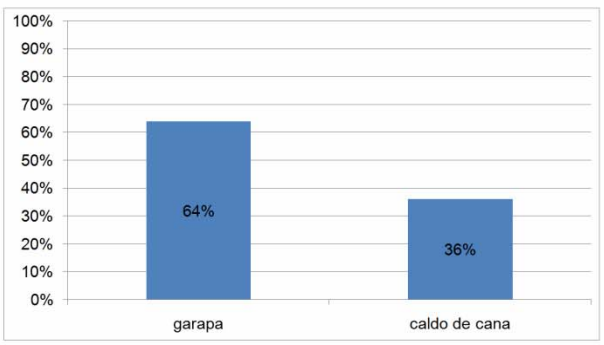
INF.- *Guarapa* [gwa'rapɐ].
INQ.- Tem mais outro nome para ela?
INF.- *Caldo de cana* [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ] a gente fala, né, hoje é caldo de cana, né, antigamente fazia, fala: “Vamo muê cana pa fazê guarapa.”
INQ.- E o senhor usa mais qual?
INF.- Caldo de cana hoje.

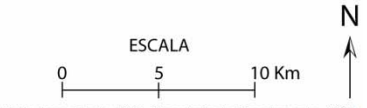
10/3

INF.- *Guarapa* [gwa'rapɐ].
INQ.- E tem mais algum outro nome para ela?
INF.- Tem uns fala *caldo de cana* [ˌkawdudʒɪ'kẽnɐ].
INQ.- E o senhor usa mais qual?
INF.- Eu falo *guarapa*, só que tem gente que fala que eu falo errado.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 12







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 13

Pergunta do questionário linguístico: QSL 033 – Como se chama aquilo que a cascavel tem na ponta do rabo?
Carta coincidente: ALPR II 228.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ʃoˈkaʎu] [ˈgizu]	[ʃoˈkaʎu] [giˈzu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]
2	[ˈgizu]	não soube	[ˈgizu]	[ˈgizu]
3	[ʃoˈkaʎu]	não soube	[ˈgizu]	não soube
4	[ˈgizu]	[ʃaˈkwaʎu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]
5	[ˈgizu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]
6	[ˈgizu] [ʃoˈkwaju]	[ʃaˈkwaʎu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]
7	[ˈgizu]	[ˈgizu]	[ˈgizi]	[ˈgizu]
8	[ˈgizu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]	[ʃuˈkaj]
9	[ʃoˈkaʎu]	não soube	[ˈgizu]	[ˈgizu]
10	[ˈgizu] [ʃuˈkwaʎu]	[ˈgizu]	[ˈgizu] [ʃoˈkwaju]	[ˈgizu]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 9 (feminino)
3	[ˈgizu] [ʃoˈkaʎu]	[ʃoˈkaʎu] [ˈgizu]	[ˈgizu]	[ˈgizu]

_____
Notas:

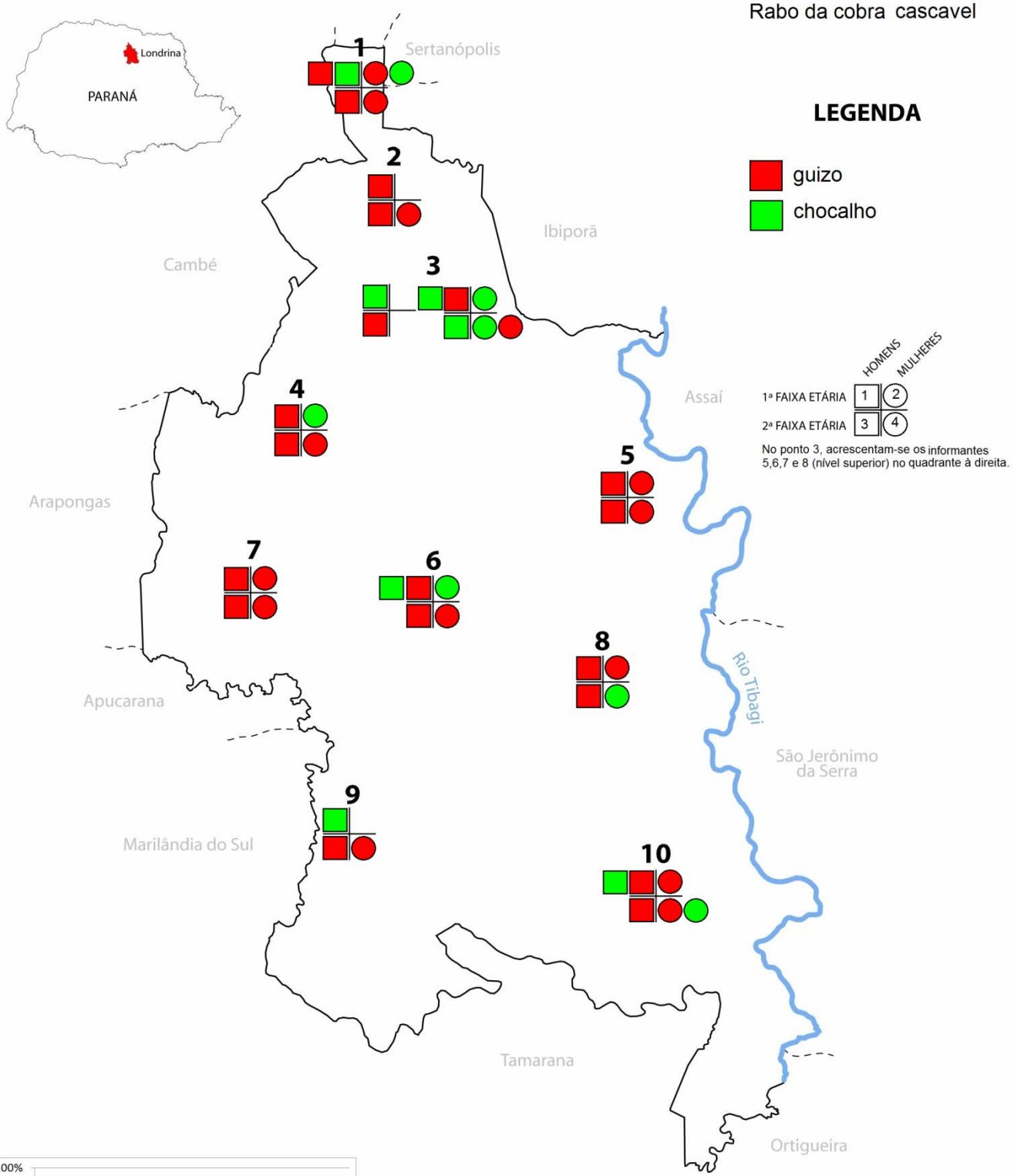
05/4
INF.- A carne se mexe, fica tremeno, igual carne de cobra. Eu já comi até cobra, até cascavel eu já comi, carne.
INQ.- (inint)
INF.- O guizo dela? Oxe! O *guizo* [ˈgizu] dela, pra dor de cabeça é o melhor remédio que tem.

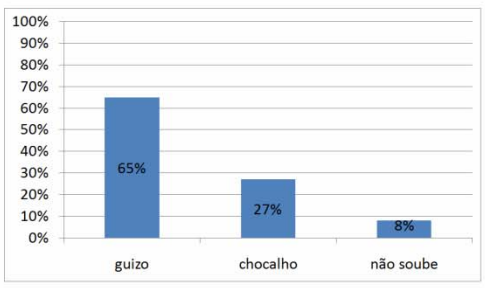
10/3
INF.- *Guizo* [ˈgizu].
INQ.- Tem mais algum outro nome para ele?
INF.- *Chocuaio* [ʃoˈkwaju].
INQ.- Qual o senhor usa mais?
INF.- Guizo. (...) os antigo até falava que a pessoa matava, tirava aquele guizo ponhava dentro do violão pra aprendê tocá essas coisa, mais isso aí é tudo lenda, aquilo lá não vai fazê ninguém aprendê tocá violão não, num acredito nisso.
INQ.- O senhor usa mais guizo que chocuaio então?
INF.- Isso.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 13

Rabo da cobra cascavel





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 14

Pergunta do questionário linguístico: QFF 052 – Como se chamam aquele bichinho branco ‘enrugadinho’ que dá na goiaba?
Carta coincidente: ALPR II 216.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	[bigaˈtʃiɲʊ]	[biˈgatʊ]	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]
2	[biˈgatʊ]	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ] [biˈgatʊ]	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	[ˈbiʃʊ] [biˈgatʊ]
3	[biˈgatʊ]	[ˌbiʃʊdagojˈabɐ]	[biˈgatʊ]	[biˈgatʊ]
4	[biˈgatʊ]	[biˈgatʊ]	[biˈgatʊ]	[biˈgatʊ] [laɾˈgatɐ]
5	[ˈbiʃʊ]	[laˈgaɾtɐ]	[ˈbiʃʊ]	[biˈgatʊ]
6	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	não soube	[ˌbiʃʊdagojˈabɐ]	[ˌbiʃʊdʒɪgojˈabɐ]
7	[biˈgatʊ] [ˈbiʃʊ]	não formulada	não formulada	[bigaˈtʃiɲʊ]
8	[laɾˈgatɐ]	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ] [biˈgatʊ]	[biˈgatʊ]
9	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	[mẽdɾuˈva] [ˈlaɾvɐ]	[biˌʃĩdɐgojˈabɐ]	[biˈʃiɲʊ]
10	[biˈgatʊ] [kɔɾɔˈzĩɲʊ]	[biˈʃadɐ]	[ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	[ˈbiʃʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[biˈgatʊ] [ˌbiʃʊdɐgojˈabɐ]	[ˌbiʃʊdagojˈabɐ] [lagaɾˈtʃiɲɐ]	[ˌbiʃʊdagojˈabɐ]	[biˌʃĩdɐgojˈabɐ]

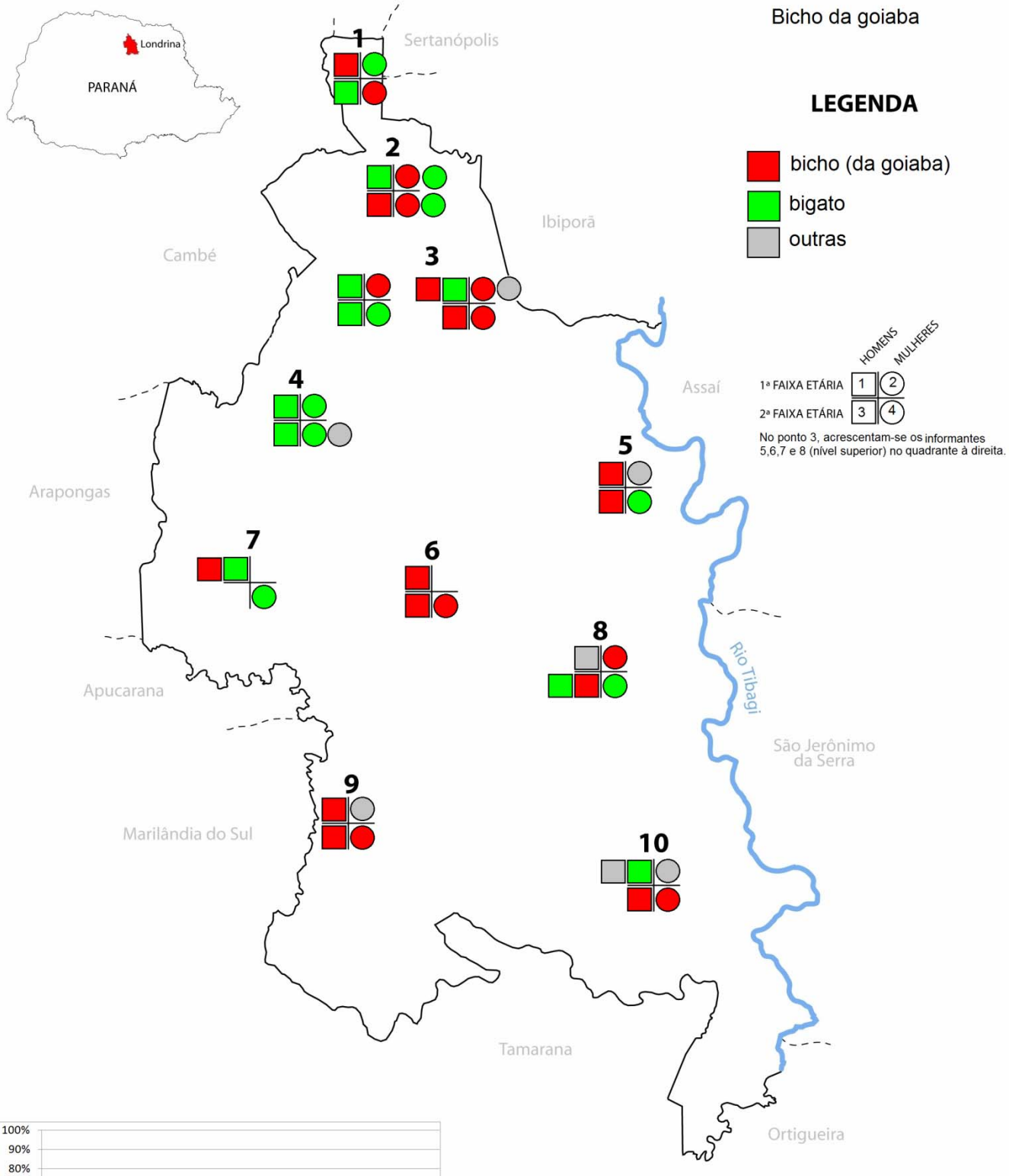
Obs.: O item outras representa as seguintes variantes: *lagarta / lagartinha* (4 ocorrências); *mandruvá*; *larva; corozinho* (ocorrência única).

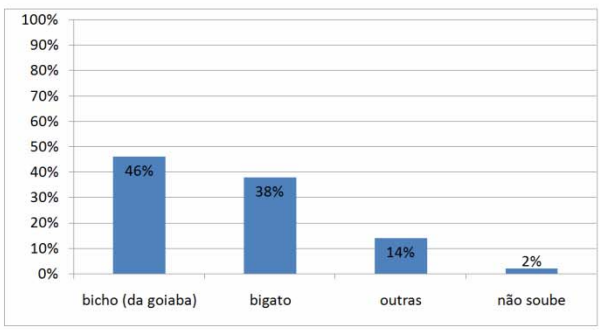
Notas:

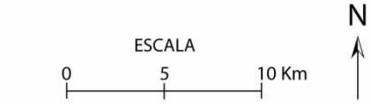
04/2
((influência de circunstante))
CIRC.- Bigato.
INF.- Bigato ah, eu esqueci, mãe, mais eu falei pra ele que eu sabia outro nome.
INQ.- Como que vocês chamam então?
INF.- É bigato [biˈgatʊ].
INQ.- Você chama disso?
INF.- É, fala um monte de hora tem bigato aqui porque largato é outra coisa.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 14







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 15

Pergunta do questionário linguístico: QFF 106 – Como se chama a galinha que nasce sem rabo?
Carta coincidente: ALPR 59

Transcrição fonética
Nível Fundamental

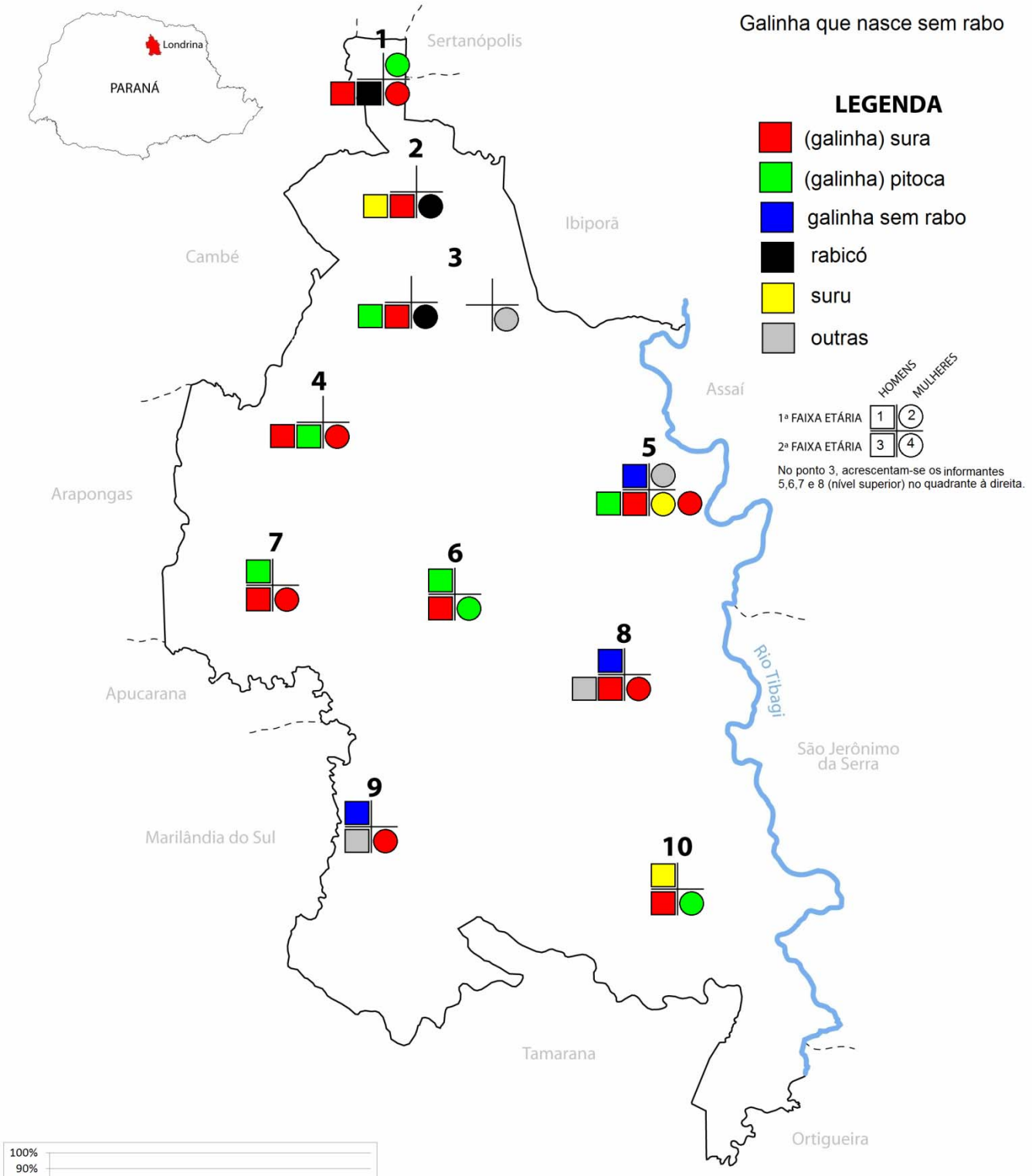
Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[piˈtokɐ]	[xabiˈkɔ] [ˈsurɐ]	[ˈsurɐ]
2	não soube	não soube	[ˈsurɐ] [suˈru]	[xabiˈkɔ]
3	não soube	não soube	[ˈsurɐ] [piˈtokɐ]	[xabiˈkɔ]
4	não soube	não soube	[piˈtɔkɐ] [ˈsurɐ]	[ˈsurɐ]
5	[gaˌl̃ĩɲɐsẽj̃ˈxabʊ]	[pisˈkɔlɐ]	[ˈsurɐ] [piˈtokɐ]	[suˈru] [gaˌl̃ĩɲɐˈsurɐ]
6	[gaˈl̃ĩɲɐpiˈtokɐ]	não soube	[ˈsurɐ]	[gaˌl̃ĩɲɐpiˈtokɐ]
7	[piˈtokɐ]	não soube	[ˈsurɐ]	[ˈsurɐ]
8	[gaˌl̃ĩɲɐsẽj̃ˈxabʊ]	não soube	[ˈsurɐ] [suˈrɛkɐ]	[ˈsurɐ]
9	[gaˌl̃ĩɲɐsẽj̃ˈxabʊ]	não soube	[suˈrukɐ]	[ˈsurɐ]
10	[suˈru]	não soube	[ˈsurɐ]	[piˈtɔkɐ]

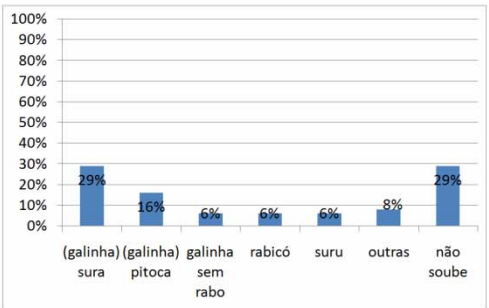
Nível Superior

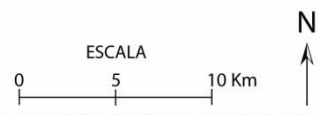
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	não soube	[ˈtokɐ] [ˈtokʊ]

Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *toco(a); piscola; sureca; suruca.*

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 15







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 16

Pergunta do questionário linguístico: QSL 027: Como se chama a galinha que depois de botar por algum tempo, passa a ficar deitada dia e noite e só se levanta para comer?
Carta coincidente: ALPR II 219

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ʃokaˈderɐ]	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]
2	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	não soube	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]
3	[ʃokaˈderɐ]	[ˈʃokɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]
4	[ʃokaˈderɐ]	[ʃokaˈderɐ]	[ʃokaˈderɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]
5	[ʃokɐˈderɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]
6	[ʃokɐˈderɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]
7	[ˈʃokɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]
8	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[ʃokaˈderɐ] [gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]
9	[ʃokaˈderɐ]	não soube	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]
10	[ĩpexiˈadɐ] [ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]	[ˈʃokɐ]

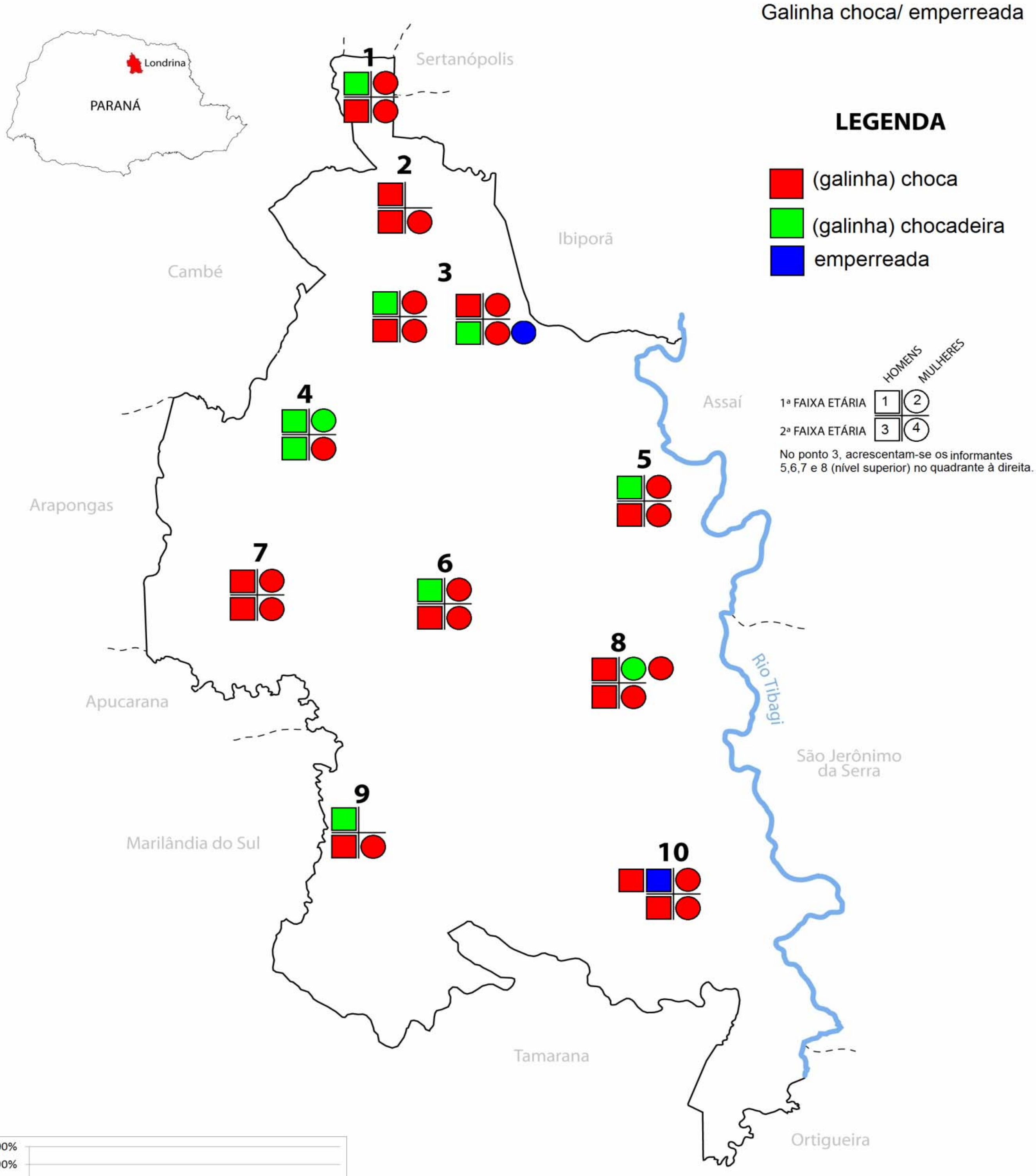
Nível Superior

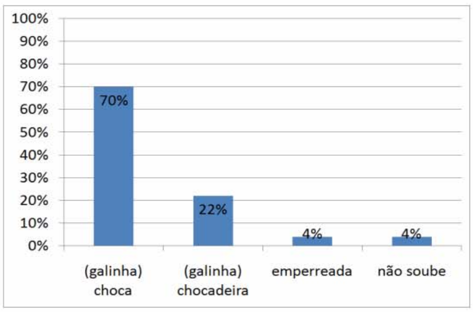
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[gaˌĩjnɐʃokaˈderɐ]	[gaˌĩjnɐˈʃokɐ]	[gaˌĩjnaʃokaˈderɐ]	[ˈʃokɐ] [ĩpexɪˈadɐ]

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 16

Galinha choca/ emperreada





N

ESCALA

0 5 10 Km

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 17

Pergunta do questionário linguístico: QSL 028: Como se chama aquela pintinha que aparece na gema do ovo e que sem ela o ovo não presta para chocar?
Cartas coincidentes: EALLO 13; ALPR II 221.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	não soube	[ˌoʎudupĩˈtʃiɲu]
2	não soube	não soube	não soube	[ˈgalu]
3	não soube	[ˈʃoku]	não soube	[zɔˌiɲudupĩˈtʲiɲu]
4	não soube	não soube	não soube	[ˈoʎu]
5	não soube	não soube	[zɔˌĩdupĩˈtʃĩ]	[ˌzɔjdupĩˈtʃiɲu]
6	não soube	não soube	[oˈʎĩɲu]	não soube
7	não soube	não soube	[ˈovugaˈladu]	[ˈʃoku]
8	não soube	não soube	não formulada	não soube
9	não soube	não soube	[ˈgalɐ]	não soube
10	[gaˈladu]	não soube	não soube	[ˈʃoku] [istɾaˈgadu]

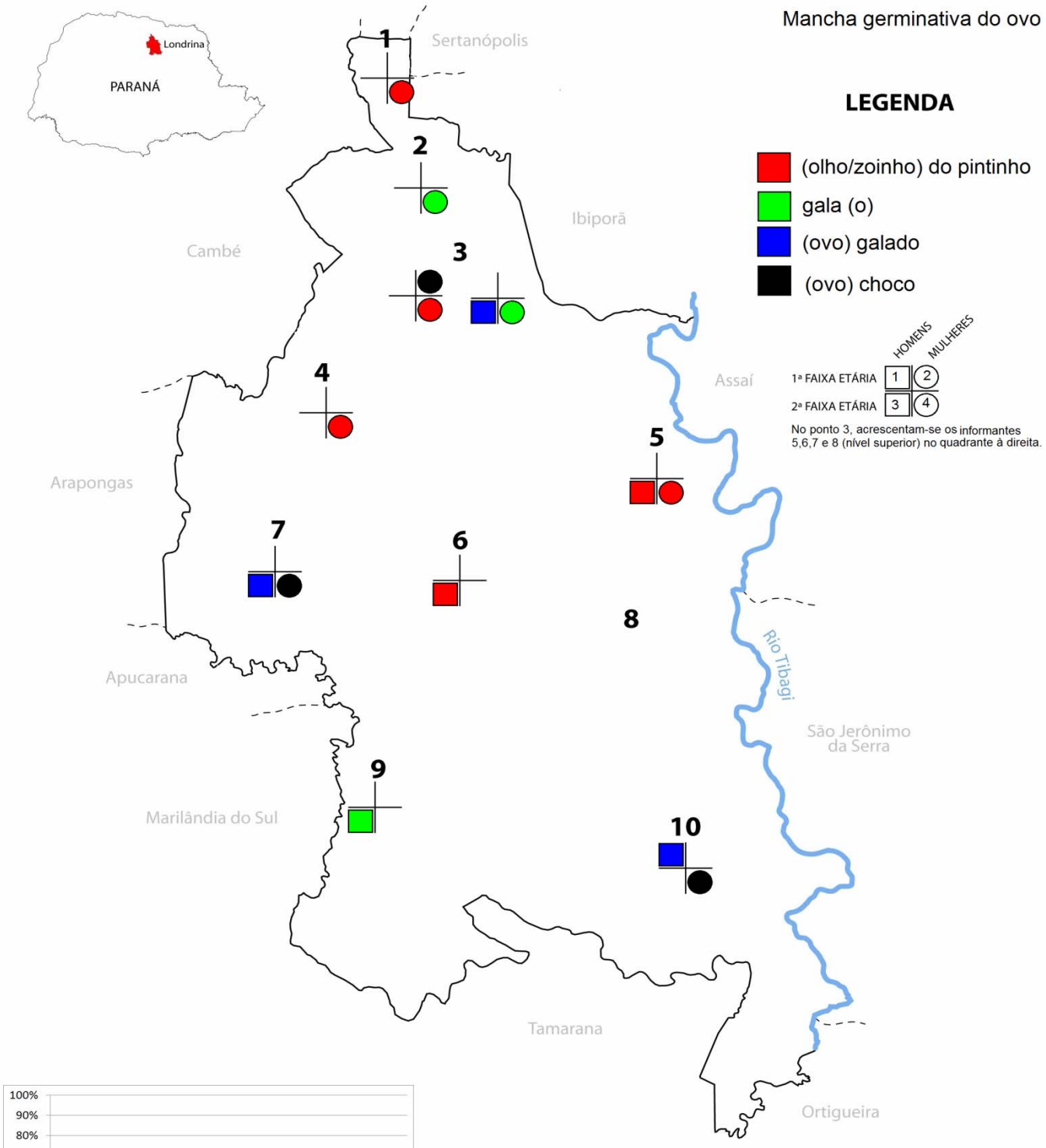
Nível Superior

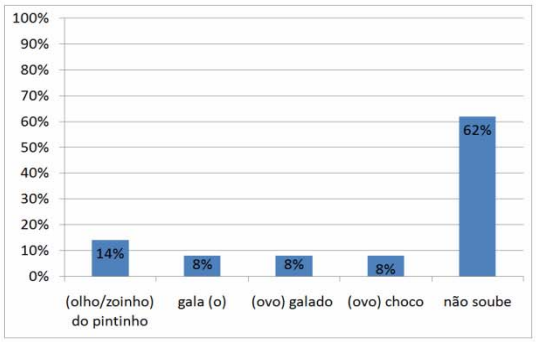
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[ˌovugaˈladu]	[ˈgalu]

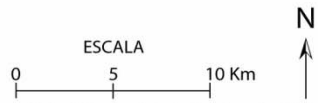
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 17

Mancha germinativa do ovo







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 18

Pergunta do questionário linguístico: QSL 021 – Como se chama aquela ave preta, que parece uma galinha, que come carniça?
Carta coincidente: ALPR 050.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

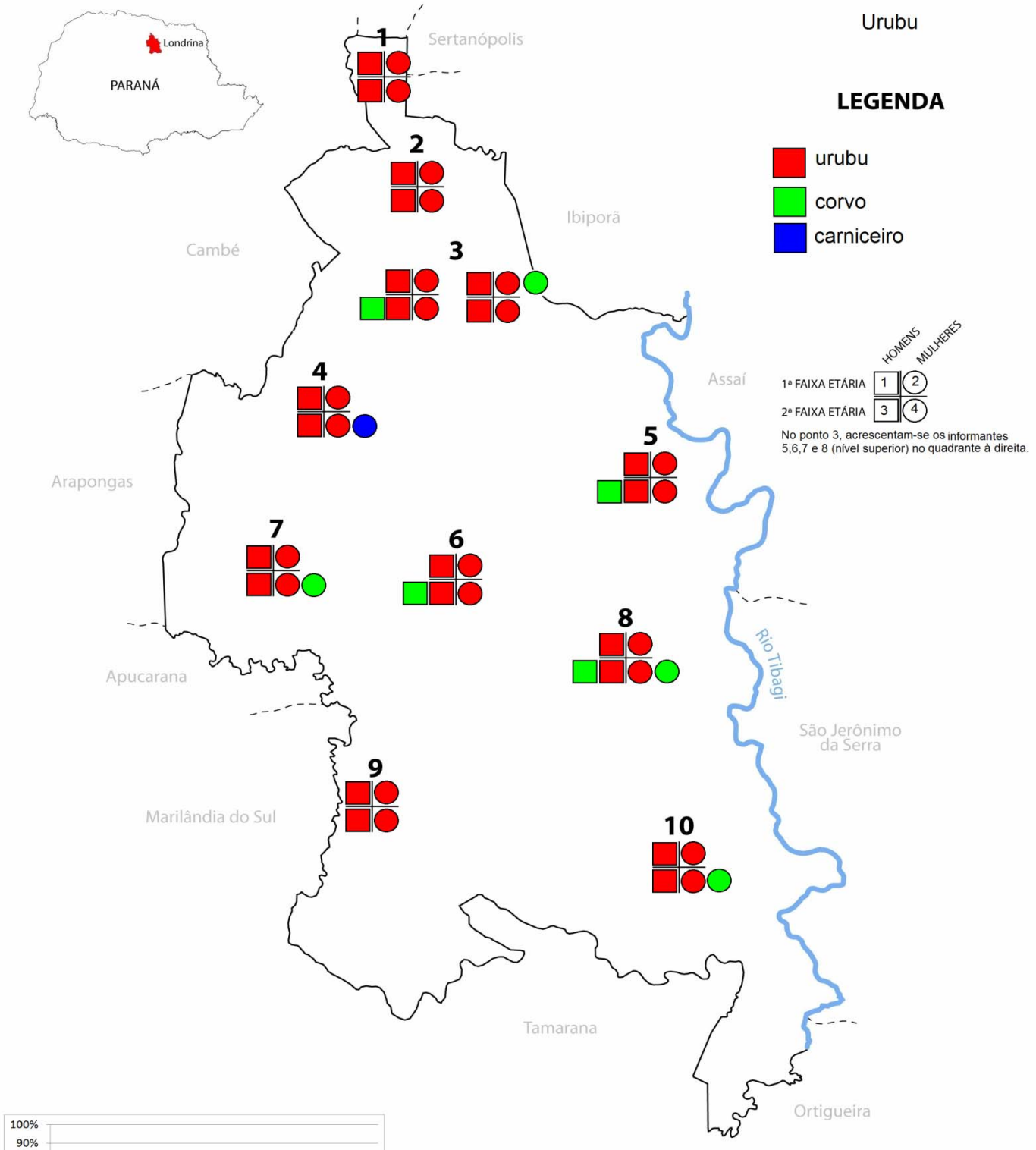
Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[oɾuˈbu] [aɾuˈbu]
2	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]
3	[ɹɾuˈbu]	[oɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]	[ɹɾuˈbu] [oɾuˈbu]
4	[oɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[oˈɾubu]	[ɹɾuˈbu] [kaɽniˈseɾʊ]
5	[oɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[aɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]	[ɹɾuˈbu]
6	[uɽuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]	[uɽuˈbu]
7	[oɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[oɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]
8	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]	[ɹɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]
9	[oɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]
10	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]	[oɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]

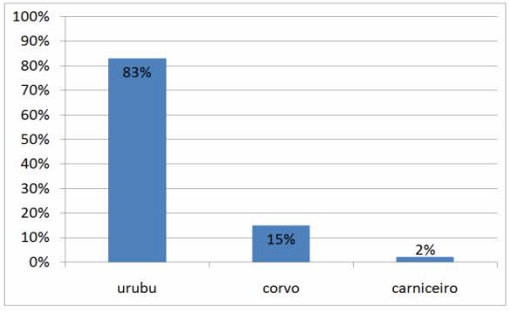
Nível Superior

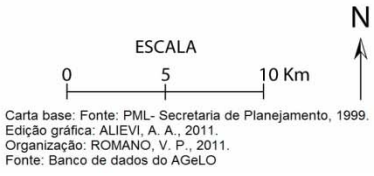
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu] [ˈkoɽvʊ]	[ɹɾuˈbu]	[ɹɾuˈbu]

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 18







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 19

Pergunta do questionário linguístico: QSL 031: Como se chama o cachorro que tem rabo cortado?
Cartas coincidentes: EALLO 14; ALPR 60.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]
2	[piˈtoku]	não soube	[piˈtoku]	[piˈtoku] [kɔˈtɔ]
3	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]
4	não soube	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]
5	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[ˌxabʊkoɾˈtadʊ]
6	[piˈtoku]	não soube	[piˈtoku]	[piˈtoku]
7	[piˈtoku]	não soube	[piˈtoku]	[piˈtoku]
8	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[xabiˈkɔ].	[piˈtoku]
9	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[suˈɾuku]	[piˈtoku]
10	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]	[piˈtoku]

Nível Superior

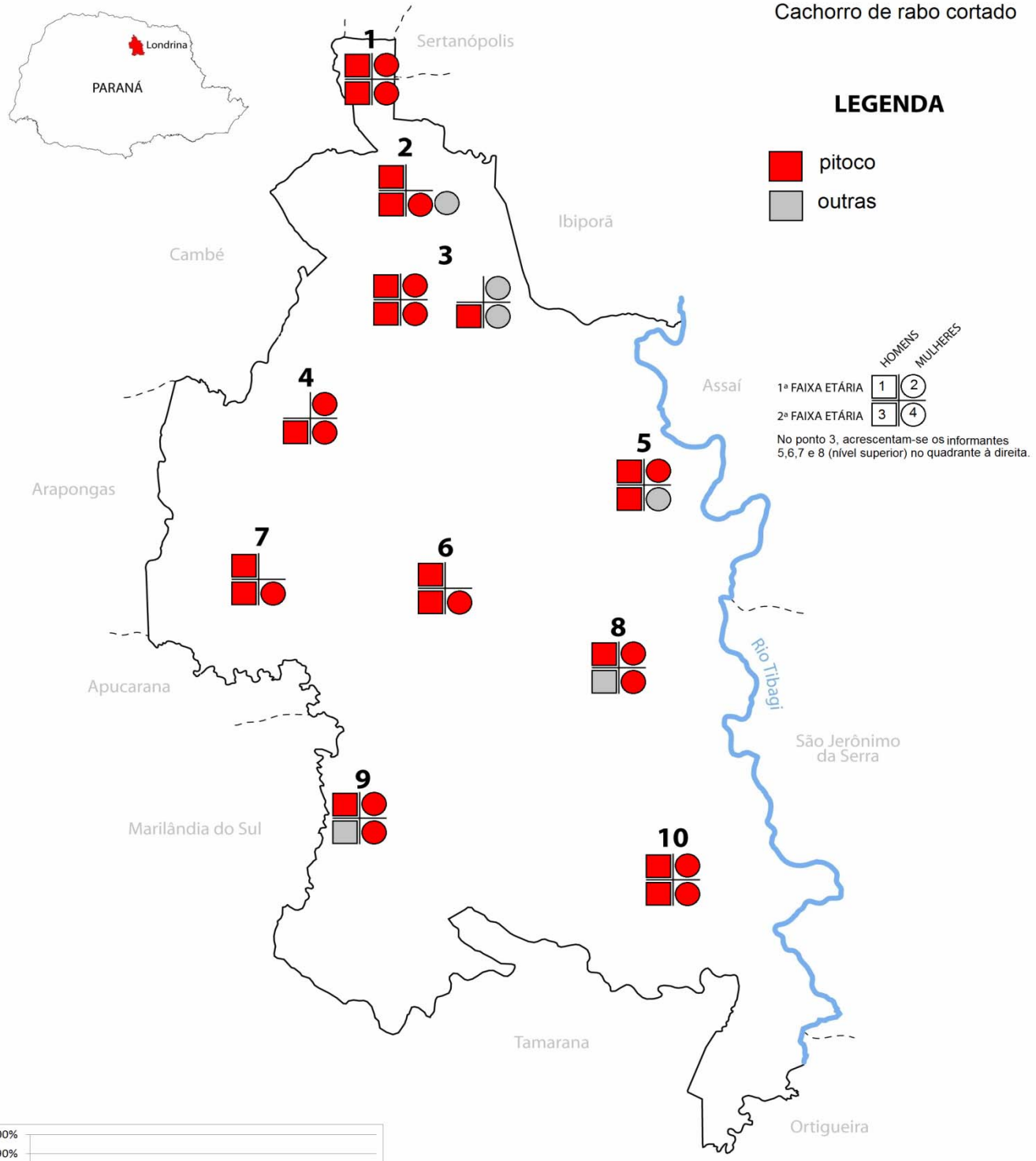
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	[ˈkotʊ]	[piˈtoku]	[koˈtoku]

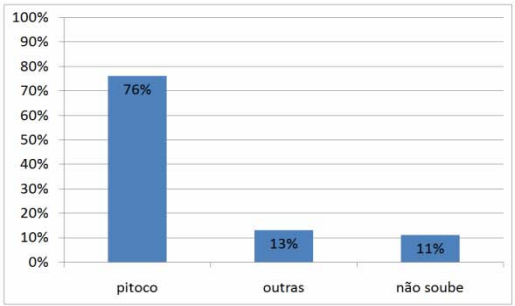
Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *rabo cortado; cotó; côto; cotoco; rabicó; suruco.*

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 19

Cachorro de rabo cortado





ESCALA
0 5 10 Km

N

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 20

Pergunta do questionário linguístico: QSL 026 – Como se chama aquela ave de penas coloridas, que remeda as pessoas, fala nome feio, dá o pé etc.?
Carta coincidente: ALPR 53

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[papa'gaju]	['loru] [papa'gaju]	[papa'gaju]	[papa'gaju] ['loru]
2	['loru] [papa'gaj]	[papa'gaju]	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju]
3	[papa'gaj] ['loru]	[papa'gaju] ['loru] ['lojru]	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju] ['loru]
4	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju]	[papa'gaj]	['loru] [papa'gaju]
5	[papɐ'gaju]	['loru]	[papa'gaj]	[papa'gaj] ['loru]
6	[papa'gaju]	[papa'gaju]	[papa'gaj]	[papa'gaj]
7	[papa'gaj]	[popa'gaju] ['loru]	[papa'gaj] ['loru]	[papa'gaj]
8	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju]	[papa'gaju] ['loru]
9	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaj] [papa'gaju]	[papa'gaju] ['loru]
10	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju] ['loru]	['loru] [papa'gaju]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju] ['loru]	[papa'gaju]	[papa'gaju] ['loru]

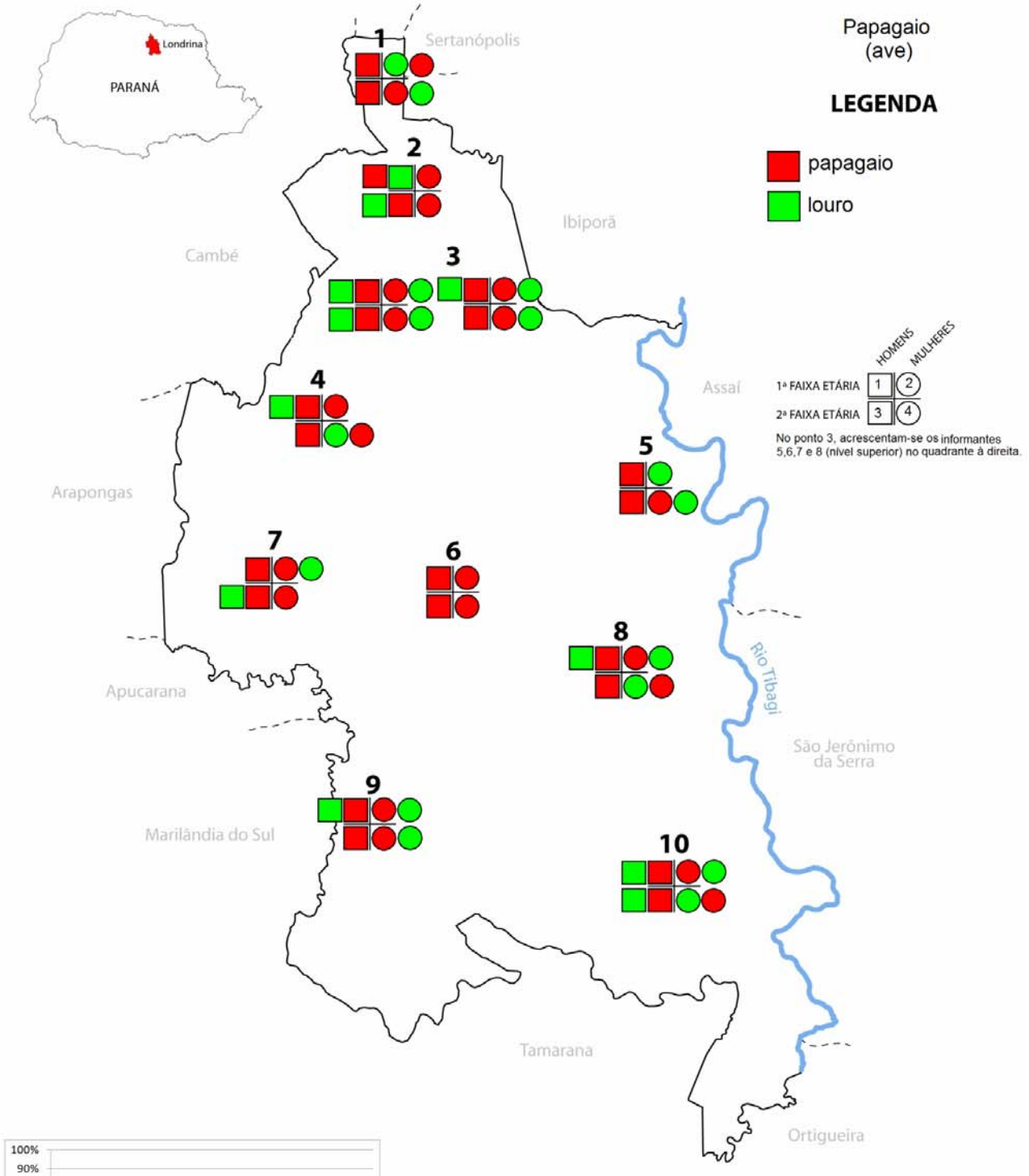
_____

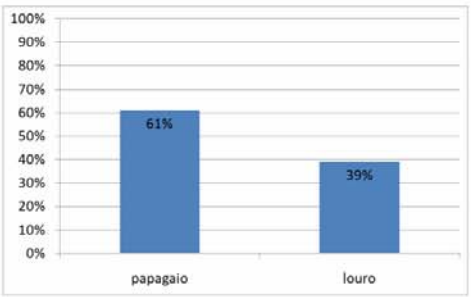
Notas:

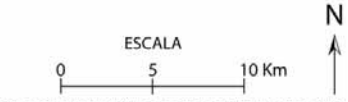
03/6

INF.- *Papagaio* [papa'gaju].
INQ.- Tem outro nome?
INF.- *Loro* ['loru].
INQ.- Qual se usa mais?
INF.- Depende do contexto, papagaio eu percebo que a pessoa usa numa conversa mais formal. Por exemplo, cê vai contar pra uma pessoa que num conhece, você fala “eu tenho um papagaio em casa”. Algumas pessoas fazem distinção, usam a palavra loro num ambiente mais informal.
INQ.- Mas você...
INF.- Independente.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 20







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 21

Pergunta do questionário linguístico: QSL 023 – Como se chama aquele passarinho pequenininho, que tem um bico bem comprido e que pode até ficar parado no ar?
Cartas coincidentes: EALLO 12; ALPR 52.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]
2	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbejʒɐˈfroɾ]
3	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbejʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]
4	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbejʒɐˈfloɾ]	[ˌbejʒɐˈfɾoɾ] [kujˈtɛlʊ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ][ˌbejʒɐˈfloɾ]
5	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbejʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfɾoɾ]
6	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ] [ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]
7	[ˌbejʒɐˈfoɾ]	[ˌbejʒɐˈfoɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]
8	[ˌbeʒɐˈfroɾ] [ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbejʒɐˈfloɾ] [koliˈbɾi]	[ˌbeʒɐˈfloɾ] [ˌbeʒɐˈfroɾ]
9	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[bejˌʒaˈfroɾ]	[ˌbeʒɐˈfroɾ] [ˌbeʒɐˈfro]
10	[ˌbeʒɐˈfroɾ]	[ˌbejʒɐˈflo]	[ˌbeʒɐˈfɾoɾ] [kujˈtɛlʊ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]	[ˌbeʒɐˈfloɾ]

Notas:

04/3

INF.- *Beija-fror* [ˌbejʒɐˈfɾoɾ].
INQ.- Tem outro nome?
INF.- O quê? *Cuitelo* [kujˈtɛlʊ].
INQ.- E o senhor usa essa palavra?
INF.- Ah, os cara da Bahia eis (= eles) só chama de cuitelo, né.
INQ.- E aqui não?
INF.- Aqui não, aqui eis (=eles) fala beija-fror.
INQ.- O pai e a mãe do senhor falavam que era só beija-flor?
INF.- É.

08/3

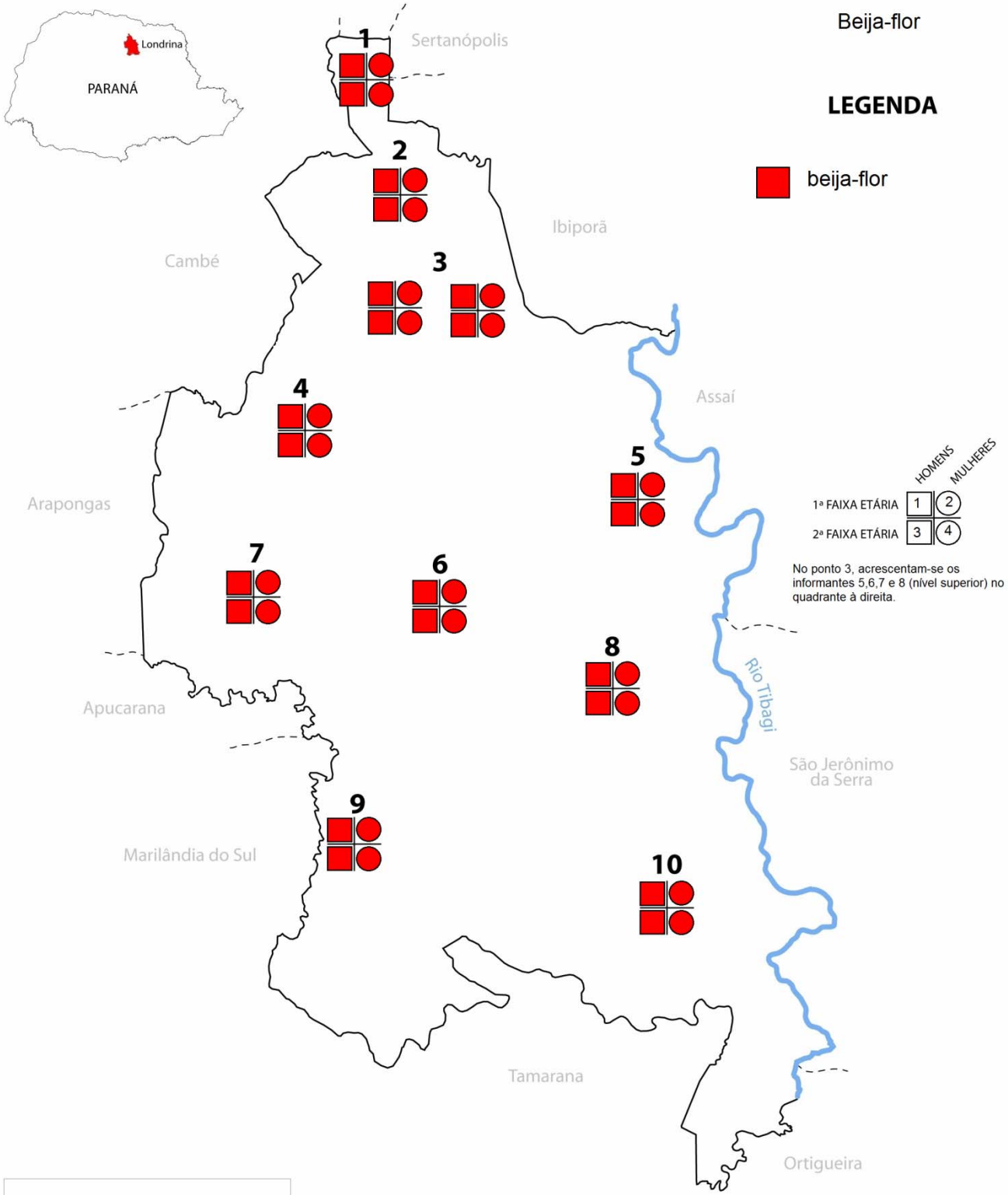
INF.- *Beija-flor* [ˌbejʒɐˈfloɾ].
INQ.- Tem mais outro nome?
INF.- É... *colibri* [koliˈbɾi] também...
INQ.- Mesma coisa?
INF.- É mema coisa.
INQ.- Antigamente...
INF.- *Colibri, beija-flor* é, é.
INQ.- Você usa mais qual agora?
INF.- *Beija-flor*.
INQ.- Aqui você ouve falar colibri? Ou não ouve?
INF.- Colibri é mais é música, né, mas essas coisa, né, mais é porque forma memo colibri, mais é... o nome memo é beija-flor.
INQ.- Está certo.

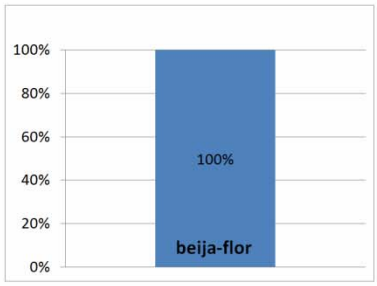
10/3

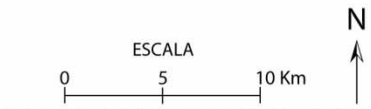
INF.- *Beja-fror* [ˌbeʒɐˈfɾoɾ].
INQ.- Tem mais algum outro nome para ele?
INF.- *Cuitelo* [kujˈtɛlʊ].
INQ.- Quem falava isso?
INF.- Os paranaense fala *cuitelo*.
INQ.- O senhor fala qual dos dois?
INF.- Eu falo *beja-flor*.
INQ.- Mas o senhor não é paranaense?
INF.- Não, mas eu não sô do sul, né.
INQ.- Ah, os da região de Curitiba, lá, né.
INF.- É, eu sou paranaense, mas sô (= sou) do norte.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 21







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 22

Pergunta do questionário linguístico: QFF 018 – Como se chama aquele inseto de perninhas compridas e que parece estar agradecendo a Deus?
Cartas coincidentes: EALLO 17; ALPR II 223.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlovɐ'dews]	[gafɐ̃'ɲotu] [kava'ĩdʒɪˌdews]	[kavaˌĩjnudʒɪ'dews] [ga'fɐ̃ɲotu]
2	[kavaˌĩdʒɪ'dews]	não soube	[ˌɐ̃ʒudʒɪ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]
3	[ˌlowvɐ'dews]	[ale'lujɐ] [biˌʃiɲudʃɪ'dews]['gɾilu]	[ka'fɐ̃ɲotu] [kavaˌĩjnudʒɪ'dews]	[ˌlovɐ'dews]
4	[ˌlɔvɐ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlɛvɐ'dews] [ˌlowvɐ'dews]	[ˌlovɐ'dews]
5	[kavaˌĩdʒɪ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]	[ispe'ɾɐ̃sɐ]
6	[ˌlowvɐ'dews] [kabaˌĩdʒɪ'dews]	[gafɐ̃'ɲotu] [kavaˌĩdʒɪ'dews]	[gafɐ̃'ɲotu] [lowˌvɐ'dews] [ˌlɔvɐ'dews]	[kavaˌĩdʒɪ'dews]
7	[gafɐ̃'ɲotu]	[ˌlovɐ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]	[kava'letʃɪ] [kaˌvaludʒɪ'dews]
8	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlɔvɐ'dews]	[ˌlɔwvɐ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]
9	[ˌlowvɐ'dews]	[va'kĩɲɐ] [kavaˌĩjnudu'sɛw]	[ˌlowvɐ'dews]	[kava'ĩjnudʒɪˌdews] [kafɐ̃'ɲotu]
10	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlovɐ'dews]	[ˌlɔvɐ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlowvɐ'deus]	[ˌlowvɐ'dews]	[ˌlowvɐ'dews]

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *aleluia; anjo de deus; esperança de deus; cavalo de deus; bichinho de deus; cavalinho do céu; vaquinha; grilo.*

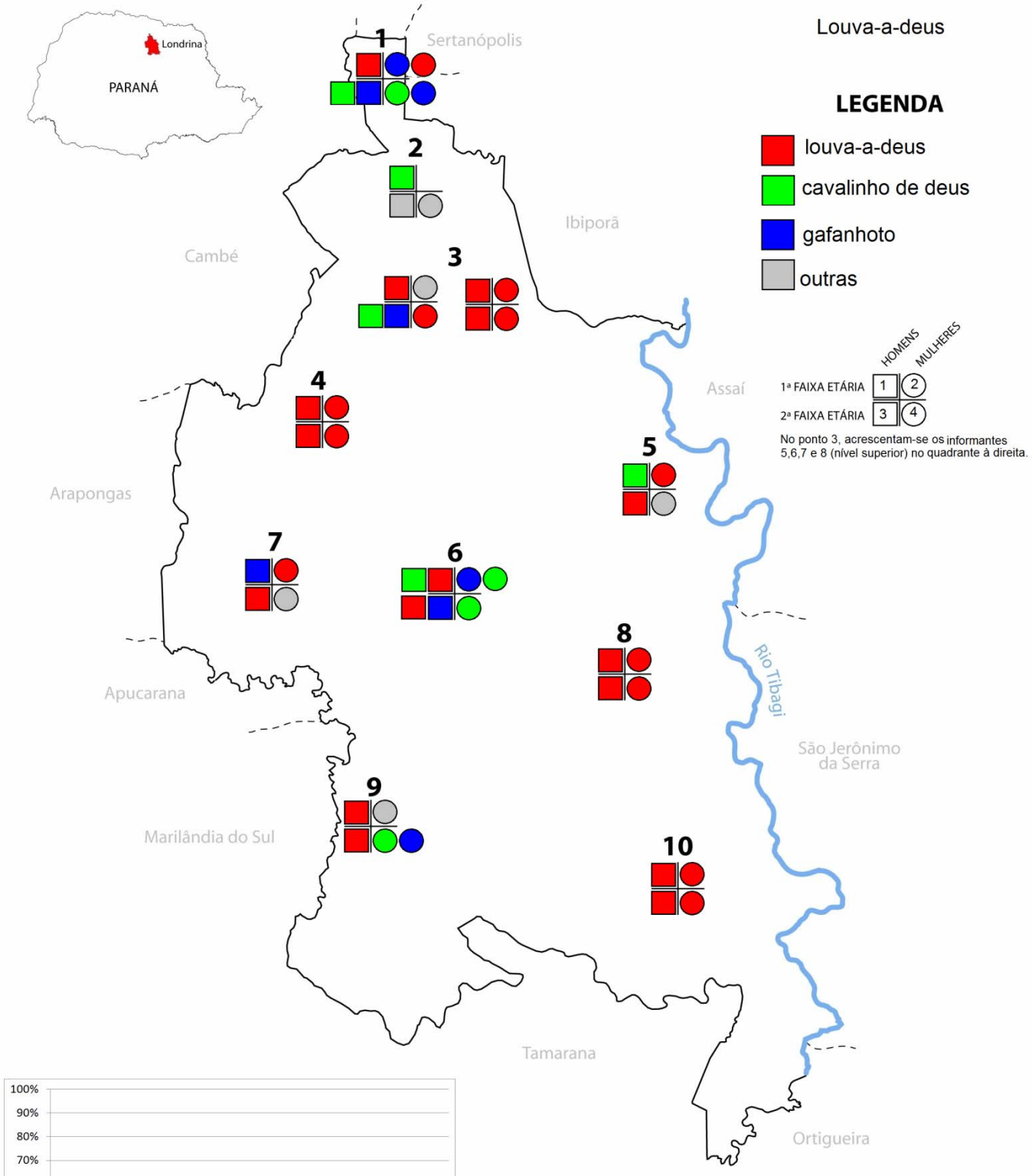
Notas:

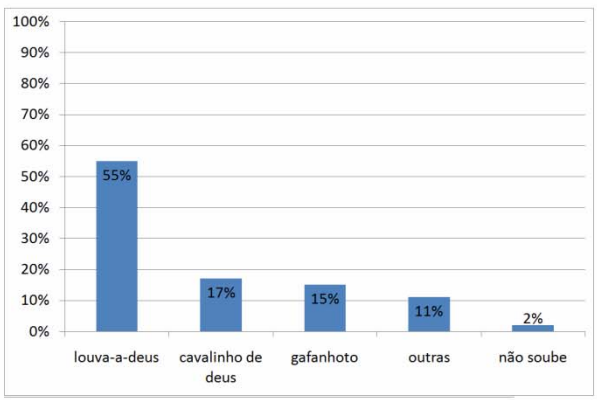
03/3
((influência de circunstante))
INF. – Ah esse aqui, eu tratava como, *cafonhoto* [ka'fɐ̃ɲotu].
INQ.- Parece que está agradecendo a Deus, né.
INF.- É, esse aqui tratava como *gafanhoto* esse aqui.
CIRC.- Cavalinho de Deus.
INF.- É *cavalinho de Deus* [kavaˌĩjnudʒɪ'dews] tamem.
INQ.- Também falava assim?
INF.- É a turma chamava isso aí tamem.

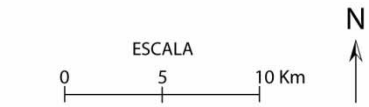
07/1
((teste de identificação))
INF.- E qual é o nome dele?
AUX.- *Louva-a-deus*.

INF.- Louvá a Deus. (risos) *Louva-deus* [ˌlowvɐˈdewsˌ]. Se eu vê um bicho desse logicamente vô chamá de *gafanhoto* [gafɐ̃ˈɲotʊ].

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 22







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 23

Pergunta do questionário linguístico: QSL 034: Como se chama aquele bichinho preto, cheio de perninhas, que parece uma minhoca?
Cartas coincidente: EALLO 18; ALPR 64.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[aˈsẽtu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]
2	[peˈlegu]	não soube	[peˈlegu]	[peˈlegu]
3	não soube	não soube	[peˈlegu]	[peˈlegu]
4	não soube	não soube	[peˈlegu]	[peˈlegu]
5	não soube	não soube	[peˈlegu]	[koʃiˈniw]
6	[peˈlegu]	não soube	[peˈlegu]	não soube
7	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]
8	[ˈpẽnu] [taˈpetʃɪ]	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]
9	[peˈlegu]	não soube	[peˈlegu]	[peˈlegu]
10	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[peˈlegu]	[kuʃiˈniw] [koʃiˈniw]

Notas:

04/2
((influência de circunstante))
INF.- Como que é o nome daquele bichinho que tinha lá no banheiro tem hora, que mexe assim ele enrola? Que a mãe fala?
INQ.- Você não lembra, né?
CIRC.- Cobra.
INF.- É.
INQ.- Não vai lembrar.
INF.- Piolho de cobra [pjˌoʌ̃udʒɪˈkɔbɾɐ].
INQ.- Você usa isso aí?
INF.- É.

04/3
INF.- Ah, óia (=olha) nóis sempre conhece por pioi de cobra [piˌojdʒɪˈkɔbɾɐ] aquilo, quando nóis trabalhava na roça, nói banava (= abanava) café, rapai, mais (=mas) tinha aquilo lá, que Deus o livre, os cara chamava de pioi de cobra, mais...
INQ.- Por que será? Será que é da cobra mesmo?
INF.- Num é não, é o ditado que dize (=diz), né.

04/4
INF.- Centopéia [sẽjtoˈpɐjɐ].
INQ.- Tem outro nome pra centopéia?
INF.- Gongo [ˈgõgu], meu pai falava gongo.
INQ.- Mas é pretinho?
INF.- É preto.
INQ.- Ele dá onde o gongo? Ele não dá em nada?
INF.- Ele dá lá na berada das calçada, lá em casa que tem dia que tem duzentos, eu tenho qui pô (=pôr) veneno, nojento!
INQ.- E se relar nele ele enrola todinho?
INF.- Ele enrola. Eu chamo gongo, não sei o nome dele lá antes de verdade ainda. Agora centropéia [sẽjtroˈpɐjɐ] que eu to falando é aquele 'marelinho (=amarelinho).
INQ.- É amarelinho?
INF.- Tem um 'marelinho, um vermelhinho assim, quase dessa cor assim, que ele é, acho que chama centropéia, não sei. Acho que é aquele, eu tô meia'...
INQ.- Mas aí é o gongo, pretinho?
INF.- Nós chama gongo.
INQ.- Não dá em coco isso aí?
INF.- Não, em coco não.
INQ.- E é diferente do bigato?
INF.- É.

05/1
((teste de identificação))
INQ.- Não fala piolho de cobra?
INF.- É pioi de cobra [piˌojdʒɪˈkɔbɾɐ].

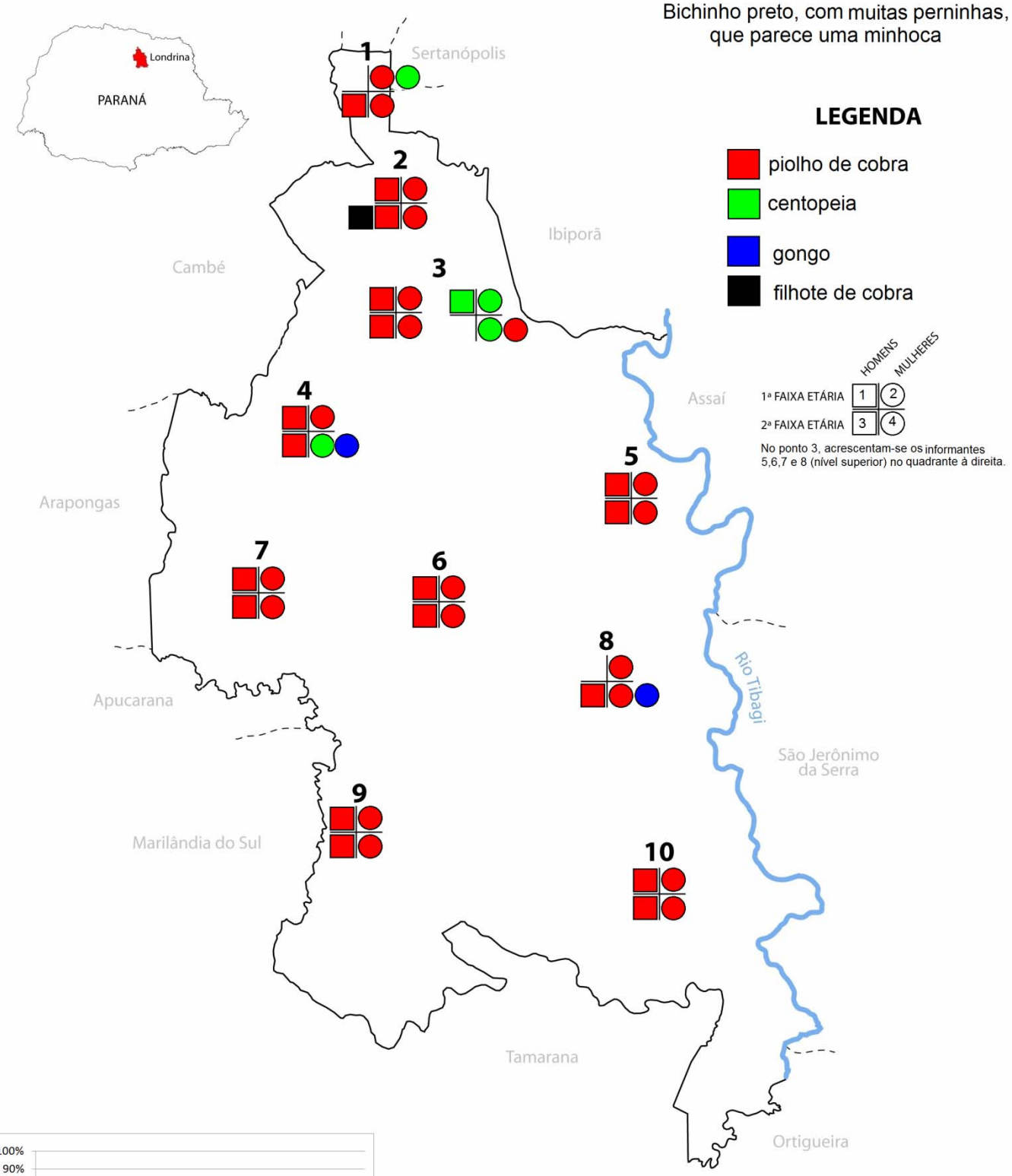
05/3
((teste de identificação))
INQ.- Não pode ser piolho de cobra?
INF.- Pode sê (=ser) pioi de cobra [piˌojdʒɪˈkɔbɾɐ], né.
INQ.- É?

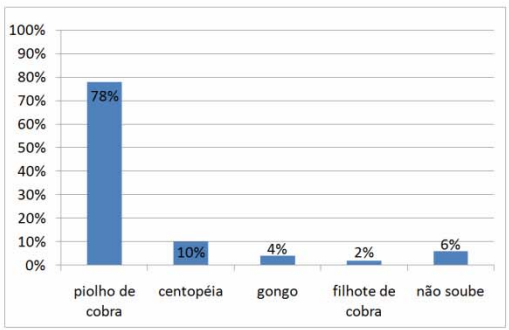
09/1
((teste de identificação))
AUX.- Já ouviu falar em piolho de cobra?
INF.- É, o piolho de cobra [piˌoʌ̃udʒɪˈkɔbɾɐ], geralmente, é aquele coloridinho que eu falei. Aquele amarelinho e preto. Não ele não é preto intero

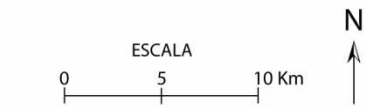
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 23

Bichinho preto, com muitas perninhas, que parece uma minhoca







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 24

Pergunta do questionário linguístico: QFF 036: O que é que a gente coloca em cima do arreio ou da sela e que serve para ficar macio quando a gente senta? É uma pele de carneiro.
Cartas coincidentes: EALLO 16; ALPR II 225.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[aˈsẽtʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
2	[peˈlegʊ]	não soube	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
3	não soube	não soube	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
4	não soube	não soube	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
5	não soube	não soube	[peˈlegʊ]	[koʃiˈniw]
6	[peˈlegʊ]	não soube	[peˈlegʊ]	não soube
7	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
8	[ˈpẽnʊ] [taˈpetʃɪ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
9	[peˈlegʊ]	não soube	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]
10	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[peˈlegʊ]	[kuʃiˈniw] [koʃiˈniw]

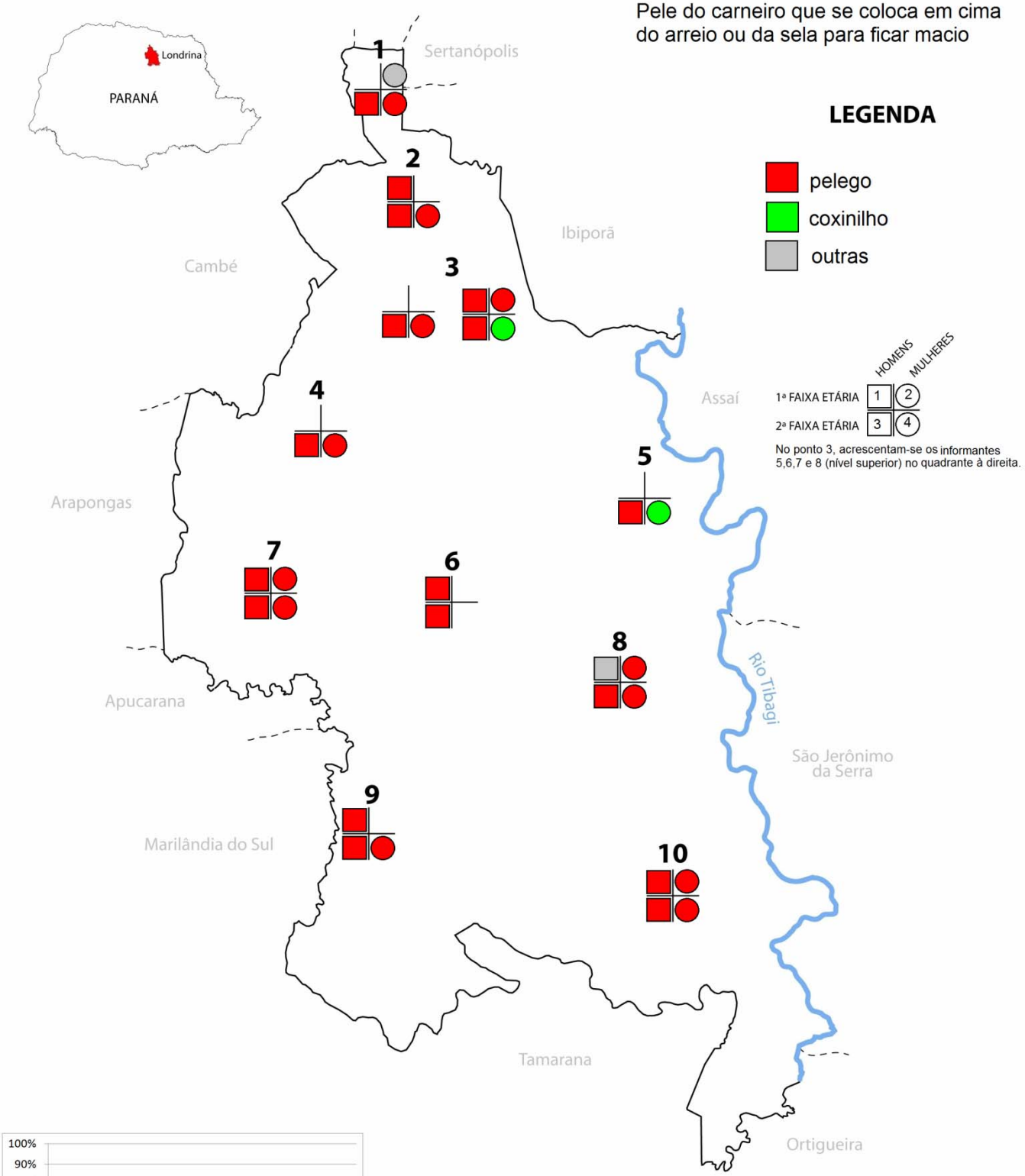
_____
Obs.: Nesta carta, o item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *pano; acento; tapete.*

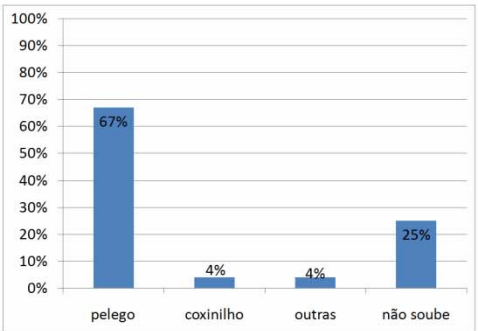
Notas:

04/1
((teste de identificação))
INQ.- O de cima você conhece para ficar macio? Nunca ouviu falar do *pelego*?
INF.- *Pelego* [peˈlegʊ]? *Pelego*? Já escutei assim, mas assim de bola assim, “batê um *pelego*”. (risos)

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 24

Pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou da sela para ficar macio





ESCALA
0 5 10 Km

N

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 25

Pergunta do questionário linguístico: QSL 035: Como se chama aquele triângulo que se coloca no pescoço do animal para que ele não pule a cerca?
Carta coincidente: ALPR 61.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[ˈfoɾkɐ] [ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]
2	[ˈkwatɾʊˈpaw] [tɾiˈɐ̃gulʊ] [ˈkɐ̃gɐ]	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]
3	não soube	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	não soube
4	não soube	[tɾiˈɐ̃gulʊ]	[ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]
5	não soube	não soube	[foɾˈkiɐ]	[kɐ̃ˈgajɐ]
6	[ˈkɐ̃gɐ]	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	não soube
7	[ˈkɐ̃gɐ]	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]
8	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]
9	não soube	[kɐ̃ˈgaʌɐ]	[ˈkɐ̃gɐ]	[kɐ̃ˈgaʌɐ]
10	não soube	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	não soube

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[ˈkɐ̃gɐ]	não soube

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: f*orca; quatro paus; forquilha.*

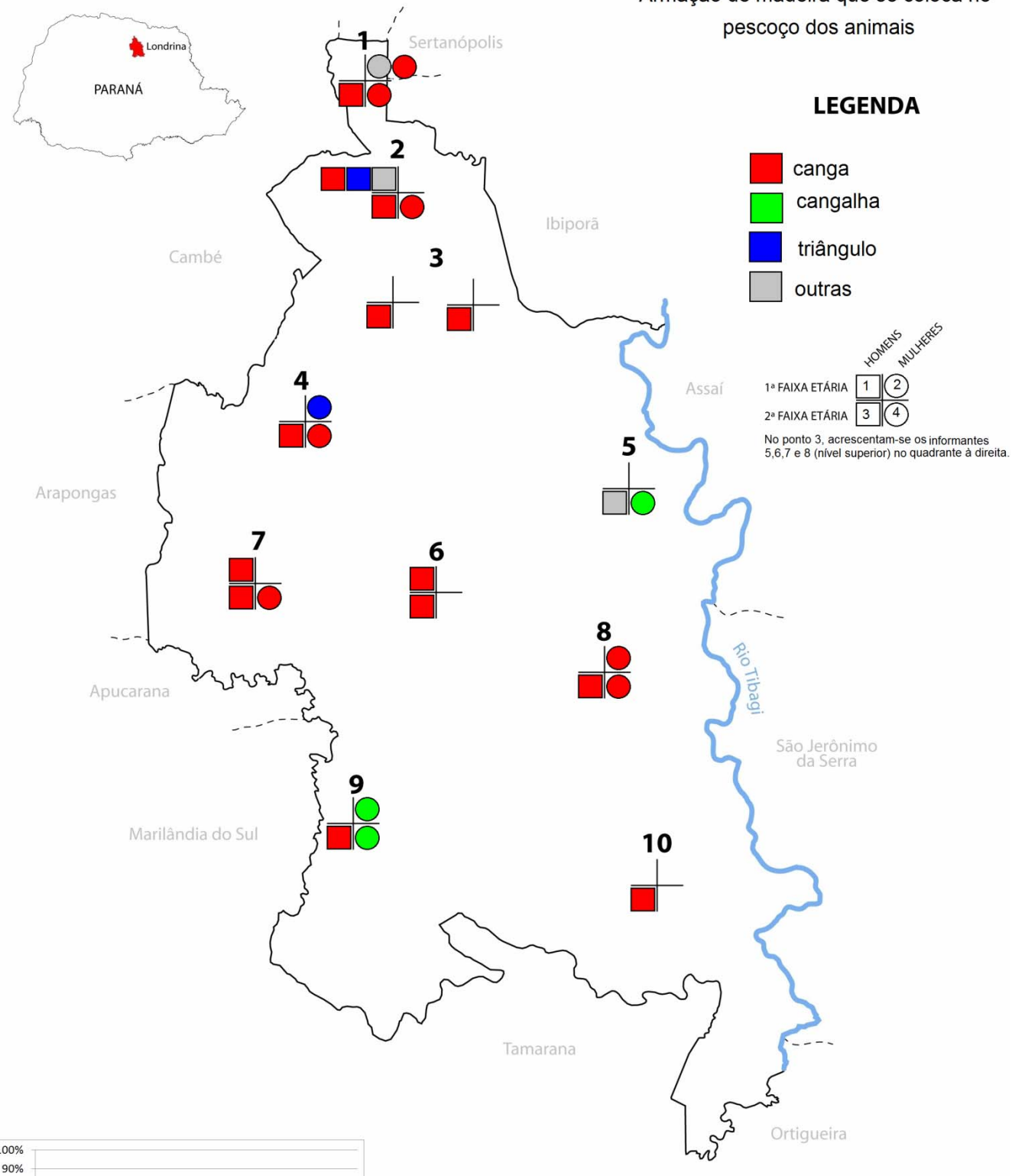
Notas

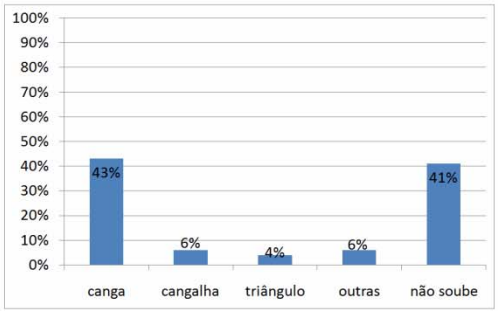
01/3
((influência de circunstante))
CIRC.- *Canga*?
INF.- É vamo fala *canga* [ˈkɐ̃gɐ] que ele falô. (risos)

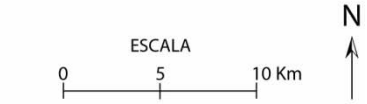
08/2
((teste de identificação))
INF.- Eu sei o nome daquilo, mas eu não lembro.
INQ.- Já ouviu falar em *canga*?
INF.- Isso ,é, isso mesmo. É *canga* [ˈkɐ̃gɐ] mesmo.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 25

Armação de madeira que se coloca no pescoço dos animais







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 26

Pergunta do questionário linguístico: QSL 040: Quem tem fogão de lenha, muitas vezes no telhado da cozinha aparecem umas teias de aranha que ficam grossas e pretas. Como se chama isso?
Carta coincidente: ALPR 115.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	[piˈkumẽ]	[pikuˈmẽ]
2	não soube	não soube	[pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]
3	não soube	não soube	[pikuˈmẽ]	[pikoˈmẽ]
4	não soube	não soube	[pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]
5	não soube	não soube	[bukiˈmẽ]	[pukuˈmẽ]
6	não soube	não soube	[pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]
7	[pikuˈmẽ]	não soube	[piˈkumẽ]	[pikuˈmẽ]
8	não soube	não soube	[pikoˈmɛ] [pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]
9	não soube	não soube	[pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]
10	não soube	[pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]	[pikuˈmẽ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
3	não soube	não soube	não soube	[pikuˈmẽ]

_____

Notas

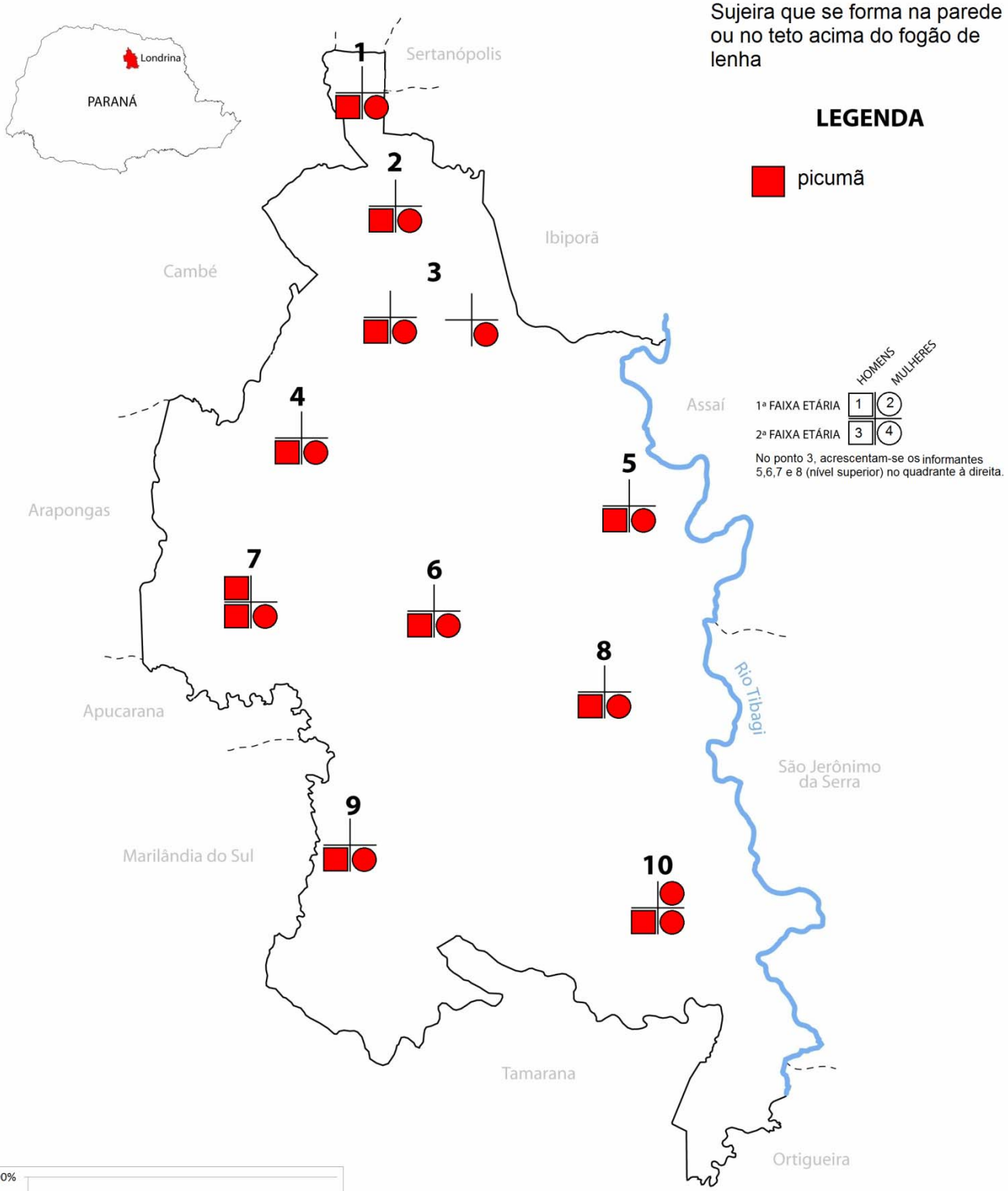
01/4
INF.- *Picumã* [pikuˈmẽ]. Que fazia um remédio pras vaca, né.
INQ.- Fazia?
INF.- Fazia. Quando as vaca demorava pra... Falava dá cria, né, hoje até c'us (= com os) animal eis (=eles) fala parí, né, mai da cria quando demorava é... A minha mãe pegava um carderãozão véi (=velho) que ela já tinha e jogava água quente em cima daquela, picumã, né, e dava pra vaca bebê era remédio.
INQ.- Ah é?
INF.- Era remédio.
INQ.- E era bom para...
INF.- Era remédio.
INQ.- Era rápido?
INF.- Pra nascê o bizerrinho, rápido.

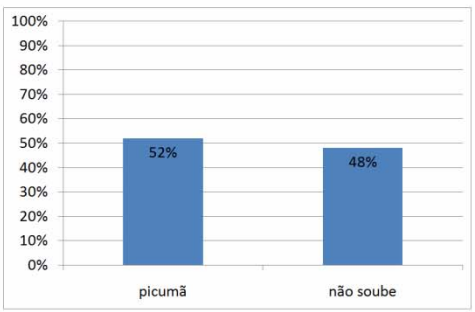
09/2
((teste de identificação))
INF.- Minha vó sempre falava uma palavra, mais eu nunca prestei atenção, nunca usei não.
INQ.- Sua avó usava a palavra *picumã* [pikuˈmẽ]?
INF.- Isso, picumã.
INQ.- Você não conhece?
INF.- Não, ela falava pra mim, mai eu num lembrava que era picumã.

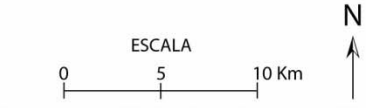
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 26

Sujeira que se forma na parede ou no teto acima do fogão de lenha







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 27

Pergunta do questionário linguístico: QSL 084: Como se chama o osso redondo de cima do joelho?
Cartas coincidentes: EALLO 30; ALPR 75.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	[tra'mɛĩɲɐ] [sapa'tʃiɲɐduʒu,eʎu]	[pa'takɐ]
2	['xɔtulɐ] [ʒu'eʎu] [pa'takɐ]	não soube	[ʒu'eʎu] ['rɔtulɐ]	[pa'takɐ]
3	não soube	não soube	[pa'takɐ]	não soube
4	não soube	não soube	[pa'takɐ]	['bukʊ]
5	não soube	[pa'tɛlɐ]	[ba,tatɐduʒu'ejʊ]	[ka,besɐduju'ej]
6	não soube	[ka'rosʊ]	[pa'takɐ]	não soube
7	[ʒu'ejʊ]	[,bɔlɐduʒu'ejʊ]	[pa'takɐ]	[bula'ʃiɲɐ]
8	não soube	não soube	não soube	[pa,takʊduʒu'eʎu]
9	[pa'tɔlɐ]	[ʒu'eʎu]	[ʒu'eʎu]	[pa'takɐ]
10	['xɔtulɐ]	[pa'tɔlɐ]	[pa'takɐ]	['xɔtulɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	['xɔtulɐ]	['xɔtulɐ] [pa'tɛlɐ]	[pa'tɛtɐ]	['xɔtulɐ]

Obs.: Nesta carta, o item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *tramelinha; sapatinha do joelho; batata do joelho; bola do joelho; cabeça do joelho; bolachinha; buco; caroço.*

Notas

03/6
INF.- *Rótula* ['xɔtulɐ] ou *patela* [pa'tɛlɐ].
INQ.- Qual é mais utilizado?
INF.- *Patéla* é o termo mais novo que foi aprovado por aquele CID (= Código Internacional de Doenças) dos médicos pela padronização dele e rótula eu acho que ainda é o mais usado.

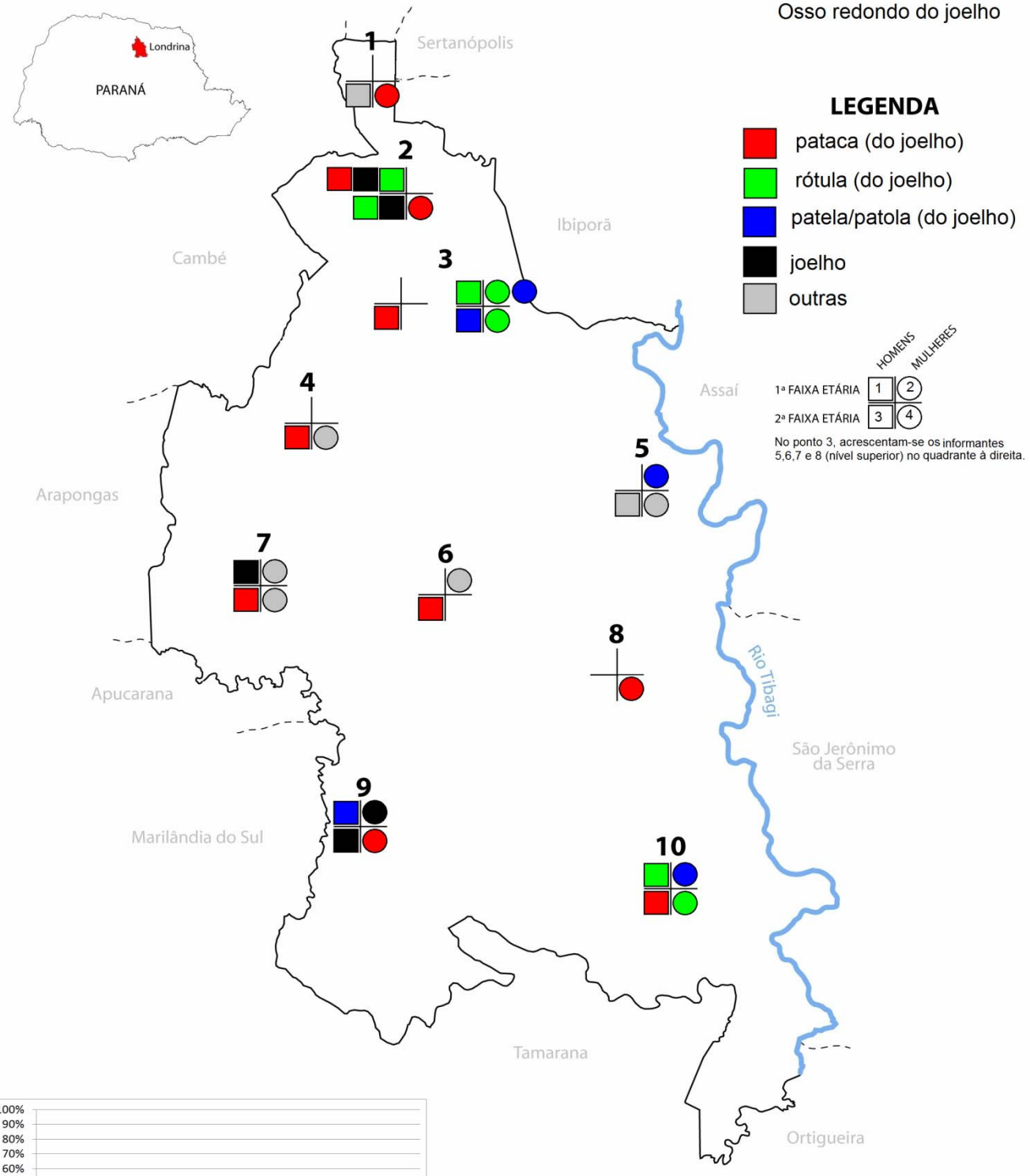
09/4
((teste de identificação)
INF.- Não.
INQ.- *Pataca*?
INF.- *Ataca*?
INQ.- *Pataca* [pa'takɐ].
INF.- Pataca, é a *pataca* do *jueio* [pa,takɐʒu'ejʊ].
INQ.- Pataca o quê?
INF.- Do *joelho* [ʒu'eʎu].

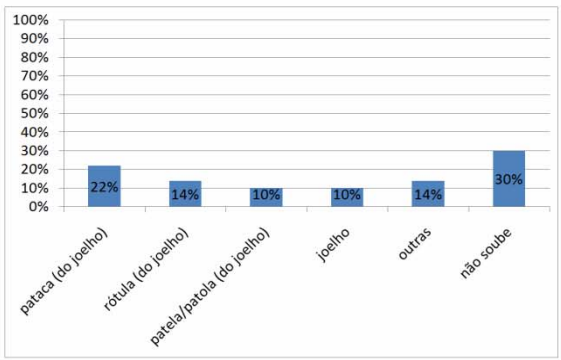
10/4
((teste de identificação))
INQ.- E o osso, esse osso redondo aqui ó, em cima do joelho? (...) A senhora já ouviu falar *rótula*?
INF.- Hum. (risos)
INQ.- Já? Qual outro nome a senhora dá?
INF.- ((falando baixo)) *Rotula* ['xɔtulɐ] do joelho.

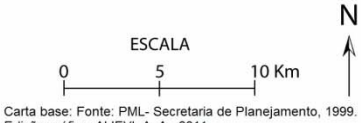
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 27

Osso redondo do joelho







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 28

Pergunta do questionário linguístico: QFF 096: Como se chama a pele que cobre o olho?
Cartas coincidentes: EALLO 24; ALPR 70.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[pɛliɲɐdʊˈoʎʊ]	[mẽˈbɾɐ̃nɐ]	[ˌkoɾʊdʊˈoʎʊ] [pesˈtɐ̃nɐ]
2	[ˈpawpebɾɐs]	não soube	[peʈsˈtʃiʎʊ]	[ˈpawpebɾɐs]
3	não soube	não soube	não soube	não soube
4	não soube	não soube	não soube	[ˌpɛlɪdʊˈoʎʊ]
5	não soube	não soube	[pesˈtɐ̃nɐ]	[pesˈtɐ̃nɐ]
6	não soube	não soube	não soube	[ˈsiljʊ]
7	não soube	[ˈpawpebɾɐs]	[ˈsõbɾɐ] [pesˈtɐ̃nɐ]	[pesˈtɐ̃nɐ] [kaˌpɛlɐdʊˈoʎʊ]
8	não soube	[ˈpawpebɾɐ]	não soube	[pesˈtɐ̃nɐ]
9	[mẽˌbɾɐ̃nɐokuˈlaʈ]	[mẽˌbɾɐ̃nɐokuˈlaʈ]	não soube	não soube
10	não soube	não soube	[pesˈtɐ̃nɐ]	[ˈpawpibɾɐs]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˈpawpebɾɐ]	[ˈpawpebɾɐ]	[ˈpawpebɛs]	[ˈpawpebɾɐ]

Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *cílios; perstilho; sombra; capela do olho; couro do olho.*

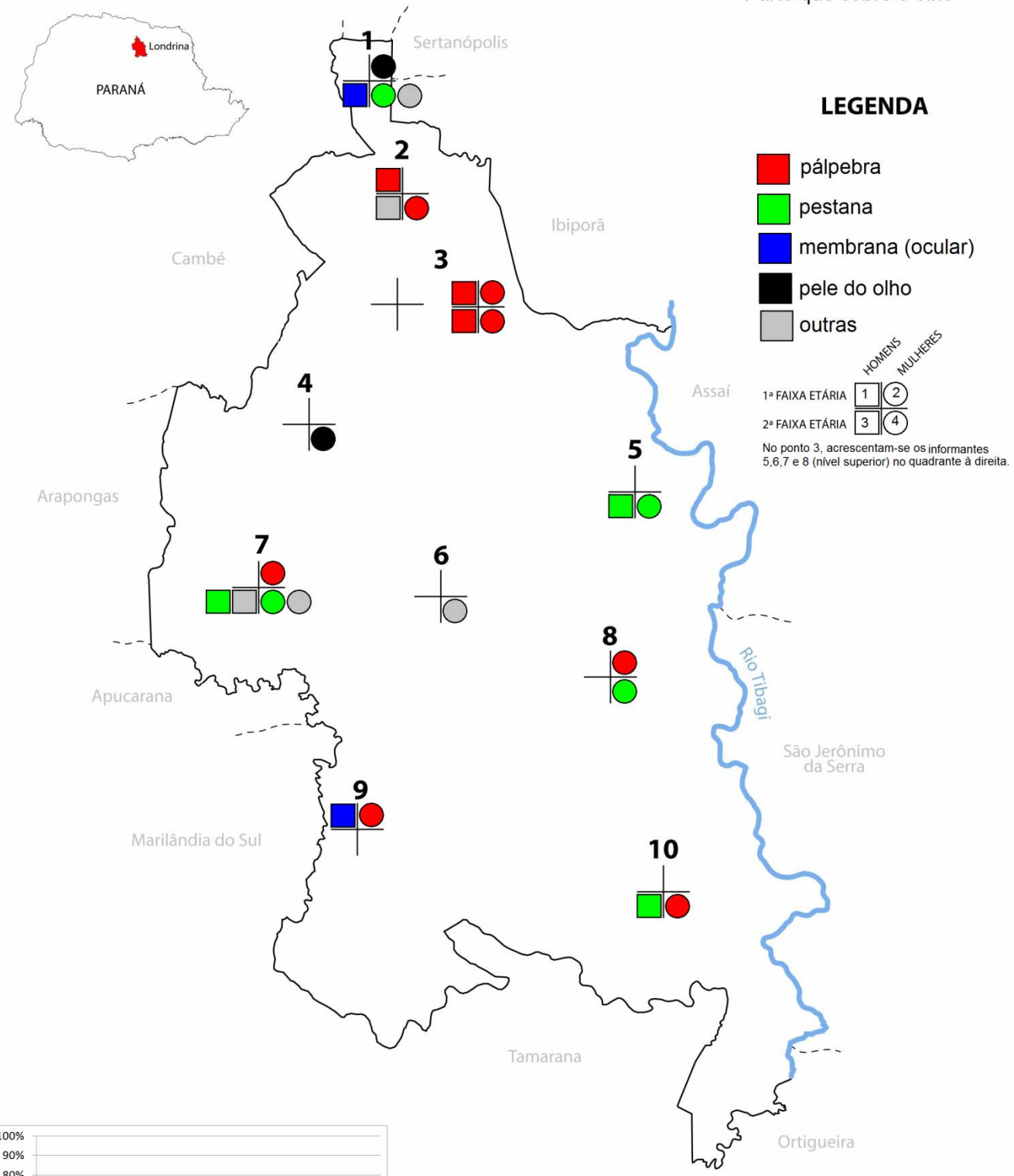
Notas:

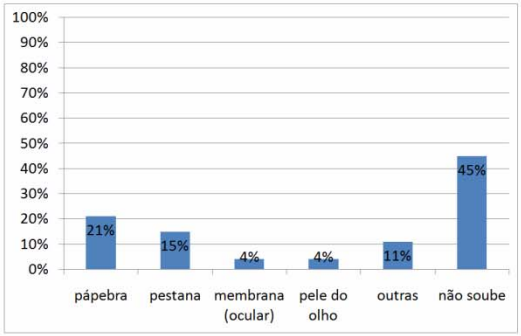
02/1
((influência de circunstante))
CIRC.- É *pálpebra*.
INF.- *Pálpebras* [ˈpawpebɾɐs].
INQ.- Conhece essa palavra?
INF.- Eu sabia, mai num lembrava.
INQ.- Como que é?
INF.- *Pálpebras* [ˈpawpebɾɐs], pálpebras

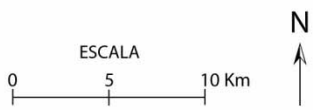
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 28

Parte que cobre o olho







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 29

Pergunta do questionário linguístico: QSL 070: Como se chamam estes pelinhos aqui? (apontar a sobrancelha)
Cartas coincidentes: ALPR II 339.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

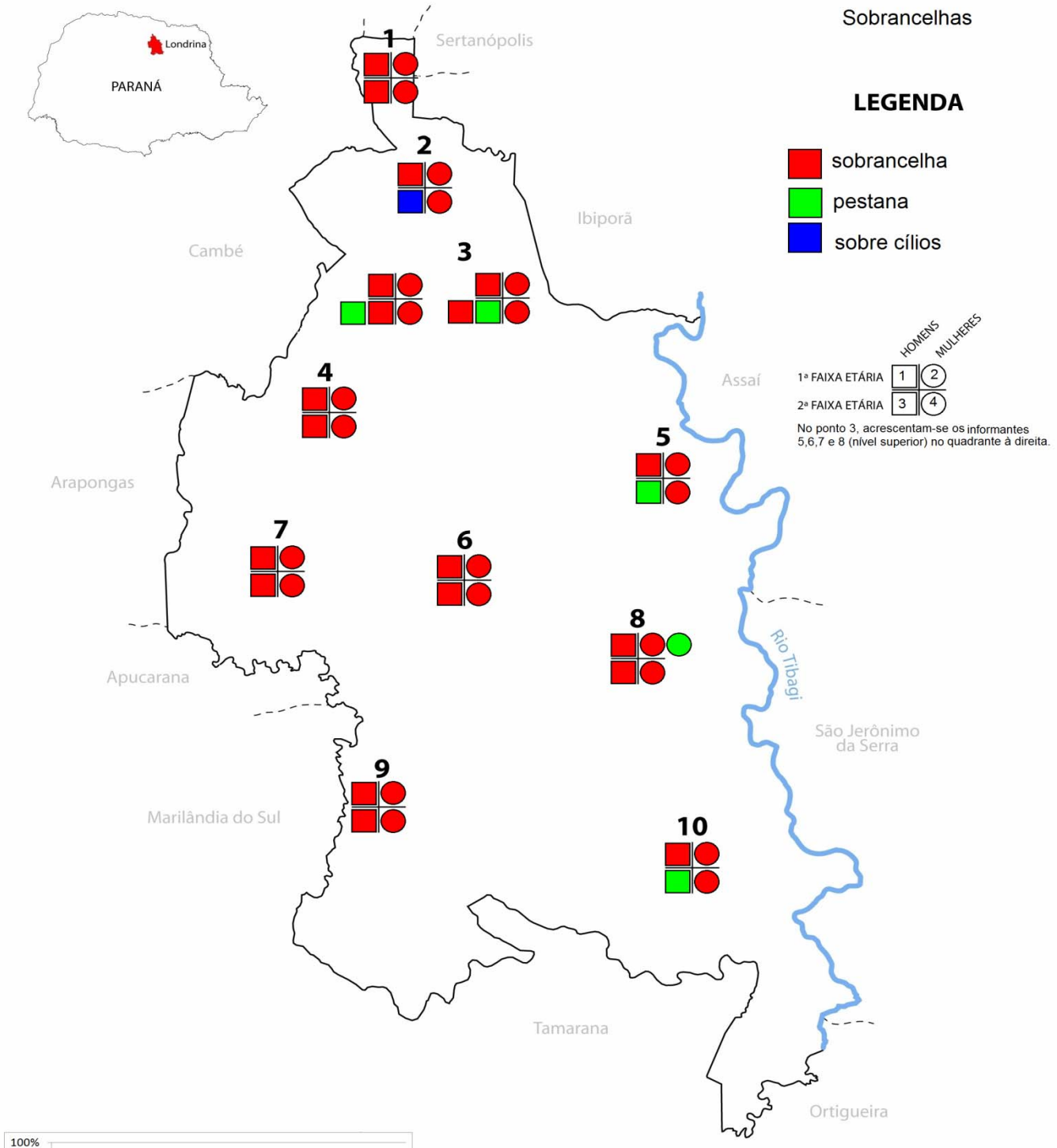
Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]
2	[sõbra'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[ˌsobri'siliws]	[sõbrɐ̃'seʎɐs]
3	[sobrɐ̃'seʎɐ]	[sɐ̃brɐ̃'seʎɐ]	[sõbra'sejɐ]	[sõbrɐ̃'sejɐ] [sõbrɐ̃'seʎɐ]
4	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sɔ̃brɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ] [sõbrɐ̃'sejɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]
5	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'sejɐ]	[pes'tɐ̃nɐ]	[sobrɐ̃'seʎɐ]
6	[sõbra'sejɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'sejɐ]
7	[sõbra'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbra'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seɐ] [sõbrɐ̃'sejɐ]
8	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ] [pes'tɐ̃nɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'sejɐ]
9	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'sejɐ]	[sõbrɐ̃'sejɐ]
10	[sõbrɐ̃'sej] [sõbrɐ̃'sejɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[pes'tɐ̃nɐ]	[ˌsõbrɐ̃'seʎɐ]

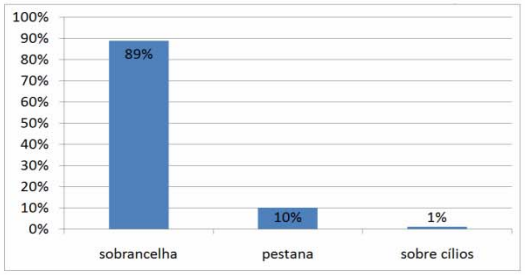
Nível Superior

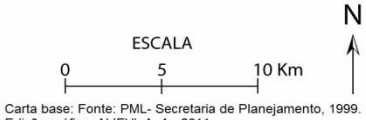
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]	[pes'tɐ̃nɐ] [sõbrɐ̃'seʎɐ]	[sõbrɐ̃'seʎɐ]

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 29







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 30

Pergunta do questionário linguístico: QSL 073: Como se chama a pessoa que tem o olho torto, virado?
Cartas coincidentes: EALLO 27; ALPR II 254.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[zaˈɾoju] [ˈvezgɐ]	[zaˈɾoju] [ˌzɔjuˈtoɽtu]	[kaˈoʎu] [kaˈoju] [zaˈɾoju]	[ˈvezgu] [zaˈɾoju]
2	[ˈvezgu]	[zaˈɾoju] [ˈvezgu]	[ˈvezgu] [ˌoʎuˈtoɽtu]	[ˈvezgu]
3	[zaˈɾoj]	[zajˈoɾu]	[zaˈroju]	[zaˈroju] [zaˈxoju]
4	[ˈvezgu]	[zaˈɾoju] [kaˈoʎu]	[zaˈɾoj] [ˈvesgu]	[ˈvezgu] [kaˈoʎu]
5	[zaˈɾoʎu]	[zaˈɾoju]	[zaˈroj] [ˌzɔjˈtoɽtu]	[ˌojuˈtoɽtu]
6	[ˈvezgu]	[zaˈɾoju]	[kaˈoju] [zaˈɾoju]	[zaˈroju]
7	[ˈvezgu]	[ˈvezgu]	[zaˈɾoʎu] [kaˈoʎu]	[zaˈroj] [kaˈoʎu]
8	[ˈvezgu]	[ˈvezgu]	[ˈvezgu] [zaˈroju]	[ˈvezgu]
9	[zaˈɾojɐ]	[zaˈɾoju]	[ˈvezgu] [kaˈoju]	[ˈvezgu]
10	[ˈvezgu]	[ˈvezgu]	[ˈvezgu] [kaˈolju]	[ˈvezgu] [kaˈoʎu]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˈvezgɐ] [isˈtɾabikɐ]	[isˈtɾabiku]	[kaˈoʎu]	[ˈvezgu] [isˈtɾabiku]

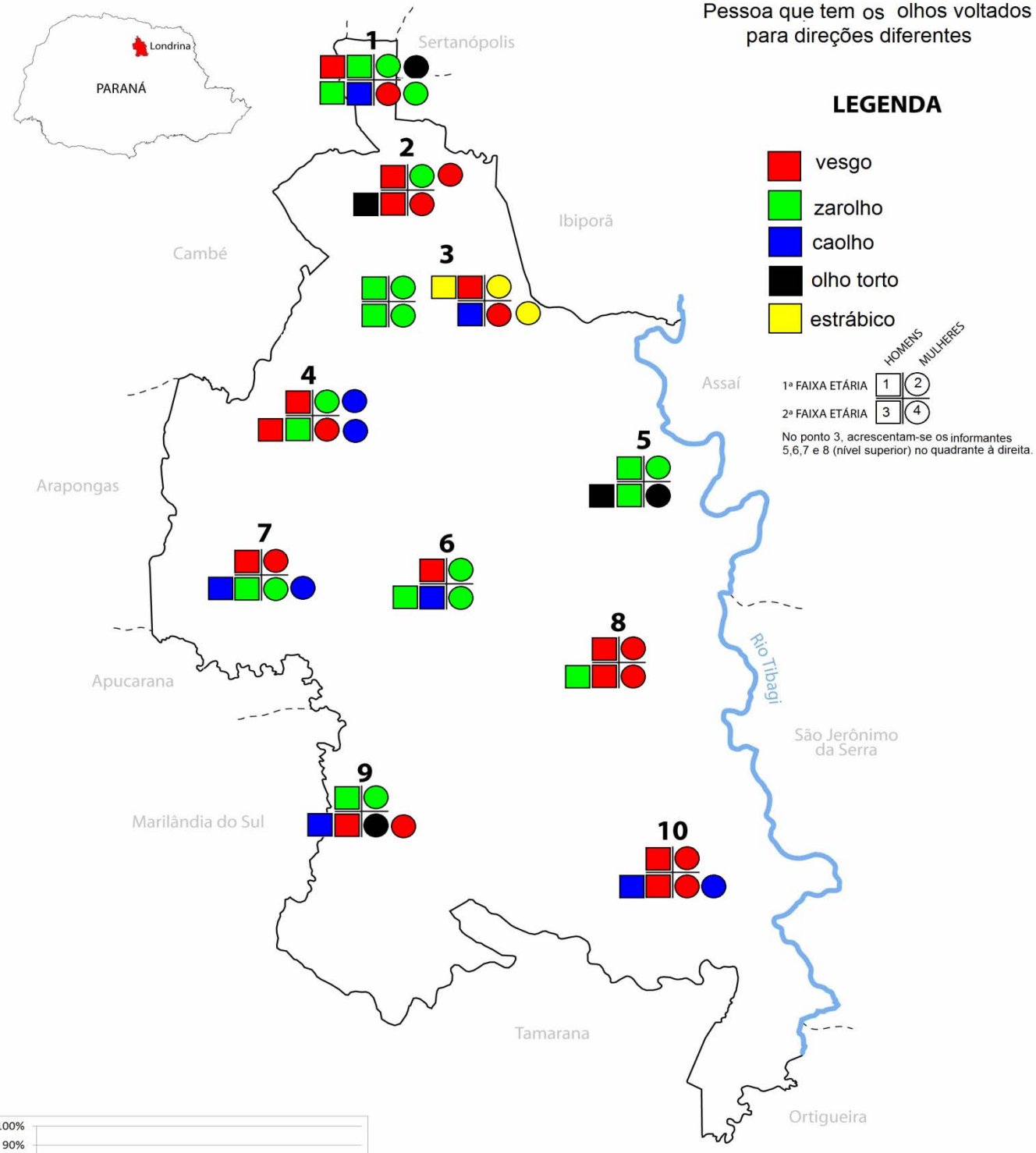
Notas:

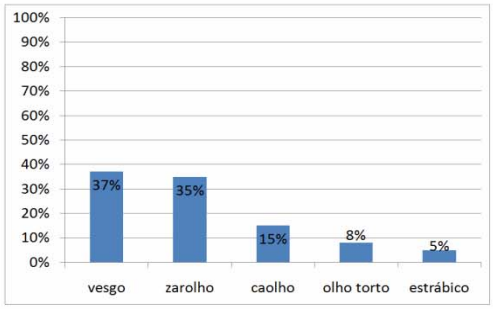
03/8
INF.- *Vesgo* [ˈvezgu], ou i*strábico* [isˈtrabiku]. (risos)
INQ.- Mais algum? (...) Qual que é mais comum você usar?
INF.- É *vesgo* mesmo né, antigamente se falava *vesgo*, agora, hoje em dia, a pessoa letrada vai falá *istrábico*.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 30

Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes





N

ESCALA

0 5 10 Km

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 31

Pergunta do questionário linguístico: QSL 062: Como se chamam os dentes que nascem por último, quando já a pessoa já é adulta?
Cartas coincidentes: EALLO 20; ALPR 66.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[ˌdẽtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ]
2	[ˌdẽtʃɪdʊʒu'izʊ] ['siznʊ]	[ˌdẽtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽdʊʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ] ['sizʊ]
3	[ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽdʊʒu'izʊ]	não soube	[ˌdẽjtʲɪdʊʒu'izʊ]
4	[ˌdẽtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽjdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽdʒɪʒu'izʊ]	[ˌdẽjtʃɪ'kerɐ] [ˌdẽjtʃɪdʒɪʒu'izʊ]
5	não soube	[ˌdẽtʃɪʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ]	[ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]
6	[ˌdẽtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽjdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽtɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]
7	[ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ]	[ˌdẽjdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽjdʊʒu'izʊ]
8	não soube	não soube	[ˌdẽtɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽdʒɪ'lejtʃɪ] [ʒu'izʊ]
9	[ˌdẽjdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]	[dẽjdɪ'lejtʃɪ] [ˌdẽjdɪ'lejtʲɪ] [ˌdẽjdʊ'sizʊ]	
10	não soube	[ˌdẽtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ] ['sizʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	['sizʊ] [ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ˌdẽjtʃɪdʊ'sizʊ] [ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ]	[ʒu'izʊ]	['sizʊ] [dẽtʃɪʒu'izʊ]

Notas:

03/6

INF.- *Dente do siso* [ˌdẽjtʃɪdʊ'sizʊ].
INQ.- Tem algum outro?
INF.- *Dente do juízo* [ˌdẽjtʃɪdʊʒu'izʊ], algumas pessoas falam.
INQ.- Quem, por exemplo?
INF.- Quem é mais antigo.
INQ.- Por que será?
INF.- Eu acho que a palavra que... Como é que eu vo (= vou) te explicar? Eu percebo que, pra quem mora na cidade, muitas coisas específicas de quem mora no sítio é considerado brega. A pessoa que sai do sítio e vem pra cidade, ela tenta se adaptar no que ela fala.

04/4

INF.- Dente, minha mãe falava *dente quera* [ˌdẽjtʃɪ'kerɐ], *dente de juízo* [ˌdẽjtʃɪdʒɪʒu'izʊ]
INQ.- É o mesmo?
INF.- A minha mãe falava dente quera, o nome de antiga...o nome antigo que não é esse nome a gente sabe que não é, né? Agora eu falo *dente de juízo* eu falo.

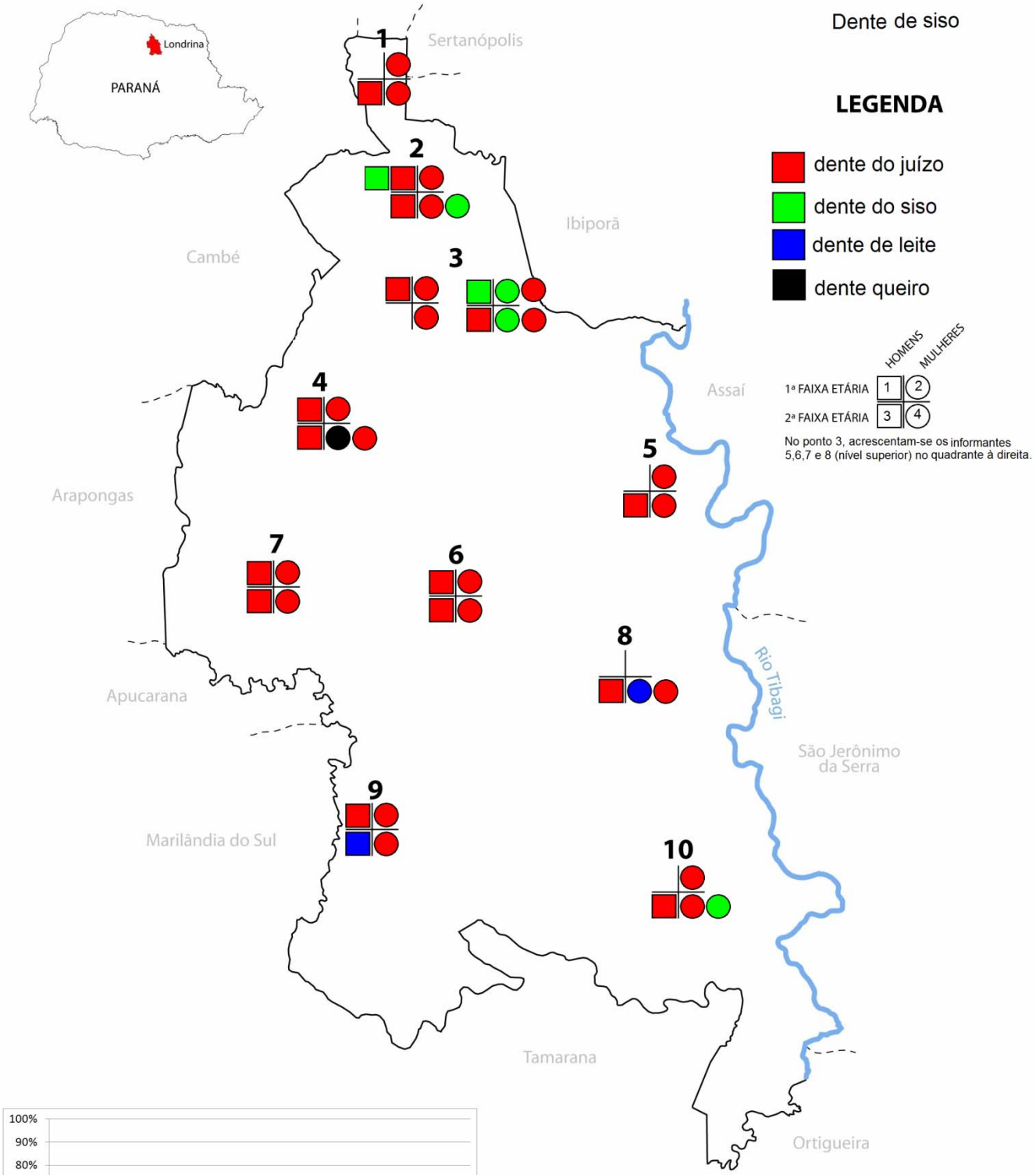
09/3

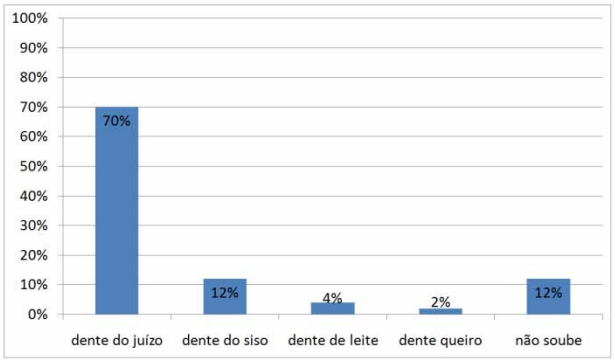
((teste de identificação))

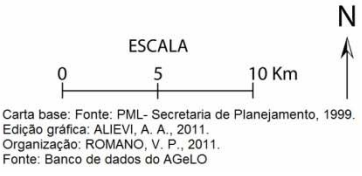
INF.- *Den'di leite* (= dente de leite) [ˌdẽjdɪ'lejtʲɪ], né.
INQ.- O senhor não fala dente do juízo?
INF.- É conhecido *den'di leite* [ˌdẽjdɪ'lejtʲɪ], né.
INQ.- E dente do siso também não?
INF.- É *den'do siso* [ˌdẽjdʊ'sizʊ] tamem fala, mas geralmente fala, antigamente fala den'di leite que vai nascê.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 31







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 32

Pergunta do questionário linguístico: QSL 061: Como se chamam os dentes que estão depois dos caninos?
Cartas coincidentes: EALLO 19; ALPR 65.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[keˈʃaw] [ˈʃatʊ]	não soube	[ˌdẽjtʲɪˈʃatʊ]
2	[ˌdẽjtʲɪˈʃatʊ]	não soube	não soube	[moˈlaɾ]
3	não soube	não soube	[ˌdẽtʲɪˈʃatʊ]	não soube
4	não soube	não soube	não soube	[ˌdẽjtʃɪdʒɪˈtras]
5	não soube	não soube	[ˈiferiˈoɾ]	[ˌdẽjtʃɪˈʃatʊ]
6	não soube	[ˌdẽjdʒɪˈtrajs]	não soube	[ˌdẽjtʃɪˈʃatʊ]
7	não soube	não soube	[piˈlɐ̃w̃]	[piˈlɐ̃w̃]
8	não formulada	não soube	[keˈʃaw]	não soube
9	não soube	[ˌkwatʊˈpõtɐ]	[piˈlɐ̃w̃]	[piˈlɐ̃w̃]
10	não soube	não soube	[ˈʃatʊ]	não soube

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[moˈlaɾ]	[ˌprɛmoˈlaɾ]	[moˈlaɾ]	[moˈlaɾ]

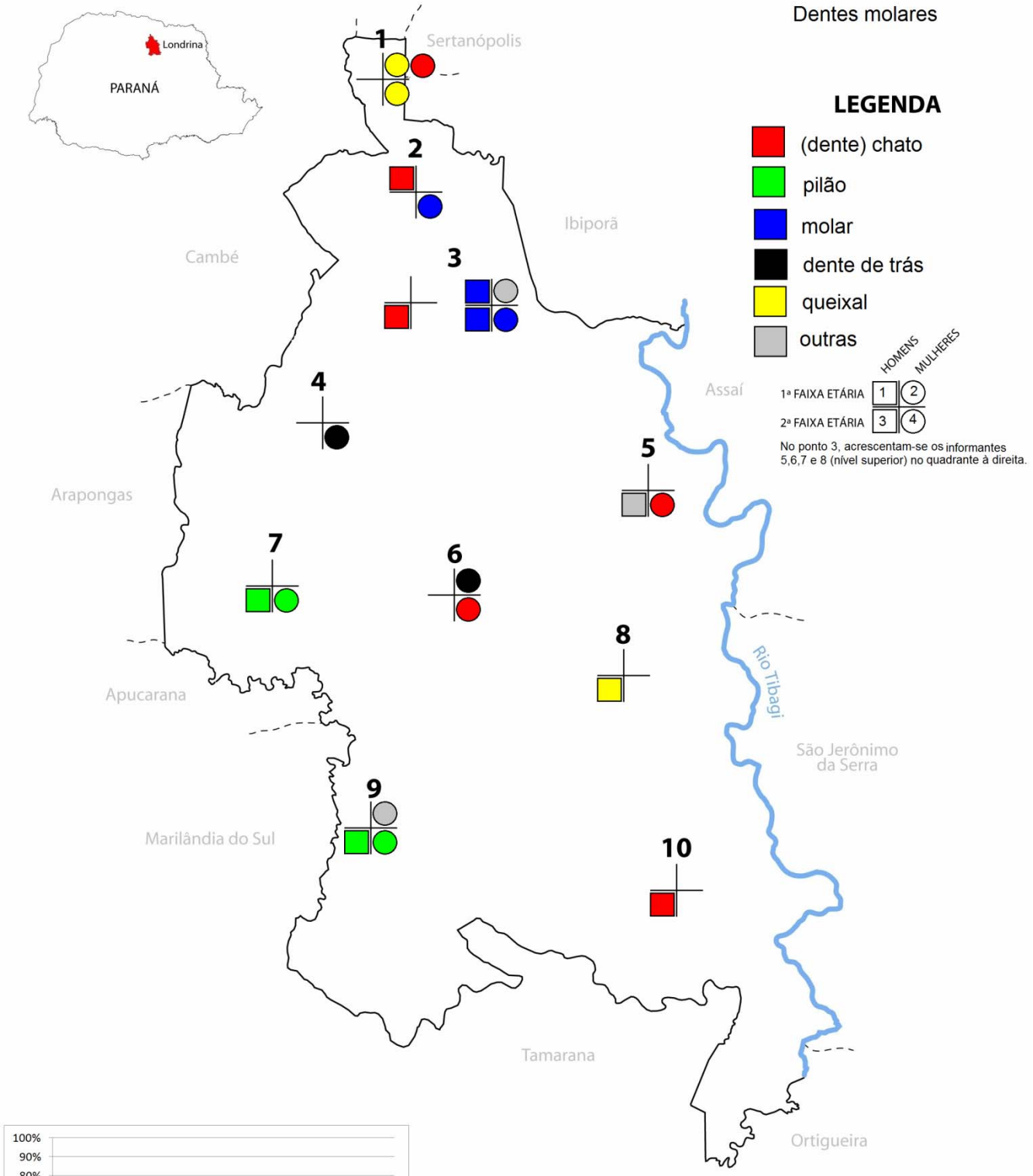
Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *pré-molar; inferior; quatro pontas.*

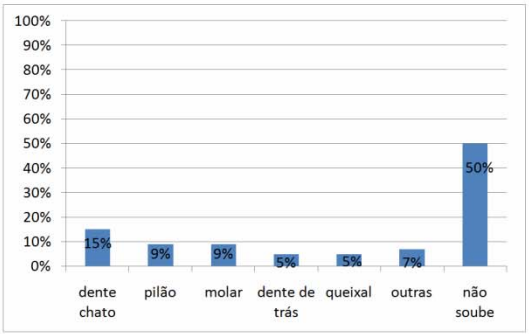
Notas:

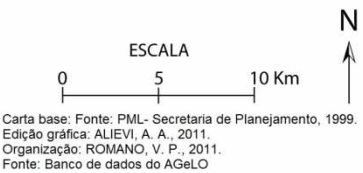
08/3
((teste de identificação))
INF.- Esse eu também, eu num consegui lembrá.
INQ.- Está certo. *Queixal* não fala?
INF.- Ãh?
INQ.- Queixal...
INF.- Aqui é... tamém pode sê (= ser), é isso memo (= mesmo), *quexal* [keˈʃaw], que é coisa mais ou meno assim, é que a gente num lembra tudo essas coisa, né.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 32







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 33

Pergunta do questionário linguístico: QSL 060: Como se chamam esses dentes pontudos? (apontar os dentes caninos)
Carta coincidente: ALPR II 246.
Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[kẽ'nĩnʊs]	['prezɐ]	['prezɐ]	['prezɐ]
2	['prezɐ]	['prezɐ]	['prezɐ]	['prezɐ] [kẽ'ninʊ]
3	não soube	não soube	['prezɐ]	[kẽ'niw]
4	[kẽ'ninʊ]	[kẽ'ninʊ]	['prezɐ]	['prezɐ]
5	['prezɐ]	['prezɐ]	['põtʃɪ]	['prezɐ]
6	['pɾezɐ]	[pi'vo]	['prezɐ]	['prezɐ]
7	['prezɐ]	[kẽ'ninʊs]	['prezɐ]	['prezɐ]
8	não soube	[kẽ'ninʊs]	['prezɐ]	não soube
9	['prezɐ]	['põtʃɪ]	['prezɐ]	['prezɐ]
10	[ka'ninʊ] ['prezɐ]	não soube	['prezɐ]	['prezɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[kẽ'ninʊ]	[kẽ'ninʊ] ['prezɐ]	['prezɐs] [kẽ'ninʊs]	[kẽ'ninʊs]

_____
Notas:

03/6
INF.- *Canino* [kẽ'ninʊ].
INQ.- Tem algum outro?
INF.- Tem *presa* ['prezɐ], mas eu não escuto as pessoas falando. Meu marido fala que, pessoas humilde do sítio fala presa.

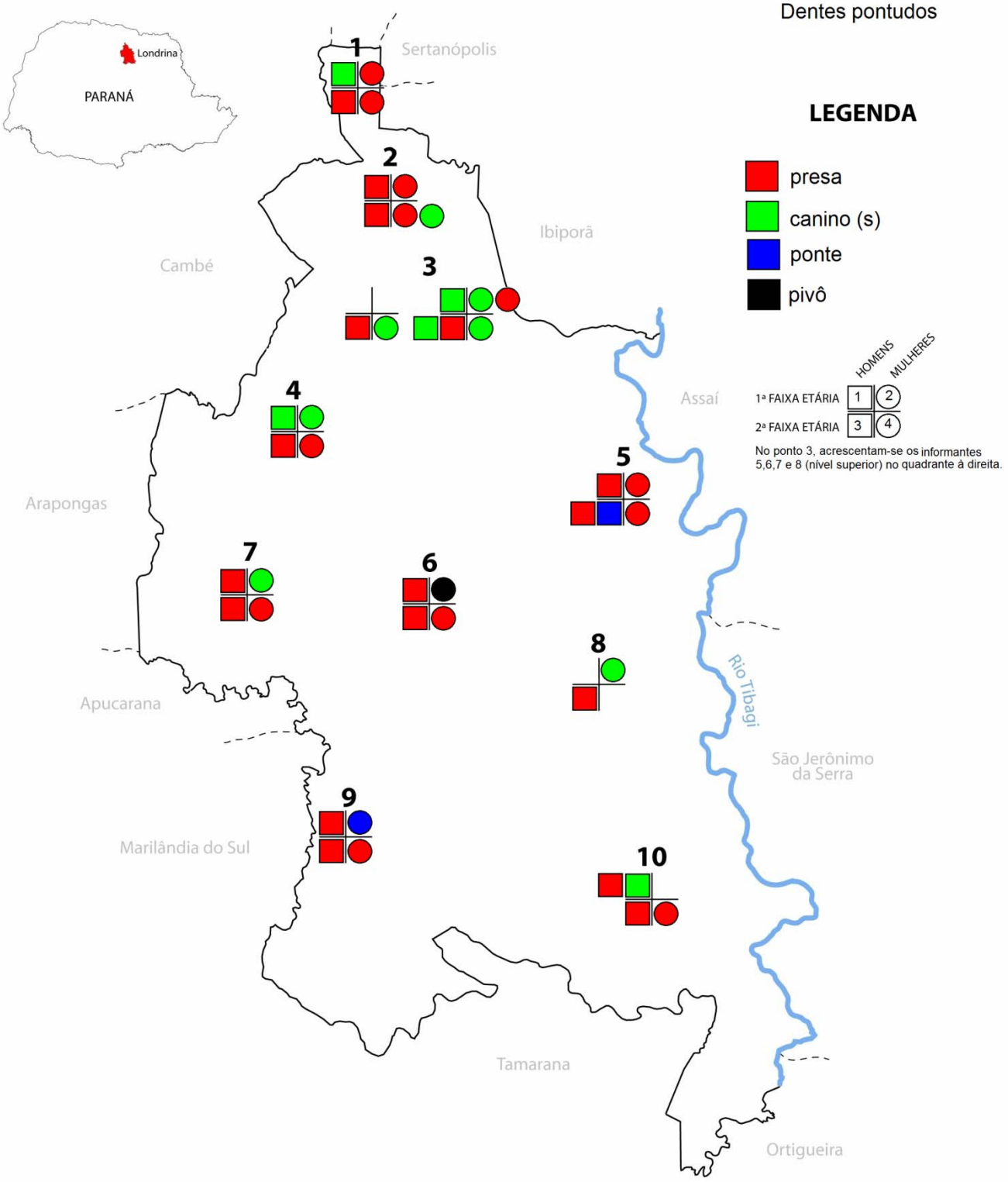
05/3
INQ.- Esse dente maior é o...
INF.- A *ponte* ['põtʃɪ], né.
INQ.- Pode chamar disso?
INF.- Acho que é.
INQ.- Tem mais outro nome para ponte?
INF.- Acho que não. Dente... tem os pequeno e tem a *presa* ['prezɐ], né. Tamém é a presa.
INQ.- Ah, tem a presa, né. Presa é o mesmo que ponte?
INF.- Acho que é. Põe presa porque é quato presa, né, o cara tem duas de cima e duas de baixo, né.
INQ.- Presa?
INF.- Hum hum.

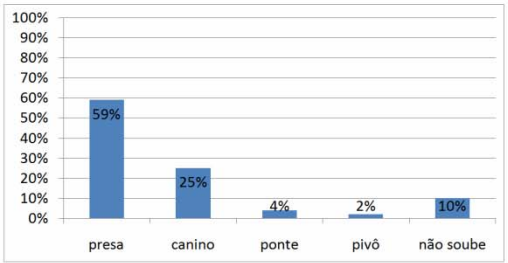
10/1
INF.- Ah... *Canino* [ka'ninʊ]?
INQ.- É você chama disso?
INF.- *Presa* ['prezɐ]?
INQ.- Qual que você chama mais?
INF.- *Presa* né. *Canino* é mais iscolar, né. (risos)

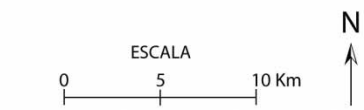
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 33

Dentes pontudos







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 34

Pergunta do questionário linguístico: QSL 068: Como se chama o osso redondo que os homens têm na garganta?
Cartas coincidentes: EALLO 23; ALPR 69.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[gaɾˈgɛlu]	[ˈve] [goˈgɔ]	[goˈgɔ]	[goˈgɔ]
2	não soube	[goˈgɔ]	[gɾugu'milu]	[aˈdɐ̃w̃]
3	[goˈgɔ]	não soube	não soube	[goˈgɔ]
4	[ˌpomʊdʊaˈdɐ̃w̃]	não soube	[gɔˈgɔ]	[gɔˈgɔ]
5	[gɔˈgɔ]	[gɔˈgɔ]	[guˈɛlɐ] [ˌkojzɐdʒɪaˈdɐ̃w̃]	não soube
6	[goˈgɔ]	[goˈgɔ]	[goˌgɔdʒjaˈdɐ̃w̃]	[goˈgɔ]
7	[kaˌɾosʊdɐgaɾˈgɐ̃tɐ]	[goˈgɔ]	[gaˈxɐ̃w̃]	[ˈnɔ] [goˈgɔ]
8	[goˈgɔ]	[goˈgɔ]	[gaɾˈgaʌ̃ʊ] [goˈgɔ]	[kaˈɾosʊ]
9	não soube	[goˈgɔ]	[gaɾˈgalʊ] [kaˈɾosʊ]	[goˈgɔ]
10	[goˈgɔ]	[goˈgɔ]	[goˈgɔ]	[goˈgɔ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˈpomʊdʒɪaˈdɐ̃w̃] [goˈgɔ]	[ˌpomʊdʒɪaˈdɐ̃w]	[kaˈɾosʊ]	[goˈgɔ]

Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *garrão; garguelo; guela; gorgomilo; adão; coisa de adão; 've'.*

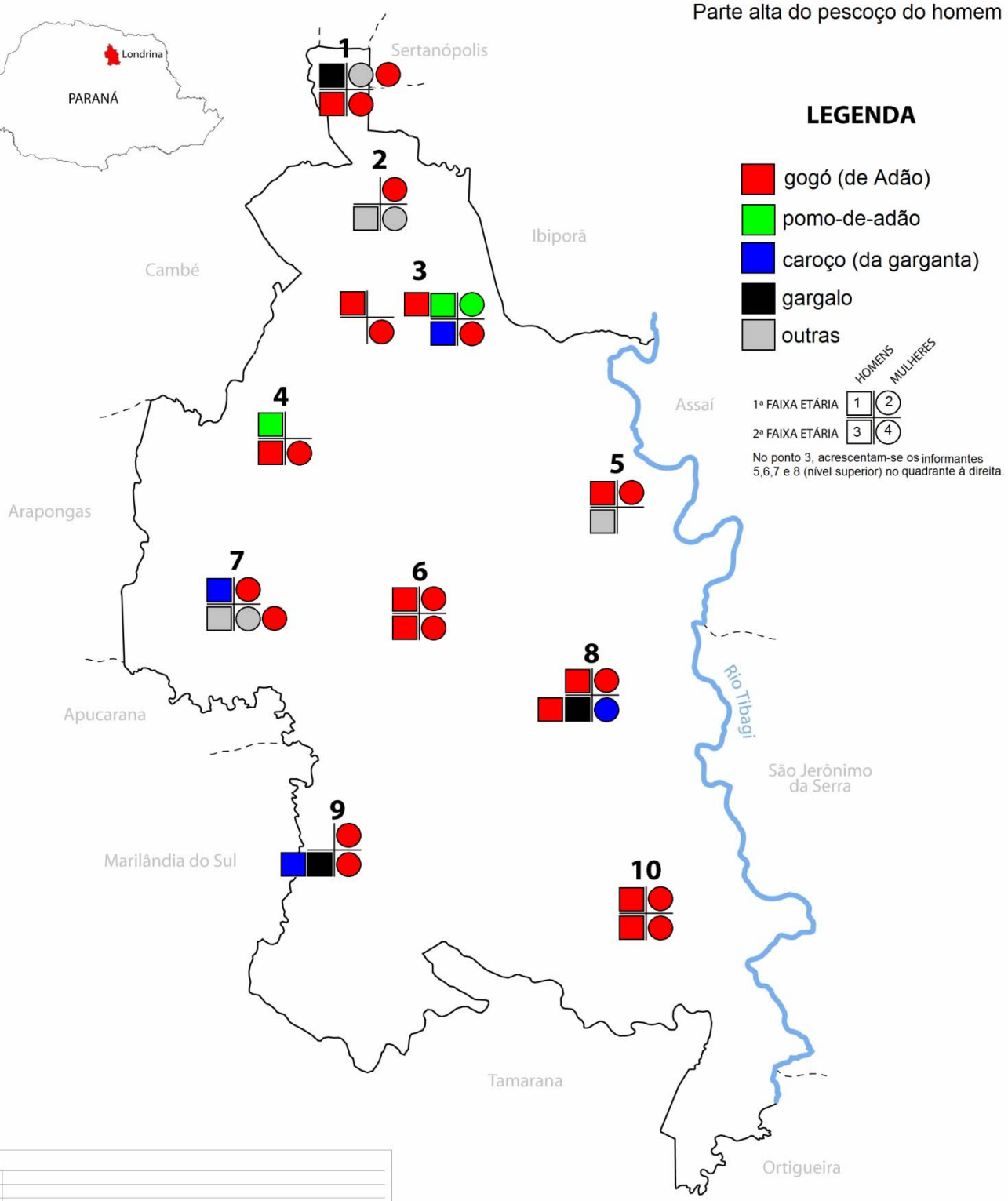
Notas:

03/4
INF.- Ah, esse aí eu num sei como que chama, não.
INQ.- Por que será?
INF.- Diz que porque que ceis (=vocês) comero (=comeram) a maçã e engasgô aí oh... 'tá com a maçã aí.
INQ.- Então a gente fala que isso aqui é o...?
INF.- Gogó [goˈgɔ].

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 34

Parte alta do pescoço do homem

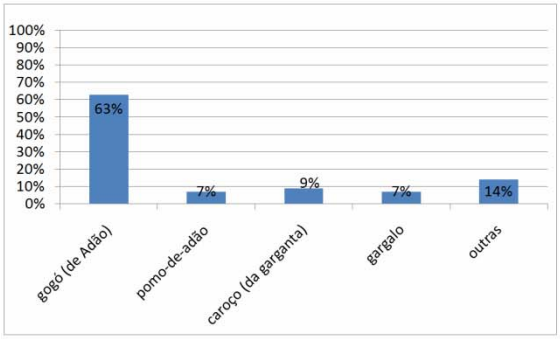


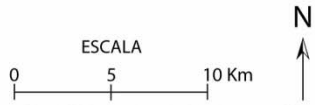
LEGENDA

- gogó (de Adão)
- pomo-de-adão
- caroço (da garganta)
- gargalo
- outras

	HOMENS	MULHERES
1ª FAIXA ETÁRIA	1	2
2ª FAIXA ETÁRIA	3	4

No ponto 3, acrescentam-se os informantes 5,6,7 e 8 (nível superior) no quadrante à direita.





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 35

Pergunta do questionário linguístico: QSL 051: Como se chama esta parte aqui? (apontar o pulso)
Cartas coincidentes: EALLO 29; ALPR II 278.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puɲʊ]
2	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]
3	['puwsʊ]	['pusʊ]	['puɲʊ]	['pusʊ]
4	['puwsʊ]	['puɲʊ]	['puʃsʊ] ['puwsʊ]	['puwsʊ]
5	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['pũɲʊ]	['puwsʊ]
6	['puʃsʊ] ['pusʊ]	['puwsʊ]	[mũ̃j'ɲɛkɐ] ['puwsʊ]	['puɲʊ]
7	['puwsʊ]	['puɲʊ] ['puwsʊ]	['puwsʊ]	[mu'ɲɛkɐ] ['puwsʊ]
8	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]
9	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['pusʊ]	['puʃsʊ]
10	[mũ'ɲɛkɐ] ['puwsʊ]	['puwsʊ]	[mũ'ɲɛkɐ] ['puwsʊ]	['puwsʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]	['puwsʊ]

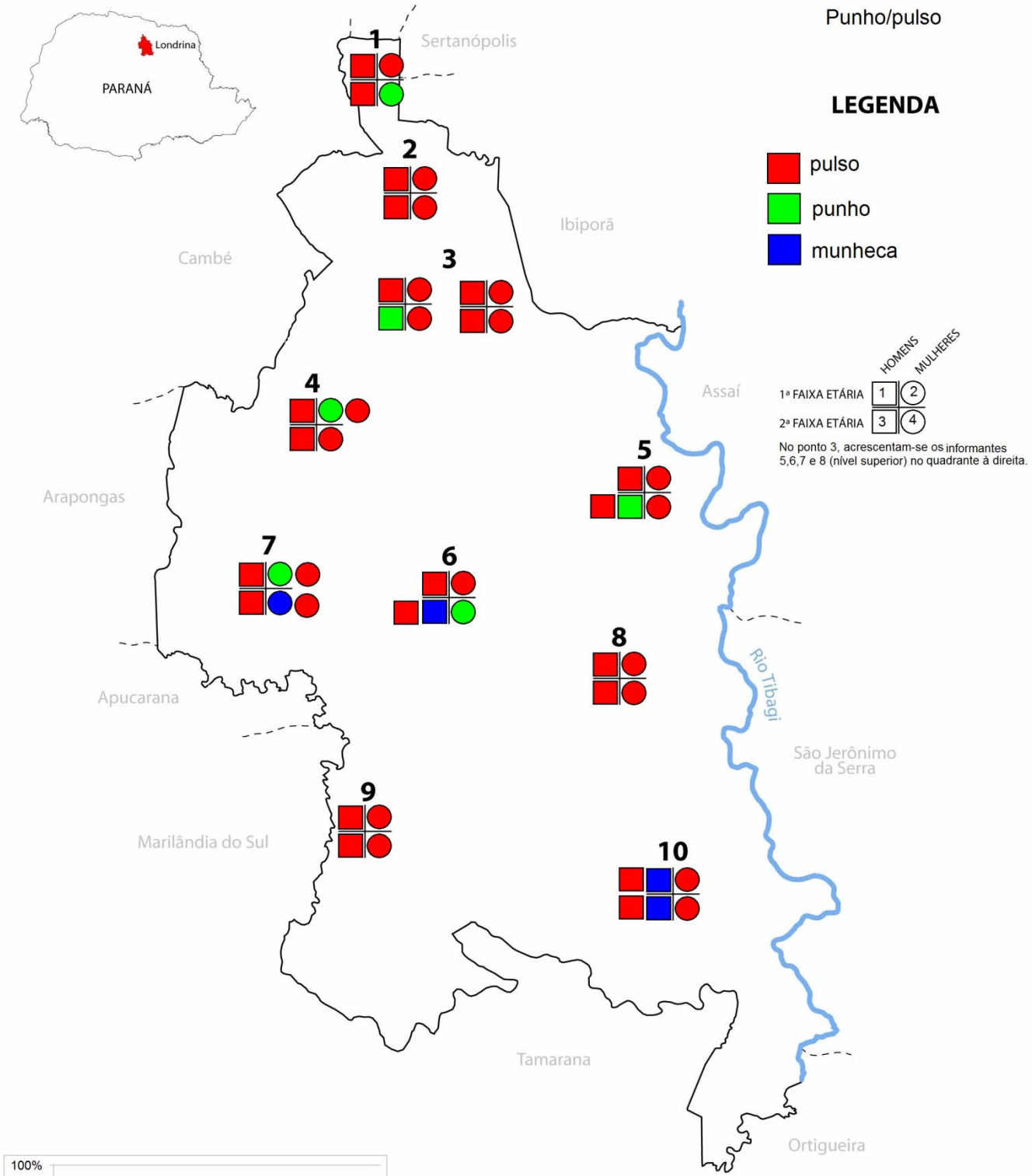
Notas

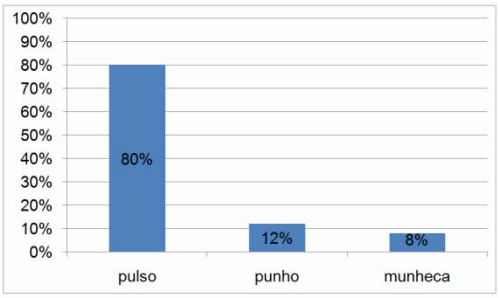
06/3

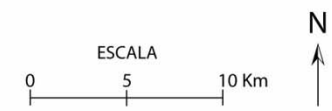
INF.- Munheca [mũ̃j'ɲɛkɐ]. Munheca, pulso ['puwsʊ], né, mai é munheca o nome, cê qué que fala o... na gramática, ou o que é, o que é?
INQ.- O que o senhor quiser.
INF.- Então, porque, um fala é pulso, mais no primero era munheca, então...

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 35







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 36

Pergunta do questionário linguístico: QSL 075: Como se chama aquilo que escorre do nariz quando a pessoa está gripado, constipado?
Cartas coincidentes: ALPR II 256.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[kaˈtaxʊ]	[kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[naˈɾɔtʃɐ] [ˈxɐ̃ɲʊ]
2	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[ˈxɐ̃ɲɐ]	[kaˈtaɾʊ] [ˈxɐ̃ɲʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]
3	[kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ] [kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ] [kaˈtaɾʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ] [ˈɾɐ̃ɲʊ] [naˈɾɔtʃɪ]
4	não soube	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ]
5	[kaˈtaxʊ]	[kaˈtaxʊ]	[kaˈtaxʊ]	[kaˈtaxʊ] [ˈgogʊ]
6	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ] [ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ]
7	[kaˈtaxʊ]	[kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃jʊ] [kaˈtaxʊ]	[kaˈtaxʊ] [ˈxɐ̃ɲʊ]
8	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ]
9	[kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ] [ˈxɐ̃ɲɐ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]
10	[kaˈtaxʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ] [ˈxɐ̃ɲʊ]	[kaˈtaxʊ] [ˈxɐ̃ɲʊ]

Nível Superior

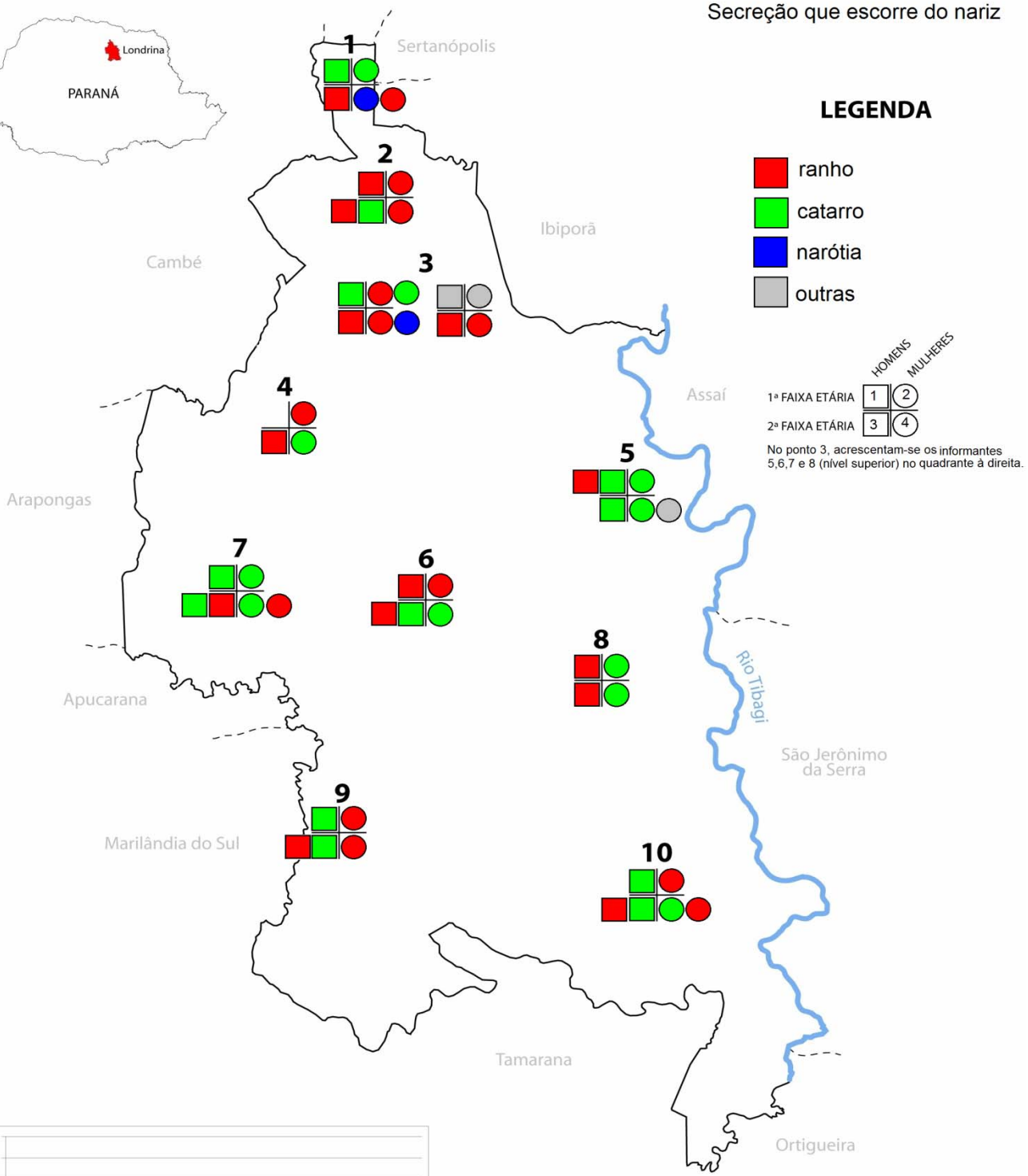
Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[koˈɾizɐ]	[koˈɾizɐ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]	[ˈxɐ̃ɲʊ]

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *coriza; gogu.*

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 36

Secreção que escorre do nariz



LEGENDA

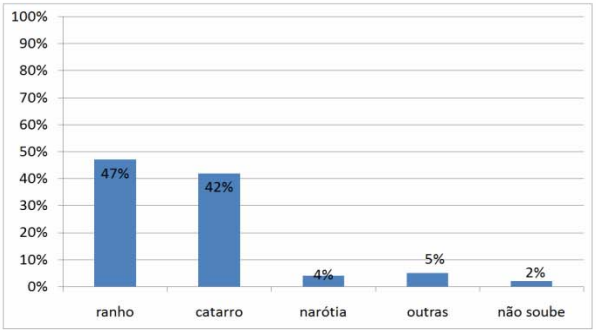
- ranho
- catarro
- narótia
- outras

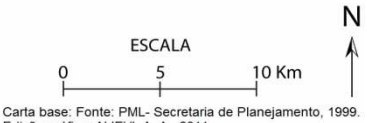
HOMENS / MULHERES

1ª FAIXA ETÁRIA 1 2

2ª FAIXA ETÁRIA 3 4

No ponto 3, acrescentam-se os informantes 5,6,7 e 8 (nível superior) no quadrante à direita.





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 37

Pergunta do questionário linguístico: QFF 097: Como se chamam aquelas bolinhas que a gente tem lá no fundo da garganta?
Cartas coincidentes: EALLO 22; ALPR 68/105.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

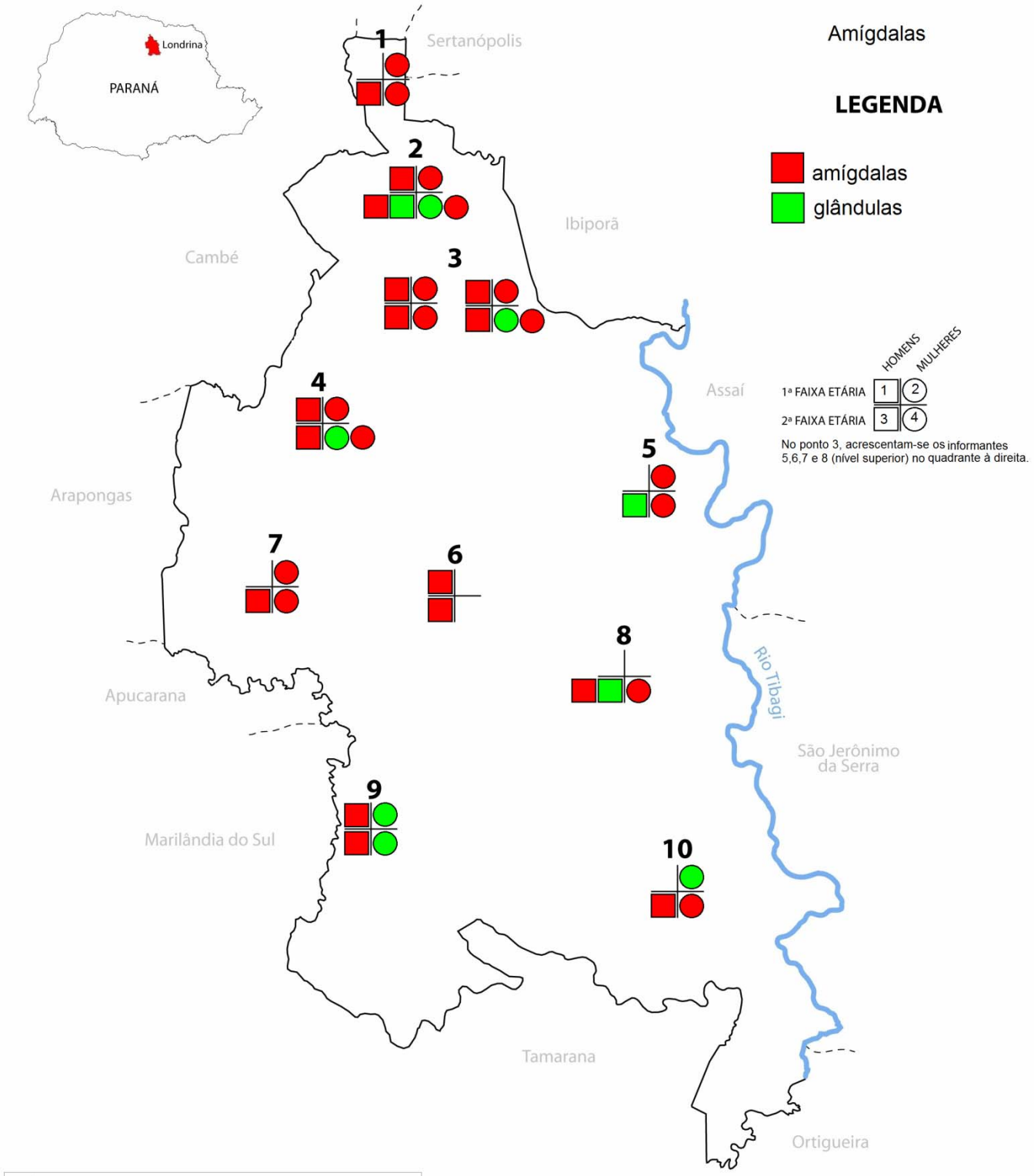
Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[a'midales]	[a'midules]	[a'midale]
2	[a'midule]	[a'midales]	['gɾẽdules] [a'midules]	['glẽdule] [ami'dales]
3	[a'midules]	[a'midales] [a'milide]	[a'midale]	[a'midule]
4	[a'midales]	[a'midales]	[ami'dules] [mi'dule]	['gɾẽnule] ['gɾẽdule] [a'midules]
5	não formulada	[ami'udules]	['gɾẽdale]	[a'midale]
6	[a'mĩnules]	não soube	[a'midale]	não soube
7	não soube	[a'midales]	[a'midule]	[sa'midale]
8	não soube	não soube	['gɾẽdules] [a'midale]	[a'midle]
9	[a'midales]	['glẽdules]	[aɽ'mide]	['gɾẽnule] ['gɾẽne]
10	não soube	['glẽdules]	[a'mide]	[a'midales]

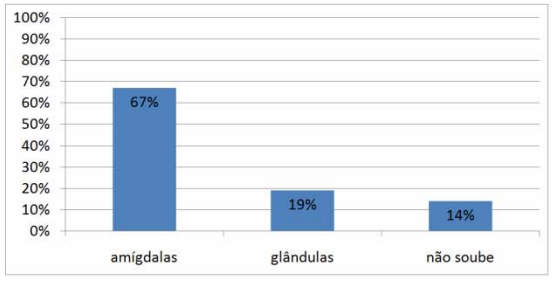
Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[a'midales]	[a'midales]	[a'midele]	['gɾẽdules] [a'midales]

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 37





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 38

Pergunta do questionário linguístico: QSL 071: Às vezes, aparece uma bolinha vermelha na pálpebra e dói muito? Como se chama isso?
Cartas coincidentes: EALLO 25; ALPR II 252 .

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[ˌtrejˈsɔw] [viwˈvĩjnɐ]	[trejˈsɔw]	[trejˈsɔw]
2	não soube	[ˌtrejˈsɔw]	[ˈteɽsɔw]	[teɽˈsɔw]
3	[viˈuvɐ]	[trejˈsɔ̃w̃]	[viwˈvijnɐ] [doɽˈdɔjʊ] [trejˈsɔw]	[trejˈsɔw]
4	[ˌtrejˈsɔw]	[ˌtrejˈsɔw] [viwˈvĩjnɐ]	[viwˈvĩjnɐ] [ˌtrejˈsɔw]	[ˌtrejsˈsɔw]
5	[viˈxugɐ]	[viwˈvijnʊ] [viwˈvĩjnɐ] [teɽˈsɔw]	[viˈuvɐ]	[trejˈsɔw]
6	[viˈuvɐ]	não soube	[trejˈsɔw]	[trejˈsɔw]
7	não soube	[viwˈvĩjnɐ] [viˈuvɐ]	[trejˈsɔw]	[trejˈsɔw]
8	não soube	[ˌtrejˈsɔw]	[viwˈvĩjnɐ]	[trejˈsɔw]
9	não soube	[vewˈvĩjnɐ] [viwˈvĩjnɐ]	[viwˈvĩjnɐ]	[ˌtrejˈsɔw]
10	[viwˈvĩjnɐ]	[viˈuvɐ]	[viwˈvĩjnɐ]	[viwˈvijnɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˈsistʊ] [ˌsistʊseˈbasiw]	[teɽˈsɔw]	não soube	[teɽˈsɔw] [trejsˈsɔw]

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *dor d'olho; cisto (sebáceo); verruga.*

Notas:

02/2
((teste de identificação))
INF.- Ah não sei não, nome não.
INQ.- Não sabe o nome, nunca ouviu falar? Fulano está com...?
INF.- Ai...
INQ.- Já falaram para mim que chama *viuvinha*, você já escutou esse nome por aqui?
INF.- Não.
INQ.- E *terçol*?
INF.- Já.
INQ.- Você já ouviu falar?
INF.- Já. Do *trêi sol* [ˌtrejˈsɔw], já ouvi fala.
INQ.- Nunca usou a palavra trêi sol? Para falar?
INF.- Já.

03/3
((influência de circunstante))
INQ.- Mas é uma bolinha que eu falo que de vês em quando nasce assim, fica uma bolinha.
INF.- Ah, a turma trata aquele lá de *viuvinha* [viwˈvijnɐ] que eles fala.
INQ.- Ah é?
INF.- É.
INQ.- Tem alguma simpatia? Fala se a gente piscar...
INF.- Sabe, vô fala até do coisa, tinha um homi que saía aqueles negócio aqui dos olho assim, tinha aquele *dordóio* [doɽˈdɔjʊ].
INQ.- *Dordóio*?
INF.- É.
INQ.- Chamava isso tamem?
CIRC.- Três sol, né.
INF.- Falava *treissol* [trejˈsɔw] tamem?

05/2
((teste de identificação))
INQ.- Não lembra da *viuvinha*?
INF.- Ah, *viuvinho* [viwˈvĩjnʊ].
INQ.- Tem outro nome para viuvinho?
INF.- Não *viuvinha* [viwˈvĩjnɐ] mesmo.
INQ.- Não chama de *treissol*?
INF.- Ah, *terçol*. (risos)
INQ.- Como que é?
INF.- *Terçol* [teɽˈsɔw], né.

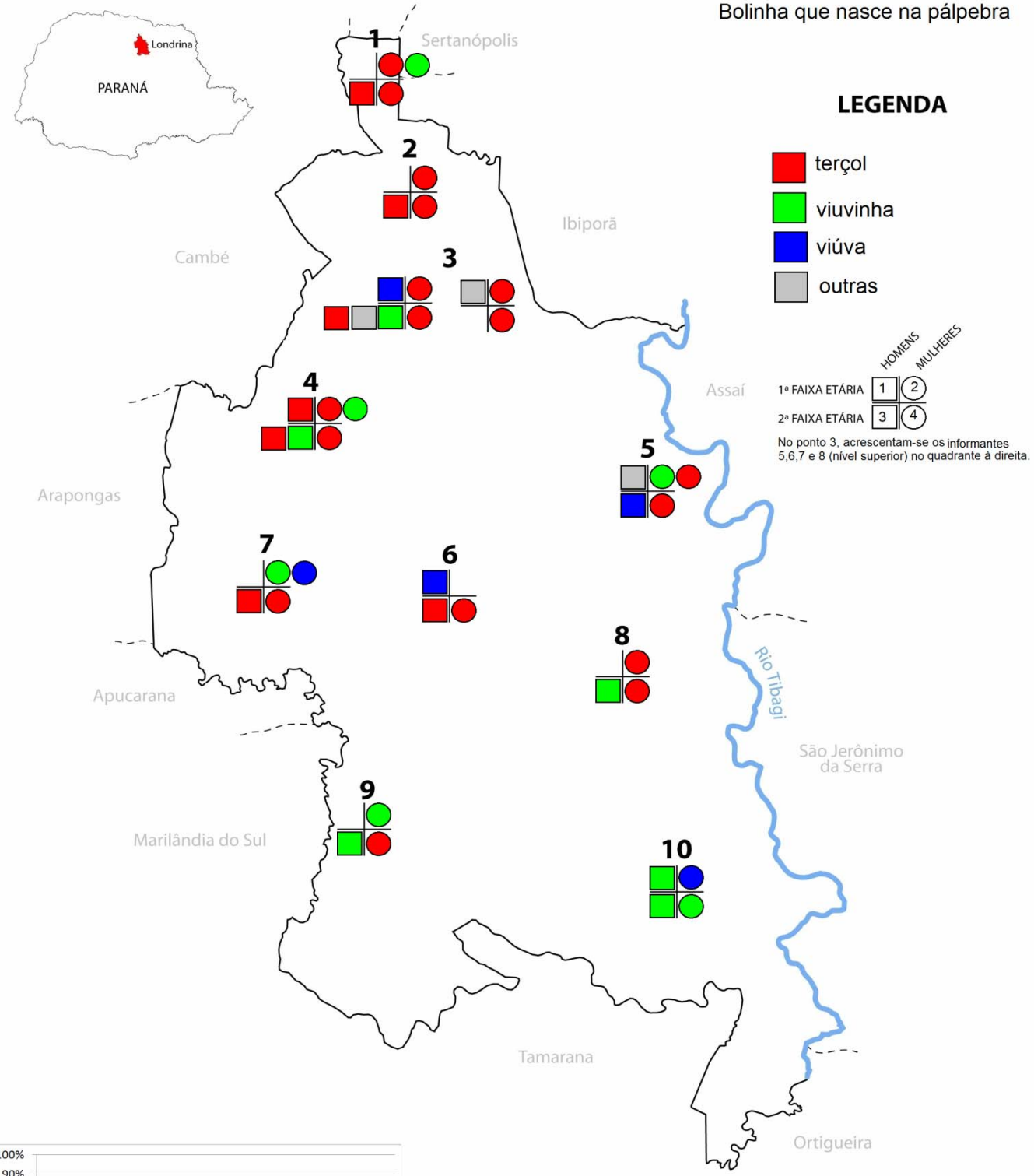
10/1
((teste de identificação))
INQ.- Você não conhece *treissol*?
INF.- Também não.
INQ.-Não? *Viuvinha*?
INF.- *Viuvinha* [viwˈvĩjnɐ] sim.
INQ.- Será que essa bolinha é *viuvinha*?
INF.- Pode sê, nunca tive não. (...) Já ouvi falá muito de *viuvinha*.
INQ.- Mas você não usa essa palavra?

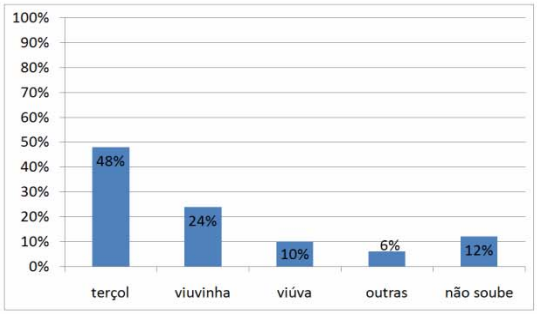
INF.- Não, nunca tive né, num conheço ninguém que teve.

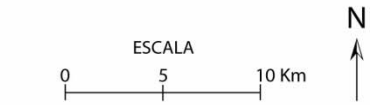
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 38

Bolinha que nasce na pálpebra







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 39

Pergunta do questionário linguístico: QFF 007: Como se chamam aquelas machas meio brancas que surgem em alguma parte do corpo da gente? Elas não doem e saram quando a gente passa tinta de caneta em cima delas.
Carta coincidente: ALPR II 294.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[ĩˈpĩʒɪ] [miˌkɔzɪˈbrabɐ] [koˈbrerʊ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]
2	[ĩˈpĩʒɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[ˈpĩʒɪ]
3	[ĩˈpĩʒɪ]	[miˈkɔzɪ] [koˈbrerʊ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[koˈbrerʊ] [ĩˈpĩʃɪ]
4	[miˈkɔzɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[miˈkɔzɪ] [koˈbrerʊ]	[ĩˈpĩʒɪ]
5	[miˈkɔzɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]
6	[miˈkɔzɪ]	[miˈkɔzɪ]	[ĩˈpĩʒɪ]	[miˈkɔzɪ]
7	não soube	[ĩˈpĩʒɪ]	[miˈkɔzɪ] [koˈbrerʊ]	[koˈbrerɐ] [ĩˈpĩʒɪ]
8	[miˈkɔzɪ]	[miˈkɔzɪ]	[iˈpĩʒɪ]	[miˈkɔzɪ] [ĩˈpĩʒɪ]
9	[miˈkɔzɪ]	[miˈkɔzɪ]	não soube	[ĩˈpĩʒɪ]
10	[miˈkɔzɪ]	[miˈkɔzɪ]	[ĩˈpĩʒɐ]	[ĩˈpĩʒɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[miˈkɔzɪ]	não soube	não soube	[ĩˈpĩgɪ]

_____
Notas:

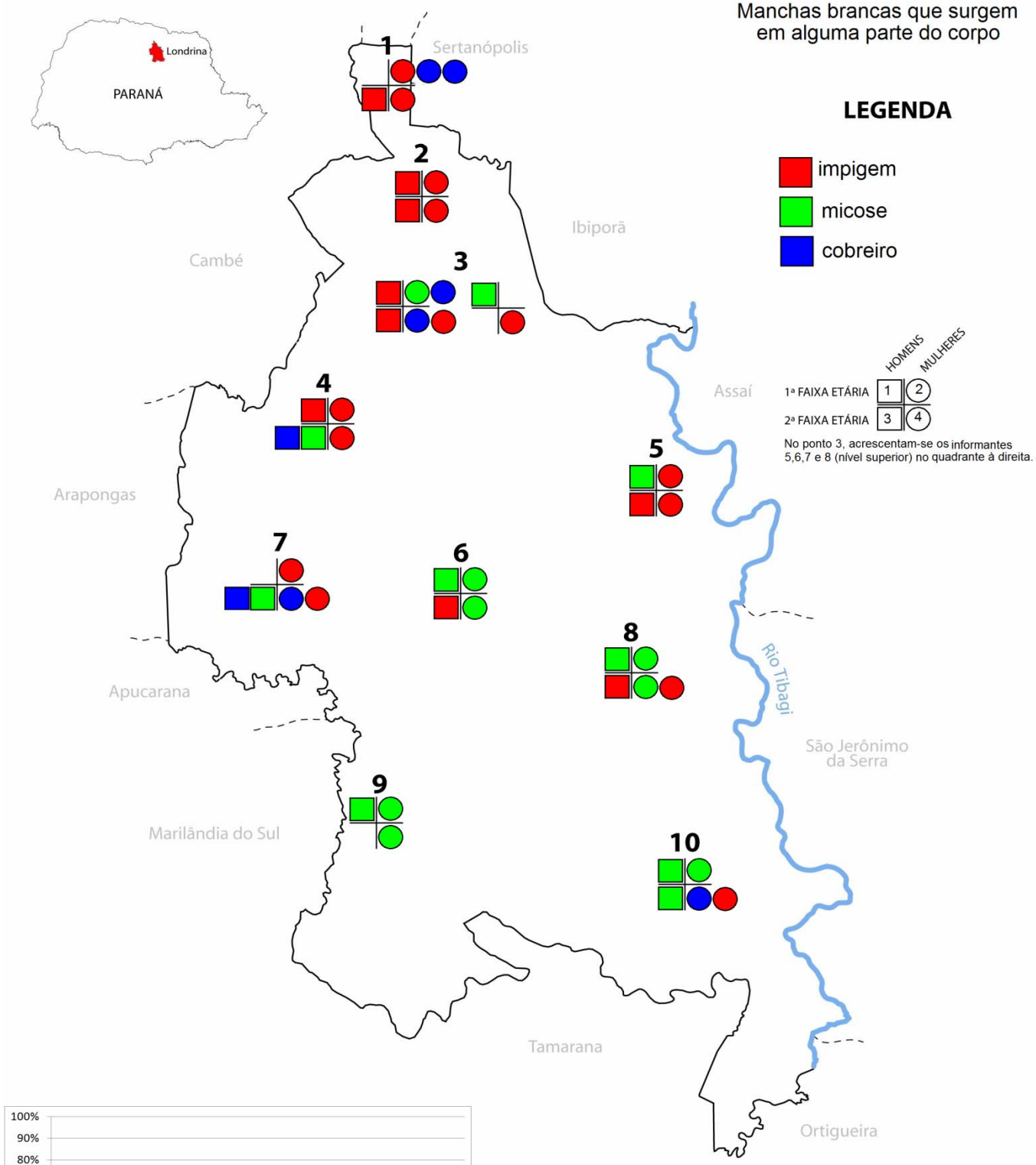
01/2
INQ.- E por que, que sai?
INF.- Hum. Porque vai no rio, e tem um monti de coisa, né, tem sapo, tem um monte de coisera então, se relô ali meu fi, que na verdade eis não fala *impingi* [ĩˈpĩʒɪ], os médico, eis fala que é *micose braba* [miˌkɔzɪˈbrabɐ], mas não é, é o impingi, o *cobrero* [koˈbrerʊ], antigamente cê entende?
INQ.- Ah.
INF.- Hoje em dia não fala mais *cobrero*, *impigi*, essas coisa. Fala a *micose braba*, então é do miju de, de sapo é de aranha cê entende? É isso.
INQ.- Nossa!
INF.- Mas tava horrível, isso aí o pé dele.

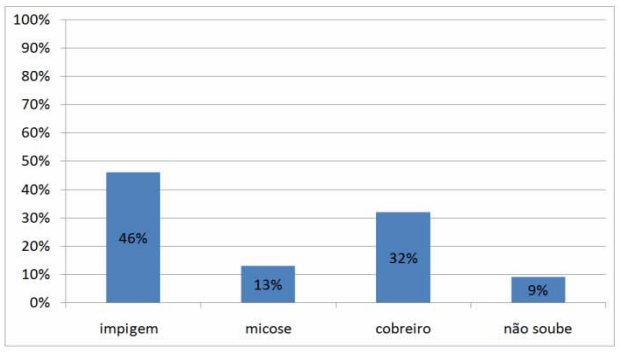
04/3
INF.- Ah, *micose* [miˈkɔzɪ].
INQ.- Tem mais algum outro nome de antigamente?
INF.- Que eu sei é uma *micose* que dá na gente.
INQ.- Não tem mais nenhum outro nome de antigamente?
INF.- No sítio a gente costumava fala *cobrero* [koˈbrerʊ] né.
INQ.- Tem mais algum outro nome no sítio?
INF.- Não.

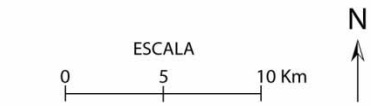
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 39

Manchas brancas que surgem em alguma parte do corpo







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 40 A

Pergunta do questionário linguístico: QSL 092: Como se chama a peça que os homens usam por baixo das calças?
Cartas coincidentes: EALLO 37; ALPR 79.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˈʒɔɾbɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[ˈzɔɾbɐ]
2	[kuˈɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈkwɛkɐ]
3	[kuˈɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[koˈɛkɐ]
4	[kuˈɛkɐ]	[ˈkwɛkɐ]	[ˈkwɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]
5	[kuˈɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]
6	[koˈɛkɐ]	[ˈkwɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[ˈzɔɾbɐ]
7	[ˈkwɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[kuˈɛkɐ]
8	[ˈzɔɾbɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[kuˈɛkɐ]
9	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[ˈkwɛkɐ]
10	[ˈkwɛkɐ]	[kuˈɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[ˈkwɛkɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[kuˈɛkɐ]	[ˈkwɛkɐ]	[ˈzɔɾbɐ]	[kuˈɛkɐ]

Obs.: Nesta carta, optamos por representar apenas a primeira resposta. Entretanto, obtivemos como segunda e terceira respostas as seguintes variantes: *ceroula* (15 ocorrências); *zorba* (14 ocorrências); *cueca* (11 ocorrências); *calção* (sete ocorrências); *samba-canção* (seis ocorrências); *sunga* (quatro ocorrências); *shorts* (ocorrência única).

Notas:

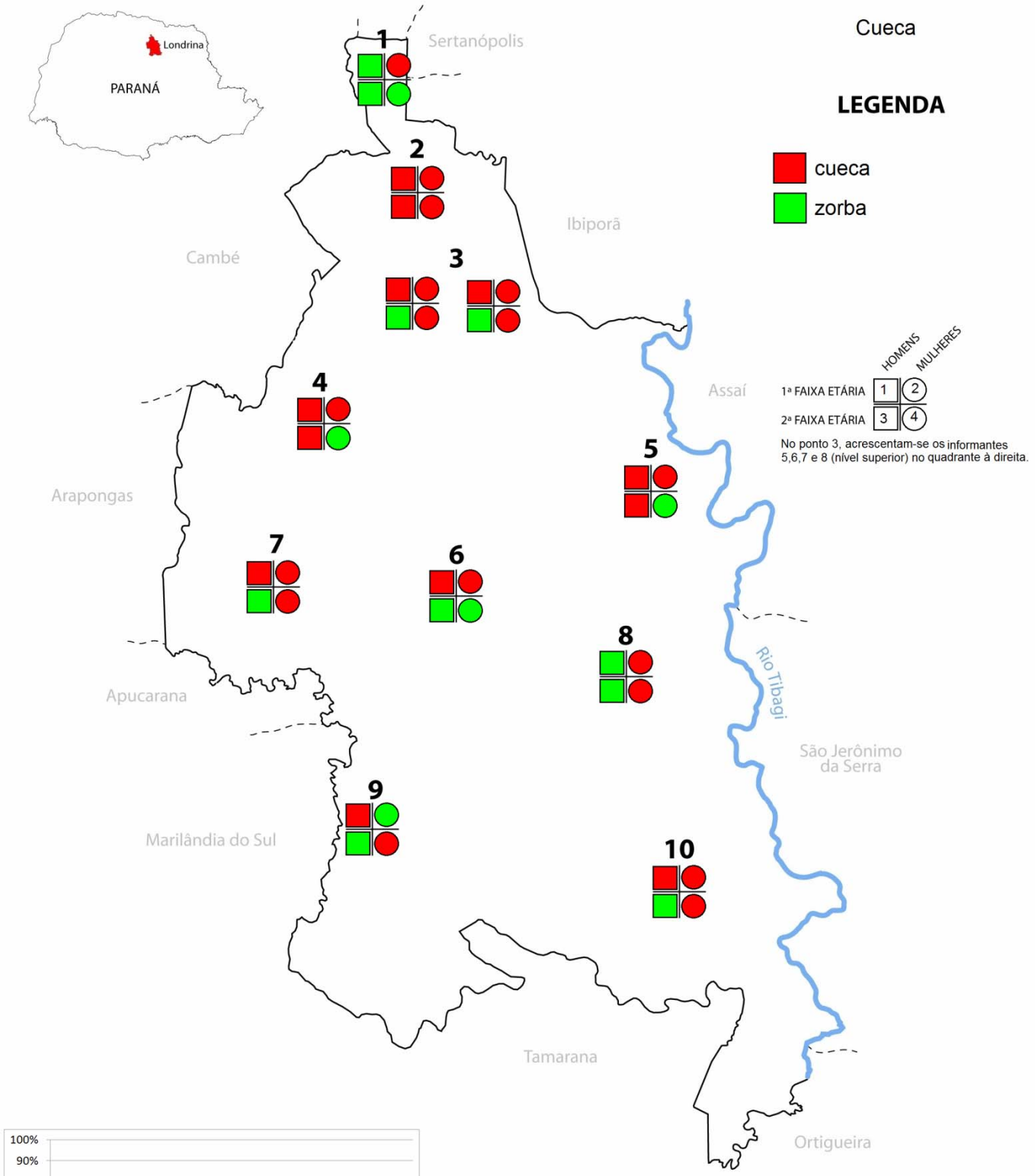
03/1
INF.- *Cueca* [kuˈɛkɐ].
INQ.- Tem outro nome para cueca?
INF.- *Zorba* [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- Você usa falar mais qual?
INF.- *Cueca*.
INQ.- Quem fala *zorba*?
INF.- Os mais véio fala esses trem aí.

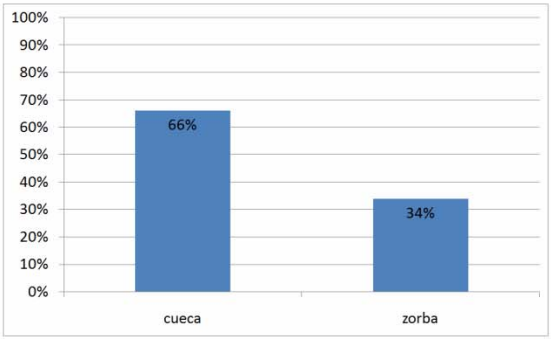
05/1
INF.- *Cueca* [kuˈɛkɐ].
INQ.- Tem outro nome para cueca?
INF.- *Zorba* .
INQ.- Você usa mais qual?
INF.- *Cueca*.
INQ.- E quem fala *zorba*?
INF.- Ah! O povo antigo.

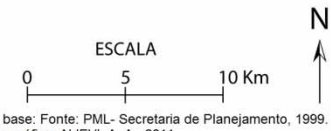
09/3
INF.- *Zorba* [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- E tem outro nome que antigamente usava?
INF.- Ah, tem *cueca* [kuˈɛkɐ], tem *carção* [kaɾˈsɐ̃wɐ̃], né.
INQ.- Hoje em dia usa mais qual?
INF.- A *zorba*, né.
INQ.- O senhor quando tem que falar, fala que é...
INF.- *Zorba*.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 40 A







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 40 B

Pergunta do questionário linguístico: QSL 092: Como se chama a peça que os homens usam por baixo das calças?
Cartas coincidentes: EALLO 37; ALPR 79

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[ˈʃɔɾtʃʲɪs]	[kawˈsɛ̃w̃] [siˈrolɐ] [ˈsũgɐ]	não soube
2	[ˌsɛbɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]	[kawˈsɛ̃w̃]	[siˈrolɐ] [ˌsɛ̃bɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]	[siˈrolɐ]
3	não soube	[kaɾˈsɛ̃w̃] [ˈsũgɐ]	[siˈlorɐ]	[siˈrolɐ]
4	não soube	não soube	[kaɾˈsɛ̃w̃]	[siˈrolɐ]
5	não soube	não soube	[ˌsɛ̃bɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]	não soube
6	[sɛ̃bɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]	não soube	[kawˈsɛ̃w̃] [siˈrolɐ]	não soube
7	[ˈsũgɐ] [ˌsɛ̃bɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]	não soube	não soube	[siˈlorɐ]
8	[ˈsũgɐ]	não soube	[siˈrowlɐ]	não soube
9	não soube	não soube	[kaɾˈsɛ̃w̃]	[siˈrolɐ] [ˈkaɾsɛ̃w̃]
10	[siˈrolɐ]	não soube	[siˈrolɐ]	não soube

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[seˈrolɐ]	não soube	[siˈrolɐ]	[siˈrolɐ] [seˈrolɐ] [seˈrowlɐ]

Obs.: Nesta carta, apresentam-se somente as outras designações. Ao total constam 33 registros, distribuídos em cinco variantes: *Ceroula* (15 ocorrências); *Calção* (sete ocorrências); *samba-canção* (seis ocorrências); *Sunga* (quatro ocorrências); *Shorts* (ocorrência única).

Notas:
01/3
INF.- *Zorba* [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- E antigamente?
INF.- *Calção* [kawˈsɛ̃w̃].
INQ.- Mais algum outro nome?
INF.- *Cueca* [kuˈɛkɐ].
INQ.- E o senhor usa mais qual hoje?
INF.- *Zorba*.
INQ.- *Cueca* era antigamente também?
INF.- É antigamente, chamava até de *cirola* , né, meu pai memo usava aquela c*irola* de amarra embaxo na perna aqui assim marrava. (risos)
INQ.- Antigamente então era *sirola*, *calção*, *cueca*. E hoje é zorba?
INF.- Hoje é *zorba*, né. Hoje é *zorba*, hoje é *sunga* [ˈsũgɐ] então tem vários nome.

02/1
INF.- *Cueca* [kuˈɛkɐ].
INQ.- Antigamente tinha algum outro nome?
INF.- *Zorba* [ˈzɔɾbɐ]. (risos)
INQ.- Hoje em dia é mais *cueca*.
INF.- *Samba canção* [ˌsɛbɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]. (risos)
INQ.- Mas hoje em dia é mais qual?
INF.- *Cueca*, né.

02/3
INF.- É *cueca* [kuˈɛkɐ], *cirola* [siˈrolɐ], *samba canção* [ˌsɛ̃bɐkɛ̃ˈsɛ̃w̃]. (risos)
INQ.- Hoje em dia usa qual, mais?
INF.- Hoje usa *cueca*, né que eis fala, né que, o...
INQ.- Então *cirola* e samba canção era mais...
INF.- Era coisa mais antigo, né, *cirola* é aquela maior que fazia tipo duma, forma duma calça, e...
INQ.- (inint.)
INF.- Não ela ia até bem embaxo assim e branca ainda, né, que... Antigamente os idosos, não os mais o menos da idade assim, gente vinte e cinco ano, trinta ano, usava e... *cirola* é *cirolão*, né, que hoje é tipo do bermuda, do bermudão, né, que isso aqui é mais da, da, da, da aberta, né.
INQ.- Mais aberta antigamente era fechada.

INF.- E antigamente era bem justinha, falava que nem purga num subia.

03/2

INF.- *Cueca* [kuˈɛkɐ].
INQ.- Tem mais algum que usava antigamente?
INF.- *Carção* [kaɾˈsɐ̃w̃], *sunga* [ˈsũgɐ].
INQ.- *Sunga* não é de nadar?
INF.- Acho que não.

03/3

INF.- É a *zorba* [ˈzɔɾbɐ], né.
INQ.- Tem outro nome?
INF.- Bom os primeiro antigo que veio, usava coisa era... *cilora* [siˈlorɐ] que eis falava.
INQ.- E hoje em dia é?
INF.- Hoje, agora hoje todo mundo usa *zorba*, né. Hoje se falá isso aí, tem muito jovem hoje que não sabe o que é isso aí.
AUX.- É a mesma?
INQ.- Era diferente?
INF.- Era deferente, mesma coisa dum... meu pai memo usava aquilo lá, era mema coisa dum, era cumprido assim, quase mesma coisa dum *short*.

INQ.- Ia até aqui em baixo ou não?
INF.- Não, vinha até aqui em cima na perna assim, agora aquela que vinha até aqui em baixo a turma falava... *Cueca samba canção* [kuˈɛkɐˌsɐ̃bɐˈkɐ̃sɐ̃w̃]. (risos)

08/1

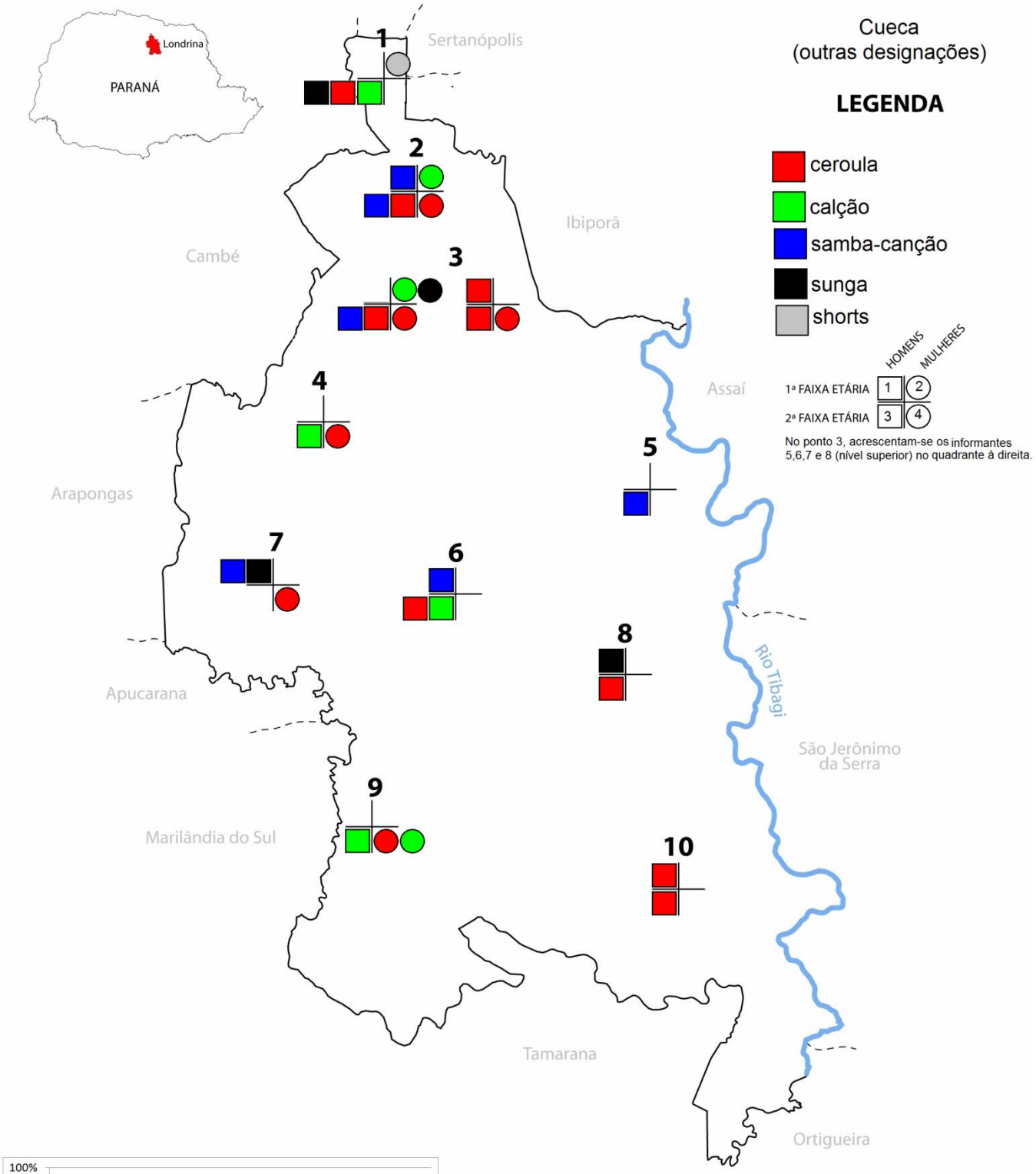
INF.- Tem *zorba* [ˈzɔɾbɐ], *sunga* [ˈsũgɐ], *cueca* [ˈkwɛkɐ]. (risos)
INQ.- *Zorba* e *cueca* tem diferença?
INF.- *Zorba* e *cueca*?
INQ.- É.
INF.- Acho que não, mais *sunga* né.
INQ.- Qual é a *sunga*?
INF.- A sunga é aquela tipo um *short*.

08/3

INF.- *Ciroula* [siˈɾowlɐ], *cueca* [kuˈɛkɐ], *zorba* [ˈzɔɾbɐ].
INQ.- Usa mais qual?
INF.- Mais *zorba*, né. Agora é, antigamente era *cueca* [ˈkwɛkɐ], mais hoje é zorba.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 40 B



Cueca
(outras designações)

LEGENDA

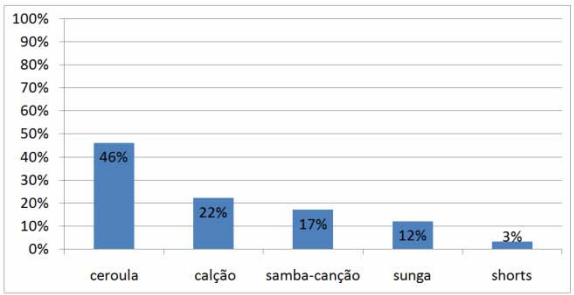
- ceroula
- calção
- samba-canção
- sunga
- shorts

HOMENS MULHERES

1ª FAIXA ETÁRIA 1 2

2ª FAIXA ETÁRIA 3 4

No ponto 3, acrescentam-se os informantes 5,6,7 e 8 (nível superior) no quadrante à direita.



N

ESCALA

0 5 10 Km

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 41

Pergunta do questionário linguístico: QSL 050: Como se chama aquele calçado de pano e sola de corda que a gente usava antigamente? (mostrar figura)
Cartas coincidentes: EALLO 38; ALPR 80.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[saˈpatʊ]	[sapaˈtʃiʎɐ]	[awpaɾˈgatɐ] [awpaɾˌgatɐˈxɔdɐ]	[awpaɾˈgatɐ] [paraˈgatɐ]
2	[sapaˈtɐ̃w̃]	[muˈlɛkɐ]	[awpaɾˌgatɛsˈrɔdɐ]	[awpaɾˈgatɐ]
3	[sapaˈtʃiʎɐ]	[sɐ̃ˈdaʎɐ] [sapaˈtʃiʎɐ]	[paraˌgatɐˈxɔdɐ] [paraˈgatɐ]	[paraˈgatɐ] [awpaɾaˈgatɐ] [paɾˈgatɐ]
4	[ˈsɐ̃ˈdaljɐ]	não soube	[paraˈgatʊ]	[paraˈgatʊ] [ˌpɛdʒɪkaˈʃoxʊ]
5	não soube	[sapɐˈtʃiʎɛs]	[paraˈgatɐ]	[aɾpaɾˈgatɐ] [paɾˈgatɐ]
6	[sapaˈtʃiʎɐ]	[saˈpɛkɐ] [saˌpatʊkoˈmũ]	[awpaɾˈgatɐ] [ˌsɛkɐˈpɔsɐ] [ɪsˌpajɐˈbɔstɐ]	[paraˈgatɐ]
7	[sapaˈtʃiʎɐ]	[meˈlisɐ] [sapaˈtʃiʎɐ]	[awpaɾˈgatɛs]	[paraˈgatɐ]
8	[ˈsɐ̃daljɐ]	[sapaˈtʃiʎɐ]	[opaɾaˈgatɐ]	[ˌkomɪkiˈɛtʊ] [ˌpɛdʒɪkaˈʃoxʊ]
9	[sapaˈtʃiʎɐ]	[sapaˈtʃiʎɐ]	[pɾaˈgatɐ] [paraˈgatɐ]	[paraˈgatɐ]
10	[sapaˈtʃiʎɐ]	[sapaˈtʃiʎɐ]	[upaɾˈgatɐ]	[paraˈgatɛs]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3		[awpaɾˈgatɐ]	[awpaɾˌgatɛsˈxɔdɐ] [awpaɾˌgatɛsˈxɔdɐ]	[awpɐɾˈgatɛs]

Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *sapato; sapato comum; sapatão; moleca ; seca poça; espalha bosta; melissa; come quieto; pé-de-cachorro.*

Notas:

01/4
INF.- Usei muito, *alpargata* [awpaɾˈgatɐ].
INQ.- Hoje em dia já não tem mais?
INF.- Não, num se vê, né.
INQ.- Não. E tinha?
INF.- É.
INQ.- Tem outro nome que dá para isso aqui?
INF.- Os mais chique falava *alpargata*. O povão da roça memo falava *paragata* [paraˈgatɐ].
INQ.- E a senhora usava qual?
INF.- *Paragata*.
INQ.- Vamos ver se a senhora é mais chique ou... (risos)
INF.- (risos) *Paragata*.
INQ.- Usava mais *paragata*?
INF.- É *paragata*, quando fazia muito frio pa í (= para ir) na roça, tudo, né.
INQ.- É.

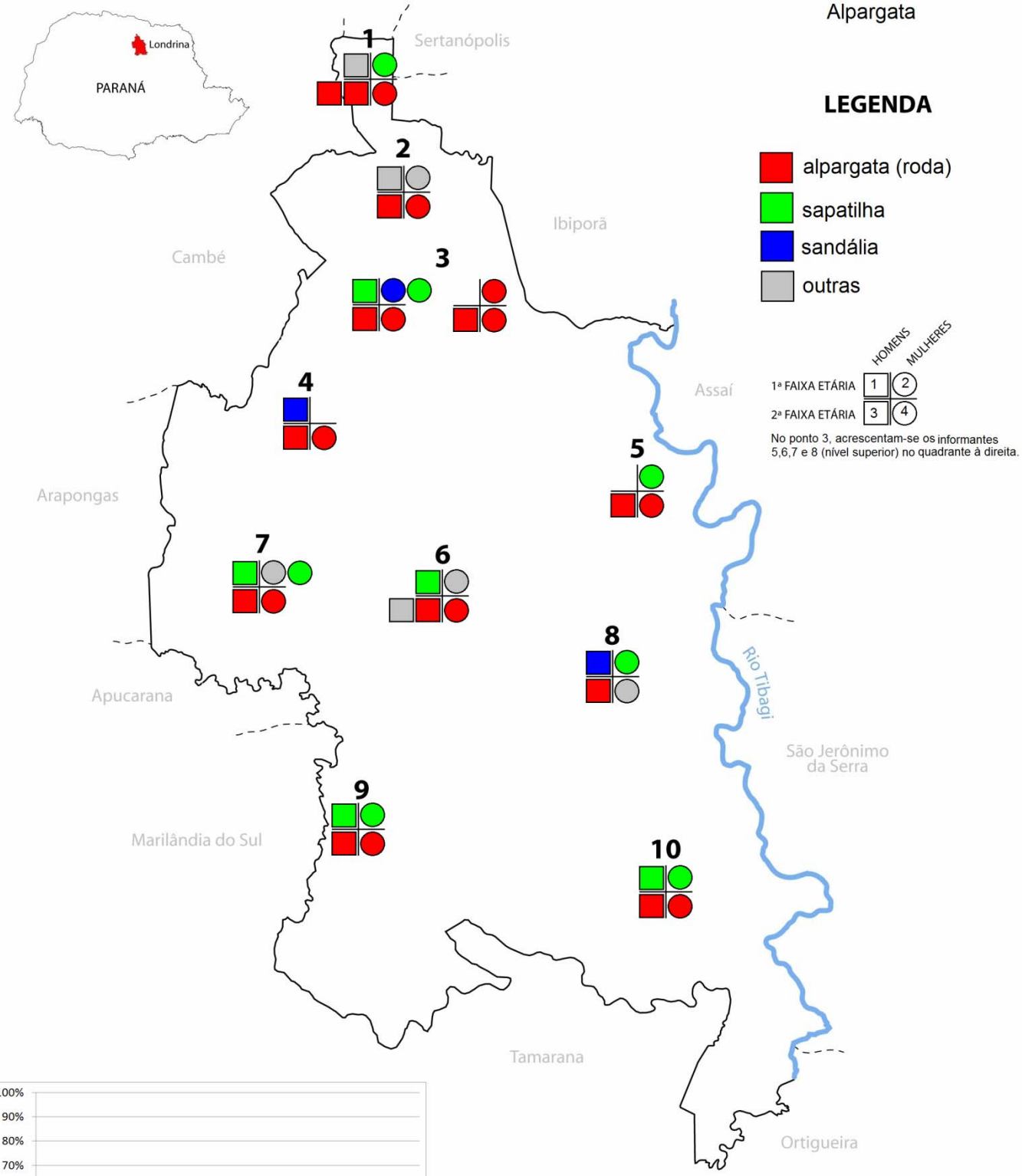
04/4
INF.- *Paragato* [paraˈgatʊ].
INQ.- Isso mesmo. Tem outro nome?
INF.- Meu pai falava *pé-de-cachorro* [ˌpɛdʒɪkaˈʃoxʊ].
INQ.- Por quê?
INF.- Por causa que tinha esses fio embaixo. “Pega meu *pé de cachorro* lá fia”. (risos)

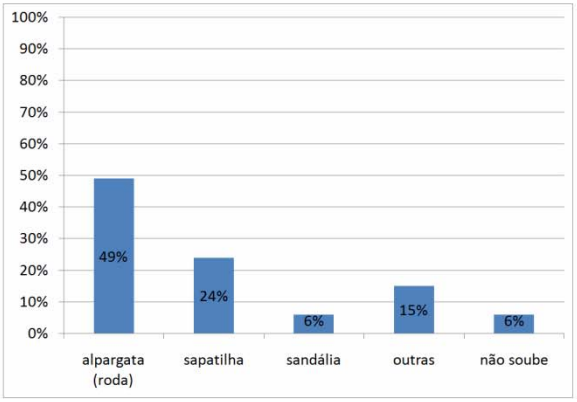
09/3
((teste de identificação))
INF.- Ah, não alembro não!
INQ.- O senhor não ouviu falar de *pargata*?
INF.- É, tinha *pragata* [pɾaˈgatɐ].
INQ.- Como que é?
INF.- *Paragata* [paraˈgatɐ].
INQ.- Era desse jeito aqui? ((mostra figura))
INF.- Não, era ma... não tinha essas corda não, só enfiava no pé fei (= feito) de pano.
INQ.- Poderia ser do outro jeito aqui? ((mostra figura))
INF.- É, do jeito aqui. Chamado de *paragata*.

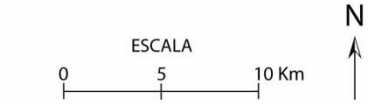
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 41

Alpargata







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 42

Pergunta do questionário linguístico: QSL 046: Para tirar água do poço, a gente usa um balde amarrado numa corda que é enrolada em um pau. Como é o nome desse pau?
Cartas coincidentes: EALLO 41; ALPR 85.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não formulada	não soube	[saˈɾiʎʊ]	[saˈɾiw]
2	[mɐ̃ˈdɾiw]	não soube	[saˈɾiʎʊ]	[saˈxiw]
3	não soube	não soube	[kɐ̃ˈbitʊ]	[izmiˈɾiʎʊ]
4	não soube	não soube	[saˈliɾʊ]	[saˈɾiʎʊ]
5	não soube	não soube	[saˈxiw] [kɐ̃ˈbitʊ]	[siˈl̃idɾʊ]
6	[saˈɾiw]	não soube	[saˈɾiw]	não soube
7	[mɐ̃niˈvɛlɐ]	não soube	[kɐ̃ˈbitʊ][saˈɾi]	[kɐ̃ˈbitʊ] [siˈɾilʊ]
8	não soube	[mɐ̃niˈvɛlɐ]	[saˈɾiw] [zaˈɾiw]	não soube
9		[siˈl̃idɾʊ]	[saˈɾi]	[siˈl̃idɾʊ] [siˈɾilʊ] [kɐ̃ˈbitʊ]
10	[saˈɾiw]	[mɐ̃niˈvɛlɐ]	[saˈɾiw]	[saˈɾiʎʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	não soube	[saˈɾiw] [saˈɾiʎʊ]

Obs.: O item *outras* representa as variantes que tiveram ocorrência única: *esmerilho; mandril.*

Notas:

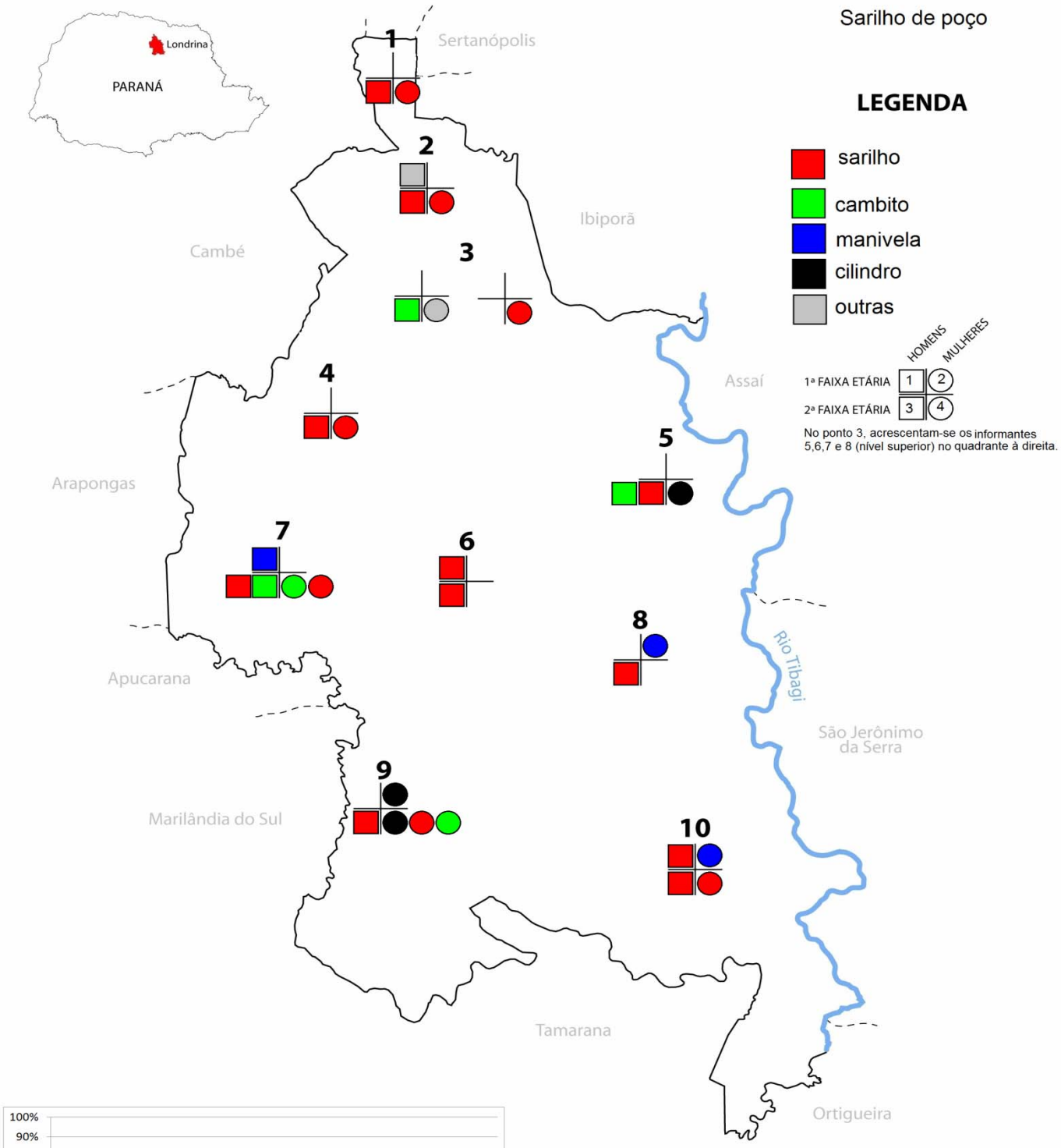
02/1

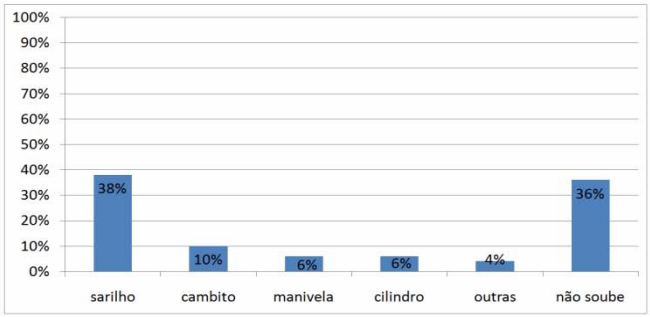
INF.- Man... *Mandril* [mɐ̃ˈdɾiw], *mandril* eu acho.
INQ.- Pode ser, mais algum?
INF.- É lá.
INQ.- (inint.) Rodado no pau.
INF.- É rodava aquela lavage ali cu rolemã ali.
INQ.- Rodava.
INF.- O povo tem um motor, bomba, né, joga lá no fundo lá. (inint.)
INQ.- Mas antigamente aquele pau chamava mandril?
INF.- *Mandril*. Acho que é *mandril*.

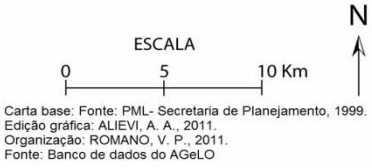
08/1
((teste de identificação))
INF.- Como é o nome disso? Ah, eu sei sabe, mas na hora não lembro, é difícil. Ah não sei, ta difícil.
INQ.- *Sarilho*?
INF.- Não, não é isso não.
INQ.- *Cambito*?
INF.- Também não.
INQ.- *Manivela*?
INF.- É o mais comum, *manivela* [mɐ̃niˈvɛlɐ]. Eu já ouvi essa, né.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 42







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 43

Pergunta do questionário linguístico: QFF 013: Como se chama aquela sujeira que só sai do feijão depois de batido quando se abana?
Cartas coincidentes: EALLO 40; ALPR 84.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[muˈĩɲɐ]	[ˈmuɲɐ] [ˈpɔ]	[ˈpaʌ̃ɐ] [ˌpaʌ̃ɐdʊfeˈʒɐ̃w̃]
2	[ˈpajɐ][ˈpaʌ̃ɐ]	não soube	[ˈmũɲɐ]	[ˈmũɲɐ]
3	não formulada	[ˈkaskɐ]	[ˌpɔdʒɪˈmujɐ] [ˈpajɐ]	[ˈpaʌ̃ɐ]
4	[ˈsiskʊ]	[ˈsiskʊ]	[ˈmũɲɐ]	não formulada
5	não soube	não soube	[ˈpajɐ] [ˈmũɲɐ]	[ˈsiskʊ] [ˈpaʌ̃ɐdʒɪfeˈʒɐ̃w̃] [basˈkujʊ]
6	[ˈsiskʊ] [ˈpaʌ̃ɐdʒɪfeˈʒɐ̃w̃] [basˈkujʊ]	[ˈpaʌ̃ɐ]	[ˈmũĵɲɐ]	[puˈerɐ] [poˈerɐ] [ˈtɛxɐ]
7	[ˈmũɲɐ]	[ˈmũɲɐ]	[ˈmuɲɐ]	[ˈmũɲɐ]
8	[puˈerɐ]	[ˈmumʊ]	[ˈpaʌ̃ɐ] [muˈĩɲɐ]	[ˈmũɲɐ]
9	não soube	[ˈpaʌ̃ɐ]	[ˈmũɲɐ]	[ˈpaʌ̃ɐ] [ˈmũɲɐ]
10	[ˈpaʌ̃ɐ] [ˈmũˈɲɐ] [ˈmũjɐ]	[ˈmũɲɐ]	[ˈmũɲɐ]	[ˈpaʌ̃ɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[ˈpɔ]	[ˈpɔ] [ˈkaskɐ]

Obs.: O item outras representa as seguintes variantes: *cisco* (três ocorrências); *casca* (duas ocorrências); *poeira* (duas ocorrências); *resto, terra, bascuio, mumo* (ocorrência única).

Notas:

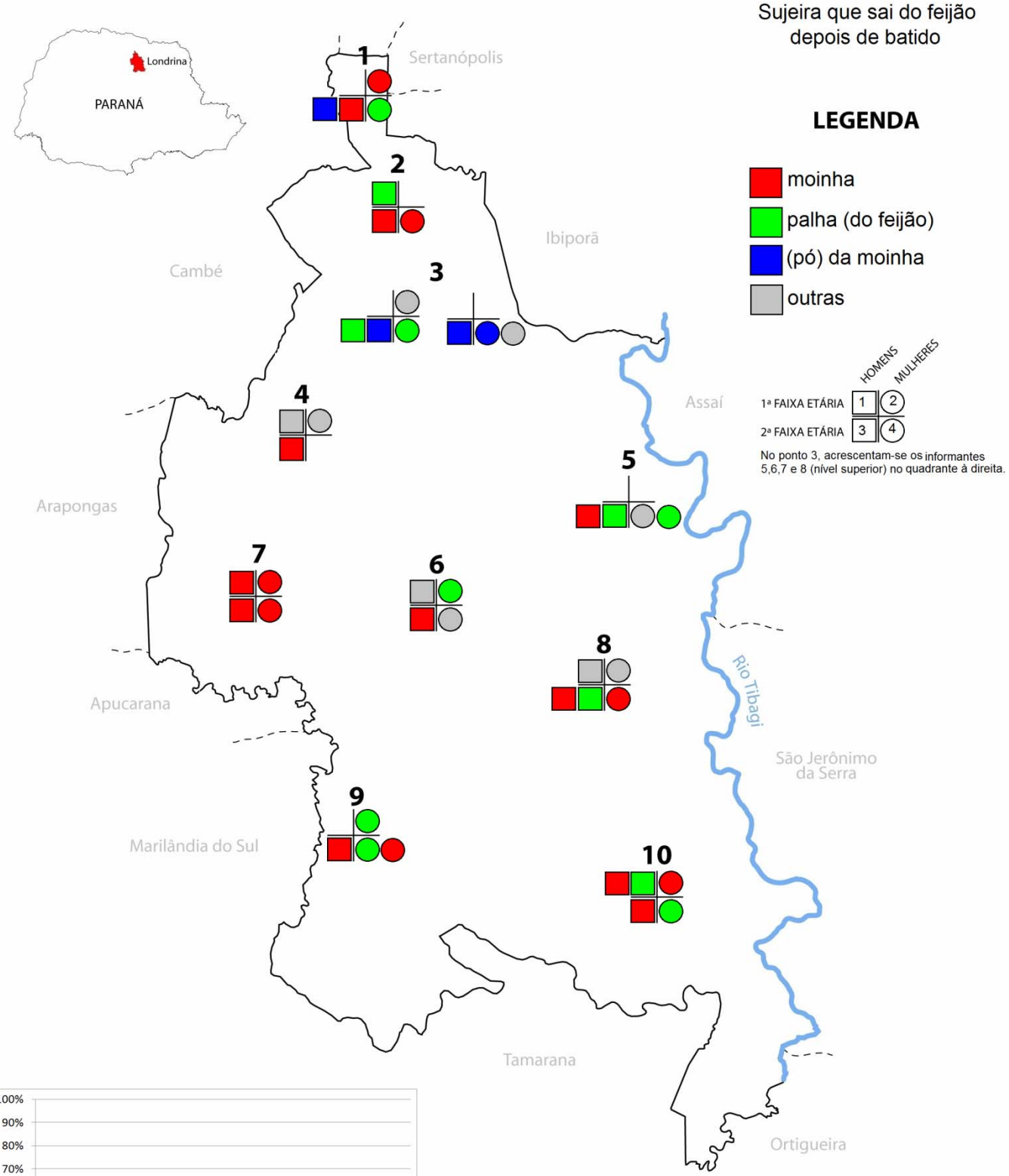
05/3
INF.- *Paia* [ˈpajɐ].
INQ.- Como é?
INF.- *Paia*.
INQ.- Tem mais outro nome?
INF.- Acho que não, né. *Munha* [ˈmũɲɐ], uns fala *munha*.
INQ.- É a mesma?
INF.- É a mesma.
INF.- Mas o senhor usa mais qual?
INF.- A *paia* é essa mais grossa, né. A ota, *munha* é aquela que cê passa e fica na pinera, né. Ela passa junto com ele aí se bana, né.
INQ.- Ah, sim.
INF.- Eu abanei muito fejão, ixi!

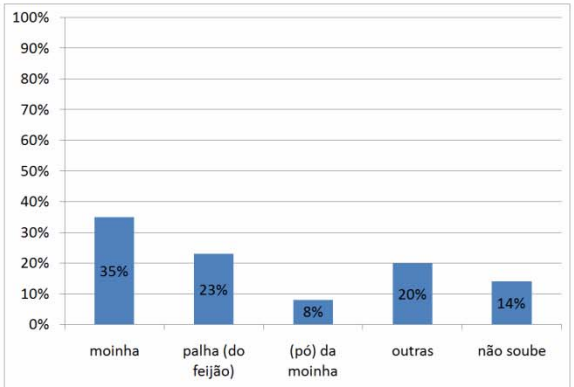
09/1
((teste de identificação))
INF.- Tamém não lembro o nome. Ixi, isso daí é antigo demais.
INQ.- É?
INF.- Hoje em dia, o pacotinho ali nem sujera tem (risos).
INQ.- *Munha* você não conhece?
INF.- Hã?
INQ.- *Munha*.
INF.- É *munha* [ˈmũɲɐ] o nome do (= dou)... aí, oh, agora eu sei.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 43

Sujeira que sai do feijão depois de batido





Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 44

Pergunta do questionário linguístico: QSL 037: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte enterrada. Como se chama essa parte que fica na terra?
Carta coincidente: ALPR II 298.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	[xa'is]	[so'kerɐ]	[to'serɐ] ['sɔkɐ]
2	['talʊ]	não soube	[to'serɐ]	[so'kerɐ] [to'serɐ]
3	[xa'is]	não soube	[so'kerɐ]	[xa'is] [ra'is]
4	[xa'is]	não soube	[so'kerɐ]	['brotʊ]
5	[xa'is]	não soube	[so'kerɐ]	[so'kerɐ]
6	['brotʊ]	[xa'is]	['sɔkɐ]	não soube
7	['sɔkɐ]	[xa'is]	[to'serɐ]	['sɔkɐ]
8	não soube	['brotʊ]	[so'kerɐ] ['brɔtɐs]	[so'kerɐ]
9	['brotʊ]	['brɔtɐ]	[so'kerɐ]	['tokʊ] ['mudɐ] [xa'is]
10	não soube	[xa'is]	[so'kerɐ]	[so'kerɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[to'serɐ]	[tow'sejrɐ] [to'serɐ]

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *talo; toco; muda.*

Notas

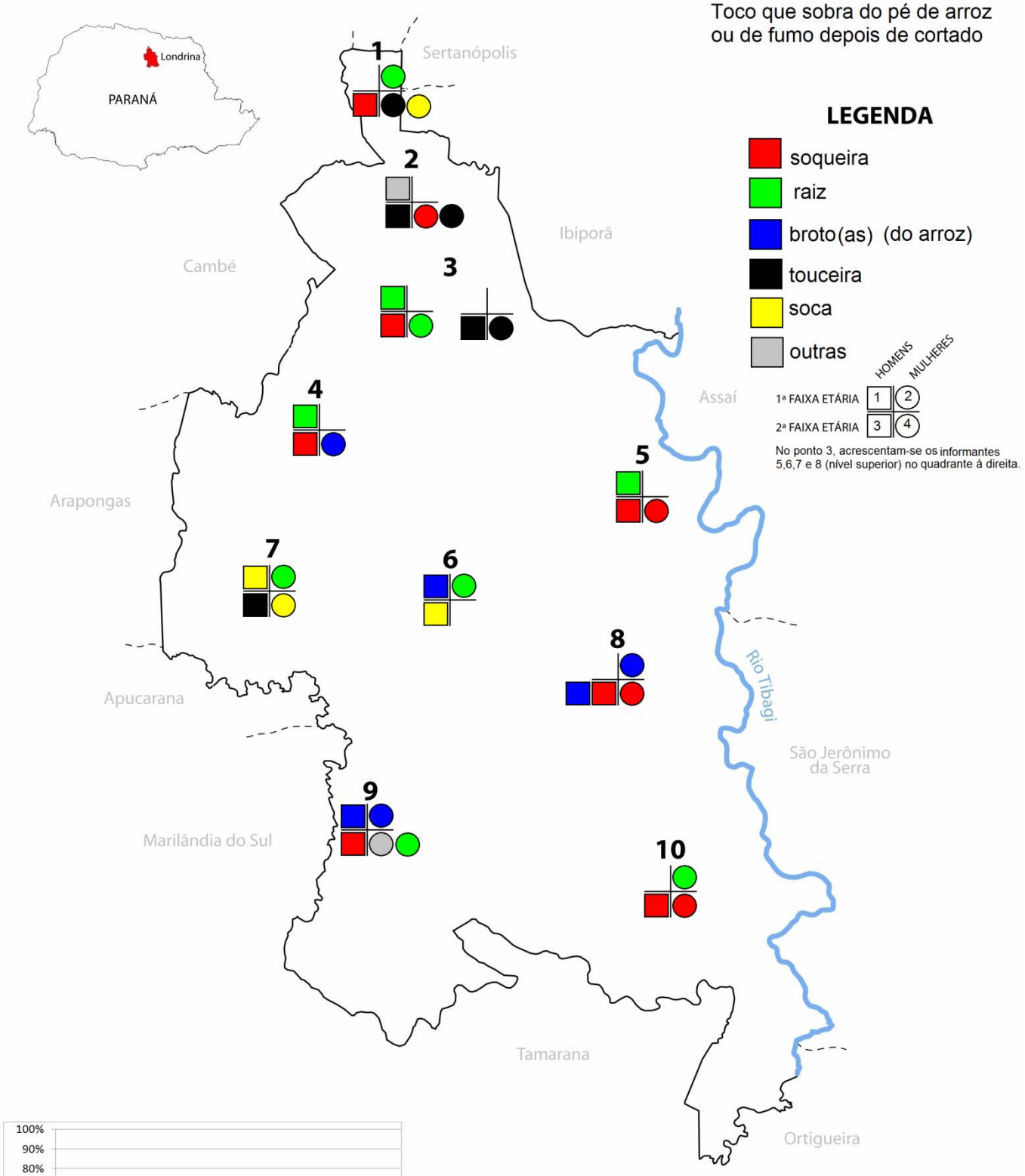
02/4
((influência de circunstante))
INF.- *Soquera* [so'kerɐ].
INQ.- Tem mais algum?
CIRC.- *Tocera*.
INF.- *Tocera* [to'serɐ], não é *tocera*.
INQ.- A senhora usa mais qual?
INF.- Nem sei, nem lembro mais.
INQ.- Mas a senhora conhece as duas palavras?
INF.- Conheço.

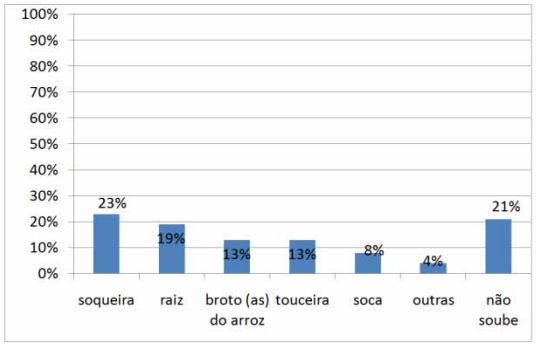
03/3
((influência de circunstante))
CIRC.- *Soquera*.
INF.- A *soquera* [so'kerɐ] do arroz.
INQ.- Nasce de novo aquilo lá?
INF.- Conforme o lugá que tivé ela nasce de novo, se tivé uma água suficiente pra ela brota ela nasce de novo.
INQ.- como é o nome mesmo?
INF.- *Soquera*

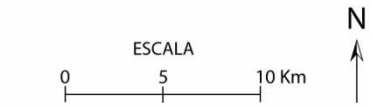
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 44

Toco que sobra do pé de arroz ou de fumo depois de cortado







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 45

Pergunta do questionário linguístico: QFF 036: Como se chama aquela espiga de milho que quase não tem grãos?
Cartas coincidentes: EALLO 39; ALPR 81.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	não soube	não soube	[xas'tojʊ]	['ʃoʃɐ] [xes'toʎʊ]
2	não soube	não soube	[is,pigɐfa'ʎadɐ]	[ĩge'ɾĩ] [xas'tojʊ]
3	não soube	não soube	[gi'ɾi]	não soube
4	não soube	não soube	[xas'tojʊ]	['xalʊ] [fa'ʎadʊ] [xes'toj] [xes'tojʊ]
5	não soube	[ĩ'giɾɐ]	[xas'toj]	não soube
6	[ka,besɐdʒɪma'kakʊ] [xe'fugʊ] [miʎʊ'frakʊ]	não soube	['gɾĩ]	[mĩ'go]
7	['fa'ʎadɐ]	não soube	[fa'ʎadɐ]	[xes'tojʊ]
8	não soube	não soube	[xes'toʎʊ]	[,miʎʊfa'ʎadʊ]
9	não soube	[gɾi'lĩ] [gɾe'lĩ]	[xes'tojʊ] [xes'toʎʊ]	[gi'ɾĩ] [xes'tojʊ] [ĩ'giɾĩ]
10	não soube	[gi'ɾĩ]	[mĩgwɛ'ɾĩɲɐ] [xes'tojʊ]	[fa'ʎɐdʊ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	não soube	[xas'toʎʊ]	[bu'nɛkɐ]

Obs.: O item outras representa as variantes que tiveram ocorrência única: *cabeça de macaco; milho fraco; boneca; chocho; refugo; ralo; 'mingô'; minguerinha.*

Notas:

04/4
((teste de identificação))
INQ.- Mas a gente chamava também de *restoi*?
INF.- Restoi [xes'toj] né, *restoi* tamém. Falava *restoio* [xes'tojʊ], é *restoio* mesmo.

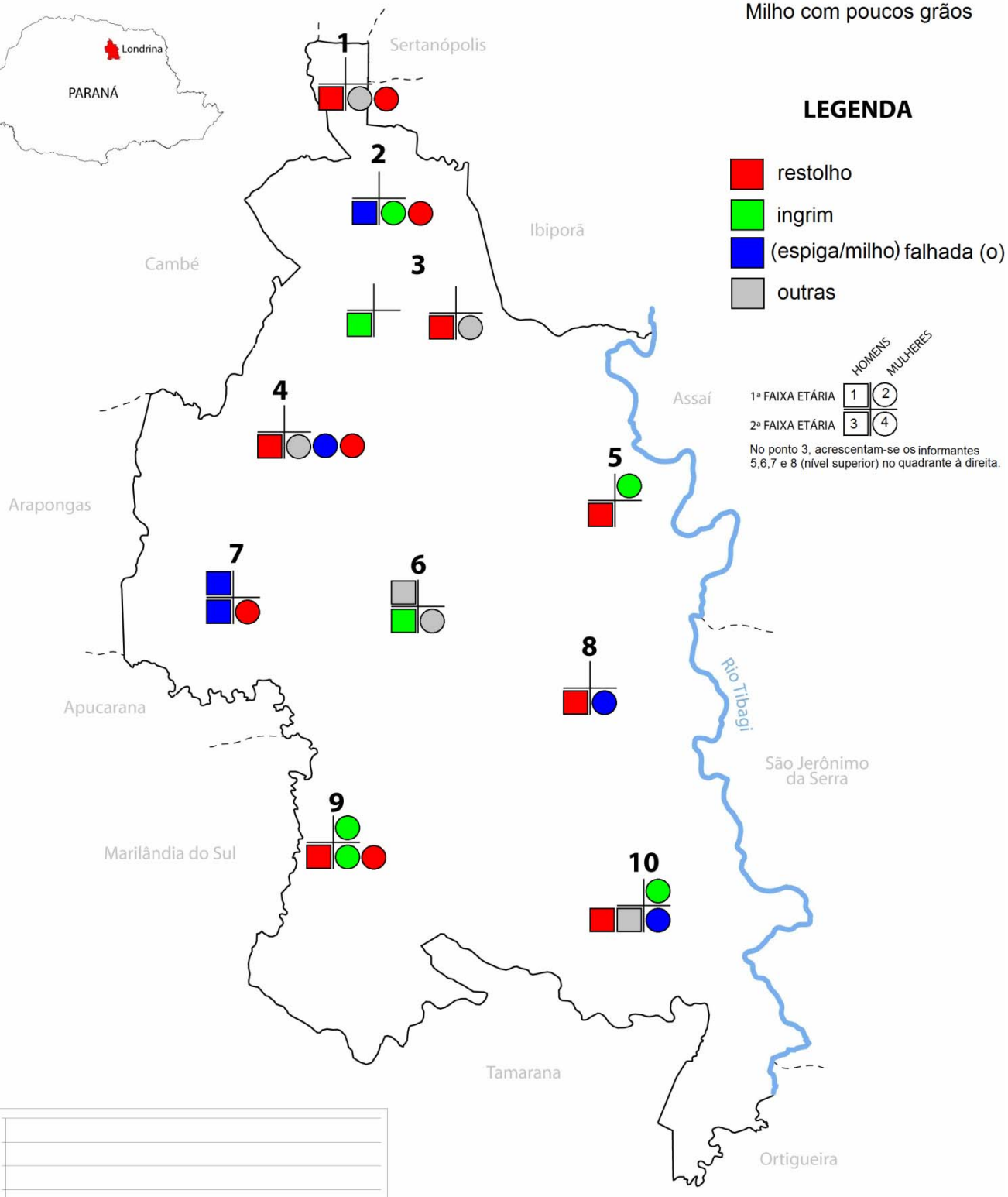
09/4
((teste de identificação))
INF.- *Guirim* [gi'ɾĩ]?
INQ.- Pode ser também. A senhora já ouviu falar em *restolho*?
INF.- É *restoio* [xes'tojʊ], *inguirim* [ĩ'giɾĩ].
INQ.- Mesma coisa?
INF.- É. É um só, é uma palavra só, é uma coisa só. (risos)

10/3
((teste de identificação))
INQ.- Não lembrou? Restolho...
INF.- *Restoio* [xes'tojʊ].
INQ.- Pode ser?
INF.- Esse é o *restoio*, pode ser o *restoio*.
INQ.- Pode ser?
INF.- Porque tem a boneca, né. Daí, depois quando ele grana fica só aquele poquinho, é o *restoio*.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 45

Milho com poucos grãos



LEGENDA

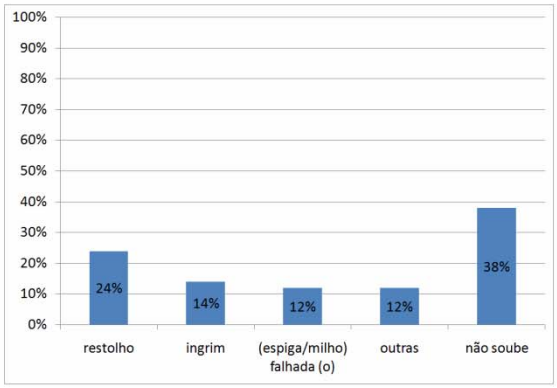
- restolho
- ingrim
- (espiga/milho) falhada (o)
- outras

HOMENS MULHERES

1ª FAIXA ETÁRIA 1 2

2ª FAIXA ETÁRIA 3 4

No ponto 3, acrescentam-se os informantes 5,6,7 e 8 (nível superior) no quadrante à direita.



N

ESCALA

0 5 10 Km

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 46

Pergunta do questionário linguístico: QSL 096: Como se chama aquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida que as crianças, quando tem vento, soltam nos céus e ficam segurando?
Cartas coincidentes: EALLO 43; ALPR 87.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaju]
2	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaju]	[papa'gaju]
3	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaj]
4	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]
5	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]
6	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaju]
7	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaj]
8	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]
9	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaj]	[papa'gaju]
10	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]	['pipɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	['pipɐ]	['pipɐ]	[papa'gaju]	['pipɐ]

Obs.: Nesta carta, optamos por representar apenas a primeira resposta dos informantes. Entretanto, obtivemos como segunda e terceira respostas as seguintes variantes: *papagaio* (27 ocorrências); *pipa* (sete ocorrências); *maranhão* (cinco ocorrências); r*atinho, cata-vento, capuxeta, arara* (ocorrência única).

Notas:

02/4

INF.- *Papagai*..., *pipa* ['pipɐ]. *Papagaio* [papa'gaju].
INQ.- Tanto faz?
INF.- *Papagaio* é mais antigo, a *pipa* é mai nova.
INQ.- Hoje em dia eles falam mais *pipa*?
INF.- *Pipa*.

04/3

INF.- *Pipa* ['pipɐ], *papagaio* [papa'gaju] nóis falava.
INQ.- E é a mesma coisa?
INF.- Nói falava *papagaio* antigamente, mas o normal agora é *pipa*.

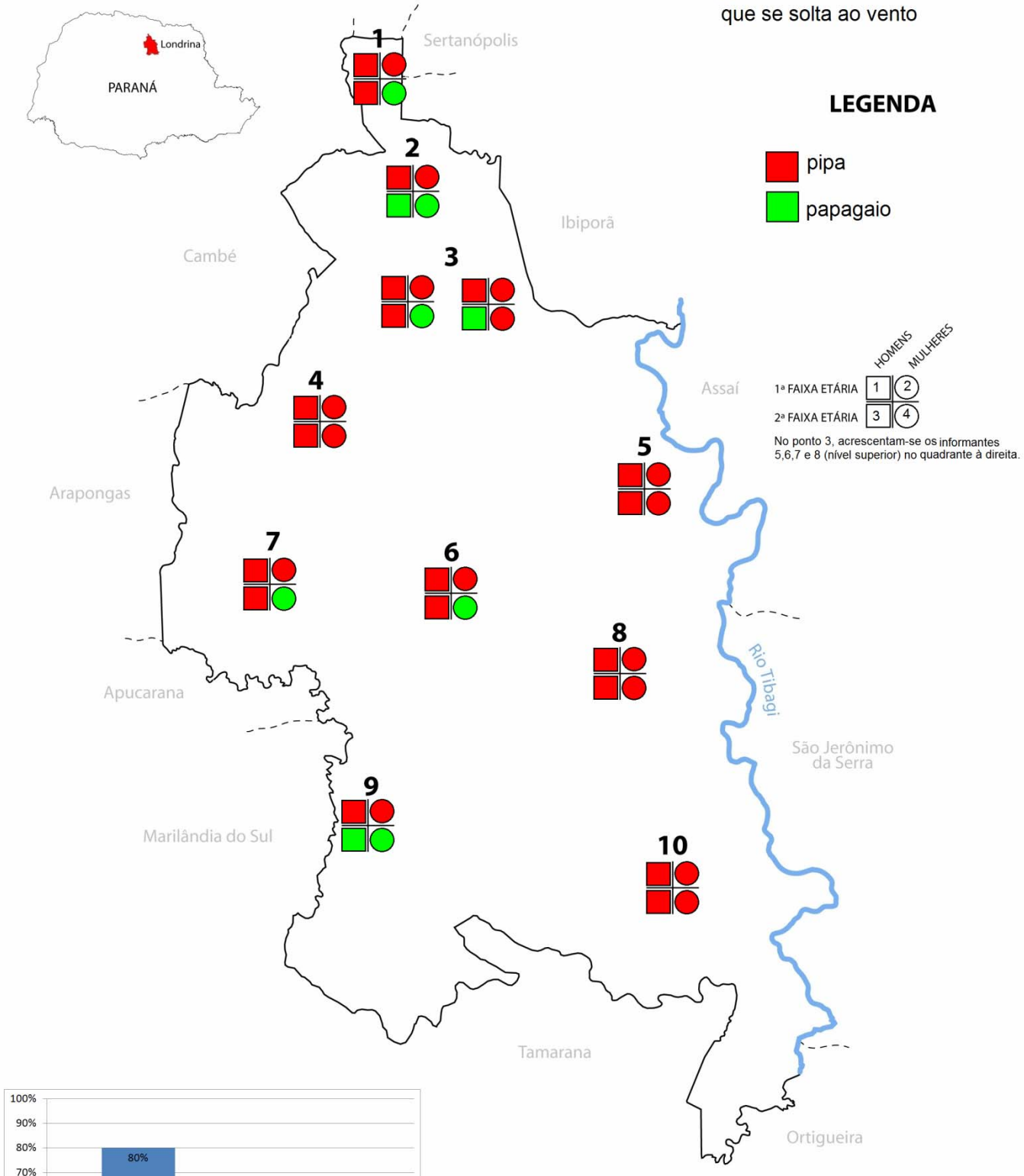
09/3

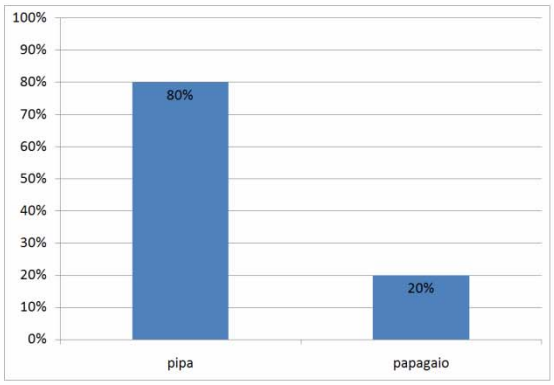
INF.- A *papagai* [papa'gaj], né, *pipa* ['pipɐ], né.
INQ.- É a mesma coisa?
INF.- É mema coisa.
INQ.- Mas usa mais qual?
INF.- Agora é *pipa* de primeiro era *papagai*, né.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 46

Briquedo feito de papel e varetas que se solta ao vento





ESCALA
0 5 10 Km

N

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 47

Pergunta do questionário linguístico: QSL 094: Como se chamam aquelas bolinhas de vidro que as pessoas usam para brincar?
Carta coincidente: ALPR II 311.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]	[ˌbɔlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]	[bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]
2	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]	[bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]	[buɾˈkĩɲɐ]
3	[buɾˈkĩɲɐ]	[boˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]	[buɾˈgiɲɐ]	[bɔˌlĩɲɐdɪˈvidɾu]
4	[buɾˈkiɲɐ]	[bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]	[buˈkĩɲɐ]	[ˌbɔlɐdʒɪˈgudʒɪ]
5	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]
6	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩ̃jɐ]	[ˈbɔlɐdʒɪˈgudʒɪ]	[buɾˈkĩɲɐ]
7	[buɾˈkiɲɐ]	[ˈbuɾkɐ]	[ˈbɔlĩɲɐdʒɪˌvidɾu]	[bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]
8	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]	[bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]	[buɾˈkĩɲɐ]
9	[buɾˈkĩ̃jɐ]	[buɾˈkiɲɐ]	[buˈlĩɲɐdʒɪˈvidɾu]	[buɾˈkiɲɐ]
10	[buɾˈkĩɲɐ]	[buɾˈkĩɲɐ]	[ˌbɔlĩɲɐdɪˈvidu]	[bɔˌliɲɐdʒɪˈgudʒɪ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˌbɔlɐdʒɪˈgudʒɪ]	[bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ]	[ˌbɔlɐdʒɪˈgudʒɪ]	[bɔˌliɲɐdʒɪˈgudʒɪ]

_____
Obs.: Nesta carta, optamos por representar a variante que o informante mais utiliza, pois demonstram conhecer mais de uma variantes para denominar o referente. Obtivemos como segunda e terceira respostas as seguintes variantes: *bolinha de vidro* (10 ocorrências); *bolinha de gude* (nove ocorrências); *burquinha* (*cinco ocorrências); bolinha de crica; bolinha de burca* e*; burca* (ocorrência única)..

Notas

01/4

INF.- *Bolinha de gude* [bɔˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ].
INQ.- Tem outro nome para *bolinha de gude*?
INF.- De vidro, né, *bolinha de vidro* [bɔˌlĩɲɐdʒɪˈvidɾu] falava, depois que...
INQ.- Você falava mais qual?
CIRC.- *Burquinha*.
INF.- A época nóis, que nóis era criança falava *bolinha de vidro*, vamo jogá *bolinha de vidro*. E mais era os minino que brincava, né, e robava tudo o outro quando ganhava, né.

03/2

INF.- *Bolinha de gude* [boˌlĩɲɐdʒɪˈgudʒɪ].
INQ.- Tem outro nome pra ele?
INF.- *Burquinha* [buɾˈkĩɲɐ].
INQ.- Qual você utilizava mais para falar?
INF.- As menina falava mais *bolinha de gude*, né.
INQ.- Você brincava também?
INF.- Tamem. (risos)
INQ.- Mas não é de menino?
INF.- Não. (risos) É meio a meio.

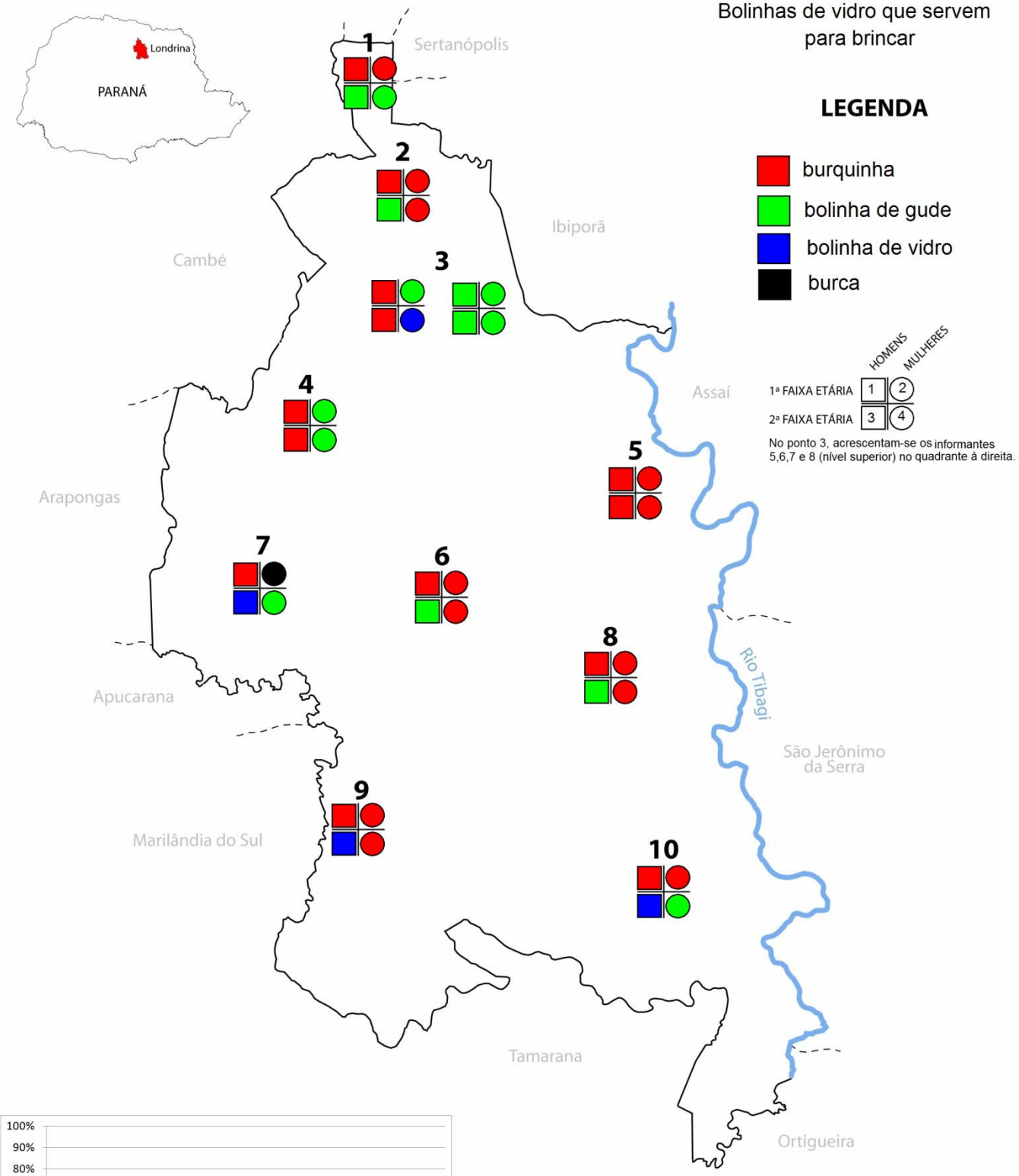
03/5

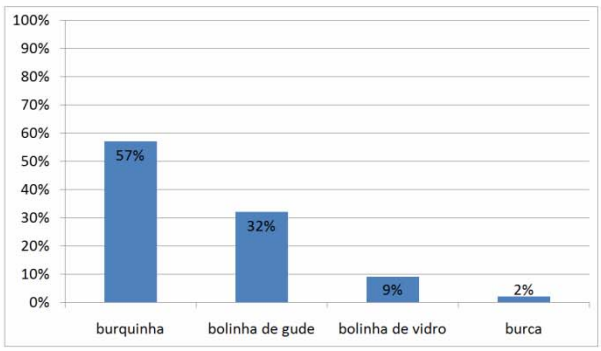
INF.- *Bola de gude* [ˌbɔlɐdʒɪˈgudʒɪ]?
INQ.- Mais algum?
INF.- *Burquinha* [buɾˈkĩɲɐ].
INQ.- Você usava mais qual?
INF.- *Bola de gude* [ˌbɔlɐdʒɪˈgudʒɪ].
INQ.- Que você ouvia falar *burquinha*?
INF.- Não sei, o pessoal da fazenda.

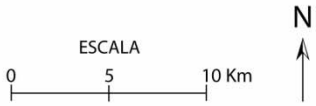
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 47

Bolinhas de vidro que servem para brincar







Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 48

Pergunta do questionário linguístico: QSL 095: Como se chama aquele buraquinho que as crianças fazem no chão para jogar a bolinha de vidro?
Cartas coincidentes: ALPR II 312.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[kaˈzĩɲɛ]	não soube	[biˈrɔkɛ]	[kɔˈvĩɲɛ]
2	[kɔˈvĩɲɛ]	não soube	[biˈrɔkɛ]	não soube
3	[biˈrɔskɛ]	[buˈrakʊ]	não soube	não soube
4	não soube	não soube	[biˈrɔkɛ]	[biˈrɔkɛ]
5	[biˈrɔkɛ]	[burɑˈkĩɲʊ] [kaˈzĩɲɛ]	[ˈbuɾkʊ]	não soube
6	[birɔˈkɛ]	não soube	[biˈrɔkɛ]	não soube
7	[biˈrɔkɛ]	não soube	[buˌrakʊdʒɪɾɔˌgaˈbuɾkɛ]	não soube
8	[birɔˈkĩɲɛ] [biˈrɔkɛ]	não soube	não soube	[burɑˈkĩɲʊ]
9	não soube	[biˈrɔkɛ]	[buɾˈkĩɲɛ]	não soube
10	não soube	não soube	[birɔˈkĩɲɛ]	não soube

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	não soube	[buɾˈkĩɲɛ]	[piˈrɔkɛ]	[kaˈziɲɛ]

Notas:

05/2
INF.- *Burco* [ˈbuɾkʊ] que eis falava, né.
INQ.- Burco é o buraquinho?
INF.- É, aí jogava a bolinha fazê os ponto, né.

07/3
INF.- A eles fala joga burca, *buraco de jogá a burca* [buˌrakʊdʒɪɾɔˌgaˈbuɾkɛ].
INQ.- Burca é o buraco?
INF.- É a bolinha de vidro, né.
AUX.- Ah, é a bolinha.
INF.- É, darandinha falava burca [ˈbuɾkɛ] tamem, né, não tinha lembrado mas é a de vidro.
INQ.- Aí a gente faz um buraquinho lá no meio, né.
INF.- É daí eles falava, vamo joga burca ai cê já sabia que era esse jogo, cada buraquinho lá, quatro, né.
INQ.- E o buraquinho tem um nome?
INF.- Não era o buraco de joga burca no causo.

07/4
INF.- Joga burca.
INQ.- O buraquinho tinha nome?
INF.- Num lembro se ele tinha nome, eu falava jogá burca, jogá burquinha.
INQ.- Você brincou?
INF.- Não.
INQ.- Era mais menino, né?
INF.- Era só pra menino home mais né.

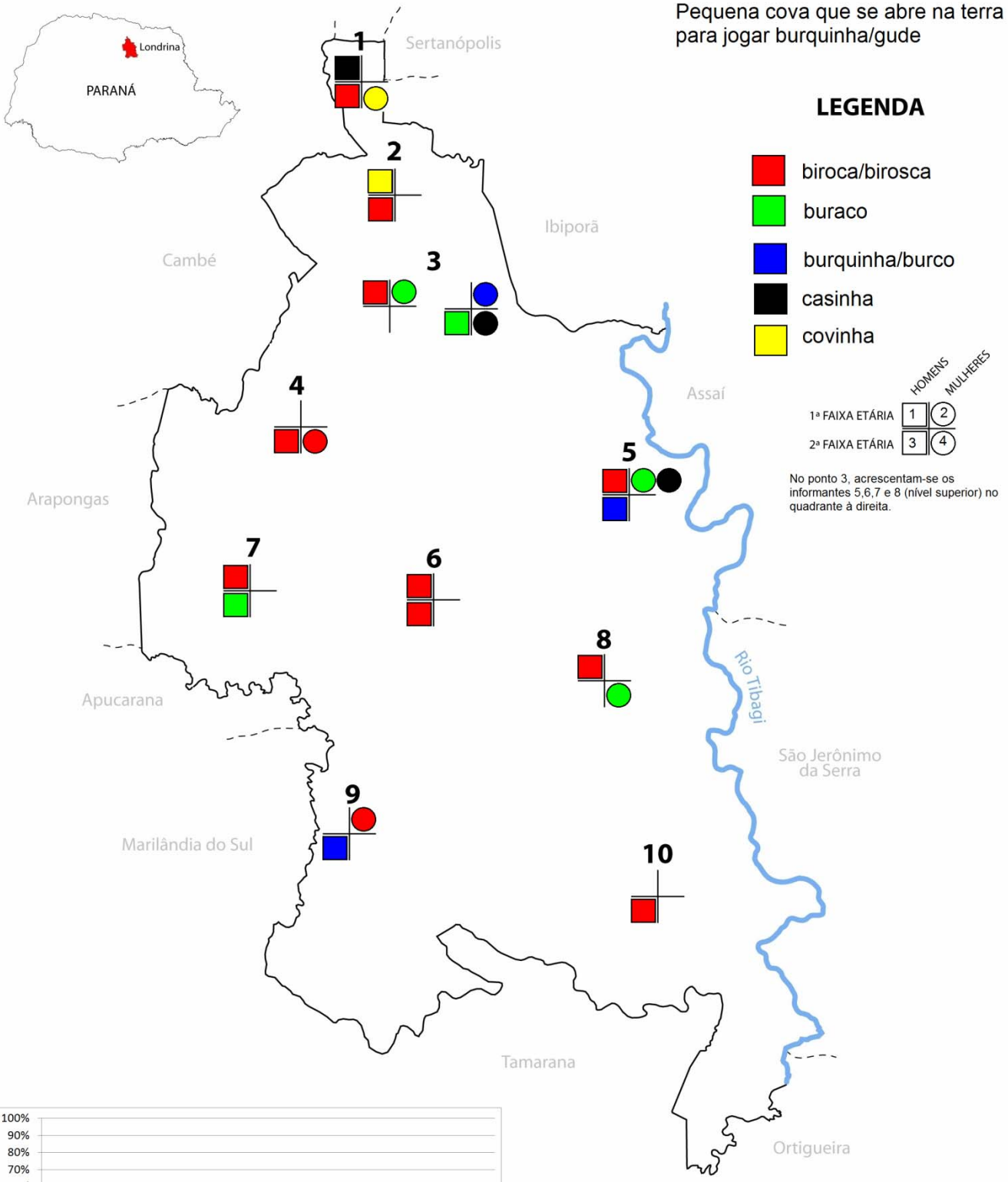
09/2
INQ.- *Biroca*.
INF.- É o que?
INQ.- *Biroca*.
INF.- *Biroca*, meu filho fala *biroca* [biˈrɔkɛ].
INQ.- Você não fala?
INF.- Não porque eu que eu nem presto atenção, muito, mai tem *biroca* a mulecada chama.
INQ.- Ta certo.

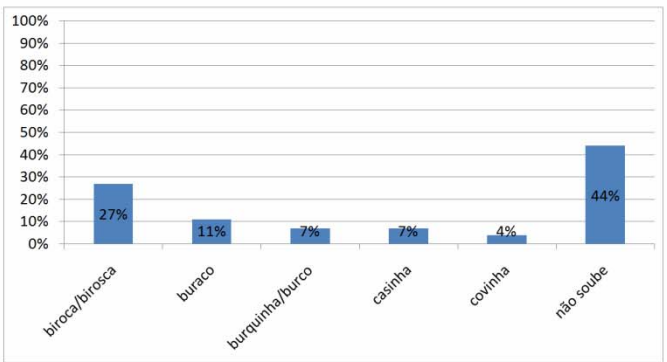
09/3
INF.- *Burquinha* [buɾˈkĩɲɛ], né.
INQ.-O buraquinho chamava isso? E a bolinha?
INF.- Bolinha de crica, bolinha de gude, né, bolinha de crica, bolinha de vidro [boˌlĩɲɛdʒɪˈvidrʊ].
INQ.- E o buraquinho a gente fala: - Ah, lá é a burquinha?
INF.- É. Pra jogá na *burquinha* lá.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 48

Pequena cova que se abre na terra para jogar burquinha/gude





ESCALA
0 5 10 Km

N

Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta Lexical 49

Pergunta do questionário linguístico: QSL 099: Como se chama aquela brincadeira que as crianças correm para que uma delas não as pegue. Se a criança for pega, ela é que passa a correr atrás das outras?
Cartas coincidentes: EALLO 45; ALPR 90.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[baˌte'biʃɐ] [baˌte'pikɪ]
2	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]
3	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	['pikɪ]	['pikɪ]
4	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ] [ba'ɾatɐ]
5	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	não soube	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	['pikɪ]
6	[ba'ɾatɐ] [aw'mẽtɐ]	não formulada	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	não formulada
7	não formulada	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	não formulada
8	não formulada	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ba'ɾatɐ] [isˌkõdʲɪs'kõdɪ] [ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]
9	['tʃiʎɐ] ['sawvɐ]	['tʃiʎɐ] [ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	['pikɪ]	não soube
10	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ba'ɾatɐ] [ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[isˌkõdʒɪs'kõdʒɪ] [ˌpɛgɐ'pɛgɐ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]	[ˌpɛgɐ'pɛgɐ]

_____

Obs.: O item *outras* representa as variantes de ocorrência única: *bate-bicha; bate- pique; aumenta* e *salva.*

Notas

03/4

INF.- *Pique* ['pikɪ].não é?! No sítio a gente brincava de pique, agora, só se mudou o nome aqui na cidade.

04/4

INF.- *Pega-pega* [ˌpɛgɐ'pɛgɐ]. Nóis falava *barata* [ba'ɾatɐ], vamo brincá de *barata*? Pega-pega hoje naquele tempo era *barata*.

08/3

INF.- Uns chama *barata* [ba'ɾatɐ], otos (= outros) chama... tem oto nome tamém nói chamava de *barata*, ou *esconde-esconde* [isˌkõdʲɪs'kõdɪ], né. Pega, otos chamava de *pega-pega* [ˌpɛgɐ'pɛgɐ], alguma coisa assim.
INQ.- Tudo é o mesmo?
INF.- É, tudo é o mesmo.
INQ.- Esconde-esconde não é aquela lá que tem que tampar e correr?
INF.- Não, não, aí puque (= porque) pega-pega um esconde pra otro pega, né, correndo, é mais ou meno umas coisa assim.
INQ.- E tem um lugar combinado onde você rela e não está.
INF.- Exatamente é, é.

09/1

INF.- *Tilha* ['tʃiʎɐ], *salva* ['sawvɐ].
INQ.- Esse pode ser chamado de *salva*?
INF.- É.
INQ.-E tem algum lugar combinado que se relar está salvo?
INF.- Geralmente, tem. Um poste ou um... uma parede, uma árvore.

INQ.- Nós chamamos isso de que?
INF.- *Pique*.
INQ.- Mas você usava mais qual? *Tilha* ou *salva*?
INF.- Usava mais *salva* ['sawvɐ].

09/2

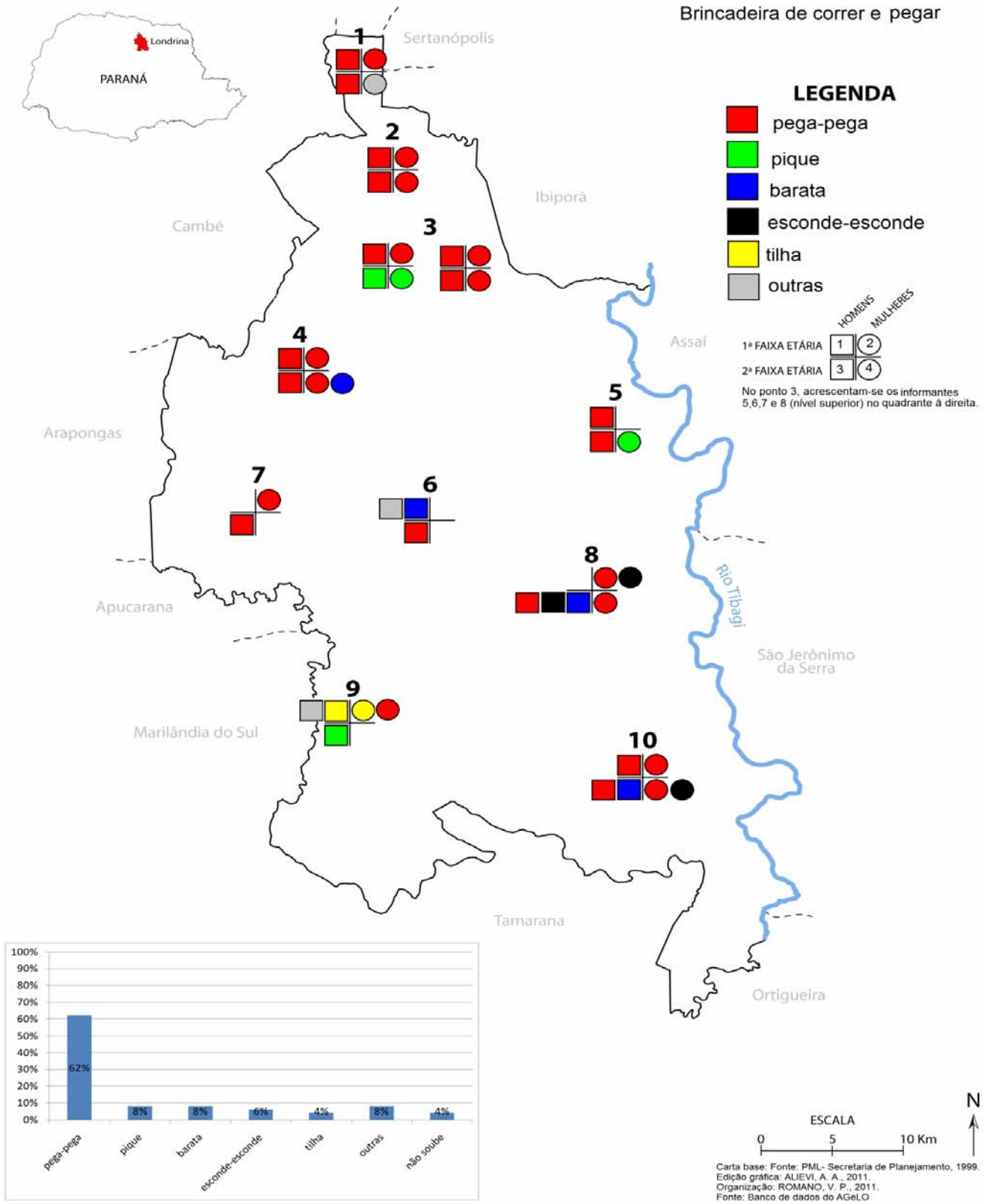
INF.- *Tilha* ['tʃiʎɐ]?
INQ.- Como é?
INF.- *Tilha*.
INQ.- É esse o nome?

INF.- É, uma brincadera chamada tilha *pega-pega* [ˌpɛgɐ'pɛgɐ].
INQ.- É a mesma coisa?
INF.- É mesma coisa.
INQ.- E você usava mais qual?
INF.- Tilha, na escoa era tilha.
INQ.- E tem algum lugar combinado que você rela lá e está salvo?
INF.- É o pique.
INQ.- Mas no *pega-pega* ou *tilha* tem o pique?
INF.- Tem.

10/3

INF.- *Barata* ?
INQ.- Tenho que correr atrás do senhor e relar. Se eu relar no senhor, você tem que correr atrás dos outros para pegar.
INF.- Na nossa época, nós conhe... quando relava a mão no outro falava *barata*.
INQ.- Ta, mas a brincadeira o senhor num...
INF.- É *pega-pega* , pelo jeito que eu vejo a mulecada brincá.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta lexical 49



Carta Lexical 50

Pergunta do questionário linguístico: QSL 101: Como se chama aquela brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e a outra turma do outro e com uma bola tentam acertar os outros? Cartas coincidentes: ALPR 314.

Transcrição fonética
Nível Fundamental

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[kejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]
2	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛˈkemadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]
3	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	não soube	[ˌbɔlɛˈkejˈmadɛ]
4	[ˈkejmɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]
5	[kẽjˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkẽjˈmadɛ]	[kejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]
6	[kejˈmadɛ]	[ˈkejmɛ]	[ˈkẽjmɛ]	não soube
7	[ˈkẽjmɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[kejˈmadɛ]
8	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˈkejmɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkẽjˈmadɛ]
9	[ˈkejmɛ]	[ˈkejmɛ] [kejˈmadɛ]	não soube	não soube
10	[kejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	não soube	[ˈkẽjmɛ] [ˈkejmɛ]

Nível Superior

Ponto	Faixa etária I		Faixa estaria II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
3	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[kejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]	[ˌbɔlɛkejˈmadɛ]

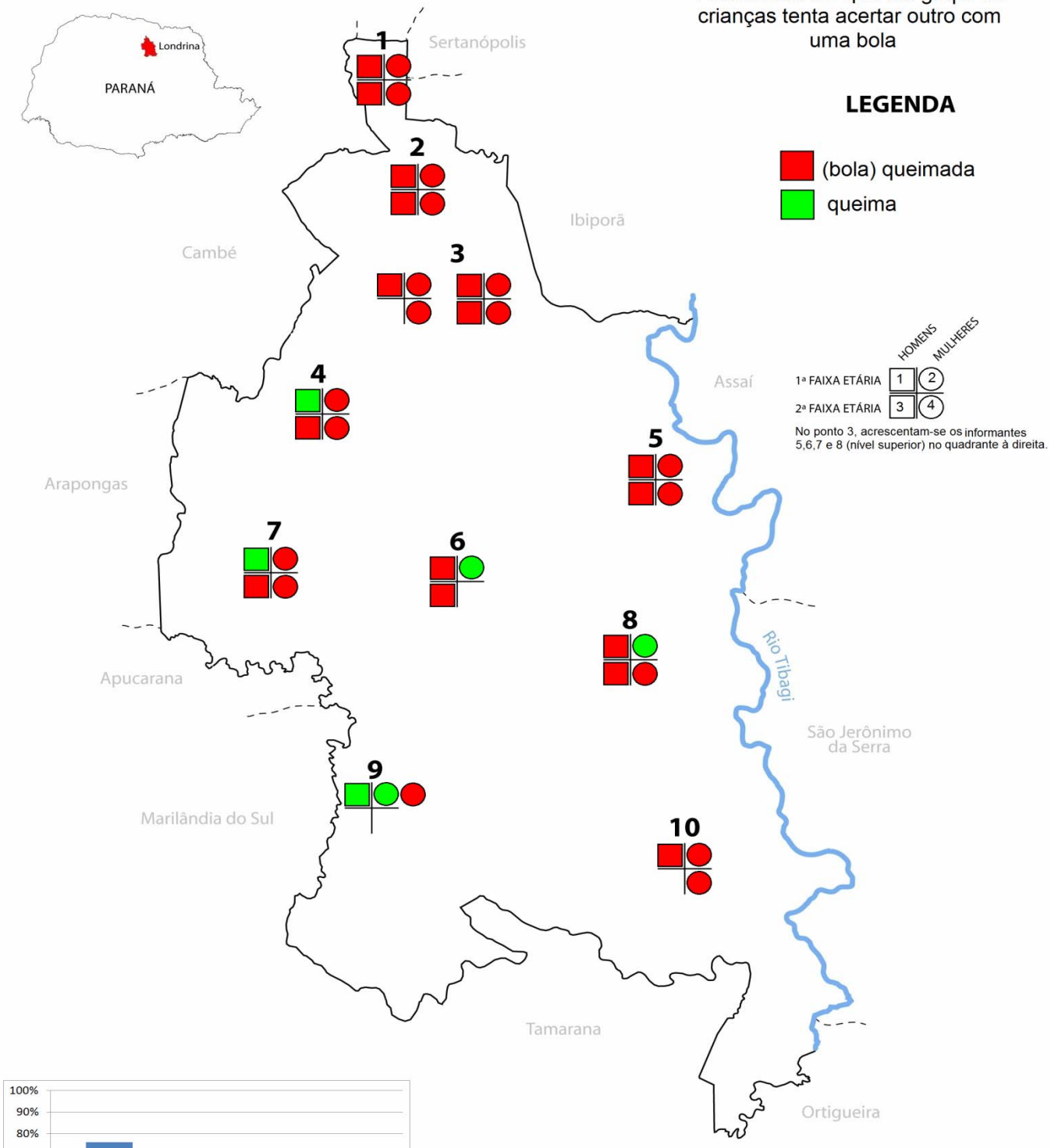
_____

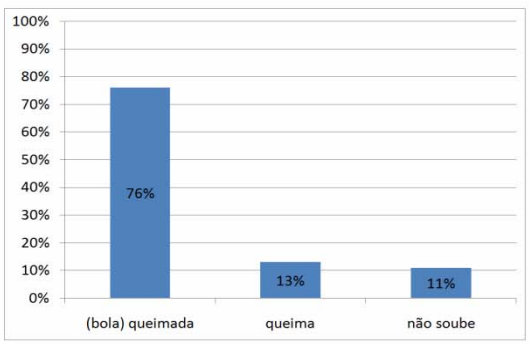
Notas:
08/3
((teste de identificação))
INQ.- Já ouviu falar de bola queimada?
INF.- Bola queimada [ˌbɔlɛkejˈmadɛ], é verdade, é bola queimada, é, é.
INQ.- Não brinco disso, não é?
INF.- É que isso aí eu num brinquei mui (= muito) não, que já já passô um poço, mais ou meno. O béti é aquilo um que você falô, é. Por isso queu (= que eu) falo, a gente vai lembrando depois conforme as pergunta. Bola queimada é verdade.

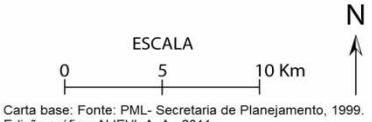
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta lexical 50

Brincadeira em que um grupo de crianças tenta acertar outro com uma bola







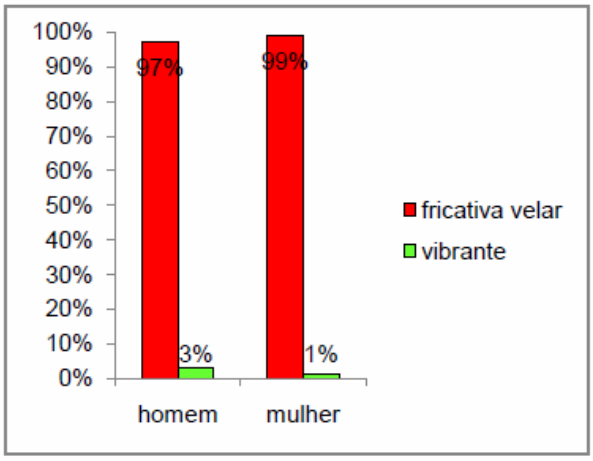
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

CARTAS FONÉTICAS

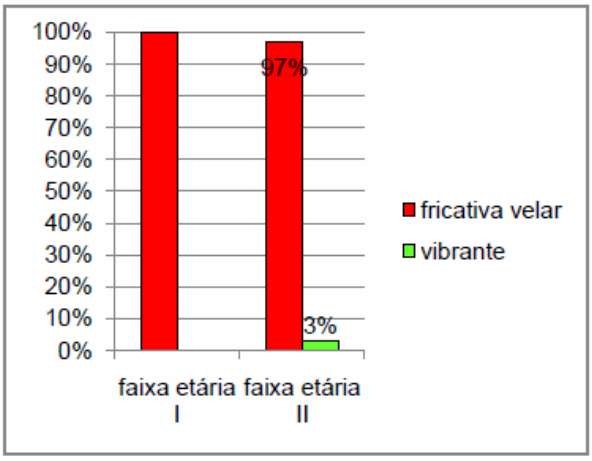
(mistas quantitativas)

Carta fonética 51

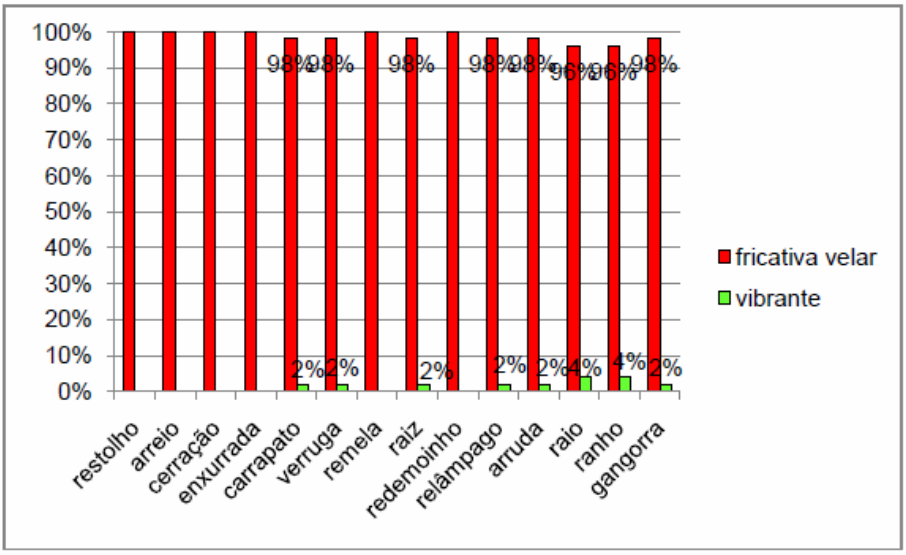
Gráficos de frequência



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

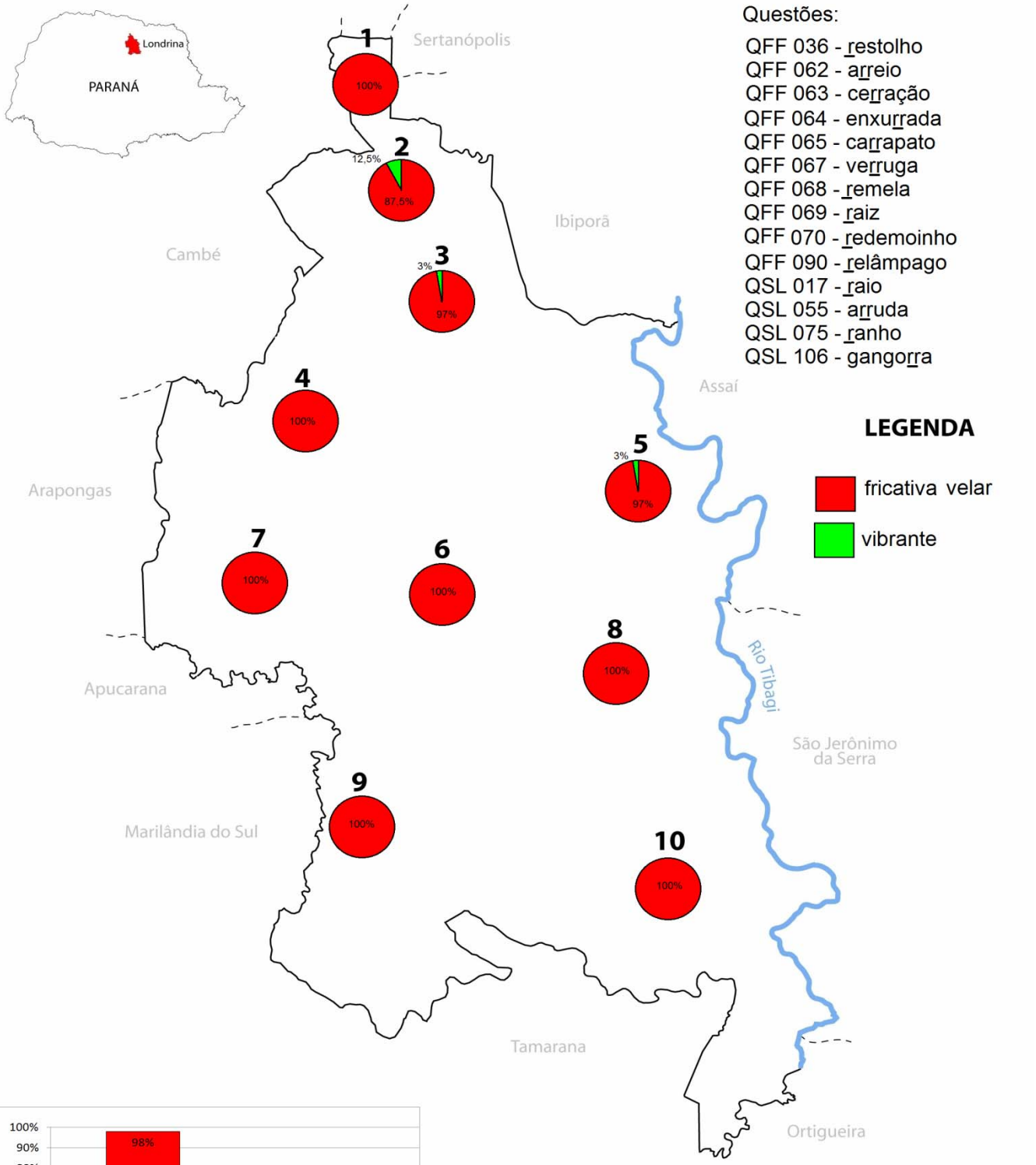
Obs.-Para esta carta, não consideramos a questão 066 do QFF *(córrego)* devido à síncope da sílaba medial: *córrego* > *córgo* e a questão 084 do QSL *(rótula)* devido ao baixo número de ocorrência.

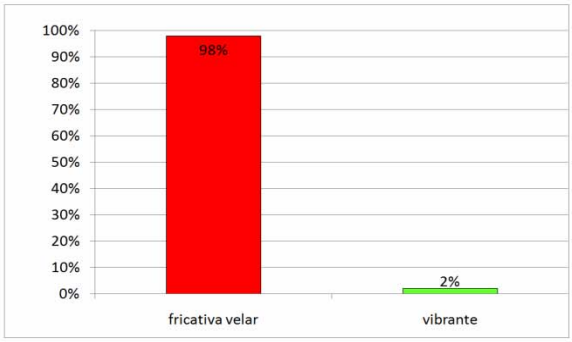
Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 51

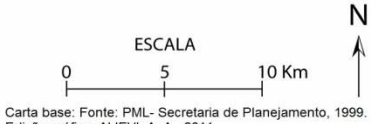
Róticos em início de sílaba e vocábulo

Questões:

QFF 036 - restolho
QFF 062 - arreio
QFF 063 - cerração
QFF 064 - enxurrada
QFF 065 - carrapato
QFF 067 - verruga
QFF 068 - remela
QFF 069 - raiz
QFF 070 - redemoinho
QFF 090 - relâmpago
QSL 017 - raio
QSL 055 - arruda
QSL 075 - ranho
QSL 106 - gangorra



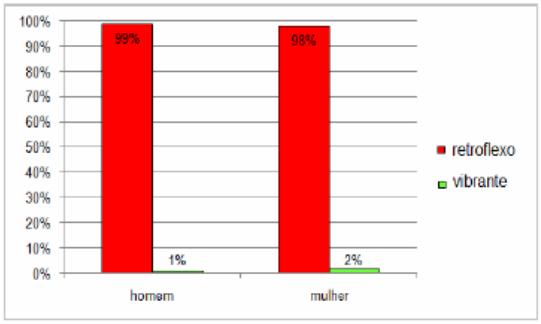




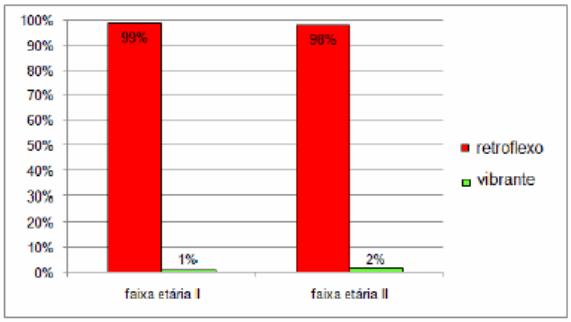
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 52

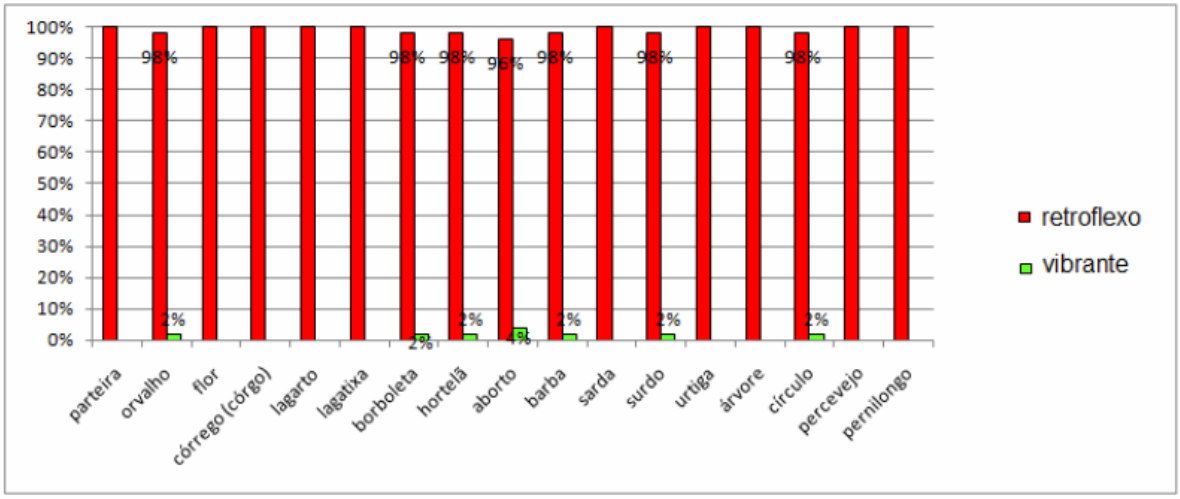
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

Obs.: O rótico vibrante refere-se tanto à vibrante múltipla, que apresentou uma pequena variação, quanto à vibrante simples (tepe). O apagamento do rótico ocorreu nos seguintes inquéritos e vocábulos: 05/4 e 08/1 *(lagarto)*; 05/4 e 06/3 *(lagartixa)*; 09/1 *(borboleta)*; 07/4 *(pernilongo)*. O vocábulo *calcanhar* apresentou apagamento do rótico em 50% das ocorrências.

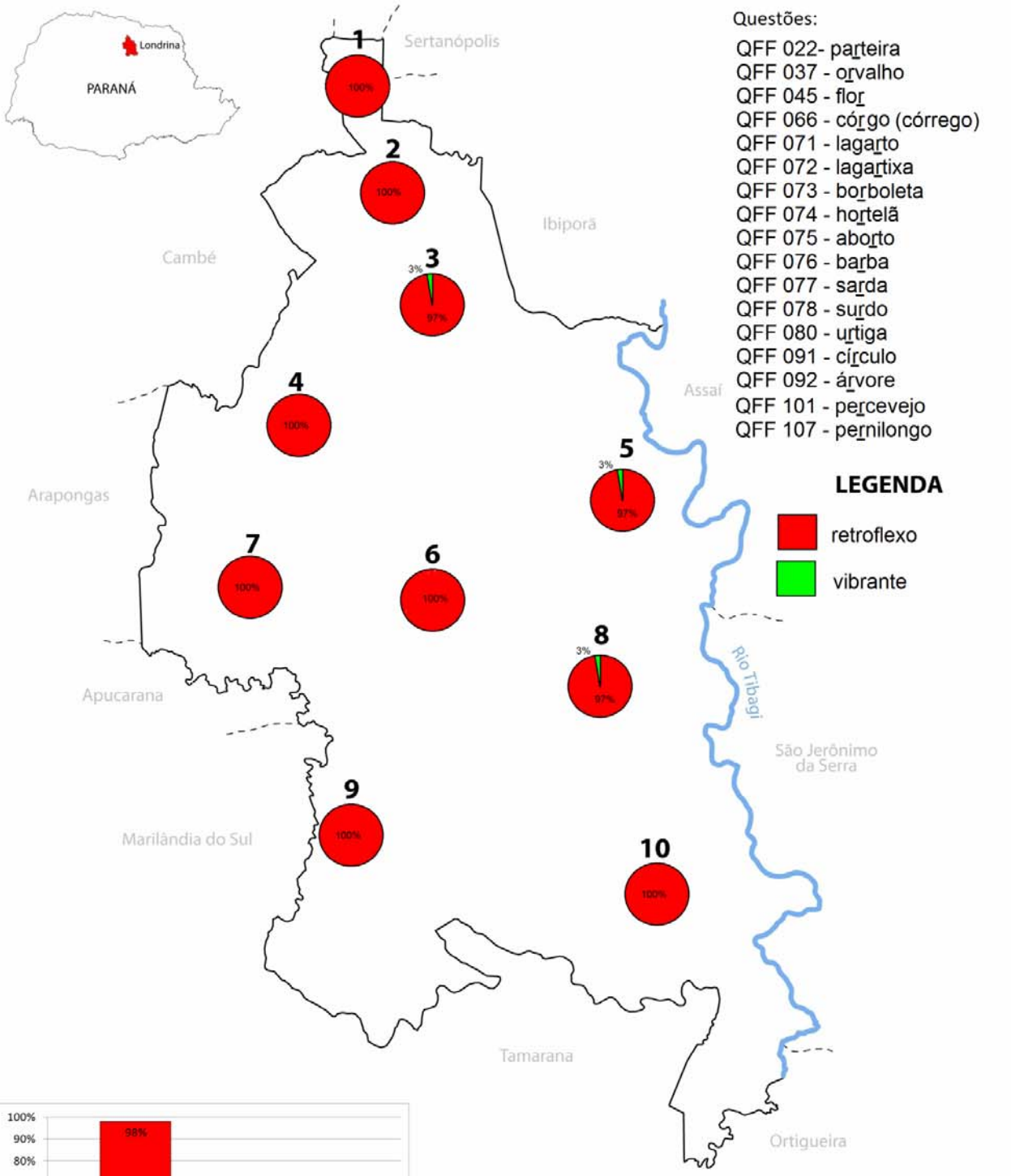
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

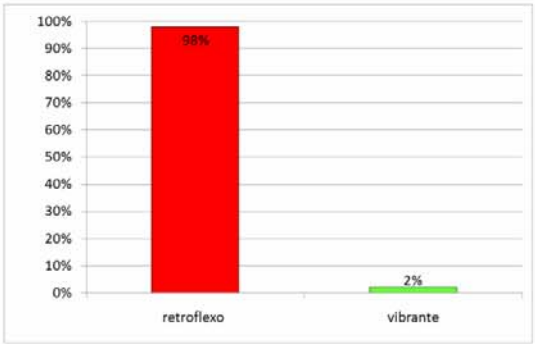
Carta fonética 52

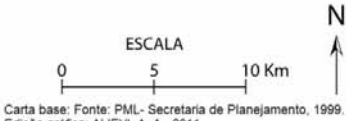
Róticos em coda silábica

Questões:

QFF 022- parteira
QFF 037 - orvalho
QFF 045 - flor
QFF 066 - córgo (córrego)
QFF 071 - lagarto
QFF 072 - lagartixa
QFF 073 - borboleta
QFF 074 - hortelã
QFF 075 - aborto
QFF 076 - barba
QFF 077 - sarda
QFF 078 - surdo
QFF 080 - urtiga
QFF 091 - círculo
QFF 092 - árvore
QFF 101 - percevejo
QFF 107 - pernilongo



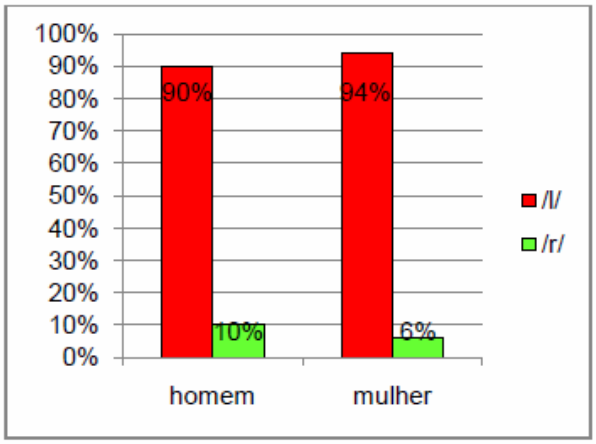




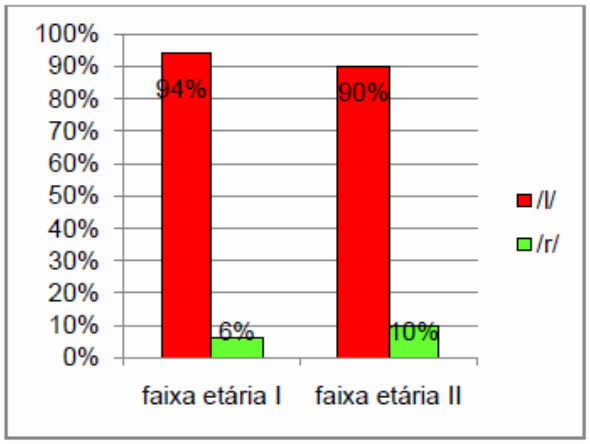
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 53

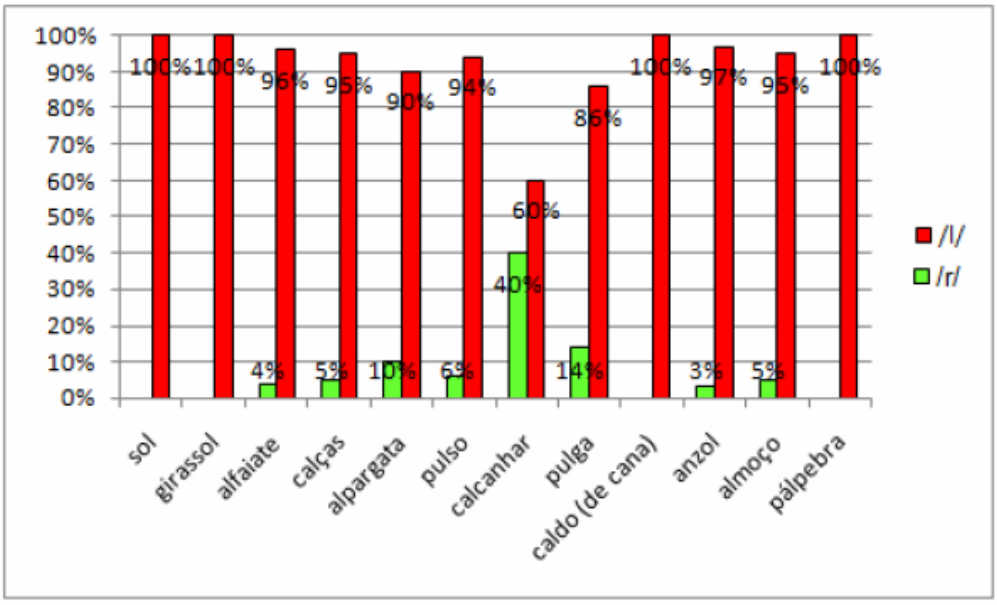
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o ítem lexical

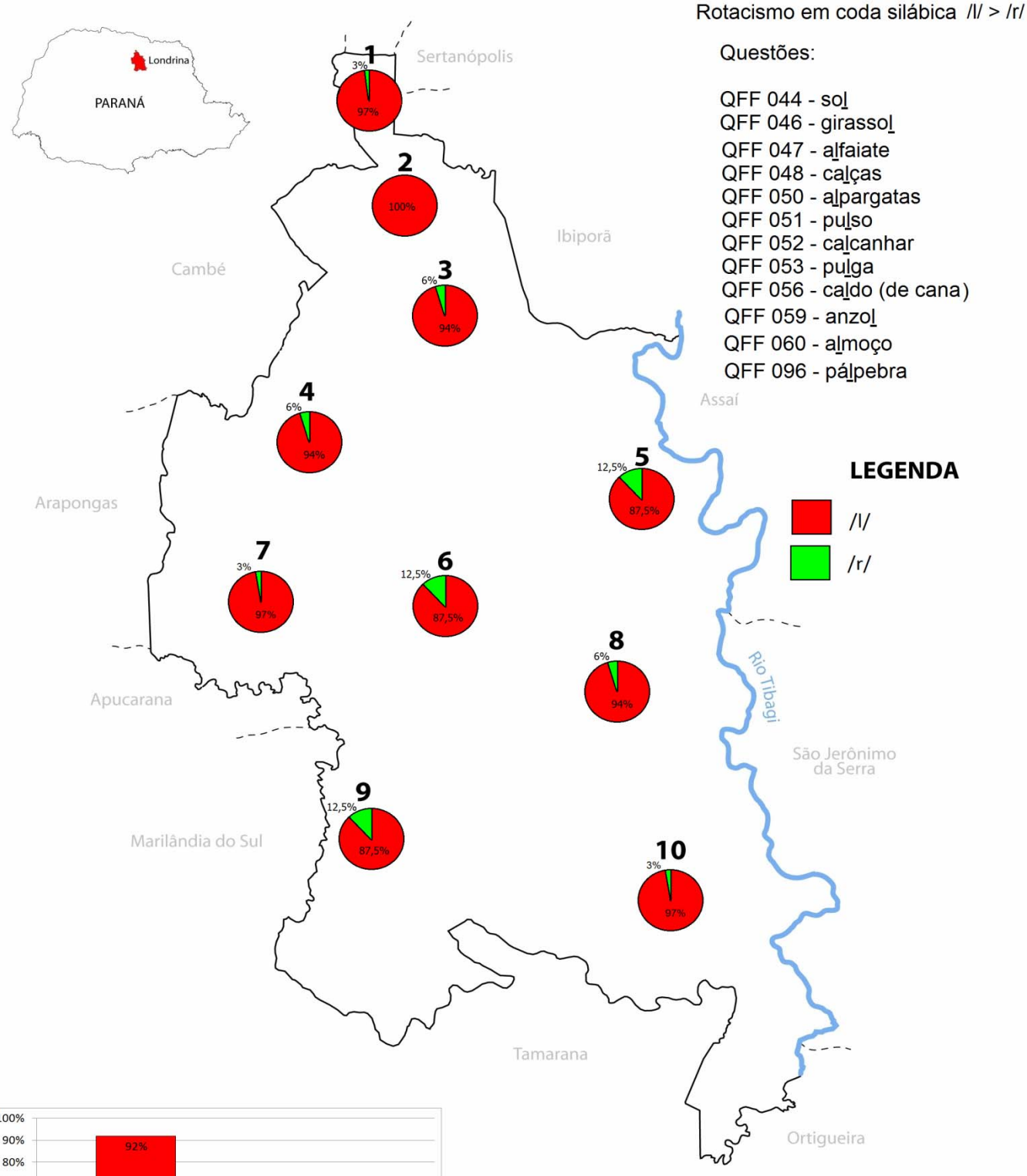
Obs.- Nesta carta, não consideramos a questão 058 do QFF *(alçapão)* devido à metátese da lateral: *alçapão* > *açalpão* ou à aférese da sílaba inicial: *alçapão* > *'salpão.*

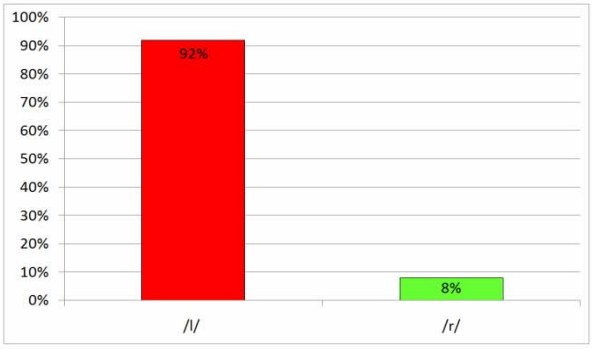
Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 53

Rotacismo em coda silábica /l/ > /r/

Questões:

QFF 044 - sol
QFF 046 - girassol
QFF 047 - alfaiate
QFF 048 - calças
QFF 050 - alpargatas
QFF 051 - pulso
QFF 052 - calcanhar
QFF 053 - pulga
QFF 056 - caldo (de cana)
QFF 059 - anzol
QFF 060 - almoço
QFF 096 - pálpebra



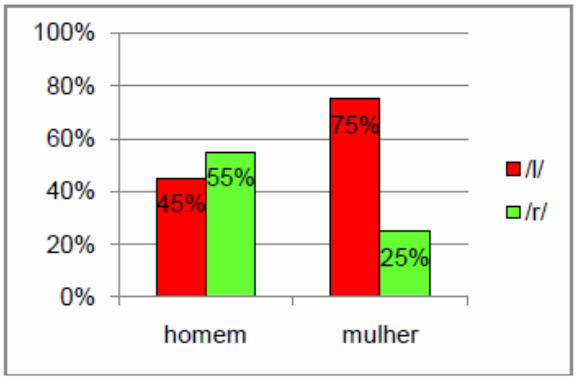


ESCALA
0 5 10 Km
N

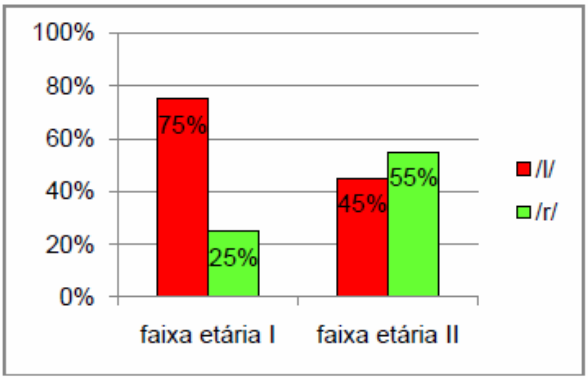
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 54

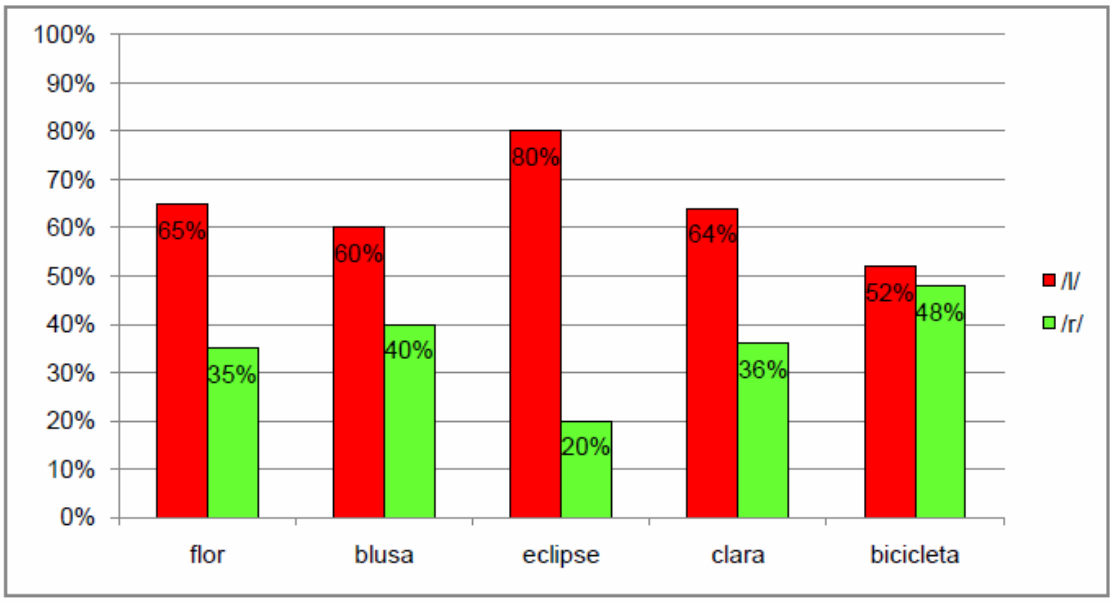
Gráficos de frequência



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

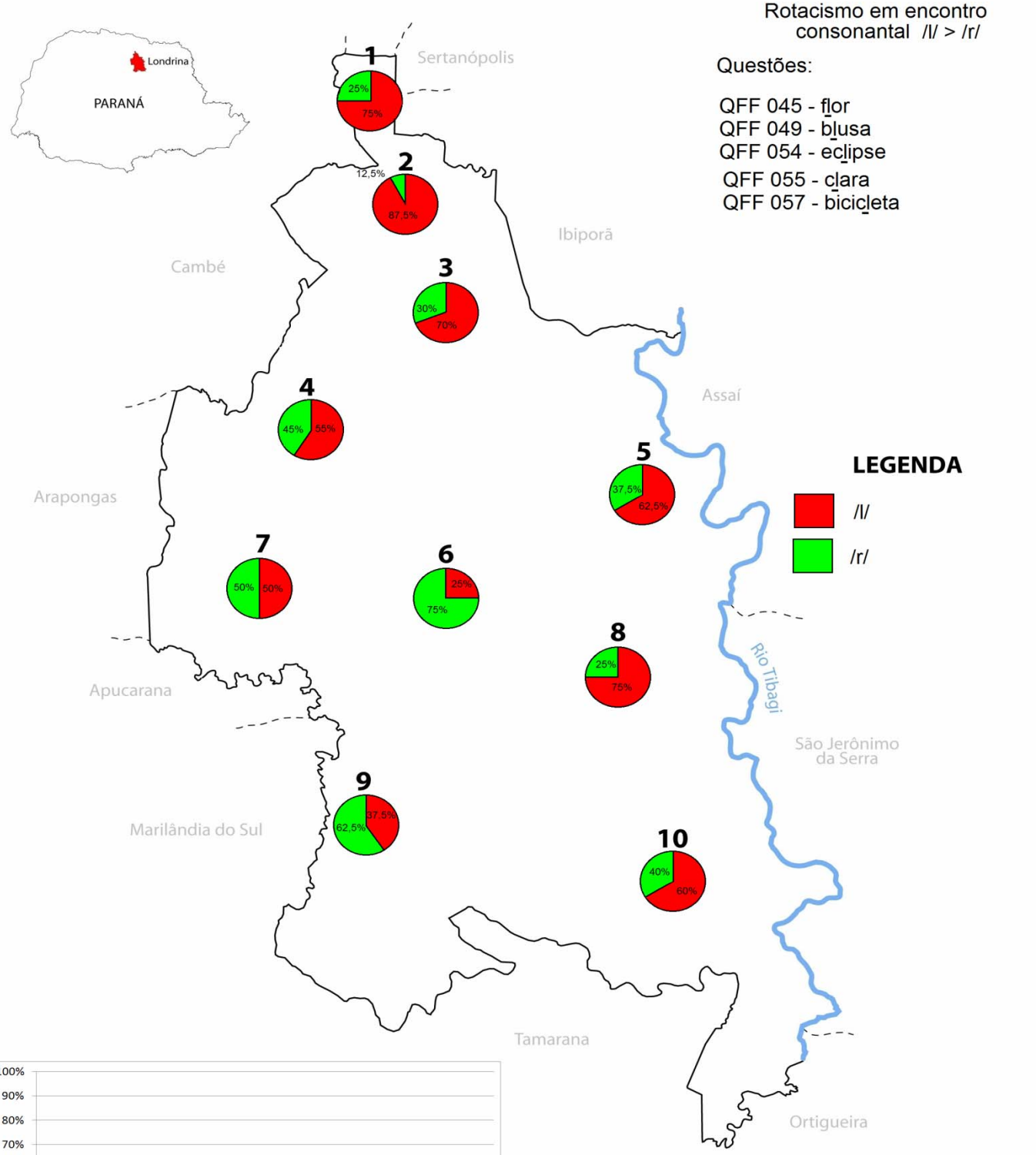
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

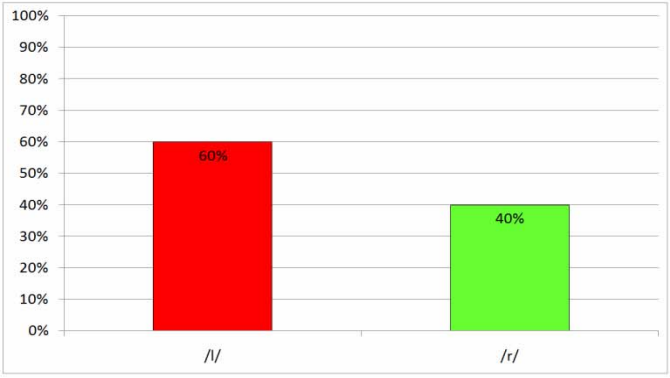
Carta fonética 54

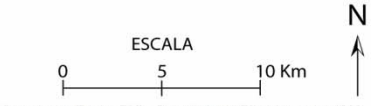
Rotacismo em encontro consonantal /l/ > /r/

Questões:

QFF 045 - flor
QFF 049 - blusa
QFF 054 - eclipse
QFF 055 - clara
QFF 057 - bicicleta



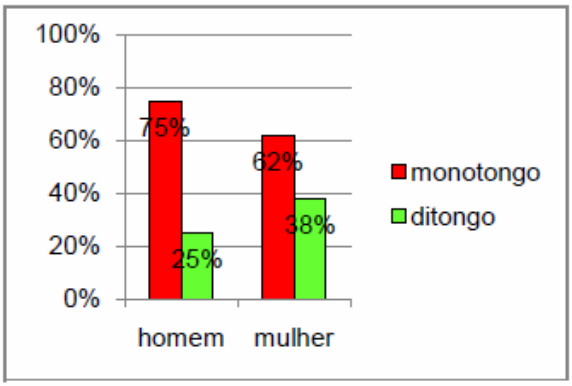




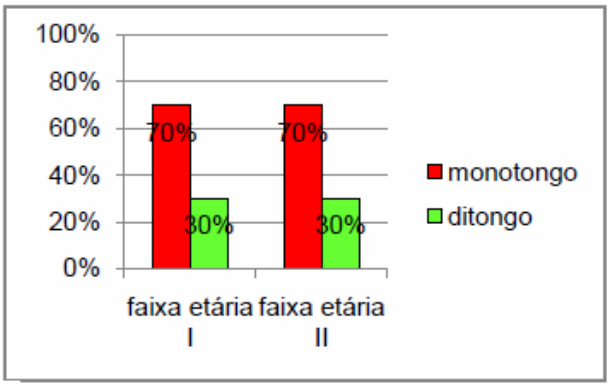
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 55

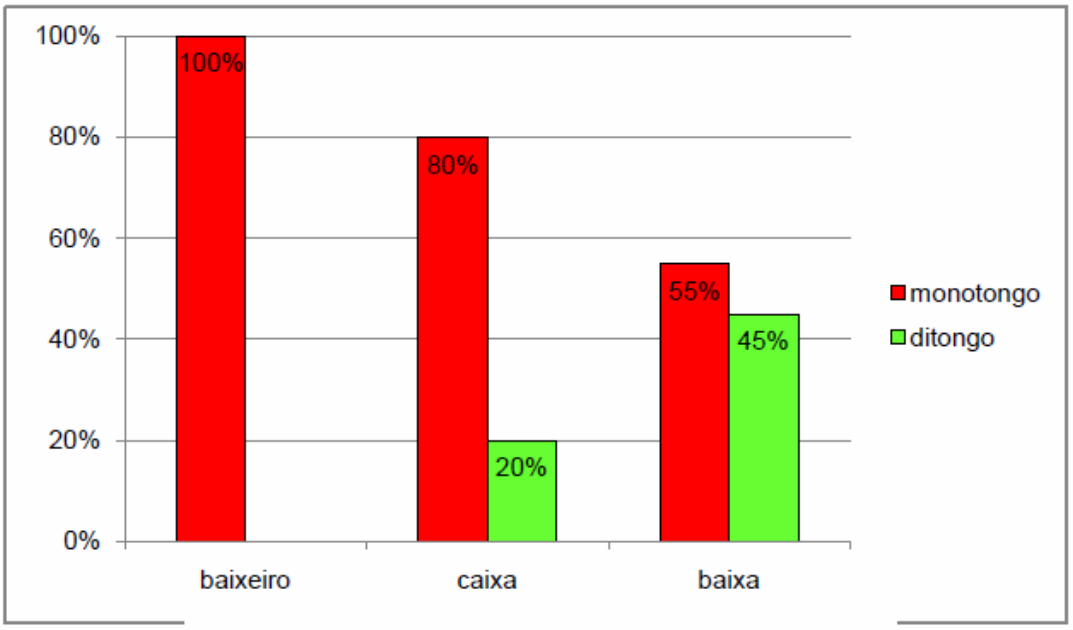
Gráficos de frequência



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

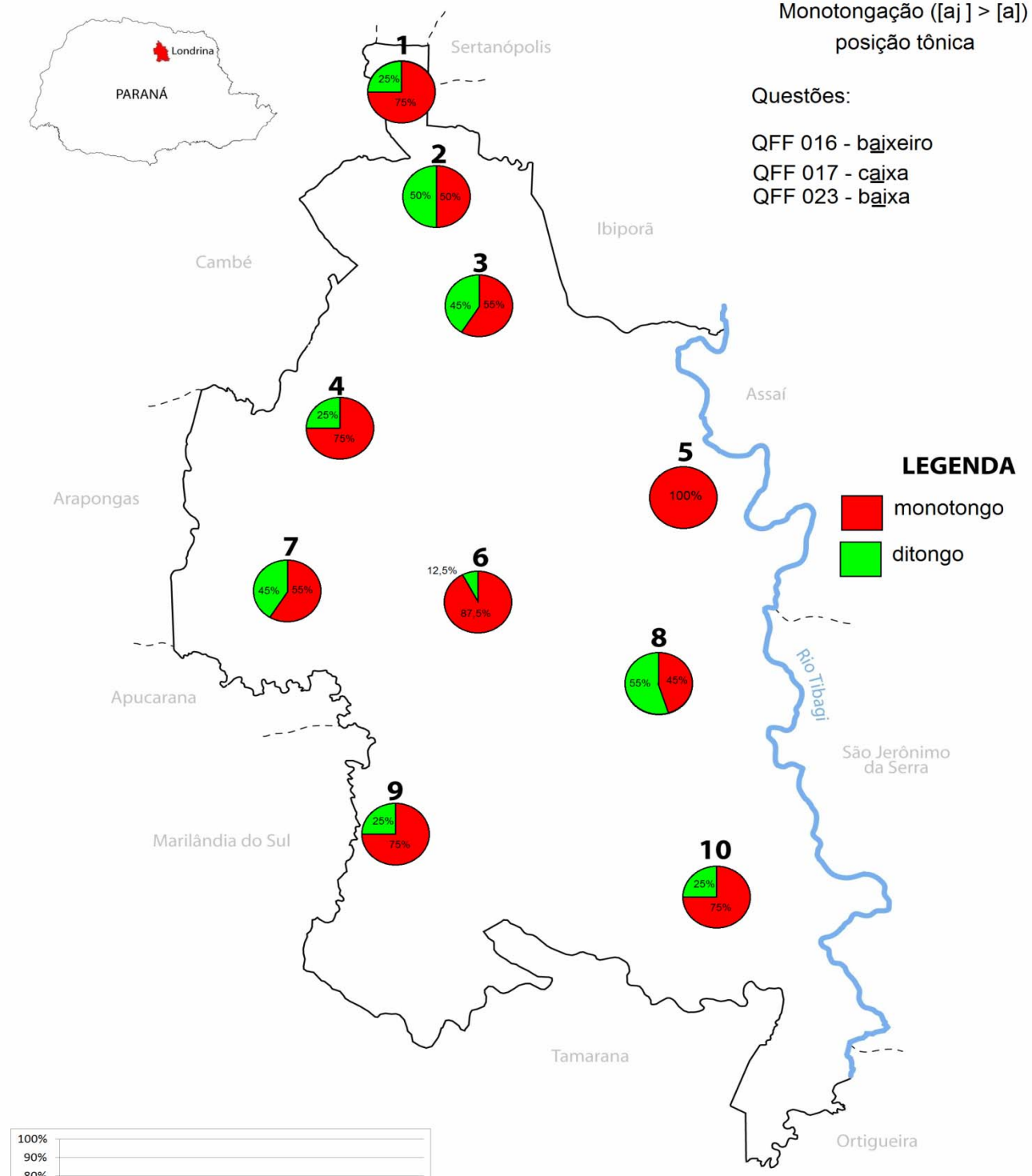
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

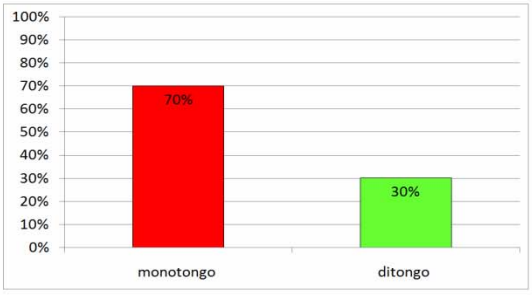
Carta fonética 55

Monotongação ([aj] > [a]) em posição tônica

Questões:

QFF 016 - ba<u>i</u>xeiro
QFF 017 - ca<u>i</u>xa
QFF 023 - ba<u>i</u>xa

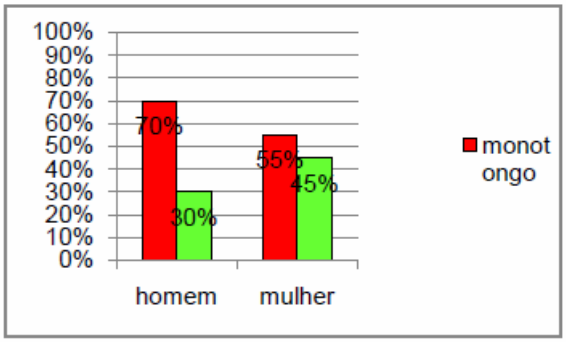




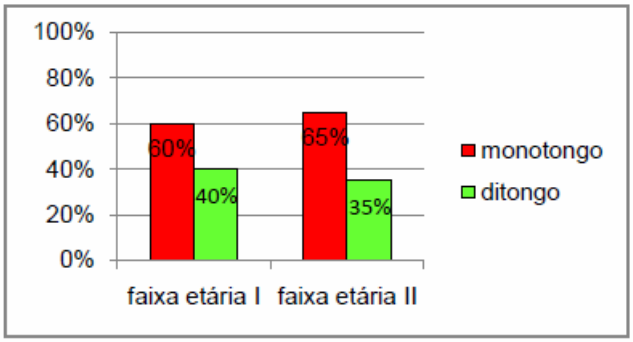
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 56

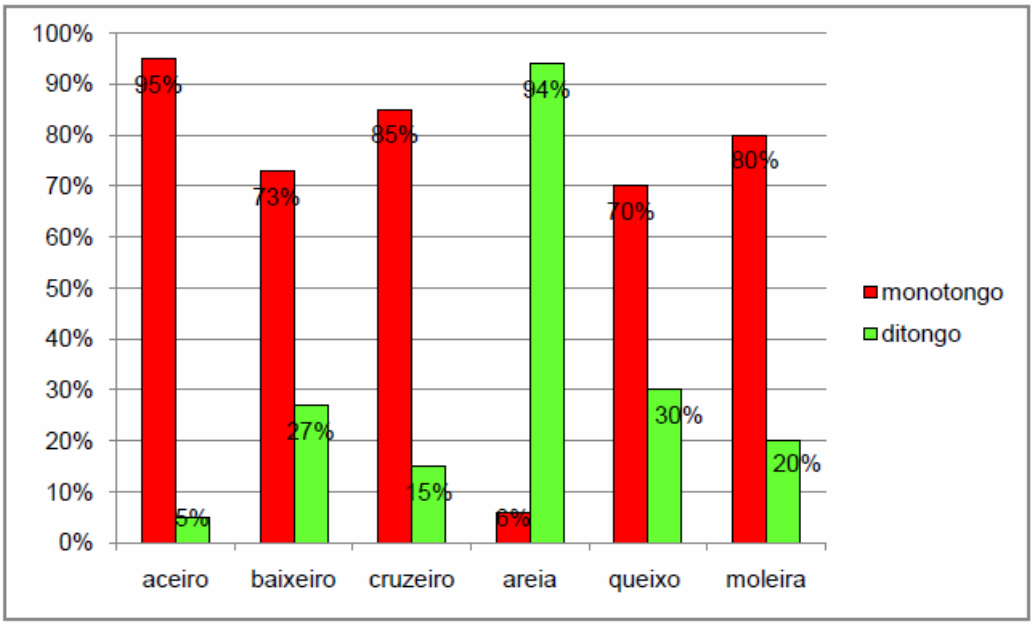
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

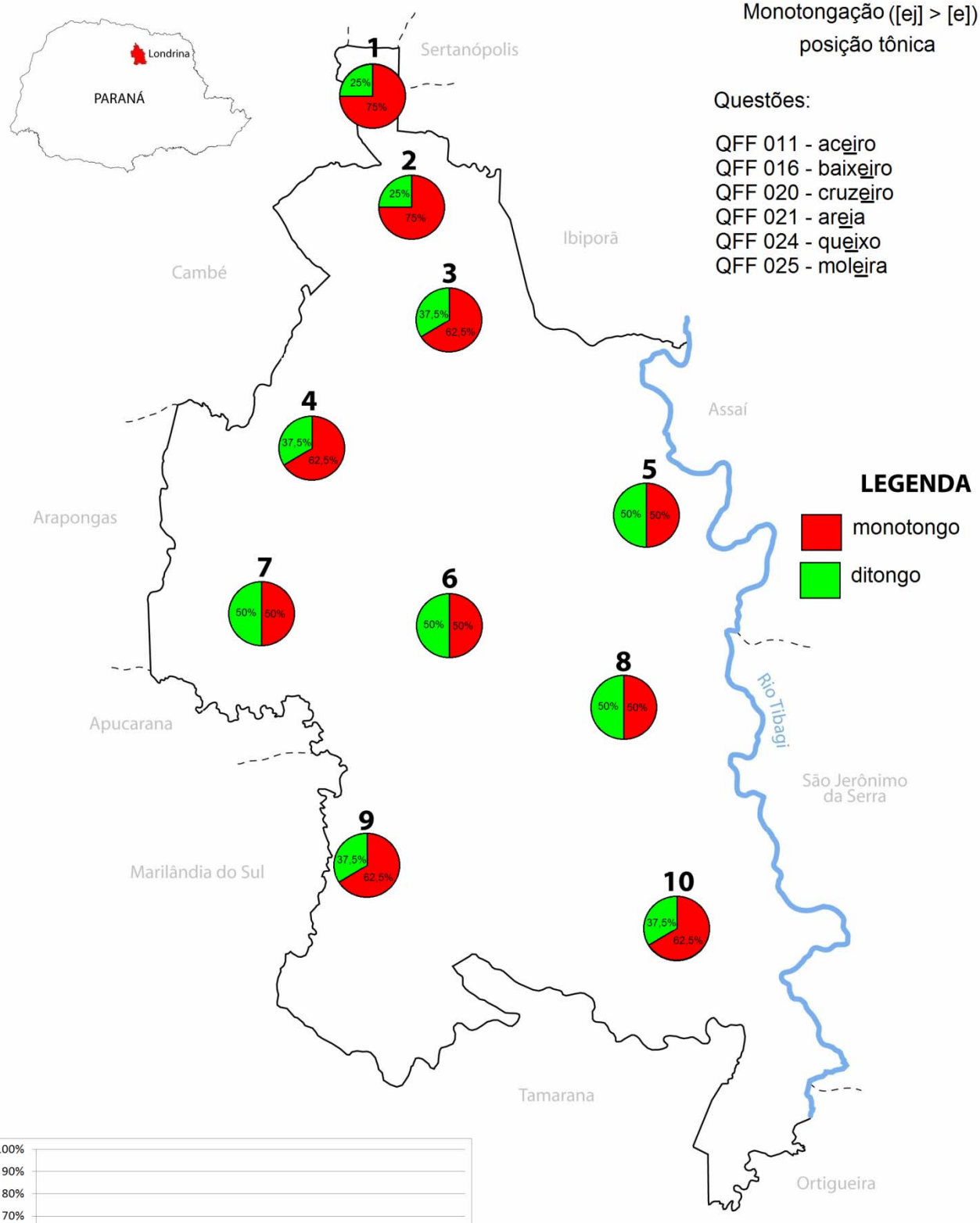
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

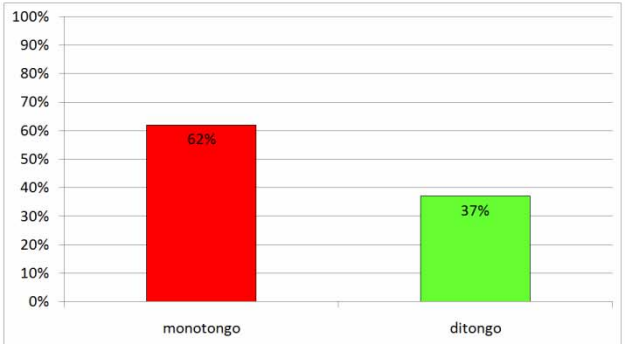
Carta fonética 56

Monotongação ([ej] > [e]) em posição tônica

Questões:

QFF 011 - aceiro
QFF 016 - baixeiro
QFF 020 - cruzeiro
QFF 021 - areia
QFF 024 - queixo
QFF 025 - moleira



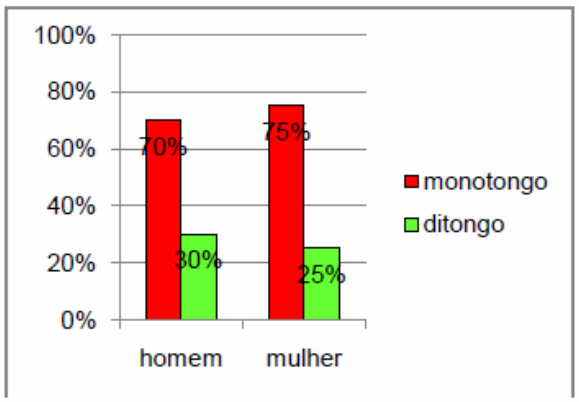


ESCALA
0 5 10 Km
N

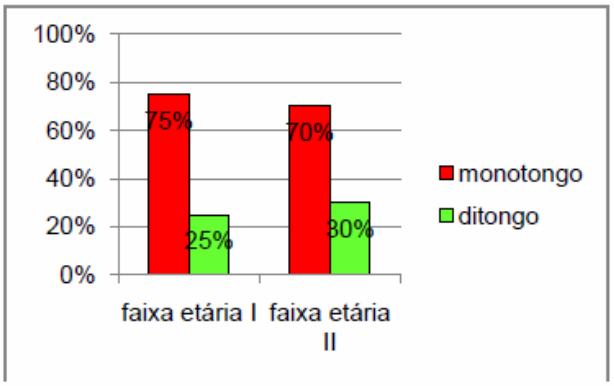
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 57

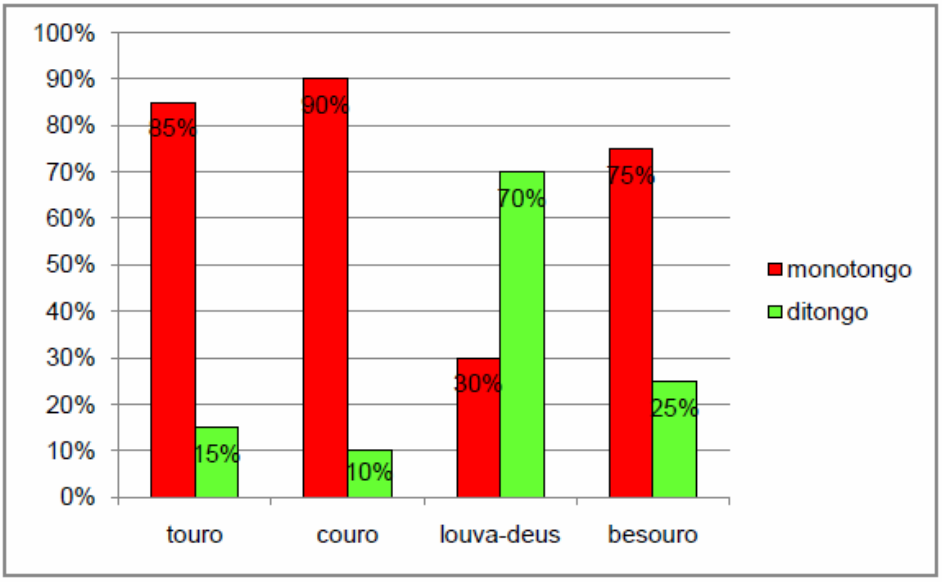
Gráficos de frequência



Produtividade segundo a variável sexo

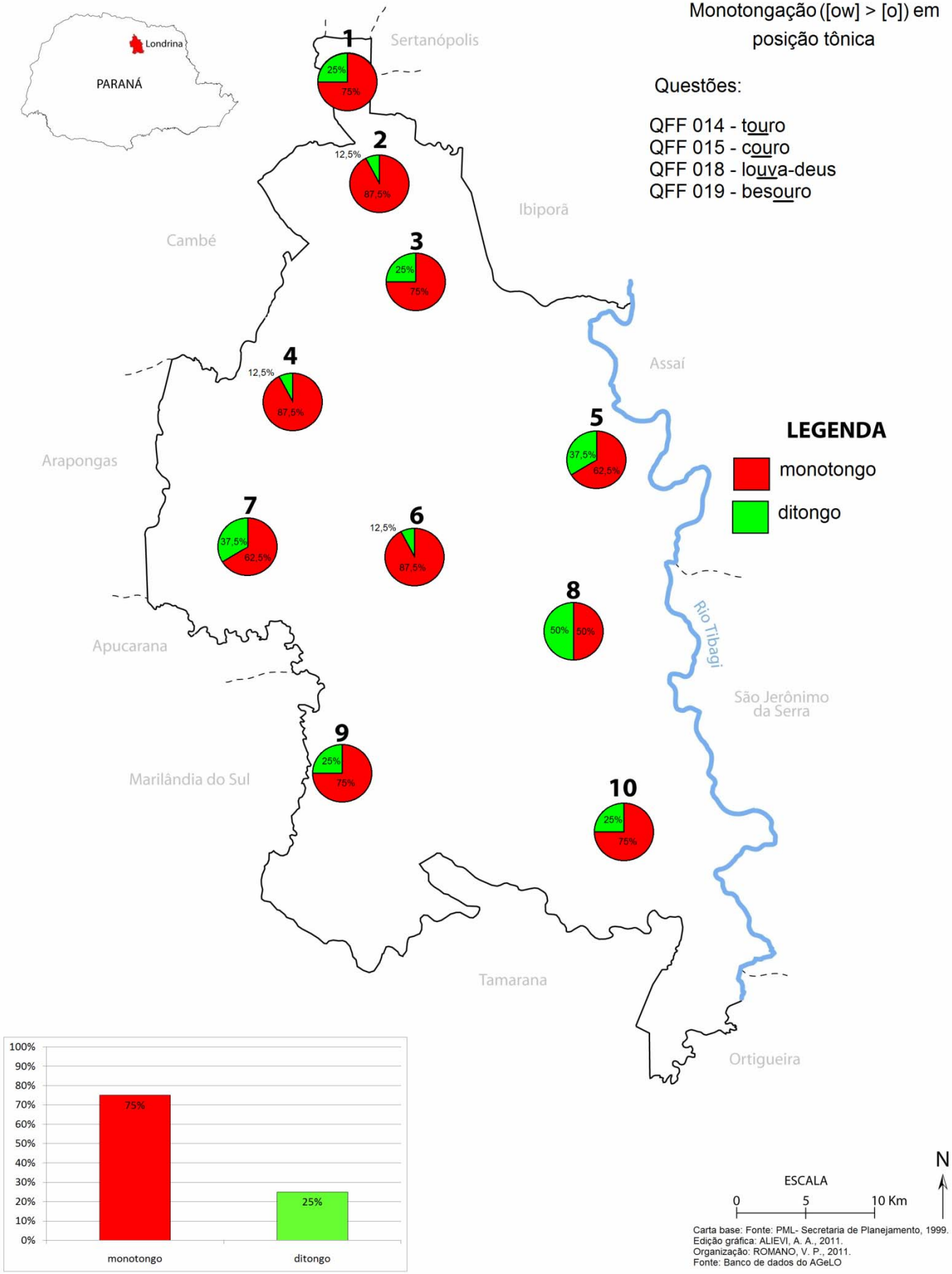


Produtividade segundo a variável faixa etária



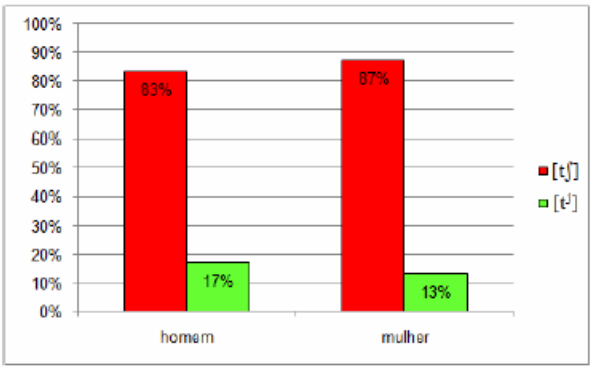
Produtividade segundo o item lexical

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 57

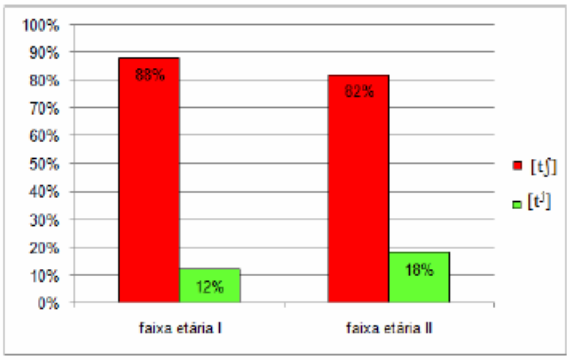


Carta fonética 58

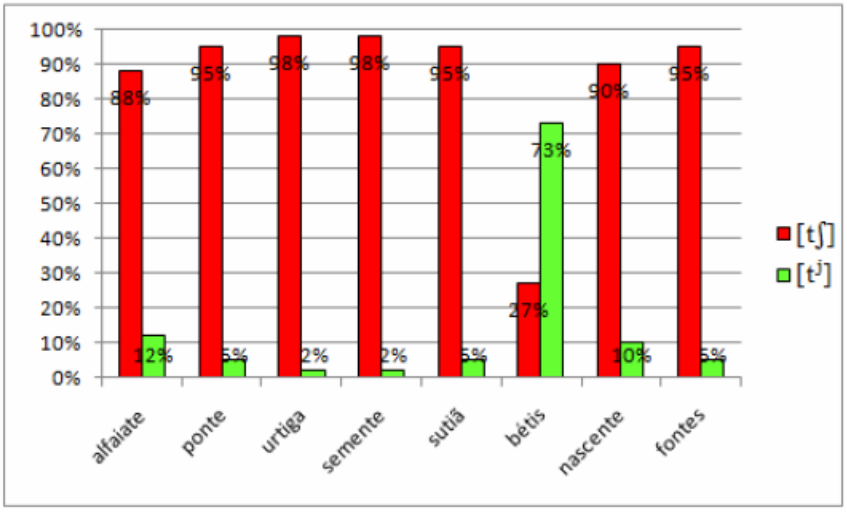
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

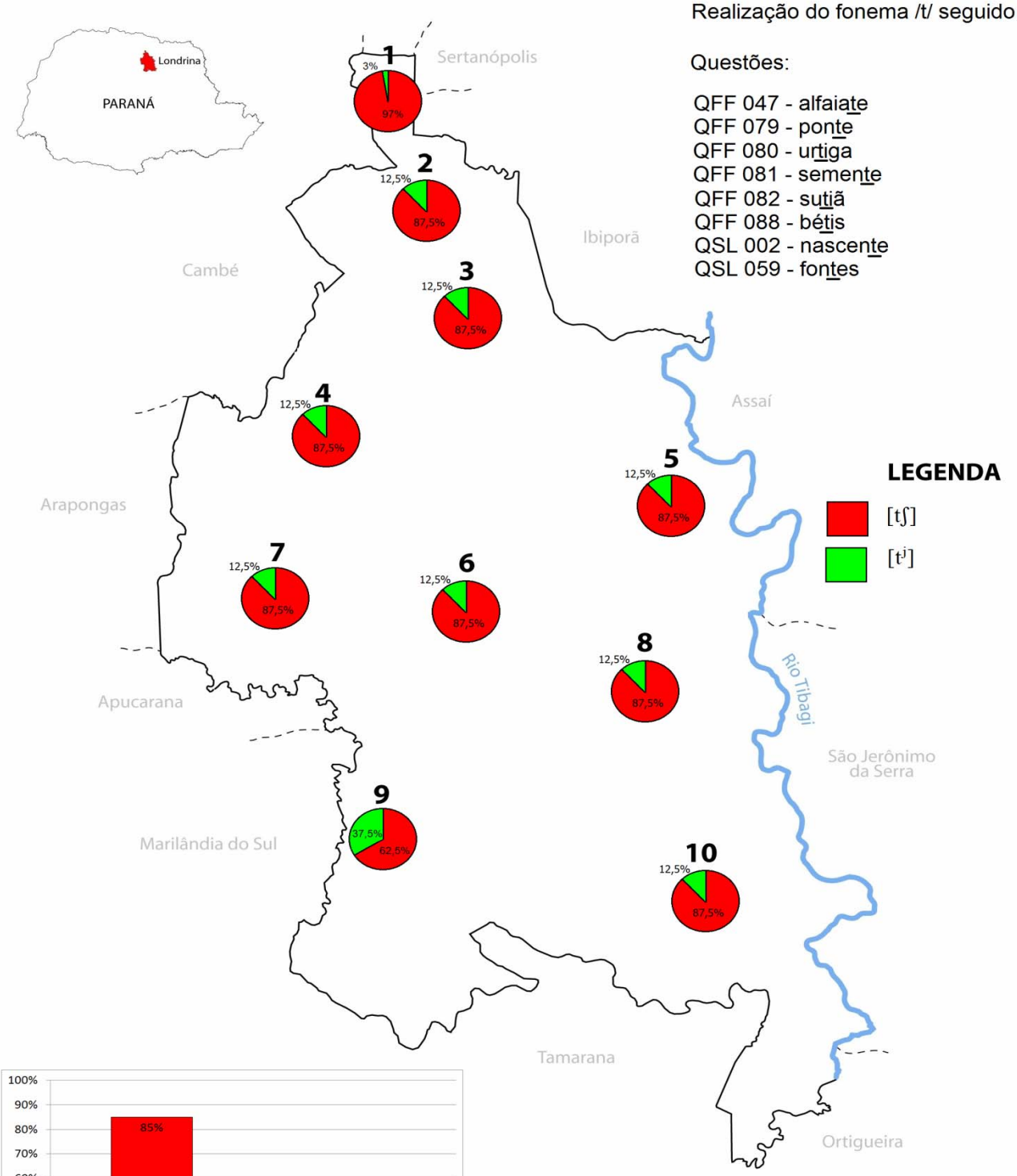
Obs.: A informante 2 do ponto 7 não realizou o alçamento da vogal média-alta anterior no vocábulo *alfaiate* [awfaj'ate].

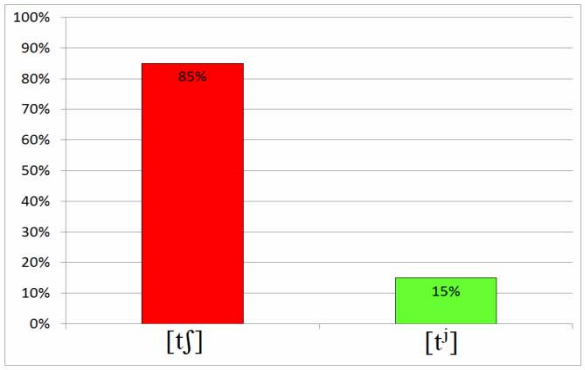
Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 58

Realização do fonema /t/ seguido de /i/

Questões:

QFF 047 - alfaiate
QFF 079 - ponte
QFF 080 - urtiga
QFF 081 - semente
QFF 082 - sutiã
QFF 088 - bétis
QSL 002 - nascente
QSL 059 - fontes





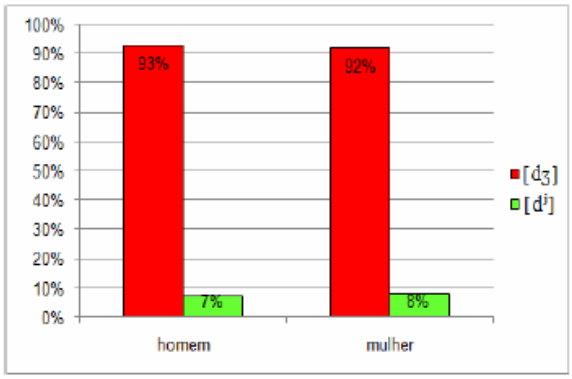
N

ESCALA
0 5 10 Km

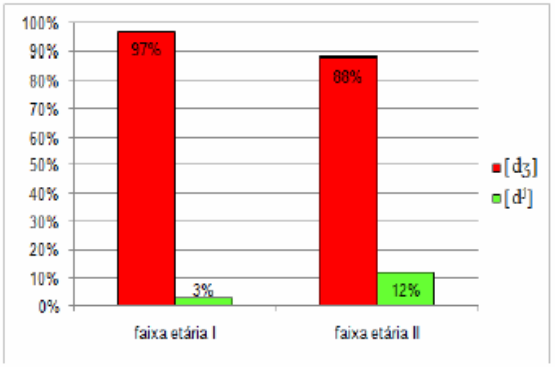
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 59

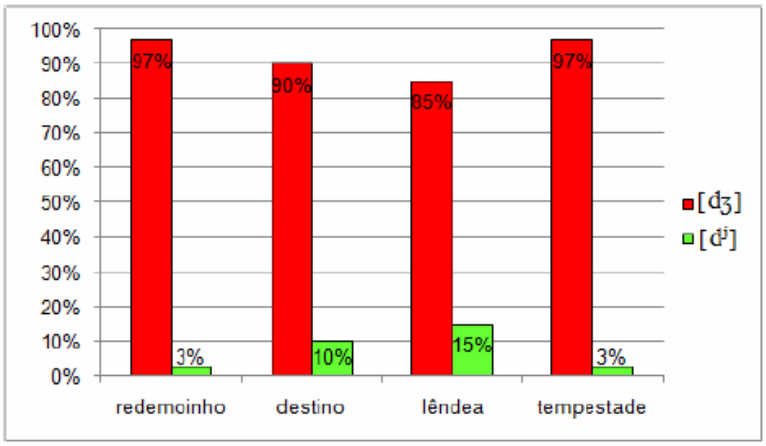
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o Item lexical

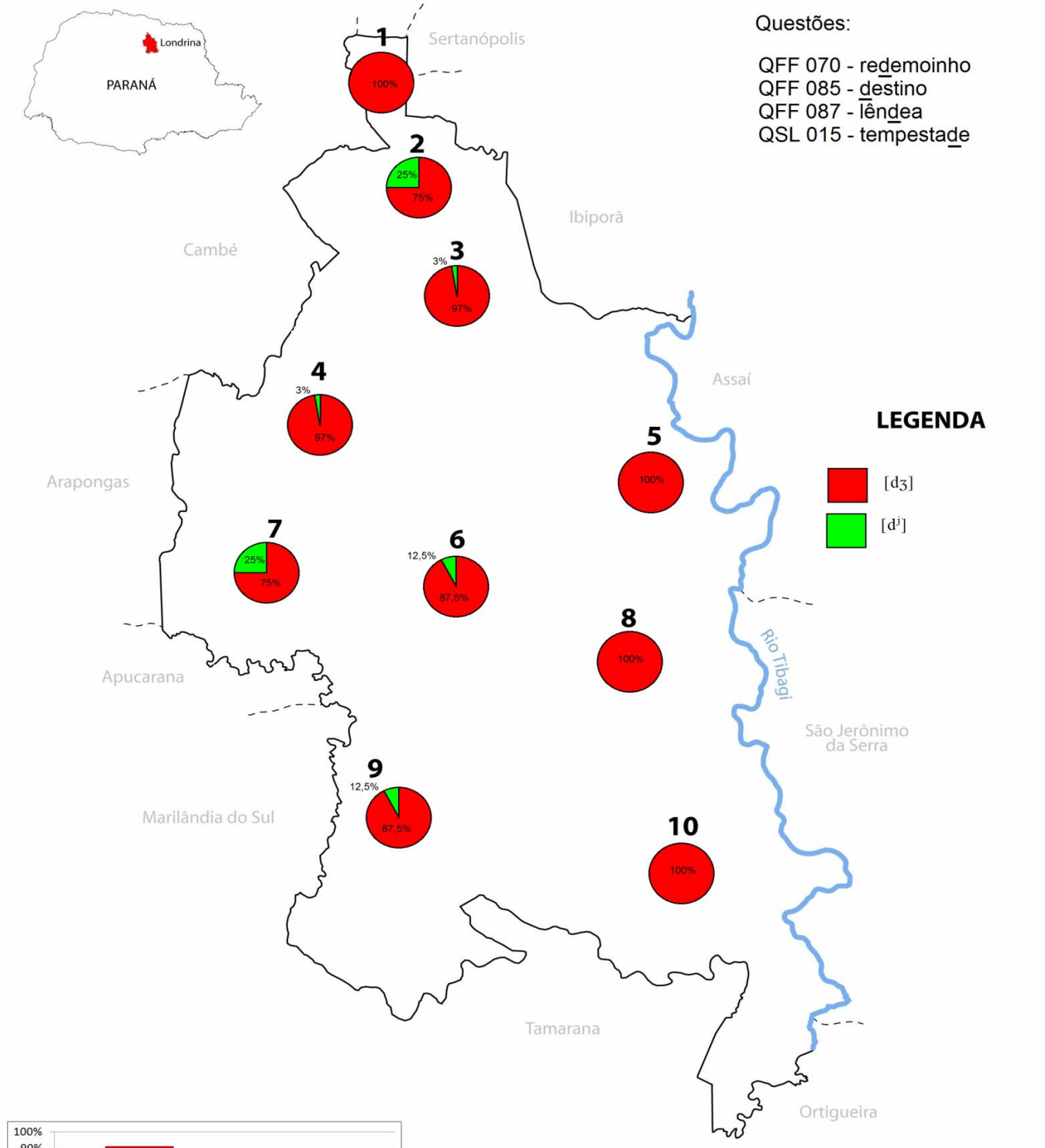
Obs.:Este fonema foi registrado como uma consoante oclusiva alveolar surda quando seguida pela vogal alta anterior [i] nos seguintes inquéritos e vocábulos: 04/3 e 04/4 *(redemoinho)*; 06/1, 06/2 e 07/4 *(destino)*; 08/4 *(lêndea)*; 06/3 *(tempestade)*.

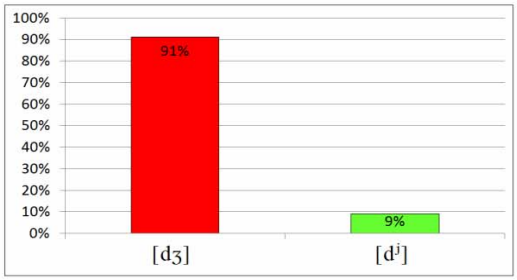
Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 59

Realização do fonema /d/ seguido de /i/

Questões:

QFF 070 - redemoinho
QFF 085 - destino
QFF 087 - lêndea
QSL 015 - tempestade





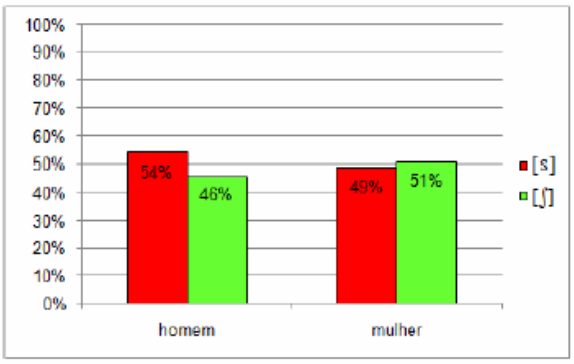
N

ESCALA
0 5 10 Km

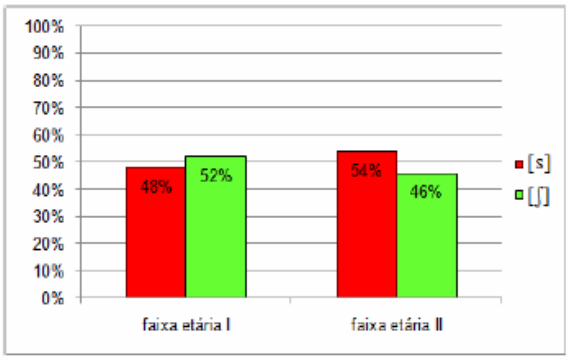
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 60

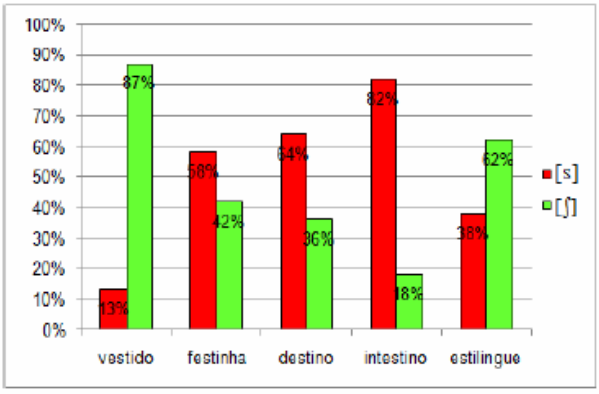
Gráficos de frequência



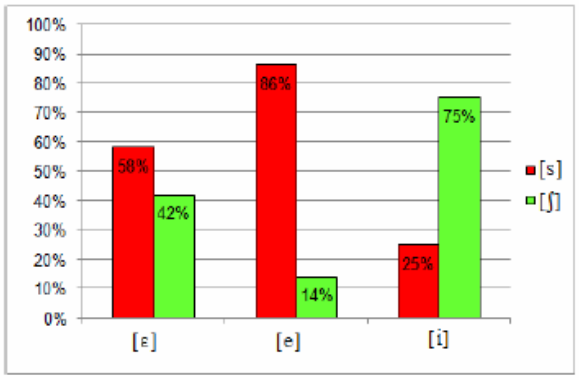
Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a faixa etária



Produtividade segundo a o item lexical



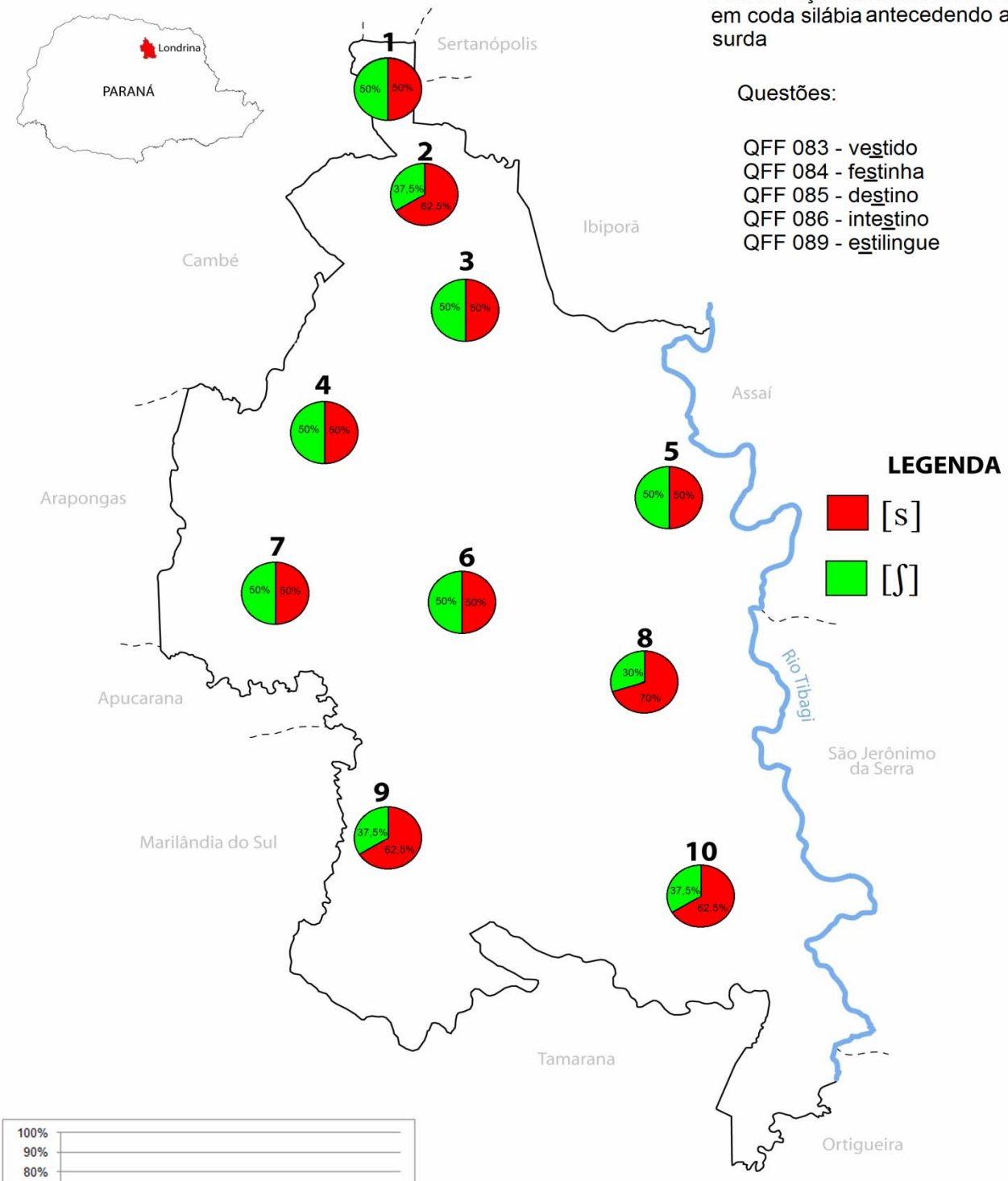
Produtividade segundo a vogal antecedente

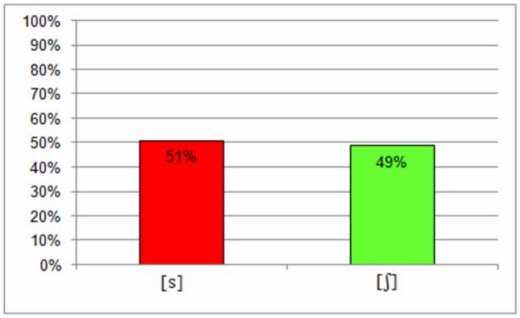
Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 60

Palatalização da fricativa alveolar [s] em coda silábia antecedendo africada surda

Questões:

QFF 083 - vestido
QFF 084 - festinha
QFF 085 - destino
QFF 086 - intestino
QFF 089 - estilingue





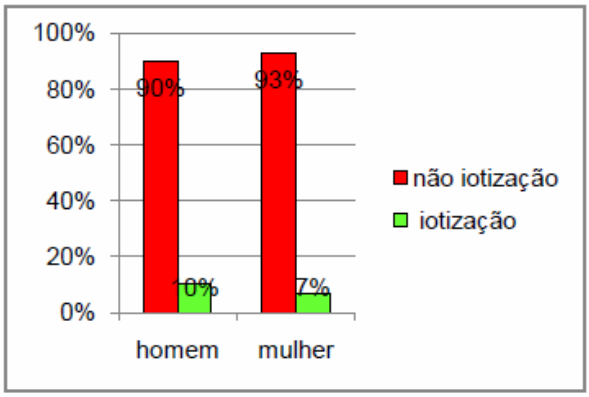
N

ESCALA
0 5 10 Km

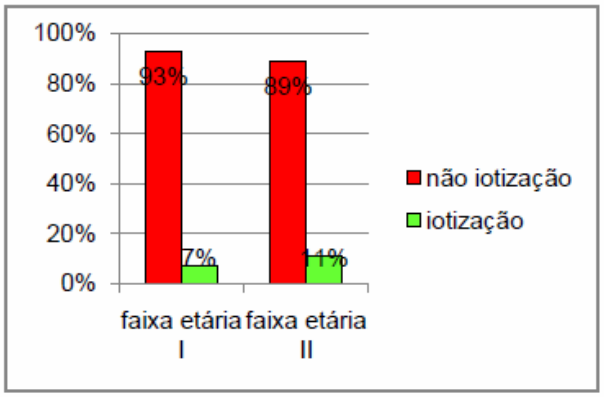
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 61

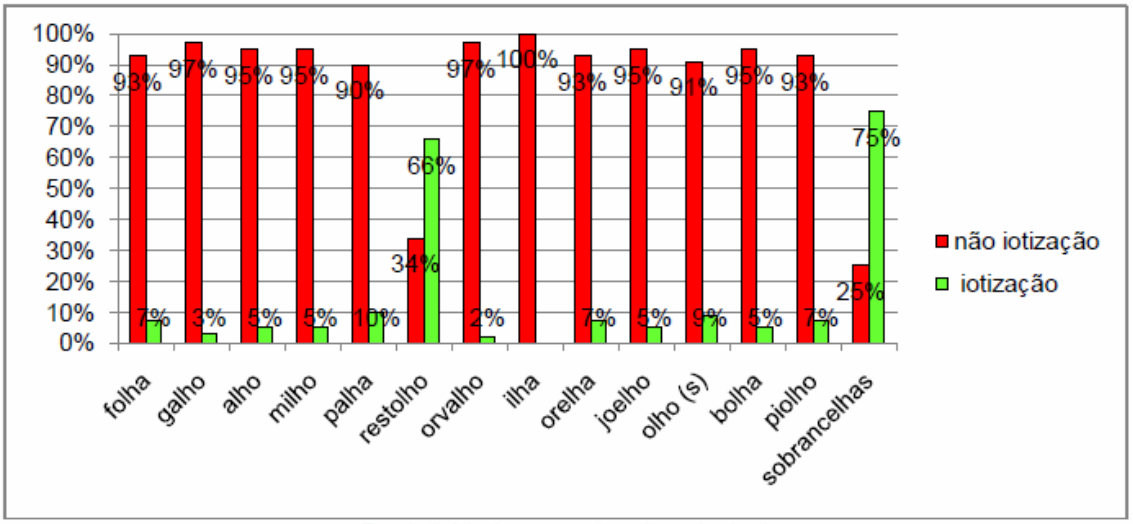
Gráficos de frequência



Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo o item lexical

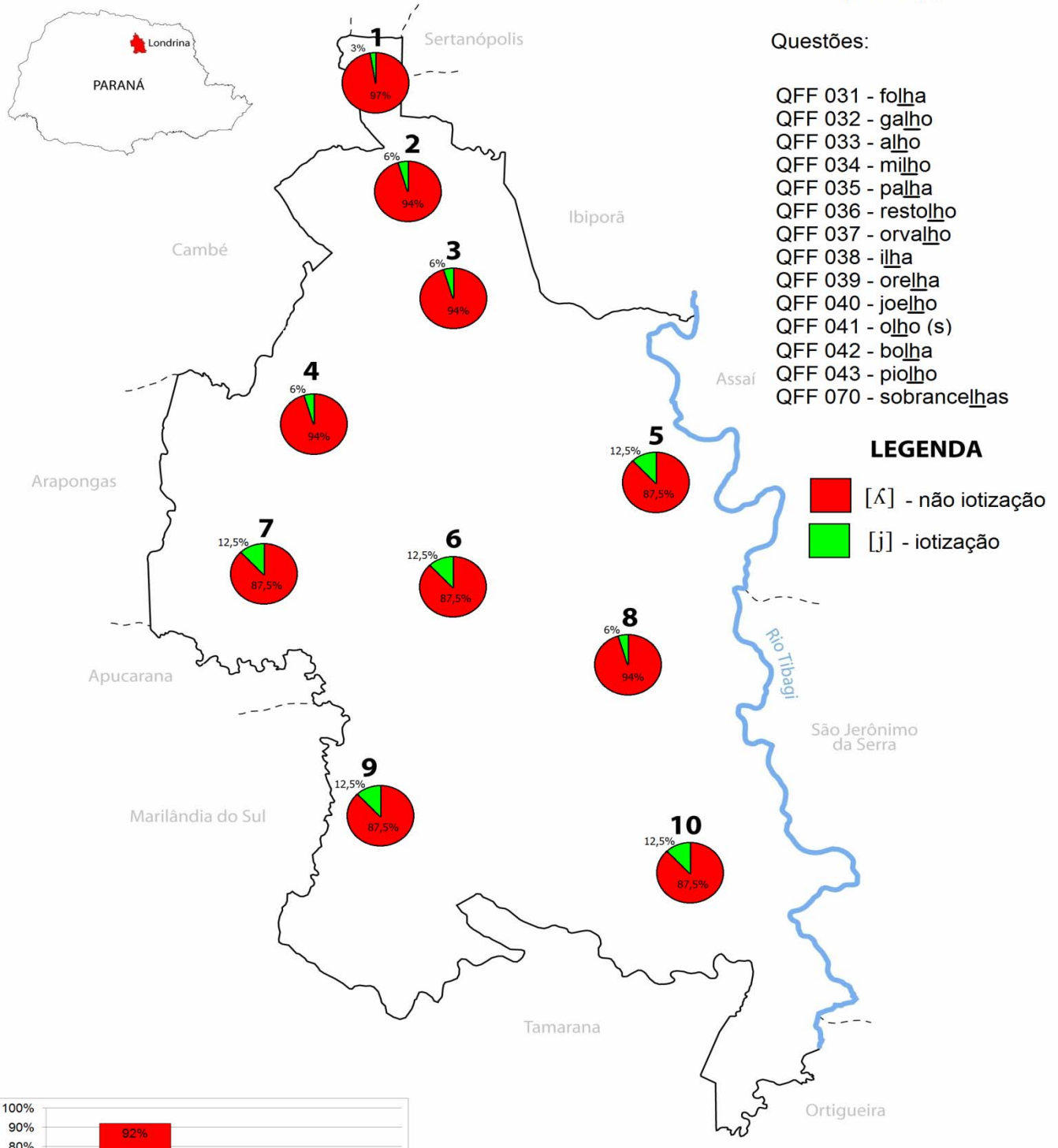
Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta fonética 61

Lateral palatal [ʎ]

Questões:

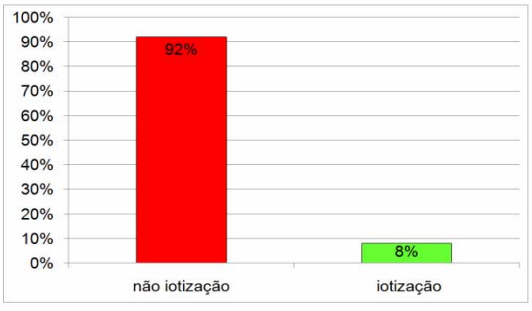
QFF 031 - folha
QFF 032 - galho
QFF 033 - alho
QFF 034 - milho
QFF 035 - palha
QFF 036 - restolho
QFF 037 - orvalho
QFF 038 - ilha
QFF 039 - orelha
QFF 040 - joelho
QFF 041 - olho (s)
QFF 042 - bolha
QFF 043 - piolho
QFF 070 - sobrancelhas



LEGENDA

[ʎ] - não iotização

[j] - iotização



N

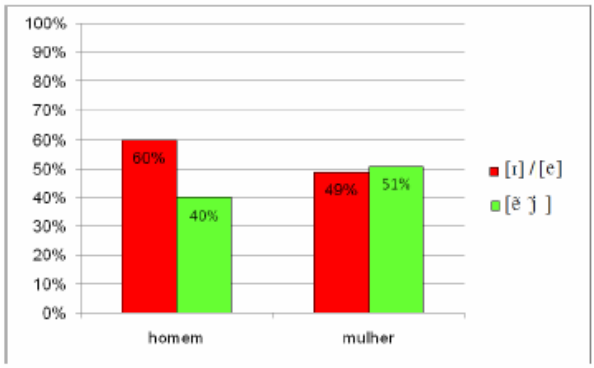
ESCALA

0 5 10 Km

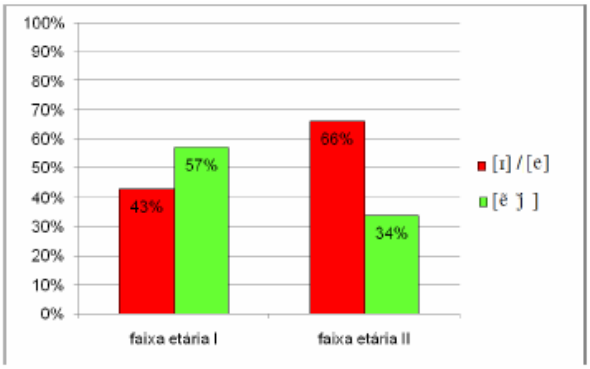
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 62

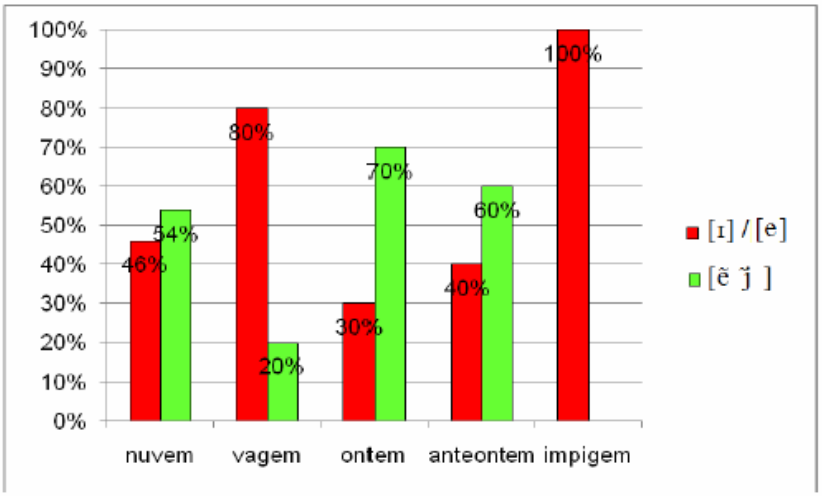
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo



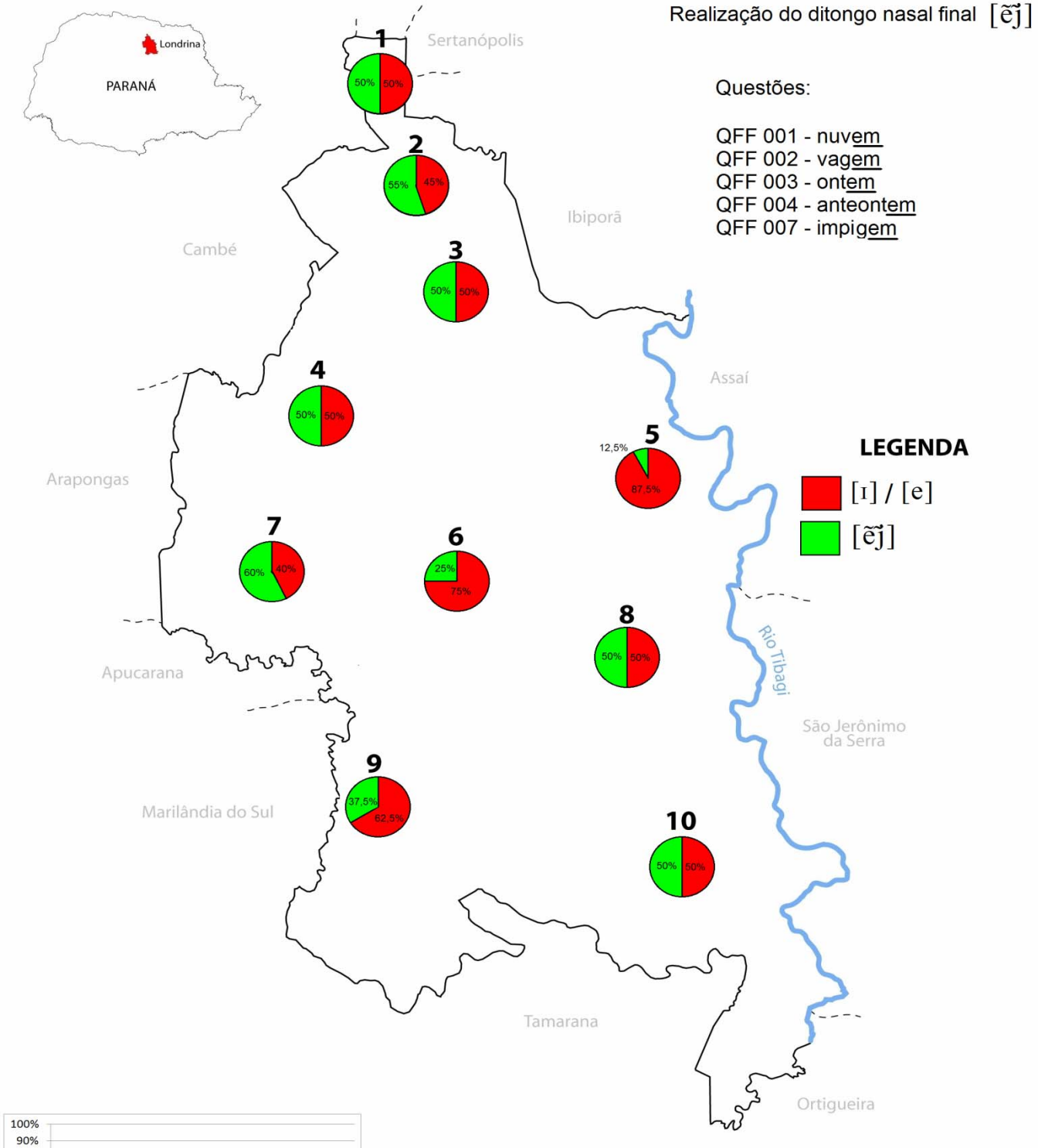
Produtividade segundo a variável faixa etária

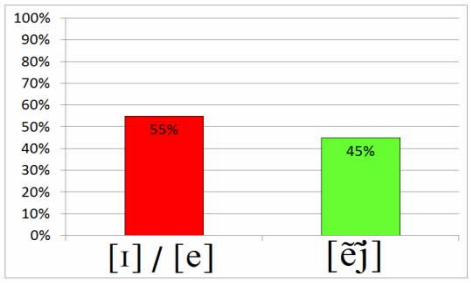


Produtividade segundo o item lexical

Obs.-
1. Esta carta traz a realização do [ej] final ora com a manutenção do ditongo nasal, ora com os monotongos [e] e [i] desnasalizados.
2. Nesta carta, não consideramos a questão 007 do QFF *(trás-anteontem)* devido ao grande número de abstenção de resposta.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 62

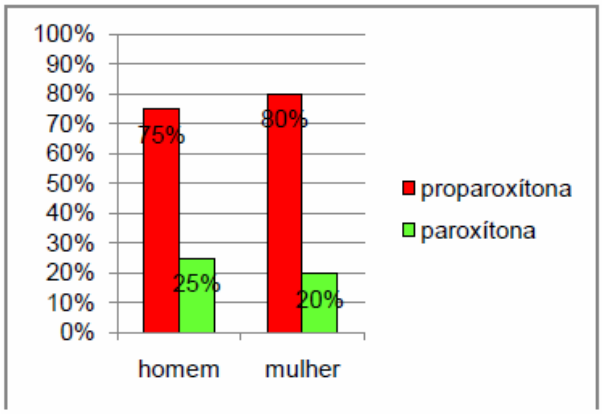




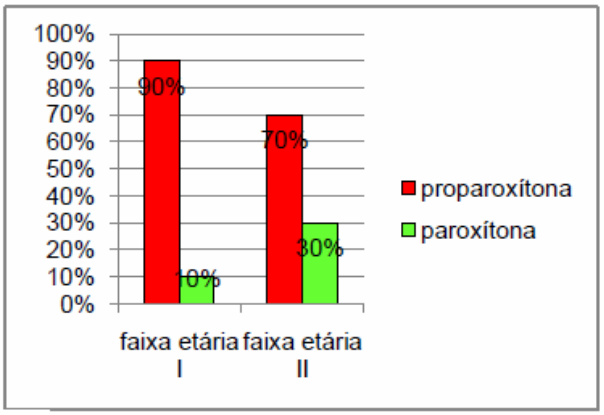
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 63

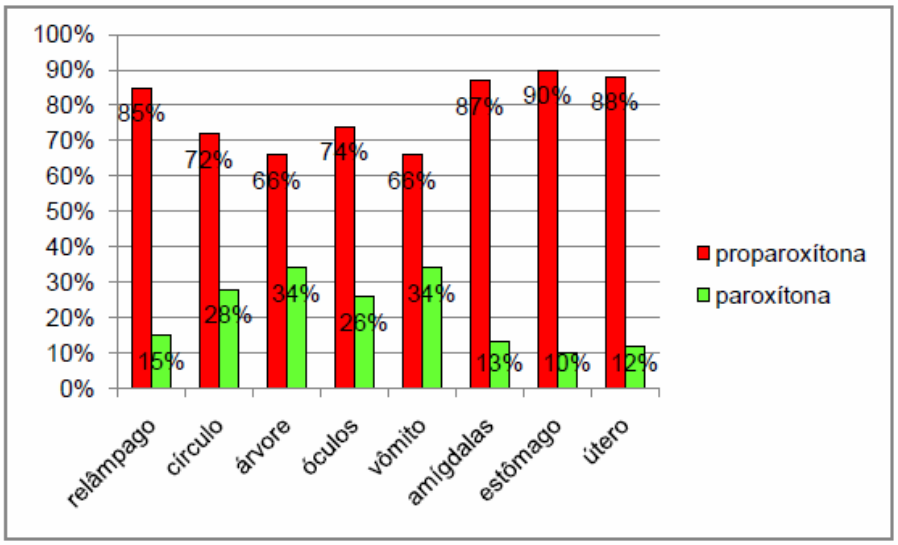
Gráficos de frequência



Produtividade segundo a variável sexo



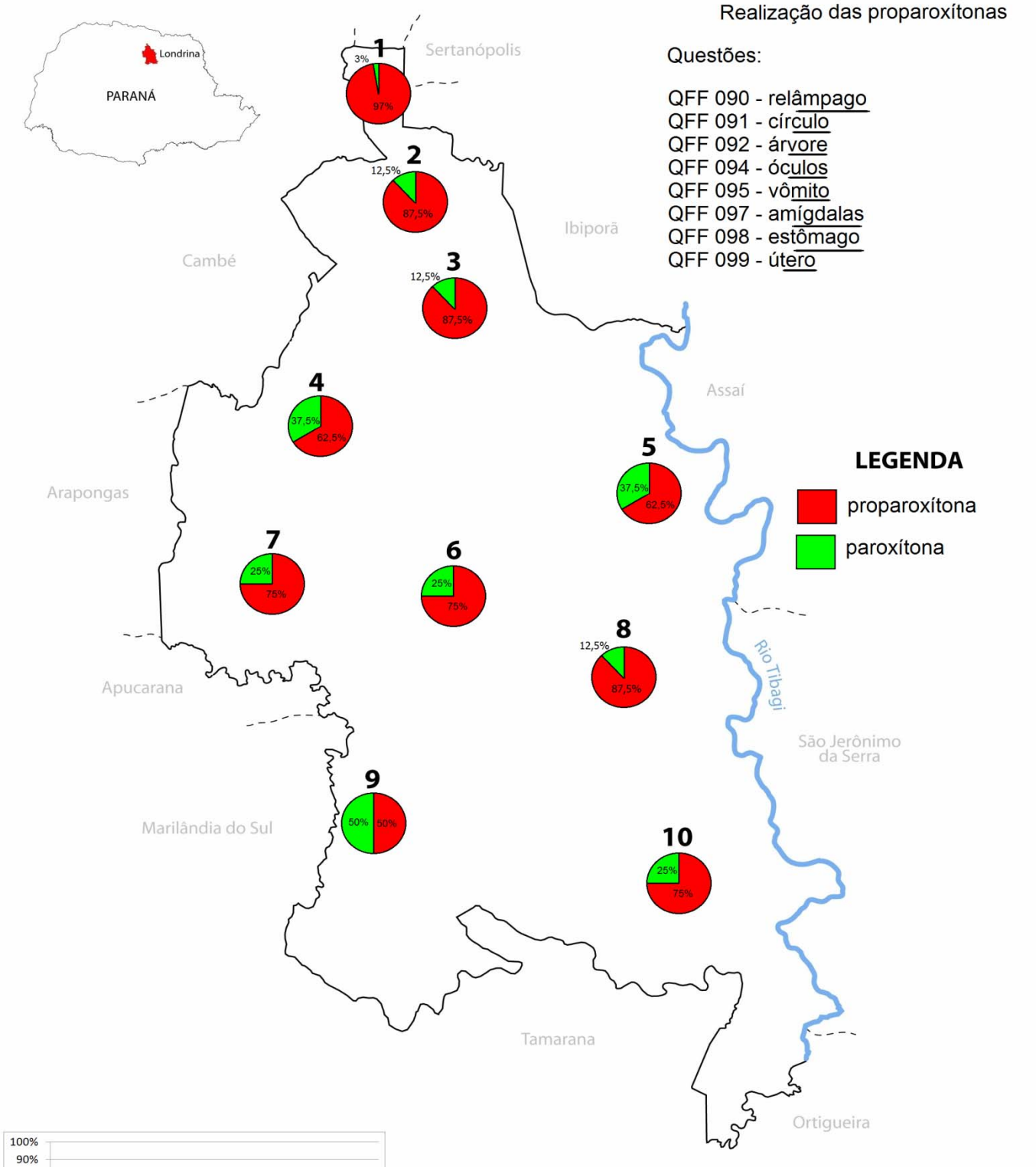
Produtividade segundo a variável faixa etária

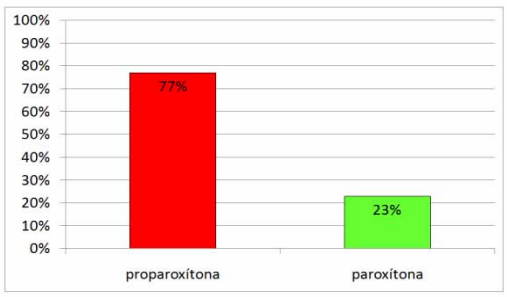


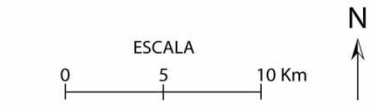
Produtividade segundo o item lexical

Obs.: Nesta carta, não consideramos as seguintes questões do QFF: 054 *(eclipse)*, 093 *(eucalipto)* e 100 (*cócegas)* por resultarem em processos fonológicos diversos. Vale notar, também, que a questão 096 do QFF *(pálpebra)* não foi considerada nesta carta devido ao baixo número de ocorrências (apenas 10) e ao polimorfismo, veja a carta lexical 28.

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 63



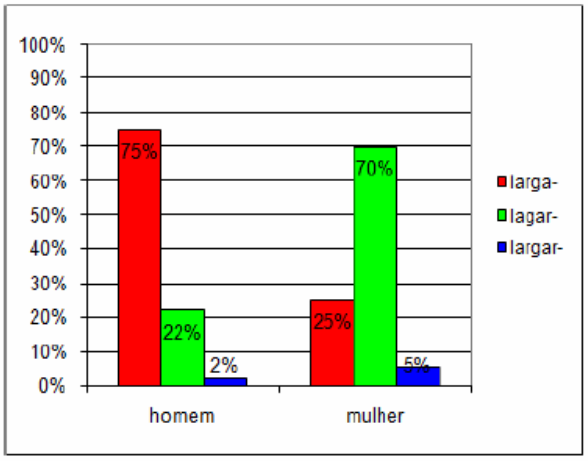




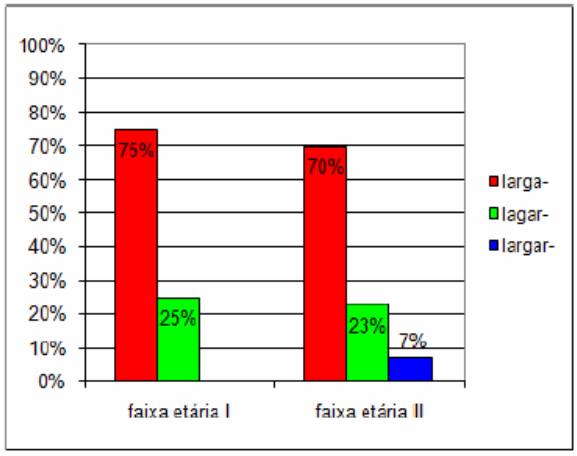
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Carta fonética 64

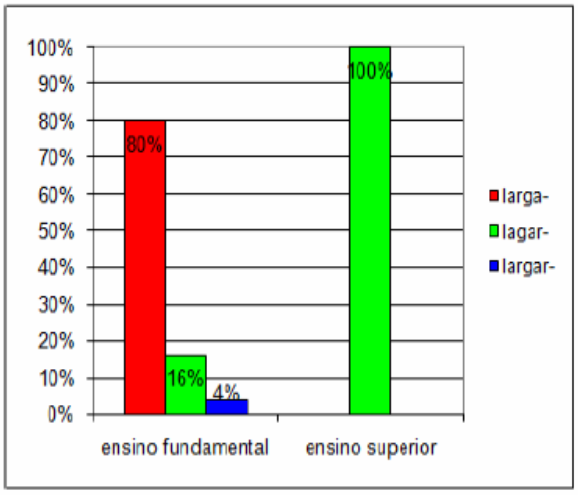
Gráficos de frequência:



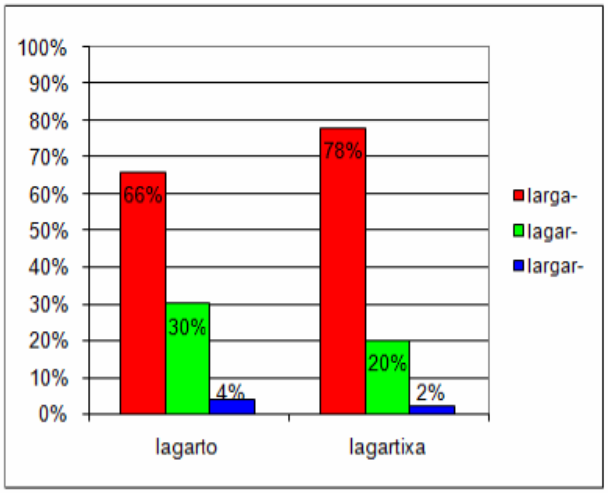
Produtividade segundo a variável sexo



Produtividade segundo a variável faixa etária



Produtividade segundo a variável escolaridade

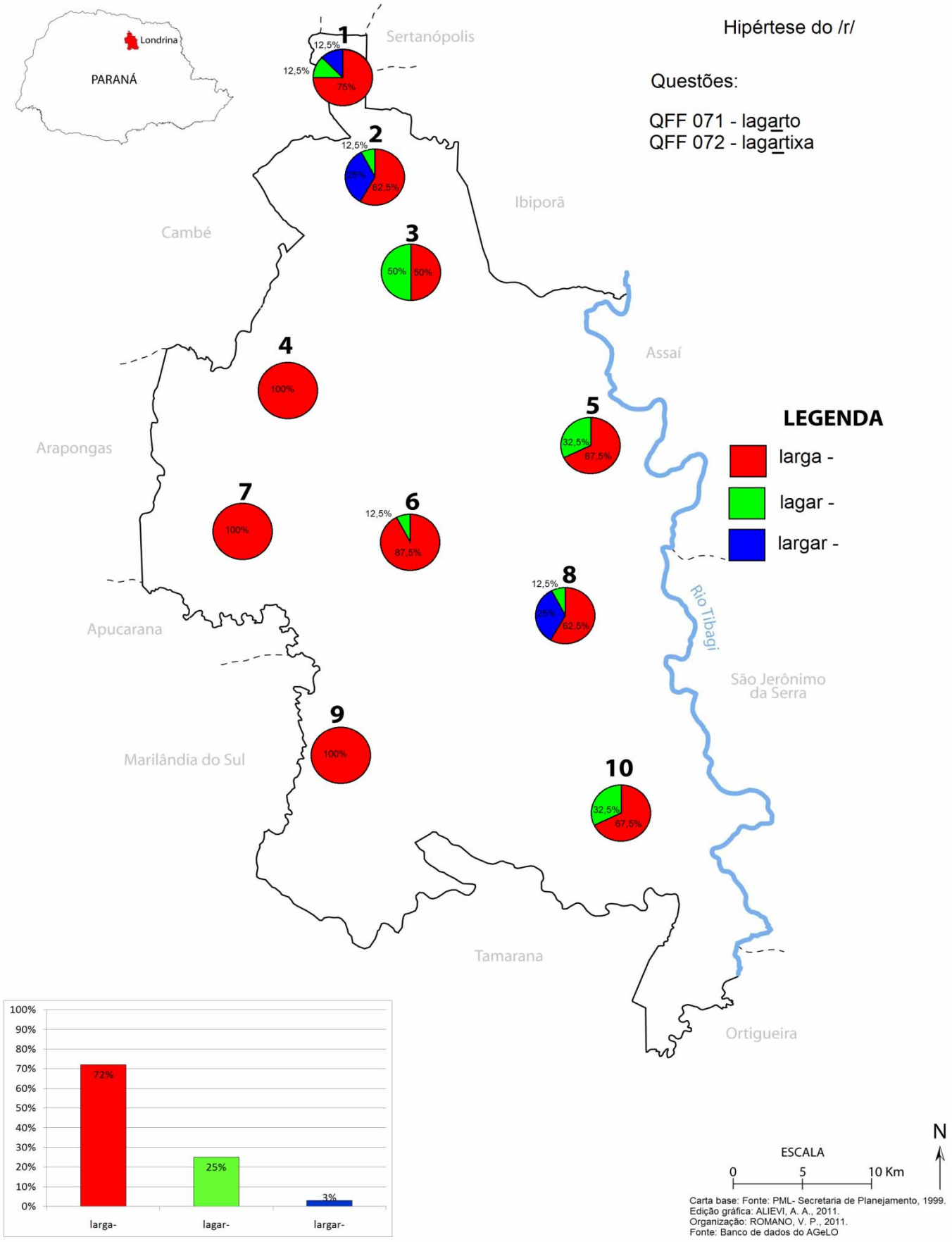


Produtividade segundo o item lexical

Obs.:Segundo Carvalho e Nascimento (1984), hipértese é a transposição de um fonema de uma sílaba para outra, enquanto a metátese é a transposição de um fonema na mesma sílaba. (ver referências no vol.I)

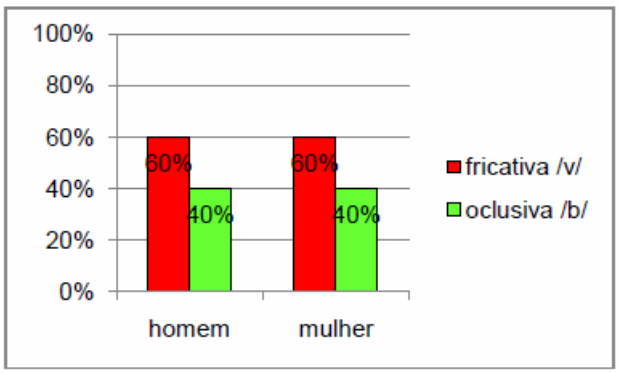
O zero fonético ocorreu nos inquéritos: 05/4, 08/1(lagarto > lagato) e 05/4, 06/3 (lagartixa > lagatixa).

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 64

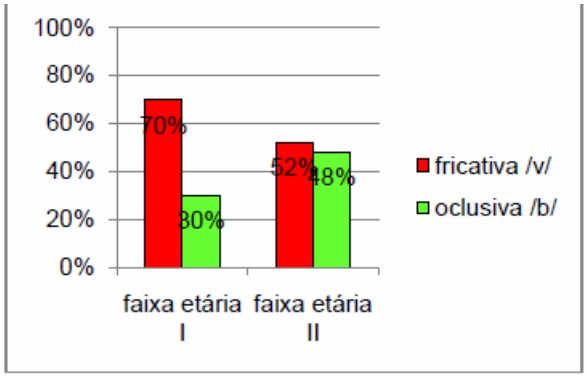


Carta fonética 65

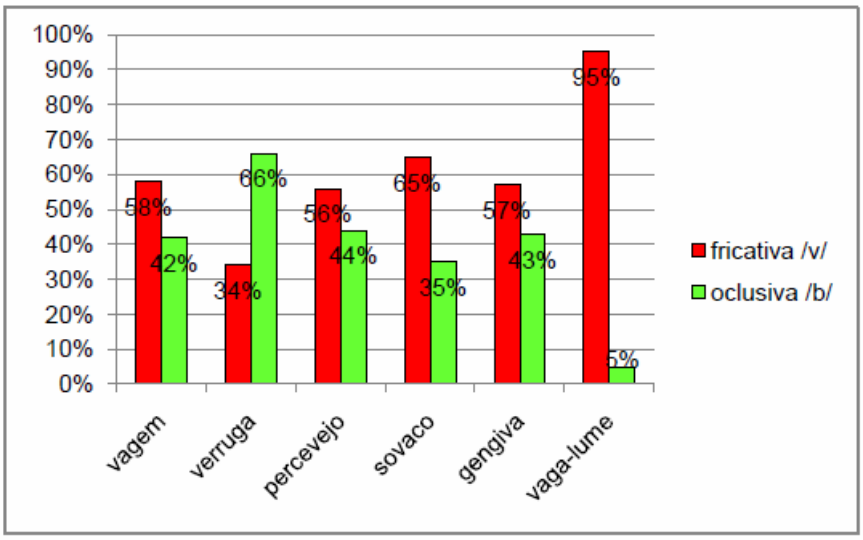
Gráficos de frequência:



Produtividade segundo a variável sexo

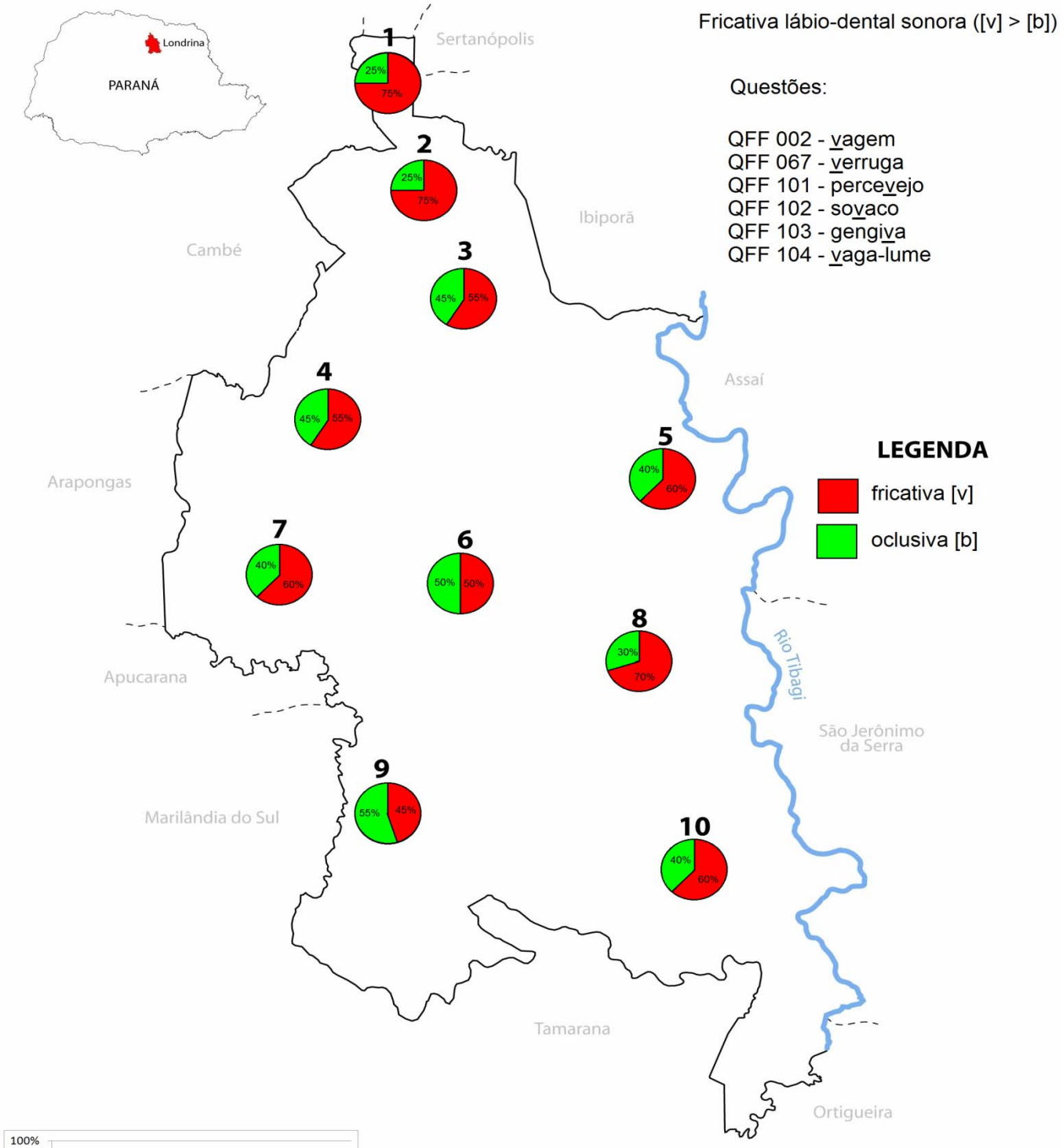


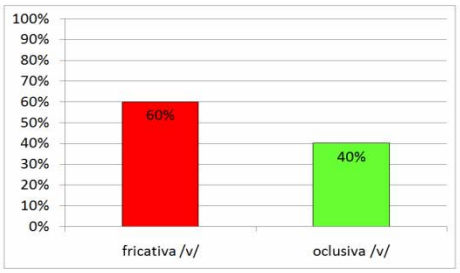
Produtividade segundo a variável faixa etária

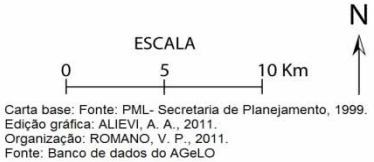


Produtividade segundo o item lexical

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 65







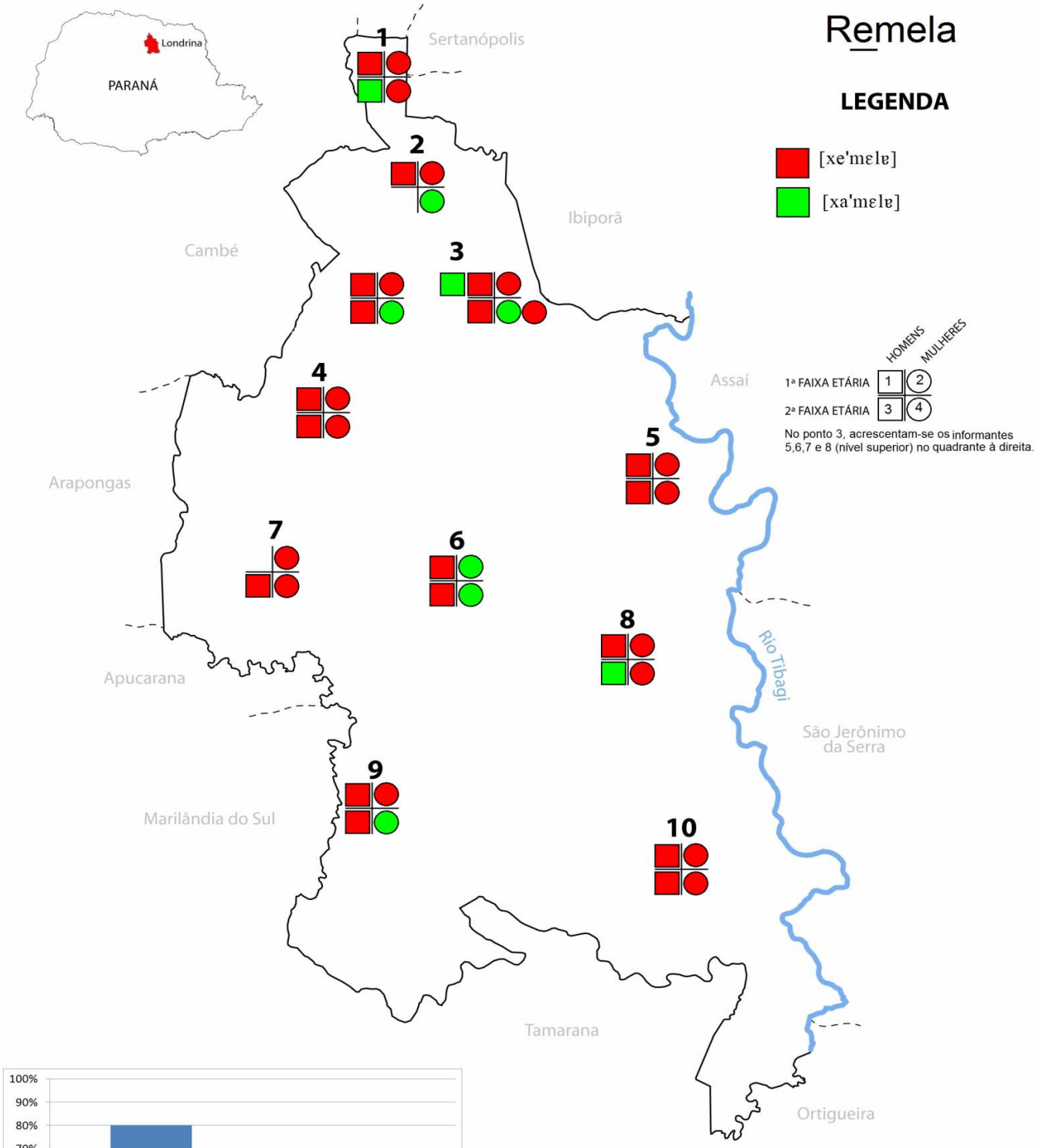
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

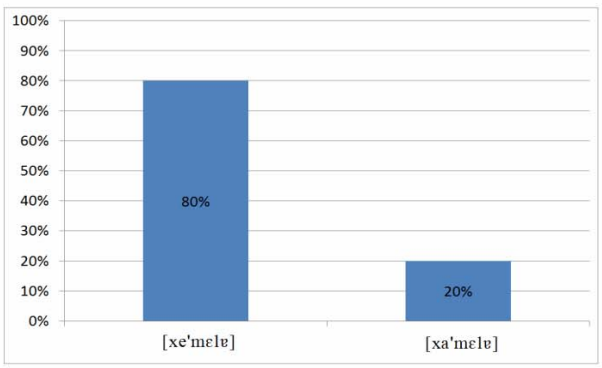
CARTAS FONÉTICAS

(mistas)

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta fonética 66



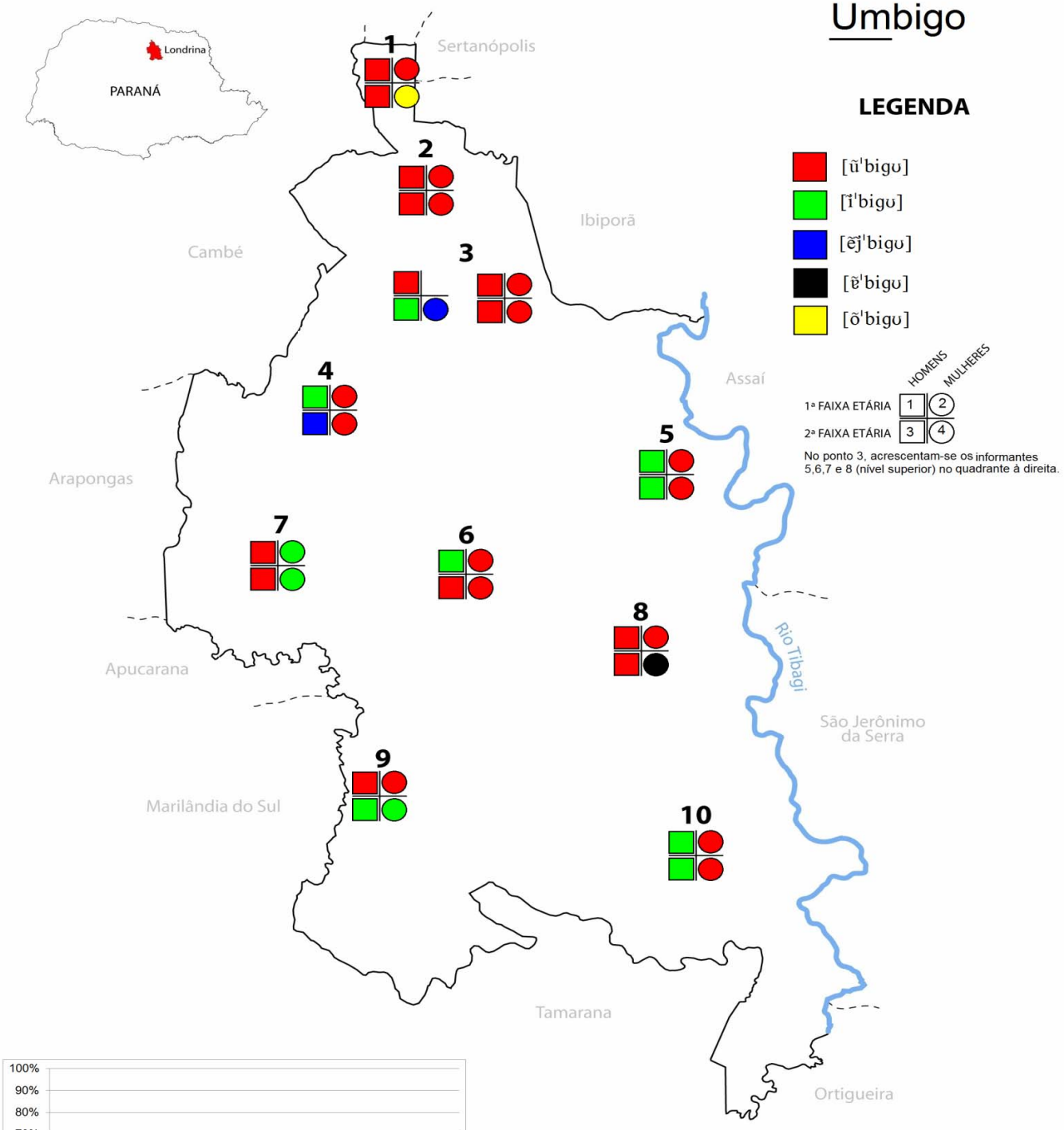


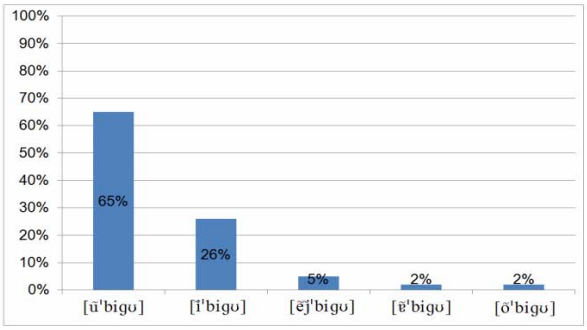
ESCALA
0 5 10 Km
N

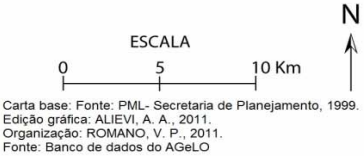
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

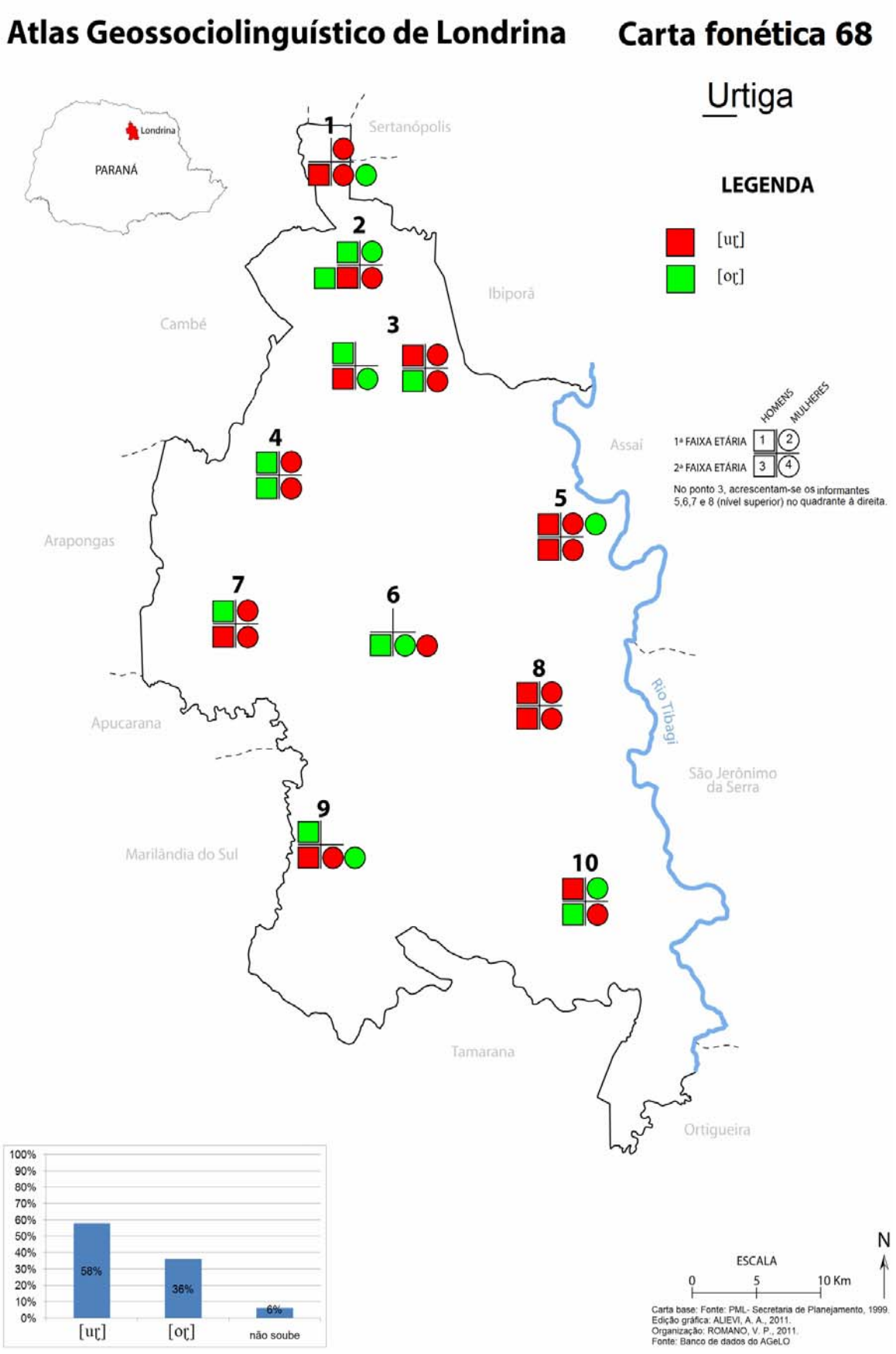
Carta fonética 67



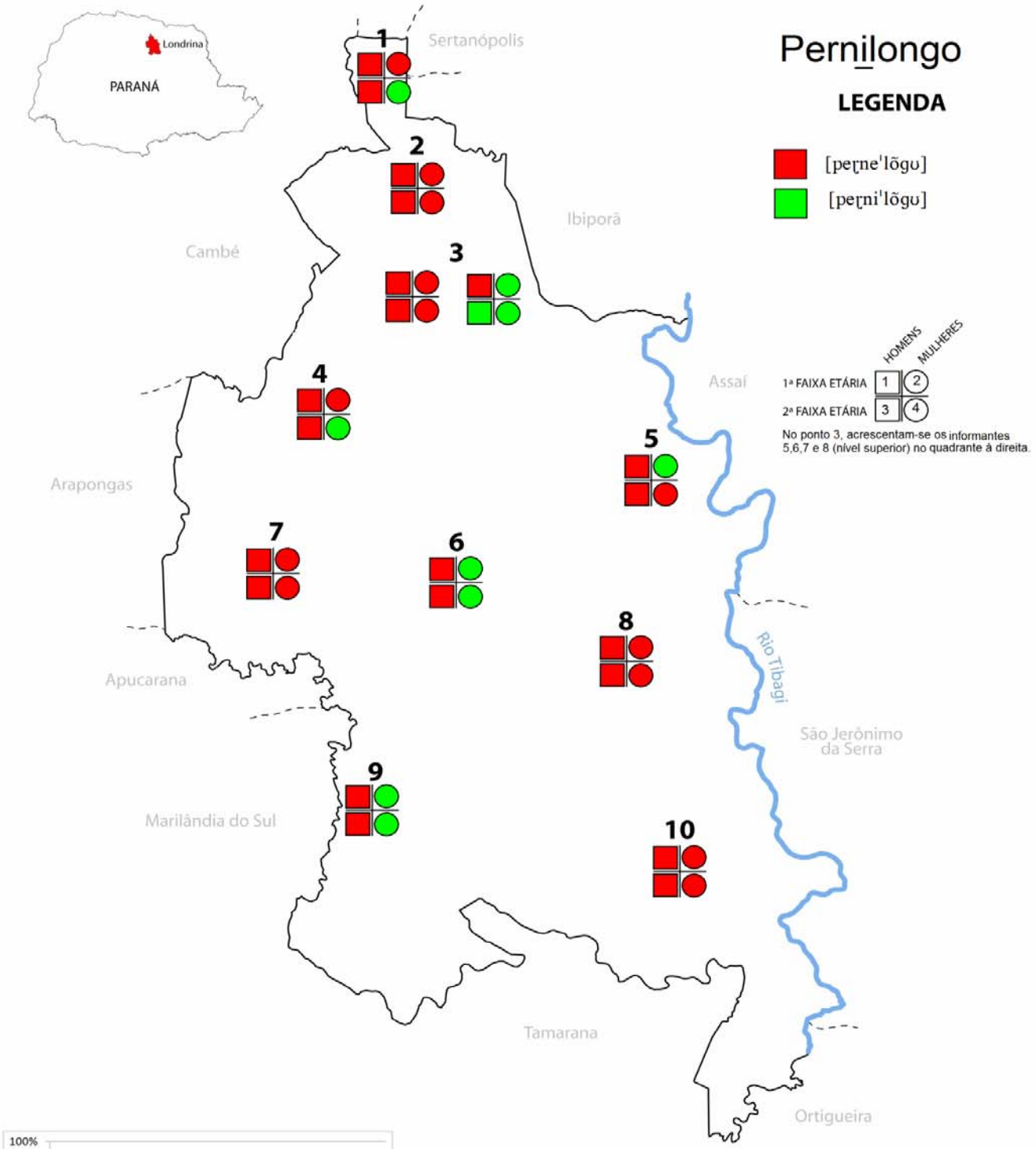


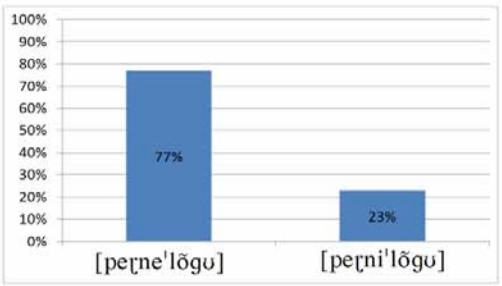


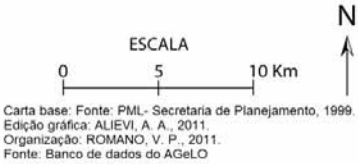
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO


Atlas Geossociolinguístico de Londrina
Carta fonética 68
Urtiga
LEGENDA
[ur]
[or]
Londrina
PARANÁ
Sertanópolis
Ibiporã
Cambé
Assaí
Arapongas
Apucarana
Marilândia do Sul
Tamarana
Ortigueira
São Jerônimo da Serra
Rio Tibagi
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
HOMENS
MULHERES
1ª FAIXA ETÁRIA
2ª FAIXA ETÁRIA
No ponto 3, acrescentam-se os informantes 5,6,7 e 8 (nível superior) no quadrante à direita.
100%
90%
80%
70%
60%
50%
40%
30%
20%
10%
0%
58%
36%
6%
[ur]
[or]
não soube
ESCALA
0
5
10 Km
N
Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Atlas Geossociolinguístico de Londrina — Carta fonética 69



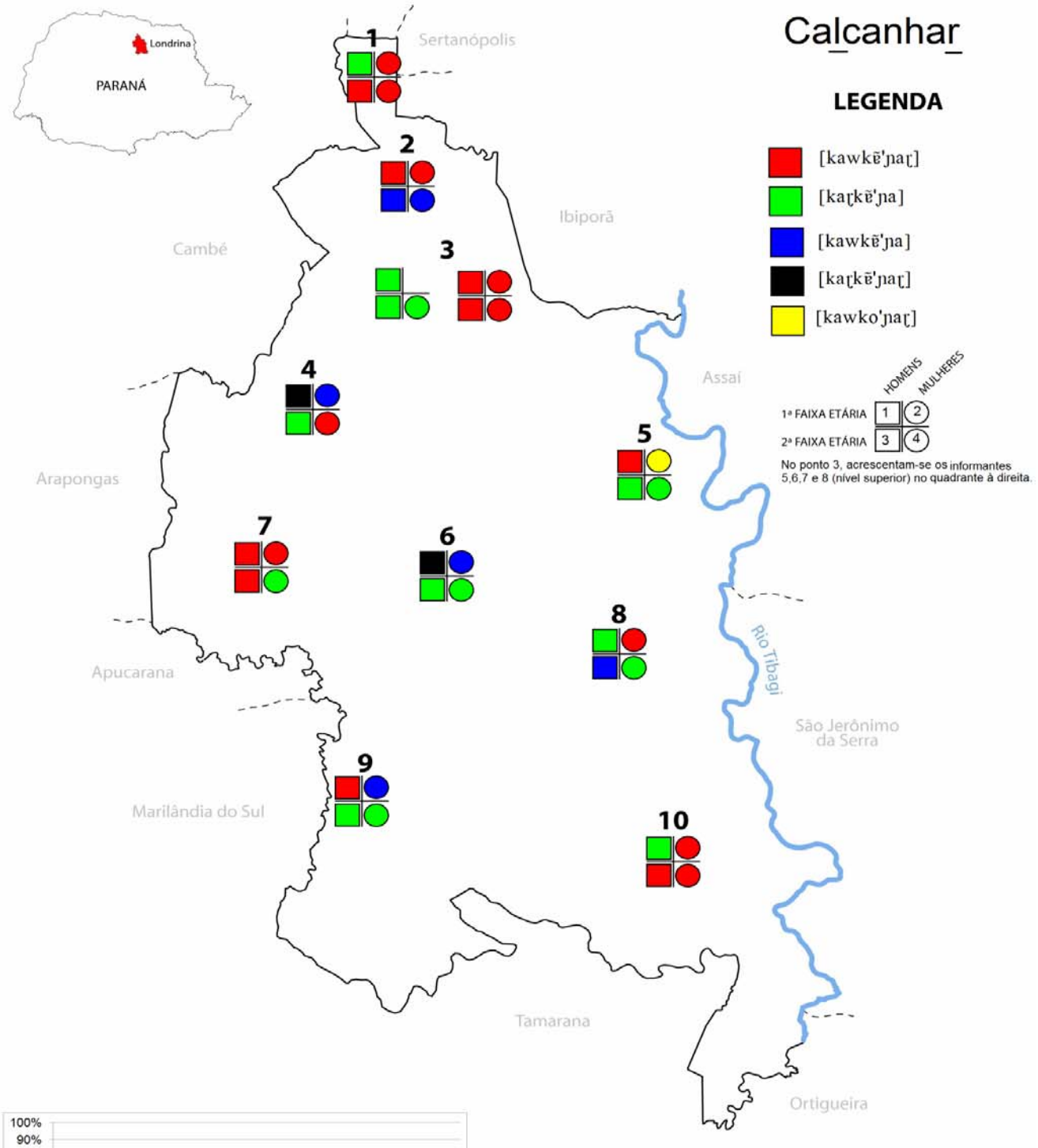


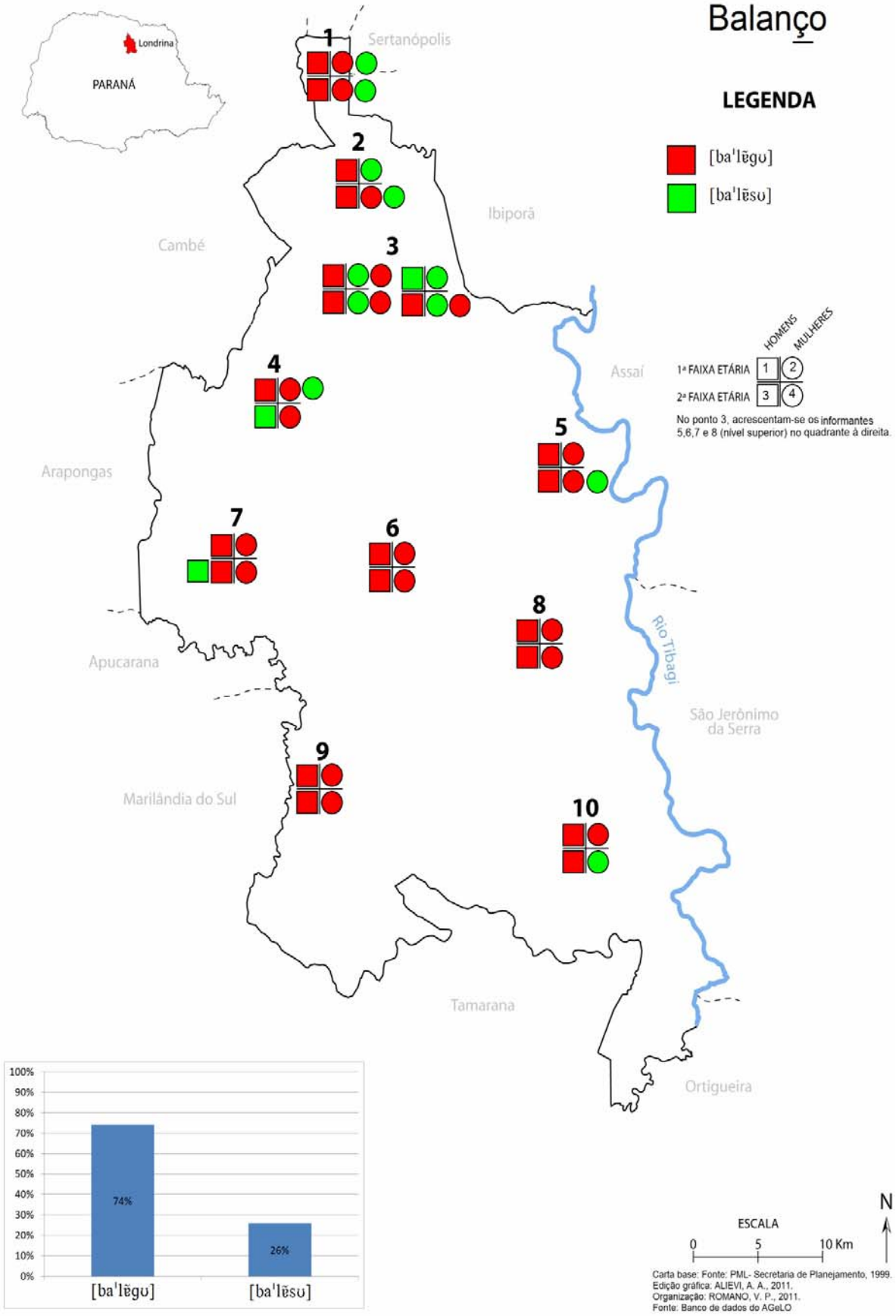


Carta base: Fonte: PML- Secretaria de Planejamento, 1999.
Edição gráfica: ALIEVI, A. A., 2011.
Organização: ROMANO, V. P., 2011.
Fonte: Banco de dados do AGeLO

Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta fonética 70



Atlas Geossociolinguístico de Londrina

Carta fonética 71